

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR

**NO MEIO DO CAMINHO: tensões presentes nas representações  
sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de  
1950**

Curitiba, Maio de 2009.

Universidade Federal do Paraná  
Programa de Pós-Graduação em História

**NO MEIO DO CAMINHO: tensões presentes nas representações  
sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de  
1950**

**Tese apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de  
Doutor ao Curso de Pós-Graduação  
em História, Departamento de  
História da Universidade Federal do  
Paraná. Linha de Pesquisa: História,  
Cultura e Poder  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos  
Ribeiro**

**CURITIBA - 2009**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Luiz Carlos Ribeiro  
Departamento de História - UFPR  
(Orientador)

---

Profº. Dr. Arlei Sander Damo  
Departamento de Antropologia - UFRGS

---

Profº. Dr. Luiz Alberto Pilatti  
Curso de Engenharia de Produção – UTFPR/PG  
Curso de Ciência e Tecnologia – UTFPR/PG

---

Profº. Dr. Carlos Roberto Antunes dos Santos  
Departamento de História - UFPR

---

Profº. Dr. André Mendes Capraro  
Departamento de Educação Física – UFPR

## AGRADECIMENTOS

Normalmente quando conversamos com um amigo que está escrevendo uma tese, é uma atitude normal ouvirmos comentários como: “Eu acho que não vou conseguir terminar”; “Eu não agüento mais, já cheguei a pensar em desistir”; “Cara, para o meu orientador nunca, nada está bom”. Somada a tantas outras frases proferidas pelos doutorandos está o fato de que por mais que se escreva, sempre temos a impressão de que o estudo está incompleto.

Pois bem chegou a minha vez, e eu também passei pelas mesmas angústias e por vezes achei que não conseguiria terminar, mas aqui estou. Com a certeza de que ainda havia muito mais para se falar e para se estudar, mas este foi somente mais um passo. Um passo muito importante na minha vida acadêmica e que só foi possível, graças há algumas pessoas que eu gostaria de agradecer neste momento.

Em primeiro lugar quero externar os meus sinceros agradecimentos para uma pessoa que confiou na minha capacidade em um momento bastante importante da minha vida. Além disso, foi uma pessoa que apresentou bastante paciência nas nossas discussões, me indicando qual seria o melhor caminho a se seguido. Professor Luiz Carlos Ribeiro, uma pessoa que aprendi a admirar, pelo seu caráter, pela sua inteligência, pela sua honestidade e também pela sua amizade. Sem a sua ajuda este trabalho não seria possível.

Não posso deixar de agradecer a pessoa que me introduziu no mundo acadêmico e que tem acompanhado a minha trajetória intelectual desde então. Ao Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti, os meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos, pela seriedade, pela sinceridade e pelo rigor com que sempre me ajudou nos momentos mais difíceis.

Ao Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, pela colaboração e disponibilidade para ler o trabalho, indicar leituras, realizar comentários, fazer críticas, mas acima de tudo pela preocupação com a qualidade daquilo que estava sendo produzido, neste aspecto quero destacar as colaborações dos colegas de grupo e amigos particulares – André Capraro, José Carlos Mosko e Celso Moleta, este trabalho tem um pouco de cada um de vocês. Não posso deixar de destacar a nossa nova integrante e candidata a “Gênio” Natasha. Obrigado pela dedicação e cuidado com que corrigiu esta Tese.

Aos professores da pós-graduação da UFPR, sempre dispostos a ajudar. Gostaria de relatar que fui recebido com muito carinho por vocês, o que facilitou o meu desenvolvimento e adaptação em uma área que eu estava começando a estabelecer um

diálogo. Destaco aqui as colaborações do professor Carlos Antunes, do professor Euclides Marchi, da professora Fátima Frigheto que apontaram questões, ouviram minhas angústias e me ajudaram nesta caminhada.

Aos colegas de doutorado, Maria Henriqueta, Rosana, Fábio, Marcos e Samuel pessoas que passaram como um cometa pela minha vida, mas deixaram os seus rastros de amizade e sabedoria. Obrigado pelos ensinamentos durante e principalmente após as aulas.

Quero lembrar o apoio proporcionado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, que me liberou para realizar a pesquisa e me possibilitou um auxílio financeiro através da CAPES, o que me deu maior tranquilidade para me dedicar aos estudos.

Por fim, porém o mais importante de todos junto com o cara lá de cima, quero agradecer a minha família, que teve que agüentar o meu mau humor, sempre pedindo silêncio para poder estudar, sempre deixando os passeios e festas para depois, pois tinha prazos para cumprir. A minha esposa JOSI, meus filhos Gustavo e Henrique, vocês são a mola propulsora de minha vida, se lutei para chegar até aqui foi porque sempre contei com o apoio de vocês.

A todos aqueles que aqui citei e outros que certamente colaboraram e pelos quais mantenho enorme admiração, mas por uma limitação espacial não destaquei – os meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é estudar, a partir do escrito de cronistas e memorialistas dos anos 1950, como o desenvolvimento do futebol expressou o contraditório processo de inscrição da sociedade brasileira na modernidade, aberta pela expansão capitalista do momento pós-guerra. Esses cronistas, muitas vezes, construíram a imagem dramatizada da angústia nacional em superar o atraso, em vencer o subdesenvolvimento para provar que eram um país civilizado. O futebol se apresenta, assim, como uma evidência do “caráter nacional brasileiro”. Desse modo, buscou-se perceber como os cronistas e memorialistas representaram as derrotas nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, bem como a vitória brasileira em 1958. Constatou-se que os cronistas do *Jornal dos Sports* seguiam o ideal estabelecido por Mario Filho, na época dono do periódico. De acordo com a visão desse literato, era fundamental a obtenção do título para que ocorresse a afirmação das pessoas de cor na sociedade brasileira, algo que era apontado como um dos principais dilemas da modernidade nacional. Ao analisar a documentação, verificou-se que as crônicas eram eivadas de valores passionais, criando representações variadas sobre os acontecimentos, estratégia utilizada para que os literatos pudessem “controlar” os sentimentos dos torcedores – ora através do medo, ora através da expectativa e confiança no futuro e, em outros momentos, através do resgate de pontos positivos, mesmo diante de situações adversas. Tal situação gerou a tensão de um discurso que buscava incorporar elementos emergentes e modernizadores, mas que não conseguiu abandonar os valores passionais. Na visão dos literatos, a vitória em 1958 foi decorrente do amadurecimento do povo brasileiro, que conseguiu se libertar do sentimento de inferioridade que o acompanhava. Por isso, essa vitória apresentou um grande significado simbólico, já que permitiu aos cronistas afirmarem que o Brasil não possuía apenas os melhores jogadores, mas também um povo vibrante e promissor, representado por aqueles atletas, que sintetizavam a identidade do país de JK.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; modernidade; subdesenvolvimento; razão; paixão.

## ABSTRACT

Based on the writing of memoirists and chroniclers, during the 1950s, the objective of the present research is to study how the development of soccer had expressed the contradictory process of inclusion of Brazilian society in modernity, which was opened by the capitalist expansion in the post-war time. These chroniclers had often built a dramatic image about the national anguish face to the delay, in overcoming underdevelopment to prove they were a civilized country. Thus, soccer appears like an evidence of the “Brazilian national character”. Therefore, we tried to understand how the chroniclers and memoirists represented the defeats in the World Cups of 1950 and 1954, as well as the Brazilian victory in 1958. It was inferred that the chroniclers of the *Jornal dos Sports* followed the ideal set by Mario Filho, owner of the newspaper. According to the conception of this writer, it was essential to obtain the championship to have the statement of colored people in Brazilian society, which was described as one of the main dilemmas of national modernity. In an investigation about the documents, it was found that chronics were full of passionate values, creating different representations of the events, strategy used by the literati to "control" the feelings of the fans – sometimes through fear, or through hope and confidence in the future and, also, through the positive aspects, even in face of adverse situations. This status created the tension of a speech that had looked up incorporating the emerging and modernizer elements, but did not abandoned the passionate values. According to the literati, the victory in 1958 was due to the maturing of Brazilian people, that were free from the feeling of inferiority, which had followed the country. Because of it, this victory had a great symbolic significance, as it allowed the chroniclers to say that Brazil did not have only the best players, but also, vibrant and promising people, represented by those athletes, which abstracts the identity of the country of JK.

**KEY-WORDS:** Soccer; modernity; underdevelopment; reason; passion.

## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....   | 01  |
| <b>2. ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>   |     |
| 2.1. A CRÔNICA COMO FONTE DE PESQUISA .....  | 12  |
| 2.2. OLHARES SOBRE A CRÔNICA ESPORTIVA: alguns estudos contemporâneos --   | 22  |
| 2.3. BIOGRAFIA- AUTO-BIOGRAFIA: limites e possibilidades .....   | 30  |
| <b>3. CAPÍTULO I – AS COPAS DO MUNDO DA DÉCADA DE 1950</b>   |     |
| 3.1. A COPA DO MUNDO DE 1950 .....   | 35  |
| 3.2. A COPA DO MUNDO DE 1954 .....   | 75  |
| 3.3. A COPA DO MUNDO DE 1958 .....   | 116 |
| <b>4. CAPÍTULO II – REGIONALISMO E RACISMO: dilemas da modernidade brasileira</b>  |     |
| 4.1. A RIVALIDADE ENTRE PAULISTAS X CARIOCAS .....   | 152 |
| 4.2. A CRONICA ESPORTIVA E O PROJETO UNESCO: tensões entre uma visão idealizada e a realidade das pessoas de cor no Brasil ..... | 190 |
| <b>5. CAPÍTULO III – OS CRONISTAS X OS DIRIGENTES ESPORTIVOS</b>   |     |
| 5.1. A CULTURA DA DESCULPA .....   | 223 |
| 5.2. O PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO .....   | 287 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 331 |
| <b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....   | 338 |





## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>   | 01  |
| <b>2. ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>   |     |
| 2.1. A CRÔNICA COMO FONTE DE PESQUISA  | 11  |
| 2.2. OLHARES SOBRE A CRÔNICA ESPORTIVA: alguns estudos contemporâneos --   | 18  |
| - Biografia- autobiografia: limites e possibilidades   | 26  |
| <b>3. CAPÍTULO I – AS COPAS DO MUNDO DA DÉCADA DE 1950</b>   |     |
| 3.1. A COPA DO MUNDO DE 1950   | 30  |
| 3.2. A COPA DO MUNDO DE 1954   | 69  |
| 3.3. A COPA DO MUNDO DE 1958   | 105 |
| <b>4. CAPÍTULO II – REGIONALISMO E RACISMO: dilemas da modernidade brasileira</b>  |     |
| 4.1. A RIVALIDADE ENTRE PAULISTAS X CARIOCAS   | 136 |
| 4.2. A CRONICA ESPORTIVA E O PROJETO UNESCO: tensões entre uma visão idealizada e a realidade das pessoas de cor no Brasil | 166 |
| <b>5. CAPÍTULO III – OS CRONISTAS X OS DIRIGENTES ESPORTIVOS</b>   |     |
| 5.1. A CRÔNICA ESPORTIVA: diferentes estilos e o mesmo desejo  | 195 |
| 5.2. A CULTURA DA DESCULPA   | 219 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | 289 |
| <b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | 296 |

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é analisar o papel atribuído ao futebol brasileiro, bem como exercido por este, no contraditório processo de inserção da sociedade na modernidade dos anos de 1950. Nesse sentido, constatou-se que os agentes esportivos participaram do movimento intelectual e ideológico na construção de imaginários sobre o Brasil moderno. Tais construções dialogavam com as imagens contidas no debate de caráter nacional, que circulou pela inteligência brasileira.

Uma das características centrais do pensamento intelectual brasileiro, do momento em questão, foi o esforço reiterado, e por vezes contraditório, em criar as condições necessárias para que o Brasil pudesse vencer o subdesenvolvimento e entrar no ritmo das nações desenvolvidas.<sup>1</sup> No limite, é possível dizer que fora criada uma agenda de modernização para o país, estabelecida de forma não sistematizada, entretanto desveladora de esforços de planejamento para muitas das transformações ocorridas no interior da sociedade – a qual buscava modificar-se de forma acelerada, pressionada pela expansão do capitalismo internacional.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, nações economicamente estáveis, como os Estados Unidos, por exemplo, canalizaram os seus investimentos para o auxílio na reconstrução dos países diretamente prejudicados pelos combates. Ao fim desse projeto, era necessário que os centros capitalistas escoassem seu capital econômico excedente, fazendo com que os interesses comerciais se voltassem para os países de terceiro mundo, vistos, portanto, como um local lucrativo para a exportação de divisas.<sup>2</sup> Desse modo, mesmo sofrendo fortes críticas das vertentes nacionalistas, o governo brasileiro optou pela internacionalização da sua economia.<sup>3</sup>

Tal atitude resultou em processos de tensão envolvendo os hábitos do velho Brasil rural, que passou a conviver com um projeto modernizador. Este, por sua vez, seguia industrializando o país, graças a investimentos externos, e trazia consigo a influência da cultura norte-americana, transmitida para um novo público urbano, ávido por mudanças e consumo:

---

<sup>1</sup> Entre os grupos intelectuais que centraram a sua análise na necessidade de industrializar o país como uma das formas mais eficazes para superar o subdesenvolvimento destacam-se o Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB) e a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL). Cf. BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Do ISEB e da CEPAL à Teoria da Dependência. In: TOLEDO, Caio Navarro de. **Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Renavan, 2005. p. 201-232.

<sup>2</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. Dez anos de economia brasileira: história e historiografia (1954-1964). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 14, n. 27, 1994. p. 89.

<sup>3</sup>Ibid. p. 89-91.

[...] O sonho americano penetrava no Brasil, dando suporte às iniciativas culturais que visavam atualizar o país com relação à modernidade dos centros industrializados. O cosmopolitismo, o romance psicológico, a renovação da linguagem da imprensa, a profissionalização do teatro preocupado com a arte pela arte, o cinema industrializado e o surgimento da televisão são elementos novos do panorama cultural.<sup>4</sup>

A incorporação de um novo *ethos* está diretamente relacionada com a transformação do panorama sócio-econômico do país. Nesse aspecto, destaca-se o aumento do poder aquisitivo das camadas populares, que migraram do campo para a cidade em busca de novas oportunidades industriais que se instalavam no Brasil.<sup>5</sup> Uma das principais consequências dessa modernização forçada, ocorrida em setores como a cultura e a economia brasileira, foi a desorganização da estrutura local, o que acelerou as rupturas já existentes e promoveu a exclusão social de uma parcela significativa da população.

Com a modernização de parte da sociedade, os grupos excluídos puderam observar a fragilidade das suas tradicionais e precárias formas de representação política, o que estabelecia um clima ambíguo entre um Brasil arcaico e um Brasil moderno – este restrito a uma minoria de incluídos.

Um país caracterizado por uma política de representação difusa, marcada por uma classe operária com limitada capacidade de organização e reivindicação; um Estado desinteressado em atendê-los; e a classe dirigente em crise de hegemonia por não conseguir encontrar um líder que fosse capaz de conduzi-los com segurança. Tal foi o cenário propício para o surgimento de um governo do tipo carismático, reconhecido na sociologia política como Populismo, cuja força se encontrava na capacidade instável de transcender as fronteiras sociais e de manter um bom relacionamento com os diferentes grupos sociais, ora concedendo favores, ora fazendo promessas.<sup>6</sup>

Foi no bojo desse projeto populista, que se passou a forjar uma tradição mais politizada da cultura, a qual não ocorre de forma unânime, uma vez que, mesmo elegendo o povo como um dos elementos centrais da cultura nacional, havia vários projetos (tais como o do Instituto Brasileiro de Estudos Superiores- ISEB, o Partido Comunista Brasileiro – PCB e as Vanguardas) que apresentavam visões diferentes sobre as funções e o futuro do povo brasileiro.

Um exemplo significativo pode ser visto no âmbito esportivo/futebolístico, em que, para os cronistas do *Jornal dos Sports*, o povo apresentava a capacidade de revelar o que o

---

<sup>4</sup> ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.51-52.

<sup>5</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.p.12-13.

<sup>6</sup> FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e a sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. *passim*.

Brasil tinha de autêntico, pois aquele era um dos poucos elementos da cultura nacional livre de interferência dos valores norte-americanos. Além disso, para esses literatos, era no futebol que o Brasil conseguia competir sob condições de igualdade com qualquer outro país do mundo.

O desenvolvimento do futebol expressou o contraditório processo – aberto pela expansão capitalista – de inscrição da sociedade brasileira na modernidade. Alguns cronistas, por vezes, edificaram uma imagem dramatizada da angústia nacional em superar o atraso; em vencer como prova de civilização e progresso. Assim, esse esporte se apresenta como possibilidade de leitura do “caráter nacional brasileiro”, em que o fracasso de 1950 foi descrito como a evidência de um povo despreparado. Fato este que vem a se repetir em 1954, quando se chegou a acreditar que o Brasil era um país naturalmente derrotado e que jamais superaria as deficiências para atingir à modernidade.

Após essas derrotas, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), ao acompanhar o esforço modernizador presente no país, propôs um plano de atualização para o futebol nacional: levar para a Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, uma equipe escolhida a partir de um perfil idealizado para o homem brasileiro, que tinha como referência o *ethos* de uma elite letrada<sup>7</sup>, responsável por criar e aplicar tal planejamento. Acompanhando a cultura política daquele momento, quando a transformação de vários segmentos sociais ocorria de forma acelerada, buscou-se modificar a aparência física e psicológica dos atletas que iriam representar o povo brasileiro. De modo que estes refletissem a imagem idealizada em torno de um povo culto, educado e saudável, que serviria como exemplo bem sucedido de um país que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído à mistura de raças e à personalidade do homem brasileiro.

Em 1958, momento pleno de euforia do desenvolvimentismo, da construção de Brasília e das manifestações artísticas de vanguardas, o selecionado nacional deixou o país sob vaias e descrédito por parte dos torcedores.<sup>8</sup> Surpreendentemente, a seleção conquistou na Europa a sua primeira Copa do Mundo, contribuindo para a construção de um novo imaginário coletivo<sup>9</sup>, que tem no governo de Juscelino Kubitschek o ápice de um modelo vitorioso de modernidade. Será que esse acontecimento pode ser visto como uma evidência

---

<sup>7</sup> Ethos é um termo de origem grega, que apresenta um entendimento genérico, normalmente servindo para designar o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Neste estudo ele é entendido à partir da proposição de W. G. Summer, que o compreende como sendo a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros.

<sup>8</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Scratch brasileiro viaja para a Europa sob suspeita dos torcedores**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. p.1-5.

<sup>9</sup> Dürkheim define o imaginário coletivo como sendo “... conjunto das crenças e dos sentidos comuns a média de membros de uma mesma sociedade, que forma um sistema determinado com vida própria”. Cf. DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 32

de que o Brasil havia conseguido superar as suas contradições sociais? Como os cronistas e memorialistas apresentaram essa vitória do povo brasileiro?

É importante destacar que, mesmo em um período de expansão e reconhecimento mundial, uma parte *intelligentsia nacional* ainda desprezava o futebol. Na visão de tais teóricos, ao se preocupar com esse tipo de atividade passional, o povo perdia a capacidade da tomada de consciência do seu papel na construção da nação. Assim como havia acontecido no período *estadonovista*, e agora com os intelectuais isebianos, “fazer cultura se transforma em fazer política. A cultura é identificada à conscientização, jamais à diversão”.<sup>10</sup> Nesse caso, o conceito abstrato de “cultura popular” foi ideologicamente utilizado como sinônimo de conscientização nacional, em oposição ao que se começava a chamar de “cultura de massas”. Amparados pela teoria marxista, os intelectuais elegem de forma arbitrária quais seriam os valores de autenticidade cultural.

O paradoxo é que, à revelia desses intelectuais (a sua maioria de formação marxista), o futebol torna-se, cada vez mais, um fenômeno da cultura nacional. Influenciando e sendo influenciado pelas transformações sociais que acontecem nesse momento, em que parte da sociedade brasileira busca novas formas de expressões artísticas, desde que fossem capazes de integrar a cultura, a modernidade e o desenvolvimento. O lazer espetacularizado das grandes massas, que assistem ao futebol, e a sociedade do consumo passam a ser influenciados por novos espaços urbanos, símbolos da modernidade. Entre tais espaços, destaca-se a construção do Maracanã, representando um dos principais signos dos novos tempos do país.

Para a realização dessa análise, no presente estudo, optou-se por utilizar documentos escritos por memorialistas, cronistas e dirigentes esportivos vinculados ao selecionado brasileiro de futebol.<sup>11</sup> O critério de seleção desses agentes baseou-se nas posições ocupadas no campo esportivo<sup>12</sup> e no fato de haver um registro escrito, que pudesse fornecer indícios sobre a forma com que aqueles compreendiam a tentativa de

---

<sup>10</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183.

<sup>11</sup> A maior parte da documentação analisada está presente no Jornal dos Sports. Um dos primeiros jornais brasileiros destinados somente a noticiar o esporte, produzido no Rio de Janeiro em um momento que o Rio de Janeiro era a Capital da República, possuindo o maior complexo bancário e a maior centro financeiro do país. Cf. FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros. A década de 50 e o Programa de Metas. In: GOMES, Ângela de Castro. *Op Cit*, p.77. Além desses fatores de ordem econômica, cabe salientar que o Rio de Janeiro era um dos Estados mais importantes na estrutura do futebol brasileiro, significância que pode ser percebida no número de atletas que eram convocados para a seleção nacional e que atuavam naquela localidade.

<sup>12</sup> Campo esportivo é um conceito utilizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que permite identificar a especificidade do espaço social onde diferentes agentes utilizam estratégias com o objetivo de dominar um objeto em disputa, o que resultaria num significativo ganho de poder. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

modernização da sociedade brasileira. Além dos discursos produzidos por tais agentes, buscaram-se subsídios em memórias biográficas, autobiográficas, livros, entrevistas, artigos presentes em jornais e revistas que permitissem um diálogo com o tema proposto; auxiliando na compreensão da forma com que os jogadores, os membros da comissão técnica, os jornalistas e outros indivíduos, que estiveram diretamente relacionados à (re)estruturação do futebol brasileiro na década de 50, expressaram a sua visão sobre os problemas deste esporte e da sociedade, na qual estavam inseridos.

O recorte das fontes teve um caráter temático e cronológico, por meio do qual foram selecionadas as crônicas que tratam especificamente da Seleção Brasileira de Futebol durante a década supracitada. Para tal, foi realizada, inicialmente, uma leitura flutuante,<sup>13</sup> a partir da qual foram selecionadas as crônicas que apresentavam relação com o objetivo do estudo, sendo descartadas aquelas que se referiam às especulações jornalísticas e/ou comentários genéricos que não se referiam ao selecionado nacional.

As crônicas selecionadas do *Jornal dos Sports* revelam um grupo de intelectuais que, a partir da observação de um fenômeno social de massas, passaram a refletir e expressar muitos dos dilemas que envolviam a sociedade brasileira da época. Uma análise sistemática dessa documentação mostra algumas contradições, pois, ao mesmo tempo em que os articulistas do periódico demonstravam a necessidade de corrigir os erros cometidos no passado e modernizar o futebol brasileiro como um todo, eles não aceitavam a idéia de fazer com que a equipe brasileira jogasse como os europeus, estes que, em outros setores da sociedade, eram o modelo de modernidade. Os discursos dos cronistas eram eivados de valores tradicionais, representados nas crônicas por meio do saudosismo, da paixão, do improviso, do individualismo, da malícia, da ginga, enfim, de atributos que, para os escritores, expressavam a autenticidade do povo brasileiro.

Por meio da leitura dessa documentação, é possível afirmar que, para os cronistas do *Jornal dos Sports*, ser moderno era assumir um lugar de prestígio no cenário mundial. Para tal, havia uma exigência quase obrigatória no âmbito futebolístico: tornar-se campeão da Copa do Mundo de Futebol, pois este título poderia mostrar para o restante do mundo as capacidades do povo e da nação brasileira.

Os cronistas que faziam parte desse periódico eram, na sua maioria, agentes diretamente ligados aos principais órgãos administrativos do futebol brasileiro, fato que proporcionava a esse jornal informações privilegiadas acerca dos acontecimentos, em detrimento aos seus concorrentes. Além disso, a rede de interdependência do proprietário

---

<sup>13</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977, p. 38.

do jornal fornece indícios dos seus laços de amizade com a intelectualidade brasileira, uma vez que, entre os colaboradores desse periódico, destacam-se: José Lins do Rego, João Lyra Filho, Inezil Penna Marinho, Thomaz Mazzoni, Mario Pollo, Nelson Rodrigues...

Esse processo presente nas relações de produção, disseminação e circulação das informações esportivas, durante a década de 1950, ocorreu em uma sociedade dinâmica, marcada por inúmeras transformações que precisam ser consideradas na análise proposta. Desde que a Copa do Mundo de 1950 foi realizada no Brasil e, também, no decorrer de toda a década, o país foi pressionado pelo movimento do capital estrangeiro, que resultou em mudanças estruturais significativas nos diferentes planos. No econômico, realizava-se a transição de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrializada; no político, vivia-se o início do esgotamento de um discurso populista e a emergência de uma ideologia nacional-desenvolvimentista; e no cultural, ocorria um remodelamento dos diferentes segmentos, que visava incorporar e resolver a ambiguidade entre a tradição populista da cultura popular e a emergência de uma nova cultura de massa.<sup>14</sup>

Envolto a esse contexto, o discurso presente no *Jornal dos Sports*, buscava destacar os valores culturais considerados autênticos para o país, fator primordial para que se pudesse definir o caráter nacional. Com a realização da Copa do Mundo no Brasil, é possível identificar uma mudança no foco do discurso literário esportivo brasileiro, o qual passou da rivalidade regional à criação de uma rivalidade internacional, por meio da qual se buscou apresentar as características que diferenciavam os brasileiros do restante do mundo.

Um dos principais elementos identitários, presente nos escritos de uma parcela significativa de cronistas do *Jornal dos Sports*, é a miscigenação brasileira. O discurso defende a tese de que a autenticidade do futebol nacional estava no seu caráter híbrido, principalmente nos elementos positivos advindos da cultura afro-descendente. Ou seja, a crônica esportiva, acompanhando as idéias que circulavam no campo intelectual, sobretudo a partir das proposições de Gilberto Freyre, deu um novo significado à visão racial racionalista, para a qual parte do atraso da sociedade brasileira era decorrente da presença do negro e do mestiço. Os cronistas esportivos buscaram mostrar que a miscigenação criou um tipo de homem que apresentava características fundamentais para que se pudesse obter sucesso nesse esporte, em que as situações adversas poderiam ser resolvidas por meio da malícia, da ginga, da esperteza, da criatividade...

---

<sup>14</sup> A este respeito cf. VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro. **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 173. DUARTE, Rodrigo. Teoria crítica da indústria cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



Tamanha foi a receptividade junto à sociedade brasileira do discurso produzido pelos cronistas, que este acabou entrando para o imaginário coletivo como uma das principais formas de representar o país. A título de exemplificação, pode-se destacar a derrota do selecionado brasileiro para o uruguaio, na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Com base nisso, criou-se um mito de inferioridade, assumido pelo brasileiro ao enfrentar equipes estrangeiras. Para autores como Nelson Rodrigues, isso poderia ser expandido para todos os outros setores da vida social brasileira.<sup>15</sup> A força dessa representação pode ser visualizada por meio das crônicas futuras, escritas por diferentes autores, que, de forma sistemática, retornavam ao fato para justificar e prevenir quanto às atitudes a serem tomadas pelos brasileiros. Serviam como uma espécie de alerta sobre os problemas sociais, culturais e psicológicos que acompanhavam o povo brasileiro e que, supostamente, impediam o país de superar os obstáculos que o levariam a modernidade.

Ao buscar compreender as relações entre o campo específico e a sociedade brasileira, observa-se que há uma convergência temática entre o pensamento social brasileiro e os escritores que tratavam do futebol nacional daquele momento. Ambos os grupos se mostram preocupados em pensar os problemas e o futuro do país, o que nos permite afirmar que tais discursos estavam em consonância com uma cultura política, que buscavam auxiliar a criação de um imaginário desenvolvimentista e modernizador para o Brasil e que tinham a cultura como um dos seus eixos reflexivos centrais.

As crônicas esportivas apresentaram uma nova possibilidade de interpretação cultural, na qual o discurso racionalista foi mediado por um discurso apaixonado, eivado de sentimentos, o que acabou por colocar em xeque a forma tradicional de se observar os fenômenos culturais. Mesmo havendo discursos que tentavam impor os valores presentes na cultura racionalista, o futebol não respondeu passivamente a estas exigências. Sendo um campo marcado por uma autonomia relativa, não era possível fazer determinações racionais nem apriorísticas para esta configuração, pois ela era/é marcada por incertezas e sentimentos.

Mesmo apresentando as especificidades pertinentes ao campo esportivo, a análise do futebol brasileiro permite identificar muitos dos dilemas que também estavam presentes na sociedade daquele momento. Isso não significa dizer que o futebol era mero reflexo dos acontecimentos sociais, mas que havia uma relação de interdependência entre os diferentes setores da sociedade. Como não é possível analisar a sociedade como um todo, o

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, Nelson. Complexo de Vira-latas. In: \_\_\_\_\_ . **À sombra das chuteiras mortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 51.

pesquisador, ao realizar um recorte temático, tem a possibilidade de fazer uma leitura mais detalhada do tema específico e das suas inter-relações sociais.

Diante dos discursos e acontecimentos políticos, culturais e sociais, é possível afirmar que o termo “moderno” foi utilizado para qualificar aquilo que era expressão de novidade, de progresso, de ruptura com os valores tradicionais.<sup>16</sup> Situação que pode ser confirmada, ao observar as denominações da época, tais como: o Cinema-Novo, a Nova Cap, a Bossa Nova, entre outros objetos que receberam esse adjetivo, a fim de indicar algo que havia sido modificado, a partir de uma preocupação com o futuro.

Não foi possível encontrar um conceito que permitisse definir o que era ser moderno naquele momento, pois esta palavra assumia diferentes significados, variando de acordo com o intelectual que a utilizava. Diferente do modernismo que é um conceito utilizado para designar um estilo, um conjunto de signos, o resultado de uma produção cultural; movimentos de ordem artística, literária e religiosa.<sup>17</sup>

Essa dificuldade para conseguir definir conceitos, valores, prioridades... era algo característico no debate intelectual e ideológico da *intelligentsia local*. Para redutos intelectuais, como o ISEB, o principal problema não era a falta de um consenso, mas de consciência nacional por grande parte da população, cujas referências culturais não eram tidas como autênticas, já que os seus idealizadores tinham como parâmetro a realidade existente fora do país – o que esses estudiosos chamaram de alienação.<sup>18</sup>

Segundo Renato Ortiz, tais intelectuais construíram uma teoria para se pensar o Brasil, tendo como um dos seus eixos centrais o conceito de cultura. Aqueles se ampararam na filosofia e na sociologia alemã, visualizando a cultura como um elemento de transformação sócio-econômica, pensando-a como um instrumento capaz de auxiliar na busca da autenticidade e na construção da identidade brasileira.<sup>19</sup> Os próprios documentos analisados deram indícios dos temas que deveriam ser privilegiados. Existem outros, mas por uma necessidade de opção, buscou-se privilegiar as categorias que expressavam os principais dilemas da sociedade brasileira para entrar no compasso das nações mais desenvolvidas.

---

<sup>16</sup> Ianni mostra que a busca da modernidade é algo bastante antigo no Brasil, que desde a sua independência o país busca acompanhar o ritmo da história ditada pelos países desenvolvidos e que desde aquele momento existem estudiosos que se preocupam em analisar este tema. Cf. IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992. HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.) **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**.

<sup>17</sup> LE GOFF, Jaques. “Antigo/Moderno”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.378.

<sup>18</sup> ROLAND, Corbisier. **Formação e problema da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1958. p.40.

<sup>19</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p.46.

No primeiro capítulo foram descritas, de maneira analítica, as três Copas do Mundo realizadas na década de 50. Momento este em que se destacam diferentes fatores tensivos do futebol brasileiro, supostamente impedindo sua passagem para a modernidade. O capítulo mostra a forma com que o futebol foi representado, a partir dos desejos de um determinado grupo social, o qual ajudou a fortalecer, no imaginário coletivo, uma série de imagens sobre o Brasil, principalmente por meio de um discurso compensatório que buscava auxiliar na superação dos fracassos. A finalização do capítulo se dá com a vitória em 1958, em que um esporte de massa obtém o título mundial, ao passo que se processa o esgotamento do modelo populista, substituído por um discurso nacional-desenvolvimentista. Em que medida e de que modo esse novo discurso foi representado pelos cronistas, memorialistas e outros agentes ligados ao futebol da época? A vitória da Copa do Mundo da Suécia foi utilizada como símbolo de afirmação de uma modernidade vitoriosa?

A partir dessa descrição emergiram várias interpretações, mas buscou-se privilegiar as mais frequentes nas crônicas, principalmente enquanto elementos que dificultavam a conquista do título mundial por parte do selecionado brasileiro, logo sendo considerados fatores de interferência no processo de modernidade do Brasil.

No segundo capítulo foi analisada a questão da rivalidade regional entre paulistas e cariocas, que existia mesmo em meio a um discurso sobre a identidade nacional e sobre a importância da união dos brasileiros em torno do futebol – que durante a Copa do Mundo torna-se o principal símbolo da Pátria. Entretanto, as crônicas revelam uma constante tensão entre os interesses nacionais e a paixão regional, a qual, neste caso, deixava de ser clubística e passava a ser geograficamente definida. Analisou-se, ainda, outro dilema da modernidade brasileira, diretamente relacionado ao drama identitário do futebol nacional: a questão da inserção do negro na sociedade. A discussão gira em torno da aceitação do negro/mestiço como um dos símbolos da nova sociedade. Para os cronistas do *Jornal dos Sports*, ser moderno era aceitar o caráter mestiço como símbolo do homem brasileiro. Um imaginário que já havia sido apontado nos anos 1930 por Gilberto Freyre, estendeu-se com Mario Filho (em especial no seu livro “O Negro no futebol brasileiro – 1947”) e está presente na documentação analisada sobre os anos 50, momento em que o Brasil serviu de laboratório para a realização de um estudo sobre a questão racial, coordenado pela UNESCO. O resultado desse estudo contradiz o posicionamento descrito pelos cronistas, indicando que a democracia racial apresentada sobre o Brasil era polêmica.

Diante desses dilemas entre o “ser moderno”, sem abandonar valores conservadores, buscou-se, no terceiro capítulo, perceber a maneira que os cronistas encontraram para justificar as derrotas sofridas pelo selecionado nacional, em momentos considerados fundamentais para a resolução de tais questões. Em 1950, acreditava-se que a vitória sobre o Uruguai sob o olhar de 200 mil brasileiros seria o cenário perfeito para a afirmação do homem brasileiro e, também, do próprio país, frente ao restante do mundo. A derrota na partida final foi algo tão significativo no imaginário coletivo, que os cronistas (quase diariamente) buscavam encontrar as causas desse fracasso, criando uma verdadeira “cultura da desculpa”, por meio da qual se buscavam justificativas que mantivessem a esperança do torcedor brasileiro na seleção, no seu país. Em última instância, pode-se dizer que esses discursos expressavam o drama do recalque brasileiro, que já havia sido apresentado anteriormente por Mário de Andrade, ao retratar as aventuras de “Macunaíma”.

Após as derrotas de 1950 e 1954, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) utiliza muitos dos posicionamentos emitidos pelos cronistas e resolve intervir na preparação do selecionado nacional, que iria representar o Brasil na Suécia. O Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC) pode ser visto como um esforço político para que os jogadores brasileiros pudessem representar a imagem de um país moderno. O Plano é uma síntese das preocupações presentes no pensamento intelectual daquele momento, levando os dirigentes a interferir no autocontrole, na forma de se vestir, de se comportar, de se relacionar com os outros países, chegando, inclusive, a influenciar a estética dos jogadores representantes do Brasil na Europa. Ao analisar esse projeto modernizador, busca-se perceber por que os cronistas do *Jornal dos Sports* praticamente o ignoraram, utilizando-o, fundamentalmente, para estabelecer críticas à postura tomada por alguns dirigentes da CBD e, em especial, ao coordenador do projeto.

Esses acontecimentos foram pensados como parte de um processo proposto a partir de um discurso nacional-desenvolvimentista, que idealizava a superação do recalque e do atraso. De forma contraditória, o futebol – um agente de forte agregação identitária nacional – tornou-se parte de tal processo. Ainda hoje, pouco visível nos estudos históricos do período, o estudo do futebol nos permitiu perceber meandros e contradições da predominante cultura política da modernização brasileira.

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 A CRÔNICA COMO FONTE DE PESQUISA

Atualmente, o pesquisador que busca estudar o esporte/futebol, como um elemento sócio-cultural, terá que se esforçar para superar duas das dificuldades tradicionais encontradas neste tipo de abordagem: 1) sair das prisões interpretativas dos contextos econômicos ou sociais, que tudo explicam/simplificam; 2) afinar a sua sensibilidade para uma lógica específica, presente nessa manifestação popular, que é marcada pela contradição e ambiguidade, o que, dessa maneira, torna-se irredutível à lógica racional. Tais situações têm contribuído para que muitos estudiosos reduzam o futebol a mero reflexo dos contextos econômicos e sociais, revelando dificuldades em perceber que grande parte da riqueza do futebol está na passionalidade das palavras e dos comportamentos.

O futebol é um objeto que pode contribuir significativamente para a renovação metodológica dos estudos desenvolvidos pelas Ciências Humanas e Sociais, pois, assim como outros temas, ele necessita ser compreendido na sua relação entre o que há de específico (sentimento, irracionalidade, paixão, técnica, tática...) e o contexto social. Estudar os sentimentos presentes no futebol nos remete à necessidade de racionalizar algo que possui elevado grau de indeterminação. Aí parece estar o ponto nevrálgico deste tipo de abordagem, pois se torna imperativo que o estudioso perceba a impossibilidade de analisar este objeto por meio de modelos explicativos pré-concebidos, que acabam criando uma visão redutora e impedindo que se descubra o funcionamento de uma prática social em um determinado contexto histórico.

Por isso, mesmo sabendo da relevância de uma análise dos vários aspectos presentes na produção literária, deve-se tomar o cuidado para não descaracterizar o tema da pesquisa. O estudo do futebol, ao mesmo tempo em que não pode perder de vista a dimensão social, não pode descaracterizar a sua estrutura, a tal ponto que não nos permita perceber a sua dinâmica institucional, que está presente na experiência cotidiana, como prática singular do campo esportivo e que pode auxiliar para que se compreenda a complexidade social na qual ele está inserido. Como indica Ribeiro:

Afirmar o caráter social e histórico do futebol, contudo, não significa ignorar a sua autonomia enquanto campo específico. O seu estudo, ao mesmo tempo em que não pode perder de vista a dimensão social, não pode soterrá-lo de estrutura, a tal ponto que não nos permita perceber a sua dinâmica específica, que sem dúvida não é a das classes sociais, do Estado, das religiões, dos

sindicatos ou dos partidos políticos. O método para compreender a dimensão social do futebol, deve partir de uma descrição etnográfica densa, enunciando com o máximo de detalhes a sua dinâmica.<sup>20</sup>

Para compreender o processo dinâmico das relações de poder presentes na sociedade brasileira, o sociólogo Pierre Bourdieu indica que é necessário observar as estratégias utilizadas pelos diferentes indivíduos, a fim de dominar os seus pares. Segundo Bourdieu, o processo de dominação pressupõe a existência de cumplicidade por parte dos dominados. Nesse sentido, o autor mostra que tais relações de poder são determinadas pelos capitais que cada indivíduo/grupo apresenta.

É importante destacar que o capital não deve ser pensado apenas sob o aspecto financeiro, mas, principalmente, na sua forma simbólica, em que pode ser manifesto por meio da capacidade discursiva do indivíduo e da posição deste no campo em que discursa. Para legitimar suas palavras, é necessário o reconhecimento por parte dos seus pares, isto é, o poder não é obtido somente através da capacidade discursiva, ou pelo grau de instrução, ou pela quantidade de dinheiro que um indivíduo/grupo possui. Para que se tenha sucesso nessa relação, é preciso identificar o local onde enunciatário se encontra e, sobretudo, se os indivíduos localizados naquele campo o legitimam.<sup>21</sup>

Partindo dos indicativos supracitados, entende-se que o pesquisador necessita buscar uma marca simbólica e/ou material (escrita, falada, imagética) para que se possa ter acesso aos fatos e à disputa de poder – que permeou estes. A principal fonte de pesquisa utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi a crônica. Este gênero apresenta o real como referente, contendo representações simbólicas sobre a vida, algumas vezes buscando explicá-las, outras apresentando utopias. Como foi expresso por Chartier: “Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. Dessa forma o imaginário muitas vezes é capaz de substituir o real, originando os Mitos”.<sup>22</sup>

As palavras deste autor indicam que o imaginário é construído a partir de um sistema de ideias, emitido por um agente e recebido por uma coletividade, que interpreta os símbolos de acordo com os valores presentes na sua formação cultural. Dessa maneira, é possível afirmar que o imaginário é algo datado, podendo variar em diferentes momentos históricos, segundo a forma com que os homens constroem as suas representações para conferir sentido ao real. O filósofo Cornelius Castoriadis vai além da dimensão histórica na

---

<sup>20</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da história**. Revista Movimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.p. 33.

<sup>21</sup> BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.7-8.

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990. p.36.

reflexão sobre a natureza do imaginário, mostrando que é por meio deste que o homem confere sentido ao mundo a partir de duas situações fundamentais. A primeira é a capacidade que o ser humano herdou de conseguir criar e recriar o real, o chamado “imaginário radical”; a segunda é o conhecimento simbólico e a atividade social que é construída a partir das contingências históricas e apoiada no imaginário radical, situação que o autor vai chamar de “imaginário efetivo”.<sup>23</sup>

Uma das formas de representar o real é através das crônicas esportivas. Estes são documentos escritos no calor dos acontecimentos, como fica evidenciado no exemplo a seguir:

Depressa Gralheiros , a oficina está esperando. Duarte Gralheiros fez da cadeira um cabide, sentou-se e enfiou o papel na máquina de escrever. Antes de bater a primeira tecla disse: – Vi hoje um jogador que vai ser o maior do mundo. É o Pelé Bayer, tem apenas 16 anos e fez três gols antológicos. Quê? – perguntou Luís Bayer. Antológicos. Não me atrase o jornal por causa disso Gralheiros. E cuidado com os elogios. Não vá estragar o garoto. Eu queria escrever o que vi, o que senti – Duarte Gralheiros estava transfigurado. – E tenho de conter para não estragar o garoto. Lançou-se a máquina de escrever. Enquanto escrevia pensava: país infeliz, o Brasil. Aparece um Pelé e é preciso conter a admiração. O brasileiro não agüenta um elogio.<sup>24</sup>

Percebe-se, aqui, a urgência na produção da crônica esportiva que tinha exigências temporais determinadas, devendo ser escrita antes da edição do periódico, para que pudesse ser lida no dia seguinte e, a seguir, cumprir o seu destino, que normalmente era tornar-se embrulho.<sup>25</sup> Pressionado pela cobrança do chefe da redação, o cronista não tinha tempo de refletir sobre o que viu, muitas vezes não apresentava sequer formação acadêmica para este fim, pois, na década de 50, muitos deles haviam aprendido as exigências da profissão, graças às suas vivências nas redações do jornal.

Devido ao tempo exíguo e à estética da crônica, tornava-se mais fácil e eficiente, para conquistar o público, preocupar-se com a forma da narrativa ao invés de teorizar sobre o conteúdo. Nesse tipo de literatura, o real serve como referência para o escritor, pois, no momento em que a crônica chega ao público, ela já se tornou uma representação do discurso do seu emissor, logo, estando contida de valores sociais, culturais e ideológicos que o escritor traz consigo.

Nas crônicas esportivas, a verdade se torna um conceito subjetivo. Como a preocupação dos cronistas é com a sua visão de mundo, que seria compartilhada com os seus leitores, os fatos são reconstruídos a partir dos sentimentos de quem os escreve,

<sup>23</sup> *Ibid.* p.46. A este respeito também vale a pena cf. CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.385-414

<sup>24</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor. 1963. p. 95.

<sup>25</sup> CANDIDO, Antonio (et. al). **A Crônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p.14.

sendo, portanto, um conteúdo eivado de paixões, utopias, frustrações, desejos... Tal qual indica Chartier:

A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. As representações dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando a reflexão.<sup>26</sup>

O autor mostra que a força da representação não se dá pelo seu valor verdadeiro, ou pela correspondência do discurso com a verdade, mas pela sua capacidade de substituir o real. As crônicas sobre futebol apresentam múltiplas configurações, podendo-se dizer que, não raro, o mesmo acontecimento é construído pelos literatos de maneiras variadas e, por vezes, contraditórias, pois representam as escolhas do próprio agente e do grupo ao qual ele pertence:

[...] investigações sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas, para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção de mundo social, os valores que são seus e o seu domínio<sup>27</sup>.

A característica híbrida da crônica é identificada por André Mendes Capraro como algo próprio de um *Gênero de Fronteira*, ou seja, uma produção situada entre o limite da ficção e realidade. De acordo com esse autor, “Seria metaforicamente como dois caminhos à lugares distintos que, em determinado ponto cruzam-se, tornando-se, neste tênue espaço uno. Residindo, desta forma, nesta pequena interseção, o ponto chave para compreensão do todo”.<sup>28</sup>

A partir de questões suscitadas pelo futebol, a crônica esportiva tornou-se um espaço diário para debates de intelectuais sobre os problemas mais profundos da sociedade brasileira. Na tentativa de responder a tais problemas, os cronistas articulavam seus projetos políticos, apresentando soluções que poderiam auxiliar na resolução de questões imediatas e, em última instância, poderiam ser consideradas importantes no processo de reestruturação social. Sendo assim, o valor da crônica está na sua capacidade de conquistar o leitor para o projeto ideológico do seu escritor. Uma das estratégias utilizadas foi a

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. Op cit.. p. 38-39.

<sup>27</sup> Ibid. p. 17

<sup>28</sup> CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas** : futebol e nação na crônica esportiva brasileira no século XX. Tese (doutorado) – Apresentada ao programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007.



adequação do texto de acordo com os desejos dos receptores, fato que ocorre via “uma relação de conformidade entre as significações expressas e o sistema de representações”.<sup>29</sup>

Capraro, ao analisar o tratamento metodológico dispensado por alguns autores a esse gênero literário, mostra que alguns estudos apresentam uma tendência em trabalhar com os extremos da crônica, em que é possível encontrar dois grupos interdependentes. No primeiro, teríamos historiadores e pesquisadores das ciências sociais, que defendem a idéia de a literatura ser um reflexo do seu tempo, representando, dessa forma, a relação do autor com a sociedade. Já o segundo grupo seria formado, principalmente, por críticos literários, defensores da ideia de que a estética prevalece, uma vez que o autor tem total autonomia para criar os seus textos; por isso, essa documentação deve ser analisada de maneira descolada do seu contexto social.

Coadunamos com Capraro, ao entender que a divisão existe em muitos estudos e, por isso, não pode ser ignorada, ao passo que também não deve ser vista de forma mecânica. Uma leitura atenta dessa configuração revelará que, no interior dos diferentes grupos, há circularidade das ideias expostas, de acordo com o projeto ideológico do grupo; mas há interdependência entre os indivíduos que fazem parte dessa configuração, que pode ser visualizada a partir das relações e disputas de poderes entre os grupos.

As leituras das obras de Antonio Candido foram fundamentais no auxílio à superação dessa dicotomia, bem como na definição dos cuidados a serem tomados para trabalhar com essa documentação:

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles.<sup>30</sup>

Este autor nos mostra que o pesquisador deve se preocupar com os diferentes momentos da criação literária, o que ele denomina como “conceito de organicidade da obra”. Com base nessa indicação, visualizou-se a necessidade de trabalhar inicialmente com três momentos interdependentes: os fatores externos – por meio dos quais se podem verificar os temas selecionados pelos autores para retratar acontecimentos do cotidiano, o que foi falado, o que foi omitido; o fator individual – em que a análise fica voltada para o

---

<sup>29</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço, cultura popular e lazer na cidade. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNES, 1998. p.194.

<sup>30</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006b. p.35.

autor, não no sentido de realizar uma biografia clássica, mas de perceber o capital simbólico que este indivíduo possui, que lhe permite criar representações, auxiliando na criação/consolidação de mitos; e o texto – como resultado dos fatores anteriores, somado à estética do autor e à sua capacidade de convencer o leitor, despertando neste os mais variados tipos de sentimentos, fundamentais para a aceitação da crônica esportiva, além da relevância em perceber se, através da análise de vários documentos, é possível identificar mudanças na ideologia do autor.<sup>31</sup>

Esse procedimento contribui para que o pesquisador se preocupe com todo o processo de estruturação do texto, que inclui, também, a compreensão do contexto no qual ele foi produzido, estabelecendo a necessidade de uma relação mediadora entre fantasia e verdade. Nesse sentido, Antonio Candido salienta que:

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva, de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.<sup>32</sup>

A liberdade que o cronista apresenta no momento da escrita é algo central nesse tipo de documento, pois, se por um lado ele dispõe de autonomia literária para escrever a sua crônica, por outro esta apresenta limites impostos pela linha editorial do jornal, pelos seus pares, pela ideologia do seu grupo, pelos torcedores e leitores do jornal. Contudo, é nesse paradoxo que se encontra a riqueza do texto, no qual o cronista assumiu para si a responsabilidade de fantasiar a realidade, o que foi expresso, com muita propriedade, por um dos literatos analisados neste estudo:

Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Falaria com os arreganhos de um orador canastrão. Em vez disso, os rapazes cingiram-se a uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação.<sup>33</sup>

Tal fato é significativo na medida em que a crônica esportiva sobrevive, fundamentalmente, da emoção criada. Até o final da década de 60, esse sentimento era expresso em tempo real, via rádio, cabendo aos jornalistas e repórteres comentarem o jogo

---

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Ibid, p. 22.

<sup>33</sup> CASTRO, Ruy. O passarinho. In: RODRIGUES, Nelson Falcão. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Companhia das Letras: São Paulo, 1994b. p.11-12.

por meio de matérias específicas, que tratavam da parte técnica e tática do jogo. Já os literatos que escreviam as crônicas tinham liberdade de, muitas vezes, utilizá-la como um meio para expor os seus projetos ideológicos.

Antonio Candido, ao tratar da questão da liberdade criativa do autor, posiciona-se de forma favorável, desde que esta se mantenha dentro de determinados limites, e esse parece ser o ponto nevrálgico desse tipo de literatura. Ou seja, como encontrar o ponto ideal entre a criatividade estética e a transformação de um acontecimento:

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro.<sup>34</sup>

Se para Nelson Rodrigues, com seu estilo ficcional, o mais importante é fazer do fato algo fenomenal – em que, muitas vezes, o acontecimento que originou a crônica acaba por se tornar secundário, frente à criatividade utilizada pelo autor –, para Antonio Candido isso não deve ser visto como uma relação objetiva entre verdade e mentira, pois a riqueza da literatura está em “analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifestam o espírito e a sociedade”<sup>35</sup>, revelando os sentimentos e desejos do escritor.

Partindo do conceito aristotélico de imitação, Candido mostra que a imaginação do autor é fundamental no processo de criação, resultando quase sempre em uma verdade ideal, justificada pelo verossímil, que é fundamental na arte. Como a crônica tem o real como seu referente, sua análise não deve ser no sentido de encontrar algo verdadeiro, mas sim de compreender por que o literato apresentou o fato daquela maneira.

Como relata Magnani, a crônica é um produto voltado para um público amplo, o que não a exime de seguir certos padrões estabelecidos, que foram internalizados pelos leitores e que garantem o consumo desta produção literária. “O que não impede, certa flexibilidade na manipulação das regras, contanto que o produto continue sendo reconhecido”.<sup>36</sup>

Como a documentação analisada se refere, em grande parte, a crônicas esportivas – gênero que possibilita ao autor liberdade estética para relatar os fatos –, encontraram-se

---

<sup>34</sup> CANDIDO, Antonio. *Op cit.* 2006c. p. 13.

<sup>35</sup> *Ibid.* p. 36.

<sup>36</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Op cit.* p.193.

diferentes versões para um mesmo acontecimento, pois a forma com que cada autor reproduz a realidade está diretamente relacionada ao seu habitus.<sup>37</sup>

Sobre essa relação entre as ações individuais e coletivas, Bourdieu se utiliza da metáfora do jogo, para mostrar que os indivíduos vivem sob constante estado de *illusio*, ou seja, participando de um jogo cujas regras foram historicamente incorporadas; uma vez que, desde o nascimento a criança vive na intersecção de vários campos, que lhe fornecem as informações, por isso, para o autor não existe o individual sem o coletivo.<sup>38</sup> O binômio indivíduo-sociedade torna-se flexível e deve ser analisado numa relação de interdependência.

Uma das principais colaborações de intelectuais como Norbert Elias e Pierre Bourdieu está na superação das dicotomias, que devem ser pensadas com base na relação de interdependência entre o social e o individual, e com outras bipolaridades que se apresentam junto à modernidade. É importante que o pesquisador tenha a percepção macroscópica da sociedade, mas deve-se levar em consideração a relativa autonomia do campo, pois, mesmo estando articulado com os acontecimentos históricos, o futebol precisa ser analisado com base na sua especificidade, que não é a mesma das estruturas consideradas fundamentais na sociedade brasileira.<sup>39</sup> Esse procedimento pode auxiliar para que se evitem determinações reducionistas, em que as relações culturais normalmente são tratadas como reflexos das estruturas sociais mais amplas, o que, por vezes, leva à limitação da análise, já que não se consideram os conflitos simbólicos que permeiam a especificidade histórica analisada.

## 2.2 OLHARES SOBRE A CRÔNICA ESPORTIVA: alguns estudos contemporâneos

Em alguns estudos que têm utilizado a crônica e os cronistas esportivos como fonte de pesquisa, uma observação é algo importante no auxílio à compreensão do tratamento metodológico dispensado para esse tipo de fonte, que nos últimos 15 anos tem sido utilizado com maior frequência pelos estudiosos da área. Entre os estudos que, recentemente, trazem essa temática, selecionaram-se três pesquisas acadêmicas que se destacam pela qualidade e pela forma original da abordagem.

---

<sup>37</sup> Este termo foi reinterpretado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade dentro da sociologia estruturalista. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003c. p 64.

<sup>38</sup> *Ibid.* p. 139-141.

<sup>39</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol brasileiro e identidade nacional. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 8 - N° 56 - Janeiro de 2003. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Acesso em 25 março de 2006.

O primeiro desses estudos foi desenvolvido pela pesquisadora Fátima Antunes<sup>40</sup>, a qual, a partir das crônicas produzidas por José Lins do Rego e os irmãos Nelson e Mario Rodrigues, buscou compreender o discurso produzido sobre o ideal de nacionalidade presente no Brasil nos anos 30, 40 e 50.

A autora entende que, a fim de que se possa compreender a visão de mundo expressa pelos literatos, é fundamental compreender, também, a sua trajetória de vida, pois esta interfere na forma com que os cronistas retratam os acontecimentos. Nesse sentido, Antunes chama a atenção para o fato de que os cronistas tinham atividades paralelas à escrita da crônica esportiva, pois, naquela conjuntura, ser cronista esportivo era uma prática que proporcionava prestígio social, entretanto um pequeno retorno financeiro. Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, percebeu-se que, na década de 50, muitos dos principais cronistas do *Jornal dos Sports*, também escreviam para outros jornais e revistas.

Um exemplo da situação pode ser a realidade vivenciada pelo literato e dramaturgo Nelson Rodrigues, que, entre 1941 e 1955, escreveu somente peças teatrais e uma coluna diária no *Jornal Última Hora*, intitulada “A Vida Como ela é” e, esporadicamente, apresentava alguma participação no *Jornal dos Sports*. Nelson, apenas voltaria a escrever sistematicamente as crônicas sobre o futebol em 1955, com a criação da *Revista Manchete Esportiva*.<sup>41</sup>

Essa discussão se dá de maneira mais densa por Capraro, em sua Tese de Doutorado, quando analisa o processo de formação do campo literário voltado para o esporte. Partindo-se dos conceitos de *Campo*, do sociólogo Pierre Bourdieu, e *Interdependência*, de Norbert Elias, Capraro mostra que a constituição desse espaço social apresenta um processo dinâmico. Este fora construído a partir de debates sobre os mais importantes temas da sociedade brasileira, que tinham a prática esportiva como fomento para a disputa de poder neste campo, onde, através das crônicas diárias, os literatos buscavam convencer o leitor da viabilidade dos seus projetos ideológicos.<sup>42</sup>

Antunes e Capraro destacam a questão do envolvimento dos cronistas com as equipes de futebol da época, mostrando que, durante muito tempo, se acreditou que a função do cronista fosse retratar o clima da arquibancada e, para ser o mais fiel possível na descrição, ele frequentava os estádios como torcedor – o que poderia ser considerada uma

---

<sup>40</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro, não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p. 20.

<sup>41</sup> CASTRO, Ruy. Op cit. p. 215-243.

<sup>42</sup> CAPRARO, André Mendes. Op cit.

pesquisa etnográfica, não fosse o fato de estes literatos manterem o envolvimento no momento de escrever as suas crônicas. Para uma parte significativa das crônicas que escrevia sobre o futebol, o cronista não podia ser neutro, pois, para ele, o que movimentava o futebol era a paixão.

Os sentimentos como elemento central do futebol, é algo que fica explícito nas palavras de Nelson Rodrigues, para quem o futebol sem paixão resultaria em uma correria de jogadores atrás de um pedaço de couro esférico, em outras palavras, perderia seu sentido. “Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia”.<sup>43</sup>

A crônica é vista como um espaço de criação que transcende o objetivo primário do jornal: a informação. Por isso, o cronista tem liberdade para interpretar os fatos e narrá-los de acordo com a sua ideologia. Para Antunes, “Mais que qualquer outra forma de produção do conhecimento, a literatura tradicionalmente, cumpriu um papel destacado na consciência nacional no Brasil. Por meio dela, sondou-se a realidade do país, seus problemas e o modo de vida do seu povo”.<sup>44</sup>

A ausência de isenção do cronista coloca em cena algumas questões delicadas para o estudo do futebol: como escrever sobre um tema que é movido pela paixão, sem deixar-se influenciar por ela? É necessário não estar envolvido para escrever sobre futebol? Se o cronista se distanciar do seu objeto, na tentativa de racionalizá-lo, aquele não estará perdendo o fundamental na análise deste tema, que é justamente a sua indeterminação?

Essas questões estão presentes no *corpus* teórico das nossas fontes e, por isso, recorreremos ao sociólogo Norbert Elias como uma referência consistente, que nos ajudou a pensá-las. Principalmente no livro “Envolvimento e alienação”, o autor mostra que o envolvimento é necessário para que o pesquisador conheça o seu objeto de análise, mas, depois disso, é importante se afastar a fim de que se possa fazer uma leitura dos fatos sem interferência de conceitos pré-estabelecidos ou reflexões pautadas em sentimentos.<sup>45</sup> Aqui está um ponto chave para a análise das crônicas, pois o cronista não tinha a necessidade de se distanciar do seu objeto, tampouco de se isentar dos seus sentimentos, uma vez que o seu compromisso era apenas seduzir o leitor. Para tal, muitos escritores utilizavam uma narrativa romântica, desenvolvendo duas categorias fundamentais para a manutenção da paixão futebolística – a esperança e o medo. Fazer uso destes sentimentos é algo recorrente na trajetória da crônica esportiva, sobretudo para os cronistas do *Jornal dos Sports*, que

---

<sup>43</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O Passarinho. In: CASTRO, Ruy (org.). Op cit. p. 11-12.

<sup>44</sup> ANTUNES, Fátima M. R. F. Op cit. p.28.

<sup>45</sup> ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b. p. 17

criaram um mito em torno da derrota brasileira de 1950, utilizando-a como um exemplo a não ser seguido.

Ao abordar esse acontecimento, Antunes indica que a vitória na final desta Copa seria o coroamento do discurso sobre o futebol-arte brasileiro, remetido à raça brasileira, que teria se originado da fusão de várias nacionalidades e culturas, fruto da democracia racial que se estabelecera no país. No entanto, a euforia do povo pela certeza da partida final, grandemente potencializada pela imprensa, aumentou o choque da derrota para os uruguaios.

A autora supracitada se subsidia nos apontamentos de Vogel<sup>46</sup> e Moura<sup>47</sup>, somados às crônicas dos literatos selecionados para o desenvolvimento do estudo. Ela nos mostra que a derrota brasileira teve um forte sabor de fracasso e produziu uma posterior reverberação do racismo, cujos reflexos ainda se fariam sentir no mito construído em torno do branqueamento da seleção formada em 1958.

A abordagem de Antunes mantém uma relação bastante instigante com o estudo desenvolvido por Capraro, no qual este pesquisador buscou historicizar a crônica e, subsidiado pelos estudos de Antonio Candido, mostra que esta é um gênero genuinamente brasileiro, que foi conquistando o seu espaço e se aperfeiçoando ao longo do século XX. Para realizar sua análise, Capraro estabelece um recorte temático feito a partir do futebol e do gênero crônica literária, mas, especificamente, do subgênero crônica esportiva.

De acordo com o autor, esta fonte foi escolhida pela riqueza de dados que proporciona e, também, pela falta de documentação no futebol brasileiro. O grande mérito desse estudo é o de não segmentar a análise, como tradicionalmente ocorre nos estudos do gênero. Capraro compreendeu as crônicas e o futebol, como estruturas de uma relação simbiótica geradora de um pensamento intelectual altamente interdependente, explicitado artisticamente na sua forma e estilo narrativo.

Capraro fornece indicativos importantes para a nossa análise, ao destacar a importância/necessidade de compreensão dos contextos históricos específicos; dos locais onde os agentes estavam inseridos, dentro deste campo; do uso da liberdade artística; e dos motivos pessoais que poderiam levar a determinado posicionamento. Esta foi uma atitude comum entre os pesquisadores dos quatro estudos aqui abordados: todos entendem que,

---

<sup>46</sup> VOGEL, Arno. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

<sup>47</sup> MOURA, Gisele de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

para ser compreendida a produção literária de um cronista, é preciso observar a sua vida, de onde ele escreve e para quem ele escreve.

Na tentativa de romper com o dualismo da crônica como reflexo do seu tempo ou ficção, Capraro busca respaldo na obra de Antonio Candido (AC), a fim de desenvolver a questão da autonomia artística *versus* o reflexo social. Um ponto muito importante, apresentado por ele, é o entendimento da crônica como um *Gênero de Fronteira*, localizada entre o limite de ficção e realidade. Para o autor:

A fronteira dá sentido ao ofício do analista da história da literatura. Seleciona gêneros, autores e obras que se aproximam mais das Ciências Humanas, facilitando a compreensão da dimensão histórica presente no texto, das teses sociológicas apresentadas ou das manifestações crítico-sociais ligadas ao cotidiano. Seria metaforicamente como dois caminhos à lugares distintos que, em determinado ponto cruzam-se, tornando-se, neste tênue espaço uno. Residindo, desta forma, nesta pequena interseção, o ponto chave para compreensão do todo. <sup>48</sup>

Este indica que aí está a riqueza desse material, uma vez que a obra de fronteira extrapola os limites rígidos da escrita acadêmica, das regras implícitas da historiografia ou da semiótica, ao passo que a crônica acaba por assumir um compromisso com a realidade social. É importante perceber que a análise desse gênero literário, não deve ficar restrita a relações deterministas como verdade ou mentira, pois a riqueza deste tipo de documento está na liberdade artística expressa pelo cronista.

Tal situação pode ser visualizada nos escritos de Gilberto Freyre, um dos personagens analisados por Capraro. Na visão deste pesquisador, além da importância das teses defendidas por Freyre, seu estilo literário se destaca por romper com a forma tradicional da escrita acadêmica. Mesmo tendo a maior parte da sua produção composta por ensaios de cunho sociológico, Freyre trilhou um caminho tênue entre a literatura, a sociologia e a história, o que permitiria caracterizar a sua produção teórica como um gênero de fronteira.

O estudo desenvolvido por Bernardo Borges Buarque de Hollanda – *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*<sup>49</sup> – estabelece um diálogo interessante com a análise realizada por Capraro, auxiliando na compreensão do contexto de um dos períodos abordado por este autor.

Buarque de Hollanda analisa o futebol com base na obra e vida de José Lins do Rego, relacionando a estruturação deste esporte com o movimento modernista brasileiro. Destaca a incorporação do futebol ao projeto de construção de um Brasil moderno, que, a

<sup>48</sup> CAPRARO, André Mendes. Op cit. p.22.

<sup>49</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.



partir da década de 30, pode ser identificado de forma exponencial na produção teórica de José Lins do Rego. O autor indica que, neste momento, ocorreu a formação da segunda geração dos modernistas, grupo que passa a aceitar o futebol e, através da influência do pensamento *freyreano*, destacam esta prática cultural como um dos elementos da identidade brasileira.

Ao estabelecer um diálogo com o modernismo, Hollanda identifica a crônica como um gênero polifônico, capaz de aproximar escritor e leitor. Além disso, devido às suas características de informalidade, efemeridade e caráter fragmentário, este estilo literário tornou-se alvo de grande admiração por parte dos escritores modernistas, pois permitia a realização de alguns dos mais importantes ideais desta geração: a liberdade de expressão, a simplicidade estilística e a possibilidade de amplitude na comunicação.

De maneira reiterada, salienta-se a relação modernista entre futebol e identidade nacional, destacando os critérios utilizados para definir a nacionalidade. O autor trabalha de forma tensa a relação entre dimensão histórica e literária, não havendo determinação ou autonomia de uma sobre a outra. Isso serviu de alerta para que fossem pensados os discursos dos cronistas esportivos na década de 1950.

Hollanda indica que havia uma oscilação entre a adesão e a negação do fenômeno futebolístico, pautado nas dicotomias próprias do modernismo, tais como: nacional *versus* estrangeiro, tradicional *versus* moderno, rural *versus* urbano, popular *versus* erudito, artesanal *versus* industrial, entre outras antíteses. É interessante perceber que esses pares antagônicos permanecem nos decênios seguintes, emperrando a entrada do Brasil na modernidade. Essas divergências também são expressas nas crônicas escritas durante a década de 1950, como se estivesse ocorrendo uma atualização dos problemas enfrentados na década de 1930. Contudo, neste estudo, eles não serão tratados de maneira dicotômica, mas como elementos interdependentes que fazem parte da mesma configuração.

Um aspecto importante no estudo de Hollanda, é que, diferentemente dos demais pesquisadores, ele analisa o pensamento de José Lins do Rego no cenário modernista brasileiro da década de 30, destacando a forma com que os paulistas e os regionalistas do Nordeste utilizavam as crônicas para mostrar a importância do futebol na vida dos brasileiros – análise esta fundamental para que se possa perceber a balança de poder do campo literário. Isso, posteriormente, retornaria através dos discursos de alguns membros do curso de Sociologia da Universidade de São Paulo, que se tornam os principais críticos da teoria *freyreana* no Brasil.

Assim como nos estudos anteriores, Hollanda mostra que a Copa do Mundo foi importante na formulação de uma identidade nacional, bem como no estímulo à reflexão sobre as questões raciais que permeavam a sociedade brasileira. Isso porque, principalmente, os resultados da seleção brasileira nas primeiras copas fizeram com que os modernistas se manifestassem quanto à composição da equipe, formada em sua maioria por jogadores brancos. O bom desempenho dos jogadores de origem negra abre espaço para o debate entre a identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro – teoria sistematizada por Gilberto Freyre.

A divisão étnica no futebol tem um momento significativo na Copa da França (1938), pois mesmo sem ser campeão, a atuação do selecionado – especialmente na figura de Leônidas da Silva, artilheiro da competição – estreita o sentimento esportivo de comunhão com a Pátria, o que seria massificado pelas transmissões radiofônicas da Era Vargas. As observações sobre a Copa do Mundo de 1938 apresentam a Gilberto Freyre a identificação de um estilo autêntico de se jogar futebol no Brasil, de maneira que o autor contrapõe o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Para Freyre, ao moldar o futebol bretão ao jeito típico do jogador mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva.

Segundo o autor de *Casa Grande & Senzala*, a diferença do futebol brasileiro estava, principalmente, na habilidade e na surpresa no momento da definição das jogadas. Posicionamento este re-utilizado pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, durante a década de 50, fundamentalmente em 1958, quando os dirigentes da CBD tentaram aplicar um planejamento racionalizante na equipe que iria representar o país na Suécia. Esse esforço foi praticamente ignorado pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, que preferiram justificar os resultados positivos do selecionado nacional a partir de um discurso que destacava as qualidades naturais de jogadores como Garrincha e Pelé, em contraposição a qualquer tipo de interferência extracampo.

Situação semelhante foi apresentada na análise desenvolvida por Hollanda sobre Gilberto Freyre. O pesquisador indica que o sociólogo nordestino se valia de uma estratégia discursiva astuta, uma vez que as suas considerações foram realizadas entre as décadas de 1920 e 1950, momento em que o futebol no país não havia se consagrado mundialmente, em termos de conquistas, e ainda ressentia de certa inferioridade face ao futebol praticado na Argentina, no Uruguai e em alguns países da Europa. “Ao privilegiar a exibição em detrimento da simples competição, Gilberto Freyre capitalizava os aspectos positivos que lhe interessavam ressaltar no futebol brasileiro, na mesma proporção em que

identificava um diferencial que lhe permitia singularizar tal esporte ante o praticado por outras nações”.<sup>50</sup>

As idéias de Gilberto Freyre tiveram grande impacto em diferentes gerações da crônica esportiva brasileira, situação que pode ser percebida por meio dos escritos de José Lins do Rego, Mario Filho, Nelson Rodrigues, DaMatta, entre outros.

De acordo com o estudo de Hollanda, José Lins do Rego evidencia o entusiasmo que cercava a formação de uma seleção originária das mais diferentes procedências econômicas e sociais, em um tipo de descrição que se pode perceber a influência das teorias raciais e culturais do autor de *Casa Grande & Senzala*. As crônicas de Zé Lins, amparadas pela teoria *freyriana*, mostram que ante a rigidez corporal do europeu, o negro brasileiro havia introduzido o meneio dos corpos, decorrente da música popular e do folclore. Os requebros de quadril são vistos como originários do carnaval, os passos sinuosos advindos do samba e a ginga de esquiva proveniente da capoeira. Destarte, a legitimidade do futebol na cultura brasileira se amparava em um elemento já consolidado na imagem da identidade nacional – a música. Esta outorgava ao futebol aquilo que os intelectuais modernistas tinham detectado, nos anos de 1920, como fonte de brasilidade.<sup>51</sup>

Hollanda relata que Freyre e José Lins do Rego são os dois grandes nomes da intelectualidade da década de 40, que destacam o tema futebol como um elemento significativo na cultura brasileira, subsidiados pela produção de Mario Filho, que durante essa década publicou: *Copa Rio Branco 32* (1943), *Histórias do Flamengo* (1945), *O negro no futebol brasileiro* (1947) e *Romance do futebol* (1949). Mesmo com as ressalvas apresentadas por alguns pesquisadores sobre o estilo da escrita de Mario Filho e a forma com que ele foi utilizado,<sup>52</sup> deve-se destacar que as suas obras foram fontes históricas de grande importância para inúmeros autores que buscavam escrever sobre o futebol brasileiro. Mario Filho, seguindo os preceitos de Gilberto Freyre, chama a atenção para a presença, bem como para a importância, da miscigenação e do negro no futebol brasileiro. O problema é que o autor transforma isso em uma epopéia, conduzindo os fatos para que o indivíduo de cor se tornasse um grande herói.<sup>53</sup>

<sup>50</sup> HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Op cit. p.62.

<sup>51</sup> Ibid. p.64-66.

<sup>52</sup> SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese de doutorado apresentada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1988. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

<sup>53</sup> SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo (et all). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 14.

Para ter uma melhor compreensão da forma com que os agentes vinculados ao selecionado nacional representaram os acontecimentos, serão utilizadas como fontes complementares biografias e autobiografias. No entanto, entende-se que estes materiais necessitam de um cuidado metodológico diferenciado. Pois, assim como as crônicas, são documentos que apresentam inúmeras particularidades que não podem ser desconsideradas no momento de sua leitura.

### 2.3. BIOGRAFIA- AUTOBIOGRAFIA: limites e possibilidades

A razão mais evidente para se ler uma biografia é descobrir detalhes sobre a vida de uma pessoa, mas também sobre uma época e sobre a sociedade em que o indivíduo viveu. Atualmente, os pesquisadores sabem que é impossível esgotar a experiência de uma vida em um estudo biográfico, por isso, cabe ao escritor realizar os recortes que ele julga necessário. Essa prática é sempre uma tarefa complexa e depende da visão que o narrador/historiador tem sobre o conteúdo relevante da vida do biografado, bem como aquilo que seria interessante para o público a que se destina a obra.

Diferente dos estudos acadêmicos, que normalmente são voltados para um reduzido número de pesquisadores, a biografia se tornou um gênero de grande interesse para o mercado editorial. Talvez seja por isso que os escritores optam por escrever uma história com início, meio e fim, preocupando-se mais com a forma do que com o conteúdo. Entretanto, há por parte do meio acadêmico certo desconforto em utilizar a biografia como fonte de consulta para os seus estudos. Como indica Mayrink:

[...] a maioria das biografias realizadas parece não satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno das pessoas famosas, visando grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial.<sup>54</sup>

De forma geral, os pesquisadores atribuíram a este gênero uma relação direta com a ficção, com a valorização dos heróis e com sua preocupação estética na produção literária, o que os levou a se afastar desse tipo de fonte. Entretanto, nas últimas décadas tem sido constatado um retorno da utilização das biografias em produções acadêmicas. Ao realizar este estudo buscamos por biografias dos atletas que representaram o Brasil nas Copas do Mundo da década de 1950. Pouco foi encontrado sobre os atletas e/ou dirigentes que

---

<sup>54</sup> MAYRINK, Geraldo. O sucesso de vendas das biografias. **Revista Veja**: São Paulo, 26 de Julho de 1995. Ainda neste aspecto cabe salientar que O Catálogo Brasileiro de Publicações comparou a produção da obras biográficas dos anos de 1987 e de 1994, percebeu-se que houve um aumento de 55% na produção deste tipo de literatura. Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 19, 1997. p.1

estiveram diretamente envolvidos com as Copas de 1950 e 1954,<sup>55</sup> fato modificado na Copa do Mundo de 1958, quando o Brasil se sagrou campeão mundial.<sup>56</sup> Isso nos fornece indícios de que ainda existe uma valorização pela história dos grandes heróis, dos homens vitoriosos.

Para Borges, o retorno da biografia se deve à individualidade e à curiosidade fortemente presentes na sociedade atual.<sup>57</sup> Isso tem levado a História a produzir conhecimento de forma multidisciplinar, trabalhando em conjunto com a Sociologia, Antropologia, Psicologia, Literatura. Todavia, é importante deixar claro que uma das exigências centrais da academia para com a produção intelectual híbrida, feita pelo historiador, é manter o rigor metodológico no trato com as fontes (crítica interna e externa do documento), algo fundamental para o estabelecimento de fronteiras entre a História e a Ficção, ou entre o jornalista/cronista e o historiador. Por isso, quem se munir deste tipo de fonte para auxiliar no desenvolvimento de um trabalho acadêmico, deve se perguntar: quem produziu a biografia? A partir de que fontes? Com quais interesses? Pois, normalmente,

Existe uma insegurança epistemológica que assola a todo momento e em toda parte o leitor de biografias e autobiografias. Numa obra de não-ficção, nunca ficamos conhecendo a verdade do que aconteceu [...] na criação ficcional, o escritor faz um relato fiel do que ocorre em sua imaginação. Devemos sempre aceitar a palavra do romancista, do dramaturgo e do poeta, assim como podemos quase sempre duvidar da palavra do biógrafo, do autobiógrafo, do historiador ou do jornalista.<sup>58</sup>

O conteúdo presente nas crônicas esportivas, ou nas biografias, não é menos verdadeiro do que aquele presente nos livros, o que é preciso levar em consideração é que cada uma dessas fontes apresenta as suas especificidades. Por isso, seria mais prudente falar em verossimilhança, por meio da qual o autor interpreta o contexto social e o expressa em um sistema de representações realizadas a partir de um determinado tema, que muitas vezes acaba sendo retido na memória (através de mitos) e substituindo a “própria realidade”.<sup>59</sup>

<sup>55</sup> Uma das poucas biografias existentes é sobre o goleiro Barbosa, que foi considerado um dos protagonistas da derrota sofrida em 1950. Ver: MUYLAERT, Roberto. **Barbosa: um gol faz cinquenta anos**. São Paulo: RMC, 2000.

<sup>56</sup> Sobre os “heróis” da conquista da Copa do Mundo de 1958, localizamos biografias de Pelé, Garrincha, Didi, Zagalo, Paulo Machado de Carvalho, João Havelange, Paulo Planet Buarque, Mario Trigo. Todas elas estão presentes nas referências bibliográficas deste estudo.

<sup>57</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: Pinsky, Carla Bassanezy (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.215.

<sup>58</sup> MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.183.

<sup>59</sup> Os historiadores da Nova História Cultural vão conceituar isto como imaginário. Cf. Sandra Jatahy Pesavento, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 6 -

Ao analisar os diferentes autores que trabalham com os estudos biográficos, percebemos que não existe unanimidade sobre as diferentes formas de classificar as biografias, que a cada dia se tornam mais especializadas. Se, até algumas décadas atrás, apenas os grandes heróis eram dignos de ter a sua vida estudada, agora existem pessoas comuns como objeto de análise. Um exemplo dessa transformação pode ser visualizado no trabalho desenvolvido por Carlo Ginzburg, que, com base nos estudos da antropologia cultural e na teoria de Mikail Bakhtin, propôs o conceito de *Circularidade Cultural*, demonstrando, por meio de um estudo de caso, que as ideias não são produzidas apenas pelas classes dominantes e impostas, de cima para baixo. O discurso pode ser visto como uma forma de distinção social, entre indivíduos de diferentes classes. Entretanto, há um processo de circularidade cultural, através do qual o discurso é recebido e reproduzido pelos diferentes grupos, os quais o fazem a partir das suas condições sociais e culturais.<sup>60</sup>

As biografias e autobiografias apresentam semelhanças na estrutura estética do texto, como por exemplo: a visão linear da vida do indivíduo sobre quem se escreve, o encadeamento cronológico dos fatos e o olhar do escritor voltado para o passado. Não obstante, a principal diferença entre aquelas é que, na autobiografia o escritor relata sobre si mesmo, por isso, a escrita é feita em tom de confissão, justificativa ou invenção de um novo sentido, ou, ainda, da combinação dos três.<sup>61</sup> Tanto biografias quanto autobiografias podem ser classificadas de acordo com o estilo da escrita, com os objetivos do autor e a sua visão de mundo.

Quando alguém escreve uma biografia/autobiografia, a vida passa a ter um sentido que normalmente não apresentava no momento em que os fatos narrados ocorreram, pois existe uma diferença temporal que possibilita ao autor escrever focado no passado. Em muitos momentos da vida, o indivíduo não sabe que decisão tomar, e mesmo quando sabe o que fazer, a decisão, por vezes, não depende somente dele. Na biografia escrita por Mario Filho sobre Pelé<sup>62</sup>, o autor nos revela que, assim como grande parte dos seus contemporâneos, o menino negro tinha o sonho de ser jogador de futebol profissional em um grande clube da capital. Ele buscava alcançar esse objetivo para poder ajudar

---

2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 7 mars 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>.

<sup>60</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>61</sup> SIVA, Valdete Nunes. Limites entre o real e o ficcional uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle. Disponível em [http://www.fbpf.org.br/cd2/liste\\_des\\_auteurs/s/valdete\\_nunes\\_silva.pdf](http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/s/valdete_nunes_silva.pdf)

<sup>62</sup> RODRIGUES FILHO, Op cit. p.86.

financeiramente a sua família e realizar o sonho do seu pai que, devido a uma grave contusão, não obteve êxito como jogador de futebol profissional.<sup>63</sup>

O fato de Pelé ter sido considerado o melhor jogador do mundo não foi resultado somente da sua vontade, tampouco havia sido planejado antecipadamente, mostrando que a vida tem uma direção de sentido, mas não é linear, pois ela é repleta de atividades não planejadas que, muitas vezes, levam o indivíduo a um vóo cego.<sup>64</sup> Para Castoriadis, os indivíduos que convivem em sociedade, encontram-se de algum modo envolvidos com valores ordenadores, como por exemplo, as regras “civilizacionais” (leis, impostos, monopólio da violência legítima do Estado, instrumentos para evitar a guerra), ou seja, os indivíduos em sociedade se esforçam para a construção de parâmetros organizacionais.<sup>65</sup> Dessa maneira, pode-se dizer que são os indivíduos em sociedade que dão esse “sentido”. Como tal, este não é uma fatalidade humana, mas uma construção social que se produz no interior das relações de forças sociais.

As biografias de Paulo Machado de Carvalho e João Havelange foram escritas por jornalistas e auxiliam na compreensão da cultura presente no campo esportivo que, assim como o Brasil, buscava se modernizar. Tais publicações apresentam, na maior parte das vezes, as palavras dos entrevistados sem um distanciamento crítico, como os autores não levam em consideração as possibilidades de esquecimento e a ideologia dos entrevistados, cabe ao pesquisador tomar cuidado ao utilizar a documentação.

Em termos éticos, o biógrafo tem um compromisso com a verdade, pois, caso contrário, estaria desrespeitando o seu leitor, é o que Lejeune chama de “contrato de leitura”.<sup>66</sup> Entretanto, percebe-se que os limites de compromisso não devem anular a imaginação do escritor, pois ele precisa transformar um simples acontecimento em algo emocionante e atrativo para o leitor, por isso, cabe a ele interpretar os fatos, valorizando determinados acontecimentos e ocultando outros, de maneira que consiga criar a forma estética desejada. Enfim, o limite entre a ficção e o verossímil, como possibilidade de representação, é separado por uma linha muito tênue.

---

<sup>63</sup> Em diversas passagens Mario Filho indica que as pessoas referiam-se a Pelé como negrinho e pretinho. O autor descreve as cenas de maneira que estas palavras não ganham um contorno preconceituoso, fato que fica minimizado pela terminação “inho” que acaba criando um sentido de algo carinhoso.

<sup>64</sup> ELIAS, Norbert. Esboço de uma teoria civilizacional. In: \_\_\_\_\_ **O Processo Civilizacional**. 2º vol. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. p.103-115.

<sup>65</sup> CASTORIADIS, Cornelius. Op cit. p. 142-197.

<sup>66</sup> LEJEUNE, Philippe.. *Op cit.* p.4.

### 3. CAPÍTULO I – AS COPAS DO MUNDO DA DÉCADA DE 1950

#### 3.1 A COPA DO MUNDO DE 1950

Existem vários tipos de disputas no mundo futebolístico. Entretanto, nenhuma tem a mesma importância de uma Copa do Mundo. Este campeonato acontece a cada quatro anos e se caracteriza por uma disputa entre as nações, na qual, imaginam/desejam demonstrar o seu poder simbólico, por meio do futebol. O título confere ao vencedor privilégios honrosos, em que o mais importante é o confronto ritualizado. Os perdedores são eliminados e os representantes das duas melhores nações jogam entre si a partida final, estabelecendo uma hierarquia mundial, mantida por um ciclo de quatro anos.

Para compreender adequadamente os fatores que envolvem uma Copa do Mundo, é fundamental retornar às outras edições desta competição. Mesmo apresentando relativa autonomia e mantendo uma relação com os acontecimentos da sua época, a análise desse evento esportivo deve levar em consideração a interdependência das suas diferentes edições, pois a rivalidade criada entre as nações é fomentada pela mídia devido aos fatos ocorridos em eventos anteriores. Fato evidenciado por autores como Vogel, ao mostrar que:

Em 1970, a Seleção Brasileira teve de enfrentar o Uruguai, pelas semifinais da Copa. A vitória foi tão festejada quanto a própria conquista do Tri. As razões, todo mundo sabia: - era a forra de 50, a vingança que todos esperavam, e cujo dia tinha demorado vinte anos para chegar. A partida foi tensa, lá no México e aqui no Brasil. Depois dos três - a- um, veio o carnaval. A conclusão indiscutível foi que não se podia estudar uma Copa sem a outra.<sup>67</sup>

Ao mesmo tempo em que a história de cada Copa do Mundo faz parte de um processo tenso de relações de poder que permeiam as diferentes nações, cada edição deste evento apresenta as suas singularidades. Vencer o Uruguai, em 1970, era tratado pela imprensa como uma vingança do que aconteceu na partida final de 1950. No entanto, esse discurso passional não deve ser simplesmente aceito como expressão do sentimento dos torcedores e jogadores. Vencer a equipe celeste, ou qualquer outro selecionado, era condição necessária para um país que buscava se tornar campeão, por isso, muito mais do que vingança, o objetivo principal era conquistar o título de tri-campeão mundial.

Para que se possa ter dimensão da diferença e/ou da simplificação que seria tratar esse acontecimento como vingança ou consequência direta da derrota acontecida 20 anos

---

<sup>67</sup> VOGEL, Arno. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. p.79.



antes, é importante relembrar o contexto em que o fato aconteceu. A derrota brasileira de 1950 ocorreu no momento em que o país se redemocratizava, buscando afirmar-se entre as nações desenvolvidas e, por isso, a derrota em casa, diante de milhares de torcedores, foi algo tão significativo. Como consequência disso, um sentimento de que o povo brasileiro chegou perto e acreditou que a situação poderia melhorar, mas ao final do jogo percebeu que ainda não estava pronto para atingir os objetivos que pretendia alcançar.

Em 70, a conjuntura era totalmente diferente: o Brasil vivia a ditadura de um regime militar que, em seus discursos, se dizia onipresente, controlando as decisões tomadas nos mais diferentes setores sociais. Além disso, o país já havia superado o complexo de inferioridade ao vencer duas Copas do Mundo consecutivas, ou seja, no cenário futebolístico, o Brasil já havia se afirmado entre as principais potências do mundo.

Por outro lado, deve-se levar em consideração que uma das funções da mídia é trabalhar com os sentimentos e o imaginário dos torcedores. É desta forma que os indivíduos se identificam com a equipe e se reúnem em torno de um objetivo comum. Pode-se dizer que as representações criadas em torno das rivalidades regionais, da transformação do negro/mestiço em heróis, do medo da derrota, do complexo de humildade, do excesso de confiança e da necessidade de ser autêntico, foram temas que fizeram parte de uma estratégia discursiva, pela qual se buscou representar o Brasil através dos sentimentos presentes no futebol.

Para que se possa ter uma melhor compreensão da forma com que esse discurso foi edificado, este capítulo buscou reconstituir a forma com que as três Copas do Mundo realizadas na década de 50 foram descritas pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, bem como por outros agentes que estiveram diretamente envolvidos com esses acontecimentos, iniciados após a Segunda Guerra Mundial.

Devido a esse confronto bélico, houve uma pausa na realização da competição, não sendo realizados os mundiais de 1942 e 1946. Em 1950, as disputas voltaram a acontecer, tendo por sede o Brasil – país que, durante o Congresso organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) em 1946, na cidade de Luxemburgo, garantiu o direito de sediar a IV Edição da Copa do Mundo.

Quase tão honroso quanto vencer uma Copa do Mundo é o fato de ganhar o direito de sediá-la, pois o país que conquista esse direito torna-se conhecido internacionalmente, figurando durante meses nas manchetes dos principais jornais do mundo. Por isso, normalmente há uma forte disputa entre os países interessados em organizar essa competição, os quais precisam provar que apresentam condições para sediar o evento. A

escolha do Brasil como sede para a IV Copa do Mundo, foi justificada pelos seguintes fatores: 1) O Brasil havia demonstrado interesse e se candidato para sediar a Copa do Mundo de 1942, fato este apontado por Perdigão ao relatar que, em 1938, a Fifa realizou um congresso em Paris, e neste evento o Brasil manifestou sua intenção de sediar o torneio;<sup>68</sup> 2) O Brasil já tinha participado das três primeiras edições do evento e tinha deixado uma boa impressão para os torcedores, bem como para a crônica esportiva mundial, os quais passaram a tratar os jogadores brasileiros como artistas da bola. Principalmente com a seleção de 1938, que ficou em terceiro lugar e apresentou ao mundo o talento de Leônidas Silva;<sup>69</sup> 3) O Brasil não teve participação direta na Segunda Guerra Mundial, logo a sua infraestrutura não foi comprometida. Diferentemente dos países europeus que, em sua maioria, estavam voltados para a reconstrução material e moral, decorrente dos combates bélicos, o que fez com que nenhum país europeu se candidatasse para sediar a Copa; 4) O Brasil já havia superado qualquer tipo de desconfiança quanto à sua capacidade de organização futebolística<sup>70</sup>, além disso, o país apresentou uma proposta interessante para sediar o evento, mostrando que possuía vários estádios de médio porte e que iria construir um grande estádio para realização dos jogos decisivos.<sup>71</sup>

Realizar essa competição era uma oportunidade significativa, pois as atenções do mundo estariam voltadas para o Brasil. Este seria o primeiro evento futebolístico a reunir diferentes nações que haviam recém-saído de uma guerra mundial. O esporte era visto como uma das formas de melhorar a imagem destes países, no caso brasileiro, que não foi um dos protagonistas da II Guerra Mundial, o interesse estava voltado para a possibilidade de mostrar um país que acreditava ter um futuro promissor.

Recém-saído da política ditatorial do Governo Vargas, a sociedade brasileira buscava redemocratizar-se, apresentando uma pequena e controlada abertura política e social.<sup>72</sup> Renato Ortiz sintetiza esse momento mostrando que:

A partir dos anos 40, percebe-se a presença de uma série de atividades vinculadas a cultura popular de massa no Brasil. Nas décadas de 40 e 50, o cinema tornou-se, de fato, um bem de consumo, destacando-se filmes americanos que no pós-guerra dominavam o mercado cinematográfico. O rádio, a partir de 1952, sofre uma grande expansão, com a modificação da legislação publicitária permitindo 20% do tempo para a propaganda. A televisão recém-implantada não estava dentro da

<sup>68</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre/Rio Grande do Sul: LPM. 1986. p. 44.

<sup>69</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. **Seleção brasileira 90 anos: 1914-2004**. Rio de Janeiro: Mauad. p. 42.

<sup>70</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista da USP: Dossiê Futebol**. Jun/Jul/Ago. 1994. p. 36.

<sup>71</sup> Estas justificativas estão presentes nos vários autores indicados e também podem ser localizadas no JORNAL DOS SPORTS, em matérias sobre a Copa do Mundo de Futebol, publicadas entre os meses de fevereiro a julho de 1948.

<sup>72</sup> IANNI, Octávio. Populismo e militarismo. In: \_\_\_\_\_. Op cit. p.273

lógica comercial, existiam poucos aparelhos de televisão e somente a partir da segunda metade da década de 1950, agências publicitárias investiram na linguagem do vídeo como recurso comercial... O sonho americano penetrava no Brasil, dando suporte às iniciativas culturais que visavam atualizar o país com relação a modernidade dos centros industrializados. O cosmopolitismo, o romance psicológico, a renovação da linguagem da imprensa, a profissionalização do teatro preocupado com a arte pela arte, o cinema industrializado e o surgimento da televisão são elementos novos do panorama cultural.<sup>73</sup>

A nova sociedade brasileira estava comprometida com o progresso e com o desenvolvimento nacional. Sob a tutela do Estado, renovou espaços urbanos e culturais, como a Avenida Getúlio Vargas, a Copacabana Hollywoodiana e o Aterro do Flamengo. No mesmo sentido, construiu espaços como o Estádio do Maracanã, que foi utilizado pelos cronistas do *Jornal dos Sports* como um dos principais símbolos do esforço popular e da modernidade brasileira do início da década de 50.

Como no Brasil o esporte sempre teve uma forte ligação com o campo político<sup>74</sup>, o que não deve ser entendido como uma mera utilização daquele para obtenção de votos ou promoção da imagem de determinado candidato, pois esta é uma situação mais complexa, que normalmente envolve relações de poder presentes em uma imbricada rede de interdependência. Por isso, ao assumir a Prefeitura do Distrito Federal no dia 6 de Junho de 1947, o General Ângelo Mendes de Moraes procurou resolver as pendências existentes para que pudesse iniciar os trabalhos de construção do estádio.<sup>75</sup> João Máximo mostra que:

Mesmo antes, durante o Estado Novo, Mendes de Moraes sempre estivera com o poder. Apesar de se ter afiliado a ação integralista de Plínio Salgado, ficaria do lado de Vargas por ocasião do *putsch* de 11 de maio de 1938. [...] Amigo de Dutra, para quem trabalhara quando este fora ministro da Guerra, foi por ele nomeado prefeito. Sua primeira medida foi abraçar a causa do estádio.<sup>76</sup>

No dia 8 de agosto de 1947 o prefeito encaminhou uma proposta para a câmara de vereadores, solicitando que fosse feita uma votação para aprovação da construção do novo estádio.<sup>77</sup> Por divergências políticas, Carlos Lacerda, representante da UDN, acabou por contrariar a opinião da maioria dos vereadores, inclusive do seu colega de partido Ary Barroso, que também era favorável à construção do estádio. Esse debate não ficou restrito apenas às tribunas da câmara, pois Ary Barroso passou a utilizar as páginas do *Jornal dos*

<sup>73</sup> ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.51-52.

<sup>74</sup> Um bom exemplo desta situação é a interferência do Governo Vargas para resolver o problema da entidade que iria representar oficialmente o Brasil em competições internacionais. Como São Paulo e Rio de Janeiro, não entravam em um acordo houve interferência do governo que criou a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), para resolver o problema. Cf. CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990. p.38-40.

<sup>75</sup> PERDIGÃO, Paulo. *Op cit.* p.29.

<sup>76</sup> MÁXIMO, João. *Op cit.* p. 30.

<sup>77</sup> JORNAL DO BRASIL. **Prefeito encaminha proposta para a câmara dos vereadores**. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1947. p.6.

*Sports* para relatar o que se passava, enquanto Carlos Lacerda utilizava as páginas do seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, para atacar os seus desafetos.

Devido à divergência de opiniões que pairava na Câmara dos Vereadores, Ary Barroso encomendou para o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) uma pesquisa de opinião. Para os adeptos da construção do estádio, aquela era uma obra do povo, logo, estes deveriam ser escutados. O resultado da pesquisa foi levado a público pelas páginas do *Jornal dos Sports*, o qual divulgou que a enquete foi realizada nos dias 16 e 17 de agosto de 1947 e envolveu 1080 pessoas, das quais 500 eram torcedores de futebol, entrevistados na saída dos estádios cariocas.

Foram feitas várias perguntas, entre as quais estavam questionamentos sobre a necessidade de construir um novo estádio, sobre a localização deste estádio e sobre a disponibilidade para cooperar na concretização da obra. Os resultados da enquete apontaram para as seguintes conclusões: 1) A grande maioria dos entrevistados gostava de esportes variados e principalmente de futebol; 2) O povo desejava que o estádio fosse propriedade do município e não do governo federal. 3) Entendia-se que este estádio deveria ser construído no Derby Clube; 4) A maioria dos entrevistados estaria disposta a fazer algum tipo de sacrifício para ver o estádio terminado.<sup>78</sup>

A amostragem escolhida para a realização dessa pesquisa fornece indícios para se acreditar que houve um voluntarismo, no sentido da necessidade em realiza-la. Entretanto, diante da forma com que foi escolhida a amostragem da pesquisa, encontra-se um misto de ingenuidade e tendenciosidade, pois os entrevistados foram procurados na saída do estádio para falar sobre a importância do futebol. Assim como em outra questão, perguntou-se para os torcedores cariocas se eles queriam que o estádio fosse propriedade municipal ou nacional.

Após um longo período de debates travados na Câmara Municipal e também nos periódicos da cidade, uma resposta positiva foi elaborada pela Câmara dos Vereadores ao prefeito da cidade, mostrando que eles consideravam o esporte mais do que uma diversão para a população. Segundo os vereadores, este significava “uma escola de democracia e fonte de saúde para as massas”.<sup>79</sup> O entendimento de democracia, atribuído ao esporte, indica que por meio dele diferentes pessoas podem se encontrar e realizar atividades sociais em condição de igualdade, o que se torna uma grande vantagem do esporte em

---

<sup>78</sup> BARROSO, Ary. Enquete sobre o Estádio Municipal. Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 19 de agosto de 1947. p.1-6.

<sup>79</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Aprovada a construção do Estádio Municipal**. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1947. p.1. Entretanto o projeto de aprovação para a construção do Estádio só ocorreu em 29 de outubro de 1947.

sociedades hierarquizadas, como a brasileira. Segundo DaMatta, o esporte cria uma sensação de igualdade, mesmo que seja uma sensação momentânea, ela dificilmente acontece em outras ocasiões da vida do brasileiro.<sup>80</sup>

No campo literário, a disputa foi travada pelo *Jornal dos Sports* e o *Jornal Tribuna da Imprensa*, este de propriedade do oposicionista Carlos Lacerda. A campanha criada a favor da construção do Estádio Municipal foi liderada por Mário Filho e contou com a participação de articulistas de grande capital simbólico, tais como: Manuel do Nascimento Vargas Netto, sobrinho de Getúlio Vargas e Presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro; João Lyra Filho, que naquele momento era presidente do Conselho Nacional dos Desportos (CND) e também Secretário de Finanças do Distrito Federal, sendo, inclusive, um dos responsáveis pelo projeto de vendas de cadeiras cativas permanentes do Estádio Municipal, as quais auxiliaram na subvenção dos gastos públicos com o estádio<sup>81</sup>; Geraldo Romualdo da Silva que, além de escrever no *Jornal dos Sports*, era articulista do *Jornal O Globo*, e criou uma campanha buscando mostrar que acreditar no estádio era o mesmo que acreditar no Brasil. Além disso, realizou uma série de entrevistas com diferentes personalidades, tais como: políticos, escritores, jornalistas e pessoas ligadas ao esporte que coadunavam com a sua causa, os quais se dispuseram a participar da campanha publicada no *Jornal O Globo*, intitulada: “E o estádio para a Copa do Mundo?”<sup>82</sup>

Os cronistas do *Jornal dos Sports* utilizaram um fato ocorrido durante a construção do Estádio, como exemplo do sentimento patriótico que acompanhava o povo brasileiro. Esse acontecimento foi protagonizado por um operário chamado Alcebíades de Souza Filho, que se atirou sobre um botijão de gás para evitar que ele explodisse. Quando questionado sobre o motivo de ter tomado aquela atitude, considerada heróica, ele respondeu: “A minha vida valia muito menos do que as outras e o Estádio Municipal muito mais. Francamente pelo estádio eu correria o risco outra vez. O Brasil não pode fazer feio”.<sup>83</sup> Os cronistas exploraram esse fato como símbolo do desejo e da união do povo brasileiro em torno da construção do estádio, para isso elegeram uma pessoa humilde como

---

<sup>80</sup> DAMATTA, Roberto (et all). **Universo do futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.p.39.

<sup>81</sup> Na edição do dia 7 de agosto de 1949, na página 6 o *Jornal dos Sports* apresenta a seguinte matéria: “Sancionado o decreto pelo Prefeito que institui a posse permanente de 5000 localidades mediante o pagamento de 50 mil cruzeiros. Projeto apresentado pelo vereador João Machado e aprovado na câmara municipal. O prefeito general Mendes de Moraes, sancionou a lei número 335”.

<sup>82</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, julho de 1948 (diversos).

<sup>83</sup> JORNAL DOS SPORTS. Ato heróico. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1948, p. 3.

herói, pois ele colocou a sua própria vida em risco a fim de evitar que o seu país fosse prejudicado.

Por outro lado, as críticas e acusações mais severas vieram dos opositores políticos, fundamentalmente, do vereador Carlos Lacerda, o qual propôs, a princípio, que fosse construída uma vila olímpica em Jacarepaguá, mas não obteve êxito, pois os políticos entenderam que a construção do estádio deveria ser feita nos terrenos do antigo Derby. Sendo um dos militantes da causa do estádio, Mario Filho justificou que, de acordo com o novo plano urbanístico, a construção do estádio e das largas vias de acesso a ele, ajudariam a resolver os problemas de enchente que afetavam a maior parte da população que residia nos bairros da Zona Norte, que constantemente sofria com os excessos dos rios Maracanã, Trapicheiro e Joana.<sup>84</sup>



Visão panorâmica do Estádio Mario Filho (Maracanã-1950) e seu entorno. Disponível em [www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br). Acesso realizado em 10/01/08.

Carlos Lacerda e seus colaboradores criticavam a construção do estádio, colocavam em dúvida os valores utilizados e destacavam que o objetivo do investimento era eminentemente político:

---

<sup>84</sup> RODRIGUES, Mario Filho. Benefícios do Maracanã. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1949, p.6.

A inauguração do Estádio Municipal transformada em pantomina de dois atos. O primeiro, hoje, com sr. Dutra cortando a fita simbólica [...] E ainda com o sr. De Moraes discursando e celebrando-se. Fazendo festejado e importante o dia de mais um aniversário de sua gestão. O segundo ato, marcado para amanhã, com revoadas, desfiles, bustos do sr. Moraes, cantorias e futebol de novos. Ninguém contesta, o acontecimento é de extraordinária repercussão. Mas dentro do esporte, para a Copa do Mundo. Desejamos, porém, que a terceira inauguração se faça mais urgente: que a entrega das chaves à seleção seja procedida imediatamente.<sup>85</sup>

O autor busca mostrar que os valores acabaram invertidos, pois para ele o fato mais importante deveria ser a entrega do Estádio, para que o selecionado pudesse treinar e disputar os jogos, como representante legítimo da Nação. Entretanto, os políticos utilizaram esse momento de significativo valor patriótico, para promover e aliar sua imagem a um local de grande significância simbólica. Suas palavras indicam uma mudança de opinião, pois inicialmente este político era completamente contrário à construção do estádio e, agora, se mostrava preocupado com a sua utilização por parte do selecionado nacional. Essa mudança discursiva fornece indícios de que a preocupação de Carlos Lacerda era fundamentalmente política, pouco se preocupando com a relevância social, cultural ou esportiva da construção do Maracanã.

É possível localizar pessoas que também discordavam da necessidade de construir um novo estádio, emitindo a sua opinião a partir das páginas do próprio *Jornal dos Sports*. Como foi o caso do médico Maurício Medeiros, para quem: “... um estádio não era a maior necessidade do povo carioca, que estava carente de hospitais e escolas”.<sup>86</sup> Vargas Netto, passou a utilizar a sua coluna diária intitulada “A Crônica de Vargas Netto”, para contrapor os argumentos apresentados por seu colega:

[...] o conforto que o estádio vai proporcionar ao torcedor vai diminuir a necessidade da construção de tantos hospitais. [...] Não vamos voltar ao velho slogan de que o Brasil é um vasto hospital. O Brasil não é só isso, pessimistas perniciosos! O Brasil também é graça da juventude, da força dos atletas, da musculatura do trabalho, da malícia de um povo que sabe sorrir dos falsos apóstolos!<sup>87</sup>

Todos os tipos de argumentos foram utilizados para convencer os brasileiros sobre a importância do novo estádio, inclusive teses como a de que o estádio poderia substituir ou levar à redução da necessidade de hospitais, o que, do ponto de vista racional pode ser considerado inconsistente, mas de uma força simbólica muito grande, expressando o sentimento e a passionalidade desses indivíduos, ao tratarem deste tema.

<sup>85</sup> ARAUJO NETO, Francisco Pedro de. Inauguração do Estádio Municipal. **Jornal Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1950. p.3.

<sup>86</sup> MEDEIROS, Maurício. Prioridades do Rio de Janeiro. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 01 de junho de 1947. p.4.

<sup>87</sup> VARGAS NETO, Manuel do Nascimento. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 03 de junho de 1947. p.4.

O articulista faz questão de enfatizar que o Brasil não é composto somente por um povo sem saúde, como muitas pessoas afirmavam. Tratava-se de um novo tempo e a juventude era o símbolo deste, em que a identidade brasileira pode ser encontrada na malícia e/ou na saúde do povo. Vargas Netto aproveita a oportunidade e representa os atributos do que ele acreditava serem elementos presentes na identidade do povo brasileiro.

Havia por parte dos brasileiros, desportistas ou não, uma grande preocupação com o ritmo das construções. Como demonstra o engenheiro francês Pierre Barasi:

[...] parece que o Brasil não compreendeu a importância da realização de Coup du Monde. Acreditamos que boa vontade não falte para que seja dada justo valor ao certame, mas a distância entre projeto e realidade ainda não foi superada [...] vamos deixando para última hora, quase que para provar a capacidade de improvisação tão ao gosto da terra. [...] vamos ter o maior estádio do mundo e parece que será o consolo para um desastre que não deve estar fora de cogitações.<sup>88</sup>

Este posicionamento aponta uma das características do brasileiro, que já havia sido expressa por Gilberto Freyre na década de 30, ao mostrar que o improviso era um dos elementos essenciais da identidade nacional.<sup>89</sup> Se, no campo esportivo, improvisar significa utilizar a criatividade para resolver uma situação adversa, no campo social esta atitude muitas vezes é vista como falta de organização, sendo, por isso, considerada uma atitude que deveria ser superada.

Observando a história do estádio foi possível constatar que, na data de inauguração, o Maracanã estava em perfeitas condições de jogo, sendo considerado o maior e mais moderno estádio de futebol do mundo, como demonstra José Lins do Rego em uma de suas crônicas, na qual ele relata uma conversa com um dos dirigentes do futebol carioca:

[...] os ingleses não ficaram de queixo caído, mas ficaram de boca aberta ao visitar a construção do Maracanã. Carlito Rocha disse: Seu José Lins, diante disto eu me sinto mais brasileiro. Esta obra orgulha-nos, faz-nos acreditar no Brasil. As obras do Estádio demonstram de verdade, a capacidade de nossos engenheiros e administradores ... E quando um inglês abre a boca de admiração é porque a coisa é mesmo para abafar.<sup>90</sup>

Esta passagem é bastante significativa, porque toma como referência para a análise, o povo inglês que, além de todo o capital simbólico apresentado como inventor do futebol, é referido como um povo de hábitos refinados, berço do mundo civilizado. Dessa maneira o autor segue o projeto estabelecido pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, por meio do qual, o estádio havia sido escolhido como um dos símbolos do Brasil moderno, o que é

<sup>88</sup> SERRAN, Ricardo. Sonho e realidade na formação do Scratch. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1949, p. 6.

<sup>89</sup> FREYRE, Gilberto. Diário de Pernambuco, 8 de junho de 1938. In: FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. p.421-425.

<sup>90</sup> REGO, José Lins. O Estádio e os ingleses. Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 2 de junho de 1949, p.5.



justificado pelo primeiro ao relatar que, se os ingleses se impressionaram com a grandeza do estádio, é porque este realmente era um monumento da modernidade. Isso foi utilizado como uma grande oportunidade para o fortalecimento da nação. Os cronistas defendiam que, apenas com união e trabalho de todos os brasileiros, seria possível mostrar ao restante do mundo como era a nossa realidade e o que se poderia esperar deste país para o futuro, ou seja, os europeus descobririam e se surpreenderiam com a capacidade do povo brasileiro.<sup>91</sup>

Lins do Rego ainda chama a atenção para o reforço da idéia de identificação do povo com o estádio, o qual, na representação do cronista, havia se tornado capaz de fazer o brasileiro sentir-se orgulhoso do seu país. O *Jornal dos Sports* constantemente reforçava essa idéia de ligação entre o estádio e o povo brasileiro: “[...] o Estádio Municipal empreendimento de feição e características eminentemente populares, constituirá um dos grandiosos ornamentos da metrópole”.<sup>92</sup> O periódico destacava que havia sido uma obra construída por 10 mil operários que saíram do meio do povo e se dedicaram dia e noite para que, em 665 dias de trabalho, fosse entregue o monumento de concreto armado.<sup>93</sup>

A significância do Maracanã para a cultura política daquele momento pode ser percebida através das indicações apresentadas por Proni<sup>94</sup>, quando este mostra que o Governo Federal foi o maior financiador da construção desse estádio, que levou dois anos para ser construído e se tornar o maior estádio de futebol do mundo. Essa construção monumental, além de mostrar a importância do futebol na sociedade brasileira, apresentou uma conotação simbólica, por meio da qual o governo Getulista apresentou para as outras nações a potencialidade brasileira que estava aflorando, ou seja, buscava-se representar através de lugares e atitudes, que o Brasil era um país emergente. Como indica Mario Filho: “O Estádio Municipal crescia. Estaria pronto para o campeonato do mundo de 50. Ia ser, longe, o maior estádio que já se construía na face da Terra. Para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol. A paixão de um povo”.<sup>95</sup>

Organizar e vencer a Copa do Mundo era uma forma de mostrar ao mundo que o Brasil estava no caminho certo. Para os cronistas, esta era a oportunidade de difundir a imagem idealizada do país, pois:

---

<sup>91</sup> A partir do ano de 1947, os cronistas do *Jornal dos Sports* dão um grande destaque para a realização da Copa do Mundo, uma leitura deste periódico vai mostrar que os cronistas se revezavam para tratar deste tema, evitando que ele caísse no esquecimento, ao mesmo tempo em que eles destacavam os valores nacionais.

<sup>92</sup> JORNAL DOS SPORTS. *Cadeira cativas*. Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1950, p. 1.

<sup>93</sup> MÁXIMO, João. *Op cit*. p.93

<sup>94</sup> PRONI, Marcelo W. *Op cit*. p.39.

<sup>95</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p.280.

[...] o nosso caso era com a Europa, talvez nos irritasse a indiferença da Europa. Não propriamente pouco caso, mas ignorância do Brasil. Qualquer coisa que parecesse chamar a atenção da Europa, que parecesse obrigar a Europa a nos olhar, provocava em todos nós um prazer quase pecaminoso. No fundo admirávamos a Europa. E porque a admirávamos e ela nem nos olhava, tomávamos as nossas vinganças. Tínhamos poucas oportunidades de mostrar força. Mas se aparecia uma não deixávamos fugir.<sup>96</sup>

Esta passagem sintetiza a idéia do recalque brasileiro, principalmente em relação aos países desenvolvidos, algo que não era exclusividade do campo esportivo, pois havia sido manifestado nos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira. Entretanto, existia uma grande indignação, especialmente por parte dos cronistas esportivos, que não entendiam como os europeus podiam ignorar um país que apresentava o melhor futebol do planeta. É interessante que o Brasil não havia vencido nenhuma competição significativa que permitisse ao povo sentir-se orgulhoso do futebol do seu país.

Alguns cronistas do *Jornal dos Sports* tentavam criar um imaginário vitorioso, destacando as possíveis qualidades do jogador brasileiro, justificando que o futebol nacional era melhor porque era mais bonito, era plástico, era diferente. Posicionamento que havia sido utilizado por Gilberto Freyre na década de 30 e que foi re-utilizado por literatos como Nelson Rodrigues – que satiriza a situação ao mostrar que, quando o jogador brasileiro entrava em campo, o torcedor europeu “babava na gravata”.<sup>97</sup>

Vários cronistas esportivos do Rio de Janeiro desejavam ver o Brasil em um lugar destaque. Como os resultados dentro de campo não permitiam que isso ocorresse, eles utilizavam as suas crônicas diárias para relatar as belezas naturais, a geografia privilegiada, a alegria das pessoas...<sup>98</sup> Argumentos usados para justificar o fato de que o futebol brasileiro era diferente, mais solto, mais bonito, em última instância, melhor. Nos meses que antecederam a Copa do Mundo de 1950, as crônicas divulgadas no *Jornal dos Sports*, buscavam mostrar que esse evento poderia significar a primeira vitória concreta da Nação Brasileira, frente ao restante do mundo.

Contudo, antes da disputa, em campo, fazia-se necessário provar que os brasileiros eram capazes de organizar o campeonato, caso contrário, só restaria confessar a falta de capacidade do povo brasileiro e transferir para outro país a responsabilidade e a honra de

<sup>96</sup> RODIGUES FILHO, Mario. O que falta ao sistema Zezé Moreira. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 19 de maio de 1954. p. 5.

<sup>97</sup> Expressão cunhada por Nelson Rodrigues para expressar um sentimento de admiração extrema, que impossibilita o controle dos órgãos fisiológicos a ponto do indivíduo não conseguir fechar a boca. Em outros momentos ele utiliza esta metáfora para expressar um sinal de irracionalidade e para isto ele acrescenta a presença de animais como a vaca.

<sup>98</sup> MÁXIMO, João. **Maracanã**: meio século de paixão. São Paulo: DBA, 2000. p. 20-21.

sediá-lo.<sup>99</sup> Os brasileiros estavam se dedicando e buscando cumprir todas as exigências estabelecidas pela FIFA, mas acabavam não desenvolvendo a contento algumas situações. Como por exemplo, o processo de divulgação dos preparativos para a Copa do Mundo. É o que indica um repórter francês do *Jornal L'Equipe*, considerado o maior jornal esportivo do mundo, na época:

A não ser no setor de propaganda, creio que os trabalhos vão indo em um ritmo normal. A CBD poderia perfeitamente fazer um convite a cinco ou seis jornalistas europeus para que viessem ao Brasil assistir aos preparativos do selecionado, a fim de constatar o progresso e isto seria uma propaganda imensa para o campeonato do mundo. Para o jornalista, isto é muito mais proveitoso que os gastos com cartazes. Isto despertaria na Europa interesse não só pela Copa mais pelo país, cujo progresso merece ser reconhecido no resto do mundo.<sup>100</sup>

Este jornalista ficou surpreso com o progresso encontrado no Brasil, o que reforça a tese de desconhecimento do país por parte dos europeus. Para o jornalista francês, os brasileiros não tinham a dimensão correta da importância de sediar uma Copa do Mundo, realizando, internamente, grande propaganda sobre a construção do maior estádio de futebol do mundo, quando esta imagem precisava e devia ser levada para o exterior, tendo em vista que um dos principais objetivos dos organizadores do Mundial era fazer com que houvesse uma descoberta do Brasil por parte do europeu.<sup>101</sup>

O tempo estava ficando escasso para que a CBD conseguisse dar conta de todas as exigências estruturais. Enquanto isso, a FIFA seguia cumprindo o seu cronograma administrativo e, no dia 17 de janeiro de 1949, em Genebra, a comissão organizadora da IV Copa do Mundo de Futebol, realizou o sorteio dos grupos para as eliminatórias. O Brasil, como país sede, e a Itália, como detentora do título da última Copa, estavam automaticamente classificados.<sup>102</sup>

As eliminatórias ocorreram em diversas partes do mundo, entre os dias 02 de junho de 1949 e 30 de abril de 1950, envolvendo 33 países, dos quais 16 conquistaram o direito de participar da etapa final da Copa do Mundo. Em 1949, a FIFA possuía 49 países filiados, dos 16 países classificados, Escócia, Turquia e Índia não compareceram, ficando, portanto, reduzidas a 13 equipes participantes.

Entre as equipes com significativo retrospecto, que não haviam confirmado a participação, estavam a Alemanha – ainda se recuperando dos estragos decorrentes da

<sup>99</sup> JORNAL DOS SPORTS. **A melhor propaganda do País**. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1947. p. 6.

<sup>100</sup> KEIMAN, Levy. Falta de propaganda. Rio de Janeiro: **Revista Esporte Ilustrada**, 2 de março de 1950. p. 11.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

<sup>102</sup> MAZZONI, Thomaz. Definido o calendário das eliminatórias da Copa do Mundo. São Paulo: **Gazeta Esportiva**: 19 de janeiro de 1949. p.3.

guerra – e a Hungria – que justificou ser muito distante o continente sul-americano. Durante a organização do campeonato, inúmeros percalços tiveram que ser superados, entre os quais, destaca-se a desistência de várias equipes; começando pela Argentina, que estava com as relações rompidas com a CBD, desde os incidentes acontecidos no Sul-Americano de 1946.<sup>103</sup>

Além disso, a AFA enviou um comunicado à CBD, informando que não iria comparecer à Copa do Mundo, devido à existência de problemas internos. A *Revista Esporte Ilustrado* indica que: “Foi uma verdadeira bomba a notícia de que a Argentina não comparecerá a Copa do Mundo”.<sup>104</sup> Mas, segundo os cronistas do *Jornal dos Sports*, a atitude poderia ser vista como uma forma de retaliação à vitória brasileira como sede da Copa do Mundo.<sup>105</sup> Fato este retratado na crônica de José Lins do Rego:

Precisamos não dar muita importância a campanha de descrédito que certa imprensa argentina vem fazendo contra a “Copa do Mundo”. Há em todo este barulho uma espécie de dor, muito conhecida, ou uma doença de especialidade do Dr. Freud. Desde que não pode ser o primeiro, o vaidoso se rói de inveja e passa do despeito ao insulto. Muitas vezes, chegam ao crime e aí se degradam ao mais baixo na vida. Por tudo isto, vamos silenciar, vamos deixar que o doente sofra as suas dores. São dignos de dó, lá isto são, e como não somos curandeiros ou especialistas, que se danem com suas iras<sup>106</sup>.

Se, para parte da imprensa, a ausência da Argentina foi alvo de surpresa, para os cronistas do *Jornal dos Sports* esta atitude foi encarada como algo normal, tendo em vista os últimos acontecimentos esportivos que tinham envolvido estes dois países. Primeiramente, os incidentes do Sul-americano realizado na Argentina e, logo a seguir, a vitória brasileira junto à FIFA, para sediar o IV Campeonato do Mundo. A ausência da Argentina no mundial estava dentro de uma tensa disputa de poderes que envolvia dois dos principais países sul-americanos. O historiador Gilberto Agostino, relata que:

As turbulências políticas envolvendo o movimento grevista dos jogadores, assim como a ruptura das seleções futebolísticas com o Brasil, levou a seleção da Argentina a não participar do Sul-Americano de 1949, disputado no eixo Rio de Janeiro- São Paulo, e também na IV edição da Copa do Mundo. O presidente da AFA, Valentin Suárez, fora aconselhado pelo governo a não participar do Mundial de 1950, pois temia-se que os êxitos esportivos que vinham caracterizando a Era Perón fossem manchados por uma performance desastrosa em gramados brasileiros.<sup>107</sup>

<sup>103</sup> Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. Op cit. p.41.

<sup>104</sup> KLEIMAN, Levy. Era uma vez o futebol argentino. Rio de Janeiro: **Revista Esporte Ilustrado**, 26 de Janeiro de 1950, p.11.

<sup>105</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Dirigentes do nosso futebol apreciam a atitude da Argentina**: não surpreendeu a decisão. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1950. p. 6.

<sup>106</sup> REGO, José Lins do. **Que se danem. Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1950. p. 5.

<sup>107</sup> AGOSTINO, Gilberto. Nós e ellos, nosotros y eles – Brasil X Argentina. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes - Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.77.

Na análise dos acontecimentos esportivos/futebolísticos, os mitos aparecem a cada instante, influenciando a forma que se representam os fatos, muitas vezes, substituindo a própria realidade. Esta parece ser uma das características dos governos populistas, que, através da propaganda, forjam um projeto de sociedade unida e harmônica, que acaba sendo reproduzida pelos meios de comunicação de massa e que, neste caso, também foi reproduzida por Agostino, ao reduzir a não participação argentina a um aspecto político-funcional do peronismo.

O livro de Maria Helena Capelato mostra que, na Argentina de Perón, não havia espaço para reivindicações democráticas, logo, a greve esportiva, provavelmente, teve como resposta ações governamentais enérgicas, como as que ocorriam com qualquer ação social contrária à proposta apresentada pelo Estado.<sup>108</sup> Nesse sentido, torna-se questionável a não participação da seleção argentina, pelo fato da preocupação dos dirigentes esportivos com a imagem que uma possível derrota poderia ocasionar ao governo. Parece-nos mais lógico, que os diferentes fatores tenham contribuído para a ausência deste país.

Na disputa entre brasileiros e argentinos, a crônica esportiva assumiu alguns posicionamentos críticos, fomentando a querela e defendendo os interesses dos respectivos países. Uma situação inusitada foi protagonizada pelo jornal argentino *El Laborista* que, supostamente, havia denunciado algumas experiências realizadas no Brasil, feitas com uma mistura de ervas que seria utilizada para dopar os jogadores brasileiros e, dessa maneira aumentando o rendimento atlético. Em pouco tempo, os jornais brasileiros desmentem essas acusações, revelando que as ervas citadas possuíam, no máximo, propriedades afrodisíacas.<sup>109</sup>

Esse episódio pitoresco serve como referência para que se possa perceber a dimensão com que o confronto, inicialmente acontecido por situações esportivas, transcendeu este campo, adentrando nos hábitos culturais desses dois países. Nesse acontecimento apresentado pelo *Jornal dos Sports*, aparece, de forma subliminar, uma tentativa argentina de apresentar respostas para uma suposta superioridade do futebol brasileiro, ao passo que tentava desqualificar o jogador brasileiro ao mostrar que aquele rendimento apresentado em campo não era natural e legal. Os cronistas do *Jornal dos Sports* lamentaram a falta de ética dos seus colegas jornalistas e aproveitaram a oportunidade, para valorizar as riquezas naturais presentes na Amazônia e no Brasil.<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

<sup>109</sup> MOURA, Gisella de Araújo. Op cit. p.55.

<sup>110</sup> JORNAL DOS SPORTS. **As ervas da vitória**. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1949. p.2.

Outro problema acontecido durante os preparativos para a Copa do Mundo, refere-se à participação do selecionado uruguaio, que, por questões legislativas, a Associação Uruguaia de Futebol (AUF) chegou a ameaçar não disputar as eliminatórias da Copa do Mundo. A entidade, como representante máxima do futebol portenho, não concordava com a indicação feita pela FIFA, mostrando que na eliminatória sul-americana deveria ser realizada somente uma partida entre as equipes do Uruguai, Peru e Paraguai, resultando na equipe que conquistaria direito à vaga Sul-Americana. Para os representantes da FIFA, as eliminatórias estavam sendo realizadas muito próximas do início do campeonato mundial e, por isso, só haveria tempo para a realização de um único jogo. Entretanto, a CBD intercedeu, junto à entidade máxima do futebol mundial, solicitando que fossem realizados dois jogos.<sup>111</sup>

O Uruguai só participou da Copa, porque a CBD interveio junto à FIFA, que decidiu manter a realização de dois jogos na fase classificatória. Desse modo, o grupo sul-americano foi, inicialmente, formado em chave única, composto por quatro equipes – Uruguai, Paraguai, Peru e Equador. Conforme previa o regulamento, os dois melhores colocados deste grupo estariam classificados para a fase final da competição. Depois de tudo definido, as equipes do Peru e do Equador, oficializaram suas desistências, o que, automaticamente, classificaria as outras duas equipes para a fase final da competição.

Quase que diariamente, o *Jornal dos Sports* publicava uma notícia sobre uma equipe que ameaçava não comparecer a etapa final da competição:

Após a Argentina, irá também a Itália renunciar a participação no Campeonato Mundial de Football? É o que nos faz temer um artigo publicado pelo “Corriere dell Sport”, sob assinatura de Ottorino Barassi presidente da Federação Italiana de Football. Nesse artigo, Barassi salienta que os jogadores italianos, viajando de navio e não por via aérea, não poderão chegar ao Rio de Janeiro, senão dois ou três dias antes do início da disputa da Copa do Mundo, enquanto lhes era preciso duas semanas no mínimo para a aclimação. Nessas condições – conclui Barassi – seria melhor renunciar.<sup>112</sup>

Respeitava-se esta justificativa dos dirigentes italianos, mas para os cronistas brasileiros, a Itália estava tentando arrumar uma desculpa para não participar do Mundial, pois, desde 1949, quando ocorreu o acidente aéreo envolvendo a equipe do Torino, que servia como base para a seleção Italiana, o futebol catalão não havia se recuperado e, por

---

<sup>111</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Um único grupo nas eliminatórias Sul-Americana.** Rio de Janeiro, 13 de abril de 1950. p. 3.

<sup>112</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Estranhas considerações do Sr. Barassi em Roma.** Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1950. p. 1.

isso, buscavam um motivo para evitar um novo fracasso no Brasil.<sup>113</sup> Mas, de acordo com *O Jornal*:

[...] aqui no Brasil, ninguém dava bola para as ausências, a não ser, evidentemente, os dirigentes da CBD, sempre preocupados com um fracasso financeiro. O torcedor, o povão, só pensava mesmo era na nossa seleção, cujos treinos começaram com uma antecedência de quatro meses antes da estréia<sup>114</sup>.

Este posicionamento não reflete o sentimento que se apresentava em grande parte da sociedade e dos meios de comunicação, pois havia uma preocupação com o *scratch*, mas, acima de tudo, havia uma preocupação com a organização brasileira e isto era manifestado, principalmente, pelos cronistas do *Jornal dos Sports*. Estes trabalhavam constantemente com a tensão criada entre a esperança e a possibilidade de frustração, estimulando o torcedor brasileiro a se envolver com o evento, principalmente ao publicar matérias que demonstravam a possibilidade de não realização da Copa do Mundo no Brasil:

Notícia telegráficas vindas de Londres revelam que o Dayli Telegraph publicou uma notícia sensacional, dizendo que é possível que o Campeonato do Mundo não seja disputado no Brasil neste ano. [...] o motivo apresentado justificando esta afirmação focaliza as dificuldades do Brasil em matérias cambiais estrangeira. [...] Quando o Brasil assumiu o compromisso de promover a disputa do maior certame internacional de football, sabia das obrigações e deveres que contraia para garantir todos os requisitos regulamentares. [...] em novembro houve um pedido ao CND, a fim de fazer face as obrigações da Confederação Brasileira como promotora do campeonato, para com as entidades participantes, o prazo encerra-se hoje.<sup>115</sup>

Sobre este episódio, o *Jornal dos Sports* relata que o presidente da CBD já estava providenciando a resolução dessa pendência, a qual, até o final da tarde, estaria resolvida. Na ocasião ocorreu uma valorização do Estado e também do presidente da entidade, que são apresentados como pessoas de grande competência: “o presidente Dutra atendeu as solicitações da CBD, autorizando o pagamento da quota dos 16 finalistas da Copa, informação que foi prontamente enviada para a FIFA”.<sup>116</sup>

Entre as equipes participantes do mundial, a grande novidade era o selecionado inglês, que pela primeira vez resolveu participar dessa competição. Vários e diferentes foram os motivos atribuídos para essa inusitada e importante adesão dos inventores do

<sup>113</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Os problemas da seleção italiana**. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1950, p.3 e 6.

<sup>114</sup> O JORNAL. **O que importa é o Brasil**. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1949, p.1 e 3.

<sup>115</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Nenhum perigo a Copa será no Brasil**. Rio de Janeiro, 1 de abril de 1950. p. 1 e 6. Para Moura este fato era decorrente da falta de informações na Europa sobre a competição, esta autora indica que o valor a ser enviado era de CR\$ 4 milhões. Cf. MOURA, Gisella de Araújo. Op cit. p.56.

<sup>116</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Nenhum perigo a Copa será no Brasil**. Rio de Janeiro, 1 de abril de 1950. p. 1 e 6.

futebol, na competição que vinha se consolidando como a mais importante do planeta, para esse esporte. Segundo Giulianotti, inicialmente os britânicos fizeram pouco-caso das iniciativas lideradas pelos franceses para estabelecer um corpo diretivo ao futebol mundial; as quatro associações inglesas abandonaram a FIFA duas vezes na década de 20 e não levaram a Copa a sério, até a década de 60. Ainda de acordo com esse autor, esta atitude fez com que os ingleses perdessem muito poder dentro da estrutura do futebol mundial.<sup>117</sup>

Como a Inglaterra tinha sido um dos protagonistas na II Guerra Mundial, é possível acreditar que a sua participação estava ligada à tentativa de recuperação de uma imagem civilizada e, neste aspecto, o futebol havia se tornado um importante instrumento para a divulgação da cultura britânica do pós-guerra:

O ano de 1950 foi a encruzilhada de uma revolução que parece virá salvar o futebol inglês. Naquele ano já que um tanto refeita dos sofrimentos da guerra a Inglaterra sonhara ter um prestígio futebolístico jamais exposto, resolvia descer do trono. Alistou-se na Copa do Mundo, classificou-se em eliminatórias enganosas e embarcaram para o Rio de Janeiro, onde concedia honra de disputar o título universal com os seus súditos de Futebol. [...] enquanto tomavam banho de sol e comiam desregradamente os outros se preparavam. Resultado os norte-americanos venceram.<sup>118</sup>

Esta visão romanceada sobre a participação dos atletas ingleses é contraditória à imagem criada para cultura britânica, que sempre serviu como referência para os outros países. Além disso, cronistas do próprio *Jornal dos Sports*, mostravam outros aspectos relativos à pífia participação e desempenho da seleção inglesa na Copa do Mundo. De acordo com Vargas Netto, o problema foi a falta de experiência da Inglaterra em competições internacionais, tendo em vista que durante muito tempo os britânicos ficaram restritos à sua realidade interna, praticamente desconhecendo a forma com que os outros países se preparavam e evoluíam no jogo que eles haviam sistematizado.<sup>119</sup>

É interessante o modo como os cronistas relatam os fatos que envolvem os jogadores ingleses. Mesmo em situações adversas, os literatos apresentam grande admiração nas atitudes, no comportamento e na cultura britânica. Um exemplo pode ser visto nas possíveis causas expressas pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, para justificar a derrota britânica:

Quando os espanhóis começaram a bater a esfera para fora do gramado fazendo “cera” e não se preocupando em repô-la em jogo, os ingleses iam correndo buscar a pelota e entregavam na mão dos

<sup>117</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês**. In: História, questões & debates. Curitiba, PR: Ed. UFPR, ano 20, n.39, jul./dez. 2003. p. 47.

<sup>118</sup> BARRETO, Luiz Carlos. New Look Inglês. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1958. p. 9.

<sup>119</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Nem tanto, nem tão pouco. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1954. p. 5.



adversários. Essa atitude ganhou a simpatia da torcida brasileira, que passou a aplaudir os ingleses e a vaiar os ibéricos<sup>120</sup>.

A crônica tira o foco dos aspectos negativos, que seria o resultado adverso da Inglaterra, e destaca o aspecto considerado civilizado, representado pela atitude dos jogadores ingleses em irem buscar a bola e entregar aos adversários. Esse tipo de atitude deveria ser visto como algo natural, quando realizado pelos atletas de uma equipe que está perdendo o jogo, em um esporte determinado pelo tempo automático. Ou seja, para a equipe que está atrás no placar de jogo, cada segundo é muito importante, por isso, colocar a bola em jogo o mais rápido possível é uma atitude coerente com a lógica de funcionamento do futebol, o que não necessariamente significa um sinal de civilidade, como destacaram os cronistas.

Havia na crônica esportiva toda uma preocupação com a imagem de países, como a Inglaterra, e também com a forma como os europeus viam o Brasil, pois para muitos destes, aqui existia apenas um país agrícola, cheio de matas, índios e jacarés; povoado por mestiços de pouca cultura, que, no entanto, conseguiam viver em harmonia com a população branca. Essa imagem de primitivismo, atribuída ao Brasil, fica evidenciada em dois episódios envolvendo jornalistas europeus que estiveram presentes no país, durante a realização da Copa do Mundo, e enviaram matérias para as suas respectivas pátrias, retratando a sua visão sobre o Brasil.

O primeiro deles foi um jornalista francês, correspondente do *Jornal L'Equipe*, que havia escrito sobre a presença de animais selvagens, florestas e comportamento incivilizado de grande parte da população brasileira. Sendo, o jornalista, fortemente contestado pelo escritor José Lins do Rego, ao responder que: “Estamos diante de um miserável que a pretexto de criticar, outra coisa não faz que servir a uns instintos de moleque ordinário de valise, ruim de língua de trapo”.<sup>121</sup>

Na mesma linha de argumentação, um jornalista inglês chamado Macadan, escreveu para Londres relatando que a 10 minutos do hotel em que estavam hospedados os jogadores ingleses, era possível encontrar uma floresta virgem e ver pegadas de crocodilos junto aos brejos e bananeiras selvagens. Indignado com tal descrição, Vargas Netto escreveu em sua crônica que:

Nem como literatura de ficção presta! Ora, floresta virgem a 10 minutos de Copacabana? Seria até engraçado se não fosse desonesto e feito para quem ignora com toda aquela esplêndida e arrogante

---

<sup>120</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Vitória dupla. Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 4 de Julho de 1950, p. 5.

<sup>121</sup> REGO, José Lins do. Que se danem. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1950, p. 5.

ignorância européia! Fique sabendo seu calçamento de segunda classe: justamente o mal do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro foi a destruição de tudo que era selva. Inclusive a floresta virgem, permitindo a erosão nas terras que tornaram pobres. Os próprios índios eram melhores do que muitos visitantes, aqueles poderiam ser ingênuos e primários, mas eram distintos nos costumes e verdadeiros nas palavras.<sup>122</sup>

A visão romântica do literato brasileiro demonstra que o processo de modernização do país resultou em uma devastação das nossas riquezas naturais. Se durante décadas considerou-se que derrubar árvores, acabar com as matas e civilizar o índio eram atitudes modernizadoras, o autor mostra que tudo isso trouxe prejuízos geográficos e culturais, uma vez que, mesmo com toda a ingenuidade do índio, era possível encontrar nele uma pessoa honesta. Diferente do que acontecia entre os indivíduos que se diziam civilizados, embora não fossem capazes de aceitar a realidade que estava a sua frente, na qual havia um país buscando superar o subdesenvolvimento e, para tal, estava se modernizando. Desse modo, de acordo com os cronistas, a visão retratada pelos jornalistas há muito tempo já havia sido suplantada.

Esse discurso revela a indignação dos literatos brasileiros frente à imagem apresentada por correspondentes estrangeiros. Fato este que transcendeu as páginas dos jornais e foi relatado durante o 1º Encontro Mundial de Cronistas Esportivos, realizado durante a Copa do Mundo. O jornalista brasileiro Indaleto Mendes, em uma das reuniões desse grupo, realiza um protesto formal e propõe um voto de repúdio pela atitude dos dois jornalistas, os quais deveriam, ao menos, se retratar com os brasileiros – proposta aceita por todos os participantes.<sup>123</sup>

Enquanto os administradores buscavam resolver todas as pendências organizacionais, os dirigentes da CBD já haviam feito a convocação dos atletas com aproximadamente três meses antes das disputas. Os jogadores se apresentaram no Rio de Janeiro e de lá embarcaram para Estância Hidrotermal de Araxá, em Minas Gerais, onde foram recepcionados com muita festa no dia 27 de março de 1950, sendo, inclusive, declarado feriado municipal.<sup>124</sup>

Preocupados com o nível de saúde dos jogadores, a primeira atitude tomada pela comissão técnica, ao chegar em Araxá, foi fazer com que:

---

<sup>122</sup> VARGAS NETTO, Manuel. Brasil a floresta de Macadan. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1950, p. 5.

<sup>123</sup> JORNAL DOS SPORTS. **I Congresso Mundial de Cronistas Esportivos**. Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1950, p. 6.

<sup>124</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Festa na recepção do Scratch em Araxá**. Rio de Janeiro, 29 de março de 1950, p. 1

Todos os jogadores passassem pelos exames de raio x, do coração e pulmão, vários jogadores ainda não se encontram em perfeitas condições físicas, conseqüência dos últimos jogos [...] necessitando de mais repouso, receberam ordem geral de se popuparem. Teve início a pesagem dos atletas que será repetida diversas vezes para que se possa controlar o peso ideal dos jogadores<sup>125</sup>.

Após alguns exames, os dirigentes perceberam que o mais importante para os jogadores era descansar, tendo em vista a maratona de jogos dos quais eles participavam pelos seus clubes. O técnico Flávio Costa estava preocupado com a questão do descanso e alimentação dos atletas, pois alguns deles tinham propensão para engordar: “[...] os cracks propensos a engordar – Bigode, Noronha, Santos, Barbosa, Castilho e Juvenal, estão entre os jogadores que precisam de cuidados especiais”<sup>126</sup>.

Os treinos individuais e coletivos em Araxá, foram realizados sob um clima de serenidade e de busca da conscientização dos jogadores sobre a responsabilidade em representar o seu país. O *Jornal Tribuna da Imprensa* mostra que, logo após um dos primeiros treinos, o técnico Flávio Costa dirigiu-se aos jogadores “fazendo uma calorosa advertência sobre a necessidade de tudo dedicarem ao êxito do Brasil no campeonato mundial e para isto contava com a disciplina e dedicação de todos”.<sup>127</sup> Percebe-se que, além da preocupação técnica do jogo, era imperativo que todos os jogadores se dedicassem ao máximo para que o seu país pudesse ter sucesso.

Em entrevista ao *Jornal dos Sports*, Flávio Costa, que havia retornado da Europa e assistido, em especial, ao jogo Inglaterra 1 X 0 Escócia, afirma que:

São magníficos os britânicos. Que perfeição, harmonia absoluta nos passes, segurança na defesa e infiltração dos atacantes, simples, porém das mais eficientes. [...] Cheguei a conclusão de que se torna necessário rigoroso preparo psicológico dos nossos scratchmen. Mostrar-lhe a realidade dos fatos e sobretudo a nossa grande responsabilidade.<sup>128</sup>

Seguindo o planejado, o período de recuperação dos atletas em Araxá foi até o dia 23 de abril (aproximadamente um mês), pois, no dia seguinte, a equipe retornou ao Rio de Janeiro, onde realizaria testes técnicos e táticos contra a equipe do Uruguai, pela Copa Rio Branco. Ao mesmo tempo, a equipe reserva jogaria contra o selecionado paraguaio pela de Taça Osvaldo Cruz.

O primeiro jogo, realizado pela Copa Rio Branco, aconteceu no Pacaembu, no dia 6 de maio de 1950, ocasião em que a equipe brasileira foi derrotada pelo selecionado

<sup>125</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Preparação do scratch brasileiro**. Rio de Janeiro, 27 de março de 1950. p.3.

<sup>126</sup> COSTA, Flávio. Necessidades de cuidados especiais. **Entrevista concedida ao enviado especial do Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12 abril de 1950. p.6.

<sup>127</sup> Tribuna da Imprensa. **Primeiro treino do selecionado brasileiro**. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1950, p.10.

<sup>128</sup> COSTA, Flávio . Urge o preparo psicológico dos scratchmen brasileiros. **Entrevista realizada com Geraldo Romualdo**. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1950. p. 1 e 6.

uruguaio por 4X3. Thomaz Mazzoni, um dos principais cronistas do jornal *Gazeta Esportiva de São Paulo*, que também escrevia para o *Jornal dos Sports*, assinando as suas crônicas com o pseudônimo de Olympicus, relata que o resultado não fora positivo, mas a aprendizagem sim:

Que aceitem este castigo e essa lição para tirarem bom proveito, e que não caiam novamente no erro de perdoar a fraqueza do adversário, de se julgarem vencedores da partida só porque fizeram um bonito goal de saída! Não, meus caros amigos, com essa mentalidade não poderemos vencer o campeonato do Mundo.<sup>129</sup>

Para Olympicus, o jogo teria cumprido com o seu papel, que era preparar o selecionado para a Copa do Mundo e isso acabou acontecendo, graças à derrota, atribuída ao excesso de confiança da equipe, que não soube se impor diante de um adversário mais fraco tecnicamente. Esse não poderia ser o pensamento de um país que busca se tornar campeão mundial. Para Mario Filho, o que faltou para o jogador brasileiro foi o espírito de luta – “Não houve espírito de recuperação [...]. Apagaram-se os nossos quando os uruguaios assumiram a chefia do placard”.<sup>130</sup>

No dia sete de maio de 1950, o chamado “scratch B”, composto pelos supostos jogadores reservas do selecionado nacional, enfrentou, em São Januário, a equipe do Paraguai, vencendo por 2X0 o primeiro jogo da Taça Rio Branco. Para Mario Filho, o espírito de luta que faltou para os jogadores em São Paulo, não faltou para os suplentes do selecionado que atuaram no Rio de Janeiro. O autor esperava que o ocorrido em São Paulo servisse de aprendizagem para todo o selecionado brasileiro, pois o empenho apresentado nesta partida teria que ser algo constante, caso o Brasil almejasse chegar ao título máximo da Copa do Mundo.

O segundo jogo da Copa Rio Branco, envolvendo as seleções do Brasil e do Uruguai, ocorreu no dia 14 de maio de 1950, no estádio de São Januário, praticamente dois meses antes da data do jogo final da IV Copa do Mundo. Neste jogo, o selecionado brasileiro venceu por 3X2, mas a atuação do *scratch* não convenceu torcedores nem cronistas:

Mesmo vencendo o melhor scratch uruguaio dos últimos anos, os brasileiros não recuperaram a confiança do público. [...] Assusta-me a gordura de um Juvenal. Acho difícil voltar ao melhor peso em um mês. Assusta-me a inatividade de Augusto, que segundo Flávio Costa é o jogador que mais dificilmente entra em forma. Além disso, o jogo mostrou um Santos (Nilton Santos) pesado, lutando contra os músculos...<sup>131</sup>

<sup>129</sup> OLIMPICUS. A lição. Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 9 de maio de 1950. p.6.

<sup>130</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Faltou reação para os brasileiros**. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1950. p.5.

<sup>131</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Um scratch que não convence**. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1950, p.5.

Essa crítica não foi realizada somente pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, pois posicionamento semelhante foi apresentado pelo *Jornal Tribuna da Imprensa*, mostrando que o selecionado nacional ainda não estava preparado para a disputa da Copa do Mundo – “[...] realmente fraco, foi o desempenho da equipe “A” da CBD, apresentando falta de coordenação em suas linhas, exibindo players sem necessário apuro técnico, contribuindo para um espetáculo sem vida, descolorido”.<sup>132</sup>

Realizar boas apresentações e, principalmente, vencer esses torneios preparatórios era fundamental para que o selecionado pudesse contar com o apoio dos torcedores, que ainda não estavam convencidos da qualidade da equipe brasileira, a qual apresentava muitas falhas táticas, demonstrando um time sem entrosamento.

Enquanto isso, a equipe reserva do Brasil empatava em 3 a 3 contra o selecionado Paraguai, em São Paulo, conquistando a Taça Rio Branco. Mesmo havendo equilíbrio entre as duas equipes, Mario Filho considera os reservas com qualidades maiores do que os jogadores titulares, pois aqueles apresentaram vontade de vencer, o que, em alguns momentos, supera possíveis dificuldades técnicas, táticas e psicológicas.<sup>133</sup>

O terceiro jogo ocorreu no dia 17 de maio de 1950, no Estádio de São Januário. O Brasil sagrou-se campeão da Copa Roca, vencendo a equipe Uruguaia por 1X0. Os placares desta competição mostram que, mesmo com a conquista do título máximo, a disputa não havia sido fácil, principalmente porque o futebol apresentado pela seleção nacional não convenceu os brasileiros:

Os uruguaios revelaram mais do que coração: revelaram também classe e principalmente espírito de equipe, consciência de scratch. Cada jogador entrou em campo para cumprir uma missão e cumpriu inexoravelmente. Os brasileiros atuaram debaixo de severa marcação, do que sem dúvida redundou a pobreza da técnica da peleja, pois o jogo transcorreu bastante preso. [...] É de se destacar a atuação de Bigode que se exibiu quase com perfeição, dentro das características de sempre: batalhador e oportuno nas horas de perigo para a meta brasileira.<sup>134</sup>

A derrota para o Uruguai, no primeiro jogo da Copa Rio Branco, e o empate com o Paraguai, na segunda partida da Taça Oswaldo Cruz – ambos os jogos coincidentemente realizados em São Paulo –, produziram inquietações nos paulistas que criticavam Flávio Costa por convocar oito jogadores do Vasco, inclusive Alfredo II que estava atuando fora

<sup>132</sup> JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA. **Sem brilho a vitória dos brasileiros na peleja de ontem com os uruguaios.** Rio de Janeiro, 15 de maio de 1950. p. 10.

<sup>133</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Quem serão os reservas? Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 15 de maio de 1950. p.5.

<sup>134</sup> JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA. **Um tento de Ademir possibilitou a conquista da Copa Rio Branco.** Rio de Janeiro, 18 de maio de 1950. p.10.

de posição e, para tal façanha, o técnico acabou deixando de fora o ídolo da torcida corintiana, o ponta-direita Cláudio, além do questionamento da ausência de Leônidas Silva. A forma com que as seleções se apresentaram nas disputas desses torneios fez com que a torcida brasileira passasse a questionar a credibilidade de Flávio Costa, que, em São Paulo, era acusado de ser um técnico excessivamente carioca. Já no Rio de Janeiro, dizia-se que ele era um técnico excessivamente vascaíno. Todas essas variáveis levaram a torcida brasileira a desacreditar do *scratch* nacional, pois era grande a quantidade de problemas técnicos que precisariam ser resolvidos até o início do mundial.

Em 22 de maio de 1950, no Palácio Itamarati na Capital Federal, foram sorteadas as chaves para a disputa final da competição. Como o Uruguai e a Itália, já haviam conquistado o título de campeões em outras edições da Copa, eles foram escolhidos como cabeças de chave; a Inglaterra, que era a inventora do futebol, assegurou a terceira vaga; e o Brasil, como país sede teve direito à última vaga. Dessa forma, acreditava-se que as chaves seriam bem divididas, pois essas equipes só se enfrentariam na etapa final. Após o sorteio, os grupos ficaram assim distribuídos:

Chave A: Brasil, Iugoslávia, México e Suíça;

Chave B: Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e Chile;

Chave C: Itália, Suécia e Paraguai

Chave D: Uruguai e Bolívia.

Como o regulamento da competição não previa que, em caso de desistência, uma outra equipe pudesse mudar de grupo, para manter os grupos em igualdade, manteve-se a divisão, ficando as equipes do grupo C e, principalmente, do grupo D com uma certa vantagem, em especial, da equipe Uruguiaia: “O sorteio muito favoreceu o Uruguai, necessitando apenas vencer a incipiente Bolívia para chegar às finais, ao passo que o Brasil para atingir o turno final precisou disputar três jogos”.<sup>135</sup>

No dia 05 de Junho de 1950, Flávio Costa apresentou a lista dos 22 jogadores convocados para representar o selecionado nacional na IV Edição da Copa do Mundo. Aqui tem início uma tentativa do *Jornal dos Sports* em fazer com que o povo/torcida brasileira se tornasse símbolo identitário do futebol nacional. Segundo Moura, buscou-se estimular a torcida, mostrando que, nos momentos finais antecedentes à realização da Copa do Mundo, os torcedores brasileiros precisavam estar unidos, pois os jogadores

---

<sup>135</sup> PERDIGÃO, Paulo. Op cit. p. 48.

necessitavam muito do apoio deles.<sup>136</sup> Esse posicionamento fica evidenciado na crônica de José Lins do Rego, quando fala da importância da imprensa para que a CBD tivesse tranquilidade ao trabalhar com o selecionado nacional:

[...] Começam a chegar as delegações, o Estádio Municipal se prepara para a grande festa. E o nosso público não está dando apoio firme aos rapazes de nossa Seleção. Há qualquer coisa perturbando a marcha para vitória de nossas cores. É que meus colegas de imprensa não estão vendo a gravidade dos acontecimentos com a necessária seriedade. Mais uma vez sem autoridade, é verdade, para tanto, eu convocaria os homens de imprensa e do rádio para um esforço másculo no sentido de auxiliar a C.B.D. nesse momento decisivo para a vida do nosso futebol.<sup>137</sup>

Foi envolto por esse espírito de desconfiança, por parte dos torcedores e da tentativa de alguns cronistas em fazer com que houvesse uma coesão entorno do selecionado nacional, que foi disputado o jogo inaugural da IV Edição da Copa do Mundo de Futebol, realizado no dia 24 de junho de 1950, envolvendo as equipes do Brasil 4 X 0 México.

Era a primeira vez, na história do futebol, que acontecia o encontro dessas duas equipes. Neste jogo, o técnico brasileiro não pode escalar Zizinho, pois este estava com o joelho esquerdo inchado. Por essa razão, Flávio Costa precisou utilizar um ataque que não havia treinado junto.<sup>138</sup>

O segundo jogo ocorreu na capital paulista, no dia 28 de junho, no Estádio Pacaembu, tendo como adversária a Suíça, que no primeiro jogo havia perdido de 3X0 para a Iugoslávia. O empate em 2 a 2 foi decepcionante para o público de 42.032 pessoas que compareceram ao estádio para ver uma seleção apática e sem instrução tática.<sup>139</sup> De acordo com Mario Filho, o resultado da partida foi decorrente da falta de controle dos sentimentos dos jogadores brasileiros:

Era uma vitória que o scratch tinha nas mãos e que perdeu porque não teve cabeça nem coração para conservá-la, não digo para ampliá-la. A lição serve para dar ao scratch brasileiro plena noção da responsabilidade que assumiu ao defender o nome do football brasileiro no campeonato do mundo.<sup>140</sup>

<sup>136</sup> MOURA, Gisella de Araújo. Op cit. p.61.

<sup>137</sup> LINS DO REGO, José. Um momento decisivo para o football nacional. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, 15 de junho de 1950. p.6.

<sup>138</sup> A equipe brasileira foi formada pelos seguintes atletas: Barbosa, Augusto, Juvenal, Eli, Danilo e Bigode, Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça. O treinador Flávio Costa optou escalar uma linha média composta por jogadores cariocas.

<sup>139</sup> Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Rui e Noronha, Alfredo II, Maneca, Baltazar, Ademir e Friaça.

<sup>140</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A hora decisiva para as esperanças brasileiras. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 01 de Julho de 1950. p.6.

Ao indicar a falta de maturidade dos atletas do selecionado, e também a falta de sentimentos, o autor responde às críticas paulistas mostrando que esse jogo deve servir como um aprendizado para os brasileiros. Nessa crônica, em momento algum o articulista vai mencionar problemas técnicos ou táticos, a razão da adversidade é atribuída pela falta de noção de brasilidade, falta de consciência do que significa defender a sua Pátria frente ao restante do mundo, em que, para ser vencedor, jogar futebol não é suficiente, pois é preciso ter coração. A presença dos sentimentos é algo recorrente nas crônicas dos literatos do *Jornal dos Sports* e, como veremos, esse ideal era reforçado por Nelson Rodrigues, para quem os sentimentos e a paixão eram responsáveis pelo sucesso no futebol ou na vida.

Ainda sobre esse jogo, o jornal carioca *A noite* chama a atenção para um fato desagradável que, supostamente, teria ocorrido após o seu término, momento em que um grupo de torcedores exaltados quase acabara com toda imagem civilizada que se buscava construir do povo brasileiro: “[...] os armadores de arruaça tentaram assim, da forma mais condenável, levar protestos de má conduta do team brasileiro de uma forma que não só fere as tradições da grande capital paulista como as do país”.<sup>141</sup>

Após a partida, permaneceu um clima tenso no ar, pois com esse empate a seleção brasileira precisava, obrigatoriamente, vencer o próximo jogo, sob o risco de ficar fora do mundial em caso de um novo resultado negativo. O *Jornal Estado de São Paulo* destacava em primeira página a seguinte chamada: “Seleção brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde”.<sup>142</sup> As notícias presentes nos jornais, atribuíam ares de dramaticidade para o jogo, bastaria apenas um empate para a equipe Iugoslava se classificar, pois de acordo com o sistema de disputa, classificava-se o melhor colocado de cada um dos quatro grupos, os quais jogariam entre si na fase final, sendo campeã a equipe que obtivesse o “maior número de pontos”.<sup>143</sup>

Mario Pollo (cronista do *Jornal dos Sports* e chefe da delegação brasileira na Copa de 1950) convocou o torcedor carioca para aplaudir o selecionado, apoiando a equipe nessa hora de necessidade. Para o autor, era importante que houvesse um sentimento de união entre o público, o que estimularia ainda mais os jogadores na busca pela vitória:

---

<sup>141</sup> JORNAL A NOITE. **Tentativa de agressão ao treinador brasileiro**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1950. p.1 e 3.

<sup>142</sup> JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO. **A seleção brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde**. São Paulo, 1 de julho de 1950. p.1.

<sup>143</sup> Na realidade a contagem de pontos era feita com base nos resultados negativos, sendo considerada campeã a equipe que tivesse o menor coeficiente negativo. Para isto utilizava-se 2 pontos negativos para derrota, 1 ponto negativo para empate e 0 ponto para vitória.



[...] Justamente quando a sorte não nos sorrir é que cumpre ao povo levar a força moral, que se juntara a capacidade física dos jogadores do campo auriverde. Os jogadores receberão desde a entrada em campo, a manifestação de confiança e apreço, que se traduzirá na voz uníssona das dezenas de milhares de brasileiros presentes à justa. Temos que ser um dos quatro finalistas. [...] Este triunfo tem que ser conquistado pelos jogadores e pelo povo. Em nenhum momento a torcida poderá desassociar-se dos lutadores em campo. Lado a lado, palmo a palmo, coração a coração, alma a alma, o atleta e o torcedor jogarão a mesma partida pelo Brasil.<sup>144</sup>

Para essa terceira e decisiva partida, o Maracanã recebeu um público de 142.429 pessoas, o que demonstrava o crescente interesse pelo selecionado e, também, uma resposta dos cariocas para o apelo dos jornais da cidade. Isso foi apresentado pelo *Jornal dos Sports* como uma referência da importância que o torcedor atribuía ao futebol brasileiro, principalmente, em se tratando de um momento decisivo como aquele.



Seleção brasileira de 1950. Em pé: Rui. Eli. Nilton Santos. Barbosa. Mauro. Noronha e Jonhson (massagista). Agachados: Mario Americo (massagista). Tesourinha. Zizinho. Ademir. Jair e Chico. Disponível em [www.museudosesportes.com.br/noticia.phd?id=5418](http://www.museudosesportes.com.br/noticia.phd?id=5418) Acesso realizado em 22/01/09.

Nessa partida, o técnico Flavio Costa pôde contar com todos os jogadores do elenco, pois finalmente Zizinho, o maior ídolo da torcida carioca, estava pronto para estreiar na competição. Os cronistas buscavam estimular os torcedores, tentando mostrar o lado positivo dos acontecimentos, mesmo diante de resultados negativos, como o empate ocorrido na partida anterior. Mario Filho busca um argumento que serviu como subsídio para estimular a torcida para o próximo jogo:

[...] Imagine-se uma vitória fácil contra a Suíça. Mesmo uma simples vitória, os dois a um se conserva no placard até o fim. O triunfo apagaria todas as restrições que durante a partida mereceu o scratch brasileiro. Tudo seria esquecido diante da vitória. Por isso que eu abenção ao empate que deu o grito de alarme [...] O que o torcedor exigia dos jogadores exigia também de si mesmo. Não

<sup>144</sup> POLLO, Mario. Unamo-nos todos pelo Brasil. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950. p.5.

havia só o scratch, havia também a torcida. A torcida que compreendia a necessidade de apoiar totalmente o scratch.<sup>145</sup>

O *Jornal dos Sports* relata que todos os lugares nas arquibancadas foram vendidos com dois dias de antecedência da realização da partida. Mesmo assim, o periódico continuava a convocar os torcedores, para apoiarem a seleção. Autoproclamando-se porta voz das massas trabalhadoras, o jornal solicitava aos donos de comércio e indústrias que encerrassem mais cedo as suas atividades, de maneira que o público pudesse prestigiar o jogo do selecionado. Para reforçar o seu discurso, os cronistas utilizam como exemplo a atitude da prefeitura carioca, que havia estabelecido o fim do expediente às 13:30 horas, procedimento que deveria ser seguido pelos outros setores comerciais e industriais: “Assim sendo, interpretando o pensamento da imensa massa de torcedor do Rio, o *Jornal dos Sports*, faz um apelo aos poderes competente e a todo o comércio e indústria do Distrito Federal, para que siga o exemplo do que já foi espontaneamente feito pelo prefeito”.<sup>146</sup>

Os cronistas do *Jornal dos Sports* procuravam demonstrar que tinha sido criado um sentimento de união em torno dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo: “Durante todo o dia só se via gente correndo de um lado para o outro, procurando as filas em que se vendiam os ingressos para o jogo de hoje Brasil X Iugoslávia”.<sup>147</sup> Com esse tipo de matéria, o jornal destacava a importância da presença e do incentivo do torcedor para que o selecionado pudesse obter resultados satisfatórios. Buscava-se influenciar o imaginário, mostrando que o torcedor poderia interferir no resultado do jogo, mas, para isso, era importante a participação maciça, principalmente nesse jogo, apresentado como um divisor de águas entre um possível título e uma despedida precoce. Essa situação era reforçada a partir do que havia acontecido com equipes significativas, como a Itália e a Inglaterra, que já estavam praticamente fora do Mundial, por isso, criava-se toda uma expectativa em torno desta partida:

[...] está prevista uma arrecadação aproximada de quatro milhões de cruzeiros, cifras estas apenas superadas nos grandes encontros de box realizados nos EUA, no Madison Square Garden em Nova York. Nesta época de materialismo, o que menos nos interessa é a renda do encontro. Mais de que quatro ou cinco milhões vale indiscutivelmente a vitória do Brasil sobre a Iugoslávia.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Este sim foi um triunfo a altura do nome do nosso football. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1950. p.11.

<sup>146</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Em respeito ao Brasil**. Rio de Janeiro, 11 de julho de 1950.p. 8.

<sup>147</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Baterá todos os records a renda de hoje!** Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950. p.1.

<sup>148</sup> ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. Rio de Janeiro: **Jornal dos Sports**, 01 de julho de 1950. p.4.

Procurava-se demonstrar e criar um cenário em que houvesse um sentimento de identidade nacional em torno do futebol brasileiro, expresso nas ruas do Rio de Janeiro e na união do povo em todos os lugares do país. Em um momento de expansão do capital internacional, cujo investimento era fundamental para o desenvolvimento do país na busca pela modernidade, os cronistas mostram que o futebol mantém a sua autonomia e, nesse aspecto, mais importante do que arrecadar dinheiro, era o sentimento proporcionado pela vitória, ou seja, para os cronistas, o que movia este esporte era a paixão.

Em um mundo dividido entre o capitalismo e o socialismo, o discurso desses literatos demonstra que o esporte é um dos raros exemplos concretos em que os valores financeiros, em alguns momentos, devem ser colocados em segundo plano. Na percepção dos escritores, não havia dinheiro que pudesse suplantar o amor pelo Brasil. Sentimento que estes buscavam estimular, inclusive nos discursos transmitidos para os jogadores:

Nessa hora culminante para a nossa trajetória, em todo o Brasil terão os olhos, os ouvidos, os corações, os temores, os sentimentos e os anseios postos em vocês. Lutem com energia, perseverança e calma. É de equilíbrio entre o amor, a força e a calma que deverá sair a nossa vitória. Amor patriótico pelas nossas cores, desejo de ver a nossa bandeira no mastro do triunfo.<sup>149</sup>

Para Vargas Neto, a vitória não é decorrente apenas da qualidade técnica ou tática da equipe – algo que ele ignora na sua crônica. Sob o seu ponto de vista, o mais importante é que o jogador leve em consideração o papel que exerce enquanto representante do seu país. De acordo com esse discurso nacionalista, o sucesso do Brasil estaria diretamente relacionado ao nível de autocontrole e de amor que os atletas sentiam pela pátria.

Não só os cronistas, mas também pessoas ilustres da sociedade, como o prefeito do Rio de Janeiro, buscaram estimular os jogadores. O *Jornal dos Sports* relata que, antes do início do jogo, o prefeito carioca Ângelo Mendes Moraes foi até o vestiário e proferiu as seguintes palavras:

Jogadores do Brasil! A batalha do campeonato do mundo se compunha de duas partes. A primeira a construção do estádio e ele aí está. A segunda a vitória do Brasil no campeonato. O governo municipal na parte que lhe competia, cumpriu com o seu dever. Brasileiros, cumpri os vossos!<sup>150</sup>

Novamente, o tom patriótico serve como subsídio para o estímulo aos atletas. A ênfase nas expressões “Brasil” e “brasileiros” demonstra claramente o compromisso que lhes era atribuído em nome da Pátria. Num momento em que a guerra ainda estava presente

<sup>149</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Está na hora. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1950. p.5.

<sup>150</sup> MORAES, Ângelo Mendes. Incentivo do prefeito aos cracks brasileiros. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 02 de julho de 1950. p.3.

na memória das pessoas, o discurso utilizado faz uma analogia entre a preparação para Copa do Mundo e a batalha travada para essa competição, na qual só faltava a vitória dos jogadores dentro de campo para que o país pudesse sair vitorioso, pois fora dos gramados, os resultados já haviam sido atingidos.

Existia certa pressão sobre os jogadores, uma vez que o selecionado precisava vencer o jogo para que continuasse na disputa pelo título da Copa e a Iugoslávia, por sua vez, só precisava de um empate. O cronista do *Jornal dos Sports*, Geraldo Romualdo chama esse confronto de o “Dia D”, fazendo analogia à Segunda Guerra Mundial.<sup>151</sup> Novamente, a cidade parava para assistir ao jogo do selecionado nacional “os problemas inadiáveis foram adiados, as grandes paixões deixaram de pulsar”.<sup>152</sup>

Mesmo tendo sido um jogo bastante disputado, o selecionado nacional vence por 2 a 0 a equipe iugoslava, contagiando o público de 142.429 pessoas que esteve presente no Maracanã, estabelecendo, assim, o novo recorde de público Sul-Americano para assistir a um jogo de futebol. A crônica do *Jornal dos Sports* indica que houve uma reabilitação entre o selecionado e os torcedores: “Não havia só o scratch, havia também a torcida. A torcida que compreendia a necessidade de apoiar totalmente o scratch para poder esperar tudo dele”.<sup>153</sup>

Os cronistas relatavam que a equipe que atuara nesse jogo era a ideal para representar o povo brasileiro, pois havia apresentado um futebol alegre e criativo, fazendo o torcedor se esquecer do empate anterior, criando uma crescente onda de otimismo e ufanismo.<sup>154</sup> É interessante ressaltar que neste momento ocorre um processo de construção identitária, na qual as crônicas presentes no *Jornal dos Sports* variam em estilo, mas convergem para temas como a espontaneidade, o individualismo, o imprevisto e a união do povo como símbolos da identidade brasileira.

Isso é reforçado por Mario Filho, ao término da partida. Momento em que este chama a atenção para a quantidade de pessoas presentes no Estádio Municipal, mostrando que somente o selecionado nacional de futebol teria capacidade para reunir tantas pessoas:

Nenhum brasileiro morto ou vivo, jamais ira juntar cento e setenta ou cento e oitenta mil pessoas. A massa humana jamais vista completava o Estádio. O estádio fora construído para ela, para junto com

<sup>151</sup> ROMUALDO, Geraldo. Dia D, hora H. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950. p. 6.

<sup>152</sup> OLINTO, Antônio. A tragédia da multidão. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1950. p.6.

<sup>153</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Triunfo histórico do football brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1950. p. 6.

<sup>154</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O scratch brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 01 de julho de 1950. p.5.

ela viver dias assim. De emoção nacional. A gente no estádio se sentia mais brasileiro. O estádio era o Brasil.<sup>155</sup>

Para o articulista, a presença maciça do povo no estádio era a maior prova de que eles acreditavam no Brasil. Mario Filho aproveita a oportunidade para reforçar o seu discurso sobre a relação criada entre a população e o estádio de futebol. Este era visto como um local propício para o encontro de diferentes pessoas, que tinham a possibilidade de vivenciar momentos de democracia, expressando os seus sentimentos autênticos e unidos em torno da expectativa de uma vitória brasileira. Foi nesse clima de otimismo que a seleção brasileira se classificou para a fase final da competição, quando enfrentaria as seleções da Suécia, Espanha e Uruguai.

A CBD definiu que todos os jogos brasileiros seriam realizados no Rio de Janeiro. Para isso, justificou que não podia desprezar as rendas que os jogos estavam proporcionando, além do que, havia o incidente ocorrido com os torcedores e a mística criada nos resultados negativos da seleção brasileira nas últimas partidas disputadas em São Paulo. É interessante perceber que os mesmos cronistas do periódico carioca que anteriormente falavam que o futebol deveria ser movido pela paixão e não se deixar guiar apenas pelo aspecto econômico, neste episódio apoiaram totalmente a decisão tomada pela CBD, justificando que os torcedores paulistas foram antipatrióticos no momento em que os jogadores mais precisaram deles; e que os torcedores cariocas, por sua vez, corresponderam ao chamado, sendo, portanto, justo que os jogos fossem realizados no Rio de Janeiro.<sup>156</sup> Esse foi mais um dos episódios que envolve a disputa de poder entre cariocas e paulistas.

De acordo com a proposta feita pela CBD, a fase final da Copa seria disputada nos dias 9, 13 e 16 de julho, com a realização de jogos simultâneos, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estrategicamente, os organizadores fizeram com que as outras equipes viajassem para São Paulo, enquanto o Brasil continuava concentrado, jogando somente no Rio de Janeiro.

No dia 9 de julho de 1950, o Brasil adentra no estádio do Maracanã, às 14 horas e 30 minutos, para enfrentar a Suécia pela primeira rodada da fase final da IV Copa do Mundo. O público estimado do Maracanã foi de 138.886 torcedores pagantes.<sup>157</sup> Flávio

---

<sup>155</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A massa humana marcou encontro no estádio. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 03 de julho de 1950. p.6.

<sup>156</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O scratchman irá disputar a fase final do campeonato mundial no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 04 de julho de 1950. p.1- 5.

<sup>157</sup> PERDIGÃO, Paulo. Op cit. p. 58

Costa tinha à sua disposição todos os jogadores do plantel, o que levou o técnico a repetir a mesma formação que havia vencido a Iugoslávia.

As matérias publicadas no *Jornal dos Sports* colaboram para a criação de um cenário que auxiliava no fortalecimento de um ideal nacionalista, idealizado pelos cronistas desse periódico. Nesse projeto, o povo era o elemento central, por isso era recorrente a sua presença nas crônicas, bem como a analogia feita entre o povo e o estádio, ou então entre o homem da arquibancada e o sucesso da seleção. Para esses literatos, a autenticidade brasileira estava presente no povo, o qual aumentava cada vez mais a sua participação nos jogos do selecionado nacional, dando provas de sua identificação com o *scratch* e com o país. Os cronistas destacam que os torcedores passaram a utilizar, orgulhosamente, utensílios que simbolizavam a pátria, e que, durante a execução do hino nacional, podia-se sentir no estádio lotado um clima de tensão e êxtase da população presente, que proporcionava um belo exemplo de patriotismo.<sup>158</sup>

Na primeira partida da fase final, a equipe sueca não conseguiu conter o ataque brasileiro e foi derrotada pelo placar de 7 a 1. Aqui, a equipe brasileira começou a empolgar os torcedores, apresentando um futebol considerado alegre, bonito e eficiente. Mario Filho descreve que o futebol da seleção estava melhorando desde o início da competição e que esse resultado era fruto das experiências que haviam adquirido anteriormente, inclusive, das experiências negativas com as quais tinha aprendido. Misturando sentimento e técnica, mantendo a calma necessária para transformar as oportunidades construídas em gols.<sup>159</sup>

Vargas Netto destaca a responsabilidade que os jogadores passaram a ter frente à torcida que atendeu o chamado feito pelos próprios jogadores, dirigentes e crônica esportiva em geral:

[...] vocês já pensaram em duzentas e tantas mil bocas gritando, chamando Brasil! Brasil! E vocês rapazes do selecionado, já pensaram que precisa mostrar para esse oceano de gente que são brasileiros também, que não se acovardam diante de nada e que sabem lutar como valentes, que em responsabilidade de uma tradição e de uma origem de valorosos e audazes antepassados.<sup>160</sup>

O cronista resgata a origem lusitana, como sinônimo de valentia de um povo audacioso, que buscava aumentar e conquistar riquezas em terras longínquas e

---

<sup>158</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Milhares de torcedores acompanham a vitória brasileira.** Rio de Janeiro, 11 a 13 de julho de 1950.

<sup>159</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Uma das maiores e mais belas vitórias da história do football brasileiro.** *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 11 de julho de 1950. p.5

<sup>160</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. **Avante.** *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 12 de julho de 1950. p.7.

desconhecidas, sem temer o que poderia encontrar pela frente. Era esta a postura que se esperava dos jogadores brasileiros. Os atletas tinham a responsabilidade de responder aos anseios da torcida, mas, ao mesmo tempo, aqueles se sentiam seguros, pois sabiam que podiam contar com a colaboração dos torcedores que estavam ali, junto com eles, estimulando-os.

Uma correspondência enviada por Carlos Drummond de Andrade a sua filha, fornece indícios do clima que o país vivia naquele momento:

[...] Amanhã, irá ao penúltimo jogo do campeonato (Brasil-Espanha) e nós mesmos nos sentimos inclinados a assistir a essa competição empolgante, de que toda gente fala. Dizem que quando o gol do Brasil está ameaçado, a multidão de 170 mil pessoas se mantém num silêncio religioso, movendo só os olhos, para depois explodir em gritos e cantos quando tomamos a ofensiva e vazamos o arco adversário. O estádio, que é horrendo por fora e bonito por dentro, apresenta em grandes dias um espetáculo belíssimo. E o governo mudou o horário do expediente nas repartições, para que o trabalho não atrapalhe o esporte, que tem preferência.<sup>161</sup>

Estas palavras demonstram que mesmo quem não era aficionado por futebol, estava envolvido pelo clima contagiante que se apresentava no Rio de Janeiro, onde tudo passou a ser menos importante que o futebol, pois era através dele que o Brasil tinha a oportunidade de se autoafirmar para o restante do mundo. Mundo este que, na visão dos cronistas, não seria capaz de continuar a ignorar nosso país, pois o brasileiro fornecia um grande espetáculo dentro e fora de campo. Ao término da primeira rodada do turno final, o Brasil estava em uma posição bastante confortável, pois havia goleado a Suécia em seu primeiro jogo, enquanto Uruguai e Espanha tinham empatado no jogo em São Paulo.

A partida contra a Espanha era considerada pela imprensa como sendo a disputa mais difícil do campeonato, pois essa equipe foi campeã na chave em que estava presente a “toda poderosa” Inglaterra – país pelo qual os brasileiros sempre mantiveram um profundo respeito e admiração. Nesse sentido, o raciocínio se pautava em uma lógica dedutiva, isto é, se a Espanha conseguiu se classificar em primeiro lugar na mesma chave que a Inglaterra, aquela era uma equipe que merecia respeito. É interessante que os valores são determinados por analogia. Não se respeita a Espanha pelo futebol apresentado, mas por ter vencido a Inglaterra, que era referência esportiva aos brasileiros.

Perdigão, ao comentar o jogo contra a “Fúria Espanhola”, relata que: “[...] o desempenho do Brasil foi irresistível e incomparável. Um tanto esgotados pelo jogo com

---

<sup>161</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Maria Julieta. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1950. In: \_\_\_\_\_, **Quando é dia de Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 223.

os uruguaios, os espanhóis pareciam um time de principiantes, estonteado diante do futebol dos brasileiros”.<sup>162</sup>

O Brasil marcou três gols no primeiro tempo de jogo, o que tornou a partida mais tranquila para o selecionado nacional, que se preocupou apenas em administrar o placar e aproveitar as oportunidades que surgiram. Diferente do time espanhol, que teve que buscar o gol brasileiro a fim de reverter a situação adversa, principalmente porque esse resultado acabava com qualquer pretensão maior no campeonato. Isso levou a equipe espanhola a ir para o ataque, deixando o sistema defensivo exposto, fato que resultou em um placar final de 6x1, a favor da equipe brasileira.<sup>163</sup>

Próximo ao final do jogo, o espetáculo ficou por conta da torcida. De acordo com vários relatos da época, os espectadores no Maracanã uniram-se em uníssono, utilizando a expressão “Olé”, que normalmente era usada na Espanha para incentivar o toureiro na arena, mas que, na ocasião, foi adaptada. Isso acaba por reforçar o mito da criatividade, espontaneidade e improvisado como características da identidade do brasileiro. Os cronistas indicam que, após cantar “Touradas de Madri”,<sup>164</sup> os torcedores gritavam “Olé”<sup>165</sup> como forma de expressar sua alegria. O acontecimento foi retratado posteriormente como uma situação antológica:

Ora o torcedor brasileiro do Brasil e Espanha nem de longe admitiria que seis a um tinha sido consequência de uma fraqueza do adversário. Até na vitória o brasileiro temia a chamada Fúria. A Fúria continuou Fúria, embora para os outros. Mas dizíamos com orgulho, que só o futebol brasileiro era capaz de fazer aquilo com o espanhol. A goleada por isso não diminui a alegria da vitória. Pelo contrário: ampliou-a. Só assim se explicam as Touradas de Madri cantadas a duzentas mil vezes. Foi de repente, sem ninguém avisar. E parecia que aquela massa humana, a maior que já assistira a um match de futebol, tinha sido ensaiada meses a fio[...].<sup>166</sup>

Esta vitória foi tratada pelos cronistas como um jogo irretocável, considerada, inclusive, como a melhor apresentação feita pelo selecionado durante todo o campeonato. O resultado das duas últimas partidas tinha criado a expectativa de uma nova goleada na partida decisiva. A própria crônica, em seu discurso, mostrava que a equipe brasileira estava jogando melhor a cada *match*:

<sup>162</sup> PERDIGÃO, Paulo. Op cit. p.60.

<sup>163</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil X Espanha – radiografia do jogo**. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950. p.3.

<sup>164</sup> A letra da Música Touradas de Madrid é a seguinte: Eu fui às touradas em Madrid; E conheci uma espanhola; Natural da Catalunha; Queria que eu tocasse castanholas; E pegasse um touro a unha; Caramba, caracoles; Sou do samba, não me amoles; Pro Brasil eu vou partir; Isso é conversa mole; Para boi dormir; Parara tim bum, bum, bum.

<sup>165</sup> Como termo de gíria do futebol, tem sentido de MÁXIMA EXIBIÇÃO como na expressão DAR OLÉ. Como o grito da torcida surge quando o time esta realizando uma excelente exibição técnica, evitando que o adversário consiga retomar a posse de bola. Cf. FEIJÓ, Luiz César Saraiva. Op cit. p. 120.

<sup>166</sup> RODRIGUES FILHO, Nelson. Brasil e Espanha. **Revista Manchete Esportiva**, 9 de fevereiro de 1957.



Nunca nenhum acontecimento no Brasil, de qualquer natureza, comoveu tanto o país. Nunca a capital da República viveu tanto um acontecimento. E um acontecimento que ainda não aconteceu. É a antecipação do que vai acontecer que empolgou a cidade de uma forma jamais vista.<sup>167</sup>

O brasileiro já havia esperado por muito tempo para provar ao mundo que poderia ser o melhor em algo que era admirado e desejado por milhares de pessoas, o que dificultava aos jogadores o controle dos seus sentimentos. Com os últimos resultados apresentados, ninguém poderia imaginar que houvesse alguma possibilidade do selecionado brasileiro não se sagrar campeão do mundo.<sup>168</sup>

Os políticos, percebendo a importância que fora atribuída ao evento esportivo, passaram a se manifestar nas tribunas como uma forma de se tornarem personagens de um acontecimento que poderia vir a ser um marco da história social do país. Uma das primeiras atitudes foi apelar para o senso patriótico dos brasileiros, através de uma correspondência encaminhada ao *Jornal dos Sports*, conclamando a participação dos torcedores:

Recebi um apelo da Associação Atlética do Senado Federal, a fim de que eu pudesse pedir para o povo brasileiro através da minha crônica, para que a nossa torcida cantasse o hino nacional na hora da abertura dos jogos finais da Copa do Mundo. A torcida já cantou! [...] É o momento do desporto cooperar para a educação cívica da massa. Nesta hora cada um de nós será mais um brasileiro e os nossos representantes no gramado, hão de receber impulso da multidão. [...] O nosso hino será como uma alavanca moral no ânimo desportivo dos atletas e um traço de amor entre o povo e os seus heróis.<sup>169</sup>

Em última instância, pode-se acreditar que os senadores buscavam ser considerados os responsáveis por conduzir e educar o povo brasileiro, preparando-o para o novo momento na história do país. Contudo, essa solicitação era dispensável, do ponto de vista funcional, pois os torcedores já haviam demonstrado o seu amor pelo selecionado e conseqüentemente pelo país. Os jornais já haviam noticiado, inclusive de forma romântica, a emoção de estar no estádio com mais de 150 mil pessoas respeitando e cantando o hino nacional, enquanto a bandeira era hasteada.

O ambiente festivo e algumas matérias nos jornais fornecem indícios sobre o clima e a ansiedade que a cidade estava vivendo: “A postos para a última batalha! O que todos querem agora é o título de Campeão Mundial de Futebol para o Brasil, um título que

<sup>167</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O match que vale o campeonato do mundo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950. p.5

<sup>168</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. 1963a. p.282.

<sup>169</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Traço de união. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950. p. 5.

aumentará o prestígio esportivo de nossa terra em todo o mundo. Queremos a vitória, só a vitória e nada mais do que a vitória”.<sup>170</sup>

Em um momento ainda marcado pelo final da II Guerra Mundial e pela tensão de uma guerra atômica, decorrente das divergências ideológicas da Guerra Fria, muitos cronistas utilizavam símbolos da guerra como uma forma de fazer analogia entre esta e o futebol.<sup>171</sup> Essa visão precisa ser relativizada, pois o futebol é um esporte moderno (autônomo), que apresenta formas legítimas de medir o desempenho individual, isto é, ninguém se torna craque ou vitorioso apenas através da família, do Estado, ou por decreto presidencial. É necessário provar as suas qualidades e a sua força em uma ação concreta, por meio de disputas legítimas ocorridas dentro de campo. Fato que vai ser comprovado na partida decisiva da Copa do Mundo.

Após vencer as duas primeiras partidas da fase decisiva com resultados indiscutíveis, o selecionado brasileiro enfrentou a equipe uruguaia, precisando apenas de um empate para confirmar a superioridade demonstrada durante a trajetória do campeonato, o que lhe daria o título de melhor futebol do mundo.

O clima antecedente ao jogo foi alvo de várias investigações. Assim, optamos em subdividi-los: 1) aqueles que retrataram o fato no momento acontecido e, por isso, estavam mais suscetíveis a demonstrar os sentimentos despertados por um acontecimento, segundo os cronistas, fatídico para o povo brasileiro; 2) neste grupo, estão os personagens que retrataram o mesmo acontecimento, mas que tiveram um tempo maior para distanciar-se e observar o ocorrido, podendo ter sido influenciadas pela forma com que a derrota foi registrada pelos cronistas da época.

Para sintetizar os acontecimentos do jogo, vamos nos respaldar na transcrição radiofônica feita por Paulo Perdigão<sup>172</sup>, que foi comparada às informações apresentadas pelo *Jornal dos Sports*, oportunidade em que não se percebeu nenhum tipo de discrepância entre aquilo que foi narrado no momento da partida e os comentários técnicos apresentados nos jornais dos dias subsequentes.

---

<sup>170</sup> JORNAL O GLOBO. **Só a vitória interessa**. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950. p.9.

<sup>171</sup> No jornal O Globo, encontra-se várias passagens que fazem referências sobre os acontecimentos da Copa do Mundo e a guerra, contudo estas matérias não eram assinadas. Atualmente existem autores que ainda tratam desta temática, aproximando o futebol dos campos de batalha, mas sem apresentar consistência teórica que permita fazer esta aproximação. Um exemplo desta analogia pode ser vista em FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>172</sup> PERDIGÃO, Paulo. Gravação da Rádio Nacional do Rio (PRE-8). Locutores Antonio Cordeiro e Jorge Curi. In: \_\_\_\_\_. Anatomia de uma derrota. Op cit. p. 99-160. Para uma questão de padronização os entrevistados serão apresentados da forma com que eles ficaram conhecidos no futebol brasileiro, seja pelos seus nomes ou apelidos.

A equipe brasileira entrou em campo vinte minutos antes do horário previsto para o início da partida, sendo recebida com aplausos, gritos e fogos pelos quase duzentos mil torcedores presentes no Estádio Municipal. A seleção brasileira, mesmo com a vantagem de empate, inicia a partida lançando-se para o ataque e conseguindo um tiro-de-canto (escanteio) no primeiro minuto de jogo. No segundo minuto de jogo, Bigode realiza uma falta em Julio Perez, que era considerado o jogador mais habilidoso e o cérebro da equipe uruguaia. Diferente do que posteriormente a crônica mistificaria sobre Obdulio Varella, o então capitão da equipe uruguaia, embora não fosse um jogador habilidoso, era voluntarioso, com grande vigor físico e que falava bastante dentro de campo. A falta feita por Bigode no segundo minuto do jogo, pode ser vista como um indicativo de que esse jogador não havia mudado o seu estilo vigoroso de jogar.

Na sequência, a narração destaca duas defesas do goleiro uruguaio. Não nos importa, neste momento, identificar o nível de dificuldade do lance, até porque temos consciência de que a narração radiofônica sobrevive da emoção e, sendo assim, qualquer lance, por menos perigo que leve a equipe, é tratado como uma clara jogada de gol. O importante, agora, é tentar identificar o comportamento dos jogadores brasileiros no decorrer da partida, bem como o número de faltas cometidas, a busca do gol adversário, a discussão com os adversários, a atuação do árbitro – são elementos que fornecem vestígios de como foi a atuação dos jogadores brasileiros.

Aos seis minutos de jogo, quando Ghiggia recupera uma bola, Bigode comete falta nesse jogador, matando o lance e sendo novamente advertido pelo árbitro. Não é possível identificar o que o árbitro teria dito para Bigode, mas verifica-se que o jogador brasileiro recebeu duas advertências verbais nos seis primeiros minutos de jogo. Na sequência do lance, o Uruguai consegue fazer a sua primeira finalização, sem ameaça para o gol brasileiro. Barbosa realiza a sua primeira defesa aos dez minutos de jogo.

A partida segue disputada, com ambas as equipes buscando o gol, mas o selecionado brasileiro levava vantagem, principalmente devido à técnica individual dos seus jogadores. O primeiro tempo termina com 17 finalizações brasileiras contra o gol uruguaio, tendo a equipe local conquistado 6 escanteios. Os visitantes terminaram a primeira etapa do jogo com 6 finalizações, das quais uma acertou a trave.

Um lance que entra para a história desse confronto ocorreu aos 27 minutos do primeiro tempo, envolvendo Obdulio Varella e Bigode:

Ghiggia perdeu para Bigode. Vai levando Bigode. Atraiu Ghiggia. Perdeu a pelota para Ghiggia. Recuperou Ghiggia. É acossado pelas costas por Bigode. Conseguiu passar na direção de Obdulio.

Obdulio perde para Jair. Bola fora, pela lateral. Obdúlio atingiu agora Bigode com um pontapé. E depois, com aquela sua mania de dar tapinhas na cabeça do jogador, atingiu também Bigode com a mão no pescoço. Agora, o juiz chama atenção e obriga os jogadores a se abraçarem.<sup>173</sup>

Este foi o terceiro lance em que Bigode se envolveu em uma situação, na qual é advertido pelo árbitro. Através da narração, o jogador, aparentemente, teria sido vítima nessa jogada, que tempos mais tarde foi considerada como o lance decisivo para a moral da equipe uruguaia. Após a partida, Bigode relata que: “Até certo ponto, o incidente teve influência no meu desempenho, porque me senti sem o amparo tão necessário nessas ocasiões. Eu havia recebido instruções para não revidar a qualquer ataque e quando fui agredido, contava com uma reação por parte do árbitro e esta não veio<sup>174</sup>”. Cabe salientar que, após esse lance, a descrição apresenta mais quatro jogadas, envolvendo a tentativa de ataque de Ghiggia e a marcação de Bigode, contribuindo para que o primeiro tempo terminasse empatado em 0 a 0.

No segundo tempo de jogo, a equipe brasileira volta pressionando e chegando a chutar no gol uruguaio com menos de um minuto de jogo e, quando o cronômetro marcava 1 minuto e 21 segundos do segundo tempo, Friaça abre o placar em favor do selecionado brasileiro. Após esse lance, Obdúlio Varella reclama com o bandeirinha e com o árbitro, devido a um suposto impedimento que teria ocorrido. A partir desse momento os torcedores ficaram esperando a mesma atuação dos jogos anteriores, ou seja, acreditava-se que o Brasil iria ampliar o placar (golear).

Aos três minutos do segundo tempo, Barbosa faz a sua primeira e única defesa dessa etapa da partida. E, aos 20 minutos e 13 segundos, o Uruguai, após nove tentativas contra a meta brasileira no segundo tempo, consegue fazer o seu gol, em uma jogada rápida de Ghiggia pela direita, em que Bigode aplicou um carrinho, mas não conseguiu recuperar a bola, permitindo que Ghiggia cruzasse para área, encontrando Schiaffino que igualou a partida. A descrição não relata o comportamento da torcida, entretanto os momentos que seguiram esse gol vão ser lembrados mais tarde, como um silêncio tumular que abalou não só os torcedores, mas também os jogadores.

Segundo a descrição, após o gol, Ghiggia leva vantagem sobre Bigode em mais três lances, dos quais em um o defensor brasileiro comete falta; em outro quase acontece o gol uruguaio; o terceiro lance resulta em escanteio; e, no quarto lance, decorrente de um contra-ataque em que a bola é colocada em profundidade, Ghiggia define o jogo, fazendo 2

---

<sup>173</sup> Ibidem.

<sup>174</sup> BIGODE. Brasil X Uruguai. Rio de Janeiro: Jornal Correio da Manhã, 18 de julho de 1950. p. 7.

a 1 para o Uruguai, aos 34 minutos do segundo tempo. Segue a narração, a partir do momento em que os jogadores brasileiros perdem a bola no ataque:

Danilo perdeu para Julio Perez, que entregou imediatamente na direção de Míguez. Míguez devolveu a Julio Perez, que está lutando contra Jair, ainda dentro do campo uruguaio. Deu para Ghiggia devolveu a Julio Pérez, que dá em profundidade ao ponteiro-direito. Corre Ghiggia! Aproxima-se do gol do Brasil e atira! Gol! Gol do Uruguai! Ghiggia! Segundo gol do Uruguai. Dois a um, ganha o Uruguai.<sup>175</sup>

Em entrevista ao *Jornal dos Sports*, realizada logo após o término da partida, Ghiggia explica o lance do gol que definiu o campeonato mundial:

[...] quando librei-me da marcação e corri pela área, Míguez acompanhou-me entrando pelo centro. Barbosa saiu então julgando certamente que eu ia atrasar a bola para o meu companheiro como aconteceu no outro tento. Mas vi uma brecha e confiei na sorte atirando e a bola passou por Barbosa, chegando às redes. Vi então a vitória, football é assim mesmo. Nós vencemos um adversário de grande valor técnico e de grande qualidade e isso me enche a alma de contentamento.<sup>176</sup>



Momento em que Barbosa sofre o segundo gol. Disponível em <http://portoroberto.blog.uol.com.br/images/Barbosa1950.jpg>. Acesso realizado em 22/01/08.

Após o jogo, surgiram inúmeras interpretações e versões para esse lance, das quais vamos destacar uma análise minuciosa feita por Paulo Perdigão, que examinou as narrações radiofônicas e as poucas imagens existentes do jogo, relatando o lance da seguinte forma:

<sup>175</sup> PERDIGÃO, Paulo. Op cit. p. 141.

<sup>176</sup> GIGHIA. Ghiggia explica o lance do gol. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950. p. 2 e 6

O time brasileiro estava todo no ataque pressionando a meta uruguaia, quando Julio Pérez passou a bola para a Ghiggia e este lhe devolveu. Entre o segundo passe de Julio Pérez para Ghiggia e o momento do gol, transcorreram seis segundos. O único documento filmado existente revela que Bigode se achava a sete ou oito metros atrás de Ghiggia quando este correu em direção a bola, paralelamente à lateral. Mal a bola passou a altura da linha da grande área, Ghiggia a empurrou, com o pé direito, fechando agora em direção ao gol. Sem toca-la outra vez, deu mais sete passos, na corrida e voltou a tocar a bola com um chute de direita [...] A bola já entrara cerca de dois metros dentro da grande área quando Ghiggia a impulsionou para o gol. Era um ângulo fechado [...]. Bigode, nesse instante, estava a cerca de dois metros à esquerda do ponteiro. Correndo na diagonal, no sentido contrário a Ghiggia, entrou Juvenal para interceptar o lançamento: Chegou atrasado uma fração de segundo [...].<sup>177</sup>

Depois desse lance, o Brasil tenta, de forma desordenada, empatar o jogo. Obteve, ainda, dois escanteios, mas o resultado se manteve inalterado, gerando uma das maiores frustrações coletivas na história do Brasil.

Muitos foram os literatos que escreveram sobre a derrota do selecionado brasileiro, seja como forma de tentar aliviar a tristeza que se estabelecera ou na tentativa de encontrar culpados para o fracasso ocorrido. A crônica de José Lins do Rego é emblemática para que se perceba o clima vivenciado após o jogo:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de um fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações. Não dormi, senti-me, alta noite, como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era a terrível realidade da derrota.<sup>178</sup>

Passada a frustração estabelecida pela derrota na decisão da Copa do Mundo em 1950, o selecionado nacional ficou, durante todo o ano de 1951, sem disputar nenhuma partida, voltando as suas atenções para os jogos realizados pelos clubes, sejam eles em âmbito local, regional, nacional ou internacional. Como naquele momento não havia um calendário racional para a preparação sistemática do selecionado brasileiro, não se pode considerar essa falta de jogos como uma consequência da derrota na final da Copa do Mundo. Talvez seja mais plausível acreditar na necessidade que os clubes apresentavam em realizar vários jogos, a fim de compensar a sua pouca atividade no ano anterior.<sup>179</sup>

<sup>177</sup> PERDIGÃO, Paulo. Op cit. p. 141-143.

<sup>178</sup> REGO, José Lins do. A derrota. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950. p.5.

<sup>179</sup> Em 1949 os clubes nacionais realizaram 86 partidas contra adversários internacionais; em 1950 ano de preparação da copa do mundo foram realizados somente 27 partidas; em 1951 o selecionado ficou sem atividade e os clubes realizaram 110 jogos internacionais; em 1952 foram 11 partidas e em 1953 150 partidas. Cf. JORNAL DOS SPORTS. **Futebol nacional e internacional**. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1954. p.6.

### 3.2 A COPA DO MUNDO DE 1954

Essa situação de poucos jogos da seleção brasileira prossegue durante toda a sua preparação, até a Copa do Mundo de 1954. Em 1953, por exemplo, ano que antecede a realização da Copa do Mundo da Suíça, a seleção jogou o Campeonato Sul-americano (março-abril) e, depois disso, conseguiu realizar apenas dois jogos amistosos contra a equipe colombiana chamada “Milionários”, o que gerou, por parte da imprensa, muitas críticas à falta de planejamento dos dirigentes nacionais. Para Mario Filho, as causas dessa má preparação não eram decorrentes da imaturidade presente no futebol brasileiro:

O football brasileiro jogaria assim mais vezes se não fosse o medo de perder. Porque o brasileiro ainda não alcançou plena maturidade esportiva sobretudo no football que é o esporte que ele mais ama. O amor do brasileiro pelo football explica as virtudes e os defeitos do football brasileiro. Os maiores jogadores brasileiros saem de classes pobres. Não só pela bola de meia mais porque o pobre não pode variar muito em divertimento. O football se isolou com o passar do tempo do pobre e agora o profissionalismo prepara para uma boa carreira. Os ricos e os remediados procuram outros caminhos. Não podem competir com os pobres que passam o dia com uma bola nos pés.[...] Uma das razões da paixão pelo football no Brasil é justamente esta, os que não jogam sentem como que substituídos pelos que jogam. A identificação do torcedor com o jogador é completa. Sendo o torcedor uma espécie de jogador desviado ou não realizado, é fácil imaginar o crítico severo que é jogar mal é quase um crime. Não se deixa que o jogador brasileiro jogue livre, o treinador quer sempre enquadrá-lo num sistema.<sup>180</sup>

O literato busca, por meio de sua crônica, trabalhar com dois sentimentos relevantes na vida social do brasileiro: o medo e a paixão. A partir desses sentimentos, Mario Filho faz uso do futebol como uma metáfora da própria sociedade, em que o importante seria vencer sempre. Nas sociedades modernas, pautadas no capitalismo, não haveria espaço para derrotados, por isso, se não há certeza do sucesso é melhor nem competir, pois dessa forma consegue-se manter a esperança no futuro. Esse tipo de reflexão faz com que a crônica esportiva alimente o mito em torno de um futebol vencedor, um futebol que, assim como a sociedade brasileira está em processo de amadurecimento. Bem como boa parte da elite brasileira daquele momento, este autor está preocupado com o futuro.

O autor mostra que as virtudes e os problemas do futebol brasileiro estão ligados aos sentimentos contraditórios, o que seria típico de uma sociedade que busca a modernização, mas não consegue abandonar suas tradições. Assim, o jogador brasileiro, que é considerado, pelo cronista, como alguém criativo, é controlado pelo treinador para que consiga jogar dentro de um sistema estabelecido. Verifica-se, aqui, o início de um processo tenso entre o individualismo e o coletivismo. Os dirigentes acreditavam que o

---

<sup>180</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O football brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1953. p.5

jogador precisava de uma interferência externa, para que pudesse utilizar suas virtudes dentro de um nível ideal.

O cronista se vale dessa metáfora do futebol no Brasil para criar a representação de um país harmônico, onde todas as pessoas, independente da situação social, racial ou religiosa, apresentam a oportunidade de praticar esse esporte. Restando para aqueles que não obtiveram sucesso, a possibilidade de tornarem-se torcedores. Estes não admitem que o jogador erre ou que o selecionado não vença, pois os jogadores representam as pessoas que não conseguiram chegar ao alto nível desse esporte. O futebol é um dos poucos espaços em que as pessoas e/ou países, economicamente desfavorecidos, têm condições de mostrar as suas forças em situação de igualdade com os considerados ricos.

Mesmo diante da escassez de jogos amistosos, os quais poderiam ajudar na melhora dos aspectos táticos da equipe, o selecionado brasileiro foi inesperadamente convocado para disputar o Pan-Americano, a ser realizado no Chile em 1952. Apresentando uma equipe bastante modificada, quando comparada com a que disputou a final da Copa do Mundo de 1950.

Começando pelo treinador Zezé Moreira, que assumiu o lugar de Flávio Costa. Além da estréia de jovens jogadores como Djalma Santos, Pinheiro, Didi, Julinho e Pinga. Os atletas e dirigentes convocados para formarem o selecionado nacional fornecem indícios de que houve uma tentativa de reestruturar o futebol brasileiro. Idéia fortalecida ao se verificar que, da equipe que iniciou a competição, somente dois atletas (Bauer e Ademir Menezes) haviam jogado a partida final da última Copa do Mundo.

Depois da final de 1950, há uma tendência por parte dos cronistas do *Jornal dos Sports* em tentar alimentar uma rivalidade entre o selecionado nacional e o selecionado uruguaio. Destarte, o que se viu inicialmente foi um incontido desejo de vitória, como forma de tentar minimizar a frustração ocorrida no Maracanã:

Embarcaram os nossos rapazes para mais uma competição internacional, de football. Muito temos sofrido nestes embates, com derrotas que muito nos têm sangrado. Às vezes, tudo temos para vencer, e lá vem um impossível qualquer, e vamos ficando para trás. Esperamos que as coisas corram, neste campeonato do Chile, a nosso favor. Tudo temos para vencer. A nossa rapaziada vai com a disposição para vencer. E que nos traga uma vitória para curar daquela chaga que foi o Campeonato do Mundo.<sup>181</sup>

Mesmo sendo uma competição que não contava com a participação das grandes equipes européias, alguns cronistas do *Jornal dos Sports* procuravam valorizá-la, a fim de tentar auxiliar no processo de reconstrução do futebol nacional. Os próprios dirigentes

---

<sup>181</sup> REGO, José Lins do. A revanche. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1952. p.5.



achavam importante um novo teste para o selecionado nacional e, por isso, resolveram participar desse torneio, mesmo sem realizar nenhum tipo de planejamento antecipado:

Quando se decidiu enviar ao Chile uma seleção de última hora, sem preparo algum, foi um espanto geral no Brasil. Estávamos habituados a ver a seleção brasileira preparar-se longamente, com requintes de atenções. Não se podia aceitar, portanto, uma aventura como essa de enviar a um pan-americano uma equipe sem um mínimo de preparo. Foi, assim, um deus-nos-acuda quando se decidiu que o Brasil viria logo após o Torneio Rio - São Paulo. E assim foi, realmente. O Brasil chegou a Santiago como uma delegação suicida. Não era possível a mais ousada previsão sobre que papel poderia representar. Veio às cegas, desconhecendo-se a si mesmo. Uma autêntica e total aventura.<sup>182</sup>

Verifica-se, nessa competição, um processo inverso do que tradicionalmente acontecia. Para este Pan-americano, o improviso substituiu as longas temporadas, os jogadores foram convocados às vésperas do início do campeonato, tendo o agravante de que os atletas brasileiros vinham de uma maratona de jogos, decorrentes da final dos campeonatos regionais. Contudo, isso acabou dando resultado, pois o selecionado nacional conseguiu obter o seu primeiro título continental em uma competição realizada fora do país.

O título foi comemorado inclusive pelo presidente Getúlio Vargas, que enviou um telegrama aos jogadores brasileiros, com as seguintes palavras: “Queiram receber as minhas vivas felicitações pela conquista do título de campeão pan-americano conferido como justo prêmio do valor desportivo com que se fez aplaudir e admirar o selecionado brasileiro”.<sup>183</sup>

Os cronistas do *Jornal dos Sports* que, inicialmente supervalorizaram essa competição, continuaram o seu discurso romântico, mostrando que a vitória recuperou parte do orgulho do brasileiro. Para os literatos do periódico carioca, esta vitória foi vista como uma revanche contra a equipe uruguaia e, sobretudo, como um símbolo de recuperação da esperança do brasileiro. José Lins do Rego salienta a identificação entre povo e futebol. O autor, após a partida final, expressou os seus sentimentos:

Mais uma vez o povo brasileiro veio às ruas para aclamar os heróis do futebol. As massas vibraram, com entusiasmo, sem limites. Muita gente não tolera football e considera estes entusiasmos como manifestações fúteis. Mas com o espetáculo de anteontem, estes céticos deverão mudar de opinião.

---

<sup>182</sup> BRUCE, Fernando. Brasil, campeão das Américas. Santiago do Chile. Publicado no Jornal Diário de Pernambuco do dia 22 de abril de 1952. Disponível em <http://www.pernambuco.com/diario>. Acesso em 3 de junho de 2008.

<sup>183</sup> VARGAS, Getúlio. De Vargas para a seleção. Telegrama datado de 22 abril de 1952, publicado no Jornal Diário de Pernambuco em 23 de abril de 1952. Disponível em [http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol16\\_0.html](http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol16_0.html)

[...] Anteontem vi o bom povo, nas suas exuberâncias de coração. E os rapazes que tanto fizeram em Santiago bem mereceram as aclamações das massas generosas.<sup>184</sup>

Nessa passagem, o articulista vincula a comemoração ao povo, que é tratado como sinônimo de massa, não no sentido pejorativo, mas como uma coletividade conduzida pelos estímulos passionais e que, neste caso, se manifestou de maneira positiva. Por isso, o autor os considera como bom povo, mesmo de maneira subliminar, percebe-se a visão classista, pela qual este não tem consciência, age por impulsos, em suma, é alienado. José Lins do Rego não concorda com essa visão. Para ele, um apaixonado por esse esporte, o futebol era uma manifestação cultural importante que possibilitava perceber os sentimentos e a autenticidade do povo brasileiro.

Foi com esse espírito vitorioso que o selecionado brasileiro estreou no campeonato Sul-Americano, realizado em Lima, no dia 1 de março de 1953, vencendo a equipe boliviana por 8 X 3. O *Jornal dos Sports* destacou a repercussão dessa vitória nos periódicos estrangeiros, mostrando uma matéria publicada pelo jornal peruano *El Comercio*, o qual elogiava o nosso futebol, relatando que a equipe brasileira foi muito superior à boliviana: “[...] a tática preconcebida causava a impressão de que todos os ataques estavam numerados.”<sup>185</sup>

É interessante perceber que começava a ocorrer uma transformação na identidade do brasileiro, que deixava de ser representada por meio do imprevisto e da individualidade, passando a ser percebida pela capacidade coletiva da equipe e pelo entrosamento dos jogadores, características estas das equipes consideradas modernas. De acordo com a matéria apresentada no *Jornal dos Sports*, tal foi a perfeição da apresentação brasileira, que todos os lances pareciam ter sido exaustivamente ensaiados, de modo que não havia como retocá-los.<sup>186</sup>

No dia seguinte, o chefe da delegação brasileira publica na sua coluna *Esporte é Vida*, uma mensagem em que procura prevenir os jogadores: “[...] tomem cuidado com o excesso de elogios da imprensa peruana”.<sup>187</sup> A preocupação do dirigente brasileiro com os possíveis excessos pode ser vista como um indicativo de que os brasileiros buscavam um nível ideal para os seus sentimentos e atitudes, o que se tornou recorrente nas crônicas produzidas após 16 de julho de 1950, servindo de indicativo para que se possa perceber o impacto provocado pela derrota sofrida pelo Brasil na partida final daquele mundial.

<sup>184</sup> REGO, José Lins do. O Bom povo. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 27 abril de 1952. p.5.

<sup>185</sup> JORNAL DOS SPORTS. *Máquina de fazer football moderno*. Rio de Janeiro, 3 de março de 1953. p.8

<sup>186</sup> *Ibidem*.

<sup>187</sup> REGO, José Lins. Excesso de elogios. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 4 de março de 1953. p.5.

Após essa vitória no jogo de estreia, o Brasil permaneceu doze dias sem um jogo oficial nessa competição. Esse longo período de ociosidade gerou vários conflitos na delegação brasileira e também entre a própria imprensa que, supostamente, estaria “criando” um cenário de brigas e desentendimentos entre atletas e membros da comissão técnica brasileira. Situação negada pelo chefe da delegação:

Anuncia-se que há desentendimento da chefia com os responsáveis pelo preparo da seleção. Tudo palavras a toa, erradas, soltas ao vento. Posso dizer que jamais vi melhor harmonia numa delegação desportiva. Gente mais unida, através do sucesso, sem que nos perturbem a vaidade, o despeito e tantos outros entraves naturais aos grupos de opostas tendências de espírito. Aqui em Lima só queremos uma coisa. É ver o Brasil campeão.<sup>188</sup>

Ao mesmo tempo em que José Lins do Rego buscava, através de suas crônicas, desmentir alguns fatos publicados pela imprensa brasileira, ele seguia normatizando o cotidiano dos atletas do selecionado, pois os vários dias sem jogos oficiais, somados à boa vitória da estreia, criaram um clima de relaxamento entre os jogadores brasileiros. Tornava-se necessária a intervenção da chefia da delegação, mostrando que “nenhum atleta poderá se ausentar da concentração brasileira seja de dia ou de noite. Todos devem estar voltados para o reinício das atividades, justamente no período mais árduo da campanha”.<sup>189</sup>

Durante os dias sem jogos, a comissão técnica brasileira resolveu mudar o local da sua concentração, justificando que Chosica era muito longe da cidade, o que estimulava os jogadores a se sentirem solitários. Isso contribuiu para que o alojamento fosse transferido para o Estádio Nacional, onde eram realizados os jogos do selecionado. Tal fato serviu de pretexto para que alguns cronistas passassem a questionar os objetivos desses jogadores:

Também aqui não foi bem recebida a notícia da mudança de Chosica, principalmente pelo motivo alegado – solidão! [...] A nossa representação não foi ao Peru para fazer turismo e se divertir! Foi representar o Brasil! Obteve a honra e o dever de representá-lo condignamente [...].<sup>190</sup>

Para os cronistas esportivos, representar a pátria deveria ser visto como algo nobre, pois ali estava a elite esportiva do país. Os atletas que conseguem chegar ao selecionado nacional são tidos como os legítimos representantes dos sonhos, das esperanças e dos desejos das pessoas que ficaram no país torcendo para que eles não fracassassem. Um possível revés do selecionado, significaria um novo fracasso do homem brasileiro – e também do Brasil.

<sup>188</sup> REGO, José Lins do. Esporte e vida. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 8 de março de 1953. p.5.

<sup>189</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Mudança de atitude na concentração**. Rio de Janeiro, 7 de março de 1953. p.1.

<sup>190</sup> ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Mudança na concentração. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 17 de março de 1953. p.5.

Preocupados com essa possibilidade de um resultado negativo, cronistas como Vargas Netto passaram a criticar o clima festivo que, supostamente, estaria ocorrendo na concentração brasileira, em Lima. É interessante perceber que o dirigente brasileiro interveio na tentativa de controlar o clima festivo, mas o literato utilizava as suas crônicas para denunciar esse problema. Segundo Vargas Netto, a população, de maneira geral, estava indignada com as notícias remetidas ao Brasil por meio de seus enviados especiais, que estavam acompanhando tudo o que acontecia em Lima:

Diz-me José Lins do Rego, que minhas palavras foram chocantes para eles, principalmente por eu ser amigo. Mas também informa Geraldo Romualdo que o meu artigo produziu uma tremenda reação benéfica, pois funcionou como força de coesão para o grupo quase fracionado [...] Eu resumi o sentimento geral da torcida que não poderá compreender, nem mudar a parábola de vossas performances.<sup>191</sup>

Para que se possa ter uma melhor dimensão dos acontecimentos é necessário contextualizar a referida crônica. Esta foi escrita em um momento no qual a equipe nacional vinha alternando boas e más apresentações, fato atribuído ao clima festivo que imperava na concentração brasileira em Lima. Sobre tais acusações, José Lins do Rego, que nessa competição exercia a função de chefe da delegação brasileira, passou a utilizar a sua coluna no *Jornal dos Sports (Esporte e vida)*, para escrever suas observações sobre o que estava acontecendo. Esse literato publicou uma série de crônicas intituladas “Reflexões que não são de um turista”, nome sugestivo, que vem como uma espécie de contra-ataque a alguns jornalistas brasileiros que o acusavam de ter ido a Lima apenas para passear. Escreve Lins do Rego:

[...] longe da Pátria, com encargos pesados às costas as críticas impiedosas nos doem com mais intensidade. Porque nos sentimos responsáveis pelo que nunca pretendemos fazer. Se nos chega a vitória tudo estará muito bem, mas se nos acontecer um mínimo de revés passamos a bode expiatório, a pobres cabeças de turco. E há quem lhe fale em turismo, em gozadores da vida à frente de delegações. Bem razão tinha o velho Castelo Branco, quando se negando vir a Lima, dizia ao querido Piva: - Precisamos de gente mais nova para sofrer.<sup>192</sup>

Para o dirigente brasileiro, a atitude dos cronistas tinha uma relação com os resultados adversos do selecionado nacional, ou seja, sempre que a seleção perdia um jogo, havia necessidade de encontrar uma justificativa para a derrota. E, nesse caso, a culpa era atribuída à comissão técnica, acusada de não realizar as suas funções administrativas, tendo em vista o suposto clima festivo que imperava na concentração brasileira, que, em alguns

---

<sup>191</sup> VARGAS NETTO, Manuel do nascimento. O reativo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 28 de março de 1949. p.5

<sup>192</sup> REGO, José Lins do. Reflexões que não são de um turista. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de março de 1953. p.11.

momentos, era somado pela rivalidade criada entre o treinador da equipe e alguns dos jogadores. É interessante destacar que os cronistas praticamente ignoram as qualidades do adversário, eles sempre se preocupam em buscar um outro motivo que possa justificar os resultados adversos.

No dia 12 de março de 1953, o Brasil faz a sua segunda partida e vence o Equador por 2X0. A crônica esportiva brasileira indica que foi uma vitória fácil sobre um adversário que não esboçou reação. Fato contestado por Vargas Netto:

Não me agrada absolutamente, essa maneira, entre displicente e irônica com que estão tratando as seleções de outros países os nossos correspondentes em Lima. Aqui também, é com menor razão, pois estamos ausentes do palco dos acontecimentos e não somos testemunha de ciência própria dos fatos. Aqui, dizia eu, há uma tendência para o menosprezo e até para o debique nas manchetes de algumas folhas. Não devemos menosprezar ninguém, ou diminuir os nossos adversários. Se somos nós mesmos que consideramos insignificantes, como poderemos exaltar as nossas vitórias sobre eles? E se fomos derrotados que se diria então?<sup>193</sup>

Sob a percepção do autor, um dos problemas do brasileiro está em menosprezar seus adversários, criando uma verdadeira “cultura do deboche”, por meio da qual, o brasileiro menospreza os seus adversários quando vence. Nesse aspecto, a mídia tem um papel central, uma vez que estimula os torcedores, mostrando resultados anteriores, fazendo prognósticos, enfatizando os pontos vulneráveis, estimulando rivalidades. Isso criava uma situação paradoxal, pois ao desvalorizar os adversários, a sua própria vitória era desvalorizada. Pode-se dizer que o brasileiro se julgava bom demais para enfrentar as equipes sul-americanas e, de acordo com os cronistas do *Jornal dos Sports*, aquele mantinha um respeito exagerado pelos seus adversários europeus. É importante estar claro que essa questão de excesso de humildade, ou de menosprezo antecipado, foram justificativas utilizadas pelos cronistas que acabaram entrando no imaginário coletivo e se transformaram em mitos, que auxiliaram na representação desse esporte.

Para literatos como Nelson Rodrigues, era fundamental que os cronistas expressassem os seus sentimentos nas crônicas: “Vejam vocês em que dá a mania de justiça de objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria a estúpida e chata realidade um sopro de fantasia”.<sup>194</sup>

Muitas vezes, diferente do que propunha o literato, os cronistas não usavam a sua criatividade para valorizar a vitória brasileira, pelo contrário, eles desvalorizavam o adversário, o que, em última instância, só servia para diminuir a importância do resultado.

<sup>193</sup> VARGAS NETTO. Manuel do Nascimento. Todo adversário merece respeito. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de março de 1953. p. 5.

<sup>194</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O Passarinho. In: \_\_\_\_\_. Op cit.1994b. p. 11

Vargas Netto justifica esse posicionamento pessimista, mostrando que, a partir do jogo final da Copa de 1950, muitos cronistas aprenderam uma lição e, por isso, preferiam não se entusiasmar antecipadamente.<sup>195</sup> É possível verificar que os cronistas apresentavam dificuldades em encontrar um meio termo entre o excesso e a falta de confiança, problema este que eles apontavam como uma das principais dificuldades do jogador brasileiro, que na sua próxima partida iria enfrentar a equipe uruguaia.

A crônica esportiva brasileira começa uma verdadeira campanha contra a equipe uruguaia, promovendo uma série de polêmicas que aumentavam as expectativas em torno desse jogo, para o qual foi criado um cenário de revanche.<sup>196</sup> Inicialmente, os cronistas destacaram possíveis ofensas que teriam sido proferidas por jogadores uruguaiois, contra dois jornalistas brasileiros:

Os jogadores uruguaiois no sul-americano de football continuam dando o que falar, por sua violência. Na noite passada foram protagonistas durante o treinamento de um sério incidente com os jornalistas brasileiros, dois fotógrafos que tentavam colher um instantâneo do jogador uruguaio Carbalho, foram ameaçados de agressão e inutilização das câmeras se seu retrato aparecesse nos jornais do Brasil. [...] Os jornalistas vítima da fúria uruguaia são Ângelo Gomes de JS e Última Hora e Armando Nogueira do Diário Carioca.<sup>197</sup>

A partir desta situação, os cronistas passaram a expressar a sua preocupação sobre a possibilidade da realização de um jogo mais violento, argumentando que o clima de rivalidade já estava instaurado fora dos gramados. Além disso, este seria o primeiro encontro entre essas seleções desde a final da Copa do Mundo de 1950. Parte dos cronistas buscava representar os uruguaiois como jogadores descontrolados e violentos, dentro e fora dos gramados.

Dessa maneira, os cronistas do *Jornal dos Sports* construíam o mito em torno desse confronto, destacando que era o grande clássico sul-americano daquele momento, por isso estava rodeado de grande expectativa. Mesmo alguns deles dizendo que o jogo não deveria ser encarado como revanche, já que as equipes não eram as mesmas que haviam se enfrentado na final da Copa do Mundo de 1950, principalmente a brasileira que, a partir daquele resultado, iniciou um processo de reestruturação de jogadores e do corpo diretivo.

<sup>198</sup> Outra parte da crônica esportiva relata que: “[...] pouco importa que os jogadores das duas equipes não sejam os mesmos. Quem nos venceu em 50 foi a camisa celeste e para o

<sup>195</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Falta de confiança. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de março de 1953. p.6.

<sup>196</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Alimenta-se a rivalidade**. Rio de Janeiro, 7 de março de 1953. p.1.

<sup>197</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Os uruguaiois destacando-se pela indisciplina**. Rio de Janeiro, 8 de março de 1953. p.6.

<sup>198</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Preparam-se as equipes para o clássico sul-americano da atualidade**. Rio de Janeiro, 15 de março de 1953. p.1.

torcedor do Brasil, toda vez que o Brasil e Uruguai se encontrar o Brasil terá que vencer”.<sup>199</sup>

A camisa tem uma conotação simbólica bastante forte, pois representa concretamente o país no momento do jogo. Havia, inclusive, uma mística em torno de equipes e jogadores que honram a camisa que vestem, isto é, honram o seu país. Por outro lado, existem jogadores considerados medrosos, o que os leva a serem vistos como indignos de vestir a camisa de um selecionado. A metáfora utilizada servia para mostrar que a disputa não era entre os jogadores, mas era um confronto simbólico criado entre as nações, as quais, por meio do futebol, tentavam afirmar as suas potencialidades.<sup>200</sup>

O Brasil venceu o jogo por 1 a 0, possibilitando que inúmeras hipóteses fossem levantadas, não somente sobre esse jogo em si, pois para os cronistas, em condições normais o Brasil jamais perderia para o Uruguai. Assim, volta-se a tentar entender o que havia acontecido em 1950. Nesse sentido, retomam-se inúmeras teses, como excesso de confiança, o excesso de responsabilidade sobre os jogadores, a irresponsabilidade da comissão técnica e dos dirigentes. Entretanto, nesse jogo, os cronistas buscaram mostrar que o jogador brasileiro estava pronto para dar qualquer tipo de resposta, seja ela através da técnica do esporte ou, se necessário, por meio de atitudes mais ríspidas: “A qualidade de nosso football merecia outra espécie de luta. Tínhamos armas para um pulso de esgrima e fomos obrigados a travar uma contenda de fim de feira [...] O pau cantou porque esta era a música que os nossos adversários quiseram impor ao baile”.<sup>201</sup>

Mario Filho caminha nessa linha de argumentação apresentando, de forma romanceada, esses acontecimentos ao mostrar que:

[...] O 16 de julho não saía da cabeça do brasileiro. Aquela fora a hora de dar o safanão, de meter o braço, de tacar o pé.[...]E o Brasil ganhou em tudo: no futebol, no pontapé, no safanão, no bofete. Baixara sobre Ely do Amparo o espírito do Grande Capitão. Era um preto que fazia questão de mostrar que preto não fugia da raia. Exagerando um pouco para vingar Barbosa e Bigode. Para acabar com aquela história de que o preto é que tinha deitado(sic) tudo a perder em 16 julho de 50.<sup>202</sup>

As palavras desse literato revelam uma mágoa decorrente da derrota brasileira para o selecionado uruguaio na final da Copa de 1950. Sendo assim, Mario Filho apresenta os

<sup>199</sup> PEREIRA, Giampoli. Nova revanche. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de março de 1953. p.1.

<sup>200</sup> De acordo com o site oficial da CBF <http://www.cbf.com.br/> após a derrota na final da Copa do Mundo de 1950, resolveu-se fazer um concurso para encontrar uma nova camisa para o selecionado nacional. a qual deveria ter as 4 cores preponderantes da bandeira do Brasil. Cf. também. HASSE FILHO, Pedro. **Brasil nas Copas**: em destaque a participação dos gaúchos. Porto Alegre: Zero Hora, 2002. p.42.

<sup>201</sup> REGO, José Lins do. Esporte e vida. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de março de 1953. p.5.

<sup>202</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. p.301-302.

fatos buscando atribuir um sentido de vingança, escolhendo como protagonistas da sua narrativa os mesmos personagens uruguaios e a figura de um negro como símbolo da valentia brasileira, como alguém que lavou a honra do seu povo, mostrando que o negro não era covarde. Muito pelo contrário, o encadeamento dos fatos apresenta o negro como um herói nacional, pois ele conseguiu se vingar dos uruguaios, recuperando a credibilidade e autoestima do povo brasileiro. Para Mario Filho, após enfrentar e vencer os uruguaios, no jogo e na briga, o selecionado brasileiro estava pronto para enfrentar qualquer equipe.<sup>203</sup>

Contudo, os acontecimentos não foram como o cronista idealizava, pois no dia 19 de março de 1953, o Brasil voltou a campo e perdeu para a seleção peruana por 1 a 0. Com esse novo resultado negativo, os cronistas retomaram as suas análises para as possíveis causas que teriam levado a esse revés. Para o enviado especial do *Jornal dos Sports*, Geraldo R. Silva, o Brasil não atuou com a sua melhor formação, além disso, a equipe brasileira teria permitido que o adversário jogasse muito à vontade. Por fim, esse jornalista relata que a performance dos nossos jogadores foi bem abaixo do que se esperava e daquilo que eles poderiam render se estivessem em situações normais. Entretanto, o jornalista não fornece nenhum tipo de indício para mostrar quais seriam os fatores que poderiam ter interferido no rendimento dos jogadores.<sup>204</sup>

Para Zé de São Januário, outro cronista do *Jornal dos Sports*, o problema estava no treinador do selecionado, segundo o autor, este era “demasiado palpiteiro e excessivamente otimista. Quem muito fala, muito erra. E Aimoré fala em demasia”.<sup>205</sup> Para os atletas e a comissão técnica do selecionado, a derrota foi resultado da atuação do árbitro (Dean Machenna), por isso, o Brasil se negava a jogar novamente caso este apitasse, ameaçando, inclusive, abandonar a competição.<sup>206</sup>

O dirigente brasileiro relata que “Nosso país vale por um continente. Não estamos aqui a fim de sermos submetidos a imposições descabidas nem parcialidades declaradas dos juízes. Somos um somente lutando contra seis. Pois lutaremos contra todos”.<sup>207</sup>

Mesmo perdendo a partida e alternando bons e maus resultados, a seleção brasileira conseguiu chegar a decisão do título dessa competição. Foi quando os cronistas

<sup>203</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Agora o scratchmen está pronto para ser campeão. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de março de 1953. p.5.

<sup>204</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Brasil perde para o Paraguai. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de março de 1953. p.5.

<sup>205</sup> ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. O técnico brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 27 de março de 1953. p.2.

<sup>206</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O Brasil pode desistir do Campeonato Sul-Americano**. Rio de Janeiro, 23 de março de 1953. p.1.

<sup>207</sup> REGO, José Lins do. O valor do Brasil. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 24 de março de 1953. p.5.



solicitavam uma trégua para os jogadores, pois naquela oportunidade o mais importante deveria ser o país e não os sentimentos e/ou desavenças pessoais:

Pede-se apenas um último esforço a seleção do Brasil. Mas um esforço onde se misturem alma e coração, força e ideal, consciência de atleta, de quem sabe representar o esforço moral de um povo, a esperança de um tipo racial em formação, o nome de um país que é a própria pátria em nome do qual não se economiza esforço nem se mede sacrifício. Custa-me crer e me confrange a alma ouvir os comentaristas de rádio sem entusiasmo, sem empenho.<sup>208</sup>

Estas palavras demonstram que, na visão deste literato, o Brasil era um país em formação e, para conseguir alcançar o projeto por ele idealizado, seria necessário transformar os sentimentos em ações concretas. Mais uma vez os cronistas se valem de pares diferentes (alma e coração; força e ideal) como meio de buscar motivação e trabalhar com o aspecto emocional dos jogadores, inclusive destacando valores eugênicos que já estavam em desuso, mas que, na visão romântica dos literatos, a raça brasileira estava se formando e um resultado positivo seria fundamental para isso. Entretanto, a preocupação maior era com o clima entre os membros da delegação brasileira:

O ambiente da concentração brasileira, a dois dias da decisão do título com a seleção paraguaia não é tranquilizador. Observa-se um clima de contrariedade, de desajuste, de descontentamento. Há ressentimentos de jogadores com o técnico e até entre os jogadores. [...] Talvez a precipitação nas declarações do técnico Aimoré, desabafando após o revés experimentado ante os paraguaios, possivelmente a revelação de alterações profunda no team [...] tenha sido razões para justificar este estado de coisas.<sup>209</sup>

Muitas especulações foram publicadas nos jornais, com o intuito de justificar a derrota da equipe brasileira para a equipe paraguaia, entre as quais se destacam: o clima entre o técnico e os jogadores brasileiros; a rivalidade interna entre os atletas do Rio de Janeiro e São Paulo; a falta de preparação dos jogadores que fizeram muitas festas e treinaram pouco durante a estadia em Lima; a falta de organização da delegação inclusive mudando o local de concentração para que os atletas pudessem passear.

Essas justificativas, expressas pelos cronistas brasileiros, novamente não levam em consideração os méritos da equipe adversária, indicando um sinal de desrespeito com o time paraguaio. Era uma atitude habitual de grande parte dos cronistas brasileiros, os quais respeitavam somente os adversários europeus, pois, na concepção desses intelectuais, na América do Sul, o Brasil era considerado o país mais desenvolvido.

---

<sup>208</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Em nome do Brasil. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 30 de março de 1949. p.5

<sup>209</sup> SILVA, Geraldo Romualdo da. Falta de tranquilidade entre os scratchmen. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 31 de março de 1953. p.6

Após a derrota brasileira na primeira partida disputada contra o Paraguai, os critérios técnicos da competição indicavam a necessidade de realizar um novo jogo entre as duas equipes para determinar quem seria a campeã do continente. A relação entre o treinador do selecionado e os jogadores estava tão tensa, que o presidente da CBD convidou Flávio Costa e Zezé Moreira, para se unirem ao selecionado brasileiro que iria disputar a partida final: “E assim espera-se que o ambiente na nossa delegação em Lima melhore”.<sup>210</sup> Contudo, esta tentativa não alcançou o resultado desejado, pois o selecionado brasileiro perdeu o jogo final por 3 a 2. Momento em que novamente tem início às especulações a fim de encontrar justificativas para esse resultado negativo:

A derrota foi um prêmio doloroso a desobediência da delegação que não souberam os responsáveis em Lima, alcançar o sentido de cooperação dos técnicos encaminhados pela CBD e CND, Flávio e Zezé Moreira se depararam com as portas fechadas, quando deveriam encontrar braços abertos.<sup>211</sup>

Inicialmente, a imprensa se aproveitou da convocação e não utilização dos dois novos treinadores, como sinônimo de teimosia, de desrespeito com o país. Mario Filho fantasia esse episódio, descrevendo-o da seguinte forma: “Aimoré Moreira armou uma barricada na concentração brasileira. Quem ficou tomando conta foi Mario Vianna: - Só entram aqui passando por cima do meu cadáver”.<sup>212</sup>

É interessante observar que todos os problemas levantados em 1950 e em 1953, foram decorrentes de competições em que o Brasil havia ficado em segundo lugar. Na Copa do Mundo de 1938, o Brasil ficou em terceiro lugar e os atletas foram recebidos como heróis nacionais. Mas, a partir da derrota de 1950, criou-se um sentimento de repulsa pela derrota, portanto, ou o selecionado conseguia se tornar campeão ou de nada serviriam os resultados positivos, o que demonstra o estabelecimento de uma cultura vitoriosa, segundo a qual não existia espaço para a derrota.

Mas, nesse caso, o problema era maior, porque a derrota envolveu situações de insubordinação, de incitação de alguns jogadores contra o comando técnico e indisciplina de maneira geral. Contudo, a CBD indicou que não tomaria nenhuma atitude antes da entrega do relatório da comissão técnica da equipe.<sup>213</sup>

Tais acontecimentos fornecem subsídios para que se possam perceber as relações de poder que permeavam essa configuração. O *Jornal dos Sports* era um dos veículos de

<sup>210</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Aimoré é o único responsável**. Rio de Janeiro, 31 de março de 1953. p. 1 e 4.

<sup>211</sup> ZÉ DO SÃO JANUÁRIO. Um predinha na shooteira. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 03 de abril de 1953.p.2

<sup>212</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit, p.311.

<sup>213</sup> Os relatórios a serem enviados eram de José Lins do Rego, Aymoré Moreira e Flávio Costa. **Jornal dos Sports**. A CBD vai esperar a entrega dos relatórios. Rio de Janeiro 7 abril de 1953. p.1 e 5.

comunicação que apresentava um significativo capital simbólico, no campo esportivo. Esse periódico se orgulhava de apresentar notícias exclusivas – os chamados “furos de reportagem” –, o que se tornava possível graças às pessoas que escreviam para o jornal. Como demonstrado anteriormente, havia vários indivíduos diretamente relacionados aos órgãos diretivos do futebol brasileiro, que escreviam sistematicamente nesse periódico.

No dia 1 de maio de 1953, o *Jornal dos Sports* apresenta em primeira capa uma notícia exclusiva que, segundo o responsável, foi obtida de fontes fidedignas. A manchete dizia que a CBD havia criado um vasto projeto de preparação para a Copa do Mundo, e o destaque era que:

[...] os chamados cracks consagrados terá o que comumente se diz sombra, no que toca as designações para o magno certame. Isto porque haverá uma seleção de novos para lhes dar combate [...] Destacam-se entre outros, Humberto, Vavá, Floriano, Índio, Zózimo, Jadir e Celso. O objetivo é que todos se dediquem para ter direito a vaga.<sup>214</sup>

O periódico inicia um novo projeto, por meio do qual se valoriza a organização antecipada e a preparação do selecionado nacional. De acordo com os cronistas, os últimos acontecimentos envolvendo representantes brasileiros serviram de lição para que se pudesse encontrar um ponto de equilíbrio entre os muitos problemas que estariam afetando o futebol brasileiro.<sup>215</sup> Este era um discurso sistematicamente utilizado na justificativa do atraso econômico, cultural e social do Brasil. Do ponto de vista de intelectuais, como João Lyra Filho, o problema dos brasileiros (e do próprio país) estava na falta de experiência com países desenvolvidos, o que afetava a população, além de se refletir no esporte/futebol.

A importância atribuída à Copa do Mundo é revelada pelos próprios cronistas do Jornal, ao exporem que, mesmo faltando pouco mais de um ano para o início da competição, já era hora da seleção brasileira iniciar o preparo para esta, que deveria contar com uma ampla cobertura da imprensa. Contudo, os cronistas alertavam para o risco de acreditar em informações oriundas de fontes não confiáveis, tendo em vista que muitos dos seus concorrentes publicavam matérias a respeito do evento em questão. Segundo um dos correspondentes do jornal: “convém mostrar-se muito prudente com a maioria das

---

<sup>214</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Transfusão de sangue novo na equipe das eliminatórias.** Rio de Janeiro, 1 de maio de 1953. p. 6

<sup>215</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Seleção terá um vasto programa de preparação para a Copa da Suíça.** Rio de Janeiro, 17 de abril de 1953. p. 1 e 6.

informações não oficiais publicadas por confrades precipitados na sua ânsia ridícula do furo”.<sup>216</sup>

O próprio *Jornal dos Sports* acabou por mostrar, pouco tempo depois, que aquilo de que orgulhosamente chamavam de furo de reportagem, não passava de especulação jornalística, tendo em vista que os mesmos cronistas que elogiavam a preparação antecipada do selecionado, passaram a criticar a falta de jogos oficiais, uma vez que esta revelava a falta de planejamento racional para a seleção brasileira.<sup>217</sup> Zé de São Januário foi um dos cronistas que se demonstrava bastante reticente com a preparação do selecionado brasileiro:

As nações que vão participar do Campeonato do Mundo em junho de 1954, já tem as suas seleções organizadas e preparadas para o que der e vier. As seleções nacionais em apreço como a Hungria, França, Áustria, Inglaterra e outras, jogam partidas internacionais periódicas a fim de arquetarem eficiência de seus conjuntos. Entre nós, só uma coisa se discute o técnico. Na opinião da crônica e da própria CBD, ao técnico caberá ganhar o campeonato mundial.<sup>218</sup>

A preocupação, quase exagerada, com a definição do treinador era algo central no *Jornal dos Sports*. A respeito dessa questão, foi travada uma verdadeira batalha entre os cronistas que, movidos por sentimentos passionais – típicos dos torcedores que eram –, desejavam ver no selecionado o técnico das suas respectivas equipes “do coração”. Essa preocupação exposta nas crônicas permite perceber a importância atribuída ao técnico da seleção, como um dos principais agentes responsáveis por definir o estilo de jogo a ser adotado pelo selecionado. Entretanto, a situação era paradoxal, pois o técnico não participava diretamente de uma das fases mais importantes do processo, que seria a escolha dos jogadores que, mais tarde, teriam que atender às suas determinações. Desse modo, era necessário que o treinador adaptasse o sistema de jogo aos atletas escolhidos, ao invés do contrário.

Após inúmeras especulações, no dia 30 de dezembro de 1953, o presidente da CBD divulgou o nome de Zezé Moreira como treinador do selecionado nacional: “Escolhido o técnico campeão do Pan-Americano para dirigir a seleção brasileira para a Copa do Mundo. Preparador do Fluminense recebeu a prova de confiança”.<sup>219</sup> Logo após assumir a seleção, o novo treinador relata que: “[...] não existia propriamente um programa, em face

<sup>216</sup> RIMET, Pierre. Cartas de Paris. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de maio de 1953. p.9.

<sup>217</sup> Entre os cronistas que criticavam a falta de planejamento do selecionado nacional está Mario Filho, Vargas Netto e Zé de São Januário.

<sup>218</sup> ZÉ DE JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1953. p.3.

<sup>219</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Zezé Moreira foi escolhido para ser técnico da seleção brasileira**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1953. p.1.

das incertezas sobre os jogadores e as circunstâncias do pouco tempo que resta para um ajuste a altura do desejado”.<sup>220</sup>

Partindo dessa falta de planejamento, definiu-se a data da primeira reunião com os dirigentes da CBD, a fim de dar início ao trabalho de preparação da equipe brasileira: “O Conselho Técnico reunira em sessão secreta para elaborar a lista contendo os nomes dos cracks convocados para apresentar ao técnico Zezé Moreira na reunião do dia 7. Tanto Feola como Vinhais enviaram relatórios sobre a observação feita dos jogadores de São Paulo e do Norte”.<sup>221</sup>

O *Jornal dos Sports* divulgou algumas informações sobre a reunião que definiu quais atletas fariam parte do selecionado nacional e, de acordo com Geraldo Romualdo Silva, “os nomes dos jogadores, um a um foram sendo citados e analisados, não só em face de sua capacidade técnica como em face de sua conduta disciplinar e então passando a figurar a lista em elaboração”.<sup>222</sup>

Havia, aqui, uma inquietação que ia além dos aspectos específicos do futebol: passou-se a zelar pelo comportamento e pelas atitudes dos jogadores que possivelmente representariam o Brasil na Europa. Mais do que a questão civilizacional do homem brasileiro, essa atitude parece estar diretamente ligada aos acontecimentos do Sul-Americano realizado no Chile, pois ficaram fora da lista dos convocados, os jogadores veteranos apontados pelos dirigentes como responsáveis pela indisciplina gerada entre atletas e comissão técnica:

[...] ninguém ouviu referência aos nomes de Danilo, Ipojuca e Zizinho que ainda se apresentavam em boa forma técnica. [...] Seria isso tudo consequência dos acontecimentos de Lima, já que se afirma que os relatórios secretos do Sul-Americano contêm comentários desabonadores à conduta disciplinar dos mesmos. Não se sabe. Sabe-se apenas, que mais recentemente a diretoria da CBD recomendou ao Conselho Técnico que para a escolha dos cracks para a Copa do Mundo pusesse em prova de seleção, a conduta moral do jogador acima de sua capacidade técnica.<sup>223</sup>

O fato de o jogador Ely, considerado um dos mais violentos atletas brasileiros no Pan-Americano realizado no Peru, ser convocado novamente indica que a questão não estava diretamente relacionada às atitudes dos jogadores em campo. Esse jogador, só foi

<sup>220</sup> MOREIRA, Zezé. Não existe programa de planejamento. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1954. p.6.

<sup>221</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Marcada a reunião do Conselho Técnico da CBD**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1953. p.5

<sup>222</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Reunião define os jogadores brasileiros. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1954. p.6

<sup>223</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Reunião secreta da CBD**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1954.p.6.

cortado posteriormente, devido a uma contusão, conforme atestaram os laudos dos médicos da seleção brasileira.<sup>224</sup>

Logo após a divulgação da lista dos jogadores, Zezé Moreira deu uma entrevista para a imprensa, deixando claro que não falaria a respeito dos jogadores não convocados, mas apenas sobre os atletas presentes nessa lista.<sup>225</sup> Mesmo com o tempo exíguo entre a convocação e a realização do primeiro jogo das eliminatórias, o Conselho Técnico da CBD definiu que seriam estabelecidas duas datas para que os jogadores se apresentassem na concentração do selecionado nacional. Essa decisão foi tomada após várias discussões envolvendo os representantes da CBD e os dirigentes dos clubes. Aqueles estavam preocupados com os interesses da seleção, ao passo que estes permaneciam inquietos com a possibilidade de poder contar com os seus melhores jogadores na fase decisiva do campeonato brasileiro, que, até então, era disputado por seleções estaduais.<sup>226</sup>

A preparação do selecionado nacional teve início no dia 9 de fevereiro de 1954, 19 dias antes do primeiro jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo, o que levou o treinador brasileiro a optar pela preparação da equipe no Chile, para que os atletas pudessem se adaptar ao local em que disputariam a primeira partida.<sup>227</sup> Essa possibilidade de se preparar longe do Brasil não foi bem recebida por parte dos cronistas esportivos, que viam na nostalgia um dos principais defeitos do homem brasileiro, capaz de fazer com que o estado emocional negativo, influenciasse no seu rendimento.<sup>228</sup>

O primeiro jogo das eliminatórias foi realizado contra a equipe chilena, no dia 28 de fevereiro de 1954, no Estádio Nacional em Santiago. O Brasil venceu este primeiro confronto com um placar de 2 a 0. Diante das adversidades que o técnico e o selecionado nacional enfrentavam, pela desorganização do calendário do futebol brasileiro, que resultou em uma preparação “atropelada”, o *Jornal dos Sports* indica que houve um acordo entre os cronistas esportivos, com o objetivo de auxiliar o treinador brasileiro:

Houve gente inclusive que em pleno fervor patriótico quis selar com sangue qualquer documento que surgisse. O que afinal não foi julgado necessário. Não estavam ali homens de palavra? Resolvido então ficou sem sangue e certo, que o scratch estaria isento de críticas. Ainda que a crítica representasse o que ficou salientado, como sempre representou e continuara a representar o

---

<sup>224</sup> Ibidem.

<sup>225</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O técnico fala dos jogadores convocados para o scratchmen**. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1954. p.1

<sup>226</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Representantes das federações metropolitanas querem os atletas após as eliminatórias**. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1953. p.6

<sup>227</sup> MOREIRA, Zezé. A preparação dos jogadores será no local do jogo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1954. p.6

<sup>228</sup> OLYMPICUS. Teoria e realidade. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1954. p.11.

principal papel da imprensa. Mas era necessário um grande sacrifício. Este compromisso foi honrado mesmo diante de apresentações não convincentes.<sup>229</sup>

O periódico em pauta expõe que os brasileiros apoiavam o selecionado e estavam unidos em torno de um objetivo comum, por isso, os cronistas optaram por deixar de lado o que seria considerado fundamental na sua profissão – o posicionamento crítico. A crítica da opinião pública voltava-se para os dirigentes brasileiros, que não eram capazes de organizar um calendário racional nem um planejamento antecipado, como fora prometido anteriormente. Mesmo, em um momento de discurso modernizador, verifica-se que o futebol brasileiro ainda dependia do improviso, pois a estrutura gerencial deste esporte se mostrava bastante desorganizada.

Todos os fatores supracitados eram desconsiderados quando o Brasil vencia seus adversários. Como aconteceu no jogo realizado no dia 14 de março de 1954, no Estádio do Maracanã, com a vitória brasileira sobre os chilenos por 1 a 0. Os cronistas continuavam a apoiar o selecionado nacional, mostrando que o resultado não refletia a realidade da partida, principalmente, pela superioridade técnica dos brasileiros, que só não ampliaram o placar devido às inúmeras oportunidades desperdiçadas por Humberto e, também, por causa da boa atuação dos defensores andinos, que neutralizaram muitas oportunidades do ataque brasileiro.<sup>230</sup>

Mario Filho, após um longo período sem comentar os jogos do selecionado nacional, deixa de lado uma sequência de crônicas que estava a escrever sobre a Copa Rio Branco e se posiciona quanto à partida, dizendo que:

Todo aquele povo foi ao Maracanã com uma goleada na cabeça. Iria do mesmo jeito e até se multiplicando se não tivesse tanta certeza da goleada. Para uma goleada foi gente demais. [...] E havia a saudade e havia uma porção de coisas. Bem que ele queria ter um certo medo, mesmo vago, impreciso, remoto. Mas era brasileiro e o brasileiro é oito ou oitenta. [...] Não se compare o scratch de 54 com o de 50 que antes da estréia teve três meses inteiros de treinamento, com descanso, recuperação e tudo. O de 54 e o de 52 quase não teve tempo de treinar. O erro está em se classificar os adversários, em considerá-los arbitrariamente fáceis ou difíceis, antes do matches que podem apresentá-los ao contrário. [...] A frustração é porque a torcida foi para ver algo e não viu “espetáculo transferido”.<sup>231</sup>

O autor apresenta seus argumentos na tentativa de justificar a insatisfação por parte dos torcedores, diante de um resultado positivo, do ponto de vista técnico, mas insuficiente, do ponto de vista emocional. Cabe, no entanto, destacar que essa exigência de que a seleção brasileira deve dar espetáculo quando joga, fazendo malabarismos e

<sup>229</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O Banquete da vitória**. Rio de Janeiro, 9 de março de 1954. p.5.

<sup>230</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O placar não condiz com o jogo**. Rio de Janeiro, 16 de março de 1954. p.1.

<sup>231</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A vitória pura e simples. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 10 de março de 1954. p. 5

aplicando goleadas, foi um pensamento construído pela própria mídia. Durante muitos anos, esta atuou no imaginário popular, criando um mito em que a diferença do futebol/jogador brasileiro, quando comparados a outros países, estava na sua arte. Nessa crônica, o literato utiliza a figura do torcedor para mostrar sua visão passional, pela qual era inaceitável que o Brasil vencesse sem dar *show*.

Quando o treinador aplicou um sistema de jogo mais voltado para a defesa do que para o ataque, e/ou fazer gol, acabou entrando em choque com a cultura esportiva brasileira, estabelecida junto aos mitos de que o futebol no Brasil é ginga, malícia, astúcia, esperteza. Isso fez com que, mesmo vencendo o jogo, o selecionado nacional fosse hostilizado pelos torcedores:

Foi uma coisa difícil de acontecer. Raras, raríssimas vezes, um quadro é vaiado após conquistar uma vitória, como foi o selecionado brasileiro na tarde de ontem, no Maracanã. O imenso público ficou insatisfeito com o desempenho da sua seleção, e mesmo tendo ela abatido os chilenos por 1x0, fortes manifestações de desagrado tiveram lugar no momento em que o onze abandonou o gramado, rumo ao vestiário. Cansados, de camisas suadas, pouco a pouco os cracks iam chegando ao recinto e logo desvencilhando-se das chuteiras. Veludo foi o primeiro a chegar, desabafando-se: Você viu o que aconteceu? A torcida queria que déssemos goleada de 5, 6, 7 ou 8, e porque apenas fizemos um gol levamos tremenda vaia. Vou dizer uma coisa: podem se dar por satisfeitos com um triunfo dessa maneira, porque os chilenos não são tão bobos como parecem.<sup>232</sup>

Aqui, pode-se identificar uma mudança no tom do discurso emitido por um dos cronistas do *Jornal dos Sports*, destoando do acordo estabelecido pelos articulistas do periódico, os quais passaram toda a eliminatória sem circular qualquer tipo de posicionamento contrário aos resultados obtidos pela seleção. O *Jornal dos Sports* recorreu à idéia de um pacto como forma de fortalecer o projeto de apoio incondicional ao selecionado. Encontra-se, aqui, a projeção da identidade brasileira a partir do jogo de futebol, estabelecendo uma relação dicotômica entre o sistema de jogo e a cultura popular.

Em parte da crônica esportiva, o jogador brasileiro era representado como um indivíduo habilidoso, que resolvia as situações adversas do jogo por meio do improviso, da malícia, da individualidade.<sup>233</sup> Entre esses cronistas estava Olympicus, que aponta para a necessidade de os jogadores não se deixarem levar pela passionalidade da torcida, pois as vitórias brasileiras no exterior contagiaram o torcedor de um modo em que este não ficaria satisfeito com uma vitória simples, pois esperava ver o Brasil golear os seus

<sup>232</sup> JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Ao vencedor as vaias. Pernambuco, 16 de março de 1954. Disponível em [http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol3\\_0.html](http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol3_0.html). Acessado em 10 de maio de 2008.

<sup>233</sup> JORNAL DOS SPORTS. O choque entre o football bonito e o football feio. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1954. p.5.



adversários.<sup>234</sup> Coadunando da mesma opinião, estava Mario Filho, o qual também utiliza a figura do torcedor brasileiro como um personagem exigente: “Agora sucede o contrário. Não se quer apenas a vitória pura e simples, uma como Deus botou no mundo. Imagina-se uma vitória vestida de baile, com um colar de pérolas, com jóias de alto preço e pedras preciosas. [...] O torcedor está mal acostumado”.<sup>235</sup>

Ao mesmo tempo em que esses cronistas reivindicavam a volta de um futebol bonito, eles colocavam em xeque o mito de apoio irrestrito da crônica esportiva ao selecionado nacional, fornecendo subsídios para que se perceba que o “Pacto de Fidelidade” foi apenas mais uma das estratégias utilizadas na busca de apoio ao selecionado. Entretanto, a visão idealizada de um futebol-arte acabou por prevalecer entre esses cronistas, que passaram a reivindicar uma postura mais ofensiva da equipe brasileira.

Para estes, o uso da marcação por zona, na qual cada jogador é responsável pela proteção de um determinado espaço do campo de jogo, era considerado muito moderno para indivíduos acostumados a marcar um único jogador durante toda a partida. Essa organização dos jogadores era chamada, pela crônica esportiva, como “Sistema Zezé Moreira”, pois, para eles, a formação era diferente de todos os outros sistemas táticos já utilizados pelo futebol brasileiro.

É relevante salientar que a preocupação com o jogo coletivo era recente no país, como relata Toledo: “Vale lembrar que o ano de 1941 inaugura a trajetória da técnica coletiva no Brasil, com a introdução da chamada diagonal, uma derivação do WM europeu, adaptada pelo então técnico Flávio Costa”.<sup>236</sup>

Por outro lado, havia alguns cronistas do *Jornal dos Sports* que apoiavam a forma com que Zezé Moreira conduzia a equipe brasileira. Para estes, o mais importante era o fato de que o Brasil seguia vencendo os seus adversários. Esses articulistas apresentavam uma visão funcional acerca do futebol, na qual o essencial era vencer o jogo, distanciando-se, dessa forma, da imagem do futebol-arte.<sup>237</sup> A edição do dia 11 de maio de 1954, apresenta exemplos dessa visão, conforme o título sugestivo das crônicas de Geraldo

<sup>234</sup> OLYMPICUS. O problema é o excesso de confiança. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de março de 1954. p.5.

<sup>235</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A culpa da vitória. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 11 de maio de 1954. p.5.

<sup>236</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p.59.

<sup>237</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil vence e volta se destacar no cenário mundial**. Rio de Janeiro, 9 de março de 1954. p.5.

Romualdo “O Scratch não convenceu, mas vai levando!”. E também de Vargas Netto: “O que importa é vencer”.<sup>238</sup>

Na revista *O Cruzeiro*, o jornalista David Nasser, também retrata a tensão criada entre o futebol bonito e o eficiente:

Os técnicos da esquina consideram o sistema de Zezé Moreira como a morte da beleza do futebol. Nesse ponto estão com a razão é futebol feio, futebol de defesa, futebol parado. Futebol que mata do coração, desaconselhado aos que sofrem de enfarte do miocárdio. Mas até agora com toda a feiúra, esse sistema deu ao Brasil o seu primeiro título internacional, no Campeonato Pan-Americano e o general Zezé Moreira, nunca perdeu como comandante do esquadrão.<sup>239</sup>

Essa contradição apresenta como pano de fundo a dificuldade do brasileiro em aceitar a modernidade; em aceitar a necessidade de modificar o comportamento, visando atingir os objetivos estabelecidos. Aqui, especificamente, os resultados negativos da seleção nacional contrastavam com a imagem do brasileiro tido como um artista da bola. Por isso, a opção era adotar uma nova postura, em que a preocupação central fosse com a defesa da equipe, o que, até então, não era prioritário no futebol brasileiro, cuja inquietação sempre se direcionou ao “fazer gols” e, para tal, utilizava os seus “dons naturais”. A nova forma de jogar seria desenvolvida via treinamento, planejamento e ação conjunta.

Pode-se dizer que o sistema tático revela o estilo de jogo e as características culturais de cada país. No caso brasileiro, “Não se trata de defender a improvisação, outra alternativa não resta senão do técnico agir dentro do que lhe é possível [...] De fato Zezé Moreira dispôs de poucos dias para ajustar o scratch”.<sup>240</sup>

Para Olympicus, a imprensa valorizava muito a questão dos sistemas táticos. Na concepção do autor, estes não eram tão importantes como os cronistas buscavam demonstrar, pois, se os sistemas definissem o jogo, a seleção espanhola não teria perdido para a turca, ficando fora da Copa do Mundo da Suíça. “Vejam a Espanha a filha pródiga das táticas modernas, o football que se redimiou aderindo os sistemas desenhados. É preciso disposição, raça, amor. A tática do Paraguai é a mesma das outras vezes, velocidade e luta”.<sup>241</sup>

Esse cronista mostra uma visão conservadora, na qual as equipes se equiparavam tecnicamente e a diferença estava na forma com que o jogador se dedicava ao jogo. Para o

<sup>238</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A culpa da vitória. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 11 de maio de 1954. p.5.

<sup>239</sup> NASSER, David. Os técnicos de esquina. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

<sup>240</sup> BAYER, Luis. Um técnico, um sistema e grande personalidade. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1954. p.5.

<sup>241</sup> OLYMPICUS. Sistemas táticos. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de março de 1954. p.5

articulista, as capacidades orgânicas e afetivas eram mais importantes do que a distribuição racional dos jogadores dentro de campo. Em síntese: o sucesso no futebol é definido pela capacidade que o jogador tem em exteriorizar os seus sentimentos.

Como o dia do último jogo se aproximava, o *Jornal dos Sports* deixou de lado a discussão sobre o futebol-arte *versus* futebol-objetivo e dedicou sua atenção à partida, que poderia definir o destino do selecionado brasileiro, que precisava apenas de um empate para se classificar para o mundial, ao passo que uma derrota poderia eliminá-lo. Recuperasse, então, o mito construído em torno do jogo Brasil e Uruguai, criando um clima dramático para a disputa.

O *Jornal dos Sports* destacou em primeira página: “O Maracanã de volta a epopéia! Repete-se em 54 as vibrações de 50 todas as classes sociais interessadas no desfecho da Batalha entre brasileiros e paraguaios. Esgotadas as numeradas 48 horas antes”.<sup>242</sup> Mario Filho relata o episódio da seguinte forma:

Era como se fosse 16 de Julho. O cenário igualzinho, as arquibancadas arrebatando de gente... o torcedor era o mesmo mais tinha provado da árvore do bem e do mal. Daí a impaciência, o torcedor sabia que não podia agüentar outro 16 de julho. Também o torcedor brasileiro nunca exigiria tanto de si mesmo. Em 50 não houve nem a sombra de uma imigração em massa de São Paulo. A gente em 50 não chegava à rua e deparava com aquelas placas dos automóveis dos Estados. Os SP, MG, RS e por aí afora.<sup>243</sup>

O autor se aproveita do acontecimento para reforçar o seu projeto em torno do futebol como um elemento central da identidade brasileira, capaz de reunir pessoas dos diferentes estados nacionais. Momentaneamente, os brasileiros esqueceram as rivalidades e interesses regionais, para torcerem juntos por um resultado positivo do selecionado nacional, pois o povo já conhecia o sentimento de uma derrota nas mesmas circunstâncias. Para o autor, um novo revés poderia afetar o sentimento que os torcedores tinham pelo futebol brasileiro, pois seria difícil suportar duas derrotas consecutivas em momentos decisivos.

Para a tranquilidade dos brasileiros, a seleção venceu a equipe paraguaia por 4 a 1, voltando a convencer os torcedores e a crônica esportiva, a qual indicou que aquela partida teria sido a consagração do futebol brasileiro e que, a partir daquele momento, o time deveria se preocupar somente em fazer uma boa preparação para a Copa do Mundo da

<sup>242</sup> JORNAL DOS SPORTS. **O Maracanã de volta a epopéia de 1950**. Rio de Janeiro, 20 de março de 1954. p.1.

<sup>243</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O reverso de 16 de julho. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 25 de março de 1954. p. 5

Suíça.<sup>244</sup> Por outro lado, alguns cronistas mostravam que aquele tinha sido apenas o primeiro obstáculo vencido pelo Brasil, e o caminho no Campeonato Mundial seria muito mais difícil:

Não devemos ficar nesta postura de super-herói das histórias de quadrinhos só porque vencemos os paraguaios. A vitória não há dúvida foi merecida, brilhante e significativa. O team paraguaio é forte e lutador, mas o que fez maior relevo a sua derrota foram os acontecimentos anteriores [...] Na Europa a coisa será diferente, com ambiente diverso, outros costumes e outros árbitros...<sup>245</sup>

Mostra-se que a vitória foi importante para a classificação brasileira, entretanto, ganhou as dimensões de jogo decisivo não pela qualidade da equipe paraguaia, mas pelas derrotas que o Brasil havia sofrido no campeonato Sul-Americano e, principalmente, pela forma com que a imprensa promoveu o espetáculo, sempre fazendo uso da esperança e do medo do torcedor – sentimentos fundamentais para a manutenção da paixão esportiva. No entanto, reforçava-se a preocupação com a atuação na Copa do Mundo, segundo os cronistas, nessa competição as dificuldades seriam muito maiores:

Nossos jogadores precisam ser devidamente instruídos para o Campeonato Mundial e não iludidos, ou amedrontados. A realidade dos jogos internacionais é bem diferente do que parece. Respeitar o adversário é uma coisa ser vítima dele, permitir-lhe abusos é uma outra. Em Santiago e Lima por exemplo, vencemos os uruguaios graças aos Elis, que não deixaram que os Julinhos, Pinga e Ademir fossem shootados à vontade. O mesmo aconteceu nas recentes eliminatórias. Nunca se deve lançar mão de violência mas aceita-la, tolerar pontapés e acabar vítima não é nada aconselhável.<sup>246</sup>

Revela-se uma preocupação quanto ao nível de percepção dos jogadores sobre aquilo que enfrentariam pela frente, apontado para a necessidade de o brasileiro se impor diante do europeu. A questão era bastante delicada, pois ao mesmo tempo em que o jogador brasileiro não devia exceder a violência, em determinados momentos este deveria atuar de maneira mais agressiva para não ser tratado a pontapés, à mercê da proteção do árbitro da partida. O autor remete à necessidade de autocontrole e assimilação de um novo comportamento (*habitus*), pelo qual os jogadores deveriam apresentar um descontrole controlado das emoções.<sup>247</sup>

Após a classificação da seleção, os jogadores foram liberados para ficar com seus familiares, devendo se reapresentar um dia depois, para o técnico Zezé Moreira, em São Januário. O treinador não pretendia fazer novas convocações, mas solicitou que fossem

<sup>244</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Consagração! Agora é a Suíça.** Rio de Janeiro, 26 de março de 1954. p.6

<sup>245</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Depois será mais difícil. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 25 de março de 1954. p.5.

<sup>246</sup> OLYMPICUS. Conselhos aos rapazes. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 27 de abril de 1954. p.5.

<sup>247</sup> ELIAS, Norbert. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1986. p.80.

reintegrados ao plantel Castilho e Ely, os quais se contundiram durante a preparação. A equipe permaneceu um dia no Rio e seguiu para Caxambu, onde treinou por 15 dias.

A primeira preocupação dos dirigentes da CBD era com a obtenção de recursos que pudessem suprir as necessidades do selecionado na Suíça. Por isso, no dia 15 de Março de 1954, o presidente da CBD enviou um ofício para Manuel Vargas Netto, que exercia a função de presidente interino do CND: “[...] o recurso solicitado era de 5 milhões de reais, os quais não cobririam a totalidade das despesas devido os imprevistos da política cambial. A estimativa capacita de que o custeio geral montará além da casa dos seis milhões”.<sup>248</sup> Pode-se dizer que o aumento na quantia de dinheiro solicitado ao governo federal, justifica-se não pela situação da política financeira internacional, mas pelo número de pessoas que compuseram a delegação brasileira.<sup>249</sup>

Antes de embarcar, os jogadores brasileiros foram até o Palácio do Catete e o Palácio Guanabara, para se despedirem das autoridades brasileiras. O presidente Getúlio Vargas recebeu os jogadores, apertando a mão de cada um deles e dizendo as seguintes palavras: “Os senhores não esqueçam de representar lá fora a habilidade, a força e a resistência de uma raça, da nossa raça. Se perderem, quem perderá será o Brasil. Se vencerem, o Brasil será o vitorioso. Lutem por ele!”.<sup>250</sup>

A despedida festiva do selecionado no aeroporto é uma referência para que se perceba o clima de otimismo presente entre os torcedores brasileiros, que foram em grande número desejar boa sorte aos jogadores. Vargas Netto romantiza a despedida por meio de uma comparação entre a seleção nacional e um dos maiores cientistas-médicos do mundo, que graças à sua descoberta salvou a vida de milhares de pessoas, mas diante do selecionado permaneceu no anonimato:

<sup>248</sup> A equipe brasileira foi formada por: Baiano, Betinho, Pitter, Roberto, Toinho, Brito, Nelsinho, Santana, Paulinho, Leal e Sidney. **Jornal dos Sports**, 13 de abril de 1954. p.6.

<sup>249</sup> A delegação brasileira foi composta por 39 pessoas. Presidente de honra – Rivadavia Correa Meyer; chefe de delegação- João Lyra Filho; sub-chefe de delegação – Dr. José Maria Castelo Branco; delegado ao congresso – Dr. Célio Negreiros de Barros; secretário- Dr. Barbosa; tesoureiro- sr. Irineu Rodrigues Chaves; secretaria do presidente – Edy Borges; adjunto de relações sociais e culturais- Mario Frugielli; assessor financeiro- Gáspar Silva; assessor técnico- Alfredo Curvello; representante da revista cbd- Claudemir Maciel Barbosa; técnico- Alfredo Moreira; médico- Dr. Newton Bastos Paes Barreto; jornalista- Isaac Cook; Administrador da Concentração- Luiz Vinhais; massagista – Mario Américo; roupeiro – Aloísio de Araújo; cozinheiro – Laudelino de Oliveira; Jogadores – 1. Alfredo Ramos, 2. Aluizio Francisco da Luz (Índio), 3. Antenor Lucas (Brandãozinho), 4. Djalma dos Santos, 5. Eli do Amparo, 6. Caetano da Silva (Veludo) 7. Carlos José de Castilho, 8. Francisco Rodrigues, 9. Humberto Barbosa Tozzi, 10. João Batista Carlos Pinheiro, 11. José Carlos Bauer, 12. José Lázaro Robles (Pinga); 13. José Mendonça dos Santos (Dequinha); 14. Julio Botelho (Julinho), 15. Luiz Moraes (Cabeção); 16. Mauro Ramos de Oliveira, 17. Mauro Raphael (Maurinho), 18. Nilton Santos, 19. Osvaldo da Silva (baltazar), 20. Paulo Almeida Ribeiro (Paulinho); 21. Rubens da Costa; 22. Valdir Pereira (Didi) **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1954. p.1 e 5.

<sup>250</sup> Ibidem.

Veja que entusiasmo que difusa solidariedade com os atletas do Brasil. São apenas jogadores de football. Lá naquele canto está o descobridor da penicilina, o grande médico inglês e que parte hoje também, no entanto ninguém lhe presta atenção. (Fleming estava no Brasil ministrando palestras)[...] a equipe que parte está levando consigo a esperança de um povo, exatamente no desporto que é a paixão deste povo é mais do que uma representação desportiva, é um exército partidário em guerra santa. Os pendores do povo não se discute. Se eles existem esse manifestam de maneira categórica, a solução é constata-los e nada mais. O povo foi dizer de viva voz o que pretendia de sua representação. Foi fixar na memória dos expoentes desportivos de sua raça, os seus desejos e suas esperanças.<sup>251</sup>

A delegação brasileira embarcou no dia 25 de maio de 1954, no aeroporto Galeão (RJ), pela Panair do Brasil. Após viajar aproximadamente 33 horas, fazendo escalas em Lisboa e Roma, os brasileiros foram recebidos em Zurich. Ao desembarcar na Suíça, Zezé Moreira disse: “[...] os brasileiros não incorrerão nos mesmos erros dos Uruguaios, jogando antes de se aclimatarem na Suíça”.<sup>252</sup> Referia-se o técnico, ao resultado da partida entre Uruguai 3 X 3 Suíça, sendo que esta equipe era considerada, pela crônica esportiva, um time de segunda categoria. Não sabia o treinador brasileiro, que a falta de jogos seria um dos problemas mais citados pela imprensa brasileira, que inicialmente chamava a atenção para a responsabilidade dos dirigentes brasileiros na Suíça:

Os representantes da CBD precisam saber que estão na Suíça como micróbios sob microscópio. Cada gesto, cada movimento, cada erro fica sob análise de 50 milhões de brasileiros. As vezes a significação sofre aumento da lente ampliadora ou focalizada pelas atenções gerais dá o relevo minucioso de todas as facetas. Já começaram a chegar notícias sobre o excesso de volume, o compadresco na formação da nossa embaixada, com imprensa subvencionada, etc. e tal e sobretudo inutilidade da maioria absoluta do exército auxiliar. Tudo isso, desaparecerá se vencermos o campeonato.<sup>253</sup>

O autor mostra que a análise crítica da imprensa está diretamente relacionada aos resultados da equipe, o que confirma a nossa suspeita sobre a presença de uma cultura da desculpa, criada pela crônica esportiva brasileira. Nesse sentido, pode-se acreditar que, assim como aconteceu na Copa do Mundo de 1950, se o Brasil perdesse os jogos, todos os acontecimentos seriam especulados e ganhariam grande relevância, especialmente no que se refere ao número de pessoas que compuseram a delegação brasileira, subsidiada pelo dinheiro público.

Essa delegação representa uma fase tradicional das relações sociais no Brasil, em que os benefícios eram recebidos através do compadresco e da influência política. Nesse caso, indica-se que tal relação estava a se modernizar, por meio da presença de repórteres

<sup>251</sup> VARGAS NETO, Manuel do Nascimento. A despedida. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954. p.5

<sup>252</sup> MOREIRA, Zezé. Primeiras impressões. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954. p.5.

<sup>253</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O diabo não é tão feio. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 25 de junho de 1954. p.5

que se tornaram agentes sociais de significativo capital simbólico e, por isso, usufruíram dos privilégios proporcionados pela CBD.



Jogadores e comissão técnica que embarcou para a Suíça em 1954. Disponível em [http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/Library/Imagens/Materias/69103\\_2.jpg](http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/Library/Imagens/Materias/69103_2.jpg)

Como não houve um planejamento prévio, após se classificar para a Copa do Mundo, os únicos jogos realizados pelo selecionado nacional foram contra a equipe do Millionários (Colômbia). Segundo o discurso dos cronistas, os dirigentes da CBD acreditavam que, no momento em que eles quisessem conseguiriam marcar jogos contra equipes de fora, pois qualquer uma destas gostaria de enfrentar os brasileiros.<sup>254</sup> Contudo, os dirigentes da CBD não levaram em consideração que os outros países faziam e executavam um planejamento previamente estabelecido:

A questão dos jogos da seleção nacional na Europa antes da Copa do Mundo com a tal história de ser uma honra para qualquer equipe jogar com a seleção brasileira, providência alguma foi tomada. Ou melhor, providência com a devida antecipação que pudesse obter êxito. O mais curioso é que em nossa completa desorganização sempre rimos dos uruguaios. Os uruguaios que conseguiram o prodígio de alcançar a total e absoluta desorganização. Tanto que perto deles passamos como organizadíssimos. E o que sucede agora, apenas isto: os uruguaios disputaram dois amistosos na Europa, já deram na cara da gente como manda o figurino, já alcançaram dois resultados que ficam longe de bons. Mas estão jogando, o que é importante.<sup>255</sup>

Os dirigentes buscavam adversários que pudessem enfrentar o selecionado brasileiro, mas não obtiveram êxito. Os turcos se negaram jogar, alegando não ter

<sup>254</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Falta de jogo do selecionado. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 maio de 1954. p.5.

<sup>255</sup> RODRIGUES, Mario Julio. Falta de planejamento. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 6 de junho de 1954. p.5.

calendário; os holandeses encontravam-se em férias; e a equipe de Portugal estava proibida de disputar jogos internacionais.<sup>256</sup> A alternativa encontrada, foi realizar um jogo contra uma equipe local, não muito expressiva do ponto de vista técnico, uma vez que havia ficado em penúltimo lugar no campeonato Suíço da Primeira Divisão.<sup>257</sup>

A crítica da preparação do selecionado brasileiro é voltada para os dirigentes da CBD. De acordo com o posicionamento irônico de Levy Kleiman, jornalista da revista *Esporte Ilustrado*, estes “Planejaram tudo muito direitinho, o programa de treinamento, a concentração, os seus passeios pela Suíça, mas se esqueceram do principal, de conseguirem bons adversários na Europa, antes dos jogos”.<sup>258</sup>

Muitos detalhes da preparação foram vistos com antecedência, o que comprova maior organização por parte da administração, que escolheu a cidade de Malcolin, perto de Bienne, como local de concentração dos brasileiros. O lugar fora construído para servir de sede do Instituto de Desportos da Suíça, sendo considerado uma das melhores dependências do mundial.<sup>259</sup> Além desses cuidados, o chefe da delegação brasileira, João Lyra Filho, fez uma reunião com os jornalistas, explicando que existia um regulamento na concentração em Macolin, que precisava ser obedecido:

- as 8:30 horas os jornalistas que estiverem munidos de ingressos fornecidos pela Escola Federal de Educação Física da Suíça, terão ingresso a concentração dos Brasileiros. Esses jornalistas poderão acompanhar o treinamento;
- diariamente 6 jornalistas serão convidados a almoçar na concentração, retirando-se após o almoço;
- das 18 às 20 horas novamente os jornalistas terão ingresso na concentração de Macolin par recolher e desempenhar a sua missão.
- O jornalista Canói Simões Coelho (membro da CBD) será o elemento de ligação entre os jornalistas e a chefia da delegação.<sup>260</sup>

Percebe-se, aqui, uma estratégia interessante, pois ao mesmo tempo em que eram determinados os horários e as formas de atender à imprensa, o dirigente tinha, ainda, o poder de decidir quais jornalistas poderiam entrar, ou não, na concentração e quais teriam o privilégio de almoçar com os dirigentes e atletas, estabelecendo um contato mais informal com os jogadores e podendo colher informações detalhadas. Por outro lado, isso fazia com que os jornalistas tomassem cuidado com o que publicariam sobre o *scratch*,

<sup>256</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Falta de amistosos**. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954. p.10.

<sup>257</sup> RODRIGUES, Mario Julio. Deus é brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 5 de junho de 1954. p.5. O resultado deste jogo foi 9 a 0 para o selecionado brasileiro.

<sup>258</sup> KLEIMAN, Levy. A invicta campanha sul-americana. **Revista Esporte Ilustrado**: Rio de Janeiro, 13 de maio de 1954.

<sup>259</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Concentração em Macollin**. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954. p.9

<sup>260</sup> JORNAL DOS SPORTS. Disciplinada a ação dos jornalistas. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954. p.8



pois críticas consideradas indevidas causariam problemas ao próprio jornalista, que poderia ser privado de sua permanência como convidado na concentração.

João Lyra Filho enviou uma série de informações para o *Jornal dos Sports*, que foram publicadas com o título “Memo de um cidadão ausente”. Tais reflexões nos fornecem um material significativo para constatar a forma com que o dirigente da delegação brasileira descrevia os acontecimentos:

Tudo vai correndo bem até aqui, nos pagos brasileiros na Suíça [...] nada venho anotar de desagrado. As saudades acumuladas descem como neve dissolvida nas portas ardentes do sol que acumula nossas esperanças. Aqui até agora ninguém sem função, cada qual de nós tem recado a atender, a própria força operante da imprensa colocou-se a serviço do objetivo comum. A CBD considera-se recompensada das cansaças e das vigílias. O nome desportivo do Brasil já está sendo socialmente honrado e temos também o desejo de honrá-lo na estratégia e na técnica.<sup>261</sup>

Tais palavras foram emitidas antes da estreia do Brasil na Copa do Mundo, quando os únicos questionamentos da crônica esportiva se reportavam ao número de pessoas que compunham a delegação e, também, à falta de equipes para os jogos amistosos da seleção brasileira. Fica evidenciada, aqui, a intenção do dirigente em justificar que tudo estava muito bem e que todas as pessoas tinham funções a cumprir. Aquilo que a imprensa chamou de passeio, na visão do dirigente, transforma-se em atividades sociais realizadas para o fortalecimento dos laços com outros países.

Em uma segunda crônica, publicada na véspera da estreia do selecionado na Copa do Mundo, João Lyra Filho reforça o que já havia publicado anteriormente, relatando que alguns jornais brasileiros estariam divulgando inverdades:

Os jornais do Brasil tem publicado que há nostalgia em Macolin, que Macolin não presta, que as coisas não estão correndo cem por cento. Perversidade. Macolin é tão bom e serve tanto ao fim utilizado pelos jogadores da nossa terra que os próprios Suíços, donos da terra preferem-no a qualquer outro lugar. [...] Até o momento que escrevo tudo está correndo como seria de desejar, material, técnica, moral e civicamente. Não sei em que melhor clima poderia nosso selecionado predispor-se. Se não formos campeões creiam todos é porque não estamos em condições de obter o título. Em nenhuma outra oportunidade o movimento patrocinado pela CBD logrou maior sincronização.<sup>262</sup>

As ideias de tranquilidade e perfeição, expostas pelo dirigente, não condizem com o que este apresentaria, mais tarde, no relatório em que indicou a nostalgia como uma das principais causas do revés brasileiro. No livro publicado a partir das anotações de João Lyra Filho, “A taça do Mundo de 1954”, o autor mostra que o desempenho dos jogadores

<sup>261</sup> LYRA FILHO, João. Memo de um cidadão ausente. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 10 de junho de 1954. p.5.

<sup>262</sup> LYRA FILHO, João. Memo de um cidadão ausente II. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de junho de 1954. p.5.

reproduz o comportamento do povo brasileiro. Essa tese é contraditória ao pensamento *bourdiano*, mas, neste momento, nos fornece indicativos de que o futebol era visto como uma espécie de laboratório da sociedade brasileira, capaz de revelar as qualidades e os defeitos do povo. “O estado psicossocial do nosso povo ainda enverdece e os atletas saídos do meio do povo não podem improvisar condições e instrumentos de superação, ante aquelas provas desportivas que exigem a mobilização de maiores recursos e reservas orgânicas”.<sup>263</sup>

Não foi apenas o chefe da delegação brasileira que apresentou posicionamentos divergentes sobre os problemas enfrentados pelo selecionado brasileiro na Europa. Antes de embarcar para a Suíça, o treinador da seleção deu uma entrevista para *Revista Cruzeiro*, na qual dizia que a saudade seria uma motivação a mais para os jogadores: “[...] nada disso. A saudade há de animá-los. A saudade será a garra que poderá levar o nosso quadro a vitória”.<sup>264</sup>

Cerca de um mês após essa entrevista, o mesmo treinador relata que “O Brasil apresenta apenas algumas desvantagens. Sei que dirão que é desculpa preventiva do Zezé. Digam o que quiser, porque sempre a verdade me preocupa. Primeiro essa nostalgia. Parece brincadeira, mas alguns jogadores ficam horas e horas perdidos de saudade”.<sup>265</sup>

A diferença essencial entre as entrevistas está no momento em que foram realizadas. Uma foi no Brasil, antes do início da Copa do Mundo, e a outra ocorreu na Suíça, durante a Copa do Mundo, momento este em que, supostamente, o treinador era capaz de avaliar melhor o comportamento dos jogadores, quando distantes do seu país. Assim como o treinador e o dirigente da delegação brasileira, outro intelectual que vivenciou a experiência de estar com o selecionado em terras estrangeiras, emite um posicionamento semelhante: “[...] o brasileiro no exterior longe da Pátria é um triste sem vontade, um desanimado. Alguns jogadores escrevem 18 cartas por dia. Outros choram pensando na família. Muitos não comiam. Era dia e noite preocupação com os lares distantes”.<sup>266</sup>

Esta é uma imagem romantizada acerca do comportamento dos jogadores brasileiros. Porém, esses discursos fornecem indícios da saudade que os atletas sentiam quando estavam fora do Brasil, fato que, segundo o discurso dos intelectuais, influenciava

<sup>263</sup> LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo de 1954**. Rio de Janeiro: Pongeti, 1954. p.52.

<sup>264</sup> NASSER, David. Os técnicos de esquina. **O Cruzeiro**: Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

<sup>265</sup> NASSER, David. Uma guerra de raças. **O Cruzeiro**: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954.

<sup>266</sup> REGO, José Lins do. Porque perdemos. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 10 de julho de 1954. p.5.

no rendimento atlético, pois aqueles não apresentavam maturidade suficiente para se autocontrolar.

Entretanto, existia, por parte da administração brasileira, uma preocupação com a questão da arbitragem, pois Lyra Filho rejeitava o fato de não haver nenhum representante sul-americano junto à comissão de arbitragem definida pela FIFA. Para o dirigente, isso significava não valorizar um continente representado por três equipes, das quais duas haviam decidido a última Copa do Mundo.<sup>267</sup>

O fato é contundentemente contestado por Albert Lawrence, correspondente estrangeiro do *Jornal dos Sports*. De acordo com o articulista, essa atitude demonstra a falta de organização por parte dos dirigentes brasileiros, que não tomaram o cuidado de ler antecipadamente o regulamento da competição:

A CBD descobriu há 15 dias do início do campeonato fatos que era seu dever conhecer desde anos. A CBD recebeu cópia do regulamento em novembro de 1952, mas é provável que ninguém leu. Os juizes são designados pela comissão de arbitragem da FIFA como sempre foi, inclusive quando a Copa foi realizada no Brasil. Nunca houve um brasileiro naquela comissão, inclusive ninguém nunca se candidatou. A Comissão de arbitragem da FIFA não é de fato uma comissão criada especial e exclusivamente para o Campeonato Mundial. É uma Comissão Permanente na qual só figuram homens particularmente competentes nas questões de regras do jogo, mundialmente conhecidos. [...] A composição desta comissão foi, aliás, oficialmente comunicada a CBD, também em outubro de 1952. Temos certeza, contudo que o sr. Castelo Branco estava a par do assunto. Pois tivemos ensejo de discutir várias vezes sobre essas questões com ele, há meses.<sup>268</sup>

A falta de organização dos dirigentes brasileiros é um dos principais motivos atribuídos à derrota do nosso futebol na Copa do Mundo da Suíça. Diante disso, a imprensa destacou que os cartolas e seus convidados foram para a Europa fundamentalmente fazer turismo, deixando em segundo plano a preocupação de representar o país. É interessante que praticamente não existem estudos e/ou livros que tratem da participação brasileira nesta Copa do Mundo, a qual entrou no esquecimento coletivo, talvez por estar entre uma das maiores derrotas brasileiras e a primeira conquista da Copa do Mundo.

Recorrendo aos periódicos da época, verificamos que o selecionado nacional iniciou a competição contando com a confiança e apoio dos torcedores, que ficaram no Brasil. O jogo de estréia aconteceu no dia 16 de junho de 1954, com a equipe brasileira vencendo a mexicana por 5 a 0. Resultado que foi retratado da seguinte forma:

---

<sup>267</sup> LOPES, Everaldo. Mosqueteiros na Copa do Mundo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 16 de junho de 1954. p.5.

<sup>268</sup> LAWRENCE, Albert. A verdade sobre a comissão de arbitragem do campeonato. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 18 de junho de 1954. p.5.

Já se sabia que o México estava com uma equipe não muito forte para enfrentar o Brasil. Sabíamos todos, inclusive os mexicanos que demonstraram excelente espírito desportivo, lutando bravamente do começo ao fim da partida, sem perder a coragem e a lealdade dignificando o combate.<sup>269</sup>

Após o resultado positivo do primeiro jogo, o discurso midiático apresenta a mesma empolgação, que normalmente demonstrava quando o selecionado obtinha resultados expressivos. Contudo, cabe destacar a continuidade da tendência em desvalorizar os adversários que, neste caso, segundo as palavras dos cronistas, aqueles já sabiam que não teriam chances de vencer a equipe brasileira, retornando ao problema entre falta ou excesso de humildade.

Em seu segundo jogo, o Brasil enfrentaria a equipe iugoslava. Uma leitura no *Jornal dos Sports*, do dia 19 de junho, mostra a situação da seleção brasileira antes do jogo. De acordo com a reportagem do referido jornal, havia três possibilidades: 1) se o Brasil vencesse, estaria classificado para as quartas-de-final e descansaria até sábado (dia 30 de junho), quando o selecionado enfrentaria um país classificado do grupo II que, seria definido entre Hungria ou Alemanha; 2) caso o Brasil empatasse, ambos, Brasil e Iugoslávia, estariam classificados para as quartas-de-final; 3) se o Brasil perdesse, a Iugoslávia ficaria em primeiro e o Brasil teria que disputar na quarta ou quinta-feira um jogo de desempate contra o vencedor entre México e França. Se o jogo México X França terminasse empatado, o Brasil automaticamente se classificaria.<sup>270</sup>

Os critérios técnicos estabelecidos para determinar os classificados, na competição, foram extremamente complexos, a ponto de nunca mais serem reutilizados em outros mundiais. Devido à compreensão divergente, proporcionada por esse regulamento, acredita-se que vale a pena recuperá-lo de maneira sucinta.<sup>271</sup>

O mundial da Suíça contou com a participação de 16 equipes finalistas, distribuídas em quatro grupos, por sua vez, cada um era composto por quatro equipes. Nesses grupos, duas equipes eram consideradas cabeça-de-chave<sup>272</sup>; os dois cabeças-de-chave não poderiam se enfrentar na primeira fase, por isso eles jogariam somente duas partidas contra os adversários considerados menos expressivos. Caso duas equipes terminassem com o

<sup>269</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Primeira prova. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 18 de junho de 1954. p.5.

<sup>270</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil X Iugoslávia**. Rio de Janeiro 19 de junho de 1954. p.5.

<sup>271</sup> Os dados usados nesta síntese foram extraídos do JORNAL DOS SPORTS. **Critérios para classificação**. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954. p.5. HASSE FILHO, Pedro. Op cit. p.42-43.

<sup>272</sup> Chama-se cabeça de chave aquelas equipes que ficam na parte de cima do grupo e que levam algum tipo de vantagem, por critérios previamente definidos. Neste mundial, os critérios da escolha do cabeça-de-chave não foi algo muito claro, sendo definido de acordo com os interesses da comissão organizadora que justificou a escolha com base na observação dos resultados anteriores dos participantes.

mesmo número de pontos na primeira fase, deveria ser feito um sorteio para definir o primeiro e o segundo colocado do grupo.

A partir dos resultados da primeira fase, classificaram-se duas equipes de cada grupo para as quartas-de-final, na qual a distribuição já estava pré-estabelecida e as equipes se enfrentariam em partida eliminatória, com os vencedores caminhando para as semifinais e os perdedores sendo desclassificados. Novamente, os vencedores prosseguiriam para a decisão da competição e os perdedores disputariam o terceiro lugar.

Antes do jogo contra a Iugoslávia, o treinador brasileiro demonstrou preocupação com a violência dos atletas brasileiros, a qual poderia prejudicar a imagem do país na Europa, ao passo que poderia trazer prejuízos esportivos, ao deixar o Brasil em desvantagem numérica dentro de campo:

Atenção a brutalidade que pode observar no desempenho de algumas equipes participantes da Copa do Mundo. Para vencer não é necessário violência, mas impor uma técnica superior como a seleção está capacitada a fazer. Peço encarecidamente que não revidem as provocações, fugindo a qualquer incidente que possa comprometer o índice técnico elevado da equipe brasileira.<sup>273</sup>

O discurso do treinador dá indícios do nível de violência praticada por outras equipes, ao mesmo tempo em que alerta para a necessidade de autocontrole dos atletas brasileiros. Essa fala é interessante pelo fato de que, na Copa do Mundo disputada no Brasil ou durante os jogos disputados em competições continentais, não houve nenhum incidente grave envolvendo jogadores brasileiros. Entretanto, o treinador sentiu necessidade de alertar para que estes evitassem qualquer comportamento que pudesse comprometer a equipe e, quem sabe, a imagem do país.

O jogo foi realizado no dia 19 de junho de 1954 e terminou empatado em 1 a 1. Houve uma falha na organização do evento, pois o regulamento não previa quais seriam os critérios adotados para a pontuação, caso o jogo terminasse empatado. Por isso, foi decidido realizar uma prorrogação de 15 minutos para cada lado. A crônica publicada no *Jornal dos Sports*, no dia seguinte à partida, relata o que supostamente teria acontecido ao término do jogo:

Logo após o juiz dá por encerrado a peleja e conseqüentemente permanece no marcador 1 tento. Os iugoslavos vibram, alguns caem desmaiados pelos esforços despendidos. Os brasileiros também retiram-se esfalfados. Rodrigues não agüenta o esforço e cai na cancha. Foi uma peleja tremenda,

---

<sup>273</sup> MOREIRA, Zezé. Não revidem as provocações. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954. p.8.

120 minutos de football viril, ríspido, impetuoso. O empate não poderia deixar de persistir. E veio como o melhor resultado para ambas as equipes. Elas se equivaleram.<sup>274</sup>

Na visão do literato, o empate foi dramático, contudo, o mais importante era que significava a classificação da equipe nacional para a próxima fase da competição. Entretanto, esse empate não foi considerado um bom resultado por parte dos brasileiros, devido a uma suposta superioridade técnica que lhes foi atribuída antecipadamente, o que em certa medida, justificaria a busca incessante pela vitória por parte desses jogadores.<sup>275</sup> Nessa mesma linha de argumentação, a revista *O Cruzeiro* mostra que:

Se igual havia sido o placard, entretanto bem diferente era o aspecto dos dois quadros, após o término da peleja, ao passo que os iugoslavos eram carregados em triunfos, os brasileiros entravam cabisbaixos no vestiário, refletindo-se em seus rostos e nos seus dirigentes um desânimo de derrota. A verdade é que embora respeitando a categoria dos adversários, todos contavam intimamente com a vitória.<sup>276</sup>

Uma parte da crônica esportiva representou esse esforço como resultado da falta de conhecimento do regulamento. Isso pode ser considerado, no mínimo, estranho, tendo em vista que o *Jornal dos Sports* havia publicado, no dia do jogo, as possibilidades de classificação do selecionado brasileiro, frente aos diferentes resultados possíveis da partida. O *Jornal dos Sports* do dia 21 de junho evidencia que o empate fora suficiente para classificar o Brasil, mesmo com toda a confusão sucedida:

Assim que terminou o tempo regulamentar de Brasil X Iugoslávia não havia a menor dúvida quanto a realização de um prorrogação de trinta minutos para determinar o vencedor do match. E assim foi feito. A prorrogação não apresentou vencedor. Então consultaram-se os nossos dirigentes sobre a possibilidade de um terceiro jogo e estes não sabiam. Afinal o delegado da FIFA, Grand Jean esclareceu que não haveria novo encontro [...] Explicou o representante que a prorrogação era uma formalidade para confirmar o empate anterior e se não houver vencedor ganha 1 ponto cada equipe.<sup>277</sup>

Tal fato ganhou inúmeras versões, todas elas tendo como ponto em comum o desconhecimento do regulamento e, mais uma vez, a falta de organização dos dirigentes brasileiros, que foram para a Suíça com outros objetivos além de cuidar da seleção nacional. Quando o selecionado partiu para Europa, com uma comissão composta por diversas pessoas relacionadas aos dirigentes da CBD, estabeleceu-se um clima de

<sup>274</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Prorrogação: meia hora de vida ou morte. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954. p.5

<sup>275</sup> Pelos critérios utilizados pela FIFA para esta competição a seleção brasileira e seleção francesa, eram as mais fortes deste grupo.

<sup>276</sup> REVISTA O CRUZEIRO. Se o Brasil continuar atuando como fez contra a Iugoslávia, nossos jogadores podem tratar de visar os passaportes. Rio de Janeiro: **Edição Extra**, 19 de junho de 1954. p.8-9.

<sup>277</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil classificado**. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1954. p.5.

descontentamento por parte da crônica esportiva brasileira. Esta questionava o retorno dos velhos hábitos de compadrio, opostos ao discurso modernizador, ao qual não foi dada muita importância naquele momento. Contudo, bastou um resultado negativo para que as críticas aparecessem nas páginas dos jornais.

Tem-se dois posicionamentos antagônicos na crônica esportiva nacional. Os principais articulistas do *Jornal dos Sports* não produziram nenhuma crônica que fizesse menção ao desconhecimento do regulamento, por parte dos dirigentes brasileiros. O periódico permaneceu restrito apenas a relatar os acontecimentos da partida, inclusive, buscando mostrar o lado positivo desse acontecimento, que era o fato de os jogadores se manterem humildes, postura considerada fundamental para o desempenho da equipe nos próximos jogos, como pode ser visualizado na crônica de Vargas Netto:

Foi boa essa dificuldade do jogo com os Iugoslavos para os nossos saberem que não são deuses. O elogio fácil e excessivo, o verdadeiro endeusamento feito pelos vencidos e jornalistas, são fatores negativos para futuras performances. Esse empate será um benefício porque alertará os nossos cracks para os compromissos que hão de vir. Da nossa chave, já de antemão se sabia que deveriam subir dois concorrentes para as quartas de finais...<sup>278</sup>

Após a primeira fase, houve um empate técnico entre as seleções do Brasil e da Iugoslávia.<sup>279</sup> Conforme previa o regulamento, a definição da classificação no grupo seria realizada por meio de um sorteio. Neste ficou determinado que a equipe brasileira era a segunda colocada do seu grupo e, assim, enfrentaria a equipe húngara.

O retrospecto da seleção húngara lhe trazia ampla vantagem sobre o selecionado brasileiro, o qual, durante a fase de preparação para a Copa do Mundo, oscilou bons e maus resultados. Enquanto isso, a seleção da Hungria havia vencido a Inglaterra por duas vezes, uma em Wembley (6 X 3), sendo esta a primeira derrota internacional do futebol britânico em jogos disputados na sua ilha, e a outra vitória húngara foi no jogo disputado em Budapeste (7 X 1).

A partida entre Brasil e Hungria aconteceu no dia 27 de Junho de 1954 e ficou conhecida como a “Batalha de Berna”, nome da cidade Suíça em que o jogo foi disputado. Este foi marcado por muita tensão e jogadas violentas, posteriormente atribuídas a diferentes fatores, dentre eles, destaca-se o gramado molhado e, principalmente, a arbitragem.

---

<sup>278</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O bom empate. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de junho de 1954. p.6.

<sup>279</sup> O regulamento também não previa que a classificação das equipes levasse em consideração o saldo de gols. Pois neste caso a equipe brasileira seria a primeira com 4 gols positivos, enquanto a equipe iugoslava apresentava 1 gol positivo.

Segundo os jornais nacionais, a atuação do árbitro inglês Arthur Ellis foi muito contestada pelos brasileiros presentes no estádio. “No Brasil, durante algum tempo a expressão ‘Mister Ellis’ virou sinônimo de juiz ladrão”.<sup>280</sup> Após o jogo, João Lyra Filho, chefe da delegação brasileira, protestou formalmente diante a FIFA, sobre a atuação do árbitro, o qual, segundo o dirigente, atuou de maneira tendenciosa, levando em consideração a rivalidade criada entre sul-americanos e europeus. Para Lyra Filho:

Um juiz inglês, particularmente, não se conforma com a derrocada do futebol da Inglaterra e chega a alvoroçar-se quando a queda do seu predomínio é decretada por um selecionado de país sul-americano. Aconteceu na rodada anterior, o esquadrão britânico foi eliminado do Campeonato pelo quadro uruguaio. O revide caiu sobre o Brasil, que também participa do continente sul-americano. O juiz inglês preferia a eliminação do selecionado sul-americano igualmente credenciado pela opinião geral, já que outro país sul-americano havia forçado a exclusão do selecionado inglês.<sup>281</sup>

Os argumentos de Lyra Filho estão claramente marcados pelo envolvimento devido ao calor dos acontecimentos. Isso fez com que se tentasse criar um mito de rivalidade entre sul-americanos e europeus, em que a principal preocupação era que, assim como havia ocorrido com o Uruguai na última Copa, se devia evitar a qualquer custo que o Brasil se tornasse superior às equipes européias. Entretanto, é importante lembrar que esses mesmos cronistas mantinham uma grande mágoa contra a Europa, pelo fato de esta ignorar o Brasil. Para tais literatos, um dos principais motivos que o Brasil tinha para vencer uma Copa do Mundo, era se fazer notar pelos europeus, pois mesmo após a Copa do Mundo realizada no Brasil, em 1950, o país continuava enigmático para grande parte dos habitantes do Velho Mundo.

Um exemplo dessa situação está presente no livro de memórias de Paulo Planet, quando este relata que, em viagem à Europa em 1956, recebeu do então chefe da delegação brasileira, João Mendonça Falcão, a incumbência de conversar com estudantes da Universidade de Praga. “Eles desejavam que alguém da delegação fosse à universidade para contar aos alunos alguma coisa sobre o Brasil, um país totalmente desconhecido para eles na época”.<sup>282</sup>

O suposto complô contra os brasileiros foi apresentado em vários periódicos nacionais. A revista *O Cruzeiro* relatou que na partida contra os húngaros, os brasileiros não jogavam contra 11 homens, como seria o normal, mas contra 12, pois o juiz da peleja, Mr. Ellis, vestia a camisa magiar. Segundo os posicionamentos assumidos pelo periódico,

<sup>280</sup> Ibidem.

<sup>281</sup> LYRA FILHO, João. Op cit. 1954. p.71-77.

<sup>282</sup> BUARQUE, Paulo Planet. **Uma vida no plural**: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. p.59.



“a derrota já havia sido planejada antecipadamente por de trás dos bastidores da FIFA, a fim de impedir que a Copa Jules Rimet permanecesse na América do Sul”.<sup>283</sup>

A rivalidade entre sul-americanos e europeus também é destacada pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, para os quais o árbitro inglês foi tendencioso na condução da partida. Do ponto de vista destes, isso foi decorrente de um plano conduzido pelos dirigentes da FIFA, que não poderia permitir uma nova conquista por parte de uma equipe Sul-Americana, o que seria extremamente prejudicial ao desenvolvimento do futebol no continente Europeu:

É preciso levar em conta que o football na Europa envolve interesses alheios ao Esporte. Que a FIFA é uma entidade européia criada para servir interesses europeus. [...] O campeonato do mundo da Suíça representava uma oportunidade para que o futebol europeu recobrasse oficialmente a hegemonia do football mundial. Mesmo que não fosse um agente voluntário da cruzada européia pela volta da Taça Jules Rimet à Europa, mr. Elis teria sido um agente involuntário. Para o europeu o brasileiro é inferior. Mesmo os suíços que nos aplaudiram tanto nos colocaram em último lugar moralmente. O juiz europeu estava preparado de ante-mão contra o brasileiro, mesmo querendo ser honesto é imparcial. Não se trata de uma opinião isolada de um cronista. A crônica internacional assinala off side no segundo goal húngaro, a arbitrariedade do juiz na marcação do penalty, contra o Brasil, o off side evidente no quarto goal húngaro [...] intuito deliberado de intervir na partida de modificar-lhe o curso e assegurar a vitória húngara ou européia.<sup>284</sup>

A interferência direta do árbitro no resultado da partida entre Brasil e Hungria é um posicionamento unânime entre os cronistas do *Jornal dos Sports*, o que pode ser confirmado em todas as crônicas escritas no dia 29 de junho de 1954. A leitura dessa documentação apresentou apenas uma variação no estilo da escrita de cada autor, porém, verificou-se convergência nos posicionamentos quanto à influência do árbitro no resultado da partida. Essa unanimidade não era comum no periódico, mas, no momento, foi a tese mais utilizada para justificar a derrota brasileira.<sup>285</sup>

Sobre a questão da violência acontecida no jogo, verificou-se uma tendência dos periódicos nacionais (*Jornal dos Sports*, *Gazeta Esportiva*, *O Cruzeiro e Manchete Esportiva*) em defender os brasileiros, relatando que estes não iniciaram os tumultos. No limite, buscou-se demonstrar que foram levados a tal, influenciados por um resultado negativo, decorrente de uma arbitragem tendenciosa e, principalmente, pela necessidade de

<sup>283</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Furtado o Brasil. **O Cruzeiro**: Rio de Janeiro, 3 de julho de 1954.

<sup>284</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A justiça que se deve fazer aos brasileiros. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954. p.5

<sup>285</sup> No *Jornal dos Sports* do dia 29 de junho de 1954, pode-se destacar os seguintes cronistas que condenam o árbitro inglês. 1) Ney Bianchi – Mr Ellis Bisou Helsinky; 2) Mario J. Rodrigues – A confirmação do esbulho; 3) Albert Lawrence – Crônica Internacional; 4) Giampaoli Pereira – Os verdadeiros culpados, o autor indica que os jornais franceses, britânicos, além dos brasileiros mostram as falhas do juiz e também 5) Willy Maisel – todos condenam a arbitragem. Mario Filho e Nelson Rodrigues vão falar da influencia do árbitro em outras edições do jornal.

auxiliar um companheiro, atingido por uma garrafa lançada pelo adversário: “Puskas arreventou uma garrafa de leite na cabeça de Pinheiro quando o nosso jogador procurava dizer algo a um jogador húngaro, ele recebeu o revide que merecia. Pinheiro sofreu um ferimento sobre o olho esquerdo”.<sup>286</sup>

Entretanto, a imprensa internacional não aceita essa versão dos fatos. Para os ingleses, por exemplo, a violência foi estabelecida pelos brasileiros, que deveriam ser banidos do futebol até que conseguissem controlar os seus instintos. Como demonstra Roy Resket, correspondente do Daily Mail:

Foi a exibição mais violenta que já se viu fora da América do Sul. Tudo indica que a Fifa impedirá que o Brasil participe de futuros jogos internacionais enquanto não limpar o seu futebol. Os milionários brasileiros e suas senhorinhas, cobertas de diamantes, estavam de pé nas tribunas clamando vingança.<sup>287</sup>

Na visão britânica, esse tipo de atitude é vista como normal no continente sul-americano, mas inadmissível em um lugar evoluído como a Europa. O jornalista cria um cenário instigante ao expor que os membros de uma classe privilegiada do Brasil, presentes no estádio, estimularam o comportamento hostil dos seus representantes, como sendo a melhor forma de resolver os problemas surgidos. Nesse sentido, o problema da violência é tido como algo relacionado com a sociedade brasileira, a qual, na visão do articulista inglês, precisa corrigir (limpar) o seu comportamento a fim de se relacionar com o restante do mundo.



**CONFUSÃO APÓS O JOGO BRASIL X HUNGRIA**

Disponível [http://decadade50.blogspot.com/2006/08/copa-de-1954-cansao-fatal\\_115668321055240300.html](http://decadade50.blogspot.com/2006/08/copa-de-1954-cansao-fatal_115668321055240300.html)

<sup>286</sup> JORNAL DOS SPORTS. **A batalha de Berna**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954. p.7.

<sup>287</sup> JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Um futebol violento. Londres, 28 de Junho de 1954. Disponível em <http://www.pernambuco.com/esportes/index.asp> . Acesso em 15 de maio de 2008.

Se havia, por parte dos brasileiros, alguma preocupação com a imagem apresentada no exterior, foi deixada de lado nesse jogo. Os cronistas do *Jornal dos Sports* relatam que até mesmo os dirigentes acabaram se envolvendo diretamente na briga.<sup>288</sup> Fato este que também é rememorado pelo jornalista Paulo Planet Buarque, em seu livro de memórias, em que relembra a sua participação no conflito. Tal acontecimento lhe rendeu uma foto na primeira página da revista europeia *Paris Match*. “Vendo tudo de longe, não resisti minha curiosidade jornalística e dirigi-me para o túnel da discórdia. Não consegui meu intento, porque fui impedido e agredido por um guarda suíço, mas que acabei levando ao chão com um golpe de judô”.<sup>289</sup>

Passado o calor dos acontecimentos, mais uma vez não houve a valorização do adversário e inúmeras desculpas foram apresentadas para justificar a derrota. Estas apontavam que muitos dos problemas sociais brasileiros ainda permaneciam sem solução, ou seja, o país pouco havia caminhado rumo à modernidade, pois continuava convivendo com a falta de autocontrole dos jogadores; a desorganização e ignorância da elite dirigente; a insignificância do país no cenário mundial; a presença do compadrio na montagem da delegação, a rivalidade entre paulistas e cariocas, e assim por diante. Bem como aconteceu após a derrota de 1950, os cronistas do *Jornal dos Sports* voltaram a utilizar a esperança do torcedor, mostrando que todos os problemas serviriam de aprendizagem e amadurecimento para o futebol brasileiro, que deveria ser reestruturado para a próxima Copa do Mundo.

### 3.3 A COPA DO MUNDO DE 1958

A preparação brasileira teve início em 1955, ano em que o selecionado nacional disputou duas competições oficiais. A primeira delas foi a Taça Bernardo O’Higgins,<sup>290</sup> organizada pela primeira vez naquele ano. Foi uma competição prevista para ser disputada a cada dois anos, envolvendo os selecionados do Chile e do Brasil. O torneio pode ser visto como uma ação concreta da amizade que unia esses dois países, algo comum naquele momento, quando “o esporte servia não somente para medir forças, mas também para fortalecer os laços de solidariedade entre diferentes nações”.<sup>291</sup>

---

<sup>288</sup> JORNAL DOS SPORTS. **A chuteirada de Sebes**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954. p. 1 e 5.

<sup>289</sup> BUARQUE, Paulo Planet. Op cit. p. 46.

<sup>290</sup> Homenagem a um dos principais personagens da história da libertação chilena.

<sup>291</sup> A HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO. **Troféu Bernardo O’Higgins**. Rio de Janeiro: EDOBRAS. s/d. p.228. Nesta edição da competição o Brasil sagrou-se campeão ao empatar com o Chile por 1 a 1, no dia 18 de setembro em jogo realizado no Estádio do Maracanã e vencer esta equipe por 2 a 1 no dia 20 de setembro, no jogo realizado no Estádio do Pacaembu.

Após vencer esse confronto, o próximo compromisso do selecionado nacional foi o torneio Osvaldo Cruz,<sup>292</sup> Os jogos envolvendo a seleção brasileira e a paraguaia eram descritos pela crônica esportiva, normalmente como uma disputa entre uma equipe técnica e outra corajosa, recuperando o mito estabelecido em torno do futebol-arte *versus* futebol-força. A competição acontecia sem uma sistematização temporal, variando de acordo com os interesses e agenda dos países envolvidos. O torneio foi disputado em 1950, 55, 56, 58, 61 e 62, apresentando um resultado final favorável ao Brasil, que levou vantagem na grande maioria dos confrontos, vencendo nove jogos e empatando nos outros três.<sup>293</sup>

Em 1955, o selecionado brasileiro venceu o Paraguai por 3 a 0, no dia 13 de novembro, na partida realizada no Estádio do Maracanã, onde o grande destaque da crônica esportiva foi Zizinho, que, após ser vetado na Copa do Mundo de 1954, fora novamente convocado para o selecionado nacional. Nessa partida, mestre Ziza (como era conhecido no meio futebolístico) fez dois gols e foi considerado por Nelson Rodrigues o principal jogador do selecionado.

A atuação desse atleta levou o literato carioca a criticar o revanchismo dos dirigentes da CBD, que, por questões pessoais, deixaram de fora da seleção um dos principais craques daquele momento, prejudicando o futebol brasileiro.<sup>294</sup>

A segunda partida pela Taça Osvaldo Cruz foi disputada no dia 17 de novembro, no Estádio do Pacaembu, em que a seleção brasileira empatou com os paraguaios em 3 a 3. Nelson Rodrigues utilizou-se desse resultado para destacar algumas características do povo brasileiro, demonstrando que para este nada nunca estava bom, pois:

Quando a equipe nacional ganha é porque o adversário é fraco, quando perde é porque somos incompetentes e quando goleia sente-se melhor do que os outros, menosprezando o adversário, esquecendo que cada jogo é uma história única que acontece em situações especiais.<sup>295</sup>

Segundo o articulista, o problema do brasileiro residia na dificuldade em encontrar o ponto exato entre o complexo de humildade e a cultura do deboche. De acordo com as várias crônicas produzidas por esse autor, pode-se dizer que o excesso de humildade decorre do não conseguir se valorizar, de não apresentar autoestima, fazia com que ele fosse muito rigoroso com os seus representantes que deveriam atingir aquilo que o torcedor

<sup>292</sup> Torneio criado em 1950 para auxiliar na preparação das equipes brasileiras e paraguaias. Recebeu este nome como homenagem ao médico sanitarista brasileiro.

<sup>293</sup> Ibid. Taça Osvaldo Cruz. Op cit. p.227.

<sup>294</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O craque sem idade. In: \_\_\_\_\_. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.11. Originalmente publicada na Revista Manchete Esportiva, 3 de dezembro de 1955.

<sup>295</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A gente é que atrapalha. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1958. p.5.

não havia conseguido alcançar na sua vida. Todos os medos, anseios e frustrações do torcedor eram repassados aos jogadores do selecionado.

No segundo caso acontece o inverso, o brasileiro se julga tão superior aos outros que, quando consegue vencer por um placar elástico, não pode ficar sem provocar o adversário, sem fazer um comentário jocoso. Em nenhum momento, encontramos uma crônica que fizesse qualquer comentário ofensivo aos adversários, mas alguns cronistas, como o próprio Nelson Rodrigues, diziam que o selecionado havia enfrentado uma equipe de “casados”, formada de última hora, ou então, que a maravilhosa seleção húngara era algo que só existia na cabeça do Armando Nogueira. Mas acima de tudo, estava a missão que aquele literato atribuía ao cronista, que era “auxiliar para que o brasileiro conseguisse enxergar as suas virtudes”.<sup>296</sup>

Em 1956, a primeira competição disputada foi o Sul-Americano, realizado no Uruguai, nos meses de janeiro e fevereiro. Nesse campeonato, os representantes brasileiros disputaram cinco jogos, vencendo dois, empatando dois e perdendo um, o que resultou na segunda colocação.<sup>297</sup> A inconstância dos resultados serviu de motivação para refletir sobre o caráter nacional, mais uma vez Nelson Rodrigues vai abordar a tensão existente entre o excesso e a falta de confiança. Segundo o cronista, o homem brasileiro precisava ser humilhado para que reagisse, pois quando isso não acontecia, o brasileiro menosprezava o adversário.<sup>298</sup>

O literato se coloca na condição de torcedor brasileiro e, a partir disso, manifesta o desejo popular da obtenção de um resultado positivo, visto como sinônimo de ser campeão, pois de nada adiantava vencer um jogo, se em momentos decisivos, deixava-se escapar o título, gerando novamente o sentimento de frustração e humilhação, pela incapacidade de vencer. Segundo o cronista, isso incomodava o torcedor, “Por mais doce e cordial que seja nossa esportividade, já começamos a rosar contra a humilhação de tantos resultados negativos”.<sup>299</sup>

A idéia de inferioridade dos brasileiros, frente ao estrangeiro, já havia sido destacada no projeto romântico do Brasil do século XIX. A originalidade de Nelson Rodrigues está no contexto em que ele desenvolve essa idéia, utilizando-se de um ambiente não convencional – campo de futebol – para relatar a cultura nacional e internacional. Para

<sup>296</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O problema do brasileiro. **Jornal Última Hora**: Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1958. p.7.

<sup>297</sup> Os resultados brasileiros nesta competição foram: Brasil 1 X 4 Chile (24/01); Brasil 0 x 0 Paraguai (29/01); Brasil 2 X 1 Peru (01/02); Brasil 1 X 0 Argentina (05/02); Brasil 0 X 0 Uruguai (10/02).

<sup>298</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A humilhação. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 5 de maio de 1956

<sup>299</sup>Ibidem.

Nelson, “Ser ou não ser vira-latas?” era uma das principais dificuldades em definir o nosso caráter nacional, pois acreditava que esta era uma questão mal resolvida que dificultava as nossas conquistas nos diferentes âmbitos sociais.

Somada a essa situação, ao observar a preparação do selecionado, revela-se a permanência de problemas organizacionais que tinham sido alvo de críticas por parte dos cronistas. Se na preparação anterior, as críticas eram pela falta de jogos amistosos, desta vez o problema estava no excesso de partidas, inclusive com compromissos diferentes marcados na mesma data, o que manifesta a permanência da falta de organização e posicionamentos extremistas, por parte do brasileiro.

Nesse episódio, a CBD havia assumido um compromisso prévio em participar do Campeonato Pan-Americano, a ser realizado no México, mas a entidade não se deu conta de que a competição ocorreria no mesmo período em que o selecionado estaria na Europa. A alternativa encontrada foi formar uma seleção de jogadores gaúchos, considerados uma das principais forças do futebol brasileiro, depois de São Paulo e Rio de Janeiro.<sup>300</sup>

Mesmo sem ser representada pelos grandes craques brasileiros, o selecionado “regional” se sagrou campeão Pan-Americano.<sup>301</sup> Após a conquista desse título, Nelson Rodrigues escreveu uma crônica mostrando a sua decepção com os colegas de profissão, que para ele não souberam dar valor à vitória brasileira. Algo inaceitável para quem vê no futebol o sinônimo de uma paixão:

Ora, faltou justamente, à vitória gaúcha, o seu poeta. Os correspondentes brasileiros que estavam no México, deviam mandar de lá, telegramas rimados, ungidos de histerismo cívico. Mas, como estamos em crise de Bilacs, o fabuloso triunfo só inspirou mesmo uma pífia correspondência, que nos enche de humilhação patriótica e vergonha profissional. Cada cronista da delegação, em vez de babar materialmente de gozo, mandou dizer ao seu jornal o seguinte: - “que os argentinos jogaram mais, que os argentinos mereceram a vitória e que os brasileiros estavam apáticos”.<sup>302</sup>

O autor deixa claro que não tem preocupação com a verdade, pois o mais importante seria a representação do fato. Tendo consciência disso, ele busca convencer os leitores, por meio do seu discurso, utilizando posicionamentos metafóricos que potencializam o sentido dos acontecimentos, quebrando a linearidade do texto e criando novas apreensões visuais e sintáticas, através da formação de imagens totalmente inusitadas. Nelson constrói um cenário que lhe permite estabelecer um discurso político via

<sup>300</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Seleção gaúcha representa o Brasil no Pan-Americano**. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1956. p.1.

<sup>301</sup> O Brasil obteve os seguintes resultados no México – 01/03 Brasil 02 X 01 Chile; 06/03 Brasil 01 X 00 Peru; 08/03 Brasil 02 X 01 México; 13/03 Brasil 07 X 01 Costa Rica; 18/03 Brasil 02 X 02 Argentina.

<sup>302</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O Passarinho. In: \_\_\_\_\_ . **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007c. p. 62-634. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva, do dia 31 de Março de 1956.

crônica esportiva, pela qual o literato evidencia que o brasileiro tem dificuldades em se valorizar e que a riqueza do futebol não está no jogo em si, mas no que ele representa.

Nelson utiliza o conceito de representação, não como uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas como uma construção feita a partir dele. Nesse caso, as representações envolvem processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. Estas dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam. Carregam sentidos ocultos que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando a reflexão:

[...] a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas européias. Foi algo de patético. No dia mesmo do embarque, vem o nosso técnico a babar de humildade, anuncia: - “Nós vamos aprender!” Vejam vocês: - Aprender! Vinte e quatro horas depois, a declaração soava e ressoava no berro impresso das manchetes. Quem dizia isso não era um qualquer, mas alguém investido da autoridade e da clarividência de técnico do time.<sup>303</sup>

O técnico brasileiro considerava o futebol europeu um sinônimo de modernidade, sendo importante que o selecionado nacional tivesse esse intercâmbio para a troca de experiências, pois na Copa do Mundo a grande maioria dos adversários seriam selecionados europeus.<sup>304</sup> O articulista do *Jornal dos Sports* representa a situação por meio de uma metáfora, na qual esclarece que, para o técnico da seleção brasileira, seus jogadores eram quase analfabetos no futebol e os europeus eram os grandes mestres. Para Nelson Rodrigues, isso era inadmissível, pois na sua concepção o futebol era um dos poucos assuntos em que o brasileiro podia se considerar tão bom quanto o europeu, ou qualquer outro país do mundo.

Como o selecionado nacional havia obtido resultados significativos nos primeiros jogos, frente às equipes européias, o literato mostra que o futebol só tem sentido se vinculado aos sentimentos:

Na presente jornada européia, o Brasil já vencera Portugal por 1X0. Depois empatou com a Suíça 1 X 1. Vamos e venhamos: - era um pífio, um chocho, um deprimente resultado, que não eletrizou ninguém, aqui. Vem a terceira partida, com a Áustria. Eu vi muita gente rosnando: - “Vamos apanhar de banho!” Pois bem: - há o jogo e o Brasil consegue uma dessas vitórias definitivas, antológicas. Sim, amigos: - os 3 X 2 sobre os austríacos, na própria Viena, deviam figurar, merecidamente, numa antologia. Pela primeira vez apresentamos ao Velho Mundo uma imagem fidedigna do futebol brasileiro. E como se não bastasse a vitória em si, houve um elemento que a valorizou e, mesmo dramatizou: - o juiz ladrão.<sup>305</sup>

<sup>303</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Abaixo a humildade. In: Op cit. 2007c. p.83. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 19 de maio de 1956.

<sup>304</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil vai para a Europa**. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1956. p.3.

<sup>305</sup> Ibid. p.71. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 21 de abril de 1956

A fim de dar o valor merecido à vitória brasileira, Nelson acrescenta o personagem de um juiz que, supostamente, estaria beneficiando a equipe européia. A figura do juiz desonesto representa algo negativo na nossa hierarquia de valores, pois sempre se acreditou que alguém, para se tornar juiz, deveria ser de uma honestidade inquestionável, ainda mais em se tratando de um europeu, que no Brasil era alvo de admiração e exemplo. Isso acaba por criar um contraste e gerar uma nova imagem para os acontecimentos. Dessa forma, o cronista atinge o efeito desejado, neste caso, supervalorizar a vitória brasileira na Europa.

No jogo disputado contra a equipe inglesa, o resultado a favor dos adversários foi considerado humilhante, pelas circunstâncias que teriam envolvido a partida: “Não tanto o escore de 4 X 2, mas as características da derrota é que ainda hoje nos envergonham. Realmente diante dos ingleses caímos em inibições convulsivas. O que se viu foi um pobre Brasil, sem um único lampejo”.<sup>306</sup> A oscilação de resultados do selecionado brasileiro, foi visto como um problema de personalidade, de falta de confiança e, principalmente, de excesso de respeito ao europeu, fatores que teriam limitado os jogadores brasileiros na apresentação de todas as suas potencialidades:

Como explicar o colapso em Wembley? Foi a humildade sempre a humildade. Dias antes, com efeito, o Sr. Silvio Pacheco concedera entrevista em Londres. Perguntado se o escrete brasileiro tinha alguma possibilidade no mundial de 1958, respondeu com pomposa certeza: - Nenhuma! Em suma, o presidente da CBD desfraldou a humildade nacional com o impudor de uma manchete. Com dois anos de antecedência, ele derrotou a equipe nacional. Como explicar essa instintiva e incontrolável tendência para a auto-negação? Será servilismo colonial que acometeu também no futebol? Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.<sup>307</sup>

Votando ao Brasil, os representantes do futebol local prosseguiram a maratona de jogos que estavam a realizar, fornecendo indícios de que a preocupação estava com a quantidade e não com a qualidade dos resultados e/ou adversários. A CBD parece ter assumido a filosofia de que só se melhora jogando. Novamente, foi realizada a Taça Osvaldo Cruz, pelo segundo ano consecutivo, mas dessa vez a competição seria realizada no Paraguai, onde a seleção brasileira venceu os dois jogos que disputou:

Ontem, vencemos, mais uma vez, em Assunção. Desta feita, ampliamos o marcador: 5X2! UM amigo meu, que, pendurado no rádio de pilha, ouvia a irradiação, não se conteve. Quando Hilton enfiou o tiro de misericórdia, ele bufou: - “5 X 2 é troço pra chuchu!” E era. Acresce que vencer em

<sup>306</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Vestido de fogo. In: Op cit. 1993. p.40.

<sup>307</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Abaixo A humildade. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro. 1956. Silvio Pacheco foi substituído em 1958 por João Havelange que presidiu a então CBF até 1974, momento em que foi eleito presidente da FIFA, ficando nesta entidade até 1998.



Assunção é uma calamidade. Lá, a torcida costuma abrir uma faixa, com o seguinte dilema: “Vencer ou Morrer!” Ao esbarrar nessa legenda ferocíssima, o quadro visitante treme nos seus alicerces.<sup>308</sup>

A crônica citada evidencia um grande contraste entre a turnê realizada na Europa, frente a um povo visto como civilizado, e a vitória brasileira diante de um adversário que tem no comportamento hostil dos torcedores, a sua maior força. Semelhante à situação em que Nelson Rodrigues acrescenta a figura de um juiz ladrão para valorizar os fatos, nessa crônica ele cria um cenário adverso que valoriza o feito do selecionado nacional. A receita do sucesso, supostamente, seria a sequência ininterrupta de jogos que o Brasil estava realizando.<sup>309</sup>

Parece que este também era o posicionamento dos órgãos burocráticos brasileiros, pois, em parceria com outras entidades, criaram nesse ano, uma nova competição futebolística, batizada de Taça Atlântico. Tal competição tinha o objetivo de reunir as três principais seleções da América do Sul. Justificou-se a escolha de Brasil, Argentina e Uruguai pela proximidade geográfica entre os países. Quando proposta essa competição, houve muita polêmica, inclusive, questionando-se que ela poderia levar à extinção do campeonato sul-americano.<sup>310</sup>

O Brasil estreou com uma vitória de 2 a 0 sobre o Uruguai, no dia 24 de junho em partida realizada no Maracanã. O jogo foi bastante tumultuado e terminou com a agressão dos jogadores visitantes ao juiz Frederico Lopes. O mito de 1950 é rememorado e alguns jornais brasileiros relataram que “Ao sair de campo expulso e sob vaias, Miguez lembrava ao público, com os dedos que aquele resultado não tinha importância para ele; dois a um gesticulava o atacante, referindo-se ao score de 16 de julho de 1950”.<sup>311</sup> Nelson Rodrigues retrata outro aspecto dos incidentes, ao escrever que:

Teoricamente, eu acho o seguinte: - não pode haver nada mais importante do que uma bofetada. Digo mais: - o ato de dar ou de apanhar na cara é grande, a incedível, a portentosa experiência terrena. [...] Imaginem o que não sentiu o juiz do match Brasil X Uruguai, ontem no Maracanã. Foi caçado a tapas, a pontapés pelos orientais. [...] Nunca um bofetão foi tão visto, lido e ouvido como o de ontem. Teria errado o árbitro? Creio que sim. O foul foi, realmente, de uma nitidez indiscutível, sem todavia, justificar a expulsão. Mas se os erros de um juiz, merecem da sua vítima este tipo de reação, acabou-se o futebol.<sup>312</sup>

<sup>308</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Goleada em Assunção. In: Op cit. 2007c. p.97. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 23 de junho de 1956. O primeiro jogo foi realizado no dia 12 de junho e o Brasil venceu por 2 a 0.

<sup>309</sup> ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de junho de 1956. p.3.

<sup>310</sup> A HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO. Taça do Atlântico. Op. Cit. p. 230 e 231.

<sup>311</sup> Ibidem.

<sup>312</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O tapa celestial. In: Op cit. 2007c. p.101. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 30 de junho de 1956.

A partir desse acontecimento, o autor utiliza a suposta bofetada na tentativa de representar o comportamento do povo brasileiro, que, se comparado aos vizinhos sul-americanos, pode ser visto como angelical (civilizado). Isto é, um povo ordeiro, de um comportamento dócil, pois, mesmo quando prejudicados pelos juízes de futebol, conseguem se controlar, sem fazer uso de atitudes agressivas que não condigam com as normas do esporte moderno.

Contudo, é importante salientar que existe um contraste entre a imagem que se idealiza para o brasileiro e a imagem que se desenhava do brasileiro no exterior, onde ele era tido como um homem violento, que, ao ser provocado, liberava seus instintos primitivos. O exemplo mais recente acontecera em Berna, na da Copa do Mundo de 1954 e ainda marcava o imaginário coletivo dos europeus.

Isso pode ser evidenciado por meio da análise feita pelo técnico português de futebol, Oto Pedro Bumbel que, ao analisar o futebol brasileiro, apresenta a imagem de um povo instável. Para ele “os brasileiros são capazes de considerar o adversário o seu inimigo, aliando a idéia de Pátria a uma luta e desta forma tudo é possível para vencer, perdendo o sentido das proporções e derivando para a violência com abandono dos seus melhores recursos técnicos”.<sup>313</sup> Era necessário encontrar um meio termo entre a imagem dócil, que se buscava criar no *Jornal dos Sports* e a descontrolada, presente na memória dos europeus.

Para Nelson Rodrigues, a dificuldade em definir a identidade brasileira era decorrente do fato de que se buscava essa identidade aqui no Brasil, mas as referências eram européias. O brasileiro não possuía uma vida burguesa como a do europeu, mas não aceitava ser representado pelo primitivismo, pois para a elite dirigente o país já havia ultrapassado esse estágio. A tensão efetuada pelo discurso desse literato situa-se, principalmente, na dificuldade de estabelecer uma identidade nacional, tensionada por uma realidade não aceita e um modelo ideal que não se alcança.

Mesmo de forma sutil, isso aparece nas outras crônicas escritas por esse autor, ao comentar os amistosos realizados no Brasil contra as equipes européias, enfrentadas anteriormente fora do país, o que criava uma oportunidade de retribuir a hospedagem recebida na Europa e, especialmente, uma possibilidade para a verificação do comportamento dos atletas brasileiros, considerados, por parte da crônica esportiva, despreparados para atuarem fora do país.

---

<sup>313</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Fenômeno Brasileiro nas páginas internacionais. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1957. p.5

Nelson Rodrigues apresentava em suas crônicas um momento de otimismo, que ficou ainda mais evidenciado após a vitória sobre a seleção italiana por 2 a 0, no jogo realizado no dia 1 de julho de 1956, no Estádio do Maracanã. Mesmo com um resultado adverso ocorrido frente à Tchecoslováquia, quatro dias depois, o cronista busca apresentar um outro lado da derrota, para justificar que o resultado não foi tão ruim:

Para mim, que me considero um objetivo, um isento, um imparcial, a batalha de ontem, contra os tchecos, demonstrou, precisamente, que nós somos os melhores do mundo, em futebol. Tal afirmação, depois de uma derrota, pode parecer ridícula. Mais eis a verdade, amigos, eis a verdade: - Só os imbecis tem medo do ridículo. Digo que somos os melhores e explicarei por quê. Quem são os tchecos? Segundo cronistas europeus, em recente inquérito, eles praticam, no momento, um futebol absoluto. Passaram os húngaros para trás e estão desgarrados num primeiríssimo lugar. [...] A meu ver, não devemos procurar no placar a explicação da batalha. Mais importante e mais elucidativo é o que o placar esconde, o que o placar não diz. [...] Por exemplo não diz que Djalma Santos perdeu um pênalti, atirando nas mãos do arqueiro adversário.<sup>314</sup>

Utilizando-se de um posicionamento irônico, Nelson Rodrigues transcende o placar da partida a fim de justificar o valor do futebol brasileiro. Esta é uma das poucas crônicas em que o retrospecto do adversário é levado em consideração. Cabe ressaltar que, para esse cronista, o problema do brasileiro era a falta de valorização em si mesmo. Dessa forma, o literato buscava todos os tipos de argumentos que pudessem auxiliar na mudança do estado de espírito do povo e, nessa perspectiva, restringir-se apenas ao placar da partida não parecia uma boa estratégia, pois o selecionado nacional oscilava entre bons e maus resultados. Para continuar o seu trabalho de motivação dos torcedores, a partir da tensão gerada por diferentes sentimentos, Nelson Rodrigues buscava subsídios nos fatores extra-campo para justificar os fracassos e/ou criar representações inusitadas que valorizassem as vitórias:

Quando os tchecos conseguiram aquele pífio, aquele chocho 1X0 no Maracanã, as manchetes pareciam históricas. Abria-se um jornal e lá se tropeçava com títulos e subtítulos e legendas desvairadas. Foi dito e redito em oito colunas, com letras garrafais, que o futebol tcheco era o maior do mundo, o maior! [...] se na segunda-feira os tcheco eram os maiores, que seria do Brasil, na quinta após o balé de quarta? Corri aos jornais, crente de que as manchetes estariam ainda mais históricas, ainda mais desganhadas. E não vi nada. [...] Eis a explicação: - o brasileiro não está preparado para ser o maior do mundo em coisa nenhuma. Nascemos e vivemos sob o signo da frustração. Só no futebol tínhamos conseguido certa plenitude.<sup>315</sup>

Por meio da seleção nacional, o cronista apresenta a necessidade da mudança de comportamento do povo brasileiro, que, de acordo com o autor, ainda não estaria pronto

<sup>314</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Somos os maiores. Op cit. 2007c. p.119. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 11 de agosto de 1956.

<sup>315</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O brasileiro tem vergonha de ser o “maior”. Op cit. 2007c. p.122-123. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 18 de agosto de 1956.

para se destacar no cenário mundial. Diferente do seu irmão e de outros cronistas do *Jornal dos Sports*, Nelson não estava preocupado em ser aceito pelos europeus, para ele isto era secundário. A sua maior preocupação era que o Brasil vencesse os jogos. Entretanto, para chegar à vitória, o brasileiro teria que aceitar as responsabilidades de ser o campeão e um pré-requisito seria um novo *ethos* cultural, pois dentro de campo, a técnica brasileira era suficiente para enfrentar os adversários. Esse escritor, por diversas vezes, mostrou que o problema estava no brasileiro, algo expresso nas suas críticas ao comportamento dos dirigentes, dos jogadores e dos torcedores, o que, do ponto de vista dele, era um dos principais empecilhos para o futebol brasileiro chegar à maturidade.

Foi diante deste cenário que o calendário da seleção nacional chega ao fim no ano de 1956, apresentando uma média de duas partidas mensais e proporcionando um balanço de resultados positivos, o que auxiliou para que a crônica esportiva do *Jornal dos Sports*, principalmente, na figura de Nelson Rodrigues, chegasse ao final dessa temporada com um discurso bastante otimista em relação ao futuro do futebol nacional.

Em 1957, o selecionado brasileiro disputou 14 partidas, iniciando seus jogos oficiais com o campeonato Sul-Americano, mais uma vez realizado em Lima (Peru). O local e a competição não traziam boas lembranças, pois fora nesse lugar que, na preparação para a Copa do Mundo de 1954, apresentaram-se indícios de inúmeros problemas envolvendo os atletas e o técnico do selecionado nacional, fato este que teria levado à perda do título e a muitas outras confusões:

Hoje voltamos a Lima. E o que dramatiza a nossa atual representação é que ela carrega nas costas um passado que deve ser redimido, ou, por outra, apagado até o último vestígio. Se Lima foi, em um momento de nossa história esportiva, o tûmulo de nosso futebol, que se transforme agora num teatro de apoteose. Levamos um “plantel” estupendo. Note-se, ainda, que integram a presente representação vários craques do antigo escrete, inclusive o mestre Ziza. Esses elementos terão motivos pessoais para tentar uma ampla e espetacular reabilitação. Um selecionado não se reduz à sua base técnica. Da vez anterior, éramos, tecnicamente, o melhor quadro do campeonato. E por que fracassamos? Eis a verdade: faltou-nos comando. Faltou o homem que unificasse tantos valores, que controlasse emocionalmente a equipe, que lhe desse uma harmoniosa estrutura, um rendimento técnico e tático de que precisávamos para vencer. Mas justamente porque não funcionou o comandante, nunca o Brasil foi tão mal representado.<sup>316</sup>

Essa crônica representa o início de uma mudança discursiva, pois, até então, o que normalmente se pregava era o fato de o futebol brasileiro sobreviver a partir do improviso dos jogadores (que era considerado natural), da técnica individual (realizada na forma do drible) e da criatividade do jogador brasileiro (decorrente da miscigenação). Elementos estes apresentados como símbolo da identidade brasileira. Entretanto, nesse momento a

---

<sup>316</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O Brasil em Lima. Op cit. 2007c. p.210. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 9 de março de 1957.

preocupação se estende para as questões táticas, ou seja, o trabalho em equipe e, neste, o técnico teria um papel fundamental.

O Brasil iniciou o sul-americano vencendo os três primeiros jogos e apresentando uma melhora significativa a cada partida.<sup>317</sup> Entretanto, bastou um resultado negativo frente aos uruguaios, para que os antigos problemas voltassem a figurar nas páginas dos jornais:

No comentário da peleja Brasil X Uruguai, eu pedia aos meus leitores que observassem, não um minuto de silêncio, mas um minuto de vergonha. De fato, fora uma derrota indesculpável e humilhante. O escrete perdera em tudo: - na técnica, na tática e na fibra. Jogamos sem alma, sem paixão e sem personalidade. Com uma equipe muito inferior o Uruguai quase nos inflige uma goleada.<sup>318</sup>

A partir desse revés, a discussão fica centrada em torno da questão da falta de controle dos sentimentos, que seria o fator determinante das atitudes negativas do brasileiro, que influenciava diretamente os momentos decisivos. Mesmo apresentando elementos essenciais para um futebol moderno (tática, jogo em conjunto), Nelson Rodrigues afirma que as questões tradicionais não foram resolvidas, pois, na sua concepção, os problemas do futebol brasileiro ainda estariam relacionados a questões que envolvem o controle dos sentimentos. O autor busca uma situação técnica do futebol para justificar os motivos dos recorrentes fracassos, indicando que o problema não é técnico, mas da cultura do brasileiro:

Sim, amigos: vivemos, em Lima, a grande tragédia do futebol brasileiro, em todos os tempos. Qual delas? Perguntarão. Eu explico. Refiro-me à nossa incapacidade de fazer gols. Se o Brasil não é ainda, campeão mundial, se não venceu todas as suas partidas internacionais, é simplesmente, porque não sabe finalizar. Reexaminem todos os jogos aqui e no exterior. E vejam o seguinte: o craque brasileiro é insuperável, único, quase divino, até o momento de concluir. Enquanto não chega na área do adversário, ele faz qualquer coisa com a bola, improvisa, inventa jogadas geniais. Mas quando se vê diante dos três paus e lhe basta empurrar, eis que o domina e o asfixia a mais tenra e torva inibição emocional.<sup>319</sup>

Partindo-se dessa situação, o cronista ironiza ao mostrar a necessidade de contratação de um psicanalista para ajudar a controlar os sentimentos dos jogadores. Na tentativa de construir o cenário propício, o literato referenda-se na realidade norte-

---

<sup>317</sup> O primeiro jogo foi realizado em 13/03 Brasil 4X2 Chile; 21/03 Brasil 7X1 Equador; 13/4 Brasil 9X0 Colômbia

<sup>318</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Op cit. 2007c. p.222. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 13 de abril de 1957.

<sup>319</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Lição do Peru. Op cit. 2007c. p.225. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 20 de abril de 1957.

americana, naquele momento símbolo da modernidade, e mostra que em países evoluídos cada pessoa precisa ter o seu psicanalista:

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. [...] O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador.<sup>320</sup>

Diante das oscilações do selecionado, foi com grande preocupação que a delegação brasileira embarcou para Lima, onde seria realizado o primeiro jogo das eliminatórias para a Copa do Mundo. Mesmo com toda a preparação realizada anteriormente, criava-se um clima de suspense, pois duas partidas iriam definir o destino do futebol brasileiro na Copa do Mundo da Suécia. Para grande parte dos articulistas do *Jornal dos Sports*, a preocupação era saber se o jogador brasileiro estava pronto para aguentar tamanha responsabilidade.

Na primeira partida em Lima, no dia 13 de abril de 1957, o selecionado brasileiro empatou em 1 a 1 com a seleção local. Dias depois, em partida equilibrada no Maracanã, aos 21 dias de abril, o selecionado nacional venceu por 1 a 0, classificando-se para a fase final da Copa do Mundo, porém sob as críticas da imprensa local:

O que não aceitamos é a exibição que nos foi oferecida pelo escrete brasileiro, ontem no Maracanã, contra o Peru. Tenho visto jogos que terminam, também pelo escore mínimo, mas que tem um élan, uma grandeza, um dramatismo qualquer. [...] o futebol não vive de iluminações pessoais. Um time tem que ser, como tal, um conjunto harmônico e potente. E justiça se faça ao técnico da seleção que, ao fim de toda a campanha, não conseguiu apresentar nem isto: - um conjunto. Eis a verdade que a título de lição, precisamos assimilar, urgentemente: o quadro brasileiro não constitui um conjunto. São 11 jogadores que não se entendem, não se harmonizam e cada qual isolado dos demais e tomando as suas iniciativas próprias, sem o mais vago, o mais tênue sentido ou intenção de esforço associado.<sup>321</sup>

É no mínimo instigante o fato de, em alguns momentos, Nelson Rodrigues glorificar as derrotas e em outros “desqualificar” vitórias importantes. Contudo, o que se pode perceber é que a crítica foi direcionada ao treinador da equipe brasileira Osvaldo Brandão, que havia assumido o selecionado naquele mesmo ano no lugar de Flávio Costa. A preocupação voltava-se à incapacidade do treinador de fornecer à equipe brasileira um sentido de conjunto. Independentemente de ter vencido a partida e se classificado para a fase final da Copa do Mundo, o discurso indica que, se o futebol brasileiro não se

<sup>320</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Freud no Futebol. Op cit. 1994b. p.25. Publicado originalmente em Manchete Esportiva de 7 de abril de 1956.

<sup>321</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A sinistra vitória. Op cit. 2007c. p.228-229. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva de 27 de abril de 1957.

adequasse às modernas exigências presentes no esporte, a expectativa seria de um novo resultado frustrante.

Com a certeza de que iria participar da próxima Copa do Mundo, o *scratch* brasileiro continuou a sua preparação e, dessa vez, os jogos seriam contra o selecionado português, que viera ao Brasil para duas partidas amistosas,<sup>322</sup> como forma de retribuir o jogo realizado em suas terras, no ano anterior. As duas vitórias do selecionado nacional mudaram o discurso de Nelson Rodrigues, que volta a ficar confiante no selecionado, mas sem deixar de criticar os dirigentes:

Essas duas vitórias, de tanta categoria, num espaço de 48 horas, dão uma medida de potencialidade do futebol brasileiro. O Brasil tem um plantel fabuloso que permite a formação de vários *scratches*, capazes de feitos notabilíssimos no plano do esporte nacional. Imaginem se esse potencial estupendo tivesse uma organização à altura de sua qualidade.<sup>323</sup>

A vitória do selecionado nacional, frente a adversários estrangeiros, era algo que esse escritor sempre valorizava, pois a imagem positiva do país estava ultrapassando as suas fronteiras e sendo levada para a Europa. Isso era fundamental para a consolidação da identidade nacional, em outras palavras, o reconhecimento dos valores brasileiros que poderiam ser expressos via futebol. Para o nosso cronista, isso era essencial para que o Brasil deixasse de ser um desconhecido e um desrespeitado.

Mesmo diante dos resultados positivos, esse articulista chama a atenção para um fato importante na estrutura de um futebol que buscava se modernizar – a falta de organização dos órgãos burocráticos brasileiros. Tal colocação se torna o novo projeto do *Jornal dos Sports*, passando a publicar quase que diariamente uma crítica contra a CBD. Fato evidenciado em sua crônica após a derrota brasileira para a Argentina por 2 a 1, em pleno Maracanã:<sup>324</sup>

Muito mais culpada foi a CBD, que fez o escrete, sempre com a mesma improvisação irresponsável; que ao meio-dia pede ao América jogadores para às 14 horas; cujo Conselho Técnico escolhe sempre mal, sempre errado. Ou acabamos com essa frenética irresponsabilidade ou, então, meus amigos, o Brasil Jamais será campeão de coisa alguma, nem de cuspe a distância.<sup>325</sup>

<sup>322</sup> O primeiro jogo aconteceu no dia 11 de junho no Maracanã e o placar foi 2 a 1 para a equipe brasileira. O segundo jogo foi no dia 16 de junho no Pacaembu e o resultado final foi 3 a 0 em favor dos brasileiros.

<sup>323</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Vitórias sobre os Portugueses. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 22 de junho de 1957. p.56.

<sup>324</sup> Este jogo aconteceu no dia 7 de julho de 1957, na primeira partida disputada pela Copa Roca daquele ano.

<sup>325</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Porque perdeu o Brasil. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 13 de julho de 1957. Crônica sobre o jogo realizado no Maracanã pela Copa Roca no dia 07 de julho de 1957, com o resultado final de Brasil 1 X Argentina 2.

Este era um momento que precedia as eleições para presidente da CBD, as quais ocorreriam em Janeiro do próximo ano e o *Jornal dos Sports* toma uma postura oposicionista à atual presidência da entidade, realizando várias críticas e indicando-os como um dos principais responsáveis pelo atraso do futebol brasileiro no cenário mundial. Na campanha de desqualificação do trabalho desenvolvido pela CBD, uma das estratégias utilizadas foi a de questionar a validade de tanta preocupação com alguns aspectos organizacionais da estrutura do futebol brasileiro:

Ouve-se falar muito em direção, em planificação, em organização, como se só nos faltassem essas palavras ou o que elas significam para resolver tudo. Mas temos talvez planos em excesso e inclusive no que diz respeito ao football, até uma super-organização. Em nenhum football do mundo há esse alarde de organização que se observa no football brasileiro.<sup>326</sup>

A forma generalizada com que estas palavras foram expressas transcende o espetáculo esportivo e nos remete à sociedade brasileira como um todo. Pois, nessa conjuntura, o Brasil passava por um planejamento realizado pelo governo JK, em que se buscava a modernização do país, por meio de estratégias planificadas que poderiam levar este a crescer rapidamente em um curto espaço de tempo (50 anos em 5). Acreditava-se que a industrialização era a melhor saída para a situação de subdesenvolvimento que tanto preocupava os estudiosos brasileiros.<sup>327</sup>

Como a linha editorial desse periódico não era opositora ao governo, é possível acreditar que as reflexões de Mario Filho estivessem voltadas somente para as questões que envolvessem o gerenciamento do futebol e, mesmo assim, o cronista mostra que não é contra a organização que está acontecendo, mas contra a forma com que isso ocorre:

Pode-se dizer que isso não é organização ou que a organização devia ser mais simples e menos onerosa. Ai entramos mais dentro do problema que não é de organização. Os interesses em choque no nosso football são tantos e tão irreconciliáveis que tudo pró ou contra, teve que ser previsto.<sup>328</sup>

Quando Mario Filho escreveu esta crônica, ainda não era possível localizar nos jornais matérias que tratassem do “Plano Paulo Machado de Carvalho”, que seria utilizado na condução do selecionado nacional na Copa de 58. Entretanto, o cronista fornece indícios sobre este plano, mostrando que no futebol brasileiro todos os detalhes precisam ser pensados, pois não é possível a conciliação entre os dirigentes, mesmo com um

<sup>326</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O que nos falta. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 05 de julho de 1957. p.5.

<sup>327</sup> Sobre a questão desenvolvimentista do governo JK existem vários estudos desenvolvidos, para uma leitura inicial vale a pena Cf. GOMES, Ângela Castro (Org.). Op cit.

<sup>328</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O que nos falta. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 05 de julho de 1957. p.5



discurso em que tentava mostrar que o Brasil estava unido em torno de objetivos comuns que poderiam levar à vitória do selecionado nacional. O literato indica que o país ainda não estaria pronto para se assumir enquanto nação, pois os interesses regionais e/ou particulares prevaleciam sobre os interesses coletivos.

Diferentemente do que ocorreu no fim do ano anterior, a crônica esportiva termina o ano, não muito segura sobre o rendimento dos seus representantes e estabelece fortes críticas ao treinador do selecionado, principalmente pela derrota brasileira na sua última competição do ano, a Taça Bernardo O'Higgins, disputada no Chile.

Um dos articulistas do *Jornal dos Sports* chama a atenção para as constantes mudanças de posicionamento dos cronistas: “Eu sou contrário a todo o exagero, não entro em onda de elogio, nem de pessimismo. O brasileiro tem a mania de exagerar ou diminuir valores. A crônica esportiva anda acompanhando estas oscilações”.<sup>329</sup>

Enfim, chega-se o ano da realização de mais uma edição da Copa do Mundo, muito seria modificado na estrutura do futebol brasileiro no ano de 1958, a começar pela eleição para presidente da CBD, que levou à criação de um plano modernizador, que será melhor detalhado no último capítulo deste estudo. Para esse momento, é suficiente mostrar que houve por parte dos dirigentes do futebol brasileiro uma preocupação em tentar corrigir muitos dos erros observados nos mundiais de 1950 e 1954.

Nesse ano, a primeira competição oficial jogada pelo Brasil ocorreu no mês de maio, quando o selecionado enfrentaria os representantes paraguaios, em mais uma edição da Taça Osvaldo Cruz. O primeiro jogo foi realizado no Maracanã, no dia 4 de maio, e a equipe brasileira vence por 5 a 1. Nelson Rodrigues critica o comportamento do torcedor Brasileiro, pois mesmo com o selecionado vencendo por um placar significativo, o torcedor não gostou da apresentação da equipe brasileira:

Hoje meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: - o torcedor está por trás, dispondo. Eis a verdade amigos: - tratam do craque, tratam da equipe e esquecem do torcedor, que está justificando cuidados especiais. Que estímulo poderá ter um escrete que é negado mesmo na vitória? A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós.<sup>330</sup>

Como já acontecera anteriormente, esse cronista reforçava a tese de que o torcedor brasileiro preferia desvalorizar os adversários a valorizar o Brasil. Ao fazer isso, a torcida

<sup>329</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Os derrames. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1957. p.5.

<sup>330</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O quadrúpede de 28 patas. Op cit. 1993. p.49-50. Publicado originalmente na Revista Manchete esportiva de 17 de maio de 1958.

desvalorizava a própria vitória brasileira, pois qual seria o mérito em vencer uma equipe fraca? Para o cronista, a única saída era uma mudança no comportamento do brasileiro. Mas como fazer isso com um povo cujo sucesso nunca é valorizado?

Em passagens anteriores, o literato fornece uma pista, ao mostrar que o brasileiro gostava de ser humilhado, pois só quando isso acontecia, ele conseguia se valorizar, atitude que o autor vai denominar de “Narciso às avessas”. Segundo o autor, quando todos estavam prontos para valorizar as vitórias brasileiras, o torcedor a desvalorizava. Isso indicava uma atitude conservadora, esperava-se que em uma sociedade que buscava a modernidade cada um dos indivíduos envolvidos com o esporte cumprisse a sua parte. Algo que foi identificado no quadro traçado por Buarque de Hollanda, ao realizar um paralelo entre o espírito modernista presente no país na década de 1930 e as expectativas em torno do futebol brasileiro:

Todo o universo do futebol seria perpassado pelos aspectos pedagógicos, disciplinares e propedêuticos da moral esportiva: jogadores, torcedores, técnicos, cronistas e dirigentes. Aos jogadores, caberiam vários procedimentos, que iam do empenho e da ascese nos treinos à lealdade e à humildade nas partidas; aos torcedores, caberia a contenção de seus ímpetos instintivos e de sua propensão à violência, sabendo perder e vencer conforme as circunstâncias; aos técnicos, caberia a diligência e a capacidade de comando; aos cronistas, malgrado suas inclinações clubísticas, caberia o senso de justiça e o cultivo a verdade; finalmente, aos dirigentes, caberia a probidade e a retidão inerentes à conduta de homens públicos.<sup>331</sup>

Mesmo tratando de outro contexto, o autor mostra que cerca de duas décadas antes já era possível identificar que cada agente deste campo deveria desempenhar funções pré-definidas para que o futebol nacional pudesse alcançar o sucesso desejado. Não obstante, anos mais tarde questionava-se o papel dos dirigentes quando eles resolveram realizar amistosos na véspera do início da Copa do Mundo. Na visão dos cronistas, era algo muito arriscado que poderia colocar a perder tudo o que fora feito até aquele momento.<sup>332</sup> Entretanto, a necessidade desses amistosos transcendia o aspecto técnico. Situação que pode ser verificada através da atuação de um dos dirigentes do selecionado nacional:

[...] Paulo Machado de Carvalho, como bom empresário, foi logo tratar do dinheiro prometido pela Fiorentina. O clube italiano combinara de pagar 15 mil dólares no embarque para Milão [...], nenhum representante da Fiorentina apareceu no hotel. Os dirigentes italianos mandaram um telegrama alegando falta de tempo para converter as liras italianas em dólares, deixando Paulo Machado furioso [...] Os brasileiros só entraram em campo novamente, depois que a Federação Italiana cobriu o calote dos cartolas da Fiorentina.<sup>333</sup>

<sup>331</sup> HOLANDA, Bernardo Buarque de. *Op cit.* p.89.

<sup>332</sup> O jogo contra a Fiorentina foi realizado no dia 29 de maio de 1958, no Estádio Artemio Franchi, o placar final foi 4X0 para o Brasil. O jogo contra o Internazionale foi no dia 1 de junho de 1958, no Estádio Giuseppe Meazza, o resultado final foi 4X0 para o Brasil.

<sup>333</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. *Op cit.* p.166.

Além dos riscos existentes de lesão e, principalmente, morais que poderiam ocorrer caso o selecionado nacional não tivesse vencido o jogo, a equipe brasileira vivenciou uma situação inusitada, que serve de parâmetro para que se perceba a mudança de comportamento acontecida na crônica esportiva e nos jogadores como um todo. Esse novo *ethos* foi representado de maneira folclórica através de um lance de Garrincha, em que ele utiliza excessivamente o drible e teria sido criticado por dirigentes e jogadores do selecionado:

Carlos Nascimento só perdeu a impassividade quando Garrincha fez o último gol do Brasil. Pelé gritou mais de uma vez: - Chuta Garrincha! Agora! E Garrincha não chutava, driblava, continuava a driblar. Cada João que ele driblava caía, de pernas para o ar. Primeiro houve um espanto nas arquibancadas. Depois surgiram as primeiras gargalhadas. Os florentinos se esqueciam de que Garrincha era brasileiro, que os que caíam, como frutas maduras, eram italianos. Parecia uma fita de Charles Chaplin. Aquele jogador de pernas tortas, desajeitado, fazia misérias. Primeiro derrubou Segato num come. Chiapele foi para cima dele e ficou estendido. Chegou a vez de Roboti. Sarti saiu do gol. E ficou no chão, as mãos de quem apanha moscas. Garrincha ainda esperou que Segato fosse para o gol. Sacudiu o corpo, Segato foi para fora do gol. Quando quis voltar, bateu com a cara na trave. Pelé não pode deixar de rir. E riu mais vendo Garrincha parar logo que pisou na linha do gol, para abaixar-se, pegar a bola na mão estendida como uma bandeja e oferecê-la, humildemente a Roboti. Irresponsável! – era Carlos Nascimento. Não entra mais no escrete! Era Feola. Garrincha é assim. Paulo Amaral esboçou uma defesa de Garrincha. O Carvalhaes está coma razão – Carlos Nascimento ficou vermelho, o sangue todo na cabeça.<sup>334</sup>

Este se tornou um lance antológico na preparação brasileira para o mundial, sendo inclusive considerado como o fator definitivo para afastar Garrincha da posição de titular da equipe brasileira. Esse lance foi descrito de diferentes formas pelos literatos que, em diferentes temporalidades, relembram o acontecimento. Só para exemplificar, podemos destacar a crônica escrita por Eduardo Galeano,<sup>335</sup> a descrição memorialista de Nilton Santos<sup>336</sup> e a própria biografia sobre Garrincha<sup>337</sup>. Cada um desses personagens representa o acontecimento de uma forma diferente.

Contudo, todos eles demonstram que Garrincha foi convocado pela capacidade criativa, pelo drible, pelo jogo de cintura, enfim, os vários elementos que foram utilizados para caracterizar o futebol-arte brasileiro e, para os cronistas, isso não era algo que se modificaria em um curto espaço de tempo. O discurso presente no *Jornal dos Sports* tenta criar uma imagem de amadurecimento dos jogadores e dirigentes, que já não aceitam os excessos. Para isso, o jornal destaca que a jogada realizada por Garrincha, mesmo

<sup>334</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit p.188-189.

<sup>335</sup> GALEANO, Eduardo. Gol de Garrincha. In: \_\_\_\_\_ . **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.p.103.

<sup>336</sup> SANTOS, Nilton. Op cit. p.77.

<sup>337</sup> CASTRO, RUY. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.143.

resultado em gol, não foi bem aceita por toda a comissão técnica nem por alguns colegas de equipe. Entretanto, nenhum cronista do *Jornal dos Sports* criticou a atuação de Garrincha.

A polêmica criada em torno desse lance, serviu fundamentalmente para valorizar a individualidade e a genialidade que os cronistas atribuíam como dotes naturais do jogador brasileiro, ao mesmo tempo, os literatos desprezavam o projeto modernizador implantado no selecionado nacional, não realizando nenhum tipo de comentário sobre ele.



Garrincha sempre marcado por vários adversários. Disponível em <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/garrincha-alegria-do-povo/garrincha-alegria-do-povo02.jpg>. Acesso realizado em 23/02/08.

Diante da organização e tentativa de modernização realizada pela CBD, os cronistas criaram uma imagem de desconfiança e descrença do povo em relação ao selecionado, mostrando que a seleção brasileira chegou à Europa sem alardes e fora da lista dos favoritos: “O descrédito, contudo, tomara conta da crônica e da torcida, principalmente porque a Seleção Brasileira caíra na chave considerada mais forte, tendo que enfrentar Inglaterra, União Soviética e Áustria na primeira fase”.<sup>338</sup> Esse descrédito fica evidenciado em uma das mais famosas crônicas de Nelson Rodrigues, em que a questão central é o comportamento do brasileiro diante do resto do mundo. De acordo com o literato a questão era: “Ser ou não ser vira-latas?”.<sup>339</sup>

A questão só seria respondida pelo comportamento dos jogadores brasileiros durante a Copa do Mundo da Suécia, que estava começando. O primeiro jogo brasileiro foi

<sup>338</sup> ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. **Zagalo, um vencedor**: a fantástica história do único tetracampeão mundial de futebol. Rio de Janeiro: Erthal, 1996. p.43.

<sup>339</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Meu personagem da semana: o escrete. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 31 de maio de 1958. p.36.

realizado no dia 8 de junho, no estádio Rimmer Vallen em Uddvalla. O Brasil venceu por 3 a 0, dois gols de Mazzola e um de Nilton Santos, que, contrariando as orientações táticas do treinador, abandonou a defesa e resolveu apoiar o ataque. Situação que o próprio jogador relembra em sua autobiografia:

Eu fui do tempo em que o defensor só defendia e atacante só atacava. Nós, da defesa, só podíamos ir até o meio do campo e ali entregávamos a bola para um atacante ou um meia. Entretanto, como eu tinha a tendência de atacar e muita noção de espaço, subi, achei que dava, passei a bola para o Mazzola, corri e pedi de volta. Ele hesitou, mas com o meu segundo grito, resolveu devolve-la e fez o gol, apesar dos protestos do banco. Dizem que o Feola gritava feito louco: volta Nilton, volta e depois do gol gritava, boa Nilton, boa.<sup>340</sup>

O jornal *Gazeta Esportiva* evidencia que o Brasil estreou bem na Copa do Mundo, principalmente, se for comparada a outras edições da competição, em que, na estreia o selecionado perdeu duas vezes, ganhou uma do México e a outra foi para a prorrogação, contra a Polônia.<sup>341</sup> Neste mundial, o Brasil, que chegou desacreditado, surpreendeu a todos, apresentando um futebol armado, disciplinado e coletivo, em que a preocupação não ficou apenas direcionada ao ataque, mas também à defesa em bloco.<sup>342</sup> Além disso, o jornal destaca o comportamento disciplinado dos jogadores brasileiros:

Durante todo o primeiro tempo, os companheiros de Buzek, contrariando a sua tradição, empregaram o jogo bruto, e em especial o ponteiro direito Horak, tentando atemorizar e irritar, os jogadores da CBD. Todavia, como no lance de Bellini, os nossos craques não revidaram, como esperavam os nossos adversários. Se não houve a resposta imediata, indisciplinada, o revide, por outro lado, os brasileiros não se atemorizaram, fora à forra com lances ríspidos e seguros, continuando a jogar com entusiasmo e vigor, principalmente os componentes do sexteto defensivo.<sup>343</sup>

Se havia a suspeita de que se provocados os jogadores brasileiros perderiam o controle, isso parecia ideia do passado, pois, de acordo com a visão apresentada pelo cronista, os jogadores brasileiros estavam preocupados somente em vencer o jogo. É interessante que em nenhum momento, o cronista faz algum tipo de menção ao uso do psicólogo ou de qualquer outra medida que fora realizada no Plano Paulo Machado de Carvalho. O destaque é dado para valores afetivos, como entusiasmo e paixão, sentimentos que podem ser considerados naturais, o que leva a uma desvalorização do trabalho que vinha sendo realizado pela CBD.

<sup>340</sup> SANTOS, Nilton. Op cit. p.75

<sup>341</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Edição comemorativa do VI Campeonato Mundial de Futebol. São Paulo. 1ª quinzena de julho de 1958. p.10.

<sup>342</sup> ESCARTIN, Pedro. Suécia, apoteose ao Brasil. Tradução Tito Leite. Rio de Janeiro: Monterrey, 1959. p.77

<sup>343</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p. 11.

No segundo jogo, o Brasil empatou em 0 a 0 com a seleção britânica. Os jornais relatam que a Inglaterra defendia mais do que atacava, tanto que o destaque da equipe foi o goleiro McDonald. Para os cronistas da *Gazeta Esportiva*, a grande arma do quadro brasileiro foi o conjunto, com poucos lances individuais.<sup>344</sup> Esse ponto de vista tenciona a representação que tradicionalmente fora criada pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, para os quais o futebol brasileiro era mantido pela individualidade.

Mario Filho, não se posiciona sobre possíveis transformações na forma de jogo do selecionado nacional. Como era de costume em suas crônicas, ele volta a sua atenção para o confronto entre um país subdesenvolvido e uma equipe européia. Diferente do que normalmente acontecia em casos de jogos empatados, dessa vez se considerou o empate um bom resultado para a equipe brasileira, pois:

Se aceitamos o empate com a Inglaterra não foi porque melhoramos. Isto talvez nos ajude a melhorar, mas o que influiu foi o respeito que no fundo temos pelos ingleses, ou mais particularmente, pelo inglês. Não é a toa que existe aquele ditado “pra inglês ver”. Procuramos, às vezes, quebrar esse respeito. Quando os ingleses perderam de cinco para os iugoslavos, em Belgrado, fomos logo dizendo que eles não eram de nada, isto é, não jogavam bola. Mas na hora do jogo lembrávamos que eles eram ingleses e a lembrança fez o nosso coração correr em disparada. [...] Se temos alguma coisa a aprender em football é do inglês. Não a técnica do jogo, outra coisa, que nada tem a ver com o football, embora tenha e muito.<sup>345</sup>

Mario Filho buscava explicações para o comportamento do brasileiro e, neste caso, não houve reclamações porque o brasileiro não aceitava empatar com equipes consideradas inferiores a dele. Mas a Inglaterra era diferente. Ali estava localizado o berço cultural da civilização. Os ingleses eram os inventores do futebol e constituíam um país adotado como motivo de inspiração para os brasileiros, pois mesmo os cronistas valorizavam todas as ações realizadas pelos primeiros, como demonstramos na Copa do Mundo realizada em 1950. Nesse sentido, conseguir empatar com um país tão respeitado pelos brasileiros, deve ser visto como um bom resultado. É o que relata Nelson Rodrigues:

Amigos, aconteceu o seguinte: - ontem, no intervalo de Brasil X Inglaterra veio um locutor brasileiro e agarrado ao microfone disse apenas isto: - “Se o Brasil continuar jogando assim, não arranja o empate!” [...] Qualquer zebra do Jardim Zoológico sabe que, no primeiro tempo, o Brasil jogou muito mais. Teve mais defesa e mais ataque. [...] esse speaker dizia eu, devia ser laçado, no meio da rua, pela carrocinha do cachorro. Eu sei que foi pena o empate. Devíamos ter ganho e jogamos para isso. Mas não me venham fazer caras feias para uma seleção que tem conservado até agora, as suas redes invictas. Por outro lado, o empate de ontem não justifica nenhum pessimismo. Absolutamente.<sup>346</sup>

<sup>344</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p.34-35.

<sup>345</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Antes do jogo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 12 de junho de 1958. p.5.

<sup>346</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Foi bom o empate. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1958. p.7.

Neste momento, Nelson Rodrigues escrevia para a revista *Manchete Esportiva*, para o *Jornal Última Hora* e esporadicamente para o *Jornal dos Sports*. Localizamos duas crônicas desse autor sobre este jogo, no *Jornal Última Hora*. Nelas ele mostrou que continuava acreditando no *scratch*, mantendo a mesma estética da sua escrita. Isso demonstra que o autor não estava preocupado em adequar os seus textos a um público específico, consumidor do periódico. Para ele o público deveria ver as suas crônicas sobre o futebol, da mesma forma que ele fazia, com olhos apaixonados por um país colocado acima de tudo.

O cronista e ex-técnico da seleção espanhola, Pedro Escartin, faz uma síntese do que ocorreu nesse jogo, mostrando que a partida foi marcada pela cautela e respeito entre as suas equipes, que se preocuparam muito mais com os seus sistemas defensivos, abdicando da situação de atacar o adversário, caso isso pudesse oferecer o risco do contra-ataque. Escartin critica o futebol apresentado por Mazzola, que, na sua visão, jogou um futebol precavido e conservador, não contribuindo para a produtividade do ataque brasileiro.<sup>347</sup>

O jornal *Gazeta Esportiva*, além de apresentar uma opinião semelhante a respeito dos aspectos técnicos e táticos que envolviam as equipes, novamente volta a destacar a boa conduta dos jogadores brasileiros:

Terminado o encontro, os onze jogadores nacionais reuniram-se no centro do campo, como já fizeram na vitória sobre a Áustria, e, com Belini à frente, saudaram os 55 mil espectadores, que não arredaram o pé do estádio antes do último minuto de luta. Os torcedores nórdicos aplaudiram de pé, aos craques brasileiros, que juntamente com os ingleses, proporcionaram-lhes um magnífico espetáculo de futebol, onde apareceu mais e melhor o quadro dirigido por Vicente Feola.<sup>348</sup>

Verifica-se que foi mantida a preocupação com a imagem do jogador brasileiro. Assim, o comportamento dos atletas dentro e fora de campo passou a ser alvo de destaque entre os jornais brasileiros e também entre os estrangeiros, apresentando ao Brasil e ao mundo, a imagem de um novo homem brasileiro. Este, que fora idealizado no Plano Paulo Machado de Carvalho, passava a ser representado pelos cronistas brasileiros. Essa é a mesma visão que parece ter ficado para os europeus, como indicam as palavras do então presidente da comissão de arbitragem da FIFA, o inglês Sir Stanley Rous:

Os brasileiros merecem ganhar este campeonato. Ninguém que os tenha visto jogar nos estádios da Suécia ou que os tenha acompanhado pela televisão poderá negar que a sua superioridade foi

<sup>347</sup> ESCARTIN, Pedro. Op cit. p.80.

<sup>348</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p.42

absoluta. Eles introduziram técnica, tática e treinamento novos, e como ninguém souberam fazer uso da imaginação aplicada a este jogo; sua conduta foi exemplar no campo da prática esportiva e fora dele, cativando os habitantes de Hindas, onde ficaram concentrados durante a realização do torneio. [...] eles foram sempre obedientes com os juizes a ponto de jamais contestarem qualquer decisão.<sup>349</sup>

Mesmo com os jornalistas acreditando no futebol brasileiro, havia uma grande preocupação com o próximo jogo, a ponto de Nilton Santos relatar, a partir de suas memórias autobiográficas, que havia grande liberdade entre os jogadores e a comissão técnica. Esta que trabalhava de maneira democrática, definindo em conjunto as decisões a serem tomadas quanto aos desígnios do selecionado nacional. Por isso, um grupo de jogadores resolveu se reunir com a comissão técnica e tentar mostrar que aquela não era a melhor equipe. “Se quiséssemos ser campeões mundiais deveríamos fazer pelo menos 3 mudanças: Garrincha, Zito e Pelé”.<sup>350</sup>

Zagallo nega que as mudanças tenham sido provocadas a partir de uma espécie de motim dos jogadores – versões que circularam com insistência depois da Copa, davam conta de que Didi e Nilton Santos teriam liderado a maioria do elenco, impondo alterações ao técnico Feola. Este é o mesmo posicionamento apresentado pelo capitão da equipe de 58, Belini, e outros ex-campeões mundiais são unânimes em rechaçar tais relatos.<sup>351</sup>

Um conjunto de fatores levou Vicente Feola a fazer uma série de alterações no ataque da equipe brasileira. Os documentos analisados não permitem realizar afirmações sobre os motivos que teriam levado o técnico brasileiro a adotar uma nova formação para a equipe. O que fica claro é que não teria sido um único motivo, mas a soma de fatores como: contusão de jogadores brasileiros, o baixo desempenho da equipe nos jogos anteriores, o perfil do próximo adversário. Nilton Santos indica que: “Garrincha entrou na ponta-direita no lugar de Joel. Dino Sani que sofrera um estiramento deu lugar para Zito, Mazola que tecnicamente não atuou bem contra a Inglaterra, perdeu a posição para Vavá e Dida que estava com um problema no pé foi substituído por Pelé”.<sup>352</sup>

Foi com essa nova formação que o selecionado brasileiro enfrentou a seleção soviética. A partida aconteceu no dia 15 de junho de 1958, no estádio Nya Ullevi, em Gotemburgo, o resultado da partida definiria o primeiro lugar da chave. A equipe russa era coberta de mistérios, devido aos segredos que se fazia em torno do país da cortina de ferro, pouco realmente se sabia sobre o seu futebol científico, talvez por isso, muito se fantasiou sobre essa equipe.

<sup>349</sup> ROUS, Stanley. Prefácio. In: ESCARTIN, Pedro. Op cit. p.9-10.

<sup>350</sup> SANTOS, Nilton. Op cit. p.78.

<sup>351</sup> ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. Op cit. p. 46.

<sup>352</sup> Ibid,p. 45.



Mesmo envolta por muitos segredos e mitos, ninguém podia negar que a equipe soviética apresentava uma sequência de resultados significativos, entre os quais, destacava-se o título de campeão olímpico, conquistado em Helsinque, no ano de 1952. Além disso, na Copa do Mundo, os russos empataram com a Inglaterra em 2 a 2 no primeiro jogo e os brasileiros puderam ver que “os soviéticos possuem um sistema de jogo mais ofensivo, enquanto os ingleses são mais rígidos e defensivos”.<sup>353</sup> No segundo jogo, a equipe soviética venceu os austríacos por 2 a 0.

Para Escartin, a seleção brasileira fez um jogo perto da perfeição, apresentando um futebol coeso e vibrante, que resultou em uma superioridade dos brasileiros no ataque e na defesa. Enquanto que, por outro lado, os russos apresentaram um futebol sem imaginação, parecendo assustados com o desempenho dos jogadores brasileiros. O autor destaca que “a presença de Garrincha com dribles desconcertantes semeou o terror e a incerteza entre os zagueiros e os médios da URSS”.<sup>354</sup>

O jornal *Gazeta Esportiva* relata que, com uma vitória de marca, tipicamente brasileira, o Brasil derrotou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e conquistou o primeiro posto do Grupo IV pela classificação das oitavas-de-final.<sup>355</sup> Verifica-se, aqui, uma situação contraditória entre o modelo proposto pelos dirigentes da CBD, que tinha no jogo em conjunto a característica de um futebol moderno, e a imagem criada pelos cronistas, que valorizou a individualidade de um jogador, considerando-o como grande responsável pelo resultado positivo da equipe brasileira. Nelson Rodrigues cria, em torno da atuação desse jogador, um discurso voltado à valorização do mito da genialidade e do futebol-arte, como símbolos da identidade brasileira:

Pode-se dizer que uma coisa nada tem a ver com a outra. Tem muito. A Rússia é a Rússia. Se o escrete brasileiro não estivesse bem, que graças a Deus está, o Sputnik poderia ter uma influência decisiva no jogo. Os jogadores, na hora da realidade, podiam lembrar-se de que os russos eram senhores de meio mundo, que tinham lançado três Sputniks, que podem lançar foguetes intercontinentais com uma bomba de hidrogênio no cone e tudo isso atrapalha. Só não atrapalhou porque o escrete brasileiro jogou o jogo dele, para jogar de tabela, por nós. E, por felicidade, se não tínhamos o Sputnik, tínhamos Garrincha, que nem toma conhecimento dessas coisas. Para Garrincha, um russo, mesmo que seja o próprio Kruschev, se entrar em campo e jogar contra ele, é um João como outro qualquer. Ele não distingue um russo dum inglês, um inglês, dum panamenho. Tudo é João. O que Garrincha quer é fazer, fazer as coisas dele. E desta vez, Feola estava iluminado. Chamou os jogadores e disse: Juguem o que vocês sabem. E mais não disse, no que fez muito bem. Daí a tranquilidade de um Garrincha, que podia fazer o que quisesse.<sup>356</sup>

<sup>353</sup> Ibid. p.17.

<sup>354</sup> ESCARTIN, Pedro. Op cit. p.92.

<sup>355</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p.60

<sup>356</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Vamos deixar o scratch ser campeão do mundo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 17 de junho de 1958. p.5

O talento de Garrincha, somado ao seu caráter simples se tornou alvo da criação de inúmeros mitos, considerados fundamentais para que o Brasil pudesse vencer uma das potências internacionais. Para Nelson Rodrigues, essa vitória era quase irretocável, pois o selecionado nacional conseguira vencer uma equipe européia e isso era uma propaganda significativa para o Brasil. O cronista relata que ambas as equipes teriam jogado de acordo com a característica de suas sociedades, em que a brasileira é retratada como sinônimo de criatividade, ao passo que o futebol soviético é representado pela cientificidade e lógica, que lhe havia proporcionado desenvolvimento tecnológico suficiente para construir satélites.

Na visão do cronista, toda essa tecnologia e conhecimento tornaram-se irrelevantes diante da capacidade do jogador brasileiro de vencer situações adversas. A tônica do discurso se dá na capacidade natural do jogador, expressa através da não interferência do treinador brasileiro, que, pela construção discursiva, cumpriu o seu papel ao dar liberdade para que o jogador não se limitasse a qualquer tipo de sistema ou planejamento tático. De acordo com o literato, o que define o jogo é a capacidade criativa do atleta brasileiro.

Em sua crônica anterior, Nelson Rodrigues defendeu que o empate brasileiro tinha sido um bom resultado, pois evitou que o Brasil se achasse favorito. Para o articulista, o problema do brasileiro não era apenas o excesso de humildade, em algumas oportunidades, o problema se tornava a falta desta e isso já havia tirado um título brasileiro em 1950. Mas o literato encontra em dois dos jogadores brasileiros a medida exata para tal sentimento. Enquanto no *Jornal dos Sports*, Mario Filho seguia construindo a imagem heróica em torno de um dos jogadores do selecionado, dizendo que “ao olhar aquele indivíduos de pernas tortas, fazer o que fez os russos devem ter falado: – como marcar algo que não existe”.<sup>357</sup> No *Jornal Última Hora*, o seu irmão (Nelson Rodrigues) reforça essa construção ideológica, identificando Pelé e Garrincha como símbolos da identidade brasileira:

Desde que começou o mundial era óbvio, evidentíssimo até para um cego de nascença, que “seu” Manuel, ou seja, o indescritível Garrincha. Devia estar presente no escrete. [...] Mas Feola, não sei por que cargas d’água deixava Garrincha na cerca. E eis que, contra a Rússia, deu o estalo no técnico, ele faz o que era escandalosamente óbvio: escalou Garrincha. E não contente, lá pos Pelé também. Ora, quem é Pelé e quem é Garrincha? Vejamos. O Brasileiro é um sujeito que de fraldas antes mesmo da primeira chupeta, já precisa deitar-se num divã de psicanalista e abrir as suas inexoráveis torneiras interiores. Mas Garrincha e Pelé não. São a meu ver, as duas maiores e mais completas sanidades mentais do Brasil [...] É de brasileiro que não se julga vira-latas é desses brasileiros, digo que o escrete está precisando. E quando um time nacional começa a se achar menos

---

<sup>357</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O maravilhoso Garrincha. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de junho de 1958. p.5.

inapto, menos incapaz e numa palavra, menos burro do que pretendem os nossos jornais e rádios, ele se torna imbatível.<sup>358</sup>

Nelson Rodrigues expressa a sua felicidade, pois o Brasil havia vencido uma das mais importantes partidas daquele mundial, em que, além do resultado esportivo, a mídia levou para o imaginário dos torcedores, um conflito social, político e ideológico, que foi expresso através de confrontos simbólicos entre capitalismo e socialismo; futebol-arte e futebol-científico; Europa e América do Sul...

A partir da criação do cenário de um encontro fundamental para o futuro do país e de outras nações envolvidas com a Guerra Fria, o cronista vai eleger como heróis dessa conquista, dois jogadores que deveriam representar o perfil criado pela crônica esportiva, como sendo o tipo ideal de homem brasileiro. Para Nelson Rodrigues, diferentemente do que a elite dirigente do país acreditava, esse jogo mostrou que os demais brasileiros deviam se inspirar na atuação de um atleta negro e outro mestiço, que não se acharam inferiores aos europeus e, por isso, conseguiram jogar em condições de igualdade, apresentando a eles as reais virtudes do jogador/homem brasileiro.

O jogo seguinte da seleção brasileira estava marcado para quinta-feira, dia 19 de junho, contra a seleção de País de Gales, que, para surpresa da crônica esportiva, conseguiu vencer a equipe da Hungria. De acordo com Escartin, “Os húngaros apelaram para o futebol violento, quase agressão, fazendo o público presente manifestar-se contra eles”.<sup>359</sup>

Um observador da seleção brasileira<sup>360</sup> trazia informações sobre a “desconhecida” seleção do País de Gales, que chegara à copa com apenas 13 jogadores e só estava ali, porque a seleção da Arábia havia se recusado a enfrentar jogadores judeus. Não permitindo nenhum tipo de intolerância racial, a FIFA declarou que a Arábia estava desclassificada do Mundial e definiu que a seleção de País de Gales, que havia perdido para esta equipe, fizesse um novo jogo contra Israel e que o vencedor estaria classificado para a Copa do Mundo.

No jogo contra o selecionado brasileiro, o País de Gales preocupou-se fundamentalmente com a marcação. De acordo com o Mario Filho:

Os galeses empregam o ferrolho, Feola. Plantam-se na defesa, são duros e frios. – Como os ingleses? – Feola encostara-se à cabeceira da cama esmagando o travesseiro. Mais do que os

<sup>358</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O brasileiro é o maior. **Jornal Última Hora**: Rio de Janeiro, 20 de junho de 1958. p.8.

<sup>359</sup> ESCARTIN, Pedro. Op cit. p. 99.

<sup>360</sup> O responsável por esta função era o professor Ernesto Santos, professor da cadeira técnica de futebol da Escola de Educação Física e desportos da Universidade do Brasil.

ingleses. Enquanto não se meter um gol neles vai ser difícil. Zé de Almeida descerrou as cortinas [...] <sup>361</sup>

Aqui tem início uma nova fase da competição, na qual todos os jogos são eliminatórios. Isso faz com que aumente a responsabilidade dos jogadores, pois qualquer descuido poderia fazer com que a equipe fosse eliminada. Como sempre acontecia, a crônica esportiva construía todo um cenário, recuperando resultados anteriores, destacando os pontos positivos dos adversários e apresentando possíveis dificuldades. Enfim, existia um ritual na tentativa de evitar que o selecionado nacional pudesse se sentir favorito.

O *Jornal dos Sports* destaca que o País de Gales tinha a seu favor o fato de ter vencido a seleção húngara por 2 a 1, na prorrogação, vitória que lhe deu o segundo lugar em um grupo bastante forte. Após vencer o País de Gales por 1 a 0, Nelson Rodrigues se manifesta sobre a vitória brasileira, da seguinte forma:

Vencendo ontem o País de Gales por 1 X 0, o Brasil fez um negócio da China, foi uma sorte grande e eu explico: - ai de nós se tivéssemos batido o adversário de goleada, de banho. As goleadas tem isso de mal: - dá ao vencedor uma falsa imagem de si mesmo, uma sensação ilusória de invencibilidade. E o sobre, econômico, quase fúnebre 1 X 0, foi muito melhor do que se tivéssemos enfiado 15 x 0. <sup>362</sup>

Nesta crônica memorialista, o cronista recorre ao Mito de 1950 para justificar o ritual do excesso de otimismo/confiança. Na revista *Manchete Esportiva*, ele relata o fato de maneira semelhante, mostrando que foi importante o Brasil vencer somente por 1 a 0, e a partir disso critica Leônidas Silva, pelos comentários que tem feito nos jogos do selecionado nacional. Nelson Rodrigues escolhe como seu personagem da semana Pelé, que foi o jogador criticado por Leônidas Silva. Esses fatos são significativos, pois seguem a mesma estrutura utilizada por Mario Filho na construção do livro *O negro no futebol brasileiro*. Nelson Rodrigues criou um cenário romântico ao mostrar a luta de Pelé que, embora perseguido, triunfa no final, pois, ao fazer o gol que deu a vitória, é considerado um herói.<sup>363</sup> Para o cronista, esse gol teve a marca brasileira, uma vez que aconteceu em uma bela jogada, constituída pelo improvisado, criatividade e astúcia de um jogador negro. Tal posicionamento é bastante contraditório, se comparado com outra crônica do autor:

É interessante perceber a forma com outros agentes que estavam presentes neste jogo relataram a vitória brasileira. Segundo Escartin, este foi o jogo mais difícil do Brasil na Suécia, pois os

<sup>361</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit. p. 243.

<sup>362</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Foi uma delícia o score mínimo. **Jornal Última Hora**: Rio de Janeiro, 21 de julho de 1958. p.7.

<sup>363</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Morrendo ao pé do rádio. Op cit.1993. p.55. Publicado originalmente na Revista Manchete Esportiva do dia 24 de junho de 1958.

adversários conheciam as virtudes da equipe brasileira e por isso aplicou uma marcação bastante forte, anulando a criatividade dos jogadores brasileiros. Para o comentarista apresentou-se um futebol de baixo nível no cômputo geral.<sup>364</sup> Posicionamento semelhante foi relatado no *Jornal Gazeta Esportiva*, o qual demonstrou que os jogadores brasileiros não produziram o que sabem e podem. Enfrentando um adversário de nível técnico inferior, mas de muita fibra, não soube marcar os gols.<sup>365</sup>

Mesmo com essa vitória, contraditoriamente não convincente para uma parte da crônica esportiva, o Brasil chegou à partida semifinal. Esta estava marcada para o dia 24 de junho de 1958, no estádio de Solna, sendo necessário que o selecionado brasileiro viajasse para Estolcomo, onde enfrentaria o selecionado francês. O Brasil venceu o jogo por 5 a 2, o que parecia perigoso para Mario Filho, pois:

Amigos se telefonavam, felicitando-se. Nas ruas todos sorriam e se sorriam uns para os outros. A vitória nos fez uma família só, nos fez Brasil. Mas precisamos, por tudo isso, não atrapalhar. Só festejar a vitória depois. O Perigo que passou não vale nada. O que vale é o que vem por aí. O mais difícil é o match não disputado, que não se sabe como vai ser. Deixemos, pois como Feola, que o escrete brasileiro jogue o jogo dele. Assim poderemos ser campeões do mundo.<sup>366</sup>

Após a vitória brasileira sobre os franceses, Mario Filho alerta para a importância de não se comemorar antes da hora. Assim como o seu irmão Nelson Rodrigues, ele se ampara nos acontecimentos de 16 de julho de 1950, como referência para que aqueles mesmos erros não fossem cometidos. Esse tipo de discurso aborda o medo de chegar ao momento decisivo e falhar novamente. Por isso, o cronista fornece os indicativos que poderiam auxiliar para que o Brasil chegasse ao título máximo. De acordo com o literato, era necessário que as pessoas de fora não se envolvessem e os jogadores continuassem a ter liberdade para jogar da forma que sabem, sem imposições técnicas ou táticas nem aplicação de planejamentos. Em síntese, o sucesso da equipe brasileira estava diretamente relacionado aos dons naturais dos seus jogadores. Fazer algo, além disso, pode ser prejudicial para a obtenção dos resultados positivos.

Mario Filho utiliza um lance polêmico para valorizar o comportamento do jogador brasileiro, mostrando que este conseguia controlar seus impulsos: “O árbitro da partida Mr. Giffiths não validou um gol de Zagalo, que após ter chutado uma bola que batera na trave caiu atrás da linha do gol. Mas os jogadores brasileiros mantiveram a calma e não foram para cima do árbitro”.<sup>367</sup>

Novamente, cabe destacar que nenhum dos cronistas do *Jornal dos Sports* fez qualquer menção ao trabalho desenvolvido com os jogadores, no auxílio ao seu

<sup>364</sup> ESCARTIN, Pedro. Op cit. p.108.

<sup>365</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p. 92.

<sup>366</sup> RODRIGUES FILHO, Mario Viagem em torno de Pelé. Op cit. p.237.

<sup>367</sup> Ibid. p. 258.

autocontrole. Paradoxalmente, o cronista valoriza a atitude “civilizada” dos atletas brasileiros, mas propositalmente ignora o trabalho profissional na preparação do selecionado. Restava agora, preparar-se para a partida final – quando os cronistas do *Jornal dos Sports* buscavam trabalhar com os sentimentos dos torcedores.

A partida final foi disputada no dia 29 de julho de 1958, contra “os donos da casa”, a dedicada e metódica equipe sueca. Segundo o discurso apresentado por Mario Filho, os especialistas estavam convencidos de que, enfrentando uma torcida maciça rugindo pelos suecos, os temperamentos latinos seriam incapazes de controlar seus receios íntimos e, inevitavelmente, cometeriam autodestruição quando chegasse o momento da verdade. Bastava, aos suecos, marcar um gol logo no início da partida e na sequência seria “Bye Bye, Brasil”.<sup>368</sup> O cronista não relata quem seriam esses especialistas, mas utiliza-se de uma situação adversa a fim de gerar um sentimento de tensão no torcedor, que se mantém na expectativa de qual seria a reação do atleta brasileiro em um momento decisivo.

As crônicas que antecedem o dia da final servem para que esse literato construa o seu discurso memorialista. Para tal, ele utiliza a forte chuva que caiu às vésperas do jogo, fim de evidenciar que a situação era semelhante a que aconteceu antes do jogo Brasil X Hungria, na Copa de 54, exemplo que não trazia boas recordações aos brasileiros. Contudo, o autor se encarrega de mostrar que os atletas brasileiros viviam um novo momento, pois o Brasil aprendera muito com o ocorrido em Berna. Por isso, aqueles acontecimentos eram lembranças de um passado importante para o amadurecimento do homem brasileiro.<sup>369</sup>

Mario Filho se vale de alguns fatos para mostrar que o brasileiro estava perdendo o encanto que sempre teve pelo europeu. Naquele campeonato, ficou evidenciado que, em se tratando de uma disputa que possibilita visibilidade mundial, a cordialidade apresenta limites bem definidos. O autor expõe que antes do jogo final houve uma reunião entre os dirigentes dos dois países, pois o regulamento não previa quem teria a preferência de jogar com o uniforme principal, caso as duas equipes apresentassem semelhança em suas cores. Os membros da delegação brasileira supunham que, em um ato de gentileza, os suecos permitiriam à equipe visitante usar seu uniforme, porém isso não aconteceu. Quando foi avisado por Abílio de Almeida, secretário encarregado pela CBD de acompanhar as

---

<sup>368</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit. p. 43.

<sup>369</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Faltam apenas dois dias. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1958. p.5.

decisões da Comissão Organizadora da Copa do Mundo, Paulo Machado ficou muito irritado.<sup>370</sup>

Isso é apresentado de maneira folclórica na biografia de Paulo Machado de Carvalho e acaba por reforçar os projetos ideológicos dos cronistas do *Jornal dos Sports*, por meio do qual os mitos, as tradições e os rituais são mais importantes do que qualquer ação racional. As forças tradicionais temem a novidade. A racionalidade poderia colocar em xeque toda a mística que a imprensa atribuía para o futebol, por isso era preciso reatualizar os mitos, encontrar novos heróis e desvalorizar qualquer possibilidade de tentar racionalizar o futebol brasileiro.

Nesse sentido, um novo mito é utilizado e, após a derrota de 50, mudou-se completamente o uniforme brasileiro. Na tentativa de esquecer aquele fracasso, os dirigentes resolveram que o selecionado não voltaria a utilizar o uniforme branco, pois supostamente ele teria dado azar à equipe brasileira. Os jornalistas retrataram a resolução desse problema de forma bastante passional, mostrando que a organização, a modernização, a cientificidade do planejamento só obteve sucesso graças ao “jeitinho brasileiro” de resolver as adversidades:

O chefe da delegação reuniu todo o grupo no salão principal do hotel. Reproduziu o diálogo que havia tido minutos antes com Abílio Almeida e, enquanto falava, notou que os jogadores discutiam entre si, revoltados com a notícia. Nascimento lembrou que as outras opções de uniforme eram o branco, o verde e o azul, as outras cores oficiais da seleção, mas foi logo interrompido por Paulo de Machado: - Está decidido: vamos jogar de azul, a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida. Ela vai dar a força que precisamos para ganhar o título.<sup>371</sup>

Fato este confirmado por jogadores como Pelé e Nilton Santos que, em seus livros de memórias, relembra e apontam para a mesma narrativa. Para Nilton Santos, “a Suécia começou por tentar impor uma vitória psicológica sobre o nosso time, quando nos obrigou a trocar de camisa. Todos ficaram apreensivos, pela superstição, com o fato de jogar com a camisa amarela”.<sup>372</sup> Pelé complementa essa explicação ao relatar que:

No dia seguinte veio a notícia: o Brasil tinha de mudar de camisa. Como a camisa sueca era amarela – mais amarela do que azul – houvera um sorteio em Estocolmo. A Suécia ganhou o sorteio. Feola respondeu: A cor da camisa não ganha jogo. Paulo Machado de Carvalho ascendeu o olhar – jogamos de azul e o azul está na bandeira do Brasil. Viemos aqui para ganhar e vamos ganhar.<sup>373</sup>

<sup>370</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 184.

<sup>371</sup> Ibid. p. 184.

<sup>372</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes. Apud RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. p.97

<sup>373</sup> Ibid. p. 267.

A narrativa de Pelé foi descrita por Mario Filho, na biografia daquele. O astuto cronista tencionou os fatos para valorizar o mito, utilizando, inclusive, a memória religiosa, que novamente entra em conflito com a tentativa modernizadora proposta pela CBD. Em todos os acontecimentos possíveis, o autor busca valorizar elementos irracionais como forma de auxiliar no sucesso do selecionado e, conseqüentemente, gerar descrédito ao PPMC.

Inicia-se o jogo final e pela primeira vez no campeonato, o Brasil saiu atrás no placar. “Aos cinco minutos [...] Liedholm com grande visão avança como um raio corre o estritamente necessário e desfere um tiro rasteiro no canto direito do arco guarnecido por Gilmar: gol e delírio no estádio”.<sup>374</sup> Uma descrição do jornal *Gazeta Esportiva* fornece referências sobre a forma com que o jogo se desenvolveu até o primeiro gol:

Os nossos estão vagarosos e Garrincha que poderia escapar, teima em fintar e perde. A defesa está demasiadamente calma. Há trocas de passes lentos e o número 4 recolhe a bola, arruma-a e ninguém o ataca, pois ele está parado, e atira como quer: 1 a 0. Custa para o Brasil se refazer, atacamos ainda sem nexo. Demora a rapaziada responder, até que a bola sai dos pés de Garrincha e Vavá empata o jogo.<sup>375</sup>

O trecho apresenta a mudança discursiva dos cronistas, que varia de acordo com o resultado da partida. A forma com que o literato se refere, inicialmente, a Garrincha que estaria prendendo em demasia a bola, modifica-se de modo radical a partir do momento em que este dá o passe para o primeiro gol, quando o Brasil passa a frente no jogo. Percebe-se que, nos poucos minutos em que o Brasil estava atrás no placar, os velhos problemas, como o excesso de individualismo, já estavam sendo apontados pelos jornalistas brasileiros.

O Brasil venceu a partida por 5 a 2 e, pela primeira vez, conquistou o título máximo em uma Copa do Mundo de Futebol. O agradecimento feito por Mario Filho destaca as potencialidades dos atletas brasileiros:

Vocês estão longe, jogadores do Brasil, e não vão me escutar. Mas todos nós sentimos a necessidade de dizer alguma coisa ou de exprimir alguma coisa. O que eu queria dizer a vocês era muito obrigado. Sempre tínhamos uma prova como a que vocês venceram. Não se tratava apenas de uma herança de 16 de julho. Mas, em 16 de julho de 50, não foi apenas um escrete brasileiro que perdeu. Sentimos mais a derrota, porque era também a nossa derrota. Faltava-nos alguma coisa para uma conquista tão grande. Não soubemos resistir a uma vitória, a vitória da Espanha. Por isso, toda vez que um escrete brasileiro ia para um Campeonato do Mundo, tínhamos maior medo das nossas falhas do que confiança nas nossas virtudes. Não bastava ter o melhor futebol, que tínhamos, para sermos campeões do mundo. Por isso, na amargura de 16 de julho, admiramos tanto os uruguaios, que ganharam no peito e na raça... Somos brasileiros e isto basta. Já não haverá brasileiros que,

<sup>374</sup> ESCARTIN, Pedro. Op cit. p.118.

<sup>375</sup> JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. Op cit. p.130.



como em 16 de julho, se lamentavam de ser brasileiros. Nunca se negou tanto o Brasil como em 16 de Julho. Porque aquele escrete de 50 resumia as nossas virtudes e defeitos. Esquecemos as virtudes que tínhamos para lastimar os defeitos que tinham nos tirado um campeonato do mundo. Vocês aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram as nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, entusiasmo, pelo amor a pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica... Duvida-se do futebol brasileiro, duvidando-se do Brasil. E vocês varreram essa dúvida, exaltaram o Brasil perante o mundo. Não somos apenas brilhantes, não somos apenas malabaristas, não somos apenas artistas de circo: somos campeões do mundo. E não seríamos campeões do mundo se não tivéssemos as virtudes dos alemães em 54, dos uruguaios de 50. Mas tivemos ainda mais, porque tivemos o melhor futebol do mundo. Muito obrigado, jogadores brasileiros: vocês mostraram ao mundo um Brasil perfeito.<sup>376</sup>

A vitória dos jogadores brasileiros é atribuída à dedicação, ao entusiasmo, ao amor a Pátria, ao vigor atlético e à técnica. Qualidades que se destacam pela presença dos sentimentos, das atitudes individuais e por serem naturais, logo, o título é decorrente da capacidade do jogador brasileiro e isso é, para o cronista, sinônimo de um Brasil perfeito.

As representações desse cronista mostram que o futebol foi um elemento fundamental para a internacionalização do Brasil. Servindo, inicialmente, como um catalisador da formação do ideário nacional, apresentando um brasileiro que não se aceitava e uma crônica esportiva que tentava evidenciar as características brasileiras, através de uma diferenciação dos europeus. Criou-se, então, um paradoxo, pois no futebol todos os países do mundo gostariam de ser como os brasileiros, porém os brasileiros invejavam os europeus, fato este que Mario Filho chama de “Complexo de ser Brasileiro”, que o impedia de assumir sua identidade.

Após a conquista do campeonato mundial, os brasileiros se descobriram e passaram a ter orgulho de si e da sua nação. Criou-se uma representação do futebol-arte como elemento central da identidade do brasileiro, que tem a molecagem, a ginga, a malandragem e a miscigenação como elementos principais. Mesmo em um Brasil que, ao vencer a Copa do Mundo de Futebol, poderia ser considerado um país moderno – já que, segundo os literatos do *Jornal dos Sports*, este era um dos principais pré-requisitos esportivos –, ignorou-se e se desvalorizou o projeto modernizador realizado pela CBD, prevalecendo o discurso passional dos cronistas, por meio dos quais, os mitos foram construídos e re-atualizados.

Contudo, se observada a forma com que algumas questões sociais e culturais eram tratadas na sociedade brasileira, esse discurso perde muito do seu encanto e revela a intencionalidade dos seus emissores em criar um Brasil por eles idealizado. A partir desse momento, nos deteremos a alguns dos elementos que dificultaram a modernização do futebol e da sociedade brasileira.

---

<sup>376</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Palavras aos jogadores brasileiros. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 30 de junho de 1958. p.1 e 5.

## 4. CAPÍTULO II – REGIONALISMO E RACISMO: dilemas da modernidade

### 4.1 A RIVALIDADE ENTRE PAULISTAS X CARIOCAS

Ao analisar as crônicas produzidas na década de 1950, percebeu-se que era recorrente a presença de interesses regionais e/ou clubísticos nas representações do futebol brasileiro. Tal atitude acabava por entrar em choque com o projeto de identidade nacional e com a imagem de uma sociedade moderna, pois, para alcançar esses objetivos, era necessário que ocorresse uma maior interdependência entre os diferentes estados – como os próprios cronistas do *Jornal dos Sports* buscavam representar através de suas crônicas.

Por outro lado, a rivalidade entre paulistas e cariocas contribuía para que os cronistas estimulassem os sentimentos dos torcedores, tornando-se um dos elementos fundamentais para o sucesso desse gênero literário e, também, para o desenvolvimento do futebol no Brasil. Esses intelectuais utilizaram as disputas futebolísticas regionais como estímulo aos torcedores, a fim de que estes se sentissem pertencentes a diferentes “nações imaginadas”. Isso era, momentaneamente, deixado de lado quando se aproximava a Copa do Mundo, pois nesta, as qualidades atribuídas aos jogadores brasileiros eram utilizadas para diferenciá-los dos estrangeiros.

A partir desses apontamentos preliminares, objetiva-se com este capítulo analisar a tensão ocorrida entre os acontecimentos sociais e o desejo de vitória presente nos escritos de Mario Filho e seus companheiros do *Jornal dos Sports*. Para o autor, era por meio do futebol que o Brasil poderia ser visto como uma nação moderna, desenvolvida e vitoriosa. Entretanto, em vários momentos esses argumentos acabaram conflitando com os valores sociais vigentes, revelando uma sociedade ambivalente, na qual os interesses regionais e particulares eram sobrepostos aos possíveis interesses da Nação. Situação que se evidencia na disputa de poder envolvendo dois dos principais centros decisórios do país, os quais, por inúmeras vezes, utilizaram as crônicas esportivas para justificar a sua possível superioridade.

A questão do regionalismo é um dos aspectos contraditórios da sociedade brasileira na década de 1950. É importante lembrar que, no Brasil daquele período, a maioria das decisões políticas, sociais, culturais e financeiras, era realizada no eixo Rio - São Paulo. Situação esta que começou a ser modificada somente no final da década, por meio da

construção de Brasília no centro do país, numa tentativa de aproximar os diferentes estados brasileiros.<sup>377</sup>

A tentativa de integração nacional era uma das exigências da modernidade, que apresenta um fundo ideológico nacionalista, mas, sobretudo, econômico. Tratava-se de uma questão de segurança política, pois possibilitaria que se falasse em nome do povo, da nação e, principalmente, seria uma oportunidade para a formação de um mercado interno, que era uma das exigências dos órgãos de controle do grande capital internacional que investiam no Brasil.<sup>378</sup>

Para que o governo pudesse realizá-la, foi necessário construir uma malha rodoviária que facilitasse a aproximação dos brasileiros<sup>379</sup>, pois muitos estados viviam de maneira quase isolada ao centro decisório do país. Esse panorama só passou a melhorar com o advento dos meios de comunicação, principalmente por meio da incipiente indústria de massa que iniciava um processo de implantação do sistema televisivo.<sup>380</sup> É oportuno salientar que, entre os exemplos citados, o único que trouxe resultados práticos e imediatos de integração nacional foi a construção da malha rodoviária. Brasília e a rede de televisão só começaram a funcionar, como fator de conexão, no final dos anos 1960, sobretudo nos anos 1970, quando os militares impuseram ao país uma integração forçada.<sup>381</sup>

Ao observar as crônicas desenvolvidas na década de 1950, verifica-se que a idéia de integração nacional aparece como um pré-requisito para que o futebol do país pudesse se desenvolver. Contudo, uma leitura mais atenta desses documentos indica que isso não aconteceria de maneira linear, pois existiam vários interesses em jogo. As transformações ocorridas nesse campo sofreram influências diretas dos diferentes agentes que tentavam modificar as relações de poder, norteadoras das disputas, utilizando-se de estratégias variadas a fim de se estabelecer e/ou controlar o campo. Por isso, em determinados momentos os agentes cariocas lutavam para manter inalterada a estrutura do futebol brasileiro e, ao perceberem que a sua hegemonia poderia ser abalada, utilizavam as suas crônicas para questionar as normas que regiam o futebol brasileiro. A desvalorização de agentes ligados ao futebol e de entidades esportivas foi uma estratégia recorrente nas páginas do *Jornal dos Sports*.

<sup>377</sup> BOMENY, Helena . Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: GOMES, Ângela Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 201-223.

<sup>378</sup> IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 41-62.

<sup>379</sup> SALOMÃO, Clovis de Faro e & ILVA, L. Quadros. A década de 1950 e o programa de metas. In: GOMES, Ângela Castro (org.). *Op cit.* p. 67-89.

<sup>380</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. **O marechal de vitória**: uma história de rádio, tv e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

<sup>381</sup> IANNI, Octavio. *Op cit.* p. 273-306.

Diante dessa guerra simbólica, o futebol foi visto como atividade significativa, já que os resultados obtidos em campo serviam para os cronistas expressarem as virtudes do seu Estado, ou seja, o futebol era um exemplo concreto de autoafirmação regional. Nesse sentido, era comum que um periódico, como o *Jornal do Sports*, se autodenominasse um “Jornal Verdadeiramente Carioca”. Em certa medida, isso nos mostra que esse meio de comunicação não tinha preocupações com a imparcialidade, pois ser parcial em defesa do seu Estado, ou das equipes que o representam, era uma estratégia importante para atrair leitores, dar respeitabilidade local ao periódico e agradar o dono do jornal – normalmente torcedor apaixonado e participante ativo da administração do seu clube do coração.<sup>382</sup>

A rivalidade entre paulistas e cariocas é recorrente na historiografia do futebol brasileiro. Segundo Caldas, ela é oriunda do momento inicial da estruturação desse esporte no país:

Na condição de maiores metrópoles do Brasil, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo sempre detiveram o privilégio de ditar normas, comportamentos e de lançar novidades para o resto do país; aliás, durante muito tempo (talvez até o ano de 1970) o Rio mais do que São Paulo. E nesse aspecto o futebol manteve-se na regra geral: é nessas cidades (elas sempre monopolizaram o futebol brasileiro) que ocorreram os maiores acontecimentos esportivos do país.<sup>383</sup>

O impasse entre a capital da República e um grande centro de movimentação financeira, acabou por se transformar em uma questão de orgulho regional, que foi assumida pelos cronistas esportivos, mas que fazia parte de uma disputa mais ampla que buscava definir a qual dos estados caberia a liderança política e social do país. Os literatos paulistas normalmente representavam a sua cidade por meio da imagem de um lugar de trabalhadores que buscavam o progresso. A partir disso, tentavam desqualificar a falta de seriedade do carioca que, na visão desses indivíduos, tinham como características principais a malandragem, o gosto exagerado pelo carnaval e pelas festas.<sup>384</sup>

---

<sup>382</sup> Entre os empreendedores ligados aos meios de comunicação e os intelectuais que participavam ativamente da administração clubística podemos destacar Paulo Machado de Carvalho, que era um empresário paulista dono da Rádio e da TV Record e também da Rádio Panamericana a primeira Rádio Esportiva do País (atualmente Rádio Jovem Pan), torcedor do São Paulo Futebol Clube, foi secretário-geral da diretoria, diretor de esportes, diretor de futebol, conselheiro. Cf. CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. *Op cit.*

<sup>383</sup> CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial:** memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990. p. 24. A primeira partida disputada entre estes dois estados foi realizada no dia 19 de outubro de 1901, no campo do São Paulo Athletic, na rua da Consolação e teve o placar final empatado em 1X1. Cf. Enciclopédia Ilustrada do Futebol Brasileiro. Vol. 1. p. 58-59.

<sup>384</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. **O modernismo no Rio de Janeiro.** Turunas e Quixote. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13.

O historiador Leonardo Pereira<sup>385</sup> fornece outras informações ao destacar alguns acontecimentos esportivos que auxiliaram na criação dessa querela. Segundo Pereira, em 1913 os cariocas conseguiram, pela primeira vez, obter resultados positivos em seus jogos internacionais, disputados contra equipes chilenas, portuguesas e inglesas. O sucesso da campanha motivou um dos cronistas do jornal carioca *O Imparcial* a publicar matérias divulgando que os resultados favoráveis, conquistados contra equipes estrangeiras, eram referência para indicar a superioridade do futebol carioca quando comparado ao paulista.<sup>386</sup> A resposta paulista foi quase imediata, pois Gavroche, na época redator esportivo do jornal paulista *Capital*, questionava essas colocações, inclusive, desvalorizando as vitórias cariocas, justificando que os adversários enfrentados por estes eram equipes de nível técnico questionável.<sup>387</sup>

Tal disputa não permanecia restrita apenas aos gramados. Fora dele, além dos cronistas, é possível identificar o confronto ocorrido entre os burocratas, que buscavam controlar os órgãos administrativos do futebol brasileiro. Fato melhor compreendido ao serem observados os objetivos de fundação da Federação Brasileira de Futebol (entidade que representava o futebol paulista) e da Federação Brasileira de Sports (representante do futebol carioca).<sup>388</sup>

Por mais de um ano, ambas as federações competiam para definir quem seria a entidade oficial do futebol brasileiro. Devido à realização do primeiro Campeonato Sul-Americano, o Brasil precisava decidir qual das federações o representaria legalmente junto aos organizadores da competição. Como não houve acordo entre os envolvidos, foi necessária a intervenção do Estado, que decidiu extinguir as duas federações e criar a

---

<sup>385</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social de futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>386</sup> Jornal *O Imparcial*. **Foot-ball**. 14 agosto e 26 de outubro de 1914. Este jornal tinha como proprietário o deputado Macedo Soares, que na década de 20 foi eleito presidente da Confederação Brasileira de Desportos.

<sup>387</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op cit.* p.158.

<sup>388</sup> Quando consultou-se a literatura percebeu-se que existem divergências quanto a data de fundação das entidades (Federação Brasileira de Futebol e Federação Brasileira de Esportes), algo que é recorrente quando se trata deste tipo de assunto, porém entende-se que o mais importante não é a determinação da data, mas os motivos que levaram a criação destas entidades e neste aspecto vários estudiosos apontam como objetivo principal a busca de reconhecimento de uma entidade nacional que pudesse organizar e coordenar o futebol do país. Cf. CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memórias do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990. p. 38. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social de futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 145. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & AASAF, Roberto. **Seleção Brasileira** – 90 anos, 1914 – 2004. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p.23. SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo**- primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 15.

Confederação Brasileira de Desportos (CBD)<sup>389</sup>, órgão reconhecido pela FIFA como o representante oficial do futebol brasileiro. É o que apresenta Pereira, ao relatar que:

Um projeto de pacificação apresentado em 1916, pelo então ministro das Relações Exteriores Lauro Muller – interessado na possibilidade de que os selecionados brasileiros pudessem voltar a enfrentar seus adversários da América – acabou assegurando a unidade do comando dos esportes no país, juntando as duas partes em litígio no seio de uma Confederação esportiva com sede no Rio de Janeiro.<sup>390</sup>

A formação inicial da diretoria da CBD demonstra a força que os cariocas apresentavam naquele momento, pois a confederação, mesmo de caráter nacional, privilegiou inicialmente os representantes do futebol do Rio de Janeiro, nos cargos mais importantes.<sup>391</sup> Além disso, a escolha do Rio de Janeiro como local para sua sede apresentava um valor simbólico significativo, utilizado nos discursos dos agentes envolvidos nessa disputa de poder, servindo de subsídio para justificar a importância do estado na política do esporte brasileiro. Algo explícito no estudo desenvolvido por Eduardo Viana<sup>392</sup> ao relatar que o “Rio de Janeiro foi o berço das Confederações Brasileiras esportivas, inclusive no futebol e nele encontra-se localizada desde a sua fundação a sede da entidade de direção nacional, ex- CBD, hoje CBF”.<sup>393</sup>

A criação da CBD resolveu o problema da dupla representação das entidades esportivas nacionais, amenizando, momentaneamente, os ânimos dos dirigentes, mas não o da imprensa que continuava a reivindicar benesses para o seu Estado.<sup>394</sup> Além disso, a criação de uma entidade burocrática, como a Confederação Brasileira de Desportos, não foi suficiente para a coesão no futebol brasileiro, pois, em várias ocasiões, os atletas – quando convocados para o selecionado nacional – acabavam influenciados por questões políticas e

<sup>389</sup> A CBD foi reconhecida provisoriamente pela FIFA a 29 de dezembro de 1917 e foi considerada oficialmente em 20 de maio de 1923, como o órgão supremo do futebol brasileiro, além disso essa entidade administrava outras atividades amadoristas: o remo, atletismo, remo, voleibol... A esse respeito cf. A história ilustrada do futebol brasileiro. *Op cit*, vol.3.

<sup>390</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social de futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 145.

<sup>391</sup> A primeira diretoria da CBD foi composta pelos seguintes cariocas: Presidente Arnaldo Guinle; Vice-Presidente Oriovisto A. Rego; 1º Secretário Ubaldo Lobo; 2º Secretário Marcondes Ferraz; Tesoureiro Lamartine Alves. Cf. **História Ilustrada do Futebol Brasileiro**. Vol. 3. p. 208-209.

<sup>392</sup> Eduardo Viana, ficou conhecido no mundo futebolístico como Caixa D'Água. Ele iniciou o seu contato com o esporte trabalhando no Americano Futebol Clube, posteriormente formou-se em história e filosofia e tornou-se um polêmico presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>393</sup> VIANA, Eduardo. **O poder no esporte**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994. p. 158.

<sup>394</sup> Para a disputa do primeiro campeonato Sul-Americano realizado em 1917 na Argentina, o jornal Gazeta Esportiva iniciou uma verdadeira campanha contra a decisão da CBD em escolher o jogador Chico Netto que atuava no Fluminense, como sendo capitão do selecionado nacional. Para a imprensa paulista, devia-se escolher um atleta daquele estado que havia enviado um maior número de jogadores para a seleção. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & AASAF, Roberto. *Op cit*. p. 26.

impedidos de representar o país. Fornecendo indícios de que, naquele momento de estruturação deste esporte, o futebol regional tinha prioridade sobre o futebol nacional.

Para Mario Filho, a rivalidade era um dos fatores que dificultava a obtenção de resultados positivos por parte do selecionado brasileiro: “O Brasil disputou os cinco campeonatos do mundo realizados até hoje e perdeu todos, cada qual por um motivo diferente. Em 30 não mandamos para Montevidéu um verdadeiro scratch brasileiro. Os paulistas recusaram-se a dar jogadores”.<sup>395</sup>

Na competição mencionada pelo autor, a seleção brasileira foi formada somente por jogadores cariocas, pois uma divergência entre a Associação Paulista de Esportes Amadores(APEA) e a Confederação Brasileira de Desportos fez com que os dirigentes paulistas não liberassem os jogadores que atuavam nas equipes daquele Estado. Segundo Napoleão & Assaf, a APEA queria a presença de um dirigente paulista junto à comissão técnica, tendo em vista que, dos vinte e três atletas convocados, quinze atuavam no futebol paulista e somente oito eram do futebol carioca. Entretanto, o presidente da CBD manteve o seu posicionamento, justificando que o estatuto da entidade previa apenas três membros para a comissão técnica e estes já haviam sido nomeados.<sup>396</sup> De acordo com o ofício enviado pela APEA à CBD, datado de 12 de junho de 1930, a associação avisava a não concordância com a decisão tomada pela CBD e, por isso, estaria vetando os atletas que atuavam no futebol paulista de tomarem parte no selecionado brasileiro.<sup>397</sup>

Nelson Rodrigues utiliza uma linguagem metafórica para retratar esse fato, mostrando que o problema do futebol brasileiro era a humildade do seu povo e a rivalidade entre os dirigentes esportivos:

O primeiro campeonato mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações. Tínhamos futebol, tínhamos talento, tínhamos gênio. Mas nenhum de nós acreditava em nós mesmos. Do nosso lábio, pendia a baba elástica e bovina das humildades abjetas. Lá fomos nós para Montevidéu. Eis a casta, a singela verdade: já trazíamos a derrota encravada na alma. Ainda por cima, o Brasil não levou todo o seu poderio. Os paulistas não foram e o que se viu, na primeira Copa, foi o nosso futebol mutilado ou, para ser mais exato, pela metade. Convém insistir no óbvio e lembrar que o futebol brasileiro é um centauro de Rio e São Paulo.<sup>398</sup>

A crônica de Nelson Rodrigues se refere a um momento de reestruturação do futebol brasileiro, por meio de uma interferência direta do Estado como mediador dos

<sup>395</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A única experiência que não foi feita. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02 de março de 1957.

<sup>396</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos & AASAF, Roberto. **Seleção Brasileira – 90 anos, 1914 – 2004**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p.36.

<sup>397</sup> Relatório Anual da Confederação Brasileira de Futebol. Rio de Janeiro, 1930.

<sup>398</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. **O drama das sete copas**. Rio de Janeiro: Revista Realidade, 1966.

problemas existentes. Entretanto, a presença do governo serviu apenas para amenizar a situação, pois mesmo após a criação da CBD, permaneceu uma forte tensão entre alguns dirigentes esportivos do país. A ausência dos jogadores paulistas nas competições em que haviam sido convocados pela CBD é um dos indicativos que nos leva a acreditar que, para os dirigentes paulistas, a nova entidade permanecia como representante do futebol carioca. Havia simplesmente passado a adotar uma sigla diferente e isso fazia com que estes proibissem os jogadores de São Paulo de fazer parte do selecionado nacional.

Nelson Rodrigues representou essa rivalidade utilizando-se de uma figura mitológica, composta de metade homem e metade cavalo. A imagem do centauro não existe no mundo real, mas normalmente é um dos protagonistas de histórias heróicas. Pode-se acreditar que, a partir dessa imagem, o autor buscou mostrar os paulistas que não atenderam ao chamado do selecionado, como a parte irracional (cavalo) da representação e, os cariocas, a parte humana. Contudo, na representação do autor o futebol brasileiro aparece como um ser incompleto, isto é, o brasileiro precisava de todas as suas forças para enfrentar seus adversários e obter sucesso.

Historicamente, a disputa política pelo gerenciamento do futebol brasileiro prejudicou a montagem e a representação do selecionado nacional nas diferentes disputas pela Copa do Mundo. Entretanto, tal fato se tornou significativo para alimentar a crônica esportiva, que se valia dos confrontos de dentro e fora de campo, para atrair leitores para os seus periódicos. Nesse sentido, como citado anteriormente, era comum que um periódico, como o *Jornal do Sports*, se autodenominasse, em primeira página, um “Jornal Verdadeiramente Carioca”, o que, em certa medida, mostra que esse meio de comunicação não tinha preocupações com a imparcialidade.

Vale ressaltar que, ser parcial em defesa do seu Estado, ou das equipes que o representam, era uma estratégia importante para atrair leitores, dar respeitabilidade local para o periódico e se manter próximo ao dono do jornal, que normalmente era torcedor apaixonado e participante ativo da administração do clube pelo qual torcia.<sup>399</sup> Isso pode ser visto como um exemplo de inexistência da mídia nacional e, especificamente no caso da imprensa esportiva, estava pautada nos interesses das torcidas e dos clubes locais.

---

<sup>399</sup> Entre os empreendedores ligados aos meios de comunicação e os intelectuais que participavam ativamente da administração clubística podemos destacar Paulo Machado de Carvalho, que era um empresário paulista dono da Rádio e da TV Record e também da Rádio Panamericana a primeira Rádio Esportiva do País (atualmente Rádio Jovem Pan), torcedor do São Paulo Futebol Clube, foi secretário-geral da diretoria, diretor de esportes, diretor de futebol, conselheiro. Cf. CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. *Op cit.*



Uma leitura sistematizada das crônicas do *Jornal dos Sports*, nas décadas de 1930, 40 e 50, mostra que o pagamento de altos salários, a presença dos melhores jogadores e, posteriormente, a construção do Maracanã, foram fatores utilizados pelos cronistas para justificar a superioridade do futebol carioca sobre o paulista. Entretanto, os resultados em campo estimulavam os literatos paulistas a reivindicar para São Paulo as honrarias de ter se tornado o melhor futebol do país.

Um dos eventos que influenciou diretamente o fortalecimento das equipes paulistas foi a criação da Taça Rio - São Paulo. Esta foi disputada pela primeira vez em 1933, no mesmo ano em que o futebol brasileiro assumiu o regime profissional para os jogadores.<sup>400</sup> Entretanto, não foi localizada nenhuma fonte que apresentasse uma relação direta entre esses dois acontecimentos.

Destarte, na primeira edição desse torneio, a equipe do Botafogo Futebol Clube do Rio de Janeiro não participou por não ter adotado o regime profissional. Situação semelhante a do Clube Regatas Flamengo, que só se filiou à liga carioca após o início da competição e, por isso, não foi permitido participar do Torneio. Isso nos permite acreditar, mesmo de forma hipotética, que um dos objetivos dessa competição era reunir as principais equipes do eixo Rio - São Paulo que assumiram o profissionalismo, o que acabou deixando de fora as equipes que permaneceram no modelo de gerenciamento tradicional (amadorismo).

Na primeira edição do torneio, adotou-se o sistema de disputa de turno e retorno, o que fez com que a competição fosse bastante dispendiosa, tendo em vista que as equipes viajavam de trem de um Estado para o outro e que o profissionalismo assumido era somente para os atletas. Não havia, nesse momento, qualquer tipo de patrocínio ou ação de marketing que pudesse produzir recursos financeiros extras para os clubes, por isso, uma competição longa era inviável para as equipes, mesmo para aquelas localizadas em grandes centros.<sup>401</sup>

---

<sup>400</sup> São vários os estudos que abordam a questão do profissionalismo do futebol brasileiro, por isso não vamos nos deter nesta abordagem. Sobre este assunto, ver: CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990. HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

<sup>401</sup> Entre 1934 e 1939 não foi realizado o torneio, em 1940 tentou-se promover uma nova edição, porém como as arrecadações foram frustrantes, a competição foi cancelada antes de chegar a sua fase final. Cabe ressaltar que neste momento o calendário brasileiro apresentava um grande número de jogos realizados pelo campeonato estadual e também pelo campeonato brasileiro de seleções. Como as equipes não possuíam patrocinadores as despesas eram cobertas fundamentalmente a partir da obtenção das rendas oriundas da bilheteria. Cf. PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do Futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000. pp. 115-127.

Fundamentalmente pelas questões financeiras, o Torneio Rio - São Paulo permaneceu no ostracismo por 17 anos, ficando no seu lugar o campeonato Nacional de Seleções Estaduais. Competição realizada desde 1923 e prolongada até 1963. Esse campeonato tinha início no segundo semestre, com a realização de uma fase classificatória entre todas as seleções e terminava no ano seguinte, momento em que se disputava a sua fase final:

Na realidade, estava na fase final toda a importância do campeonato: eram as célebres partidas entre cariocas e paulistas, que levavam milhares de pessoas aos estádios da época, depois a São Januário e ao Pacaembu, finalmente ao Maracanã. Mas o futebol brasileiro, como os estádios, cresceu, e o campeonato foi extinto. As partidas entre cariocas e paulistas tiveram a sua época. Os dois principais centros do futebol brasileiro mantinham uma rivalidade natural que vinha de Charles Miller e Oscar Cox. Essa rivalidade foi-se acentuando com o tempo, ganhou corpo com a Taça Correio da Manhã, chegou ao auge nas décadas de 30 e 40 e depois foi decrescendo.<sup>402</sup>

O Campeonato Brasileiro de Seleções era uma competição que reunia os melhores jogadores de todos os Estados. Porém, os *cracks* brasileiros estavam fundamentalmente localizados nas equipes do eixo Rio - São Paulo. O sonho de grande parte dos meninos era atuar em um desses dois estados, pois ali estava a elite atlética e administrativa do futebol nacional e era dali que saíam os jogadores para representar o país, em competições internacionais. Ou seja, jogar em uma das equipes desses centros era estar na “vitruve”.

Um bom exemplo da situação está no livro “Viagem em torno de Pelé”, escrito por Mario Rodrigues Filho, no ano de 1963. Mesmo com todos os posicionamentos românticos, característicos da escrita desse autor, Mario Filho descreve com muita perspicácia o clima daquele momento. Principalmente, o sonho de Pelé de poder jogar em São Paulo, ajudar a sua família e, indiretamente, realizar o sonho do seu pai (Dondinho), que não conseguiu atingir esse objetivo.<sup>403</sup>

Jogar nos grandes centros era uma prova de fogo, pois muitos cronistas buscavam, primeiramente, agradar os clubes que lhes possibilitavam retorno financeiro e, para tal, era comum que estes acabassem desvalorizando jogadores da equipe adversária, como uma forma de valorizar a equipe de seu interesse. Essa mesma estratégia era utilizada pelos cronistas paulistas que, normalmente, desvalorizavam os jogadores e, por consequência, os cidadãos cariocas como um todo, dizendo que a vida festiva levada por estes indivíduos os incentivava a ser um povo cada vez mais preguiçoso, sem muitas regras e voltados apenas

---

<sup>402</sup> No campeonato brasileiro de seleções o Rio de Janeiro apresentou pequena vantagem, vencendo a competição 13 vezes, seguido de São Paulo com 09 vitórias, Bahia e Minas Gerais com 1 vitória cada. Cf. **A história ilustrada do futebol brasileiro**. São Paulo: Edobras. p.173. Vol. 2.

<sup>403</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.

para o lazer.<sup>404</sup> Na concepção de Nelson Rodrigues, numa linhagem *freyreana*, isso era a essência de ser brasileiro:

E há, também, um recurso, que trazemos no bôlso, e que me parece de primeiríssima ordem. Refiro-me a inimitável molecagem carioca. Eu sei que o brasileiro tem horror que o chamem de moleque. Eu, em garoto, ao ser chamado de moleque, sentia-me desfeito até a vigésima quinta geração. Com o tempo, mudei de pensar. E, hoje, em plena maturidade, acho que a molecagem é uma das nossas manifestações vitais mais esplêndidas e fidedignas.<sup>405</sup>

O autor transforma algo normalmente visto de forma pejorativa, em um dos principais elementos da identidade brasileira, mas que, para ele, havia partido da forma carioca de viver. A partir daqueles elementos que os paulistas apontavam como prejudiciais à vida social e esportiva.

Nessa tensa disputa de poder entre paulistas e cariocas, vários foram os acontecimentos que contribuíram para a melhoria da qualidade do futebol paulista. Entre eles, destaca-se a mudança de atitude dos dirigentes do São Paulo Futebol Clube, que, liderados pelo empresário Paulo Machado de Carvalho<sup>406</sup>, contrataram jogadores significativos do futebol brasileiro, que atuavam em equipes do Rio de Janeiro, como uma forma de tornar o campeonato paulista cada vez mais atrativo. Um bom exemplo dessa situação ocorreu em 1942, com a contratação de Leônidas da Silva (Diamante Negro), considerado o melhor jogador da Copa de 1938.

Essa contratação dividiu a crônica esportiva. Primeiramente, porque muitos não acreditavam que um jogador beirando os trinta anos de idade conseguiria fazer as mesmas apresentações outrora feitas no Botafogo, no Flamengo e na seleção. Um grupo de jornalistas protestou contra a quantia paga pela transferência desse jogador. Na visão desses jornalistas, era algo inconcebível em um país onde as crianças do nordeste morriam de fome. Thomaz Mazzoni, principal cronista do jornal *Gazeta Esportiva*, saiu em defesa dos dirigentes paulistas, atacando seus colegas de profissão, chamando-os de desocupados e inimigos do futebol.<sup>407</sup>

---

<sup>404</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Op cit. p.13-15.

<sup>405</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. É preciso gingar. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 31 de Março de 1958.

<sup>406</sup> Paulo Machado de Carvalho foi diretor de esportes, na gestão de Roberto Gomes de Pedrosa, promovendo mudanças significativas na estrutura do futebol do clube. Instituiu, de forma inédita regras severas para os jogadores, acostumados à boa vida do amadorismo. Se algum atleta freqüentasse boates sem autorização do clube, chegasse atrasado ao treino ou brigasse com um companheiro de time, passava a ser multado pela diretoria".*Ibid.*p.86.

<sup>407</sup> MAZZONI, Thomaz. Inimigos do futebol. **Jornal Gazeta Esportiva**. São Paulo, 20 maio de 1942.

No Rio de Janeiro, Mário Filho lamentava a saída de Leônidas, em uma das suas crônicas ele mostra que desde a transferência desse jogador, o futebol do Rio de Janeiro sente a ausência de um ídolo:

Foi o que um Zizinho não conseguiu romper. Substituiu o Leônidas carioca, isto é, o ídolo do Rio. No fim da carreira foi idolizado em São Paulo. Mas em São Paulo, há bem pouco, seria apenas um ídolo paulista. Era um jogador que se transformaria. Quando Leônidas foi para São Paulo era um ídolo nacional. O esforço que São Paulo fez para conquistá-lo se deveu mais a isso. São Paulo queria ter Leônidas só para si e num momento em que o football bandeirante precisava desse estímulo para refazer-se.<sup>408</sup>

Já havia passado 15 anos e a crônica carioca ainda lamentava o ocorrido, pois para eles a perda de Leônidas significava a falta de um ídolo no futebol carioca. O ídolo tem, entre outras funções, um caráter simbólico que auxilia na divulgação do espetáculo esportivo e, nesse aspecto, o Diamante Negro foi uma grande perda para o Futebol do Rio de Janeiro. Negreiros, ao analisar esse momento, caminha na mesma linha de argumentação, dizendo que a construção do Pacaembu, como um monumento que buscava representar a grandeza do governo, e a contratação de Leônidas Silva, que era o maior atleta brasileiro até então, marcaram o início de uma nova era no futebol paulista.<sup>409</sup>

Concordamos com Helal, quando este afirma que um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de heróis, estrelas e ídolos.<sup>410</sup> Como destacou Rubio, são esses indivíduos que levam os torcedores a se identificarem com o evento. Por isso, os atletas acabam se tornando os fiéis representantes da sociedade.<sup>411</sup>

É claro que só a presença de bons jogadores não seria suficiente para modificar a balança de poder, na estrutura do futebol brasileiro. Por isso, cabe lembrar que, no plano econômico, o estado de São Paulo passava por grandes transformações no setor agrícola, que investia significativamente em culturas alternativas (policultura), substituindo o café (destaca-se a plantação de eucalipto, amendoim e algodão). Essa transformação foi importante na melhoria no padrão de vida da população campestre, bem como da massa trabalhadora localizada na cidade.<sup>412</sup> Monbeig explicita essa melhoria:

<sup>408</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. Pés descalços. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 30 mai. 1958.

<sup>409</sup> NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: RIBEIRO, Luiz Carlos (org.) **História: questões & debates**. Curitiba, PR. UFPR, ano 20, n 39, jul/dez. 2003. p.150.

<sup>410</sup> HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo (et all). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p.154-155.

<sup>411</sup> Sobre a importância do herói no esporte moderno, vale a pena cf. RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.77-106.

<sup>412</sup> MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Polis, 1998. p. 276.

Os salários dos colonos foram bastante aumentados... A jornada de trabalho, que era de 5 cruzeiros em 1940 dobrou em 1946. O salário do trabalhador rural nas zonas novas multiplicou-se por dois, pelo menos, às vezes por três. Paralelamente todos os salários e todos os encargos do orçamento dos fazendeiros cresceram em proporções idênticas... O Anuário Estatístico do Estado de São Paulo mostra que o salário de um jornaleiro era de CR\$ 5,00 em 1933, de CR\$ 18,00 em 1946 e CR\$ 20,00 em 1947.<sup>413</sup>

A transformação da estrutura do Campeonato Paulista não pode ser atribuída diretamente a um único fator preponderante. Ela é resultado de uma série de acontecimentos, tais como: o investimento na contratação de novos atletas; a construção de novos estádios; a melhoria do padrão de vida da população, que passou a ter mais recursos para investir em suas atividades de lazer; o apoio, por parte da mídia, na promoção do campeonato.

Para a imprensa, a rivalidade entre cariocas e paulistas assumiu grande importância na promoção dos eventos esportivos. Isso não quer dizer que a imprensa tenha criado a rivalidade, mas a sua presença foi fundamental no fomento das polêmicas, atraindo um público cada vez maior para os estádios:

[...] a rivalidade entre paulistas e cariocas fazia bem ao futebol brasileiro, tornava-o menos blasé e mais apaixonante, popular. Gostava de relembrar nos corredores da Record histórias como a protagonizada por Feitiço e Washigton Luís, presidente da República, durante a final do Campeonato Brasileiro (sic) de 1927, disputado no estádio de São Januário, no Rio, entre a seleção local e a de São Paulo<sup>414</sup>.

As palavras de Paulo Machado de Carvalho demonstram a importância da rivalidade entre esses dois estados na popularização do futebol. Ao mesmo tempo, apresentam uma situação romântica, que simbolicamente revela a relativa autonomia do campo esportivo, que, embora sofresse influência dos acontecimentos sociais e políticos, não deve ser visto como reflexo destes.<sup>415</sup> Isso é representado na atitude de um jogador que resolve desafiar a autoridade do Presidente da República, não cumprindo uma suposta determinação por ele emitida. Trata-se de algo que dificilmente seria possível em outros setores da vida social, mas que, neste caso, não resultou em consequências mais drásticas,

---

<sup>413</sup> *Ibidem*.

<sup>414</sup> Neste episódio o árbitro da partida marcou um penalty duvidoso a favor da equipe carioca e os jogadores paulistas, liderados pelo crack da equipe “Feitiço” resolveu tirar a equipe de campo. Mesmo com a intervenção do presidente da república, os jogadores se recusaram a voltar para o campo de jogo. Cf. CARDOSO, Tom; ROCKANN, Roberto. **O marechal da vitória**: uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005. p. 58.

<sup>415</sup> Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, quanto mais estruturado for campo maior é o seu poder de refração para os acontecimentos da vida social. Cf. ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994. p.42.

tendo em vista a liberdade de atuação e o potencial de refração que cada campo apresenta em seu interior.

Como já foi dito anteriormente, a modificação na balança de poder foi influenciada por diferentes fatores de ordem econômica, cultural e social, que apresentavam preocupações como a necessidade de modernização dos espaços urbanos. Esta não foi uma atitude restrita somente a esses dois grandes centros, mas estava no bojo de um movimento modernizador, que, em meados do século XX, ocorreu em diversas cidades brasileiras. Contudo, é possível perceber que existiu, por parte de uma parcela significativa de empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo, um investimento financeiro significativo, objetivando auxiliar no projeto de valorização da cultura nacional. Para tal, foram construídos novos espaços e reformulados muitos dos já existentes, dando ao país uma face moderna.

O estado de São Paulo, por exemplo, vivia um momento de intensa atividade cultural, incentivada pela sua burguesia, que em um curto espaço de tempo criou dois museus, uma companhia de teatro e uma bienal internacional de artes plásticas.<sup>416</sup> A realização da bienal consolidava um projeto de modernização cultural que acontecia há algumas décadas naquele estado, o qual já havia revolucionado os palcos com o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC-1948) e também pela presença da Companhia Cinematográfica Vera Cruz (1949). Nesse contexto, a I Bienal de São Paulo (1951) buscou colocar a arte moderna do Brasil em contato vivo com o resto do mundo e, paralelamente, conquistar para a cidade de São Paulo a posição de centro artístico mundial.<sup>417</sup> Visualiza-se uma nítida preocupação das elites paulistas em aproximar a arte às camadas mais abastadas da sociedade brasileira, ao passo que se buscava um lugar de destaque para o Brasil no cenário internacional.

No mesmo sentido, a construção do Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, após o término da segunda guerra mundial, é uma das referências que permite perceber a presença dos valores culturais dos países desenvolvidos na elite brasileira. Segundo Parada, esse museu teria sido criado sob a influência da cultura norte-americana, da qual o Museum of Modern Art (MOMA), de Nova Iorque, serviu como referência para que um grupo de empresários, industriais e banqueiros interviesse no processo de modernização que se instaurava no país: “O MAM buscava incutir no público o gosto pela arte moderna, ou melhor, educa-lo a fim de compreender ou pelo menos admitir que os

---

<sup>416</sup> FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)**. São Paulo: DIFEL, 1986. p.485.

<sup>417</sup> 50 anos Bienal de São Paulo: 1951-2001. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2001.

artistas de hoje sejam mistificadores, mas que procuram interpretar nas suas obras o que realmente sentem”.<sup>418</sup>

Na visão desse grupo, a criação de um ambiente cultural era fundamental para o desenvolvimento dos dois mundos que se integravam. As elites tentavam expandir o seu projeto ideológico, e as manifestações artísticas foram vistas como elementos culturais importantes para o projeto de modernidade que se buscava, em que os novos valores apresentados produziam um processo de ajuste, re-equilíbrio, integração e absorção nos mais variados setores da sociedade brasileira. Algo expresso, no final da década de 1950, por meio da construção de Brasília que veio fortalecer o simbolismo criado em torno da idéia de um “Brasil Moderno”.

A mudança da capital brasileira para uma região inóspita foi retratada como símbolo de avanço tecnológico, em que o homem dominava a natureza, refinando a mata virgem e produzindo uma paisagem inteiramente nova.<sup>419</sup> A construção de Brasília, além de apresentar um caráter simbólico da modernidade nacional, serviu de referência para demonstrar a interdependência do Plano de Metas, que buscava atingir os setores com maior potencial para o desenvolvimento econômico.<sup>420</sup>

É fundamental reconhecer a diversidade presente nos diferentes projetos, para os quais não havia unanimidade sobre os problemas que impediam o Brasil de vencer o subdesenvolvimento e adentrar na modernidade. A importância que os cronistas esportivos exerciam na estrutura do esporte brasileiro, pode ser percebida por meio dos cargos que eles ocupavam nas entidades administrativas do futebol nacional, bem como de atitudes como a de Mario Filho, que a partir de suas influências conseguiu reativar o torneio Rio X São Paulo, em 1950: “[...] reunindo equipes dos dois estados, e que acirrou ainda mais a rivalidade entre paulistas e cariocas no futebol”.<sup>421</sup>

O retorno do torneio foi marcado pela supremacia paulista<sup>422</sup>, levando a crônica carioca a lamentar as sucessivas derrotas dos seus representantes, afirmando ser uma

---

<sup>418</sup> PARADA, Maurício B. A. **A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens de modernidade no Brasil dos anos 50.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1993. p.8-10.

<sup>419</sup> Ianni, Octávio. Op cit. p.36.

<sup>420</sup> OLIVEIRA, Marcio. O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n.2, maio/ago.2006.

<sup>421</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional** em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p. 129.

<sup>422</sup> Do ano 1950 a 1963, foram realizadas 13 edições desta competição, com larga vantagem para as equipes paulistas que venceram 09 vezes contra 04 vezes das equipes cariocas. Houve uma paralisação desta competição no ano de 1956 para que o selecionado nacional pudesse excursionar na Europa. Este fato nos fornece indícios para que se perceba a mudança significativa no comportamento dos dirigentes esportivos. A

vergonha para a população da capital do país se reconhecer em situação de absoluta inferioridade a São Paulo. Isso era inadmissível para uma metrópole esportiva como o Rio de Janeiro, que, na visão de alguns intelectuais, jamais poderia perder para uma cidade provinciana, mesmo que esta fosse São Paulo.<sup>423</sup>

Entre os literatos cariocas que utilizavam a crônica para defender os interesses regionais, estava o paraibano José Lins do Rego. Discípulo do pensamento de Gilberto Freyre<sup>424</sup>, morou em vários estados brasileiros até receber uma nomeação para exercer o cargo de fiscal do imposto de consumo e ir, definitivamente, para o Rio de Janeiro. Como relata Antunes:

Aos poucos foi se integrando à nova cidade e estabelecendo vínculos emocionais extremamente fortes.[...] era um homem em sintonia com o seu tempo e com um gosto especial pelos assuntos populares, fossem eles ligados ao rádio, cinema ou mesmo aos esportes. Zé Lins, como passara a ser carinhosamente chamado por seus amigos cariocas, fora indiferente ao futebol até 1938, quando acompanhou entusiasmado a primeira transmissão radiofônica de uma Copa do Mundo. Teria ficado absolutamente encantado com a genialidade e o carisma de Leônidas da Silva, aclamado como herói brasileiro da Copa da França. À época, Leônidas jogava no Flamengo, e, admirando-o, tornou-se Flamengo também. Com o tempo ficaria conhecido como um dos maiores torcedores do clube.<sup>425</sup>

Foi após se tornar torcedor do Flamengo, que o autor voltou a escrever suas crônicas no *Jornal dos Sports*, algo mantido sistematicamente entre os anos de 1945 e 1957. Esse literato pode ser considerado um exemplo clássico de cronistas que escreviam de forma objetiva, buscando chamar a atenção para a ascensão dos adversários e à necessidade de modificar a estrutura do futebol carioca, antes que este fosse sucumbido pelo seu principal adversário regional.<sup>426</sup>

Situação que fica explícita na crônica “Acorda Rio de Janeiro”: “As últimas derrotas de quadros cariocas em São Paulo vieram mostrar que nós, aqui do Rio, estávamos

---

história demonstra que até a década de 50 a prioridade estabelecida pelos cartolas era a participação dos jogos de sua equipe, neste momento entendia-se que era importante o jogador fazer parte do selecionado nacional e representar o seu país, como os melhores jogadores do Rio e de São Paulo estariam com a Seleção Brasileira, optou-se em não realizar o confronto Rio-São Paulo naquele ano.

<sup>423</sup> AMADO, Gilberto. Assunto sério: aparências e realidades. São Paulo: Monteiro Lobato e Companhia, 1922, p.29. apud. PEREIRA, Leonardo A. p.160

<sup>424</sup> ANDRADE, 1972, p. 19.

<sup>425</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa:** futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo:UNESP, 2004. p.50.

<sup>426</sup> A supremacia Paulista pode ser observada através dos resultados do Torneio Rio –São Paulo, que a partir da sua reedição em 1950 tem-se os seguintes campeões: em 50 o Corinthians, 51 o Palmeiras, 52 a Portuguesa, 53 e 54 o Corinthians, 55 a Portuguesa. O Torneio Rio-São Paulo em 1954 estabelece o troféu Roberto Gomes Pedrosa, como uma forma de homenagear o ex-goleiro da seleção brasileira de 1934 e ex-presidente da Federação Paulista de Futebol, que morreu naquele ano. Em 1967 foi criada uma nova competição que recebeu o nome de Torneio Roberto Gomes Pedrosa, esta competição serviu de referência para que quatro anos mais tarde fosse criado o Campeonato Nacional de Futebol.



contando com uma decadência do football paulista que não existe”.<sup>427</sup> Passava a se destacar, naquele momento, a equipe do São Paulo Futebol Clube, conhecida como rolo compressor, por ter vencido os campeonatos paulistas de 1943, 45, 46, 48 e 49. O sucesso foi atribuído, em grande parte, à modernização da infraestrutura proporcionada ao clube.<sup>428</sup>

Os jornais da época destacavam a introdução de normas consideradas bastante severas para a década de 1940, quando os jogadores recém-saídos do amadorismo ainda não haviam se adaptado às novas exigências proporcionadas pelo profissionalismo. No São Paulo Futebol Clube (SPFC), adotou-se um regime de concentração antes dos jogos; estabeleceu-se que os atletas deveriam cumprir os horários para não serem multados; e era proibido frequentar *boites* e casas noturnas. A preocupação dos dirigentes transcendia a questão comportamental, sendo contratada uma nutricionista para auxiliar no controle da alimentação dos jogadores.<sup>429</sup>

A década de 1950 parece ter consolidado o processo de superação do futebol paulista diante do carioca, não só em termos de resultados, mas também em sua situação econômica. Fato explícito na entrevista concedida por Adolfo Marques, um dos diretores do Fluminense, sobre uma possível transferência de Julinho, considerado um dos principais “cracks” brasileiros, que estava retornando da Itália para o Brasil:

– O Fluminense pensa em contratar Julinho? – Pensa. – Já estive em contato com ele? – Sim. – E o que ficou combinado? – Nada. – Nada? Julinho prefere ficar em São Paulo, o Palmeiras entrou no páreo. – Considera-o então definitivamente perdido? – Sim. Não podemos competir com o Palmeiras, com os clubes de São Paulo. E seria só se não houvesse a observar o seguinte, é o Fluminense em pessoa que se confessa fraco, agonizantezinho.<sup>430</sup>

Essa passagem é bastante significativa, por serem expressos os posicionamentos de um dos cartolas de uma equipe da elite do futebol carioca, o qual assume que o futebol desse estado não apresentava condições de competir financeiramente com o futebol paulista, pois, na visão do cartola, o futebol paulista estava em ascendência. Não obstante, este não era o mesmo posicionamento emitido pelos cronistas do *Jornal dos Sports* no início da década de 50, principalmente quando o tema era a seleção brasileira.

Nos meses que antecederam a convocação dos jogadores que representariam o país na Copa do Mundo de 1950, teve início, nas páginas do *Jornal dos Sports*, a primeira

<sup>427</sup> REGO, José Lins. Acorda Rio de Janeiro. *Jornal dos Sports*. 04 fev. 1949.

<sup>428</sup> MAZZONI, Tomaz. O sucesso do São Futebol Clube. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 13 de abril de 1948.

<sup>429</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p.86.

<sup>430</sup> RODRIGUES, Mário Júlio. O Agonizantezinho (3). *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 7 de junho de 1958. p.5.

contenda envolvendo os interesses cariocas e paulistas. Mario Filho, como um dos principais representantes da crônica carioca, mostrava que:

O football carioca sempre teve tendência brasileira. Eu ia empregar o termo cosmopolita. A tempo me corriji. Evidentemente que a tendência do football carioca sempre foi brasileira. Nunca o torcedor carioca indagou muito sobre o carioquismo dos seus jogadores. Jogavam no Rio e bastava. Os paulistas que chamavam a atenção sobre a mistura de todos os estados do Brasil nos teams e scratches cariocas. O bairrismo paulista encontrava motivo de orgulho no paulistanismo dos jogadores dos teams e scratches paulistas.[...] Só pode ir para os cratch um jogador que mereça o scratch. Não há lugar no scratch para a satisfação de bairrismos. O scratch é brasileiro. Não está em jogo o football paulista ou o football carioca. Por mais carioca ou por menos paulista que tenha o scratch, a vitória ou a derrota será tanto do Rio quanto de São Paulo. Porque o Brasil é um só.<sup>431</sup>

As palavras do literato carioca apresentam, como pano de fundo, uma reivindicação de união em torno do selecionado brasileiro de futebol. Entretanto, o próprio literato chama os paulistas de bairristas e, segundo o seu ponto de vista, essa característica é diferente no Rio de Janeiro, pois este possui jogadores de todos os lugares do Brasil.

Esse discurso ambíguo sobre coesão nacional não se manteve por muito tempo, já que no segundo jogo da Copa do Mundo de 1950, Flávio Costa, treinador da seleção brasileira, resolveu escalar vários atletas paulistas como base da sua equipe. Segundo Napoleão & Assif, a decisão foi tomada pelo fato de o jogo ter sido disputado em São Paulo, o que auxiliaria para que o torcedor ficasse mais satisfeito com a equipe.<sup>432</sup> Essa opção foi fortemente combatida pelos cronistas cariocas, que, liderados por Mario Filho, se tornaram, em sua maioria, fortes críticos do treinador brasileiro. A partir desse acontecimento, Mario Filho passou a utilizar suas crônicas diárias como um instrumento para colocar em xeque a credibilidade e a capacidade do treinador frente ao selecionado nacional.<sup>433</sup>

O jornal carioca *Tribuna da Imprensa*, apresentou uma versão diferente para a utilização dos jogadores reservas na segunda partida. Após o término do primeiro jogo do selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 1950, o periódico chamou a atenção para o fato de que vários atletas brasileiros saíram machucados daquela partida, o que poderia comprometer a escalação da equipe para o segundo jogo:

<sup>431</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Vamos falar somente em football brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1949. p.4.

<sup>432</sup> Observando as escalações dos jogos realizados no Rio de Janeiro pode-se constatar que a equipe titular normalmente foi formada por 7 jogadores cariocas, 1 gaúcho e 2 paulistas; em jogos realizados em São Paulo a equipe titular era composta por 7 jogadores paulistas e 4 cariocas. Cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira – 90 anos (1914-2004)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p.47 e 125.

<sup>433</sup> A relação de amor e ódio entre o cronista carioca e o treinador brasileiro, já havia ocorrido anteriormente. Em 1949, por exemplo, antes da realização do Campeonato Sul-Americano, grande parte das crônicas produzidas por este autor, do início do mês de abril até meados do mês de maio, apresentavam críticas de Mario Filho contra Flávio Costa.

Contusões em massa na seleção brasileira, nada menos de nove jogadores encontram-se atualmente sob cuidados médicos, o que vem preocupando seriamente Flávio Costa. [...] Como não bastassem as contusões antigas de Bauer, Santos, Chico, Rodrigues e Zizinho, outras vieram após o encontro com o México. Danilo, Friaça, Jair e Ely, não apresentam condições físicas satisfatórias.<sup>434</sup>

Esse indicativo se torna relevante na medida em que questiona a tese apresentada por Mario Filho, sobre a escalação da equipe utilizando como titulares os atletas que atuavam no estado em que o jogo seria disputado. Devido às relações de poder que permeavam o futebol brasileiro, era necessário que o selecionado jogasse no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi o que aconteceu no segundo jogo, ocorrido no dia 28 de junho, no Estádio do Pacaembu, tendo como adversária a Suíça que, no primeiro jogo, perdeu de 3 X 0 para a Iugoslávia.

O empate em 2 a 2 foi decepcionante para o público de 42.032 pessoas que compareceram ao Estádio do Pacaembu para ver “uma seleção apática e sem instrução tática”.<sup>435</sup> Mario Filho utilizou o resultado negativo, argumentando que este foi decorrente da mudança da equipe. Segundo o cronista, o técnico brasileiro agiu desta maneira, “devido as fortes pressões da imprensa paulista, o técnico Flávio Costa, na tentativa de agradar a todos, modificou a base da equipe escalando vários jogadores paulistas [...] A consequência foi um empate em 2X2 que pode prejudicar a campanha brasileira”.<sup>436</sup>

É importante destacar que, em momento algum, o cronista ou o *Jornal dos Sports* fez menção a qualquer tipo de lesão dos jogadores brasileiros. Grande parte das crônicas, publicadas até o jogo seguinte, destacaram o fato de o treinador modificar a equipe. Anos mais tarde, contrariando tal acusação, o ex-treinador do selecionado nacional relata em entrevista concedida para o jornalista *Jairo Severiano*, que:

Fomos muito criticados por termos modificado o time, mas havia razões fundamentais para isso: tínhamos três jogadores titulares contundidos, Jair se machucara na estréia, Zizinho ainda se recuperava e Chico lesionado – precisei improvisar uma linha com os jogadores disponíveis. Além disso, como iríamos jogar uma partida decisiva contra a Iugoslávia, uma das boas equipes que tinham vindo ao Brasil, e que eu já tinha visto jogar em Belo Horizonte, quando venceu a Suíça por 3X0, achei a Suíça um time fraco e resolvemos poupar alguns jogadores.<sup>437</sup>

Segundo os posicionamentos expressos pelo treinador brasileiro, é possível identificar duas situações interdependentes, que podem ter influenciado na escalação da

<sup>434</sup> TRIBUNA DA IMPRENSA. **Contusões em massa na seleção brasileira**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 1950. p. 10.

<sup>435</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil cede empate para a seleção Suíça**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1950. p.1 e 6.

<sup>436</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Brasil X Suíça**. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1950. p.5.

<sup>437</sup> COSTA, Flavio. *Memória Esportiva Carioca*. **Entrevista** concedida ao jornalista Jairo Severiano. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1984.

equipe. A primeira delas foram os problemas dos atletas lesionados. A segunda se refere ao descaso pela equipe adversária, a qual, na visão do treinador, era mais fraca que as outras equipes do grupo. Isso lhe deu tranquilidade para poupar alguns jogadores titulares, a fim de que estes pudessem estar em boas condições na disputa contra a equipe iugoslava, no jogo que decidiria a classificação para a segunda fase da competição. Assim, o que se viu nas páginas do *Jornal dos Sports* foi uma campanha contra a utilização de uma equipe montada a partir de uma base regional, posição assumida por Mario Filho e negada pelos dirigentes do selecionado nacional.

As críticas que partiram dos cronistas do *Jornal dos Sports* foram estabelecidas muito mais em função da ausência dos jogadores cariocas, do que do resultado propriamente dito. A única crônica publicada nesse periódico, que aborda a questão da falta de rendimento da equipe, foi escrita por Mario Filho, no dia 1 de julho de 1950, quando este demonstra que o resultado adverso foi decorrente de vários problemas táticos apresentados pelo selecionado brasileiro. É interessante o fato de o literato não atribuir esse despreparo como responsabilidade do treinador, mas como consequência da imaturidade brasileira, pois dirigentes e jogadores desconheciam o futebol suíço e, por isso, sentiram dificuldades em vencer o sistema de marcação (ferrolho)<sup>438</sup> empregado por eles.

A tensão envolvendo cariocas e paulistas também pode ser localizada durante a preparação do selecionado nacional para a disputa da Copa do Mundo de 1954, o único incidente significativo, apresentado pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, ocorreu durante a disputa do campeonato Sul-Americano, realizado em Lima no Perú.

Nessa competição houve uma pausa de oito dias entre o jogo de estreia da seleção brasileira e o segundo jogo, surgindo problemas como o excesso de tempo ocioso, o clima festivo dos jogadores, a rivalidade entre paulistas e cariocas.<sup>439</sup> Sobre a questão da rivalidade entre os dois estados, Zizinho, um dos jogadores do selecionado brasileiro que esteve em Lima, relata em sua autobiografia que a tensão entre os jogadores e a comissão técnica começou porque: “Aymoré Moreira não armou nunca um quadro e procurou sempre despistar a imprensa, dizendo não haver titular nem reserva”.<sup>440</sup> Segundo o jogador, essa foi uma estratégia utilizada pelo treinador brasileiro para não precisar justificar sua preferência pelos jogadores paulistas.

<sup>438</sup> Ferrolho tranqueta de ferro com que se fecham as portas e janelas. No futebol é utilizado para definir o sistema pelo qual a equipe privilegia o sistema de defesa, tendo como princípio básico que todos os jogadores devem buscar ficar para trás da linha da bola. Cf. FEIJÓ, Luiz César Saraiva. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. p.98.

<sup>439</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O reativo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 28 de Março de 1949. p.5.

<sup>440</sup> SILVA, Thomas Soares da. **Zizinho: o mestre Ziza**. Rio de Janeiro: Edições Maracanã, 1985. p.67-69.

Diante da situação, Zizinho assumiu a posição de defensor dos interesses cariocas, tendo em vista que ele não concordava com as supostas preferências do técnico brasileiro. Vargas Netto mostra, em uma de suas crônicas, o modo com que os brasileiros lidavam com isso:

Está muito engraçada a crônica de Fernando Bruce sobre o efeito e a reação do puxão de orelhas que dei na representação da CBD que está em Lima. Pela notícia, parece que eu que estou sujeito ao julgamento deles, em vez deles estarem sujeitos ao meu julgamento. [...] Vocês precisam saber que a opinião pública não está do lado de vocês. Aqui se sabe de tudo que aí acontece. Se outra carta chegada de Lima onde se conta as brigas e descompostura de Aimoré em cima de Zizinho e Rodrigues, das saídas de treinos sem ordem, da falta de treinos conjuntos, da ausência de providências para os treinos noturnos, que se resumiu em um individualismo noturno. Aqui todo mundo sabe do papel ridículo que fizemos intimidando e procurando intimidar céus e terra, ameaçando abandonar o campeonato para permanecer nele; vetando juizes para depois jogar sob suas arbitragens e outras palhaçadas neste estilo. Desejaria não precisar escrever estas coisas e só fazer elogios [...] afirmo que preferia nunca ter lido estas cartas que me envergonharam como desportista brasileiro, que vê maltratar o prestígio do nosso football e a tradição de disciplina.<sup>441</sup>

Nessa crônica, o literato faz uma síntese dos supostos problemas que teriam ocorrido durante a viagem do selecionado brasileiro para a competição, indicando que cabe ao cronista levar ao torcedor as informações que recebem. Ou seja, Vargas Netto busca assumir uma postura de porta-voz do torcedor brasileiro. Alguém capaz de expressar os sentimentos do povo brasileiro que, na sua concepção, é quem teria o direito de julgar as atitudes dos representantes do país. Por isso, mesmo com a amizade existente entre o autor e o dirigente da delegação brasileira (José Lins do Rego), o literato faz questão de enfatizar na sua crônica que a opinião pública (na qual ele se inclui) está contra os dirigentes. Para finalizar, o literato lamenta o reaparecimento da indisciplina entre a delegação brasileira, principalmente por envolver questões de interesse regional, o que, na sua visão, era algo ultrapassado para a estrutura do futebol nacional. Inclusive, uma das funções do chefe da delegação era ajudar a controlar/evitar esse tipo de situação.<sup>442</sup>

Após o acontecimento, não foi localizada, nas crônicas, nenhuma passagem significativa que mostrasse qualquer ponto de tensão decorrente da rivalidade entre paulistas e cariocas. Mesmo após a derrota na Copa de 1954, os cronistas mudaram o tom do seu discurso, apontando para a necessidade de modernizar o futebol brasileiro.

---

<sup>441</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O carro adiante dos bois. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 26 de março de 1953. p.9. (Fernando Bruce era um jornalista do Diário de Pernambuco e fora para este mundial como representante oficial dos Diários Associados).

<sup>442</sup> REGO, José Lins do. Reflexão que não são de um turista. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de março de 1953. p.11.

Não obstante, os cronistas se valiam de estratégias tradicionais com o intuito de pressionar e/ou convencer os dirigentes esportivos. O jornal *A Gazeta Esportiva*, por exemplo, utilizou os mesmos princípios adotados pelo *Jornal dos Sports*, ou seja, também criticou o técnico brasileiro quando este não escalou os jogadores que atuavam no futebol paulista, mostrando que o treinador não oferecia as mesmas oportunidades, o que dificultava a existência de uma disputa justa entre os atletas.<sup>443</sup> Após tais críticas, somadas ao fato de que no último jogo realizado em São Paulo, cerca de duas semanas antes, quando a equipe brasileira empatou em 0 a 0 com os paraguaios durante a disputa da Taça Osvaldo Cruz, recebendo inúmeras vaias da torcida bandeirante<sup>444</sup>, o treinador brasileiro resolveu alterar o time que enfrentou a Bulgária durante a preparação para a Copa de 1958.

Mesmo sendo uma partida amistosa, que hipoteticamente deveria ser utilizada como teste para os jogadores, não foi vista dessa maneira pelos cronistas cariocas que, mais uma vez, não perdoaram o treinador do selecionado nacional (Vicente Feola) por ter modificado a base da equipe. É importante salientar que o Brasil venceu o jogo por 3 a 1, mas ainda assim, o técnico brasileiro foi fortemente criticado:

É difícil entender que havendo um segundo jogo contra os búlgaros, não se colocasse em campo a seleção nacional. Pode-se dizer inclusive que não se sabe direito qual seja a seleção nacional. Acontece porém, que um scratch vinha aparecendo como o brasileiro. Pelo menos o selecionador vinha insistindo nele, embora não disfarçasse certas dúvidas que não eram muitas [...] é difícil de entender porque não aproveita ao máximo as oportunidades de dar-lhes mais entendimento, mais conjunto.<sup>445</sup>

Tais palavras, após um resultado positivo como o acontecido nessa partida, fornecem indícios de que, mesmo apresentando um discurso de nação brasileira, o desejo dos cronistas do *Jornal dos Sports* tinha um forte apelo regionalista, pois a equipe que atuou no Rio de Janeiro foi formada por uma base carioca e, em São Paulo, os cariocas deram lugar a jogadores de equipes paulistas.

Acompanhando as crônicas esportivas publicadas no *Jornal dos Sports*, durante a década de 1950, é possível identificar a retomada da rivalidade Rio X São Paulo, a partir de 1957, quando um novo agente se torna protagonista dessa configuração. A participação de João Havelange como vice-presidente e, na sequência, como presidente da CBD, foi fundamental para a transformação da estrutura do futebol brasileiro, pois, como indicam os

<sup>443</sup> MAZZONI, Thomaz. O problema do scratch nacional. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 9 de maio de 1958. p.1-5.

<sup>444</sup> SÃO JANUÁRIO, Zé de. Uma perdinha na shooteira. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1958. p. 4.

<sup>445</sup> RODRIGUES, Mario Filho. Falta de coragem. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de maio de 1958. p.5.

seus biógrafos, Havelange era um grande estrategista e tinha como uma de suas principais propostas à frente da CBD, a criação de um projeto modernizador para o futebol brasileiro.<sup>446</sup>

Segundo Cardoso & Rockann, o convite de Havelange para o dirigente paulista, Paulo Machado de Carvalho, criar e coordenar o novo planejamento do futebol brasileiro, não foi uma atitude fortuita:

Hábil negociador, acostumado ao jogo de bastidores, achava que seria importante começar o mandato de presidente da CBD, tendo ao lado um empresário influente de São Paulo, dono de uma emissora de televisão e de três de rádio. [...] Ao mesmo tempo que ganharia prestígio em São Paulo com a nomeação, Havelange abrandaria os ânimos dos cartolas da Federação Paulista de Futebol, presidida pelo polêmico Mendonça Falcão, sempre rosnando contra a dinastia carioca no comando do futebol brasileiro.<sup>447</sup>

Se a ideia de escolher como coordenador do Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC) um cidadão paulista agradava dirigentes e cronistas daquela localidade, o fato gerou enorme indignação junto à crônica carioca, que iniciou uma verdadeira batalha contra esse dirigente. Como já acontecerá em outros momentos, a campanha foi liderada por Mario Filho, que passou a questionar a escolha do dirigente e optou por utilizar, como estratégia, a tentativa de desqualificação do trabalho realizado por este. Inicialmente, Mario Filho lamenta ao mostrar que:

A CBD entregou-se a São Paulo. Evidentemente que não se faz nada de football na CBD sem o beneplácito paulista. Pode-se dizer que São Paulo tem de ser ouvido, acontece porém que o Rio não é ouvido. [...] É preciso lembrar que a Federação paulista de football votou com a situação cebedense.<sup>448</sup>

O excerto acima apresenta um tom de ressentimento, ao indicar que os cariocas deixaram de ser personagens importantes para a CBD. Pode-se dizer que a balança de poder estava sendo alterada a favor dos paulistas, os quais, pela primeira vez desde a criação da confederação, começavam a assumir cargos importantes no gerenciamento do futebol brasileiro. Seguindo sua proposta de desqualificar o trabalho de Paulo Machado de Carvalho, Mario Filho buscava uma tensão entre as atitudes e decisões tomadas pelo dirigente paulista, mostrando que ele tinha um caráter autoritário: “O sr. Paulo Machado de

<sup>446</sup> RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro**: a história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.60.

<sup>447</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p.140.

<sup>448</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Nunca se fez menos pelo football brasileiro. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1958. p.5

Carvalho acertou que o técnico é de menos, desde que aceite e obedeça o plano apresentado”.<sup>449</sup>

Em outra de suas crônicas, Mario Filho acrescenta que o PPMC era “uma carta de regime ditatorial. Nele o Sr. Paulo Machado de Carvalho atribui para si poder total”.<sup>450</sup> De acordo com as palavras do cronista, o dirigente paulista era um ditador, que não precisava da ajuda de ninguém. Segundo Mario Filho, esse dirigente acreditava que o planejamento por ele confeccionado era o principal item da estrutura do futebol brasileiro. Todos os outros fatores vinham em segundo plano, pois simplesmente teriam que executar aquilo que estaria previsto no planejamento.<sup>451</sup>

Toda a tentativa de modernização é marcada pela presença de processos de tensão. Nesse caso, especificamente, tais processos estão diretamente ligados à dificuldade de aceitação das novas propostas e/ou a permanência no modelo tradicional, revelando a dificuldade que o brasileiro ainda apresentava em aceitar propostas modernizadoras.

Para os cronistas cariocas, o problema ainda era maior: além de valorizarem o futebol por seu aspecto subjetivo – logo, qualquer ação racionalizante era vista com certa reserva –, havia a interferência paulista, situação expressa na crônica “De mal a pior”:

Como não se conhece o plano do supervisor da CBD para o campeonato do mundo é evidente que não se pode julgá-lo. Mas o sr. Paulo Machado de Carvalho, que ainda elabora o plano, pretende, segundo anunciam apresentá-lo primeiro aos clubes paulistas em São Paulo na presença do CND.<sup>452</sup>

Fica claro que a preocupação está centrada nos interesses que envolvem os dois estados, e que a atitude de valorizar um local em detrimento a outro servia de estímulo para o início do debate nas páginas dos jornais. Mario Filho não se limitou somente a atacar a pessoa de Paulo Machado de Carvalho. O autor também passou a questionar grande parte das decisões tomadas pela CBD. Um exemplo disso foi o seu descontentamento com o fato de o PPMC não ser apresentado em conjunto para os representantes cariocas e paulistas. Para Mario Filho, era inaceitável o fato de que, mesmo os clubes paulistas que não possuíam atletas no selecionado, poderiam se posicionar e até modificar o PPMC. Enquanto os clubes do Rio de Janeiro só teriam acesso a esse planejamento posteriormente, o que era inconcebível na visão do autor.

---

<sup>449</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O que está acima de qualquer melindre. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1958. p.5.

<sup>450</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Quando o presidente é presidente. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1958. p.5

<sup>451</sup> *Ibidem*.

<sup>452</sup> RODRIGUES, Mario Filho. De mal a pior. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1957. p.5



Mario Filho critica vários aspectos do PPMC, mostrando, inclusive, que o planejamento não foi feito por Paulo de Machado: “[...] ele foi feito por assessores devido à falta de tempo do empresário. Entre eles estava Paulo Planet Buarque, o mesmo que deu uma rasteira em um policial suíço na copa de 54”.<sup>453</sup>A partir disso, o cronista passa a questionar a validade de um plano que busca estabelecer um parâmetro de autocontrole aos jogadores brasileiros, mas que tem como o seu mentor Paulo Planet Buarque – um dos protagonistas da Batalha de Berna.

Mario Filho parte da imagem fotográfica de Paulo Planet Buarque, a qual foi tirada no exato momento em que ele desferia um golpe em um policial sueco. Para o literato, tal atitude manchava profundamente o nome do Brasil, frente aos europeus e demais países pelo qual a fotografia havia circulado. A partir dessa representação, o cronista carioca questiona: como a CBD pode deixar nas mãos de um “briguento” a confecção das normas que iriam direcionar o comportamento dos jogadores do selecionado? <sup>454</sup>

Esse era um momento que precedia as eleições para presidente da CBD, que ocorreria em janeiro de 1958. O *Jornal dos Sports* adotou uma postura oposicionista à diretoria em exercício da CBD, realizando várias críticas e os apontando como responsáveis pelo atraso do futebol brasileiro:

A CBD vinha organizando scratches na base de entendimentos políticos. Antes de se ouvir o selecionador ouvia-se o deputado Mendonça Falcão. E isto sem o menor segredo, não se guardavam as aparências. As viagens para São Paulo eram quase contínuas... É verdade que essa fraqueza da CBD foi manobra política, visando as eleições de 58.<sup>455</sup>

Apresenta-se, por trás dessa reivindicação pela estruturação e organização da CBD, a velha rivalidade entre cariocas e paulistas. Tendo em vista a proximidade do pleito da entidade máxima do futebol brasileiro, os seus dirigentes buscavam manter um bom relacionamento com as diferentes federações. Contudo, ao se sentirem ameaçados na balança de poder, a preocupação dos cronistas cariocas deixava de ser com a unidade nacional em torno do selecionado e retomava uma discussão tradicional sobre a questão regionalista, que, neste caso, tinha como protagonistas os dirigentes do futebol brasileiro, que na visão dos articulistas do *Jornal dos Sports* estariam favorecendo interesses paulistas.

---

<sup>453</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Confidencialmente. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1957. p.5

<sup>454</sup> Ibidem.

<sup>455</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Plano inclinado. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1957. p.5.

Nessa campanha de desqualificação do trabalho desenvolvido pela CBD, uma das estratégias utilizadas foi a de questionar a validade de tanta preocupação sobre os aspectos organizacionais da estrutura do futebol brasileiro:

Ouve-se falar muito em direção, em planificação, em organização, como se só nos faltassem essas palavras ou o que elas significam para resolver tudo. Mas temos talvez planos em excesso e inclusive no que diz respeito ao football, até uma super-organização. Em nenhum football do mundo há esse alarde de organização que se observa no football brasileiro.<sup>456</sup>

A forma generalizada, com que essas palavras foram expressas, transcende o espaço esportivo e nos remete para a sociedade brasileira como um todo. Pois, nessa conjuntura, o Brasil passava por um planejamento realizado pelo governo JK, em que se buscava a modernização do país, por meio de estratégias planificadas que poderiam levá-lo a crescer rapidamente em um curto espaço de tempo (50 anos em 5). Acreditava-se que a industrialização era a melhor saída para a situação de subdesenvolvimento que tanto preocupava os estudiosos brasileiros.<sup>457</sup> Como a linha editorial desse periódico não era opositora ao governo, é possível acreditar que as reflexões de Mário Filho estavam voltadas apenas às questões envolvidas com o gerenciamento do futebol. E, mesmo assim, o escritor mostra que não é contra a organização vigente, mas contra a forma que esta acontece:

Pode-se dizer que isso não é organização ou que a organização devia ser mais simples e menos onerosa. Ai entramos mais dentro do problema que não é de organização. Os interesses em choque no nosso football são tantos e tão irreconciliáveis que tudo pró ou contra, teve que ser previsto.<sup>458</sup>

Quando Mario Filho escreveu essa crônica, ainda não era possível localizar nos jornais, matérias que tratassem sobre o “Plano Paulo Machado de Carvalho”, utilizado na condução do selecionado nacional na Copa de 58. Entretanto, o cronista fornece indícios sobre esse plano, mostrando que no futebol brasileiro todos os detalhes precisam ser pensados, pois não é possível a conciliação entre os dirigentes, isto é, mesmo com um discurso em que se tentava evidenciar que o Brasil estava unido em torno de objetivos comuns, que poderiam levar à vitória do selecionado nacional. O literato indica que o país

---

<sup>456</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O que nos falta. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de julho de 1957. p.5.

<sup>457</sup> Sobre a questão desenvolvimentista do governo JK existem vários estudos desenvolvidos, para uma leitura inicial vale a pena Cf. GOMES, Ângela Castro (Org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

<sup>458</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O que nos falta. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de julho de 1957. p.5

ainda não estaria pronto para se assumir enquanto nação, pois os interesses regionais e/ou particulares prevaleciam sobre os interesses coletivos.

No próprio *Jornal dos Sports*, um dos articulistas chama a atenção para as constantes mudanças de posicionamento dos jornalistas: “Eu sou contrário a todo o exagero, não entro em onda de elogio, nem de pessimismo. O brasileiro tem a mania de exagerar ou diminuir valores. A crônica esportiva anda acompanhando estas oscilações”.<sup>459</sup>

Mesmo diante do descontentamento dos cronistas, das suas críticas e reivindicações, o PPMC foi confeccionado, com o intuito de auxiliar na organização do futebol brasileiro. Contudo, a rivalidade entre os dois estados permanecia inalterada. No ano em que seria realizada a Copa do Mundo da Suécia, o principal cronista do *Jornal dos Sports*, continuou a questionar a capacidade do coordenador do planejamento e, também, dos dirigentes da CBD. Para aquele, a preocupação era o poder atribuído aos dirigentes paulistas:

A CBD deixou que a zona de influência do football brasileiro se transferisse para São Paulo. Não devia estar no Rio, nem em São Paulo e esta era a única maneira de contrabalançar os interesses regionalistas e mais do que isso os interesses pessoais, quase particulares. [...] Naturalmente a CBD achou o plano ruim, mas não tem coragem de rejeitá-lo.<sup>460</sup>

A tentativa de desqualificar o planejamento era uma estratégia utilizada para colocar em descrédito a capacidade de organização que a CBD estava a mostrar. Por isso, a imprensa carioca questionava a importância de tantos detalhes no planejamento, o que, para a primeira, só fazia com que o governo gastasse mais dinheiro com a delegação, ao invés de investir esses recursos nos atletas. Em crônica datada de 12 de fevereiro de 1958, o autor relata que o plano foi aprovado após uma profunda transformação, a partir daí, faz-se uma comparação entre o plano e um castelo de cartas, que, ao retirar uma peça, pode tudo desmoronar. Mario Filho finaliza dizendo que: “tirou-se do supervisor o poder, mas manteve-se o cargo”.<sup>461</sup>

Logo após a divulgação do PPMC, foram convocados os jogadores que fariam parte da delegação brasileira que iniciariam os trabalhos de preparação para a disputa da Copa do Mundo da Suécia. Aqui, surgiram os primeiros problemas envolvendo os interesses dos

<sup>459</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Os derrames. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1957. p.5.

<sup>460</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O problema do supervisor. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1958. p.5.

<sup>461</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Castelo de cartas. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de Janeiro de 1958. p.5.

dois estados em questão. Inicialmente, torcedores e jornalistas paulistas reivindicavam o direito de ver na seleção, dois jogadores veteranos considerados, por eles, craques. Tratava-se de Jair da Rosa Pinto (37 anos) e Zizinho (36 anos), jogadores decisivos para a equipe do São Paulo (que ficou conhecida como “Rolo Compressor), conquistar o campeonato paulista de 1957. Porém, para Paulo Machado de Carvalho:

[...] os dois jogadores, consagrados nacionalmente eram vaidosos demais, teriam dificuldades em cumprir as regras do plano. “Mas e Nilton Santos (32 anos) e Didi (28 anos), estrelas de primeira grandeza do Botafogo, também não poderiam dar seus chilikues?”, reclamava a imprensa paulista. Sim, mas o lobby deles era forte: Paulo Amaral garantia que seus atletas do Botafogo se comportariam como dois anjos.<sup>462</sup>

A passagem revela uma contradição nos interesses que envolvem cariocas e paulistas, pois o coordenador do planejamento, e também diretor do São Paulo, optou por deixar de fora dois dos principais responsáveis pelo tri-campeonato paulista na década de 50 e, de acordo com os biógrafos de Paulo Machado de Carvalho, essa decisão foi baseada no comportamento dos jogadores. A dúvida que se levanta é: se a estrutura criada no São Paulo na década de 40 serviu como protótipo do trabalho a ser desenvolvido no selecionado nacional, deixar de fora dois dos principais atletas dessa equipe não seria um indício de que o planejamento modernizador, aplicado no clube, fora um trabalho falho?

Mesmo com a reivindicação da imprensa paulista, esses dois jogadores não foram convocados para o plantel que faria parte do selecionado nacional. Uma possibilidade para justificar suas ausências é apresentada por Nelson Rodrigues, ao expor que a Taça Rio X São Paulo seria a competição decisiva para a convocação dos atletas. Segundo este, na competição os jogadores cariocas foram bem superiores:

Escreve-me um leitor de São Paulo para estranhar que eu houvesse dito que no Rio-São Paulo os cariocas foram superiores aos paulistas. É verdade que o leitor paulista alerta o que eu disse e o que eu quis dizer. Eu não disse que os cariocas eram melhores e sim que foram melhores. Não gosto de fazer comparações dessa espécie, de Fulano é melhor que beltrano. Aceito, sim os fatos e lhes dou importância eventual. Um jogador tecnicamente, é um julgamento pessoal e quase sempre partidário, pode ser melhor do que outro. O outro pode brilhar mais por estar em uma grande fase. Num scratch seria mais aconselhável aproveitar o grande momento do jogador.<sup>463</sup>

A passagem mostra uma das características centrais da crônica, que é a aproximação com o receptor, criando certa liberdade a ponto de um leitor se sentir íntimo o suficiente para questionar o cronista sobre os seus posicionamentos. Por sua vez, o

<sup>462</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 155.

<sup>463</sup> RODRIGUES, Nelson. Brasileiros e mais nada. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de março de 1958. p.5.

articulista se sente na obrigação de dar uma resposta, o que minimamente indica que as palavras do leitor não deveriam ser deixadas de lado. Mesmo que o diálogo tenha sido imaginário, este representa a preocupação do cronista com a recepção do seu discurso.

A sua resposta busca deixar claro que aquela era a sua opinião. Para isso, Nelson Rodrigues justifica que não estava afirmando que os cariocas eram melhores do que os paulistas, pois, como vimos anteriormente, os resultados da equipes paulistas eram mais significativos. Entretanto, o recurso utilizado pelo autor lhe permite justificar que naquele momento, o futebol carioca estava em uma melhor fase, o que demonstra que, para aquele, o que deve prevalecer no futebol é o momento de um jogador e não a sua trajetória, a sua experiência ou os resultados conquistados anteriormente. Mesmo sendo um posicionamento passional, buscou-se uma forma de justificar a não convocação dos jogadores paulistas.

Tal argumentação é ainda mais relevante se considerarmos que a comissão técnica utilizaria o Torneio Rio-São Paulo como a principal competição para escolher os jogadores que formariam o selecionado nacional, da Copa do Mundo da Suécia. Como a imprensa tinha um papel significativo na formação da opinião pública, cada cronista buscava defender os interesses que lhes era conveniente. Nelson Rodrigues, primeiro se defende dizendo que aquela era a sua opinião sobre os fatos, que ele não gostava de fazer comparações e, em seguida, ataca dizendo que dá importância para os fatos, que, segundo a sua visão, os jogadores cariocas estavam em um momento melhor do que os paulistas. Ao repetir de maneira reiterada essa opinião, o *Jornal dos Sports* auxilia na formação da opinião do torcedor, ao passo que busca influenciar ou dar respaldo para a decisão da comissão técnica do selecionado nacional.

É evidente que a crônica e a torcida paulista não aceitaram tal decisão. Isso se evidencia no segundo jogo pela Taça Osvaldo Cruz, quando o treinador brasileiro optou por manter os mesmos jogadores que venceram a primeira partida, justificando que aquele era o momento de buscar o entrosamento da equipe, atitude que causou grande desconforto entre os torcedores. No livro “Viagem em torno de Pelé”, Mario Filho descreve qual teria sido a visão desse jogador:

A multidão, no Pacaembu, queria Moacir no lugar de Didi, Canhoto no lugar de Zagalo. Eu só discutiria entre Zagalo e Pepe. Zagalo não para, tranqüiliza o meio de campo, Pepe arrancou dezenove dentes, ainda não se recuperou. Entre Didi e Moacir, fico com Didi. Didi é Didi. Ninguém enfia uma bola melhor do que ele. As vaias aumentaram. É que o Brasil não fazia gol. Os paraguaios soltavam o pé, lutavam como desesperados. E lá se machucou Zagalo. Pelé viu Mario Américo jogar Zagalo sobre o ombro e trazê-lo assim. Foi feita a vontade da torcida. Canhoto entrava em campo. O primeiro tempo estava acabando quando Didi recebeu um pontapé nas costas. Saiu de campo

carregado enquanto Moacir aparecia, saudado como herói. Aquele zero a zero do primeiro tempo ia ficar até o fim da partida. Muito antes que o jogo acabasse a multidão começou a esvaziar o Pacaembu.<sup>464</sup>

Mesmo com um discurso modernizador e a tentativa de racionalizar o futebol nacional, a partir da aplicação do PPMC, o que se vê, na prática, são torcedores, dirigentes e cronistas numa tensa disputa de poder. A paixão/interesse regional, a oscilação dos resultados e do comportamento da equipe brasileira, são fatores que passaram a interferir diretamente na confiança do torcedor, que começou a se preocupar com o futuro da equipe brasileira na Copa do Mundo. Como afirma uma correspondência publicada no *Jornal dos Sports*:

A tese que esbocei no nosso encontro fortuito de ontem à tarde (fraqueza física de alguns elementos da seleção A) não tardou a se confirmar, ontem à noite mesmo, contra o Paraguai. Iremos sofrer na Suécia, senão logo de saída, porque os vienenses são talvez os únicos europeus de jogo relativamente leve, com certeza logo após. É pena ver-se esse afogamento em tanta conversa e falta de sentido prático. [...] Os responsáveis não tem o direito de continuar tateando e pisando em areia movediça, porque acabarão – eles e o selecionado – por serem engolidos. O mal todo, como de praxe no Brasil, está com os dirigentes. Não venham depois reclamar sobre a falta de cooperação dos rapazes, que estão dando tudo e seguindo à risca as instruções. Tive ensejo de estar presente ao jogo do Brasil na Itália em Milão e posso afirmar, com plena consciência do que digo, que o Brasil dominou o jogo, somente perdendo pela orientação errada fornecida aos players. [...] Vamos alertar o público desde já no sentido de que, não se mudando de orientação, nada poderemos esperar. Sem ilusões. Com esse team não procederá qualquer queixa de campanário visto que aí estão cinco elementos de São Paulo. Coloque o sr. Feola esse scratch contra o outro, dando ordem de jogar “duro” isto é, “pesado” que, porém, não significa dar pontapés nas canelas nem no rosto dos contrários, nem calçar o adversário em corrida, nem outros expedientes e truques que prejudicam o football sul-americano, mas sim, jogar com o corpo, e verá os resultados práticos.<sup>465</sup>

Atribuir o pensamento a outra pessoa, não é nenhuma novidade nas crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*. Essa era uma estratégia bastante utilizada por Nelson Rodrigues, articulista que criava personagens e conversas imaginárias, com o intuito de expor ou defender a sua tese. Nessa crônica, o suposto amigo de Vargas Netto apresentou os mesmos problemas constantemente expressos nas páginas do periódico, principalmente por Mario Filho. A crônica apresenta uma crítica à CBD, que teoriza bastante, mas em termos práticos não estaria fazendo nada, pois falta experiência para os dirigentes brasileiros (entenda-se paulistas) e isso influenciava a confiança dos torcedores para com o selecionado.

Mario Filho segue uma mesma linha de argumentação, que normalmente está voltada para a questão da civilidade, da mestiçagem e do futebol como um elemento significativo, capaz de simbolizar a identidade brasileira. Nelson Rodrigues, mesmo

<sup>464</sup> Ibid. p.162. Este jogo foi realizado no Estádio do Pacaembu, no dia 7 de maio de 1958 e terminou 0 a 0.

<sup>465</sup> CONTI, Francisco. Carta enviada a VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 8 de maio de 1958. p.5.

apresentando grande admiração pelos escritos do irmão, tinha como preocupação fundamental a vitória do futebol brasileiro. Entretanto, ambos apontavam o comportamento dos paulistas como um entrave para o selecionado nacional. É o que demonstra a crônica escrita por Mario Filho, sobre o último jogo treino do selecionado antes de embarcar para a Europa em 1958:

A bola estava no chão, rolando, Pelé avançava quando recebeu um pontapé de Ari no joelho. A dor derrubou-o. Quis levantar-se rápido, estufar o peito, enfrentar Ari, mas ficou no chão. Segurou o joelho entre as duas mãos cheias de barro. Sentado, Pelé viu Didi ir para cima de Ari. Didi e Mazola. João Etzel se metia no meio. Agora Pelé ouvia a voz de Mario Américo: - Te ace-cer-ta-taram crioulo[...] Pelé estendeu a perna direita. Hilton Gosling ajoelhou-se junto dele, apalpou-lhe o joelho. Dói? - Dói muito. Então se apóie no Mario Américo. Você vai sair.<sup>466</sup>

A partida foi realizada contra o Corinthians, tendo em vista que o Brasil já havia enfrentado o Flamengo, no Rio de Janeiro. Assim como ocorreu com a torcida carioca, os paulistas foram para ver e torcer para o seu time, conseqüentemente, torcer contra a seleção nacional. Verifica-se aí uma preponderância da identidade clubística sobre a nacional, que ainda estava em construção. Mesmo com o clima hostil presente no estádio, o selecionado nacional venceu o jogo, mas quase perdeu um dos seus principais jogadores que acabou tendo uma contusão durante a partida.

Mario Filho reconstituiu o acontecimento, enfatizando que um dos jogadores paulistas “deu um pontapé”, que pode ser interpretado como um ato de violência intencional. Seguido a isso, o cronista indica o espírito de união do grupo, ao relatar que os seus colegas de equipe tentaram defendê-lo, o que pode ser entendido como uma atitude de solidariedade estabelecida no grupo. É interessante que o autor não entende a tentativa de revide dos jogadores brasileiros como negativa, pois um dos principais cuidados apontados pelo PPMC era o autocontrole dos jogadores. Segundo os próprios cronistas do *Jornal dos Sports*, esse tinha sido um dos principais motivos das derrotas sofridas em 1950 e 1954.

Pelé relata o mesmo lance em sua autobiografia, mas não faz nenhum tipo de comentário às supostas atitudes agressivas:

Quando estava 3 a 1 para a seleção brasileira, recebi a bola na intermediária do Corinthians e estava quase entrando na área deles quando Ari Clemente apareceu do nada, tentando tirar a bola de carrinho. Tentei dribla-lo, mas ele esticou a perna para a bola e acertou meu joelho direito. Caí. Imaginei se seria capaz de continuar jogando – sim, seria, disse a mim mesmo -, mas o meu joelho cedeu logo na primeira vez que tentei me apoiar nele. Fui tirado de campo, e me lembro de olhar

---

<sup>466</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes. Apud Mario Rodrigues Filho. Op cit. p.170.

ansiosamente para o Dr. Hilton Gosling, o médico da equipe, e para Mario Américo, o fisioterapeuta.<sup>467</sup>

O jogador não fomenta a rivalidade, encarando o acontecimento como um lance normal, porém infeliz porque aconteceu durante o jogo. A sua preocupação não se volta para o revide imediato, mas para os acontecimentos futuros, principalmente, com a incerteza de embarcar para a Europa junto ao selecionado. De acordo com as memórias do próprio jogador, o médico da seleção foi quem mais acreditou que ele conseguiria se recuperar para jogar a Copa do Mundo.<sup>468</sup>

Esse acontecimento é um bom exemplo para se refletir sobre os supostos mitos raciais criados em torno da seleção brasileira, pois se a CBD pretendesse realmente apresentar uma seleção composta de atletas brancos, como supôs Mario Filho, por que esse atleta negro não foi imediatamente cortado ao se lesionar?

É sobre a questão da integração do negro na sociedade brasileira que iremos centrar a nossa análise a partir deste momento. Procurando perceber como os diferentes atores representaram esse fato na sociedade e, especificamente, no futebol brasileiro.

#### 4.2 A CRÔNICA ESPORTIVA E O PROJETO UNESCO: tensões entre uma visão idealizada e a realidade das pessoas de cor no Brasil

As crônicas esportivas da década de 1950 apresentam, de forma sutil, o drama vivido pelos próprios cronistas ao tratar dos jogadores negros e mulatos, indivíduos que não eram socialmente rejeitados, mas que também não estavam incorporados naquela sociedade. A produção literária sobre questões raciais, presente nas páginas do *Jornal dos Sports*, estava envolta pelo pensamento intelectual da época, o que causava incômodo, pois, por mais que os literatos desejassem ver os atletas negros/mestiços como símbolos da identidade brasileira, em situações do cotidiano era possível perceber que a grande maioria dos brasileiros ainda não havia superado os valores raciais tradicionais.

Para que possamos ter um melhor entendimento dessa temática, torna-se necessário destacar a importância de Gilberto Freyre nesse processo inquietante que é a questão racial no Brasil. Freyre foi um autor que influenciou o pensamento de toda uma geração, modificando a visão das pessoas sobre o Brasil, sobre os negros e auxiliando na criação do mito em torno de uma convivência harmoniosa das diferentes raças. Muitas das interpretações realizadas sobre a sociedade brasileira, até a década de 50, reproduzem

---

<sup>467</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé, a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p.83-84.

<sup>468</sup> Ibidem



consciente ou inconscientemente parte dos argumentos sistematizados e apresentados por esse autor, servindo como fomento para o inesgotável debate sobre as teorias raciais no Brasil.<sup>469</sup>

Freyre não foi um estudioso do futebol. Sua contribuição para a temática está no prefácio da primeira edição do livro “O negro e o Futebol brasileiro”, e em alguns escritos esparsos que realizou em periódicos, nos quais sua preocupação maior foi demonstrar que, para ser brasileiro em qualquer circunstância, era necessário aceitar a presença do negro.<sup>470</sup>

Na década de 30, esse autor foi um crítico das teorias raciais que procuravam explicar o Brasil. Contrariando a ideologia predominante na intelectualidade da época, para a qual a presença do negro e a intensa miscigenação eram os principais motivos do atraso brasileiro.<sup>471</sup> Freyre defendeu a tese de que o problema do país estava relacionado às disparidades sociais e culturais, mas não com a cor da pele. Na sua concepção, a singularidade brasileira se apresentava na convivência harmoniosa entre as diferentes raças. Algo expresso por meio da miscigenação que, para ele, era um dos principais símbolos da identidade brasileira.<sup>472</sup>

Segundo Skidmore, Gilberto Freyre se tornou o autor mais lido no Brasil, porque foi capaz de chamar a atenção para uma das questões que mais inquietava a elite brasileira – saber se a supremacia branca nos Estados Unidos indicava o caminho único para o desenvolvimento nacional.<sup>473</sup> Diferentemente de grande parte da intelectualidade local, que tinha vergonha da cor e da raça que compunham o povo brasileiro, Gilberto Freyre, transformou essas características negativas em elementos positivos de distinção. Utilizando-se de um discurso romântico, destacou as virtudes resultantes das relações estabelecidas entre raças diferentes, as quais se tornavam mais efusivas na prática do futebol:

---

<sup>469</sup> Além das fontes selecionadas para este estudo, as quais apontam influências diretas do pensamento de Gilberto Freyre sobre os literatos, pode-se destacar algumas análises contemporâneas que corroboram com este posicionamento. CAPRARO, André Mendes. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 2007. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. Antunes SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol:** o Brasil moderno de Mario Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006. HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

<sup>470</sup> Soares, Antonio J. **Malandragem, futebol e identidade.** Vitória: UFES- SPDC. 1994.s/p.

<sup>471</sup> Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2001.

<sup>472</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz:** Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1934.

<sup>473</sup> SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p.42.

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, tem alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.<sup>474</sup>

De acordo com Freyre, qualquer objeto que fosse importado (pode-se incluir o futebol) seria adaptado no Brasil, pela nossa cultura híbrida, o que deveria ser considerado a essência da nossa identidade. O valor da cultura brasileira, para esse autor, está na relação estabelecida com os antagonismos sociais – como razão e irracionalidade, primitivo e civilizado, escravo e senhor, brancos e negros –, pois é a partir dessa convivência tensa, porém harmoniosa, que se criou a riqueza da cultura brasileira, o que o escritor sintetizou na figura do mulato.<sup>475</sup>

As suas crônicas mostram que, ante a rigidez corporal do europeu, o negro brasileiro havia introduzido o meneio dos corpos. Este, por sua vez, não seria uma criação do futebol. A agilidade física descendia diretamente das manifestações da música popular e do folclore; sejam os requebros de quadril originários do carnaval, os passos sinuosos advindos do samba e a ginga de esquiva proveniente da capoeira. Nesse sentido, a legitimidade do futebol na cultura brasileira se amparava na música, um elemento já consolidado como critério de brasilidade.

É importante destacar que esse autor não coloca tais elementos, aparentemente contraditórios, como categorias excludentes, uma vez que, para ele, a diferença da sociedade brasileira está na maleabilidade, na adequação das diferentes situações, de maneira que se tornou possível uma convivência harmoniosa.

Tal reflexão colaborou para a criação de um mito, em que as tensões são substituídas por relações pacíficas, levando a uma visão idílica da realidade, através da qual foi possível acreditar que não havia racismo no Brasil, mesmo que Freyre jamais tenha afirmado isso.

O escritor de “Casa Grande & Senzala” foi um intelectual perspicaz, capaz de atribuir grande carga simbólica aos acontecimentos praticamente insignificantes para a sociedade da época (início do século XX). O futebol pode ser visto como um exemplo dessa situação, pois, ao tratar desse objeto, ele destacava a atuação dos jogadores, colocando em segundo plano o resultado das partidas. A estratégia lhe possibilitou criar um imaginário em torno de um jogo bonito e artístico, que se tornou a identidade do futebol brasileiro, visto como uma adaptação do jogo feio e mecânico apresentado pelos europeus:

<sup>474</sup> Freyre, Gilberto. Foot-Ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, 17 junho de 1938, s/p.

<sup>475</sup> \_\_\_\_\_ . **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreógrafo sinuoso e musical das técnicas européias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto – trata-se de técnicas de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice [...] é inimigo do formalismo apolíneo, é o dionisíaco na sua mobilidade. [...] No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira.<sup>476</sup>

A sua estratégia de valorizar as qualidades do jogador e/ou do país, independente do resultado da partida, foi reutilizada na década de 1950 por cronistas como Nelson Rodrigues e Mario Filho. Uma leitura mais cuidadosa das crônicas do *Jornal dos Sports*, durante a década de 50, revela a influência do pensamento de Gilberto Freyre, principalmente na forma reiterada, pela qual os autores representavam a identidade brasileira, a partir da miscigenação; da valorização de qualidades vistas como naturais nos jogadores, tais como o improviso, a ginga e a malícia; e da diferenciação do futebol brasileiro enquanto arte e o futebol europeu baseado na força. É o que relata Nelson Rodrigues ao tratar do assunto:

E há também um recurso, que trazemos no bolso, e que parece de primeiríssima ordem. Refiro-me a inimitável molecagem carioca [...] a molecagem é uma das nossas manifestações vitais mais esplêndidas e fidedignas. Insisto: boas maneiras num patricio meu, soam-me como falsificação de caricatura.<sup>477</sup>

É notória a aproximação do discurso de Nelson Rodrigues e Gilberto Freyre, inclusive, buscando subsídios para a autenticidade brasileira a partir de dotes como a malandragem e a ginga. O pai do teatro moderno busca inspiração e referência no ideólogo pernambucano, ao mesmo tempo em que este foi alvo de severas críticas por parte dos Cientistas Sociais da Universidade de São Paulo (USP). Estes, sob a orientação de Florestan Fernandes, passaram a questionar muitos dos fatos apontados pelo escritor pernambucano, principalmente no que se referia à convivência harmônica entre brancos e negros no Brasil, o que, para eles, se tratava de um mito criado em torno da ideia de democracia racial.<sup>478</sup>

Se para os cronistas esportivos, que embebidos em Freyre mostravam o futebol *flamboyant* como resultado da síntese cultural entre as diferentes raças, para os estudiosos

<sup>476</sup> FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro, 1945.p. 421-422.

<sup>477</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. É necessário gingar. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1958.

<sup>478</sup> CANCELLI, Elizabeth. **Caminhos de um mal estar de civilização: reflexões norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil**. In: Ninth International Congress of the Brazilian Studies Association, 2008, New Orleans. Disponível em <http://www.brasa.org/BrasaIX>. Nashville, Vaslderbilt Univers : Brasilaian Studies Association, 2008. Acesso: 14 de julho de 2008.

das USP, a construção do mito da democracia racial teria levado muitos intelectuais a ver de forma distorcida o problema que as pessoas de cor enfrentavam no país, ocultando os aspectos sócio-econômicos e enfraquecendo o debate político em torno da questão das desigualdades raciais.<sup>479</sup>

A descrença no desenvolvimento capitalista e a fascinação pelo passado fazia com que, muitas vezes, o pensamento de Freyre entrasse em choque com as propostas de modernização, democracia, industrialização e desenvolvimento que estavam na base dos projetos políticos da década de 50.<sup>480</sup> Para o intelectual pernambucano, a democracia racial já estava colocada desde a colonização brasileira, quando os portugueses mantiveram suas primeiras relações com as índias que aqui encontraram.

Nesse ponto reside a principal crítica de Florestan Fernandes a esse autor. Para Fernandes, o velho regime tratou de perpetuar a ordenação das relações raciais, mantendo o negro e o mulato numa situação social desalentadora.<sup>481</sup> Na sua visão, o mito da democracia racial serviu para perpetuar essa realidade, já que o negro e o mulato estariam socializados não só para tolerar, mas para aceitar como normal e até endossar as desigualdades raciais, o preconceito racial dissimulado e a discriminação racial indireta.<sup>482</sup>

Em certa medida é possível afirmar que os encontros organizados por grupos militantes, durante a década de 50, estavam em consonância com essas preocupações, pois, entre os objetivos fundamentais do I Congresso do Negro Brasileiro, estava a preocupação em chamar a atenção das pessoas de cor, para o lugar periférico que ocupavam na sociedade brasileira.<sup>483</sup>

O evento, de âmbito nacional, foi organizado pelo grupo de Teatro Experimental do Negro (TEN), mesmo que incipiente, este é um indicativo para se perceber que a preocupação com a questão racial existia nos mais diferentes estados brasileiros. Isso levou os organizadores a mostrarem no documento final do evento “a necessidade de criação de uma Confederação Nacional de Entidades Negras”.<sup>484</sup> Independente da concretização desse ideal, o que se verifica é a existência de uma rede de interdependência de pessoas ligadas a uma causa comum.

---

<sup>479</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. **Livros que inventaram o Brasil**. São Paulo: CEBRAP, 1993. p. 21-34.

<sup>480</sup> *Ibid.* p.17.

<sup>481</sup> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe no limiar de uma nova era*. São Paulo: Dominus, 1965.p.1.

<sup>482</sup> FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia, 1972.p.10.

<sup>483</sup> MOURA, Clóvis. **História do Negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

<sup>484</sup> NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro negro no Brasil: uma experiência sócio-racial**. Revista Civilização Brasileira. Caderno especial, 1968.

Há, nessa conjuntura favorável dos anos de 1950, o desejo coletivo de mudança por parte das pessoas de cor, que estavam ávidas por transformações.<sup>485</sup> Indica-se a educação como um dos principais meios para que isso ocorresse: “[...] o negro de Porto Alegre está sendo atacado de uma sede de elevação cultural que muito nos anima. Não é muito raro encontrar-se jovens pretos cursando escolas superiores. E isso é indício muito significativo, uma recomendação para os negros da cidade”.<sup>486</sup>

Nesse momento, é possível identificar que não havia somente a busca por uma melhor formação educacional das pessoas de cor, mas também, a realização de diferentes congressos e eventos voltados para a discussão dos problemas raciais enfrentados pelos brasileiros. Tal fato aponta para o desejo de uma sociedade moderna, na qual existiria um Estado baseado na igualdade dos indivíduos perante a lei e, principalmente, baseado na garantia de oportunidades iguais para todos os cidadãos.

Para podermos acompanhar o debate sobre a questão racial, estabelecido na sociedade brasileira durante a década de 1950, optamos por ter como referência a produção decorrente de um projeto proposto pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e desenvolvido no Brasil, no início da década de 50. O objetivo era encontrar respostas à crise social gerada a partir do holocausto. Foi com o intuito de buscar subsídios que pudessem auxiliar na compreensão da intolerância racial, que permanecia nos EUA e na África do Sul, que o projeto foi desenvolvido.<sup>487</sup>

A iniciativa da UNESCO, em financiar uma pesquisa de relações inter-raciais no Brasil, causou surpresa em grande parte da intelectualidade brasileira e mundial, pois o Brasil era visto como um país que não apresentava problemas de intolerância racial. Situação bem diferente da vivida nos EUA, o qual, após a Segunda Guerra Mundial, apresentava duas questões políticas que figuravam como prioridades de Estado: (1) estabelecer um processo democrático no país e (2) enfrentar a luta contra o comunismo. Diante dessas situações, superar o racismo era condição prioritária para consolidar um sistema político e/ou evitar que uma parcela significativa da população fosse conquistada e aderisse à causa do Partido Comunista Americano.<sup>488</sup>

---

<sup>485</sup> SILVA, Joselina da. *Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais* apresentada a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ, 2000.

<sup>486</sup> FRAGA, Heitor Nunes. O negro e a educação. *Revista Quilomb.* Rio de Janeiro, Jan./Jul. 1951.p.4

<sup>487</sup> MAIO, Marcos Chor. Op cit

<sup>488</sup> CANCELI, Elizabeth. *Caminhos de um mal estar de civilização: reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia do negro no Brasil.* (mimeo)

O discurso proferido pelo chefe da Divisão de Estudo dos Problemas Raciais, Alfred Mettraux, ajuda a compreender os motivos que levaram a entidade a escolher o Brasil como um laboratório:

Um dos dogmas básicos do racionalismo é que homens de diferentes raças não podem misturar-se sem condenar-se a decadência moral e física (...) se pudermos mostrar, por um ou mais exemplos concretos, que este argumento, ou mais precisamente este credo é falso, as injustiças e sofrimento que as políticas de segregação infligem aos seus membros da assim chamada raça inferior, não poderão se justificar.<sup>489</sup>

A visão que se tinha do Brasil no exterior era a de um país subdesenvolvido que, mesmo possuindo várias raças, conseguia viver de forma harmoniosa, apresentando reduzidas ocorrências de tensões étnico-raciais. Essa visão estava amparada principalmente nos estudos de Gilberto Freyre<sup>490</sup> e foi fundamental para que o país fosse escolhido como laboratório para o desenvolvimento dos estudos inter-raciais.<sup>491</sup> Além de “Casa Grande & Senzala”, cuja publicação foi em 1946 nos EUA, outro livro publicado quatro anos antes, sob autoria de Donald Pierson,<sup>492</sup> colaborou para a criação de um imaginário em torno da idéia de um paraíso racial no Brasil.

O livro de Pierson foi oriundo dos estudos realizados na cidade de Salvador, entre os anos de 1937 e 1939, e deram suporte para a sua tese de doutorado, defendida em 1939, na Universidade de Chicago.<sup>493</sup> Nesse estudo, o autor se utilizou da pesquisa etnográfica e observação-participativa, além da consulta a inúmeros documentos que lhe permitiram concluir que o preconceito racial existente naquela localidade não podia ser comparado ao que havia nos EUA, pois aquele preconceito não se referia à raça e sim à classe a que o

<sup>489</sup> HEGEN, Kenneth W. Race reations in the United States and american cultural and informational programs. 1957 – 1966. [www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966](http://www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966). Acesso em 16 de juno de 2007.

<sup>490</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Maia e Schimdt, 1933. Vale a pena ressaltar a importância que Rüdiger Bilden teve no desenvolvimento intelectual de Gilberto Freyre, inclusive foi Bilden que estudou o Brasil e o chamou de Laboratório da Civilização, em um artigo que ele publicou para a Revista de Nation em 1929. Sobre este autor e a biografia intelectual de Freyre, vale a pena conferir BURKE, Maria Lúcia Pallares. **Sobre Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: UNESP, 2005.

<sup>491</sup> A respeito do projeto UNESCO cf.: MAIO, Marcos Chor. **A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. IUPERJ, 1997. Além do estudo de Freyre, foi fundamental para a escolha do Brasil como laboratório, o fato de Guerreiro Ramos ter assumido em 1948 o cargo de Diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco.

<sup>492</sup> PIERSON, Donald. **Negrões in Brazil: a study of race contact at Bahia**. Chicago: University of Chicago Press, 1942. p.02

<sup>493</sup> A respeito deste autor vale a pena cf. MENDONZA, Edgard S. G. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos na cidade de São Paulo (1935-1950)**. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/soc/n14/a15n14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/soc/n14/a15n14.pdf)>. Acesso em 07 março de 2008.

indivíduo pertencia.<sup>494</sup> Segundo o autor, no Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, negros e brancos não eram separados por castas e não havia uma disputa efetiva entre essas duas raças.<sup>495</sup> Na nossa concepção, essa análise deixa de lado uma questão central, ao não se preocupar em analisar se a convivência pacífica encontrada era decorrente da formação cultural ou da conveniência das pessoas brancas que, por não se sentirem ameaçadas, preferiam ignorar os negros, desde que eles não tencionassem a balança de poder.

O antropólogo Arthur Ramos mostra, em documento publicado no ano de 1943, que o Brasil poderia até ser visto como um laboratório de civilização, entretanto, um olhar mais cuidadoso por parte dos pesquisadores revelaria a presença de muitas desigualdades entre brancos e negros, bem como a existência do preconceito racial no país. Para o autor, esse preconceito racial era decorrente das desigualdades sociais<sup>496</sup> e, também, do baixo contingente de pessoas negras nos estados do sul do país.<sup>497</sup>

Ramos destacou que, para confirmar as suas hipóteses seria necessária uma análise mais rigorosa a fim de explicar a realidade do país, uma vez que as investigações realizadas, até aquele momento, eram interessantes, mas os resultados conduziam somente a generalizações apressadas e perigosas.<sup>498</sup> Nesse aspecto, o Projeto UNESCO pode ser considerado o estudo mais cuidadoso realizado sobre a questão racial no Brasil naquele momento.

Para desenvolver o projeto, foram montados diferentes grupos intelectuais, que foram distribuídos em quatro regiões diferentes do país. Em Salvador, Thales de Azevedo estudou a mobilidade e a estratificação social.<sup>499</sup> Por meio da Antropologia Cultural, ele analisou inquéritos, fez observações diretas em escolas, universidades, clubes e fotos da Polícia Civil. O autor reconhece a presença do preconceito racial, mas o considera menos significativo do que o preconceito de classe, “[...] tais discriminações brandas e dificilmente se podem distinguir dos antagonismos de classe, uma vez que a cor da pele é historicamente considerada no Brasil um símbolo de status”.<sup>500</sup>

---

<sup>494</sup> A primeira tradução desta obra para a língua portuguesa ocorreu três anos depois. PIERSON, Donald. **Brancos e pretos na Bahia: estudo de contato racial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

<sup>495</sup> *Ibidem*.

<sup>496</sup> RAMOS, Arthur. **Guerra e relações de raça**. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes. 1943.p.116.

<sup>497</sup> *Ibid.* p.146.

<sup>498</sup> RAMOS, Arthur. **Os grandes problemas da Antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Coleção Estudos Brasileiros, 1948. p.223

<sup>499</sup> AZEVEDO, Thales. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955.

<sup>500</sup> AZEVEDO, Thales. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio**. Salvador: Edufba, 1996. p. 163.

Essa afirmativa apresenta uma diferença central entre o preconceito racial presente no Brasil e em países como os Estados Unidos, pois é possível verificar que, no Brasil de 1950, já existia um sentimento de vergonha em ser ou assumir o racismo. As contingências históricas que levaram à libertação dos escravos – a colonização lusitana e os fundamentos religiosos – são consideradas os principais fatores que teriam contribuído para a criação de um *ethos* de “igualdade”, colaborando para que não houvesse nenhuma restrição legal quanto a relacionamentos inter-raciais, ou mesmo quanto à criação de leis que evitassem a ascendência social das pessoas de cor no Brasil.<sup>501</sup> Nas poucas crônicas esportivas em que localizamos focos de tensões raciais, é possível perceber claramente a preocupação dos acusados em não se mostrarem pessoas racistas.

Durante o desenvolvimento do Projeto UNESCO, a presença do racismo, mesmo que de forma sutil, foi encontrado em todas as regiões brasileiras. O estudo de Charles Wagley<sup>502</sup>, por exemplo, abordou as relações de raça e classe no Brasil rural, analisando uma comunidade da Amazônia.<sup>503</sup> Assim como ocorrera em Salvador, Wagley relatou ter encontrado o preconceito de classe, que, para ele, era mais significativo que o preconceito de cor:

Todavia, existe uma marcada preferência por certos tipos raciais, acompanhada às vezes por uma atitude de desprezo em relação a outros tipos, o que denota a existência de um preconceito racial em todos os níveis da sociedade rural brasileira. A pouca importância que se dá a raça na classe inferior, indica, contudo que este preconceito é, por assim dizer, latente e não se manifesta senão em caso de competição pelo acesso a um escalão superior da hierarquia social local.<sup>504</sup>

O autor expõe a existência do preconceito nas sociedades rurais do Brasil, mas, assim como na Bahia, este é decorrente da classe e não da cor do indivíduo. Contudo, Wagley chama a atenção para o fato de que, em caso de disputa na hierarquia social, a questão da raça pode se tornar um elemento significativo, símbolo de *status* para alguns e de submissão para outros:

Qualquer um que exerce uma profissão não-manual, que fez os estudos secundários, que descende de uma família honrada e conhecida e que é branco poderá, por exemplo, ser colocado na classe superior local, mesmo se é pobre. Um negro deverá preencher todas as outras condições requeridas para ser admitido nesta classe a despeito de seu tipo físico.<sup>505</sup>

---

<sup>501</sup> ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993. p.22-36.

<sup>502</sup> O estudo realizado na Bahia contou com a participação da UNESCO, da recém fundada Universidade Federal da Bahia e da Universidade de Columbia (E.U.A.), da qual Charles Wagley era professor de Antropologia e foi designado para participar da pesquisa.

<sup>503</sup> WAGLEY, C. (Ed.). **Race and class in rural Brazil**. Paris: Unesco, 1952.

<sup>504</sup> *Ibid.* p.159.

<sup>505</sup> *Ibidem.*



Pode-se dizer que o preconceito encontrado na Amazônia é uma forma velada de racismo, que permanece em silêncio, desde que as pessoas de cor não entrem em disputa pelo espaço social que as pessoas brancas consideram pertencentes a elas. Quando as pessoas de cor melhoram a sua situação econômica e adquirem melhor instrução, elas tendem a disputar espaços sociais com as pessoas brancas e, neste caso, o negro terá que superar uma série de barreiras sociais, implantadas a partir de uma ideologia branca. Ou seja, para ascender na escala social, o negro deve incorporar um novo *habitus*, adquirido a partir de uma cultura branca.

Os intelectuais envolvidos com o projeto UNESCO indicaram que, em maior ou menor grau, o preconceito racial era uma realidade presente na sociedade brasileira. Por exemplo, o sociólogo americano Wagley indicou que o desenvolvimento econômico poderia ser uma saída para diminuir a distância das pessoas de cor na hierarquia social brasileira.<sup>506</sup> Entretanto, o próprio autor destaca que a modernização poderia ser um risco para a democracia racial do país, colocando em xeque a convivência pacífica entre brancos e negros, frente às disputas pelo mercado de trabalho, bem como devido a possíveis choques culturais provocados pelos interesses divergentes. Contudo, o autor não fornece nenhum indicativo de como seria o processo de tomada de consciência dos negros ou o processo de organização social, para que estes pudessem ter representantes reivindicando os seus direitos.

Costa Pinto desenvolveu um estudo intitulado “O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança”.<sup>507</sup> Segundo o autor, nesse estado havia uma forma dissimulada de discriminação racial, manifesta através de exigências sociais, como “Ter boa aparência”, algo estabelecido a partir do conceito de beleza da população branca.<sup>508</sup> O estudo de Costa Pinto demonstra, ainda, que “entre os industriários 49,72% dos empregados são pessoas de cor, enquanto entre os bancários este percentual cai para 7,2%”.<sup>509</sup>

Na conclusão do seu estudo, o autor relata que mesmo com todas as transformações ocorridas nas sociedades carioca e brasileira, a função de bancário foi o principal espaço conquistado pelos negros livres, com boa formação intelectual. Isso reforça o fato de que o sucesso que os cronistas tentavam estabelecer aos jogadores de futebol negros, não podia ser visto como uma realidade em outros setores da sociedade brasileira.

---

<sup>506</sup> WAGLEY, C. (Ed.). Op cit. *Ibid.* 164-165.

<sup>507</sup> COSTA PINTO, L. A. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. (Coleção Brasiliana, v. 276).

<sup>508</sup> *Ibid.* p. 76.

<sup>509</sup> *Ibid.* p. 98-99.

A pesquisa coordenada por Oracy Nogueira chegou a conclusões semelhantes na análise do Município de Itapetininga/SP.<sup>510</sup> O autor mostra que fatores como a imigração levaram para a cidade pessoas instruídas em busca de novas oportunidades, entre as quais estava uma minoria de negros cultos. Tais grupos pressionavam a sociedade para a aceitação e incorporação dos novos agentes sociais. Contudo, ao finalizar o seu estudo, o autor constatou que os negros não se moveram na escala social, permanecendo estagnados desde a sua libertação, pois aceitavam as imposições dos brancos e não tinham representatividade.<sup>511</sup>

Verifica-se, nos diferentes estudos, a presença de um discurso compensatório, por meio do qual o olhar se volta para a realidade norte-americana, comparando-a com a brasileira. Isso permite que esses indivíduos fiquem aliviados, pois quando comparados à realidade vivenciada nos EUA, os brasileiros parecem não possuir preconceitos:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, os sotaques, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem.<sup>512</sup>

O estudo mostra que, no Brasil, o preconceito é mais ameno do que aquele vivido em países como os Estados Unidos. Enquanto uma nação imaginada, os intelectuais não podiam negar a presença do negro/mestiço na sociedade brasileira, por isso, a alternativa de alguns setores da intelectualidade foi utilizá-los como um meio de aplinar os antagonismos sociais.

Essa foi a linha argumentativa do estudo desenvolvido pelo antropólogo René Ribeiro, que realizou as pesquisas no lugar de Gilberto Freyre.<sup>513</sup> Uma das maiores contribuições daquele autor foi utilizar o conceito de “etiqueta racial”, ao qual ele não deu

<sup>510</sup> Os resultados deste estudo foram produzidos em BASTIDE, R. & FERNANDES, F. (Org.). **Relações entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi. s/d.

<sup>511</sup> NOGUEIRA, Oracy. Relações raciais em São Paulo. In: BASTIDE, R & FERNANDES, F. *op cit.* p.87. Existe uma crítica bastante severa quanto aos métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa em São Paulo, que segundo a autora coloca em dúvida os resultados obtidos na análise. Cf. CRUZ, Levy. **Roger Bastide e a pesquisa Unesco em São Paulo: uma introdução crítica**. In: Estudos de Sociologia. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12, n. 2, p.69-95.

<sup>512</sup> NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p.79.

<sup>513</sup> O Instituto Joaquim Nabuco foi criado a partir de um projeto do então deputado Gilberto Freyre, apresentado na Câmara dos Deputados, no dia 04 de dezembro de 1948. Cf. [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) Acessado em 11 de março de 2008.

uma definição cabal, mas citou exemplos que permitiram compreender a que esse conceito se refere:

Cerca o assunto em nosso meio certa reserva e discrição, mesmo quando não se tratem de demonstrações de preconceito, desde que este esteja de qualquer modo implícito. [...] Situações embaraçosas surgem por isso mesmo quando pessoas de cor branca referem-se depreciativamente às de cor, por inadvertência, na presença destas. [...] O modo mais comum e aceito como polido de alguém referir-se às pessoas pretas e mulatas é chamá-las de morenos, ou substituir negro por preto, ou escuro, etc. [...] Esse aspecto da etiqueta aqui adotada, distingue-a daquela que vigora em outras partes onde o objetivo parece ser antes o de “manter o negro no seu lugar”, do que poupar-lhe qualquer afronta ou o constrangimento mútuo que aqui resulta dos incidentes em que se acham envolvidas atitudes racial.<sup>514</sup>

Para o autor, o povo brasileiro estabeleceu uma espécie de código social, por meio do qual as pessoas se sentiam inibidas em demonstrar preconceito. É interessante o fato de esse código estabelecer uma hierarquia de cores, a qual tem, no seu ápice, os indivíduos brancos e, na base, os negros. A miscigenação era vista como uma possibilidade de amenizar o preconceito, pois através da figura do mulato, o negro se tornava um indivíduo ambivalente, pois não era rejeitado, mas também não era aceito socialmente.

Esse preconceito velado também é apresentado por Florestan Fernandes e Roger Bastide, em algumas entrevistas realizadas em São Paulo:

Nós brasileiros, dizia-nos um branco, temos preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto o preconceito racial está arraigado no nosso meio social. Muitas respostas negativas que dizem não haver preconceito racial no Brasil explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por esta fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial.<sup>515</sup>

Florestan Fernandes foi um dos responsáveis em coordenar os estudos realizados pelo Projeto UNESCO no estado de São Paulo. O pesquisador apresenta a visão de um novo tipo de intelectual brasileiro, o qual aparece engajado no processo de inserção e credibilidade da Universidade junto à sociedade. O eixo comum dos estudos desenvolvidos pelos cientistas sociais da Universidade de São Paulo (USP) está amparado na contraposição à idéia de mistificação sociológica e histórica, que abrandava os efeitos negativos do patriarcalismo escravista e indicava a existência de uma democracia racial no Brasil.<sup>516</sup>

<sup>514</sup> RIBEIRO, René. Discurso do Professor René Ribeiro. In: \_\_\_\_\_ **Professor Emérito**. Recife: Massangana, 1990. p.143.

<sup>515</sup> BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. São Paulo: UNESCO-ANHEMBI, 1955. p.123.

<sup>516</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. Prefácio à quinta edição, p.

Essa tese foi criticada a partir de uma leitura marxista da sociedade, a qual levou Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso a argumentarem que a democracia racial, não passava de um mito.<sup>517</sup> Amparados nas teorias marxistas, esses autores teceram várias críticas à modernização forçada dos anos 50, que, para eles, só faria aumentar as diferenças sociais:

[...] tomou-se a miscigenação como índice de integração social e como sintoma, ao mesmo tempo, de fusão e de igualdades raciais. Ora, as investigações antropológicas, sociológicas e históricas mostraram, em toda parte, que a miscigenação só produz tais efeitos quando ela não se combina com nenhuma estratificação social.<sup>518</sup>

Para o autor, o problema das relações raciais no Brasil era decorrente da estrutura social estratificada, deixando a cor da pele em segundo plano. Sob esse aspecto, o preconceito racial é uma consequência da forma singular pela qual se desenvolveu a sociedade, chegando a um sistema de classes. Ao estudar a realidade de São Paulo, o autor mostra que o trabalho livre acompanhou o processo de imigração européia. Fato este que dificultou a integração do negro na sociedade brasileira em formação.<sup>519</sup> Para os intelectuais marxistas, essa situação só seria resolvida pela modernização via desenvolvimento e conscientização da classe trabalhadora, por meio da consolidação da burguesia do país, que seria responsável em conduzir esse processo.<sup>520</sup>

A intolerância racial foi uma questão política para os intelectuais negros, que, na década de 50, voltavam a se organizar. Destaca-se, nesse momento, a criação da revista “Quilombo: Vida, problema e aspirações do Negro”. Esta foi dirigida por Abdias do Nascimento e contou com a participação de vários intelectuais da época.<sup>521</sup> Em 1948, por exemplo, no primeiro número do periódico, Guerreiro Ramos analisou a questão racial, com um artigo intitulado “Contatos Raciais no Brasil”.

Ao apresentar a sua opinião sobre o assunto, o sociólogo negro indicou que as questões étnicas no país não são uniformes e, por isso, devem-se levar em conta as

---

10. Este livro foi publicado a partir da tese de doutoramento de Fernando Henrique Cardoso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, cujo a primeira edição é de 1962.

<sup>517</sup> IANNI, Octávio & CARDOSO, Fernando Henrique. *Op cit*

<sup>518</sup> FLORESTAN, Fernandes. Definição dos problemas brasileiros. In: **Introdução aos problemas brasileiros**. Rio de Janeiro, ISEB, 1956.

<sup>519</sup> *Ibidem*.

<sup>520</sup> FLORESTAN, Fernandes. **A inserção do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

<sup>521</sup> A questão racial do Brasil dos anos 50. Disponível em [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_gv/htm/6Cenario\\_socio\\_cultural/A\\_questao\\_racial\\_no\\_Brasil\\_dos\\_anos\\_50](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_gv/htm/6Cenario_socio_cultural/A_questao_racial_no_Brasil_dos_anos_50). Acesso em 11 de março de 2008.

diferenças regionais e de classe. Ao analisar o pensamento sociológico desse autor, Schartzman destaca que:

O que Guerreiro Ramos propõe é uma sociologia do negro feita pelo próprio negro, a partir da assunção de sua condição racial, a partir de uma tomada de consciência de sua negritude. Esta proposta de Guerreiro Ramos antecede em décadas a difusão de uma atitude militante dos intelectuais negros do país, ainda que seja contemporânea, e sem dúvida inspirada, na defesa da negritude que então surgia na África Francófona, e que tinha sua contrapartida no Brasil no Teatro Experimental do Negro, com o qual Guerreiro Ramos mantinha contatos próximos.<sup>522</sup>

Para este, Guerreiro Ramos defende a integração do negro a partir da tomada de consciência dos valores da negritude. O teatro seria um dos mecanismos que poderia levar a essa conscientização e à participação das pessoas de cor na sociedade brasileira. Por meio deste seria possível levar à sociedade parte da riqueza da cultura negra. Porém, a preocupação dos intelectuais transcendia a divulgação da cultura negra, pois a preocupação central era que as pessoas de cor tivessem maiores possibilidades de ascensão na sociedade brasileira. Uma das alternativas de sucesso utilizadas foi o teatro. O movimento negro criou o Teatro Experimental do Negro (TEN) e, a partir dos grupos reunidos em torno dessa manifestação cultural, foram fundados grupos de alfabetização, que, em meados da década de 1950, chegaram a ter 600 alunos negros.<sup>523</sup>

Essa mesma preocupação pode ser vista no movimento chamado União dos Homens de Cor (UHC), grupo fundado em Porto Alegre em 1943, que, em cinco anos, expandiu para dez estados do país, graças ao seu principal órgão de difusão, o periódico *O Nosso Jornal*. Entre as atividades desenvolvidas pelo grupo, estavam as campanhas educacionais, que tinham como objetivo a integração e ascensão social do negro, através de uma boa formação intelectual. Por isso, um dos objetivos centrais era auxiliar as pessoas de cor para que conseguissem entrar, permanecer e se formar no ensino superior.<sup>524</sup>

O número de publicações realizadas pelos movimentos negros pode ser um indicativo da significância desses grupos na conjuntura brasileira da Segunda República. Entre os inúmeros pequenos grupos sazonais criados e outros de caráter permanente, pode-se destacar, além dos já citados: o Centro de Cultura Luiz Gama, a Frente Negra Trabalhista, o Grupo de Afoxé: Associação Recreativa dos Filhos de Gandhi, o Teatro Popular Brasileiro, a Orquestra Afro-Brasileira e a União Cultural Brasileira dos Homens

<sup>522</sup> SCHARTZMAN, Simon. A Sociologia de Guerreiro Ramos. Disponível em <http://www.schartzman.org.br/simon/gramos.htm> Acesso em 11 de março de 2008.

<sup>523</sup> Abdias Nascimento. Entrevista. *Op cit.*

<sup>524</sup> SILVA, Joselina. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, no 2, 2003. p. 215-235.

de Cor. Esses grupos, em sua maioria, apresentavam meios de divulgação próprios e contavam com a participação de pessoas influentes da sociedade, como médicos, advogados, políticos e escritores.<sup>525</sup>

Tal configuração era consolidada por meio do aumento das redes de interdependência que se solidificavam nos vários estados brasileiros, o que levou os intelectuais a indicarem, no documento final do I Congresso Negro Brasileiro, a possibilidade de criar uma Confederação Nacional de Entidades Negras.<sup>526</sup> Porém, uma análise da produção teórica dos intelectuais negros revela um posicionamento unânime quanto ao lugar periférico que o negro ocupava na sociedade brasileira da década de 50.

Um ponto comum que pode ser percebido, até aqui, é que os estudiosos das questões raciais brasileiras indicam as desigualdades sociais como fator fundamental na limitação das condições de vida e acesso social dos negros. Tais apontamentos servem de referência para que se possa perceber a presença do racismo na sociedade brasileira, o que coloca em xeque o mito da democracia racial, já que o racismo é uma presença ausente, que não deve ser tratado como uma simples oposição dual entre verdade e mentira. Mesmo de maneira sutil, o racismo aparece em diferentes momentos da história brasileira, em que os direitos individuais legalmente outorgados não são garantidos na prática social.

O futebol é um tema que apresenta, de maneira sutil, muito dos fracassos e realizações, dos sonhos e frustrações de uma parcela da sociedade brasileira. Observar os discursos e estudos, realizados no Brasil durante a década de 50, é demonstrar o debate em torno desse esporte. É tomar o cuidado de perceber que as crônicas e seus cronistas estavam envoltos por um campo intelectual e por um discurso político que se preocupava com a questão racial brasileira. Pois, uma sociedade desenvolvida e moderna pressupunha um indivíduo incluído e essa não era a realidade da grande maioria das pessoas de cor.

Analisar a forma com que as crônicas, produzidas na década de 50, representam a relação entre a sociedade e os jogadores negros, é uma tarefa bastante instigante, uma vez que, para os cronistas, a ascensão do futebol tornou o brasileiro capaz de melhorar a sua autoestima, o que anteriormente só era possível graças aos heróis militares brancos. As vitórias do selecionado brasileiro foram retratadas pelos principais cronistas brasileiros como um dos meios que mais contribuía para a aceitação do negro, em uma sociedade que buscava se modernizar. Entretanto, quando se compara esses discursos com a realidade apresentada pelo Projeto UNESCO, encontram-se inúmeras contradições e subsídios para

---

<sup>525</sup> Ibidem.

<sup>526</sup> COSTA PINTO, L. A. Op cit.

perceber que o desejo de Mario Filho era retirar o negro de uma situação marginal e transformá-lo no grande herói nacional.<sup>527</sup>

Essa foi uma das críticas atribuídas por Soares ao livro “O Negro no futebol brasileiro”, pois, de acordo com o pesquisador, o cronista carioca criou um romance por meio do qual se tem a impressão de que o futebol foi a porta de acesso para a aceitação do negro na sociedade brasileira; vivendo em harmonia com os brancos, conseguindo ascender na escala social e se tornando vitorioso depois de enfrentar vários obstáculos.<sup>528</sup> “Mário Filho foi (...) um grande romancista, interventor e cronista do futebol. Seu texto está mais preocupado com os detalhes, dos pitorescos casos que narra, do que com a verdade positiva ou com a coerência interna”.<sup>529</sup>

Há um exagero por parte de Soares, ao não levar em consideração a possibilidade de existência de “verdades”, diferente do que se pregava na história tradicional positivista do final do século XIX, em que, para ser verdadeiro, o fato deveria ser passível de comprovação, caso contrário seria considerado falso.<sup>530</sup> A produção teórica de Mario Filho, bem como a dos demais cronistas do *Jornal dos Sports*, deve ser vista como uma produção literária localizada no limite entre a história e o jornalismo, mas que, antes de tudo, revela a visão e o desejo de um grupo de intelectuais ligados ao futebol nacional.

Para os cronistas do *Jornal dos Sports*, o futebol era um dos poucos elementos da cultura brasileira que representava a autenticidade do país, principalmente, diante do recalque do homem local, estabelecido frente aos países desenvolvidos. Os primeiros acreditavam que seria por meio desse esporte que o Brasil superaria o “Complexo de Vira Latas”, provando o seu valor e mostrando as virtudes do seu povo para o restante do mundo:

---

<sup>527</sup> Esta questão foi abordada pelos intelectuais da USP a partir da Teoria da Dependência, através da qual eles criticavam a burguesia local, mostrando que ao contrário do que os isebianos acreditavam, não haveria revolução nacional, pois as elites não apresentavam consciência de classe necessária. IANNI, Octávio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 211-244. Entretanto este conceito foi alvo de várias críticas que buscam demonstrar que as indicações feitas não podem ser consideradas uma teoria, pois a dependência econômica é algo recorrente nos países periféricos, o que aconteceu naquele momento, foi a passagem de um modelo que se esgotava e a entrada do capitalismo mundializado que passou a aplicar novos mecanismos de apropriação do excedente periférico. Cf. MACHADO, Luiz Toledo. A teoria da dependência na América Latina. *Estudos Avançados*. Vol.13, n.35. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141999000100018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141999000100018&script=sci_arttext). Acessado em 20 set. 2007.

<sup>528</sup> SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: uma releitura da história oficial. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

<sup>529</sup> Ibid. p.8.

<sup>530</sup> SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. Sobre o Negro no Futebol Brasileiro, de Mario Filho. In: SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes** - futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad,/FAPERJ, 2006. p. 296-297.

Afinal de contas que desejamos todos? Boa sorte à força expedicionária do futebol brasileiro que alça vôo sobre o atlântico sul e vai fazer mais uma vez a Europa curvar-se ante o Brasil. Esses modestos rapazes quase todos de origem humilde, filhos do povo transformam-se neste momento solene, em autênticos embaixadores do Brasil[...] De certo modo vocês vão fazer na Suíça o que fizeram os pracinhas na Itália. Lá também a nossa contribuição era simbólica. Não vamos ganhar a guerra, mas o mundo soube que existíamos.<sup>531</sup>

Nas três Copas do Mundo realizadas na década de 50, havia por parte da elite dirigente uma preocupação em torno da forma com que o Brasil seria representado no exterior, principalmente porque grande parte dos jogadores tinha uma origem humilde e esta não era a imagem que se pretendia mostrar na Europa. Somada a essa questão social, estava o fato de a seleção brasileira ser uma das poucas equipes que tinha no seu plantel atletas negros e mestiços, o que preocupava ainda mais as elites locais. Mesmo em um momento em que as teorias eugênicas já haviam sido desmistificadas, é possível localizar indícios de problemas raciais no futebol brasileiro. Porém, assim como ocorreu na sociedade, tais questões aparecem de maneira bastante sutil, revelando que um dos principais dilemas dos anos de 1950 refere-se à aceitação do negro, como um indivíduo capaz de representar o Brasil moderno.

Especificamente no futebol, essa questão se transformou em uma preocupação recorrente, pois sempre que a equipe brasileira apresentava resultados negativos, as teorias e suspeitas raciais voltavam à tona, deixando indicativos para se perceber que o negro foi, durante toda a década, motivo de desconfiança e vergonha para as elites locais. Já em outros setores da sociedade brasileira, o preconceito era apresentado de maneira explícita, como demonstra Nogueira em uma das entrevistas realizadas com um empresário local:

Quando o negro é bom, não importa. Eu tenho um menino negro que faz a limpeza, mas ele é bonzinho, como um branco. Quando os negros são pessoas de confiança, valem mais do que os brancos. No entanto, quem quer tudo limpinho em sua casa não gosta de negros. Valorizamos o indivíduo e não a raça. Tenho alguns empregados negros, entre eles o irmão do menino que faz a faxina. Estou satisfeito com ele, mas mesmo assim sempre digo ao meu administrador que ele deve evitar empregados negros desconhecidos! Porque o negro quando é vagabundo pode ser muito perigoso e seu rosto como o do amarelo, nunca trai os seus sentimentos. Por isso, o negro pode ser muito cínico. Além disso, a raça branca ainda é superior. O negro é indolente e não tem iniciativa. Quando permanece bastante tempo no emprego, ele aprende trabalhar, mas é como uma máquina trabalha de forma mecânica, sem inteligência. O negro, mesmo quando é limpo cheira mal.<sup>532</sup>

Essa entrevista, realizada em 1942, apresenta uma síntese da forma com que uma parte da elite brasileira via as pessoas de cor. Trata-se do oposto da representação criada

<sup>531</sup> REVISTA O CRUZEIRO. **Afinal de contas que desejamos todos?** Maio de 1954, Número 30.

<sup>532</sup> NOGUEIRA, Oracy. **Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor.** São Paulo: Sociologia, 1942. p. 336-337.



por alguns cronistas esportivos, para retratar negros e mestiços. Muitos dos discursos aqui apresentados mostram a tentativa de construção de uma nação, que já apresentava os seus limites geográficos definidos, embora buscasse definir o seu tipo étnico, ou seja, a preocupação estava em definir quem era o homem brasileiro. A resposta se tornava angustiante para muitos cronistas, pois, ao mesmo tempo em que se idealizava o jogador negro e mestiço como símbolo de um Brasil vencedor, os literatos sofriam pressão dos valores postos na sociedade, segundo os quais negros e mestiços normalmente eram motivo de vergonha, sendo vistos como sinônimo de falta de cultura, comportamento inadequado, falta de saúde e apresentação estética desagradável.

Mais do que um pretexto para tratar de questões do seu entorno ou um objeto social que camufla os problemas raciais, culturais e econômicos, as crônicas sobre o futebol permitem perceber os fracassos, as realizações, os sonhos, as decepções e os desejos de uma parcela de intelectuais brasileiros. A crônica é uma fonte privilegiada para se observar o dilema de um país que desejava ser o que não era, onde o racismo aparece como um sentimento latente, que normalmente deixava envergonhado quem fosse acusado de ser racista.

Um bom exemplo dessa situação pode ser verificado na sequência de uma entrevista envolvendo David Nasser, na época repórter da revista *Cruzeiro*, e José Lins do Rego, secretário geral da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o qual foi questionado acerca da sua influência sobre a não convocação de Zizinho para o selecionado nacional, tendo em vista que este era considerado, pela crônica esportiva brasileira, como um dos melhores jogadores daquele momento. David Nasser relata da seguinte maneira a sua conversa:

Zé Lins você sabe que entrevistamos Zizinho em Paris? Ele fica meio sem jeito. Zizinho é seu drama de consciência. Seu pecado. Zizinho foi Flamengo, Zé Lins é e morrerá Flamengo. Zizinho saiu do Flamengo para garantir o seu futuro [...] Zé Lins nunca o perdoou pela deserção. O pior é que Luis Carlos Barreto, seu companheiro de revista. Ele mesmo afirma que você disse: “Aquele moleque sem vergonha, aquele negro não joga mais no scratch brasileiro”. O Luiz Carlos disse isto? Disse. – Mas não é verdade! Zé Lins o rapaz não mente! Não chamei o Zizinho de moleque, nem de negro! E o resto? Meu relatório foi para a CBD. O resto vocês já sabem!<sup>533</sup>

O escritor paraibano não nega a sua influência no veto de Zizinho ao selecionado nacional, mas contraria, com veemência, as questões raciais que lhes são atribuídas. Algo explícito na resposta ao jornalista:

<sup>533</sup> NASSER, David. Entrevista com Zé Lins. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 3 de julho de 1954.

Não seria eu, homem de convicções anti-racistas, capaz de palavras deprimentes sobre as condições sociais de um rapaz que sempre admirei, desde que o vi menino no primeiro treino do meu clube. O que me parece mais lógico não será me culpar nem de longe pela exclusão de Zizinho, quando já fora ele posto de lado no Pan-Americano do Chile. Zizinho deve a si próprio a sua não convocação. O seu temperamento é difícil de ser dirigido, às vezes o leva a atitude de rebeldia. É ele uma personalidade complexa. Profissional dos mais honestos, é no entanto de humor pérfido. Se não fossem as palavras grosseiras que me atribuiu Nassar através de Luis Carlos, não voltaria no assunto.<sup>534</sup>

Para contextualizar essas acusações, é imprescindível observar a trajetória histórica de José Lins do Rego. Nesse aspecto, o estudo realizado por Hollanda mostra que a aproximação/descoberta do futebol, por Lins do Rego, acontece a partir da Copa de 1938, quando o grande destaque brasileiro foi o jogador Leônidas da Silva, que graças a uma ação promocional, ficou carinhosamente conhecido como Diamante Negro. Além disso, a ligação entre José Lins do Rego e Mario Filho, um dos maiores militantes dos negros no futebol brasileiro e dono do jornal em que aquele escreveu por 12 anos (1945-1957), são indícios bastante significativos sobre a postura do escritor em questão.

Mario Filho e as pessoas diretamente ligadas a sua literatura – entenda-se os cronistas do *Jornal dos Sports* – desconsideraram esses fatos, aplicando um discurso em que os conflitos raciais são praticamente inexistentes. Como vimos durante os estudos do Projeto UNESCO, os conflitos raciais não ocorriam desde que os negros aceitassem viver de acordo com a imagem e o estilo de vida que os brancos esperavam deles.

Ao mesmo tempo em que os cronistas do *Jornal dos Sports* não abordam as questões raciais nas crônicas, escritas imediatamente ao término da partida final da Copa do Mundo de 1950, o tema seria reconstruído por Mario Filho para sustentar seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro”. Essa obra é atualizada à medida que os fatos acontecem, mas mantém o seu eixo central, em que o negro é perseguido, luta e a partir do seu próprio esforço consegue se tornar o grande herói.

Ao analisarmos as crônicas produzidas no *Jornal dos Sports*, durante toda a década de 1950, não se encontra nenhuma menção sobre a cor da pele dos jogadores, relacionada à derrota sofrida pelo Brasil na partida final da Copa do Mundo de 50. Esse fato é bastante interessante, tendo em vista que a significância da derrota auxiliou na criação da cultura da desculpa, pela qual foram levantadas inúmeras hipóteses para justificar a derrota brasileira, mas nenhuma delas fazia qualquer acusação racista, como Mario Filho relata na segunda edição do seu livro, reeditado em 1964.

---

<sup>534</sup> REGO, José Lins do. Resposta a David Nassar. O Cruzeiro, 3 de julho de 1954.

No capítulo VI dessa edição, intitulado a “Veza do Preto”, é que se torna possível localizar as acusações explícitas aos jogadores negros do selecionado brasileiro. Contudo, o autor não indica quem teria feito tais acusações. As suas frases são compostas de grande carga simbólica, em especial pelo cenário antecipadamente construído, para, em seguida, apresentar frases genericamente atribuídas a torcedores, cidadãos, brasileiros. Como alguns dos exemplos selecionados.

Na primeira passagem, o escritor retrata a reação dos torcedores ao término do jogo: “[...] quase todos se viravam era para os pretos do escrete. O culpado foi Bigode! O culpado foi Barbosa!”.<sup>535</sup>

Na sequência, o autor recupera a questão racial, já em desuso após a Segunda Guerra Mundial, com a queda de uma série de mitos que acompanhavam as teorias eugênicas. Mario Filho recorre a esse imaginário para mostrar que, na visão do brasileiro, “A verdade é que somos uma sub-raça. Uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de agüentar o pior a gente se borrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrete brasileiro. Enquanto dependermos de negro vai ser assim”.<sup>536</sup>

Para finalizar as acusações atribuídas aos brasileiros, o autor continua a sua narrativa aberta, afirmando que os atletas foram escolhidos como bodes expiatórios. É um posicionamento até certo ponto aceitável, que após as partidas, os jogadores sejam criticados e que nos casos de derrotas a culpa recaia principalmente nos jogadores de defesa; e foi isso que os jornais cariocas e paulistas fizeram em suas crônicas diárias. Estes estabeleceram críticas e hipóteses a partir dos lances que deram origem à derrota brasileira. Como é possível perceber nesta passagem, publicada dois dias após a derrota, no jornal *O Estado de São Paulo*:

Quem poderia esperar que Bigode, regular nas suas excelentes produções, viesse a atuar daquela maneira? E quem poderia imaginar Barbosa capaz de atuar no arco faria como um principiante? E mais: quem poderia admitir que Ademir errasse todos os chutes que enviou ao gol de Máspoli? [...] Barbosa por sua vez, pouco trabalho tendo comprometeu seriamente o quadro [...] No segundo ponto, então, sua falha chegou ao cúmulo. Se permanecesse parado onde se encontrava a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: numa bola atirada sem pretensões, de situação difícilíssima, atirou-se ao chão quando ela vinha a meia altura. E foi coberto vergonhosamente.<sup>537</sup>

Mario Filho era um escritor astuto, que tinha grande capacidade de perceber e sintetizar o que acontecia a sua volta. A partir disso, ele buscava convencer/seduzir o leitor com base na sua produção imagética, que já havia sido demonstrada ao longo de sua vida

<sup>535</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p.289.

<sup>536</sup> *Ibid.* p.290.

<sup>537</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. *Cicatrizes permanentes*. São Paulo, 18 de julho de 1950. p.9.

jornalística e, também, na produção dos seus livros.<sup>538</sup> Nesse sentido, é possível encontrar indícios que apontam para a forma passional com que o autor retratou os acontecimentos esportivos, criando mitos e influenciando o imaginário coletivo.

A força das palavras de Mario Filho pode ser percebida na fala do próprio goleiro da seleção de 1950, um dos protagonistas do mito construído pelo cronista carioca, em torno da influência dos negros na fatídica derrota sofrida na partida final da Copa do Mundo. Ao comentar sobre o acontecimento, o ex-goleiro do selecionado nacional relata que:

Disseram que o Obdúlio Varela tinha dado um tapa em Bigode. É conversa, é mentira, é invenção. Uma vez me disseram que quem inventou foi o Mário Filho. Aliás, contestei, o que Mário Filho escreveu: que trememos porque éramos pretos. Mário Filho apenas constata que a culpa foi jogada nos jogadores negros, não os acusa.<sup>539</sup>

Barbosa também estava convencido de que Mario Filho, apenas apresentou o que outras pessoas haviam dito e somente procurou defender os jogadores negros. Mario Filho criou um enredo romântico em torno da presença do negro no futebol brasileiro, denunciando a presença do racismo na sociedade brasileira. Entretanto, essa construção estava vinculada ao seu desejo de valorizar a trajetória vitoriosa do negro no futebol e na sociedade local.<sup>540</sup> Isso fez com que o autor se tornasse, para muitas pessoas, inclusive para os próprios jogadores, uma espécie de defensor das causas raciais no esporte brasileiro.

A descrição longa se faz necessária para que se acompanhe a forma com que ele construiu o cenário para apresentar as questões raciais atribuídas à CBD, no período que antecedeu a Copa do Mundo de 1958:

[...] A CBD queria levar o menor número de pretos para a Suécia. Não esquecera 56, o relatório de Flávio Costa aconselhando, por causa do preto Sabará, a convocação só de jogador que, pelo menos, soubesse vestir-se e sentar-se a uma mesa. Daí a preocupação de um escrete, senão branco, o menos preto possível. Ainda se discutia a deterioração do mulato, mais do mulato do que do preto, em clima nórdico. Portanto a preocupação da CBD não era racista: ela acreditava mais no branco para jogar no frio, embora a época do campeonato do mundo caísse no verão sueco. A prova do não-racismo está na convocação dos mulatos e pretos que acabaram jogando e contribuindo, decisivamente, para a vitória brasileira.[...] A preocupação em embranquecer o escrete chegou a tal ponto que na estréia contra a Áustria o único preto foi Didi. Era uma posição, a de Didi, em que não

---

<sup>538</sup> SOARES, Antonio Jorge. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

<sup>539</sup> BARBOSA. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.49-50.

<sup>540</sup> Soares, Antonio Jorge. Op cit.

havia escolha. O reserva era outro preto: Moacir. Onde se podia escolher entre um branco e um preto ficava-se inicialmente com o branco.<sup>541</sup>

Essas palavras de Mario Filho foram escritas após a vitória do selecionado brasileiro na Copa do Mundo da Suécia. Logo, trata-se de um olhar retrospectivo, no qual o autor aponta uma questão de preferência e maior confiança nos jogadores brancos. Se observada a seleção que iniciou a Copa, é difícil não ser influenciado pelo discurso romântico do cronista. Algo retratado inclusive na biografia de um dos jogadores que participou daquela Copa do Mundo. Segundo Nilton Santos:

Nunca a ciência pesquisara tão fundo para descobrir o porquê do time brasileiro ter bons jogadores, mas não conseguir se superar em campo, não conquistar nenhum título mundial. Será que os nossos atletas eram covardes? Relatórios médicos foram feitos, sigilosamente, para a CBD. Chegaram a conclusão de que o problema do brasileiro estava na alma dos jogadores, que eram muito nostálgicos, sentiam muita falta de casa, da comida, principalmente os negros, que eram emocionalmente mais instáveis. Portanto, o time na estréia da Copa deveria ser o mais branco possível.<sup>542</sup>

A força desse discurso se solidifica quando se observam as imagens dos jogadores escalados para disputar o primeiro jogo da Copa e a equipe que defendeu o Brasil na partida final contra a Suécia:



Quadro criado pelo próprio autor.

<sup>541</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. p.322-323.

<sup>542</sup> SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p.74.



Quadro criado pelo próprio autor.

Não é possível confirmar a existência do relatório citado por Nilton Santos, da mesma forma que não é possível afirmar que a equipe brasileira, que estreou na Copa do Mundo, foi determinada a partir de questões raciais. De acordo com diversas crônicas divulgadas no *Jornal dos Sports*, bem como a autobiografia de Pelé, constata-se que este se machucou no último amistoso realizado no Brasil. Caso houvesse realmente a intenção de evitar a presença de atletas negros na equipe brasileira que iria para a Europa, o que teria levado esse atleta negro (que ainda não era o rei do futebol) a ser mantido na equipe mesmo após uma gravíssima contusão?

Os próprios cronistas do *Jornal dos Sports*, em alguns momentos, questionam os posicionamentos raciais especulados em torno do selecionado nacional. É o que demonstra a crônica de Vargas Netto:

O Lobo estaria queimado porque dispensaram Jadir. Jadir seria bom ou muito bom. Mas, acontece que havia outros que eram ótimos. E acontece também que quem escolhia eram outros, uma comissão de pessoas conhecedoras do assunto, que a C.B. D. encarregou do trabalho. Você não vai querer, Lobo, que o excelente Jadir seja melhor que o Orlando, o companheiro de clube do Belini?! Pois Jadir também não é melhor que o pretíssimo Zózimo, apesar de ser apenas mulato claro. O seu extrema Joel deslocou Garrincha. O seu meia Moacir foi afastado do caminho pelo dr. Didi – o descendente direto do rei Salomão e da Rainha Sabá... A sua ala esquerda, com Zagalo e Dida, substituíram com muito brilho os machucados Pelé e Pepe. Orecó não teve jogo para barrar Nilton Santos. E Djalma Santos que perdeu a sua velocidade antiga e o domínio da zaga direita, por não ter mais lugar certo na Portuguesa e pelo peso dos janeiros, foi substituído pelo enérgico e duro De Sordi. Que dianteiro preto poderá barrar Mazzola ou Vavá? Que guardião preto substituiria Gilmar e

Castilho? Que zagueiro central de cor levará vantagens sobre Belini atualmente? Qual o médio volante que poderá superar Dino neste momento? Os atletas foram muito bem escolhidos. Na ocasião de escolher e preparar, os que partiram para a Suécia eram os que se encontravam em melhores condições físicas e técnicas.<sup>543</sup>

O atleta ao qual a crônica se refere é o então zagueiro e companheiro de clube de Zagalo, Jadir Egídio de Souza. Ambos eram atletas do Flamengo na época em que foram convocados para a Copa do Mundo. É interessante que, nessa crônica há uma inversão de papéis, em que o cronista se pauta em um raciocínio que para ele era lógico e o atleta realiza uma reivindicação a partir dos seus sentimentos particulares. Cabe salientar que a biografia de Zagalo não faz menção a esse acontecimento, o que permite acreditar que este não apresentou muita relevância individual ou social no contexto em que ocorreu.

Vargas Netto aproveita a situação para demonstrar o seu apoio à comissão técnica brasileira, que, de acordo com o cronista, se amparou em parâmetros concretos para escolher os jogadores que representariam o Brasil na Suécia. Cabe, no entanto, ressaltar que o posicionamento de apoio à CBD é uma atitude destoante da grande maioria dos cronistas do *Jornal do Sports*, que a partir da rivalidade regional declararam uma verdadeira guerra contra o planejamento efetuado pelo paulista Paulo Machado de Carvalho e, conseqüentemente, contra a CBD.

É interessante perceber que em 1958 não houve por parte da CBD, aparentemente, qualquer boicote ou preferência entre jogadores negros e brancos. A comissão técnica que dirigia a equipe optou por colocar em campo os jogadores que se apresentavam em melhor condição física, técnica e tática, naquele momento. Isso pode ser melhor compreendido a partir do veto a Garrincha durante as primeiras partidas. Na biografia desse jogador, o próprio Ruy Castro justifica a sua ausência mostrando que o observador do selecionado nacional, o professor de futebol do curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, Ernesto Santos foi para a Europa um ano antes do início da Copa do Mundo, a fim de observar os adversários do Brasil. E, durante a Copa do Mundo, ele utilizava as suas anotações para fornecer subsídios à comissão técnica sobre a melhor maneira de escalar a equipe.<sup>544</sup>

Como o selecionado saiu do país de forma desacreditada, havia, por parte da comissão técnica, uma grande preocupação com o jogo de estreia:

---

<sup>543</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O meu amigo Lobo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1958. p.5.

<sup>544</sup> CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Artes. p. 153.

Por causa disso, Feola pensava em armar o time com três homens no meio-campo: Dino Sani, Didi e Zagalo. O usual, naquela época de futebol franco e ofensivo, eram dois. Mas as informações de Ernesto Santos sobre a Áustria o alarmaram e fizeram, sem querer, com que Garrincha fosse barrado. Porque, nos treinos da semana, ele se tornara titular. A Áustria fechava o meio-campo com quatro jogadores, dissera Ernesto Santos. Seria suicídio ter apenas três homens contra eles. Feola então propôs instruir Garrincha a recuar e combater pelo lado direito, como Zagalo faria pelo lado esquerdo [...] Não vai dar certo, disse Paulo Amaral. Garrincha não seguirá a sua instrução. No Botafogo, durante a preleção tática, nós o mandamos ir jogar pingue-pongue ou fazer qualquer outra coisa. É imprevisível em campo.<sup>545</sup>

Zagallo nega que as mudanças tenham sido provocadas a partir de uma espécie de motim dos jogadores. Versões que circularam com insistência depois da Copa davam conta de que Didi e Nilton Santos teriam liderado a maioria do elenco, impondo alterações ao técnico Feola. Esse é o mesmo posicionamento apresentado pelo capitão da equipe de 1958 (Belini), e outros campeões mundiais também rechaçam tais relatos.<sup>546</sup>

Nesse mesmo sentido, vale a pena ressaltar que na partida final do mundial, quem aparece como titular na foto dos jogadores brasileiros, que se tornaram campeões do mundo, é o atleta (negro) Nilton Santos, que substituiu o zagueiro (branco) De Sordi. A substituição também foi alvo de especulação, como demonstra o repórter que entrevistou De Sordi, ao perguntar se ele ficou magoado por não jogar a partida decisiva. Em resposta, De Sordi afirma: “Paguei o preço de ter sido correto. Eu estava com um problema muscular e, se tivesse entrado em campo, poderia prejudicar a Seleção. O time ficaria com 10, porque naquela época não havia substituição”.<sup>547</sup>

Segundo o entrevistador, De Sordi se emocionou ao falar de um acontecimento tratado por alguns cronistas da época como sinônimo de covardia. Buscamos confirmar as informações nos documentos da época, mas no *Jornal dos Sports* e na revista *Manchete Esportiva*, não conseguimos localizar nenhum comentário nesse sentido. No entanto, as declarações da própria memória desse jogador mostram que os mitos não foram estabelecidos somente para os jogadores negros, pois nesse episódio, o acusado foi um jogador branco. Pelo que vimos até aqui, a repercussão só não foi maior porque o Brasil venceu a Copa do Mundo.

No desenrolar dos jogos da Copa do Mundo, um conjunto de fatores levou Vicente Feola a fazer uma série de alterações no ataque da equipe brasileira. Os documentos analisados não permitem afirmações sobre os motivos que teriam feito o técnico brasileiro adotar uma nova formação para a equipe. O que fica claro é que não teria sido um único

<sup>545</sup> Ibid. p. 155.

<sup>546</sup> ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. Op cit. p. 46.

<sup>547</sup> De Sordi o titular da seleção campeão do mundo em 1958. Disponível em <[www.cbfnews.com.br](http://www.cbfnews.com.br)> Acesso em 24 de fev. de 2007.



motivo, mas a somatória de fatores como: contusão dos jogadores brasileiros; o baixo desempenho da equipe nos jogos anteriores; e o perfil do próximo adversário. Nelson Rodrigues se manifesta a respeito da necessidade de mudanças na equipe brasileira, principalmente após o empate com a Inglaterra. Em uma crônica bastante sugestiva, intitulada “Como vencer a Rússia”, o autor manda o seguinte recado ao treinador brasileiro:

Naturalmente, o quadro está a merecer uns retoques. Eu que sou um dos sessenta milhões de técnicos do Brasil, trataria de incluir Garrincha. O ponta alvinegro já fez falta contra a Inglaterra. Com suas pernas tortas e fugas pânicas, havia de desmontar a metódica defesa russa. [...] Ah, se Pelé pudesse jogar! Imaginem a seguinte linha: - Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé e Pepe. Como resistir a um ataque desses?<sup>548</sup>

De modo profético, ou talvez apenas bem informado sobre o que estava acontecendo na Suécia, a crônica de Nelson Rodrigues escrita, na véspera da partida, apresenta antecipadamente algumas das mudanças que seriam realizadas pela comissão técnica brasileira. Como demonstram Assif e Napoleão, Garrincha entrou na ponta-direita no lugar de Joel. Dino Sani, que sofrera um estiramento, deu lugar a Zito. Mazola, que tecnicamente não atuou bem contra a Inglaterra, perdeu a posição para Vavá e Dida que estava com um problema no pé foi substituído por Pelé que havia se recuperado da lesão.<sup>549</sup>

Para os cronistas do periódico carioca, era fundamental que o brasileiro conseguisse expurgar o passado, marcado pela servidão, pois só assim poderia acreditar na sua capacidade. O problema para eles não estava apenas na cor da pele, mas na humildade do brasileiro, no seu comportamento frente ao estrangeiro, nos seus sentimentos, na falta de autoconfiança:

Mas o que importa, no caso, é o seguinte: - somos um povo tão deprimido que custamos a admitir, mesmo por hipótese, o nosso triunfo no Mundial. Ora, ninguém vence por acaso. Ou por outra: Só vence aquele que se imagina capaz de vencer. E só um escrete cria para si mesmo a impossibilidade da vitória, acaba apanhando de banho. Eu diria ainda, que o triunfo, mais que um estado físico, mais que um estado técnico, mas que um estado atlético, é um estado de alma.<sup>550</sup>

Enquanto isso não acontecia, o preconceito contra indivíduos de cor permanecia na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o futebol era um dos poucos espaços sociais em que o negro não sofria restrições severas em função da sua cor de pele. Como vimos, aparecem

<sup>548</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Como vencer a Rússia. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1958.

<sup>549</sup> ASSAF, Roberto & NAPOLEÃO, Antonio Carlos. Op cit. p. 54-55..

<sup>550</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Precisa-se de uma alma imortal. Rio de Janeiro: **Jornal Última Hora**, 23 agosto de 1958.

alguns indícios, mas não localizamos nenhuma crônica ou qualquer outro documento que apresentasse, de maneira explícita, algum fato presente no futebol brasileiro da década de 50, que revelasse a presença de valores racistas.

Por outro lado, nas crônicas esportivas eram recorrentes as mensagens emitidas pelos literatos, como uma forma de externar o seu desejo de que o futebol fosse o meio de emancipação dos indivíduos de cor. Os cronistas buscavam vincular o sucesso do futebol a uma das formas de o negro ser aceito e, conseqüentemente, “embranquecer”. Essa situação era expressa por representações criadas para os jogadores negros, que apresentavam um bom rendimento atlético. Foi o que aconteceu com Fausto, que se tornou a *Maravilha Negra*; Leônidas Silva passou a ser chamado de *Diamante Negro*; Didi foi transformado, por Nelson Rodrigues, em um *Príncipe Etíope*; e Pelé se tornou o *Rei*.

Nelson Rodrigues, na década de 70 por causa do jogo de despedida de Pelé, faz uma reflexão sobre a realidade dos indivíduos de cor no Brasil, apontando a existência de um abismo entre os negros famosos e os considerados comuns:

[...] Pelé fez tanto, ou melhor dizendo, fez tudo pelo futebol brasileiro. Grande figura, inclusive como estátua. Digo como estátua, porque tem a dignidade racial de um Paul Robeson. Os homens de cor no Brasil vivem tão mal que justificam a pergunta que aqui fez Jean Paul Sartre: - E os negros? Onde estão os negros? Realmente, ele não vira um único preto na seletíssima platéia de suas conferências. E, realmente nunca se viu um preto brasileiro vestido de casaca, numa recepção do Itamaraty. Pelé é uma exceção violenta. Todas as casacas do Brasil deviam vesti-lo.<sup>551</sup>

A mensagem expressa por esse intelectual indica que o esporte foi um dos poucos caminhos abertos na sociedade brasileira para que houvesse uma superação do racismo e, em raríssimos casos, uma possibilidade de ascensão na escala social. Mas isso não deve ser visto como regra, pois, como mostraram os diferentes estudos presentes no projeto UNESCO, as oportunidades oferecidas aos negros, no Brasil, eram bastante limitadas. É importante lembrar que estamos tratando da década de 1950, momento em que o Brasil buscava a modernidade e, nesse sentido, pode-se dizer que havia uma ética dupla, na qual, de um lado estava a lei que supostamente era igual para todos, e do outro estava a sociedade concreta, em que as pessoas com maior poder determinavam as normas de funcionamento, e, assim, a aplicação da lei deixava de ser igualitária.

A análise da sociedade brasileira, verificada até este momento, apresentou a existência de diferentes tipos de preconceitos raciais, não só por parte da elite dirigente do país, mas também de pessoas simples que viviam no interior do Brasil. Fato que coloca em

<sup>551</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Mais divino do que humano. **Jornal o Globo**: Rio de Janeiro 16 de julho de 1971. p.6.

contradição o ideal romântico criado pelos cronistas do *Jornal dos Sports* que, a partir de uma leitura ideológica do pensamento de Gilberto Freyre, passaram a adequar os acontecimentos para deixar em evidência a relação entre brancos e negros. Esses discursos revelam a presença de uma tensão mal resolvida, em que os cronistas desejavam equilibrar os antagonismos sociais e, para tal, recorreram a representações como a mestiçagem, o mulato, a mobilidade social, entre outros conceitos que exprimiam uma relação ambivalente.

Os discursos emitidos por intelectuais, como João Lyra Filho, que atuou diretamente como dirigente do selecionado brasileiro, demonstram que diferente do que propunha o projeto ideológico sustentado por Mario Filho e seus amigos do *Jornal dos Sports*, o negro/mestiço não era considerado um indivíduo apto a representar o Brasil moderno. Nesse sentido, localiza-se uma tensão criada a partir das crônicas esportivas, na qual os seus articulistas apresentavam uma imagem idealizada de uma sociedade justa, sem preconceitos, em que o futebol havia se tornado um elemento de emancipação das pessoas de cor.

De acordo com as representações estabelecidas pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, o negro brasileiro precisava vencer a Copa do Mundo para se afirmar definitivamente na sociedade. No mesmo sentido, eles acreditavam que o Brasil precisava do título para ser reconhecido pelas nações mais desenvolvidas. Como nas duas primeiras Copas realizadas na década de 50 isso não foi possível, o sonho foi adiado, embora não esquecido, sendo constantemente atualizado pela criação de mitos que, normalmente, envolviam a questão racial com a seleção brasileira, principalmente, em seus momentos de crise, por perder jogos importantes.

Nesse cenário, é possível encontrar dois posicionamentos antagônicos que passam por tensão, pois, de um lado está a elite brasileira com os seus valores racistas, mas que, por uma série de fatores de ordem cultural, religiosa e histórica tem vergonha de assumir uma postura racista. Do outro lado, estão os cronistas do *Jornal dos Sports*, utilizando os mais diferenciados argumentos para transformar o negro em símbolo da identidade de um novo Brasil, de um país moderno.

Após observar os vários fatores que influenciaram negativamente os jogadores e a imagem do Brasil nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, um grupo de jornalistas e dirigentes esportivos, escolhidos pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), recebeu a incumbência de criar um Projeto Modernizador para o selecionado nacional, que representaria o país na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Em última instância, pode-se

dizer que as elites locais estavam envergonhadas por serem representadas pelos negros/mulatos, incultos, desdentados e com grandes dificuldades de autocontrole em situações de adversidade.

Não se trata de um projeto voltado para a conscientização dos jogadores, mas uma tentativa de educá-los, por meio de um planejamento de cunho pedagógico, que buscou modificar a aparência física, os hábitos culturais e o comportamento dos jogadores brasileiros, de maneira que eles conseguissem representar a imagem de um país moderno, que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído a mitos como a mistura de raças e a falta de autocontrole do homem brasileiro.<sup>552</sup>

Aqui, o esporte brasileiro acompanha uma cultura política baseada no desenvolvimentismo proposto por JK, que influenciava e contagiava positivamente os diferentes segmentos da sociedade brasileira. A ideia de desenvolvimento econômico, embora mais ampla, estava associada à ideia de riqueza nacional construída pela industrialização: nação desenvolvida era, necessariamente, nação industrializada. Para que isso ocorresse, se fazia necessário criar um homem maior que a natureza, livre de suas determinações. Se a natureza tem lógica própria, vencê-la implica impor a lógica do homem, aquela que lhe permite, pelo trabalho, pela técnica e pela previsão, acumular transpondo a condição de pobreza que a natureza supõe.<sup>553</sup>

O planejamento da CBD caminha nessa mesma linha, buscando fazer com que os jogadores suplantassem aquilo que os dirigentes consideravam um comportamento natural. Por isso, “O relatório de Havelange não deixava dúvidas – Quem não se ajustasse ao programa que fizemos com a ajuda de médicos e psicólogos seria cortado da seleção. Só iria para a Copa da Suécia quem estivesse mentalmente preparado”.<sup>554</sup>

---

<sup>552</sup> No próximo capítulo está localizada uma discussão mais detalhada sobre este planejamento.

<sup>553</sup> GOMES, Angela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2002. p. 17-22.

<sup>554</sup> RODRIGUES, Ernesto. Op cit. p.63

## 5. CAPÍTULO III – OS CRONISTAS X OS DIRIGENTES ESPORTIVOS

### 5.1. A crônica esportiva: diferentes estilos e o mesmo desejo

Como já foi apresentado no início deste estudo, para realizar a análise proposta, optou-se por selecionar as crônicas escritas no *Jornal dos Sports*<sup>555</sup>, um dos pioneiros entre os jornais brasileiros a se dedicar somente aos acontecimentos esportivos. Esse jornal realizou uma ampla cobertura – produzindo, então, um vasto material – sobre as três Copas do Mundo de Futebol realizadas na década de 1950, nosso foco de pesquisa. Essa década apresenta uma tentativa de reestruturação organizacional do futebol brasileiro, inserido no bojo de uma sociedade que se transforma rapidamente, buscando deixar de lado o modelo agro-exportador, para se tornar uma sociedade industrializada, a partir da internacionalização de sua economia.

A partir de uma análise sistemática dessa documentação, verifica-se que os discursos eram eivados de valores passionais, estabelecendo representações variadas sobre os acontecimentos, de maneira que os literatos tentavam envolver os torcedores e, assim, influenciar seus sentimentos. Para isso, os discursos se utilizavam da questão do medo, da expectativa, da confiança no futuro e, normalmente, após os resultados adversos, além das críticas, os cronistas buscavam resgatar aspectos positivos, para que a autoestima do torcedor não fosse abalada.

Tal situação gerou uma tensão entre um discurso que buscava incorporar elementos emergentes e modernizadores, mas que não conseguia abandonar os valores passionais que, para autores como Nelson Rodrigues, era o que dava sentido ao futebol e/ou à vida. Os cronistas que faziam parte do *Jornal dos Sports* eram, em sua maioria, agentes diretamente relacionados aos principais órgãos administrativos do futebol brasileiro, o que, em inúmeros casos, facilitou o acesso do jornal a informações privilegiadas, estando sempre à frente dos seus concorrentes e aumentando a respeitabilidade do periódico.

Para melhor compreender os discursos sobre o futebol brasileiro daquele momento, foram escolhidos três dos principais interlocutores ligados ao selecionado nacional. Entretanto, à medida que o estudo foi realizado, percebeu-se que havia uma significativa

---

<sup>555</sup> Este é um Jornal produzido no Rio de Janeiro. No momento estudado o Rio de Janeiro era a Capital da República, possuindo o maior complexo bancário e a maior centro financeiro do país. Cf. FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros. A década de 50 e o Programa de Metas. In: GOMES, Angela Castro. *Op Cit*, p.77. Além desses fatores de ordem econômica, cabe salientar que o Rio de Janeiro era um dos Estados mais importantes na estrutura do futebol brasileiro, significância que pode ser percebida no número de atletas que eram convocados para a seleção nacional e que atuavam naquela localidade.

cadeia de interdependência entre os principais cronistas do Rio de Janeiro, que, além de escrever no *Jornal dos Sports*, mantinham colunas em outros periódicos, bem como vínculos administrativos como militantes do futebol brasileiro. O cronista João Lyra Filho foi chefe da delegação brasileira, em 1954, e presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) – cargo que também foi ocupado pelo literato Manuel do Nascimento Vargas Netto, que durante anos foi presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro; na mesma época em que se tornou amigo de Mario Pollo que, por sua vez, presidia a Confederação Brasileira de Futebol e chefiava a delegação brasileira na Copa do Mundo de 1950.

Um dos locais que serviu de eixo aglutinador desse grupo de cronistas, foi o *Jornal dos Sports*. No periódico, é possível encontrar um ideal de modernidade pelo qual há uma transformação na forma com que os jogadores são vistos e representados: “[...] torna-se um ser místico, deixando de ser um herói militar e passando a deter super-poderes, capazes das maiores façanhas dentro dos campos”.<sup>556</sup> A descrição dessas façanhas buscava apresentar um povo que estava pronto para acompanhar o ritmo dos países desenvolvidos, seja através da construção do maior estádio de futebol do mundo; da capacidade organizativa apresentada na Copa do Mundo; da capacidade criativa ao jogar futebol; ou do comportamento dos torcedores brasileiros durante os eventos esportivos.

Partindo-se dessas representações, é possível afirmar que, segundo os articulistas do *Jornal dos Sports*, ser moderno significava assumir um lugar de prestígio no cenário mundial. No âmbito esportivo, havia uma exigência quase obrigatória: tornar-se campeão da Copa do Mundo de Futebol. Enquanto isto não acontecia esses literatos seguiam estimulando o sentimento nacionalista do povo brasileiro.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, ao tratar da questão do campo jornalístico, mostra que uma das suas especificidades é o campo literário. Esse espaço social é formado por diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, que mantêm relações determinadas entre si e, também, com o campo do poder, em que se podem localizar leis gerais de funcionamento (que o autor vai chamar de leis invariantes); bem como as especificidades do campo, que normalmente são visualizadas apenas por quem conhece o funcionamento deste (leis variantes).<sup>557</sup> Visto dessa maneira, o campo literário e o próprio cronista possuem uma liberdade controlada pelas leis intrínsecas que permeiam o campo e são convencionadas pelos próprios agentes deste, de acordo com as condições sociais de poder

---

<sup>556</sup> JORNAL DOS SPORTS ON LINE. **Década de 50**. *Op. cit.*

<sup>557</sup> BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.89.

de cada grupo. Além da influência do próprio dono do periódico, que normalmente era quem definia a linha de atuação do jornal.

Ao observarmos a biografia de Mario Filho, é possível perceber que ele foi um dos agentes responsáveis pela mudança de comportamento na estética do jornalismo esportivo brasileiro, o que não significa dizer que ele foi o pai deste campo literário, como desejava o seu irmão e admirador Nelson Rodrigues. De acordo com Marcelino Rodrigues, a vida de Mario Filho está diretamente ligada à história as transformações do jornalismo brasileiro.<sup>558</sup>

Ele iniciou sua carreira no final da década de 1920, momento em que foi trabalhar com o seu pai no jornal *A Manhã*, quando exerceu, inicialmente, a função de diretor tesoureiro. Um ano depois, tornou-se responsável pela página literária do jornal. Devido a problemas particulares ocorridos no interior do periódico, seu pai decidiu fundar o seu próprio jornal.<sup>559</sup> Fato este que aconteceu em 1928, com a criação do *Crítica*. Neste momento, Mario Filho tinha 19 anos e era responsável pela página de esportes do periódico, podendo este ser considerado o seu primeiro laboratório jornalístico.

Nos anos seguintes, a família Rodrigues viveu momentos bastante desagradáveis, a começar pela morte do seu irmão Roberto, posteriormente o falecimento do seu pai, o empastelamento do jornal durante a Revolução de 1930 e a dificuldade em conseguir emprego, que perdurou por quase um ano.<sup>560</sup> Até que, em 1931, o seu amigo de sinuca Roberto Marinho assumiu a direção do jornal *O Globo* e convidou Mario Filho para trabalhar consigo nesse periódico.<sup>561</sup>

Tal acontecimento dá indícios da boa relação existente entre esses dois personagens, em especial, pelo fato de que *O Globo* já possuía um responsável pela sua página de esportes. Hipoteticamente, é possível acreditar que a atitude de Roberto Marinho foi em solidariedade ao amigo, o qual, além de ir trabalhar no jornal, levou consigo os seus dois irmãos, também incorporados ao quadro de funcionários de *O Globo*.<sup>562</sup>

No início da década de 1930, o jornal *O Globo* dedicava a página 7 às notícias esportivas, retratadas de maneira tradicional, com uma linguagem formal, enfatizando os

---

<sup>558</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noite de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p.93.

<sup>559</sup> Sobre os possíveis fatores que levaram Mario Rodrigues a deixar de trabalhar no Jornal A Manhã, vale a pena cf. SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Op cit.* p. 92-94. CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.43-56.

<sup>560</sup> CASTRO, Ruy. *Op cit.* p.115.

<sup>561</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 314.

<sup>562</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues. *Op cit.* p.97-98

valores elitistas da sociedade.<sup>563</sup> Inicialmente, Mário Filho escrevia na página 8, na qual ele passou a colocar em prática as suas ideias modernizadoras, apresentando iniciativas inovadoras, que modificaram a forma de noticiar e interpretar os acontecimentos esportivos. Buscando subsídios em entrevistas, apresentadas por uma linguagem coloquial, aproximando o homem comum dos textos literários.<sup>564</sup>

Além disso, Mario Filho acabou com a necessidade de um texto único que interligava todos os acontecimentos esportivos. O cronista dividiu as matérias por meio de números arábicos. Passou a valorizar as polêmicas e assuntos marginais que anteriormente eram praticamente desprezados. A disputa travada em torno da página de esportes, entre dois grupos distintos fez com que os recém-chegados buscassem estratégias que lhes assegurasse um lugar de destaque na balança de poder. Mário Filho optou em reinventar o noticiário, para não correr o risco de reproduzir o que seu “adversário” havia feito na página anterior do jornal:

Em lugar de elogios ao comportamento disciplinado e civilizado dos atletas e da platéia ou dos eventos sociais, ou eventuais críticas aos sururus, a seção do jornal abriu espaço para que se emitissem opiniões, emoções e expectativas dos atletas e torcedores, destacando as polêmicas que agigantavam os bastidores dos clubes e a vida privada dos cracks.<sup>565</sup>

É possível acreditar que o jornalista foi buscar nas suas experiências anteriores os subsídios necessários para pôr em prática essas estratégias. Cabe salientar que os jornais dirigidos pelo seu pai sempre apresentaram uma forma invasiva e sensacionalista, de investigar e divulgar os acontecimentos, principalmente, os escândalos envolvendo a alta sociedade carioca.<sup>566</sup>

Pautando-se nessas experiências anteriores, Mario Filho passou a frequentar os locais de treinamentos, tornando-se amigo dos atletas, os quais gostavam de ver suas fotos e nomes estampado no jornal. Ele conseguiu adentrar na intimidade dos jogadores, frequentando suas casas, bares, cafés, enfim, vivendo os bastidores do futebol (algo semelhante fora feito anteriormente pelos repórteres policiais do jornal do seu pai), valorizando o aspecto subjetivo que envolvia os personagens do jogo. Nesse momento, é possível perceber as primeiras aproximações e a valorização do aspecto passional do futebol.

---

<sup>563</sup> JORNAL O GLOBO. Diversos. Rio de Janeiro, jan.-dez. 1930.

<sup>564</sup> Ibid. p.98.

<sup>565</sup> Ibid. p.108.

<sup>566</sup> CASTRO, Ruy. Op cit. p.65-128 passim.



A adesão do público ao novo estilo jornalístico foi tão significativa que levou Roberto Marinho a propor uma parceria a Mario Filho, para comprar um jornal voltado apenas para notícias esportivas. A aquisição do *Jornal dos Sports* (JS), em 1936, possibilitou a Mario Filho fortalecer os seus vínculos de amizade com intelectuais como Gilberto Freyre, que escreveu o prefácio da 1ª edição do livro *O negro no futebol brasileiro* (1947); além de políticos como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que o recebiam em seu gabinete e, por diversas vezes, atenderam às suas solicitações.

Mario Filho só assumiu a direção do *Jornal dos Sports* na década de 1940 e, a partir daí, a linha editorial do periódico seguiu alguns princípios utilizados na página de esportes do jornal *O Globo*. Sobretudo no que se refere à diagramação do jornal, que passou a ser composto por matérias autônomas assinadas por diferentes articulistas de grande capital simbólica, o que proporcionava maior credibilidade às matérias, bem como ao próprio jornal. Essa atitude nos permite aferir a rede de interdependência do personagem, que possuía laços de amizade com intelectuais como: José Lins do Rego, João Lyra Filho, Gilberto Freyre, Inezzil Penna Marinho, Manuel do Nascimento Vargas Neto, Thomaz Mazzoni, entre outros agentes que escreviam de forma sistemática para o *Jornal dos Sports*.<sup>567</sup>

O próprio jornal indica que “Sua distribuição se dá, principalmente, no Estado do Rio de Janeiro e isso faz dele um veículo verdadeiramente carioca”.<sup>568</sup> O que remete a uma questão interessante: Será que ser um jornal verdadeiramente carioca é defender os interesses do esporte/esportistas daquele local? Essa é uma das estratégias adotadas por Mario Filho e, também, por outros cronistas do periódico, que, em várias crônicas expressaram os seus posicionamentos regionalistas, talvez com o propósito de atender às expectativas dos leitores cariocas.

Mario Filho mostrou-se uma pessoa bastante atenta para a realidade que estava a sua volta, pois, percebendo a importância das equipes paulistas e cariocas no desenvolvimento do futebol nacional e na criação de demanda para a mídia esportiva, buscou recuperar o Torneio Rio - São Paulo que há anos estava desativado: “[...] coube a Mário Filho a iniciativa pela criação do Torneio Rio - São Paulo (sic), em 1950, reunindo equipes dos dois estados, e que acirrou ainda mais a rivalidade entre paulistas e cariocas no

---

<sup>567</sup> **Ci. Inf.**, *Jornal dos Sports On Line*. Uma seqüência para a história. Disponível em: <<http://www.jsports.com.br/superman/js/historia.html>>. Acesso em: 20 set. 2005. De acordo com as informações presentes nesta página, a opção para ampliação do jornal sob a forma On Line é para ampliar a divulgação da sua informação com qualidade e credibilidade, não só para o Brasil como para o mundo.

<sup>568</sup> *Jornal dos Sports On Line*. Op cit..

futebol”.<sup>569</sup> A importância dessa rivalidade também foi expressa por empresários paulistas ligados à imprensa esportiva, de acordo com Paulo Machado de Carvalho: “[...] a rivalidade entre paulistas e cariocas fazia bem ao futebol brasileiro, tornava-o menos blasé, mais apaixonante e popular”.<sup>570</sup>

Mario Filho não ficou restrito apenas a essa rivalidade. Ele pode ser considerado um militante das causas esportivas, organizando jogos para crianças e adolescentes, estimulando a participação das torcidas nos estádios de futebol ou se empenhando para que o Maracanã fosse construído antes do início da Copa de 1950. Contudo, ao mesmo tempo em que lutava por tais causas, ele obtinha conteúdo para as páginas do seu jornal, que fazia amplas coberturas nos eventos e nos projetos por ele assumidos.

Os escritores desse periódico foram pessoas que ajudaram a formatar a realidade, legitimando-a e/ou realizando as suas representações. Operando diretamente na interpretação que o torcedor fazia sobre o acontecimento, o que pode ser observado na influência do pensamento de Mario Filho sobre a história do futebol brasileiro. Até poucos anos, os mitos criados por esse literato estavam presentes no imaginário coletivo e eram aceitos como relatos fidedignos.

As construções discursivas presentes no *Jornal dos Sports* são pautadas na ampliação de referentes, possibilitando aos autores estabelecer reflexões sobre a sociedade brasileira a partir da prática do futebol, o que não significa uma redução da sociedade ao fenômeno esportivo, mas uma possibilidade de análise dos discursos intelectuais a partir de um objeto específico, que mantém a sua relativa autonomia, embora precise ser compreendido a partir da relação estabelecida com os outros campos sociais.<sup>571</sup>

Como o selecionado nacional, durante praticamente toda a década de 1950, apresentava dificuldades em transformar o seu futebol bonito, chamado de futebol-arte<sup>572</sup>, em um futebol objetivo, expresso por resultados satisfatórios, Mario Filho buscava destacar o lado estético do futebol nacional, assim como fizera Gilberto Freyre na década

<sup>569</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional** em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p. 129.

<sup>570</sup> Neste episódio o árbitro da partida marcou um penalty duvidoso a favor da equipe carioca e os jogadores paulistas, liderados pelo crack da equipe “Feitiço” resolveu tirar a equipe de campo. Mesmo com a intervenção do presidente da república, os jogadores se recusaram a voltar para o campo de jogo. Cf. CARDOSO, Tom; ROCKANN, Roberto. **O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol**. São Paulo: A Girafa, 2005. p. 58.

<sup>571</sup> Sobre a questão da relativa autonomia dos campos sociais, vale a pena cf. BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.55-56.

<sup>572</sup> Uma boa discussão sobre literatura e a visão do futebol arte brasileiro, foi desenvolvida por MANHÃES, Eduardo. **João sem medo – futebol-arte e identidade**. Campinas/SP: Pontes Livros, 2004.

de 30. Tal atitude ampliava o foco de suas crônicas e remetia à necessidade da criação de heróis, como forma de manter viva a esperança dos torcedores brasileiros:

NÃO se pode evitar a idolização de um jogador ou a personificação de uma vitória. Mas nem isso altera o verdadeiro interesse do jogador que é o conjunto das melhores virtudes dos que o formam. [...] Não se pode transformar um Dida em um Didi ou vice-versa. É indispensável para o rendimento máximo do scratch que cada jogador ao ter de passar uma bola passe-a para por em funcionamento as melhores virtudes de quem vai recebê-la. As circunstâncias dos matchs criam os seus heróis. Mas num campeonato do mundo a melhor maneira dum jogador pensar em si mesmo é pensar no scratch. Se o Brasil for campeão o título se dividirá entre os que o conquistaram.<sup>573</sup>

Valorizar as virtudes do homem brasileiro era algo constante em suas crônicas, nas quais o literato falava da existência de jogadores esforçados, dedicados, mas que não tinham vocação para *cracks*, assim, como, outros jogadores se tornaram protagonistas das grandes decisões. Observando a forma com que os fatos eram apresentados, talvez fosse mais prudente dizer que não foram somente as circunstâncias do jogo que fizeram os heróis, mas, principalmente, os interesses/necessidade de quem estava relatando-o. Pois o herói é uma construção literária e, como toda a construção, ele vem carregado de interesses ideológicos. Como expõe Rúbio, não é apenas a disputa que faz o atleta se identificar com o herói, mas a sua trajetória, sobretudo o caminho trilhado para ele alcançar o sucesso.<sup>574</sup>

As crônicas de Mario Filho, muitas vezes, eram construídas como partes de uma história pré-estabelecida, que ajudavam a reforçar um projeto de identidade nacional. Na sua concepção, o futebol era um dos poucos espaços sociais em que o brasileiro se unia em torno de um objetivo comum e, também, era através dele que se tornava possível observar os seus sentimentos sinceros. Algo que ele destaca, ao tratar da seleção brasileira que realizou um amistoso na Europa, em 1957:

A verdade é que o torcedor brasileiro não se identificou em nenhum momento, com a seleção que andou pela Europa. Então senti, definitivamente, que o que estava em andanças pela Europa não era o futebol brasileiro, e sim a seleção da C.B.D. Talvez se diga que toda seleção brasileira de futebol que veste a camisa da C.B.D. e é, portanto da C.B.D. Mas quando a gente aceita a seleção ela deixa de ser da C.B.D. e passa a ser, irremediavelmente do Brasil. Irremediavelmente porque se uma vitória dela alegra a gente, faz a gente feliz, orgulha a gente, uma derrota atira a gente na maior depressão. Vem com ela, com a humilhação, não esportiva mas humilhação, a infelicidade completa. É a história da identificação que não houve. O scratch não chegou a ser brasileiro, embora

<sup>573</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Os donos da vitória. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1958. p.6.

<sup>574</sup> RUBIO, Katia. **O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001. p. 99.

fosse oficialmente, com todos os documentos em ordem. Quem faz um scratch brasileiro ou não, não é a C.B.D., é a gente, que ou cobre com a bandeira nacional ou não cobre.<sup>575</sup>

O autor chama a atenção para o fato de que apenas o pertencimento geográfico não é suficiente para que a identidade seja criada. Segundo aquele, o sentimento é fundamental para a consolidação identitária e isso, muitas vezes, apresenta uma relação direta com os resultados positivos. Entretanto, como Antonio Candido já havia dito, para compreender uma mensagem é necessário pensar no contexto em que ela foi emitida. Nesse sentido, verifica-se que essa crônica foi escrita quando Mario Filho declarou guerra à CBD, que estava às vésperas de uma nova eleição presidencial, mas que, acima de tudo, de acordo com o cronista, estava dando muita abertura aos dirigentes paulistas.

Assim, não se trata somente da não identificação do torcedor pelo selecionado nacional, mas, em especial, de uma estratégia de desqualificação do cronista ao mostrar que no futebol as coisas não devem ser impostas, pois elas são determinadas pelos sentimentos dos torcedores, que, neste caso, renegaram a equipe formada. Todavia, interessante é a forma com que o articulista construiu a sua narrativa, partindo de um referente empírico que lhe permitiu criar um exemplo do processo de formação da identidade por meio do futebol.

As crônicas de Mario Filho constantemente fomentavam polêmicas. Inúmeras vezes, isso aconteceu entre os próprios literatos do *Jornal dos Sports*, que apresentavam posicionamentos conflitantes sobre uma determinada temática. Hipoteticamente, pode-se acreditar em duas possibilidades: 1) as polêmicas internas eram mais uma das estratégias desse articulista e empresário, visando garantir a atenção dos leitores; 2) o *Jornal dos Sports* era realmente um periódico democrático, em que os articulistas tinham liberdade de expressão, independente do posicionamento adotado.

Um exemplo das polêmicas que circulavam nas páginas do periódico, pode ser acompanhado pela discussão travada entre Mário Filho (proprietário do jornal) e Vargas Netto (um dos cronistas mais antigos e conceituados do jornal), ao tratarem da questão da aceitação da Loteria Esportiva:

Quando a prefeitura quis fazer o concurso esportivo municipal, que foi a única fórmula encontrada para realizar o programa de auxílio elaborado pela comissão de planejamento, houve uma gritaria de

---

<sup>575</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A seleção da C.B.D. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 19 de maio de 1957.

todos os setores alheios. [...] agora querem fazer algo semelhante baseado no Tocalcio, onde os clubes praticamente não terão retorno.<sup>576</sup>

Mario Filho não aceitou o fato de há anos atrás, não ser permitido que a prefeitura explorasse financeiramente o futebol carioca, mesmo com os inúmeros benefícios que ela oferecia aos clubes. Entretanto, de acordo com o discurso desse cronista, após ter passado algum tempo, foram trocadas algumas pessoas que estavam à frente dos órgãos públicos legislativo, executivo e, também, das organizações esportivas. Os novos responsáveis definiram que essa prática de apostas poderia auxiliar o futebol brasileiro. Posicionamento que contou com o apoio de Vargas Netto, que ao ser criticado responde:

Não gostei positivamente do artigo de Mario Filho, sobre a implantação do jogo baseado nos resultados da partida de football. Não há quem não saiba que se isso não existe legalmente no Brasil, funcionando desde o governo Vargas, fui eu quem atralhei. [...] em minha humilde pessoa, por me opor sempre a implantação desse corrosivo moral no seio do desporto. Não houve argumento bastante forte para me convencer da utilidade da iniciativa ou da falta de nocividade do empreendimento.<sup>577</sup>

Claramente, o cronista se contrapõe ao posicionamento do dono do jornal, mostrando que, na sua concepção, a “loteria esportiva” era um instrumento perigoso para ser aplicado na pouco transparente estrutura do futebol brasileiro. Vargas Netto apresenta uma clara preocupação com a possibilidade de fraudes na realização das partidas. Posicionamento instigante por partir de alguém que, por muito tempo, presidiu a Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro. Ou seja, um indivíduo que conhecia a forma de gerenciamento do futebol naquele estado. Contudo, na edição do dia seguinte, Mario Filho argumenta:

A oposição de Vargas Netto ao Concurso Esportivo Municipal tinha de ser olhada como um caso especial. Ele sempre fora contra a Loteria Esportiva, temeroso de que ela poderia influir de modo maléfico nos costumes, não muito rígidos do esporte brasileiro. E era tão sincero que podendo a loteria esportiva usá-la para dar ao Conselho Nacional de Desportos uma força irresistível, não só pelo poder econômico, como pelos benefícios ao esporte, construindo estádios, ginásios [...].<sup>578</sup>

O debate aponta indícios sobre o nível de liberdade que o cronista apresentava para expor o seu posicionamento pelas páginas do *Jornal dos Sports*. Mário Filho finaliza a polêmica dizendo que respeitava o ponto de vista de Vargas Netto, mas que, para ele, não

<sup>576</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Da grita ao silêncio. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1957. O Tocalcio era uma espécie de loteria esportiva, realizada na Itália.

<sup>577</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. A indecência e a ofensiva. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1957. p.5.

<sup>578</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Razões de uma estranheza. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1957. p.5

estavam claros os motivos que levaram o governo carioca a liberar a realização da loteria esportiva, em especial, por ela não trazer os mesmos benefícios propostos anteriormente para o futebol do estado. Além do posicionamento tenso entre os cronistas, essa crônica apresenta um dos poucos episódios no qual o escritor realiza algum tipo de crítica ao governo, pois a postura do *Jornal dos Sports*, normalmente, era de apoio incondicional e irrestrito às decisões tomadas pelo Estado.

Por inúmeras vezes, localizou-se nas páginas do periódico carioca um esforço para estimular a disputa, buscando explorar o caráter conflituoso do esporte. A paixão pela seleção nacional – se torna correspondente da paixão pelo país – e a insatisfação com a derrota ou o desejo de vitória, não eram vistos como elementos negativos, mas utilizados para criar um clima de suspense necessário à formação de representações místicas em torno do futebol.

Os principais temas abordados por Mário Filho, nas crônicas em que ele trata do selecionado nacional que disputou a Copa do Mundo de 1950, apontaram para as várias faces do brasileiro. Destacando-se o individualismo, a humildade, o complexo de ser brasileiro e o orgulho pela vitória, que ainda não havia acontecido. Características que eram tensionadas pelo posicionamento passional do cronista e pela tentativa dos dirigentes de tentar superar o subdesenvolvimento, a fim de chegar à modernidade.

A formação intelectual de Mario Filho apresenta uma grande influência da mentalidade nacionalista que imperava no Brasil dos anos 30 e 40 – principalmente nos projetos ideológicos desenvolvidos por Gilberto Freyre, o qual acreditava que a cultura seria o meio mais eficiente para que as pessoas de cor tivessem acesso ao projeto de modernidade brasileiro. O futebol foi um dos temas privilegiados por esse intelectual ao analisar a questão da autenticidade brasileira, servindo de exemplo empírico para que ele pudesse justificar a sua tese de que, em uma sociedade conflituosa como a brasileira, a miscigenação decorrente do convívio harmonioso entre diferentes raças, resultou em um novo *ethos*, expresso na figura do mulato.<sup>579</sup> De acordo com Ribeiro, Freyre foi:

Herdeiro de uma tradição elitista que buscava na miscigenação a identidade do homem e da nação brasileira. Foi um dos principais construtores do imaginário coletivo que legitimou e preservou uma modernização conservadora, fundada em passado patriarcal e escravocrata. Freyre é um homem do seu tempo e esta marcado pela permanência da tradição patriarcal escravista.<sup>580</sup>

---

<sup>579</sup> FREYRE, Gilberto. Raça e Cultura. Folha de Minas: Belo Horizonte, s/d. disponível em [http://bvfgf.fgf.org.br/português/obra/aritgos\\_imprensa/raça\\_cultura.htm](http://bvfgf.fgf.org.br/português/obra/aritgos_imprensa/raça_cultura.htm). Acesso em 10 de março de 2008.

<sup>580</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. Civilização e cordialidade – Norbert Elias e Gilberto Freyre: diálogos de um processo. **Anais do IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador: Tecnologia e Civilização**. Ponta Grossa, 24 a 16 de novembro de 2005.

Como participante do debate intelectual que buscava reorganizar a sociedade brasileira, a partir do processo de modernização que se impunha nas primeiras décadas do século XX, o mulatismo de Freyre revela a capacidade do homem brasileiro em se adaptar, integrando-se e aculturando-se. Algo que foi expresso através de personagens como Leônidas da Silva, que representava o jeito singular do futebol e da cultura brasileira. Apesar da grande diferença de desenvolvimento social, cultural e tecnológico que separava o Brasil dos países desenvolvidos, Freyre mostrou que os bons resultados da seleção brasileira de 1938 foram decorrentes do potencial de uma civilização mestiça.<sup>581</sup>

Esse enfoque pode ajudar a situar o sentido do discurso realizado por Mario Filho no processo de tentativa de modernização da sociedade brasileira, nos anos de 1950. Contudo, cabe salientar que a questão racial praticamente não foi abordada por esse autor nas crônicas do *Jornal dos Sports*. No entanto, foi o objeto central do seu livro clássico *O negro no futebol brasileiro*, publicado pela primeira vez em 1947<sup>582</sup> e que teve o prefácio escrito por Gilberto Freyre. Esse livro ganhou uma segunda edição em 1964, sendo complementada por mais dois capítulos.<sup>583</sup>

Em ambos os casos, a obra foi escrita a partir da compilação de uma série de histórias obtidas pelo autor por meio de conversas com jogadores, torcedores e cartolas, além das suas próprias memórias, transcritas com base na sua experiência ficcional.<sup>584</sup> Partindo-se de uma leitura ideológica da tese de Gilberto Freyre, o autor buscou apresentar a ideia de que no Brasil o racismo havia sido superado graças aos feitos heróicos dos negros que, através do futebol, estavam socialmente inseridos e conseguiram prestígio social.<sup>585</sup> Esse discurso da vitória racial, na representação do mito de um Brasil moderno, disfarçou a falta de espaço e de liberdade política dessa população que, desorganizada, ficava à margem da modernização institucional realizada em setores econômicos, social e cultural do país.

A metodologia utilizada por Mario Filho na produção do seu livro, a falta de indicação das fontes consultadas, o estilo literário apaixonado/envolvido e, sobretudo, a forma com que o livro foi estruturado, com base em três situações básicas: 1 – a segregação e o racismo; 2 – a resistência; 3 – a integração social e a vitória do negro

<sup>581</sup> SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo (et al). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001-b. p.14-15.

<sup>582</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1947.

<sup>583</sup> Ibid. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1964.

<sup>584</sup> A primeira edição deste livro é de 1947, a segunda edição é de 1964, a terceira é de 1994 e a quarta 2003.

<sup>585</sup> Soares vai identificar como sendo a leitura de um freyrismo popular, o que erroneamente reduziria o pensamento de Freyre a idéia de que no Brasil não havia racismo. SOARES, Antonio Jorge. Op cit. p.15.

mostram que esse livro apresenta fortes características de um romance literário e/ou sociológico.<sup>586</sup>

Tais classificações se sustentam no fato de que Mario Filho criou um cenário de sofrimento, luta e, ao final, destacou a vitória do personagem perseguido por todos, mas que, graças às suas forças, conseguiu superar os problemas e se tornar um herói. Para Mario Filho a Copa do Mundo de 1950 era o momento que coroaria o homem de cor, pois, na sua concepção, o futebol brasileiro havia se tornado dependente dos jogadores negros: “daí a gratidão de tanto branco, por um mulato ou preto que ganhava um jogo ou campeonato. O amor pelo clube transferia-se para os que o defendiam em campo, independentemente da cor”.<sup>587</sup> Partindo-se de algumas imagens, o autor cria uma representação da modernização conservadora brasileira, estabelecida a partir da síntese de conciliação das forças de modernização, expressas pela aceitação social do negro, e da conservação, representada pela desconfiança das pessoas de cor, bem como por formas mais amenas de racismo.

O futebol é apresentado como um meio de mobilidade social e econômica para os negros no Brasil, algo que, na primeira edição do livro, o autor indica que havia sido superado. Entretanto, ao ampliar a sua análise através da segunda edição, Mario Filho apresenta dois novos capítulos, que seguem o mesmo estilo literário da primeira edição, fornecendo indícios de uma possível atualização dos acontecimentos. O problema é que, na primeira edição, o autor finaliza o livro indicando que a questão racial estava resolvida no Brasil. Paradoxalmente na segunda edição, ele mostra que, a partir dos acontecimentos da final da Copa do Mundo de 1950, principalmente após a derrota na partida final para o Uruguai, em que os jogadores Barbosa, Juvenal e Bigode – todos negros – foram considerados culpados pelo resultado. Para o autor, isso era a prova de que o racismo ainda permanecia na sociedade brasileira.<sup>588</sup> A forma tendenciosa com que Mario Filho estrutura a segunda edição é ressaltada por Soares:

As supressões de segmentos de texto da primeira edição sobre a realização final da democracia racial poderiam ser interpretadas como uma releitura de Mario Filho sobre o racismo brasileiro. Entretanto, se mergulharmos nos novos capítulos, veremos que as supressões apenas apagam o triunfo da democracia racial e o final feliz do herói negro em 1947, impondo-se-lhe novos danos e provações para se anunciar o triunfo final na edição de 1964.<sup>589</sup>

<sup>586</sup> Cf. SOARES, Antonio J. op cit ver também CAPRARO, André Mendes. Op cit.

<sup>587</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. 2003. p.281.

<sup>588</sup> SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Rio de Janeiro, UGF, PPGEF. Tese de doutorado. 1988. p.46-48. passim.

<sup>589</sup> SOARES, Antonio Jorge. Op cit. 2001-b. p.11



Comungamos com as críticas estabelecidas por Soares a esse autor, essencialmente no que se refere à forma com que Mario Filho prepara os acontecimentos para encadeá-los em sua história, que já estava pré-estabelecida. A análise das crônicas e dos jornais dos seis meses que seguem a derrota brasileira, acontecida em 16 de julho de 1950, não relaciona a cor do jogador ao fracasso da equipe brasileira. A culpabilidade do negro reaparece na segunda edição de *O negro no futebol brasileiro*, deixando indícios para se acreditar que essas críticas partiram do próprio Mario Filho, como estratégia para valorizar os feitos dos jogadores negros. O autor criou inicialmente um cenário de adversidades para, mais tarde, transformar os jogadores negros em heróis, fato este consolidado em 1958, quando o Brasil vence a Copa do Mundo da Suécia e os cronistas do *Jornal dos Sports* elegem Pelé e Garrincha como símbolos do sucesso brasileiro.

De acordo com as representações de Mario Filho, o futebol era visto como um sistema simbólico que permitia cultivar o orgulho nacional em torno de ideias e práticas tradicionais forjadas em um discurso de democracia racial. O livro apresenta um conteúdo significativo a respeito do clima de uma época, principalmente, sobre a leitura que um grupo de indivíduos de uma determinada configuração fez sobre a sociedade e, como formadores de opinião, buscaram influenciar o imaginário dos seus leitores, por meio da criação do mito de sucesso dos negros na sociedade brasileira – inicialmente como os principais jogadores dos seus clubes e, depois, como os protagonistas das principais conquistas do selecionado nacional.

Entende-se que a postura crítica de Soares foi de extrema importância para os cuidados metodológicos necessários ao se trabalhar com a obra de Mario Filho, que, durante muito tempo, foi vista como a única referência possível para a compreensão do futebol brasileiro. Como o próprio pesquisador destaca: “Mas, poder-se-ia perguntar, que problemas haveria em usar Mario Filho como fonte de fatos e interpretações da história do futebol brasileiro? De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras”.<sup>590</sup>

Soares não nega a validade da obra desse autor, mas apresenta a necessidade de se tomar cuidado com os mitos que foram criados. A tese de Mário Filho envolveu muitos pesquisadores das Ciências Sociais / Humanas, que acabaram reproduzindo e atualizando os seus mitos. Talvez pela forma sedutora de um discurso politicamente correto e/ou pela comodidade em não realizar um trabalho minucioso com as fontes da época, as ideias de

---

<sup>590</sup> SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo (et all). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 14.

Mario Filho passaram a figurar no meio literário e acadêmico como sinônimo de verdade e, durante algum tempo, foram vistas como fatos quase inquestionáveis.

O discurso de Mario Filho foi produzido em um momento em que, o espírito predominante entre as elites dirigentes e os intelectuais era de reordenamento e reestruturação social. O literato defende a tese de um Brasil moderno, representado a partir da ideia de aceitação do negro que, ao se tornar vitorioso, ascende socialmente e passa a ser visto como uma pessoa normal, superando barreiras que lhe foram atribuídas a partir da nossa tradição colonial.

Essa imagem da realização da nação por meio do futebol foi um discurso estruturado para subsidiar um projeto de afirmação da identidade nacional mestiça. O resultado dessa representação era constantemente tensionada pelas inúmeras contradições presentes na sociedade brasileira, principalmente no que se referia ao papel atribuído à população negra do país. Autores como Renato Ortiz e Marcos Napolitano mostram que, para grande parte da intelectualidade local, os negros e mestiços eram vistos como motivo de vergonha.<sup>591</sup>

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento; é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade e, no caso das crônicas do selecionado nacional de futebol, elas eram utilizadas para estabelecer a diferença.

Não obstante, Mario Filho e o seu irmão Nelson Rodrigues, por diversas vezes, apresentaram uma realidade totalmente diferente da expressa pelos intelectuais. Para este, os negros se tornavam figuras valorizadas, que ganhavam novas feições a partir dos adjetivos por ele utilizados, como o “Príncipe Etíope” e o “Rei Pelé”.

Nelson Falcão Rodrigues, ou apenas Nelson Rodrigues como ficou conhecido no mundo literário, nasceu em Recife, no ano de 1912 e morreu no Rio de Janeiro, em 1980. Foi o quinto filho dos catorze que o casal Maria Esther Falcão e o jornalista Mário Rodrigues Falcão tiveram. A vida da família Rodrigues contribuiu para que Nelson tivesse uma admiração muito grande por seu irmão, pois, nos momentos mais difíceis, foi Mario Filho quem o ajudou. E isso parece ter marcado a trajetória do cronista em questão.

---

<sup>591</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003. NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.

A importância da produção literária desse autor pode ser percebida pelo número significativo de trabalhos que se voltam para a sua análise.<sup>592</sup> Como bem salientou Antunes, “Talvez sem perceber ou mesmo sem pretensão de formular teorias sobre o assunto, Nelson construiu uma interpretação da brasilidade pelo futebol”.<sup>593</sup> Concordamos com a autora, pois, ao acompanharmos a produção desse escritor, pudemos perceber que, diferente do seu irmão que apresenta uma preocupação em ajudar na resolução dos problemas sociais, Nelson Rodrigues escreve sobre esporte muito mais por diletantismo e, principalmente, para complementar a sua renda financeira.<sup>594</sup>

A biografia escrita por Ruy Castro mostra que o cronista iniciou sua carreira de jornalista aos treze anos de idade, cuja trajetória esteve ligada à família e, em especial, à atuação do seu irmão Mario Filho. Em última instância, as suas crônicas serviam para ampliar o alcance da concepção de futebol estabelecida por Mario Filho. O diferencial nos textos de Nelson era a valorização do drama (teatralização) no futebol. Pode-se, considerar que Nelson Rodrigues acrescentou emoção às ideias expostas pelo seu irmão, o que contribuiu significativamente para a permanência de muitos dos mitos criados.<sup>595</sup> O próprio Nelson fazia questão de destacar sua posição de seguidor e admirador incondicional do irmão:

[...] Teria que falar também do escritor. Sempre declarei que Mario Filho era a minha grande admiração literária. Na minha opinião, ele é maior que todos os outros. Se Deus entrasse na minha sala e perguntasse: – “Você queria escrever como Guimarães Rosa ou Mario Filho”, eu responderia, de frente alta: – “Mario Filho, mil vezes Mario Filho.”<sup>596</sup>

Além da influência do irmão, Nelson Rodrigues teve uma vida marcada por acontecimentos pessoais trágicos, que afetaram diretamente suas produções literárias, bem como sua forma de ver o mundo. Ainda durante a adolescência, teve que conviver com a perda do jornal do seu pai, durante a revolução da década de 1930, quando, também, morreram seu irmão Roberto e seu pai. Nessa mesma época ele contraiu tuberculose, tendo

<sup>592</sup> Entre os estudos produzidos recentemente sobre este autor vale a pena conferir: MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: EDUC, 2000. VOGEL, Daisi. **Uma leitura do tempo e do espaço na obra de Nelson Rodrigues**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1997. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999.

<sup>593</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. Op cit. p210.

<sup>594</sup> A respeito da vida de Nelson Rodrigues, vale a pena conferir: CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>595</sup> SOARES, Antonio Jorge. Op cit. p. 13-50.

<sup>596</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O admirável Mario Filho. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1969. p.11.

que passar por prolongados internamentos na cidade de Campos do Jordão. A doença lhe traria algumas sequelas, entre as quais a perda de 30% da visão. De acordo com Ruy Castro, por uma questão de vaidade ele não aceitava usar óculos, o que resultava em grandes dificuldades em assistir as partidas de futebol nos estádios. Por isso, ele sempre tomava o cuidado de ter alguém ao seu lado conversando/narrando o jogo:

“Via vultos correndo pelo campo e só fazia uma idéia do que estava acontecendo porque as torcidas têm um código coletivo, de uhs e ohs, além de gritos de gol. Impressionante é que isso nunca o tenha impedido de ir ao futebol e, durante muitos anos, escrever e falar sobre ele”.<sup>597</sup>

Assistir ao jogo não era problema para Nelson Rodrigues, pois, segundo ele, no jogo de futebol o pior cego era aquele que só via a bola. Para esse literato, o futebol era um meio de retratar os problemas da sociedade brasileira, o que fica claro se observada a narrativa do jornalista Geneton Moraes Neto, ao entrevistar o literato na sua casa, no Leblon, em 1978.

De acordo com Moraes Neto, a entrevista foi marcada no dia do jogo entre Brasil e Peru,<sup>598</sup> fato que surpreendeu o jornalista, levando-o a acreditar que havia errado a data ou horário da entrevista, pois, como poderia o então consagrado Nelson Rodrigues deixar de assistir a um jogo do selecionado para atender a um desconhecido jornalista, que escrevia para *O Globo* (jornal em que o cronista já havia trabalhado). Para a surpresa de Geneton, tudo estava correto e ele fora bem recebido ao chegar à casa do entrevistado. Ainda assim, o entrevistador se propôs a voltar outro dia para não atrapalhar o acompanhamento do jogo:

Teatral, Nelson Rodrigues repousa a mão sobre o peito, como se sugerisse uma pontada no coração. Olha para a televisão e pede a mulher. Tirem o som desse aparelho! O Brasil me faz mal! O Fluminense me faz mal! A mulher e a irmã de Nelson riem da cena teatral. Hiperbólico, exagerado, o homem é uma fábrica de tiradas dramáticas.<sup>599</sup>

Após a encenação, a entrevista teve início e se desenvolveu normalmente, até que o cronista, com muita naturalidade, perguntou ao entrevistador com quem o Brasil estava jogando. Questionamento capcioso que indica duas possibilidades: 1) o descaso do autor, por se tratar de uma partida amistosa – cabe, no entanto, salientar que compareceu ao

<sup>597</sup> CASTRO, Ruy. Op cit. p.150.

<sup>598</sup> Esta foi uma partida amistosa, realizada no Maracanã, servindo como preparação do selecionado para a Copa do Mundo a ser realizada na Argentina. O Brasil venceu este jogo por 3 a 0.

<sup>599</sup> MORAES NETO, Geneton. Cenas de um encontro com um gênio chamado Nelson Rodrigues: ao cretino fundamental, nem água. Disponível em <<http://www.geneton.com.br/archives/000012.html>>. Acesso em 10 fevereiro de 2008.

Maracanã um público pagante de 145.200 pessoas, servindo de indicativo da importância do jogo para os torcedores; 2) o literato teria buscado perceber qual era o nível de conhecimento do seu entrevistador sobre o futebol nacional.

Diante dos acontecimentos apresentados por Moraes Neto, a primeira possibilidade ganha maior consistência. Principalmente pelo fato de que, após o Brasil realizar o primeiro gol, Nelson Rodrigues comentou que os jogadores brasileiros eram maravilhosos e pediu a sua esposa que desligasse a televisão, permanecendo o aparelho nessa situação até o fim da entrevista. Ao término desta, Geneton ficou bastante intrigado, sobre o que o entrevistado escreveria na sua crônica do dia seguinte ao jogo. Ao comprar o jornal, pôde conferir as seguintes palavras:

[...] Vejam vocês como o futebol é estranho – às vezes maligno e feroz. Mas não quero ter fantasias esplêndidas. O jogo Brasil X Peru, ontem, no Mario Filho, não assustou a gente. Diz o João Saldanha: “O Brasil fez seu jogo, jogo brasileiro”. Vocês entendem? Não há mistério. O brasileiro é assim. Quando um de nós se esquece da própria identidade, ganha de qualquer um. Outra coisa formidável: na semana passada, um craque nosso veio me dizer: “Nelson, é preciso que você não se esqueça: ao cretino fundamental, nem água”. O jogo foi lindo.<sup>600</sup>

Esse fragmento de crônica mostra o conteúdo generalista abordado pelo literato, o qual não dependia do placar do jogo, que na sua visão ficaria para os idiotas da objetividade, pois, para ele, o futebol era pautado nos sentimentos e regido pela fantasia. Independente do resultado, o que poderia ser transformado era a tônica do discurso, em que, em alguns momentos, o brasileiro conseguia ser ele mesmo (entenda-se: conseguia ser o modelo idealizado pelo autor) e ninguém conseguia vencê-lo. Mas, quando havia algum tipo de influência externa, o brasileiro não conseguia uma boa atuação e, aqui, autores como Mario Filho, Nelson Rodrigues e João Lyra Filho apresentavam inúmeros fatores que, supostamente, influenciaram no resultado do jogo. Como veremos a frente, esse procedimento criou uma verdadeira cultura da desculpa.

Nelson Rodrigues reiterava constantemente, em suas crônicas, que um cronista que apenas relata o acontecimento tenderia a se tornar um profissional sem sucesso. Para ele, o fato deveria ser transformado para que atendesse, ou quem sabe criasse, às expectativas necessárias ao leitor: “Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação”.<sup>601</sup>

<sup>600</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Ao cretino fundamental nem água. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 1978. p.11.

<sup>601</sup> CASTRO, Ruy. O passarinho. In: RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Companhia das Letras: São Paulo, 2002. p.11-12.

É importante salientar que estamos tratando de um momento em que a televisão não está presente no cotidiano do campo esportivo. Tal fato é significativo na medida em que a mídia esportiva sobrevive fundamentalmente da criação da emoção, que até o final da década de 60 era expressa em tempo real pelo rádio, cabendo aos jornalistas e, principalmente, aos literatos fazer o comentário do jogo através da crônica, que seria lida no jornal do dia seguinte. Para este autor, o que deveria prevalecer sempre era a paixão, no seu caso, a paixão que sentia pelo seu país, o que o levava a criticar os seus colegas de profissão que admiravam outras nações:

[...] alguns cronistas patricios entoavam um verdadeiro canto de autonegação. Eles clamavam em suma, o seguinte: - os húngaros eram divinos e os nossos quase uns pernas-de-pau. Já era a humildade brasileira que se desfraldava em Berna, com o escândalo de uma manchete... Hoje, nós sabemos o seguinte: - existem duas Hungrias. Uma retocada, idealizada, divinizada, que só funciona na imaginação de alguns cronistas e locutores brasileiros; outra, verdadeira, fidedigna, que podia ter apanhado do Brasil, como apanhou da medíocre Alemanha [...].<sup>602</sup>

Nelson Rodrigues era capaz de atribuir o favoritismo desta equipe à imaginação de cronistas como Armando Nogueira, frequentemente mencionado em suas crônicas, normalmente através da frase: “A seleção húngara do Armando Nogueira”, que ele utilizava para mostrar que essa seleção quase imbatível era uma construção dos nossos cronistas, os quais não valorizavam o futebol nacional e, por consequência, o nosso país.

Esse cronista não considerou o fato de que, durante a sua preparação para a Copa do Mundo de 1958, a seleção húngara venceu a Inglaterra, em pleno estádio de Wembley, por 6 a 3 e em Budapeste por 7 a 1. Além do que, desde a conquista dos Jogos Olímpicos de 1952, a equipe não perdera para mais ninguém, chamando a atenção para o fato de que, em todas as partidas disputadas, a equipe húngara fez pelos menos dois gols, nos primeiros quinze minutos de jogo. Posteriormente, descobriu-se que eles foram os pioneiros em utilizar o aquecimento para os jogadores antes da partida, fazendo com que seus atletas já entrassem em ritmo de jogo, enquanto os adversários passariam pelas modificações fisiológicas normais da prática do exercício físico.<sup>603</sup>

De acordo com Nelson Rodrigues, nada disso era importante. As suas crônicas serviam como um meio para expressar o seu pensamento livre, algo que pode ser verificado nos diferentes periódicos em que ele trabalhou, na década de 1950. Uma simples leitura de suas crônicas, presentes na *Manchete Esportiva*, no *Jornal dos Sports* ou no jornal *Última Hora*, revela que o autor mantinha o mesmo estilo de escrita, não adequando

<sup>602</sup> RODRIGUES, Nelson. A ex-invicta. **Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 26 mai.1956.

<sup>603</sup> SANTOS, Nilton. *Op cit.* p. 70-71.

o seu texto a um público específico, tampouco limitando a sua imaginação para atender aos editoriais dos periódicos. Para ele, o mais importante parecia ser o prazer de escrever sem precisar apresentar compromisso com a verdade.

A sua criatividade e, principalmente, o seu estilo de narrativa foram fundamentais para que ele se tornasse um dos principais cronistas esportivos do país. A partir de meados da década de 1950, Nelson Rodrigues passou a ter uma coluna fixa no *Jornal dos Sports* (escrevendo por 11 anos neste), sob o título de *Nelson Rodrigues dá Bom Dia*, o qual, na década de 60, mudou para *Futebol e Gente*. Ainda na década de 50, ele também escreveu crônicas esportivas, para o jornal *Última Hora* na coluna *Nelson Rodrigues fala*. De 1955 a 1959, escreveu na revista *Manchete Esportiva*, na qual, em 1957, lançou a coluna *Meu personagem da Semana*, a partir de 1962 passou a escrever para o jornal *O Globo*, na coluna *A sombra das chuteiras imortais*, a qual ele escreveu até 1970.

A importância de Nelson Rodrigues como cronista esportivo ocorreu somente após a sua morte, fato que deve ter sido influenciado pela sua pouca militância com a política esportiva, pois seu envolvimento foi fundamentalmente com o campo literário. Ele dedicou grande parte dos seus esforços ao teatro nacional, em que ficou conhecido como o pai do teatro moderno brasileiro. No limite, pode-se dizer que o autor se dedicou ao teatro na mesma intensidade que seu irmão, Mario Filho, se dedicou aos esportes.

Mesmo como escritor de peças teatrais, Nelson Rodrigues vivenciou constantes crises, decorrentes, em especial, do conteúdo presente em seus espetáculos. Na sociedade brasileira das décadas de 1940, 50, 60 e 70, temas como adultério, traição, racismo, estupro, homossexualidade, violência doméstica, vulgaridade sexual, não eram bem aceitos. Mesmo em áreas de vanguarda, como a literária ou a teatral, o grupo conservador predominava.

Suas crônicas apresentam uma aproximação com a dramaturgia (teatro), sendo expresso de forma poética. Ele utiliza uma linguagem popular (contrário de erudito), criando um caráter funcional através de exemplos vivenciados no cotidiano, de onde ele retira as imagens que darão suporte aos seus argumentos: “[...] ficamos impressionadíssimos com o aguaceiro e a ventania. E, no entanto, a burrice causa estragos muito piores e espetaculares”.<sup>604</sup>

O início da sua crônica se dava sempre com a palavra “amigos”, como se fosse uma espécie de conclamação aos seus leitores, e, a partir daí, ele mantém um diálogo

---

<sup>604</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A batalha da burrice. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 07 de maio de 1962.

persuasivo, revelando certa intimidade e confiança no destinatário.<sup>605</sup> As crônicas desse autor são marcadas pela multiplicidade de sentidos, fator fundamental para quem escreve a crônica jornalística, pois é necessário criar as imagens para o leitor. Cabe salientar que a crônica futebolística sobrevive da emoção, que Nelson Rodrigues aprendera com o teatro, pois, para ele, a vida era um drama que podia ser expresso no palco, na rua ou no campo de futebol.

Uma das características centrais da crônica desse literato é a utilização de metáforas como uma forma de transferência do sentido da palavra, não na sua forma denotativa, mas na relação que se torna possível estabelecer através do efeito de sentido: “Ainda anteontem ele deu uma corridinha de coelhinho de desenho animado e despejou uma bomba antológica”<sup>606</sup>. A primeira imagem é a de um personagem de desenho infantil, que se desloca com velocidade e suavidade, a qual é contrastada com uma metáfora que representa um chute muito forte. É importante perceber que uma bomba tem um significante de algo muito forte que pode explodir, causando consequências destruidoras, mas tudo isso não é suficiente para o autor, que ainda adiciona o adjetivo “antológica”, utilizando um sentido incomum que intensifica ainda mais a potência do chute. A metáfora destaca os sentidos, quebrando a linearidade do texto e criando imagens completamente inusitadas.

Assim como o seu irmão Mario Filho, esse articulista também não atribui importância ao planejamento modernizador utilizado no selecionado brasileiro de 1958. Os cronistas do *Jornal dos Sports* atribuem maior valor aos esforços individuais, reforçando o mito da genialidade brasileira, expresso através de jogadores como Pelé e Garrincha, eleitos como símbolos de um Brasil vitorioso. Em última instância, atualizando o mito apresentado na década de 1930, por Gilberto Freyre, ao eleger Leônidas como marco fundador da astúcia, da ginga, da capoeiragem, da malandragem, que fazia parte do futebol miscigenado brasileiro – o que ele repete em 1958, com a figura de Pelé, que se tornou um dos símbolos do novo homem brasileiro.

Uma visão diferente da apresentada pelos irmãos Rodrigues foi manifesta por João Lyra Filho, dirigente esportivo que acompanhou o selecionado nacional na Copa do Mundo de 1954, e que era um dos colaboradores do *Jornal dos Sports*.<sup>607</sup> Após esse

---

<sup>605</sup> MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo:EDUC/FAPESP, 2000.

<sup>606</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A batalha da burrice. Op cit.

<sup>607</sup> João Lyra Filho é um indivíduo com excelente formação intelectual, foi reitor da UERJ, ministro do Tribunal de Contas da União, Presidente de Finanças do Distrito Federal, Presidente do Conselho Nacional dos Desportos e Presidente do Botafogo Futebol Clube.



mundial, Lyra Filho escreveu para a CBD um relatório sobre os principais motivos que teriam levado o selecionado nacional a apresentar um novo resultado negativo. Alguns meses depois, esse relatório foi transformado em livro, sob o título *Copa do Mundo de 1954*.<sup>608</sup>

A observação das justificativas atribuídas por esse membro da elite local indica que o problema do futebol brasileiro não estava na questão técnica e tática, mas na cultura do povo deste país:

O sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol, é comum à maior parte do povo brasileiro... não se culpe a preparação psicológica dos brasileiros, mesmo à sombra do Hino ou da Bandeira, por um mal que tem raízes na formação e perdura no estado orgânico e funcional do nosso povo. Só o poder de evasão do espírito, quando densamente cultivado, é capaz de atenuar os efeitos dos males crônicos.<sup>609</sup>

O discurso se refere ao jogo Brasil X Hungria, no qual o selecionado nacional tomou dois gols nos primeiros quinze minutos, fato relacionado a um sentimento derrotista que fazia parte da cultura brasileira. Essa visão é semelhante à atribuída por Mario Filho, ao falar sobre o *Complexo de ser brasileiro*, conceito que ganhou maior relevância quando Nelson Rodrigues atribuiu uma nova imagem, identificando esse comportamento como *Complexo de Vira-latas*. O ponto em comum entre esses intelectuais é o sentimento derrotista relativo ao caráter do homem brasileiro, principalmente quando diante do estrangeiro.

Para Lyra Filho, tal situação não era decorrente de problemas psicológicos. Subliminarmente, o autor demonstra que a dificuldade era decorrente da formação mestiça do Brasil. Caminhando na contramão do discurso *freyreano*, para esse intelectual, a miscigenação era fator de atraso para a sociedade brasileira, problema que só seria superado quando o país conseguisse melhorar o seu sistema de educação, saúde e economia,<sup>610</sup> pois, na sua concepção, os brasileiros precisavam ser civilizados:

A fatalidade desportiva desta época é o futebol, em cujas tramas explodem taras e peculiaridades revoltas na angústia da alma humana ou na insatisfação de instintos sufocados. Ainda vivemos a época das multidões anárquicas, trabalhadas pela força dissolvente ou desencontrada dos instintos primários. Ainda não atingimos aquela idade viril a que se referiu Tavares Bastos. Nosso futebol expõe a posição física e cultural dos brasileiros.<sup>611</sup>

<sup>608</sup> LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo de 1954**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

<sup>609</sup> Ibid. p.55

<sup>610</sup> LYRA FILHO, João. **Introdução à Sociologia dos Desportos**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. p. 39-42.

<sup>611</sup> LYRA FILHO, João. Op cit. 1954. p.65.

Lyra Filho mostra que os brasileiros estavam em estágios civilizacionais diferentes dos europeus, o que trazia àqueles inúmeras desvantagens, pois, em momentos decisivos, o brasileiro agia pelos instintos, não sendo suficientemente maduro para tomar uma decisão racional. Esse discurso não era expresso de forma solitária, pois estava em consonância com a cultura política do país, que buscava se modernizar de maneira acelerada, na tentativa de entrar em sintonia com o desenvolvimento das grades nações.

A derrota para a seleção húngara é justificada, pelo autor, através da falta de controle dos atletas, que naquela partida deixaram de lado sua capacidade técnica e utilizaram seus instintos primários como forma de resolver uma adversidade surgida, o que demonstrava a falta de amadurecimento do povo brasileiro. O discurso retira o foco do resultado dos jogos e indica a necessidade de observá-los por meio da conduta social dos jogadores e dos torcedores, que, para ele, era um laboratório da própria sociedade brasileira. Segundo Lyra Filho, os problemas nacionais só seriam resolvidos “quando o Brasil amadurecer, adensar o conteúdo social dos seus redutos econômicos mais fecundos e, em consequência, ainda mais valorizar a cultura do seu povo”.<sup>612</sup>

O próprio autor apresenta o seu entendimento de cultura como sendo “a aquisição individual de conhecimento armazenado para uso próprio, a cultura é sociologicamente a incorporação à comunidade com acréscimos contínuos, de bens econômicos e morais que valorizam a vida de todos os seus componentes”.<sup>613</sup> Ele destaca a necessidade de uma melhor formação intelectual aos jogadores de futebol, pois, na sua concepção, a grande maioria dos atletas era praticamente analfabeta.

Situação justificada a partir da apresentação de uma série de bilhetes supostamente escritos pelos jogadores do selecionado, que participaram da Copa do Mundo de 1954, os quais Lyra Filho apresenta no seu livro como exemplos da falta de formação educacional e cultura dos representantes brasileiros: 1) *Quero deixar neste livro o meu agradecimento em ser chefiado sobe vosso comando;* 2) *Deijo aqui meu abraço;* 3) *Agradecendo as oras, minutos e os segundos.*<sup>614</sup> Na visão desse intelectual, a prática esportiva exigia um mínimo de educação formal, o que fica evidenciado em suas ações enquanto presidente do CND, quando propôs a não contratação de jogadores que não soubessem ler nem escrever.<sup>615</sup>

<sup>612</sup> LYRA FILHO, Op cit.1973. p. 67-68.

<sup>613</sup> Ibid. p.103.

<sup>614</sup> LYRA FILHO, João. Op cit. 1954. p.66.

<sup>615</sup> LYRA FILHO, João. Op cit. 1973b. p. 102.

De acordo com esse dirigente, o grau de autocontrole dos jogadores estava relacionado à atmosfera em que estes foram criados, ao processo educacional que os envolveu, aos problemas de saúde pelos quais passaram e às dificuldades econômicas que afetavam o desenvolvimento da vida de grande parte da população do país.<sup>616</sup> Essa imagem de um povo inculto e sem saúde é confirmada por um dos cronistas do *Jornal dos Sports* ao mostrar que:

Uma das vantagens dos atletas estrangeiros sobre os nossos é exatamente, o quadro geral de saúde. Principalmente dentário. Ninguém pode prever grânulomas, ou tê-los por querer. É o conjunto de condições do homem médio brasileiro, os defeitos de alimentação [...] Se esse é o nosso ponto fraco, por que não tratá-lo com o devido respeito.<sup>617</sup>

Mario Filho não aborda a questão da falta de saúde do povo brasileiro, mas é possível encontrar uma convergência do pensamento desse autor com o que foi apresentado por Lyra Filho. Em uma das crônicas do proprietário do *Jornal dos Sports*, o primeiro indica que os fatores psicológicos e culturais seriam as possíveis causas dos fracassos do futebol brasileiro: “O football brasileiro jogaria assim mais vezes se não fosse o medo de perder. Porque o brasileiro ainda não alcançou plena maturidade esportiva sobretudo no football que é o esporte que ele mais ama”.<sup>618</sup>

Primeiramente, destaca-se a questão da falta de maturidade do brasileiro. Lyra Filho atribui esse problema à formação do povo, que teve início na colônia e se prolongou no decorrer dos tempos. Mario Filho evidencia que, com o passar dos anos, o futebol deixou de ser uma prática elitista, tornando-se privilégio do povo, que, muitas vezes, não estaria preparado para assumir as responsabilidades que o futebol lhe atribuía através dos técnicos, jornalistas e torcedores.

Segundo Mario Filho, os jogadores eram representantes do povo brasileiro e, por isso, não se admitia que eles errassem, pois da sua atuação dependia a possibilidade de afirmação individual e coletiva do cidadão brasileiro. O autor transforma o futebol em um redentor da nação, capaz de apagar todos os problemas sociais enfrentados, principalmente pelas pessoas pobres que, nessa prática, encontraram uma forma de serem aceitos socialmente. Posicionamento este divergente ao de Lyra Filho, para quem era necessária uma intervenção a fim de contribuir na formação do jogador brasileiro.

---

<sup>616</sup> Ibid.p.93.

<sup>617</sup> VARGAS NETO, Manuel do Nascimento. A higidez da seleção. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. p.5.

<sup>618</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O football brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1953. p.5

Ainda sob o olhar de Mario Filho, a repetição da prática do futebol seria um dos motivos que teria levado o jogador de origem humilde a se destacar nesse esporte, independente da sua formação cultural. Mesmo porque, para os irmãos Rodrigues, o resultado do futebol era definido a partir das capacidades naturais dos jogadores e da aplicação dos seus sentimentos no momento do jogo, expressos com posicionamentos como: amor à Pátria, amor à camisa, dedicação e garra. Essa atitude é contraditória quando confrontada com as indicações de Lyra Filho, para o qual, além das características técnicas, era importante a formação cultural dos atletas. Tal fato indica que, apesar da proximidade existente com a família Rodrigues, inclusive escrevendo esporadicamente no *Jornal dos Sports*, Lyra Filho mantém a visão da elite dirigente local, a qual vê nos jogadores de futebol uma classe inculta, formada basicamente por mestiços, que não estão preparados para representar a sociedade brasileira, principalmente no momento em que ela busca se modernizar.

É possível identificar que os três autores valorizam o povo como representantes autênticos do Brasil. Isso estava colocado no projeto populista desenvolvido no país, naquele momento. Entretanto, para João Lyra Filho, o povo estava carente de cuidados e precisava ser educado e esclarecido pelo saber das elites. Só assim seria possível que eles adquirissem uma boa consciência, alcançando à nação a sua autêntica imagem. Ou seja, a visão apresentada por esses cronistas do que seria autêntico da nação e do povo brasileiro são visões idealizadas.

As crônicas dos três personagens em questão foram escritas quando o Brasil vivia um novo projeto modernizador, que atingiu o seu ápice durante o governo de Juscelino Kubitschek (JK), marcado pela internacionalização da economia e por um forte ideário nacionalista. Este tinha como sustentação os princípios isebianos, que buscavam mostrar a necessidade de vencer o subdesenvolvimento e, para tal, era necessário o homem dominar a natureza, planejar, organizar e utilizar os trabalhos especializados/técnicos, para facilitar essa tarefa. Mesmo não sendo encontrados indícios da aproximação desses cronistas com o ISEB, é possível perceber que os seus discursos foram influenciados pelo pensamento propagado pelo instituto, que circulou na sociedade brasileira.

Os três indivíduos aqui apresentados estão entre os principais agentes responsáveis pelas transformações ocorridas no futebol brasileiro da década de 1950. João Lyra Filho representa a visão de um membro da elite intelectual brasileira que, mesmo envolvido com o gerenciamento do futebol, não apresentou uma visão romântica dos acontecimentos, expressando um discurso que indica a necessidade de reformulação da estrutura social,

cultural e esportiva brasileira. A questão central parece ter sido a dificuldade de integrar à sociedade pessoas negras e, também, as de origem humilde, o que era visto pela elite dirigente como ameaça de retrocesso, revelando uma grande distância entre a produção literária esportiva e a produção intelectual da elite brasileira.

Os irmãos Rodrigues, por meio de suas crônicas, contribuíram para a criação de mitos e heróis, colaborando com a manutenção da esperança do torcedor de um futuro de sucesso para o Brasil. Esperança mantida nos momentos de derrota, quando aqueles foram protagonistas da consolidação da “Cultura da Desculpa”, como estratégia para justificar os resultados negativos, evitando que a culpa recaísse sobre os jogadores e mantendo as expectativas no Brasil, enquanto um país do futuro. É sobre essa cultura que vamos nos deter a partir deste momento, com o objetivo de demonstrar a forma com que esses indivíduos representaram os acontecimentos.

## 5.2. A CULTURA DA DESCULPA

É importante iniciar mostrando que a tentativa de justificar os resultados negativos do selecionado brasileiro aconteceu nas copas de 1930, 34 e 38. Anos mais tarde, os irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues indicaram quais teriam sido os possíveis motivos para tais derrotas. Segundo Mario Filho:

O Brasil disputou os cinco campeonatos do mundo realizados até hoje e perdeu todos, cada qual por um motivo diferente. Em 30 não mandamos para Montevideu um verdadeiro scratch brasileiro. Os paulistas recusaram-se a dar jogadores. [...] Assim não admira que em 30 tivéssemos culpado os paulistas que em 34 lançássemos a culpa na cisão. Realmente a cisão impedira que se formasse um scratch brasileiro. Em 37, porém em plena cisão, o Brasil quase conquistou um campeonato Sul-Americano em Buenos Aires. Lá fora nunca estivemos tão perto de trazer a Copa Americana. [...] Foi o que nos deu quase a certeza de levantar o campeonato do mundo de 38, na França. Então pudemos organizar um scratch brasileiro e na base dos melhores. Apesar disso perdemos. Encontramos a explicação da derrota na expulsão de Zezé Procópio, na contusão de Leônidas e no pontapé de Domingos em Piola. A contusão de Leônidas nos convenceu mais, como obra de fatalidade inevitável.<sup>619</sup>

Mario Filho busca justificar as causas das derrotas brasileiras a partir de acontecimentos pontuais, quando indica como possíveis culpados os paulistas, a CBD e o destino, pois, no caso da contusão de Leônidas da Silva, o próprio autor enfatiza que a justificativa que mais convenceu o torcedor foi a ausência de Leônidas. Todos esses personagens passaram a fazer parte dos enredos criados pelo cronista, a fim de justificar derrotas e/ou problemas futuros acontecidos com o selecionado nacional. De maneira

<sup>619</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A única experiência que não foi feita. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro. 7 mai. 1958, p.5.

semelhante, o seu irmão Nelson Rodrigues, anos mais tarde, publicou uma crônica em que reforçava a representação de Mario Filho. A diferença consistia na estética da crônica, pois Nelson Rodrigues sempre buscou utilizar os sentimentos em seus escritos, embora siga os preceitos do seu irmão:

O primeiro campeonato mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações. Lá fomos nós para Montevideu. Eis a casta, a singela verdade: já trazíamos a derrota encravada na alma. Ainda por cima, o Brasil não levou todo o seu poderio. Os paulistas não foram e o que se viu, na primeira Copa, foi o nosso futebol mutilado ou, para ser mais exato, pela metade. [...]

O segundo campeonato foi o de 1934. O ano da grande cisão entre a Confederação Brasileira de Desportos e Federação Brasileira de Futebol. [...] Mais quatro anos e eis que o Brasil, pela primeira vez, teve uma chance real de vitória. E justiça seja feita: o escrete brasileiro amadureceu e, não só isso, também a torcida. Já se insinuava uma dúvida na nossa humildade. Muita gente começava a desconfiar que talvez o futebol brasileiro fosse o melhor do mundo. E, de fato, fizemos duas seleções de altíssima categoria. Quem não se lembra de um Leônidas, de um Tim, de um Romeu?

Outro era Leônidas, chamado O Diamante Negro. Um jogador rigorosamente brasileiro, brasileiro da cabeça aos sapatos. Tinha a fantasia, a improvisação, a molecagem, a sensualidade do nosso craque típico. Bem me lembro do dia em que Leônidas fez, pela primeira vez no mundo, um gol de bicicleta. [...]E veio o jogo com a Itália. Se a vencêssemos, era o título, era a taça. Eu me lembro do dia da batalha. Um turista que passasse pelo Rio haveria de anotar em seu caderninho: Esta cidade enlouqueceu. Pela manhã, um brasileiro esfaqueou e matou um italiano. A torcida começava com sangue. O Brasil entrou com um desfalque trágico. E, com efeito, Leônidas contundido não jogou. Pode-se dizer, hoje, que a sua ausência foi fatal.<sup>620</sup>

A crônica é emblemática, pois mostra que o autor seguia o discurso do seu irmão, o contraste fundamental se dá pela sua capacidade de escrever despreocupado com os limites entre a ficção e a realidade. Para o escritor em foco, o mais importante era seduzir o seu leitor e, para tal, acabava por misturar situações do cotidiano com as suas projeções ideológicas. Outra diferença é que Mario Filho era mais envolvido com a vida política e administrativa do futebol, enquanto Nelson Rodrigues se voltava para as suas peças teatrais, escrevendo sobre o futebol de maneira mais livre, sem amarras ou compromissos.

Entretanto, ambos atribuem as derrotas brasileiras a elementos generalizantes, isto é, ao mesmo tempo em que existe um culpado, ninguém pode ser acusado, pois os paulistas, a CBD e o destino dividem a culpa, assim, ninguém se sente responsável pela derrota.

Se havia uma convergência nas principais causas que levaram a esses fracassos, a partir da Copa do Mundo de 1950 a situação se modifica, pois ambos os autores apresentam inúmeros fatores que teriam levado o Brasil a perder a final da Copa do Mundo. A derrota foi tão significativa aos cronistas que, até o final das suas vidas, eles

<sup>620</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O drama das sete copas. **Revista Realidade**: Rio de Janeiro, Junho de 1966.

retornavam para esse episódio, como sendo uma referência às atitudes a serem tomadas ou comportamentos que deveriam ser evitados pelos brasileiros:

A LIÇÃO de 50 serve para qualquer campeonato do mundo. Não basta ser o melhor team ou ter o melhor football para ser campeão do mundo. O Brasil tinha tudo para ser campeão do mundo e foi derrotado. Ou tinha tudo aparentemente já que lhe faltou o que sobrou ao Uruguai no match da decisão. Não a garra, ou o coração, ou gana, como se disse em 50. O que nos faltou foi humildade, foi respeito ao adversário, foi a admissão de uma hipótese que é uma das alternativas de qualquer match, a da derrota. Enquanto o Uruguai temia uma goleada não nos satisfazíamos senão com um outro Brasil e Espanha.<sup>621</sup>

Aqui o autor chama a atenção para o que aconteceu naquela partida final, utilizando como referência a humildade – sentimento presente na grande maioria de suas crônicas. Sendo assim, o grande problema do brasileiro estaria no controle desse sentimento, pois, em alguns momentos, aquele era humilde demais, principalmente quando diante de um europeu. Entretanto, no episódio em pauta, o Brasil tinha como adversário um vizinho Sul-Americano, o que já seria motivo para deixar a humildade de lado, pois, segundo Nelson Rodrigues, os brasileiros só respeitavam a Europa. Somado a isso, havia a questão do retrospecto dos últimos resultados do selecionado nacional, o clima criado pela torcida e pelos cronistas, fatores que estimularam os atletas a abandonar a humildade e, para o autor, esse posicionamento extremista teria levado a um novo e doloroso fracasso.

A vitória de 1950 deveria representar a afirmação de um país que estava buscando se afirmar entre as nações desenvolvidas. Talvez por isso, perder o título depois de estar tão próximo, tenha sido tão doloroso. É o que relembra Mario Filho em uma das suas crônicas escritas oito anos mais tarde:

Cinqüenta ficou como um marco. De fato nunca estivemos mais perto de conquistar um Campeonato do Mundo. É o que não perdoamos [...] Não entediamos como depois das “Touradas de Madri” pudera acontecer o 16 de julho. [...] A seleção de 50 encerrava uma época. Era uma espécie de canto do cisne de uma geração que desaparecia.<sup>622</sup>

Tal foi a significância desse acontecimento, que cada um dos fatores que pudesse ter interferido no desempenho do selecionado serviu de justificativa ou especulação para encontrar as causas que teriam levado àquela derrota. Na tentativa de compreender a forma com que tais acontecimentos foram descritos, buscou-se subsídio nas entrevistas realizadas por Geneton Moraes Neto, publicadas em um livro que o próprio autor apresenta como:

<sup>621</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O perigo da vitória e o perigo da derrota. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro 31 de maio de 1958. p.5.

<sup>622</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Touradas de Madri: um marco para o futebol brasileiro. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1958. p.76-78.

O Dossiê 50, a história secreta da tragédia do Maracanã, nasceu de 14 horas de gravação com os 11 jogadores que entraram em campo no Maracanã naquela tarde que David Nasser batizou de “estúpida”. Não é nem sequer uma tese sobre o naufrágio brasileiro. É uma reportagem que pretende deixar registrada, para a crônica do futebol brasileiro, a voz dos 11 anti-heróis de 16 de julho de 1950: o retrato falado de uma dor brasileira.<sup>623</sup>

Acompanhando os depoimentos dos 11 jogadores que estiveram presentes naquela partida é possível perceber que, em inúmeras situações, não há unanimidade, dando a impressão de que os jogadores haviam vivenciado acontecimentos distintos.<sup>624</sup> Partindo-se das crônicas esportivas e desses depoimentos, emergiram as seguintes “desculpas” para justificar a derrota de 1950:

#### a) A CONCENTRAÇÃO BRASILEIRA

A seleção brasileira concentrou-se, inicialmente (a partir do dia 31 de maio de 1950), em um local isolado, chamado Casa dos Arcos, no Joá. Após o jogo contra a Suécia, no dia 10 de Julho de 1950, Flávio Costa decidiu transferir a concentração para o Estádio de São Januário, pertencente ao Vasco da Gama, equipe da qual ele era técnico na época. Para Nilton Santos, atleta convocado para aquela Copa, essa não foi uma atitude bem recebida pelos jogadores:

Antes de tudo fui contra o que tinha sido feito na semana da decisão: nós estávamos concentrados na Barra da Tijuca, no silêncio. Porque trouxeram a gente nas vésperas do jogo, para o alojamento do Vasco da Gama? Flávio Costa já era candidato a vereador. Degringolou tudo!<sup>625</sup>

As lembranças do atleta apontam que as causas políticas teriam sido responsáveis pela mudança de local da concentração, o que indica a utilização do esporte para fins eleitoreiros. Entretanto, é importante destacar que uma das características da autobiografia desse personagem é a utilização de um discurso marcado pela presença de sentimentos negativos, provavelmente decorrentes da frustração pelo resultado adverso e, principalmente, pelo recalque em ter ficado na reserva. Devido ao fato de o treinador brasileiro ter tomado essa decisão, Nilton Santos jamais o perdoaria, o que fica explícito na sua entrevista a Moraes Neto e, também, na sua autobiografia:

<sup>623</sup> MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva. 2000. p.41

<sup>624</sup> Ibid. p.42.

<sup>625</sup> SANTOS, Nilton. Um pressentimento assusta o craque: aquilo ia terminar mal. In: Geneton Moraes Neto. Op cit. p. 35.



Não quero citar nomes. Digo que não foi o Uruguai que ganhou. Nós que perdemos. Durante o jogo saí do campo porque tive um mal pressentimento. Poderia até ter jogado porque estava bem. Zizinho queria que eu jogasse. Fui injustiçado porque Flávio Costa – o dono do futebol na época – implicou com a minha chuteira.<sup>626</sup>

Nilton Santos, posteriormente, foi considerado pelos cronistas esportivos como a enciclopédia do futebol, devido à sua longevidade no esporte e, em especial, pelas suas lembranças dos acontecimentos. Mas, neste caso, realiza um discurso romântico, buscando sustentação na opinião de um colega de clube, considerado um dos principais jogadores do futebol brasileiro daquele momento, e encontrando um motivo fútil como pretexto para a sua ausência na equipe. Em sua autobiografia o atleta relata que ficou na reserva porque era um jogador clássico que não sabia chutar de bico. Sobre a derrota Nilton relata que:

[...] há males que vem pra bem, o Brasil perdeu a Copa de 1950 e com a derrota, caiu junto um mito de uma etapa do futebol brasileiro: Flávio Costa. Eu costumo dizer que fiquei mais triste de o Brasil ter perdido pelos jogadores, principalmente Zizinho, Danilo, Ademir e outros que mereciam ser campeões do Mundo. Mas, se o Brasil ganhasse em 1950, talvez nunca mais tivéssemos outro campeonato porque o equívoco seria mantido.<sup>627</sup>

As palavras expressas pelo jogador demonstram suas relações com os demais atletas, inclusive com aquele que o apoiava para que fosse titular da equipe brasileira, revelando que, assim como para os cronistas, a relação pessoal entre os jogadores era tão importante quanto a qualidade do atleta. Tais fatos são relevantes para que se possa compreender os posicionamentos desse atleta sobre os fatores que influenciaram na derrota do selecionado brasileiro. Não se trata de buscar isentar pessoas ou procurar culpados, mas sim de compreender o que está por trás dos discursos dos agentes do campo esportivo.

Mario Filho, ao abordar a questão da concentração brasileira, também mostrou a aproximação entre o futebol e a política:

No sábado, 15 de julho, à tardinha, os jogadores do escrete brasileiro estavam despreocupados e alegres, relaxados, vendo na quadra da curva de São Januário um treino de vôlei de moças. Foi quando veio a ordem: todos ao salão nobre. É que tinha chegado tudo quanto era candidato a vereador, a deputado, a senador, para cumprimentar os jogadores que no dia seguinte iam ser campeões do mundo [...].<sup>628</sup>

O cronista retrata um clima de liberdade, autoconfiança, festa, falta de preocupação com o jogo final que aconteceria no dia seguinte e, principalmente, falta de consciência dos dirigentes do selecionado brasileiro, os quais, supostamente, estariam mais preocupados

<sup>626</sup> Ibidem.

<sup>627</sup> SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Griphus, 2000. p.68.

<sup>628</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *Op cit.* p. 283.

com a sua popularidade junto aos políticos do que com a função exercida naquele momento. Esse clima de (des)concentração, criado em torno dos atletas brasileiros, havia transformado um lugar destinado ao sossego, ao descanso e à preparação para a partida, em um ambiente festivo, onde os políticos buscavam aliar sua imagem a dos futuros campeões do mundo, o que poderia ser bastante proveitoso para as próximas eleições, que aconteceriam em três meses. A biografia de Paulo Machado de Carvalho retrata o ambiente encontrado pelo futuro supervisor da seleção brasileira:

Com trânsito livre nos bastidores, Paulo Machado levou Tuta à concentração do Brasil para que sentisse de perto, como era o clima antes de uma grande decisão. Logo que colocaram os pés em São Januário, pai e filho não acreditavam no que viram. Ao som de marchinhas de carnaval, a concentração havia virado um palanque eleitoral. Adhemar de Barros e Cristiano Machado, ambos candidatos à corrida presidencial (vencida por Getúlio Vargas), fizeram discursos inflamados, enquanto os atletas bocejavam de sono.<sup>629</sup>

Mesmo apresentando diferenças em seus discursos, o que se verifica até aqui é que o ambiente de concentração da seleção brasileira se tornou um local de visitação dos políticos da época, algo expresso, também, pelos jogadores como um fator negativo, prejudicando-os por vários motivos. O goleiro Barbosa, relata que “tentou fazer uma refeição na concentração do Brasil, no dia da finalíssima contra o Uruguai, mas mal pode comer, porque a todo momento era interrompido por cartolas, políticos e penetras de todo o tipo que queriam saudar os campeões do mundo”.<sup>630</sup> Segundo Juvenal, houve vários acontecimentos na concentração que acabaram prejudicando a preparação dos atletas:

Quando chegou o dia da decisão contra o Uruguai, acordei as cinco da manhã com uma alvorada. Parecia quartel. Havia um pelotão em frente a concentração. Depois da alvorada, teve missa. Em seguida, a população começou a entrar. Era um tal de dar autógrafa, tirar fotografia, assinar bola, aquela guerra de nervos. Depois, apareceram os políticos. Era gente de Cristiano Machado, Getúlio Vargas, Ademar de Barros. A gente tinha que tirar fotografia. Aquilo não me cansou fisicamente, mas me cansou mentalmente. Naquele tempo, não existiam, na concentração, as diversões que existem hoje, como videocassete e televisão. Os jogadores gostavam de jogar baralho, a única maneira de passar o tempo dentro da concentração, depois dos treinamentos.<sup>631</sup>

A superstição é muito forte tanto na cultura quanto no futebol brasileiro. Atletas e dirigentes, muitas vezes, recorrem a diferentes seres místicos em momentos de suposta dificuldade, como um ritual que lhes fornece a força e a confiança necessárias para superar

<sup>629</sup> CARVALHO, Paulo Machado. Apud. CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. *Op cit.* p. 143-144.

<sup>630</sup> BARBOSA. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 19 de julho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. *Op cit.* p.46.

<sup>631</sup> JUVENAL. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 25 de julho de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. *Op cit.* p. 68.

o problema a ser enfrentado. Isso pode ser percebido por atletas que, obrigatoriamente, só entram em campo com o pé direito ou treinadores que, em jogos decisivos, utilizam a mesma camisa, e por aí vai. Como salienta Valente: “[...] após rezar, fazer o nome do pai, ou assistir uma missa esses indivíduos sentem-se melhores preparados para realizar a sua tarefa”.<sup>632</sup> Contudo, o atleta indica que o problema foi o horário escolhido para realizar o ritual. Algo destacado, também, por Bauer ao mostrar que:

A gente saiu da cama bem cedo porque ia ser rezada uma missa para os futuros campeões do mundo. Eu sou católico, mas aquela missa não caiu em um bom momento. A sexta, o sábado e o domingo foram um inferno. Houve uma visitação pública. Tinha gente na concentração na hora do almoço e do café [...] isso não existe. A nossa cabeça não estava dentro do jogo nem coordenada com a partida. Nós fomos totalmente envolvidos. O próprio brasileiro derrotou o brasileiro.<sup>633</sup>

Para o atleta, todos os jogadores, inclusive ele, foram envolvidos pela euforia geral ocorrida, principalmente, durante os três dias depois da vitória contra a Espanha, antes do jogo final contra o Uruguai. Nesse momento, os torcedores já consideravam o Brasil campeão e os jogadores aceitaram a ideia. Para Friaça, essas atitudes culminaram com a derrota no jogo final devido à falta de maturidade do futebol brasileiro, em especial, fora de campo:

Como era ano de eleição, teve jogador que foi levado para passear. A seleção, então não teve sossego, tranquilidade. É por essas razões que eu digo que a Seleção estava engatinhando, em 1950, porque não tinha uma vivência. Um exemplo: passamos 45 dias em Araxá, sem comunicação nenhuma com as nossas famílias.[...] Acontecia o seguinte: nossas famílias não recebiam as cartas que a gente escrevia.<sup>634</sup>

Esse jogador indica a saudade de casa como um dos fatores que influenciaram na preparação do selecionado. Pois, durante o tempo em que os atletas estiveram concentrados, proibiu-se qualquer tipo de contato com a família, para evitar que os problemas particulares pudessem afetar a preparação dos jogadores. Entretanto, na véspera da partida final, a concentração foi aberta para que os políticos pudessem ter contato com os jogadores. É o que demonstra Zizinho:

<sup>632</sup> Sobre a influência da religião no jogo de futebol, cf. VALENTE, Janyne. Sincretismo religioso e futebol. In: LOVISSARO, Martha & NEVES, Leczy Consuelo (org.). **Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: UERJ. 2005. p. 35-42. Ainda sobre a importância do misticismo no futebol, vale a pena consultar o estudo clássico de ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.p. 49-71.

<sup>633</sup> BAUER. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 15 de julho de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 76.

<sup>634</sup> FRIAÇA. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 13 de setembro de 1987. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 104-105.

Cansei de assinar autógrafos, como campeão do mundo, antes do jogo. A verdade é que não houve concentração para o jogo contra o Uruguai. Não houve! Depois, o general Mendes de Moraes, prefeito da cidade, jogou essa história em cima da gente: Dei o estádio a vocês. Agora quero de vocês o campeonato. [...] Aquilo tudo é responsabilidade em cima do time. A gente saiu do almoço para ouvir discursos de políticos na sala de troféus do Vasco, no dia do jogo.<sup>635</sup>

Zizinho, um dos principais jogadores da equipe brasileira, ainda acrescenta:

Não gostam quando eu digo mas houve falhas táticas fora do campo! O jogo tinha pouca importância nos dias que antecederam a partida! A concentração da Seleção Brasileira, em São Januário, virou cenário da política nacional. Ouvimos no dia da decisão da Copa, discurso do seu Cristiano Machado, candidato a presidente da república. Ouvimos o seu Ademar de Barros, igualmente candidato. Eram os dois com suas comitivas. Quer dizer: houve uma desconcentração!<sup>636</sup>

Talvez, até aquele momento, os jogadores brasileiros ainda não tivessem se dado conta da responsabilidade depositada sobre eles. De acordo com os cronistas do *Jornal dos Sports*, os atletas representavam todas as esperanças de uma nação, não somente daqueles que estavam presentes no estádio, mas também, dos que lutaram durante anos para que houvesse um reconhecimento do Brasil no exterior e isso estaria a pouco tempo de acontecer.

A importância desses jogadores, no imaginário popular, é retratada por Ademir, quando o jogador cita uma passagem na qual um homem entra assustado na concentração da seleção, procurando por ele. Após conversar com Flávio Costa e explicar os motivos que o levavam até ali, o homem lhe falou que estava com o filho de 14 anos na mesa de operação e que menino havia feito um pedido antes da cirurgia: “Quero ver Ademir. [...] Quando cheguei ao hospital, vi que era um garoto meu admirador, que gostava de futebol de botão. O menino veio, me beijou e disse: Doutor pode operar”.<sup>637</sup> Isso é relatado de forma romântica e apaixonada, mas fornece indícios sobre o papel e a importância que pessoas comuns passam a ter na vida de outros indivíduos, quando aqueles se tornam ídolos esportivos e/ou heróis nacionais.

Os discursos apresentados caminham na mesma direção quanto ao excesso de pessoas que estiveram presentes na concentração do selecionado nacional na véspera do jogo decisivo. O *Jornal dos Sports* noticiou, em suas edições que precederam os jogos anteriores do selecionado, que pessoas como Mario Pollo, diretor interino da CBD, João

<sup>635</sup> ZIZINHO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 25 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.110.

<sup>636</sup> *Ibid.* p.111.

<sup>637</sup> ADEMIR. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 13 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 122.

Lyra Filho, secretário da CBD, o prefeito Mendes de Moraes, sempre estiveram presentes, levando apoio aos jogadores. Entretanto, o número de pessoas, parece ter aumentado consideravelmente às vésperas do jogo mais importante da equipe. Tal fato foi aceito pelos próprios atletas como um dos acontecimentos mais prejudiciais durante os dias que antecederam a grande final.

b) O TAPA EM BIGODE: simbolismo ou realidade?

Em entrevista realizada por Mario Filho, a fim de discutir a Copa do Mundo de 1958, Zezé Moreira, Sandro Moreira, João Saldanha e Ademir Menezes conversaram sobre os vários problemas que, normalmente, envolviam o selecionado brasileiro. Em um determinado momento da entrevista, Mario Filho pergunta a Zezé Moreira, um dos torcedores presentes no Maracanã no dia 16 de julho de 1950, se ele tinha visto o tapa que Bigode teria recebido de Obdúlio Varela.

O ex-técnico da seleção brasileira da Copa de 1954, responde: “Isto são lendas que se criam e ganham raízes. A necessidade da justificativa para a derrota ganha versões”.<sup>638</sup> Há indícios de que essa versão teria surgido com os irmãos Rodrigues, ao buscar trabalhar questões que possibilitassem refletir acerca da derrota e, também, da sociedade brasileira:

Em 1950 esperava-se que houvesse um bofetão, que o pau comesse solto em campo. E como o jogador brasileiro, que também tem sangue quente, pudesse revidar, proibiram-no de qualquer reação. O que acabou com Bigode foi isso. Normalmente ele reagiria. Mas a proibição fora peremptória. E proibiram-no de revidar, para que o Brasil fosse campeão do mundo. Só por isso. Se ele revidasse e o Brasil perdesse, a culpa cairia, impiedosamente, em cima dele. A única coisa que se queria evitar era que um jogador brasileiro fosse qual fosse, saísse de campo, expulso, e nos deixasse em inferioridade numérica.<sup>639</sup>

A passagem remete a uma possível tentativa de controle da violência do homem brasileiro. Algo fortemente vinculado à imagem que o europeu tinha desse povo considerado bárbaro. A atitude refinada do jogador brasileiro que representa a preocupação com a civilidade desse indivíduo, ao mesmo tempo remete para a inquietação com as regras específicas do jogo, em que a ação agressiva de um jogador poderia prejudicar a equipe, que ficaria com um atleta a menos. Encontram-se, aqui, dois níveis interdependentes de preocupações que devem ser vistos como elementos complementares de um mesmo processo, em que está presente a regra do campo esportivo (não revidar, não fazer uso da violência para evitar ser expulso) e a regra do controle da violência como

<sup>638</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Dirigentes, técnicos e cracks abrem os debates sobre a Copa do Mundo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1957. p. 10.

<sup>639</sup> *Ibid.* 7 jun. 1958.

norma social (como exemplo de disciplina civilizada). Naquele contexto, ambas eram importantes. A primeira, para que o selecionado não ficasse em desvantagem e, dessa maneira, obtivesse a vitória; e a segunda para que não fosse criada uma imagem distorcida do homem brasileiro.

Normalmente, os posicionamentos apresentados por Mario Filho eram reforçados em uma linguagem dramatizada por Nelson Rodrigues, que relata esse episódio da seguinte forma:

A derrota do Brasil em 50 começou no bofetão de Obdulio Varela em Bigode, duzentos mil brasileiros assistindo. A ordem era não revidar: Bigode ficou firme. Esperava a expulsão de Obdulio Varela. Mr. Reader não expulsou Obdulio Varela: tinha sido avisado de que os uruguaios podiam querer estragar a festa da conquista brasileira do campeonato do mundo. Se um uruguaio fosse expulso a Celeste abandonaria o campo. Era preciso garantir o happy-ende da maior Copa do Mundo que já houvera. Só que saiu tudo ao contrário: Bigode ficou com o bofetão e o Brasil perdeu o campeonato do Mundo. Aquele bofetão ficou ardendo no rosto da gente. Em 52 fomos para a forra que não era forra. Era um Pan-Americano e não um campeonato do mundo.<sup>640</sup>

Para Nelson Rodrigues, o problema da derrota foi decorrente da proibição feita ao jogador brasileiro de revidar qualquer tipo de provocação ou atitude agressiva. O autor não aceita qualquer tipo de imposição que coloque o brasileiro em situação de desvantagem quando confrontado com outra nação. De acordo com a visão passional desse nacionalista, tal atitude colocou o atleta brasileiro em uma situação de acovardamento e submissão frente a um adversário estrangeiro, o que seria motivo de vergonha, pois o brasileiro deve defender o seu país de todas as formas possíveis e, se atacado, deve responder na mesma intensidade, para demonstrar que não é inferior a ninguém.

Mario Filho apresenta uma visão diferenciada do seu irmão, indicando que a atitude dos dirigentes brasileiros caminha no sentido do que Elias identificou como “Processos Civilizatórios”, por meio dos quais, os homens passaram a controlar os seus impulsos, diminuindo o nível de violência das suas atitudes a partir de imposições externas que, com decorrer dos tempos, acabam sendo incorporadas.<sup>641</sup> Para alguns dos atletas brasileiros, houve a solicitação do treinador para que os jogadores mantivessem a disciplina dentro de campo:

O único pedido especial que o nosso técnico fez foi que a gente não revidasse uma entrada, uma agressão. Depois disseram que ele tinha pedido para a gente não jogar duro. Ora, técnico nenhum vai fazer um pedido desses a um jogador. Flávio Costa falou em tese para toda a equipe, não para

---

<sup>640</sup> Ibid. 14.01.1956.

<sup>641</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

um jogador em particular. A orientação que o técnico nos deu não teve influência sobre os jogadores, em absoluto.<sup>642</sup>

Tais palavras carregam um sentido especial, porque foram proferidas pelo atleta que, supostamente, teria recebido uma ordem do técnico, para não ser agressivo com os adversários, pois, se assim o fosse, poderia ser o culpado em caso de um resultado negativo. Contudo, de acordo com esse jogador, a preleção do treinador se preocupou com o comportamento dos atletas de maneira geral. O jogador demonstra, ainda, que a invenção desse acontecimento foi uma das maiores frustrações que ele viveu em sua carreira esportiva:

Não houve agressão nenhuma de Obdúlio Varela. A injustiça maior foi essa, contra mim. Eu sinto até hoje. É uma covardia o que fizeram. Uns dizem que Obdúlio Varela cuspiu. Outros que foi um tapa e que não reagi. É uma calúnia. Não houve reação porque não houve agressão. Obdúlio Varela, deu um tapinha em mim pelas costas, para pedir calma. Eu tinha dado uma pancada em Julio Perez, um jogador que tinha uma habilidade desgraçada.[...] nesse momento, quando dei a entrada, Obdúlio Varela veio me dizer: Muchacho, calma! Fiquei olhando para o juiz, com medo da expulsão. Se o Brasil perder com a minha expulsão [...].<sup>643</sup>

Bigode ainda acrescenta: “Quando eu lia os jornais, achava horrível. Mas quem era eu para brigar com a imprensa?”.<sup>644</sup> As palavras desse atleta revelam uma situação na qual algumas pessoas da imprensa, na tentativa de justificar a derrota brasileira, criaram mitos, sem pensar na dimensão do alcance de suas narrativas, que extrapolavam as páginas dos jornais e adentravam no imaginário social brasileiro, fazendo com que jogadores, como Bigode, fossem constantemente hostilizados, tornando-se símbolo da submissão do brasileiro. Bigode relata, ainda, que não tinha poder para tentar desmistificar a imprensa, pois o seu capital era específico. Dessa forma, ele apenas conseguia se fazer respeitado dentro do campo de futebol, fora dele, não havia maneira de disputar com a família Rodrigues, formadora de opinião e da realidade.

Nelson Rodrigues, posteriormente, relata que o problema da falta de resultados positivos não estava na qualidade do futebol brasileiro, o que, para ele, era óbvio, pois na sua ótica o Brasil sempre teve a melhor seleção de futebol do mundo. Segundo esse cronista, o grande problema estava no comportamento submisso do brasileiro, na falta de confiança em si mesmo – isso nos mais diversos setores sociais. Tal fato gera o que ele posteriormente viria a chamar de “complexo de vira-latas”, que se referia:

---

<sup>642</sup> BIGODE. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 14 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.94.

<sup>643</sup> Ibid. p.92.

<sup>644</sup> Ibid. p.94.

[...] a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender.<sup>645</sup>

O sentido metafórico atribuído à forma com que o brasileiro se coloca frente ao estrangeiro, repõe em cena a questão da covardia veementemente negada pelos atletas brasileiros. Nelson Rodrigues utiliza a metáfora de um cachorro sem nenhum *pedigree*, que normalmente sobrevive das sobras dos outros, para expressar o comportamento do homem brasileiro. Pois, assim como acontece com um cachorro vira-latas, os brasileiros eram tratados a pontapés. Ninguém os respeitava. Essa questão da covardia do jogador brasileiro foi expressa na fala de alguns atletas que estiveram presentes naquele jogo, mostrando que há uma preocupação com a forma com que o brasileiro é visto:

Disseram que o Obdulio Varela deu um tapa em Bigode. Não é verdade. Bigode não seria tão covarde a ponto de levar um tapa e ficar quieto. Nós todos, que éramos amigos de Bigode, não iríamos aceitar algo assim passivamente. Aproveitaram a derrota para dizer que o Obdulio deu um tapa, mas o tapa não aconteceu. Absolutamente!<sup>646</sup>

A única entrevista que destoava das demais foi realizada pelo atacante Chico, pois o atleta diz ter visto Flávio Costa pedir para Bigode controlar o seu nível de violência: “Nosso treinador disse para Bigode que exigia disciplina. Se houvesse derrota com indisciplina, o indisciplinado seria o responsável. Se houvesse derrota com disciplina, ele, o treinador, seria culpado. Bigode então modificou o seu estilo de jogo”.<sup>647</sup>

Da mesma maneira, esse foi o único jogador a afirmar ter visto Bigode levar um tapa de Obdulio Varela: “Porque ele diz que não levou eu não sei. Mas levou, eu vi”.<sup>648</sup> Contraditoriamente, o jogador Bauer relembra que houve uma falta violenta de Bigode, ficando esse atleta com medo de ser expulso, tendo em vista que ele já havia sido advertido anteriormente:

<sup>645</sup> RODRIGUES, Nelson. Complexo de Vira-latas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, p.13, 31 mai. 1958.

<sup>646</sup> AUGUSTO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 23 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 58.

<sup>647</sup> AMBARU, Francisco (Chico). Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 1 de outubro de 1997. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 141.

<sup>648</sup> Ibid. p. 145.



Bigode deu duas entradas duras, a segunda foi violenta. O juiz inglês foi para cima de Bigode, mas não o amedrontou não. Houve uma aglomeração. Dizem que nessa hora, ele levou um tapa. É mentira! [...] se Obdúlio Varela desse um tapa na cara de Bigode, no Maracanã, no primeiro tempo, o jogo não terminaria!<sup>649</sup>

A partir das diferentes versões atribuídas ao mesmo acontecimento, é possível perceber que não há unanimidade a respeito do que supostamente aconteceu, mas as representações desses atores fornecem indícios acerca das preocupações que estavam presentes entre os dirigentes do selecionado, em relação à forma com que os jogadores receberam as instruções durante a preleção e, também, sobre a forma com que a mídia retratou os acontecimentos do jogo.

Para os atletas, alguns literatos não se preocuparam com o fato de retratarem, em suas crônicas, acontecimentos que envolviam a vida de seres humanos e que estes seres humanos fizeram o possível para representar o seu país, para torná-lo vitorioso, o que não foi possível pelas especificidades do futebol. Devido à criação de mitos e da necessidade de se encontrar culpados para justificar as derrotas, jogadores como Bigode tiveram que conviver com o estigma de ser covarde. Para Mario Filho, as acusações feitas aos jogadores transcendem o campo de jogo e refletem o contexto social:

Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. O futebol não seria paixão do povo se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa. Quem torce em futebol está ligado, irremediavelmente, ao seu time, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para a desgraça. No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. A derrota do Jogador é a derrota do torcedor. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou.<sup>650</sup>

Para o autor, o futebol brasileiro passou a ser o Brasil, ou seja, a partir do esporte o país tornou-se algo concreto, que era expresso pelos jogadores que representavam todos os sonhos e virtudes do homem brasileiro. Segundo o literato, a derrota transcende o campo de jogo e caminha para a vida social, em que o impacto do resultado negativo foi muito maior do que para o esporte em si.

Se o futebol for pensado somente com base em uma visão funcional ou profissional, o máximo que os atletas deixaram de ganhar foram alguns prêmios que haviam sido prometidos antes da derrota, como indica Bigode:

---

<sup>649</sup> BAUER. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 1 de outubro de 1997. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 77.

<sup>650</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Seleção Brasileira. **Jornal do Sports**. Rio de Janeiro, p. 6, 8 jun. 1964.

O refrigerante Guará fez um concurso: ganhava o título o jogador que fosse escolhido pela torcida através das chapinhas. Eu que estava no Flamengo, tinha prestígio no Fluminense também. Então, superei Zizinho e Ademir, os cobrões. Mas não levei o prêmio, um apartamento. O caso foi para a Justiça, mas tive outro prejuízo: o advogado me tomou dinheiro. Os advogados disseram que a promoção tinha dado prejuízo, porque, como o Brasil perdeu a Copa, o povo perdeu o entusiasmo pelo refresco. Inventaram até que a firma faliu.<sup>651</sup>

Esse concurso, realizado em parceria com o *Jornal dos Sports*, foi amplamente divulgado durante toda a Copa do Mundo, indicando ser o maior concurso esportivo já realizado no Brasil.<sup>652</sup> É interessante que os jogadores responsabilizados pela derrota do selecionado na partida final estavam sempre entre os principais atletas escolhidos pelos torcedores brasileiros. Nas quatro apurações realizadas, os jogadores acusados de serem os responsáveis pela derrota brasileira ficaram entre os melhores classificados<sup>653</sup>, o que remete à qualidade técnica desses atletas e, principalmente, à confiança que os torcedores depositavam neles. No entanto, visualizar o futebol somente pelo seu aspecto funcional é retirar do esporte toda a sua aura mística, toda a sua magia. Como dizia Nelson Rodrigues, seriam 22 marmanjos correndo atrás de uma bola.

O ex-técnico do selecionado de 1950, também se posicionou sobre os possíveis culpados por aquele revés:

Quanto as recomendações que fiz aos jogadores, quero dizer que, se eu não quisesse jogador vigoroso, não teria usado Bigode. Quando chamei Bigode, pensei em aproveitar suas características; Jamais mudar nada. Não responsabilizo Bigode por coisa alguma, Barbosa era um jogador maravilhoso. E Obdúlio Varela não ganhou o jogo no grito. Ganharia se o jogo fosse disputado na frente do microfone, no rádio. Naquele dia, os gritos de Obdúlio coincidiram com os gols que entraram. Em outros jogos, Obdúlio gritou, gritou – e perdeu.<sup>654</sup>

Essas palavras também confirmam o fato de que os jogadores, posteriormente acusados, não tiveram culpa pelo resultado negativo. O treinador, inclusive, valoriza esses atletas, mostrando que não era necessário modificar nada para que o Brasil vencesse. Na sua concepção, a derrota foi obra do acaso, isto é, naquela tarde as bolas da equipe uruguaia entraram e foi isso o que definiu o jogo. De acordo com esse personagem, gritos e outros acontecimentos não passaram de especulação.

<sup>651</sup>BIGODE. In; MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.95.

<sup>652</sup> Os torcedores deveriam indicar o melhor jogador por posição e iriam concorrer a 2 milhões de cruzeiros em prêmios (02 apartamentos, 10 automóveis e prêmios quinzenais de 10 mil cruzeiros). Os votos deveriam ser feitos através do cupom que era destacado do *Jornal dos Sports* que deveriam vir acompanhado de uma chapinha do refrigerante Guará. Primeira apuração seria no dia 30 de abril de 1950. *Jornal dos Sports*, 17 de março de 1950.

<sup>653</sup> Bigode: 1º, 3º, 6º e 3º lugares (46.892 votos); - Barbosa: 14º, 15º, 5º e 7º lugares (12.370 votos); - Juvenal: 3º, 11º, 12º e 12º lugares.(6.210 votos).

<sup>654</sup> COSTA, Flávio. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 22 de agosto de 1999. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 150.

### c) EXCESSO DE CONFIANÇA

O brasileiro vivia a ansiedade de tornar concreta a sua necessidade de autoafirmação, de explosão por algo positivo, que estava a poucas horas de ocorrer. E essa vitória em torno do futebol era praticamente unânime, a tal ponto que o jornal carioca *A Noite* estampara em primeira página a foto do time, com a manchete “Estes são os Campeões do Mundo”. Como esse jornal era produzido à tarde e, a certeza da obtenção do título era tão grande, a manchete foi rodada na véspera, para o jornal circular assim que o resultado do jogo fosse confirmado.

Para o capitão da seleção brasileira, este era realmente o clima que tinha sido criado para aquele jogo. Sentimento estimulado pelos torcedores, pela imprensa e incorporado pelos jogadores:

A verdade sobre a final é esta: quando entramos em campo, todos no Brasil – não somente os outros jogadores, mas eu também – estávamos certos de que o jogo seria fácil. O próprio Uruguai sentia que o jogo iria ser difícil para eles. Tenho certeza de que o Uruguai entrou em campo para perder de pouco! O que é que acontece? Quando há muita facilidade, a gente facilita. O Brasil ainda fez o primeiro gol – aquela euforia toda. Se o negócio é fácil, então se facilita um pouco a marcação. O Uruguai não se entregou de jeito nenhum. Pelo contrário: lutou e lutou como sempre fez.<sup>655</sup>

Mario Filho escreve uma crônica mostrando que, ao contrário do que muitos dos seus colegas de imprensa disseram, diante das circunstâncias daquele jogo era muito difícil evitar que os brasileiros (torcedores, cronistas, jogadores) estivessem tão empolgados com as vantagens que o Brasil possuía. Começando pelos resultados da fase final da competição, quando o Brasil goleara todos os adversários, este jogava em casa e contava com o apoio de sua vibrante torcida que, segundo os próprios cronistas, havia feito um brilhante espetáculo ao cantar “Touradas de Madri” e, por fim, a equipe brasileira jogava pelo empate para se tornar campeã. Diante dessas situações, Mario Filho justifica que o problema não estava na conduta dos jogadores brasileiros, mas nas contingências da partida que beneficiavam em demasia a equipe nacional:

[...] a 16 de julho não tinha como os brasileiros entrarem com mais raça a situação era muito favorável. Os jogadores encontravam-se em situação oposta a dos uruguaios. Os uruguaios vinham de dois empates e empates conseguidos no umbral da derrota. Os brasileiros pelo contrário, tinham goleado os suíços e os espanhóis. Ainda estava aquela euforia da exibição maravilhosa contra a

---

<sup>655</sup> AUGUSTO. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 23 de junho de 1986. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p. 57.

Espanha. Parecia que todo mundo estava convencido disso, que o match com o Uruguai ia ser uma mera formalidade. Os uruguaios é que sabiam antes que tinham que morrer em campo.<sup>656</sup>

Na mesma linha de argumentação apresentada por seu irmão, caminham algumas das crônicas futuras de Nelson Rodrigues, para quem esse acontecimento se tornou referência para todas as virtudes e problemas a serem abordados no Brasil. Para esse literato, a derrota foi decorrente do excesso de confiança e da conseqüente falta de humildade dos brasileiros. Mesmo de forma sutil, Nelson Rodrigues contraria o seu irmão, pois, para o primeiro, era fundamental não esquecer que cada jogo tem sua lógica própria e, por isso, devia ser tratado como algo singular:

O Brasil tinha tudo para ser campeão do mundo e foi derrotado. Ou tinha tudo aparentemente já que lhe faltou o que sobrou para o Uruguai no match da decisão. Não a garra, ou o coração, ou a gana, como se disse em 50. O que nos faltou foi humildade, foi respeito ao adversário, foi a admissão de uma hipótese que é uma das alternativas de qualquer match, a derrota.<sup>657</sup>

É interessante que os cronistas, normalmente, não valorizam as virtudes dos adversários. Se recorrermos às competições realizadas no início daquele ano, veremos que o selecionado brasileiro enfrentou a equipe uruguaia pela Copa Rio Branco e as próprias matérias publicadas no *Jornal dos Sports* fornecem subsídios para que se perceba o nível de dificuldade dos jogos. No primeiro jogo, realizado em São Januário, no dia 6 de maio de 1950, o selecionado brasileiro perdeu para o Uruguai por 4 a 3 e o *Jornal dos Sports*, publica em primeira página: “Não houve espírito de recuperação. Apagaram-se os nossos quando os uruguaios assumiram a chefia do placard”.<sup>658</sup> Segundo o que fora publicado no jornal, nessa partida a equipe brasileira havia marcado o primeiro gol, com Zizinho, logo aos 2 minutos de jogo. Entretanto, quando os uruguaios conseguiram reverter o placar com os dois gols de Miguez, a equipe brasileira ficou atônita, sem saber como reagir (situação relatada da mesma forma no jogo final da Copa do Mundo).

No dia 14 de maio de 1950, foi realizada, em São Januário, a segunda partida e, mesmo o Brasil vencendo por 3 a 2 a equipe uruguaia, a matéria publicada no *Jornal dos Sports* indica que ainda faltava melhorar a condição física de alguns dos seus principais jogadores, para que pudesse ter alguma pretensão na Copa do Mundo, que se iniciaria em pouco tempo:

<sup>656</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O decantado apoio ao scratch brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 22 de maio de 1954, p.5.

<sup>657</sup> RODRIGUES, Nelson. O perigo da vitória e o perigo da derrota. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro 31 de maio de 1958.

<sup>658</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Não houve espírito de recuperação**. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1950. p.1.

Mesmo vencendo o melhor scratch uruguaio dos últimos anos, os brasileiros não recuperaram a confiança do público. [...] Assusta-me a gordura de um Juvenal. Acho difícil voltar ao melhor peso em um mês. Assusta-me a inatividade de Augusto, que segundo Flávio Costa é o jogador que mais dificilmente entra em forma. Além disso, o jogo mostrou um Santos (Nilton Santos) pesado, lutando contra os músculos [...].<sup>659</sup>

Mesmo diante das críticas de Nelson Rodrigues aos seus companheiros de redação, que, segundo ele, não queriam ver a superioridade brasileira. O *Jornal dos Sports* mantém o mesmo posicionamento após o terceiro jogo, alertando que, apesar de haver vencido o jogo por 1 a 0 e ter conseguido o título da Copa Rio Branco, os jogadores uruguaio se comportaram de maneira exemplar e quase surpreenderam os brasileiros: “Os uruguaio revelaram mais do que coração, revelaram também classe e principalmente espírito de equipe, consciência de scratch. Cada jogador entrou em campo para cumprir uma missão e cumpriu inexoravelmente”.<sup>660</sup>

Essas matérias apontam para duas situações interessantes. A primeira é a tensão entre a imagem idealizada ao selecionado nacional e às dificuldades apresentadas durante o desenvolvimento das partidas; a segunda, refere-se a algo que se repetiria em pouco tempo, porém com um resultado diferente. Diante desses fatos, a vitória uruguaia na final da Copa do Mundo não deve ser vista como um resultado inexplicável, algo que entrou para o imaginário coletivo devido à forma com que os cronistas representaram os acontecimentos da Copa de 1950, sem fazer nenhuma referência ao que aconteceu meses antes, tampouco valorizar as virtudes de um adversário que já havia sido bicampeão olímpico e campeão da primeira Copa do Mundo.

Os cronistas brasileiros preferem procurar desculpas para justificar o fracasso, mesmo sem saber, ao certo, o que poderia ter levado àquele resultado. O que foi expresso por Nelson Rodrigues ao indagar:

Por que perdemos? Ainda hoje, fazemos a pergunta, sem achar a resposta. Dir-se-ia que o Brasil alcançara o seu limite, o seu teto de brilho, de talento, de imaginação, de potência criadora no jogo com a Espanha. Pode-se lembrar que entramos sem esse mínimo de medo que qualquer luta exige. Tivemos medo da Espanha e massacramos. Do Uruguai, não. Nenhum medo.<sup>661</sup>

Mario Filho caminha no mesmo sentido do que fora apresentado por seu irmão e mostra que o problema do selecionado, naquela oportunidade, foram as pessoas que

<sup>659</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Brasil vence mas não convence**. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1950. p.5. grifo nosso.

<sup>660</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Os uruguaio revelam mais do que coração na partida final**. Rio de Janeiro, 19 de maio de 1950. p.5.

<sup>661</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. O quadrúpede de 28 patas. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 17 maio de 1958. P.67.

estavam fora de campo, as quais não aceitavam um resultado que não se assemelhasse às goleadas aplicadas contra a Suécia (7 X 1) e contra a Espanha (6 X 1). De acordo com os irmãos Rodrigues, naquela oportunidade, o torcedor brasileiro não queria somente a vitória. Ele queria ver o *show*, queria mostrar ao mundo a sua superioridade, mas como isso não aconteceu, os jogadores permaneceram sem saber o que fazer diante das dificuldades surgidas:

Não é de hoje que a gente tem atrapahado o scratch. O Brasil já teria sido campeão do mundo se não fosse a gente. Quando digo a gente, quero dizer os que não jogam, os que ficam de fora, os que comentam, os que criticam, os que orientam, os que dirigem, e que não agüentam a menor dúvida e que quando não duvidam, são ainda piores. Em 50, o scratch foi vítima da certeza, não dele, dos outros. Em 50, perdemos o Campeonato do Mundo porque não aceitamos o um a zero. Bastaria empatarmos para sermos campeões do mundo. Mas o empate de zero a zero, que se prolongava, que durava mais de um tempo, nos irritava e nos humilhava. Quer dizer: depois quisemos, depois pedimos, pelo amor de Deus, um empate. Mas era tarde. Aí o Uruguai, que não pedia nada mais do que a vitória, agarrou-se a ela de unhas e dentes. E não houve jeito, nem do empatezinho. A grande oportunidade fora embora. O 16 de Julho foi uma lição de humildade. Com aquela vaidade toda, e não do scratch, da gente, o Brasil não estava em condições de levantar um Campeonato do Mundo.<sup>662</sup>

Além do excesso de confiança, Mario Filho destaca que o problema era o fato de o brasileiro ainda não estar pronto para ser campeão do mundo. Diante desse resultado decepcionante, os cronistas precisavam buscar algo que continuasse a estimular os torcedores a acreditarem no selecionado e, também, no país. Dessa forma, a alternativa encontrada foi recorrer a acontecimentos presentes fora do campo de jogo. Mario Filho, Nelson Rodrigues e outros cronistas brasileiros mostram que a Copa do Mundo atingiu os seus objetivos.

Primeiramente, porque se buscou apresentar um Brasil moderno, o que foi atingido pela construção do Maracanã e pela brilhante organização realizada para a Copa do Mundo. Mas como só isso não era suficiente, os literatos passaram a destacar a reação da torcida diante da derrota, demonstrando que o brasileiro era um povo ordeiro e civilizado.

E a multidão permaneceu e aplaudiu os vencedores e devo confessar que estive perto das lágrimas, porque acabava de presenciar um daqueles raros momentos na vida de um homem, quando um povo encontra a sua própria alma; quando uma nação se superou a si própria, em resumo quando o bem triunfou sobre o mal; quando o desporto provou uma revelação e uma educação. Porque o Brasil foi maior na derrota do que jamais poderia ter sido na vitória.<sup>663</sup>

<sup>662</sup> RODRIGUES, Mario Filho. A gente que atrapalha. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1958. p.6.

<sup>663</sup> MEISL, Willy. Uruguai, campeão de fato; mas o Brasil melhor team do mundo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 18 de julho de 1950. p.5.

Mario Filho também elogia o comportamento da torcida, mostrando que, antes da grande final, tinha-se medo deste, porque, diante de circunstâncias negativas, os torcedores poderiam utilizar inclusive a violência com o intuito de auxiliar a obtenção de um resultado positivo ou apenas como forma de expressar o seu descontentamento. Entretanto:

Ganhamos mais com a derrota do que com a vitória. A opinião mundial sobre o futebol brasileiro não se modificara, uma vez que conquistamos a admiração de todos por nossa postura irrepreensível. Antes da partida temia-se o comportamento da torcida brasileira, que acreditava-se tudo faria para garantir a vitória. A conquista uruguaia coroara o Brasil, que dera mostras de ser um país culto e disciplinado.<sup>664</sup>

Na mesma linha de argumentação, João Lyra Filho afirma que o comportamento dos torcedores deveria servir de exemplo para outros segmentos da sociedade que se julgam superiores. Para o intelectual, o povo brasileiro mostrou o nível cultural do nosso país:

O supremo bem do desporto é a conquista da cultura social, e prova nenhuma é mais exata para medir o nível dessa cultura senão a que vem das manifestações de educação do nosso povo. Nós provamos ao mundo a existência de espírito desportivo no Brasil e é pena que esse espírito não se generalize além da vida do desporto, nas revelações quotidianas das demais atividades, inclusive na política partidária.<sup>665</sup>

Os cronistas não podiam deixar que os torcedores perdessem as esperanças. O Brasil era um país do futuro, como buscavam mostrar os isebianos e, nessa perspectiva, ser um povo civilizado significava estar em compasso com as nações modernas. É claro que esse discurso buscava consolar e também justificar a derrota, ao passo que valorizava a autoestima do brasileiro. Contudo, tratava-se de um discurso que não convencia nem os próprios cronistas. Tal como demonstrou Nelson Rodrigues, em uma das suas crônicas escritas oito anos depois do ocorrido:

O que segundo todos nós, ia garantir o campeonato do mundo de 50, de uma certa forma nos tirou o título. Teríamos razão de nos orgulharmos: fomos ingleses na derrota. Mas este britanicismo não nos satisfaz. Tanto que em 52 fomos para Santiago no Chile para tirar a forra, que tiramos. Não nos bastava derrotar a Celeste, era preciso mostrar que os uruguaiois não eram mais homens que os brasileiros. Podíamos ter vencido normalmente de mais. O placard de quatro a um já estava fixado e faltava um minuto para acabar o jogo quando Nilton Santos descobriu Gigghia na frente dele e não resistiu tacou-lhe o pé.[...] Mas se Obdúlio Varela soube dar no momento exato e não para dar, e sim para modificar o match e o destino de um campeonato do mundo, quando demos, dois anos depois

<sup>664</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 19 de julho de 1950. p.5.

<sup>665</sup> LYRA FILHO, João. Conversa com meu travesseiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 20 de julho de 1950. p.5.

escolhemos inclusive mal a ocasião. Pensando bem, sempre foi assim. Levamos dois anos para aplicar o que fora para nós a suprema lição de 38: não revidar, oferecer a outra face, como se só precisássemos disso para sermos campeões do mundo. Daí a surpresa de 50, daí a surpresa de 54. Como preparamos o caminho para o êxito do bofetão de Obdúlio Varela em Bigode, o importante era não revidar, sob hipótese alguma, em 54 preparamos cuidadosamente a tremedeira de Berna. A intenção, naturalmente não era essa. O que se queria era evitar outro 16 de julho.<sup>666</sup>

O autor mostra que faltava ao brasileiro o amadurecimento para conseguir fazer-se respeitar. Não significava somente tomar decisões. Estas deveriam ser tomadas na hora certa, o que era um dos problemas dos brasileiros, talvez para Nelson Rodrigues fosse o principal, pois, na sua concepção, o brasileiro era um povo extremista que relutava em aprender com as experiências já vivenciadas. Esse autor elucida que considerava a humildade do povo brasileiro um defeito moral que deveria ser corrigido, pois ela representava o medo que o brasileiro tinha de mostrar as suas capacidades, as quais eram idealizadas pelo autor, mas que, sob o seu olhar e em seu discurso romântico, também eram a expressão da identidade brasileira.

Nelson Rodrigues, mesmo sem muita sistematização ou pretensão de normatizar os seus pensamentos, seguia o projeto de Mario Filho que idealizava uma nação brasileira grande e vitoriosa, que mostraria ao mundo suas potencialidades através do futebol, pois a esperança dos cronistas era a de que, se isso acontecesse, outros setores da vida social poderiam seguir o mesmo rumo. Talvez a frustração desse projeto em 1950 tenha levado à tentativa de encontrar causas e, ao fazer isso, consolidou-se uma “Cultura da desculpa”.

Não foi um dos fatores isolado que levou ao resultado negativo do selecionado brasileiro naquela Copa do Mundo. Cada um desses fatores apresenta o seu respectivo grau de significância no resultado de uma partida, por isso, para autores como Nelson Rodrigues, o futebol tem a lógica. Mas esta só pode ser definida após cada jogo, o que faz com que o esporte seja apaixonante, pois não é possível prever o que acontecerá em cada jogo disputado. A especificidade desse esporte não permite que se defina antecipadamente quem será o vencedor, mesmo que todos os indicativos apontem uma equipe como favorita.

Como vimos até aqui, a derrota brasileira na partida final da Copa do Mundo de 1950 consolidou a “Cultura da Desculpa”, que se repetiu no mundial de 1954, quando o Brasil perdeu de 4 a 2 para a equipe húngara. Houve um esquecimento coletivo dessa competição, localizada entre o grande fracasso do futebol brasileiro e a primeira conquista mundial nesse esporte. Não é possível afirmar, de maneira convicta, que isso tenha sido

---

<sup>666</sup> RODRIGUES, Mario Filho. A única experiência que não foi feita. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1958. p.5.



intencional, mas buscamos recuperar parte dessa memória, apresentada no primeiro capítulo deste estudo.

Analisando a documentação produzida após a derrota brasileira para a equipe húngara, localizamos na revista *O Cruzeiro* do dia 10 de julho de 1954, uma matéria que apresentava dez motivos que levaram o selecionado nacional a perder na Copa do Mundo da Suíça. Cabe salientar que, ao lermos as crônicas daquele momento, verificamos que esses motivos foram praticamente os mesmos explorados pelos literatos do *Jornal dos Sports* e pela mídia nacional, de uma forma geral. O que nos interessa destacar é que, a partir da Copa do Mundo de 1950, os cronistas passaram a utilizar uma grande quantidade de desculpas para justificar as derrotas brasileiras.

As principais justificativas apresentadas pelos cronistas para a derrota brasileira, na Copa de 1954 foram:

1. *Scratch* mutilado: sem Zizinho nem Ademir, questionaram-se os posicionamentos da CBD que, por revanchismo, acabou não levando jogadores experientes;
2. Sem conjunto: a falta de amistosos apesar do longo tempo de preparação foi um dos fatores decisivos que interferiram na dificuldade de entrosamento dos jogadores;
3. O mito defensivo: sistema Zezé Moreira se preocupava somente com a defesa, perturbando as características dos jogadores brasileiros;
4. Didi jogando mal: devido a sentir saudades de Guionar;
5. Juiz parcial: se uma equipe sul-americana vencesse a competição, corria-se o risco de acabar com o futebol europeu (esta foi a principal tese defendida pelos cronistas brasileiros);
6. Ambiente europeu: o jogador brasileiro é nostálgico e sentiu saudades de casa;
7. Sistema nervoso: Brasil tomou dois gols em 9 minutos de jogo, demonstrando o nervosismo com que a equipe entrou em campo (desconsiderou-se que a Hungria havia inventado o aquecimento e que a maioria dos gols marcados por esta equipe foram nos 15 primeiros minutos de jogo);
8. Falta de um líder em campo e fora dele muita responsabilidade para um único técnico;
9. Burocracia esportiva: questionou-se porque o Brasil levou a maior comitiva da competição (foi criado o mito do desconhecimento do regulamento);
10. Falta de planejamento: a CBD gastou cinco milhões só do governo federal, fora as rendas do jogo e, mesmo assim, não enfrentou equipes européias durante a sua preparação.

Foi diante de um cenário desalentador, do ponto de vista esportivo – tendo em vista os últimos resultados do selecionado nacional na Copa do Mundo –, porém promissor no âmbito social – contagiado pelo discurso desenvolvimentista e futurista de JK que prometia fazer o Brasil crescer cinquenta anos em cinco –, que um novo dirigente esportivo começou a se destacar no futebol brasileiro, principalmente, pela sua busca pela modernização do futebol brasileiro; estabelecendo uma relação mais profissional, no âmbito organizacional, através da contratação de diversos profissionais para tratar dos diferentes problemas que supostamente afetavam o jogador/homem brasileiro.

### 5.3. JOÃO HAVELANGE E O PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO

Jean Marie Faustin Godefroid Havelange (João Havelange) nasceu no Rio de Janeiro, no dia 08 de maio de 1916. Foi atleta de natação e *water polo*, sendo campeão paulista, brasileiro e sul-americano por ambas as modalidades. Disputou os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, como nadador e os de Helsinki, 1952, como jogador de *water polo*. Quando resolveu deixar de lado as competições aquáticas, manteve-se ligado ao esporte pelo gerenciamento de diferentes órgãos burocráticos. Entre 1949 e 1951 foi presidente da Federação Paulista de Natação, ao retornar para o Rio de Janeiro se tornou presidente da Federação Metropolitana de Natação (1952 a 1956), saindo dessa função para se tornar diretor de esportes aquáticos da CBD.

A biografia, escrita pelo jornalista Ernesto Rodrigues, fornece subsídios para que se possa perceber como se deu o envolvimento de João Havelange com a CBD. Havelange foi cabo eleitoral da chapa de oposição na eleição realizada para a presidência da entidade, correspondente ao triênio de 1955 a 1958. A chapa que ele apoiava tinha como candidato a presidente Sylvio Correa de Pacheco (América Futebol Clube) e a vice-presidente João Correa da Costa (Vasco da Gama). Tendo como adversários políticos, o presidente em exercício Rivadávia Correia Mayer e como vice-presidente Geraldo Starling (Atlético Mineiro).

Os candidatos da situação estavam acostumados a vencer as eleições sem muitas dificuldades, mas naquele ano os fatos se modificaram. Naquele momento, a CBD era responsável pela administração de 23 modalidades esportivas diferentes, além do futebol, e, de acordo com o seu estatuto, cada presidente das federações esportivas tinha direito a dar o seu voto, “algumas entidades do Norte ou Nordeste em geral podiam depositar até

cinco votos na urna, representando cinco esportes, o presidente da poderosa Federação Paulista de Futebol, só depositava um”.<sup>667</sup>

A chapa de oposição percebeu que nenhum tipo de trabalho era feito com Federações afastadas do eixo Rio-São Paulo e passou a visitá-los, conseguindo a sua adesão para a candidatura. Tal estratégia teve um efeito positivo, possibilitando que a chapa de Sylvio Pacheco vencesse a eleição por seis votos de diferença.

Inicialmente, João Havelange se tornou diretor de esportes aquáticos, cargo que ele manteve durante um ano, pois, em 1957, o vice-presidente João Correa da Costa deixou o cargo por motivos particulares. Assim, João Havelange assume o seu lugar: “Ao tornar-se vice-presidente da CBD, um esporte ao qual deu grande atenção foi o futebol, especialmente a seleção nacional”.<sup>668</sup>

Devido a sua dedicação e ambição ao cargo, Havelange teve o apoio dos membros da sua diretoria, para se candidatar a presidente da CBD para o triênio 1958-1961. A chapa opositora de Havelange foi formada por dois presidentes de clubes tradicionais do Rio de Janeiro: Carlito Rocha (Botafogo) e José Alves de Moraes (Flamengo). Carlito Rocha lançou sua campanha às vésperas da eleição e centrou sua plataforma em uma única crítica: a de que João Havelange não entendia nada de futebol. Entretanto, esse ataque não surtiu efeito, pois Rocha acabou perdendo a eleição por 185 votos a 19.<sup>669</sup>

No dia 14 de janeiro de 1958, Havelange foi eleito presidente da CBD, cargo que exerceu por seis mandatos até o ano de 1975. Em 1963, foi eleito membro do Comitê Olímpico Internacional. Em 1971, foi indicado como candidato à presidência da FIFA, por todos os membros das associações filiadas à Confederação Sul-Americana de Futebol. Após dois anos de visitas a mais de 86 países filiados a FIFA, foi eleito presidente dessa entidade em 1974, sendo reeleito por mais cinco mandatos. Durante a sua administração, a FIFA dobrou o número de países filiados.<sup>670</sup>

Ao tomar posse, o principal compromisso assumido pelo novo presidente da CBD era colocar em prática o *Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC)*, que será melhor detalhado no decorrer deste estudo. No entanto, os seus biógrafos relatam que as preocupações de Havelange, a frente da CBD, mantêm uma relação direta com algumas de suas experiências de vida:

<sup>667</sup> RODRIGUES, Ernesto. **Jogo bruto**: A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.49.

<sup>668</sup> YALLOP, David A. **Como eles roubaram o jogo**: segredos dos subterrâneos da FIFA. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.31

<sup>669</sup> JORNAL DOS SPORTS. **Eleito o novo Presidente da CBD**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1958. p.6.

<sup>670</sup> NAPOLEÃO, Antonio Carlos. **Seleção Brasileira – 90 anos, 1914-2004**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 23.

[...] Às vésperas de uma partida do Brasil contra a Argentina pela Copa Roca, nos anos de 1920, levado pela mão do pai, Havelange, ainda menino, estivera com os jogadores brasileiros logo depois de um almoço, na sede do Vasco da Gama[...] Havelange não esqueceu jamais a reação de consternação do pai à resposta do jogador, que não tinha dentes e comera uma mistura de arroz, farinha e caldo de feijão, entre um e outro gole de uma caneca de água.<sup>671</sup>

De forma genérica, pode-se dizer que essa era a realidade de uma grande parte da população brasileira na década de 20. No entanto, parece ter sido uma forma romanceada que o autor encontrou para valorizar o personagem biografado, mostrando que a sua consciência sobre os problemas sociais brasileiros o acompanharam durante toda a vida, pois o único jogo realizado entre Brasil e Argentina pela Copa Roca nos anos 20, ocorreu no dia 22 de Outubro de 1922, no Parque Antártica. Isto é, segundo o que apresenta Ernesto Rodrigues, esta era uma preocupação que Havelange guardou consigo desde os 6 anos de idade.<sup>672</sup>

Antes de se dedicar à administração esportiva, Havelange trabalhou na administração de empresas, mais especificamente da Viação Cometa (empresa de ônibus de viagem). Em entrevista concedida ao jornalista inglês David Yallop, ele relata que buscou subsídios nessa experiência bem sucedida que obteve na empresa, adequando-os para que pudessem ser colocados em prática na CBD:

A única diferença está nos pequenos detalhes. A necessidade de um conceito administrativo baseado em uma diretoria é bastante comum. A necessidade de um grande grupo de especialistas em uma grande variedade de disciplinas é comum também. O que difere é o tipo de especialista. Precisamos de mecânicos para desmontar um ônibus, para diagnosticar o problema e remedia-lo. O jogador de futebol precisa não só de treinadores, mas de especialistas, como psicólogos, por exemplo.<sup>673</sup>

Essa visão caminha no mesmo sentido do que fora expresso por João Lyra Filho e vai ser utilizada durante a aplicação do PPMC, pois, para Havelange, os diferentes campos sociais possuem pontos em comum, mas o dirigente consegue visualizar, também, as especificidades presentes entre estes. É claro que se torna necessário destacar que essas são palavras a partir de um olhar retrospectivo, segundo o qual o plano modernizador aplicado no selecionado produziu efeitos positivos, pois a equipe brasileira se tornou campeã mundial.

---

<sup>671</sup> RODRIGUES, Ernesto. Op cit. p.60.

<sup>672</sup> Sobre os jogos da seleção brasileira na década de 20 cf. NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. Op cit. p. 117- 119.

<sup>673</sup> YALLOP, David A. Op cit. p.34.

Os cronistas do *Jornal dos Sports* acompanharam toda a evolução da carreira de João Havelange como dirigente esportivo, posicionando-se de forma favorável ao novo presidente da CBD, já que havia um forte desentendimento entre o periódico e a antiga diretoria como demonstra José Lins do Rego:

Não caminha bem o nosso football. Ao lado de profissionalismo caro, exercita-se um amadorismo velhaco. Os dirigentes que atingem aos postos de comando põem a calva ao descoberto sem espécie alguma de constrangimento. Trabalham apenas pelos interesses dos seus clubes. Um Dr. Murgel é mais um advogado do que um dirigente. Um Havellange é mais um torcedor do que um vice-presidente... São uns incompetentes que dão a alma pelo poder.<sup>674</sup>

Receoso com o futuro do futebol brasileiro, Mario Filho, inicialmente, não parte para o ataque. Como bom estrategista que sempre demonstrou ser, em sua primeira crônica sobre esse personagem, Mario Filho se demonstrou satisfeito com o resultado das eleições. O cronista enalteceu a atuação de Havelange como militante do esporte e administrador de empresas: “João Havelange não é mais um candidato ou o candidato, é o presidente da CBD. Trata-se de um esportista. Foi um campeão e quando deixou de competir passou a dirigir. Como dirigente quer de entidade, quer de empresas sempre se mostrou capaz”.<sup>675</sup>

Entretanto, estrategicamente, Mario Filho apresentou alguns conselhos para o novo dirigente. Mesmo que de maneira sutil, o cronista vai ao ponto em que Havelange havia sido bastante criticado, inclusive por seus companheiros de redação: “Tenho-o na conta de um magnífico desportista. Acho-o apenas essencialmente amador para poder se dedicar de repente a problemas do football. E o que é mais grave, football profissional”.<sup>676</sup>

A presença de uma pessoa que não esteve ligada à gestão dos clubes de futebol brasileiro era uma experiência nova na CBD, o que deixava muita gente preocupada, inclusive o próprio Mario Filho, que apontava a importância do novo presidente escolher um competente Conselho Técnico: “O que se quer é que ele seja ele próprio, que no interesse do esporte não ceda, e que veja na ida do Brasil ao campeonato do mundo, não uma excursão, mas uma oportunidade para exaltar o football brasileiro”.<sup>677</sup>

O discurso respeitoso do cronista carioca, solicitando isenção, dedicação e naturalidade, é estratégico para chamar a atenção aos interesses cariocas ou, no mínimo, evitando-se uma aproximação com os paulistas. O cronista aproveita a oportunidade e

<sup>674</sup> REGO, José Lins. Esporte é vida. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1957. p.6.

<sup>675</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Missão a cumprir. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1958. p.5.

<sup>676</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Copa atrasada – esquema dos fracassos brasileiros. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 7 de novembro de 1957. p.5.

<sup>677</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Missão a cumprir. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1958. p.5.

aponta que erros como os cometidos no último mundial deveriam ser evitados, pois o futebol não deve ser utilizado como um meio de os membros da elite fazerem suas viagens de férias.

A preocupação com o destino do futebol brasileiro também foi expressa na crônica de Nelson Rodrigues:

[...] Verificamos que o Sr. João Havelange passou a ter um papel histórico no futebol brasileiro. Sem querer e sem saber, a sua atitude está enterrando uma época e inaugurando outra. O Sr. Paulo Machado de Carvalho e os outros que lhe formam o cortejo, representam um passado que não dá mais nada, que foi espremido até a última gota como um limão seco.[...] Já o Sr. João Havelange traduz um esforço para atualizar o futebol brasileiro, para organizá-lo em termos modernos. Antes de mais nada, é um presidente da CBD que não admite, em hipóteses nenhuma, que o Sr. Paulo de Carvalho ou o Sr. Mendonça Falcão lhe venham dar ordens. E vamos e venhamos: - um presidente da CBD que se dispõe a exercer a sua autoridade, já é um fato novo e revolucionário. Via de regra, e salvo umas escassíssimas exceções, os outros transigem, acomodam numa trama de interesses, de conveniências, que chegam a dar arrepios e uticárias.<sup>678</sup>

O discurso com tom revanchista também chama a atenção para o aspecto positivo de modernizar o futebol brasileiro. Na visão do literato, a forma com que o futebol fora administrado, até então, já não dava conta das novas exigências que se apresentavam. É notória a preocupação do cronista carioca em encontrar justificativas para mostrar que o futebol brasileiro não poderia ser conduzido pelos dirigentes paulistas, ou seja, a questão da modernização serviu apenas de pretexto para que a crítica pudesse ser estabelecida, pois Nelson Rodrigues era conservador e, assim como os outros cronistas do *Jornal dos Sports*, praticamente ignorou o PPMC.

Para Ernesto Rodrigues, Havelange tinha um estilo getulista de resolver alguns dos seus problemas. Assim como o ex-presidente brasileiro, ele normalmente não se degladiava com os inimigos, preferindo, muitas vezes, chamá-los para o seu lado.<sup>679</sup> Algo inegável na vida desse dirigente, foi a sua habilidade para resolver muitos dos problemas tradicionais presentes no esporte brasileiro. Principalmente no que se refere à rivalidade entre os paulistas e cariocas:

Havelange não batia à porta da TV Record apenas por reconhecer os méritos e as conquistas do dirigente paulistano. Hábil negociador, acostumado ao jogo de bastidores, achava que seria importante começar o seu mandato de presidente da CBD, tendo ao lado um empresário influente de São Paulo, dono de uma emissora de televisão e três rádios. Invejava o jogo de cintura de Paulo Machado, que era capaz de ser amigo do seu maior

<sup>678</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Meu personagem da semana: João Havelange. In: \_\_\_\_\_, O Berro impresso das manchetes. Op cit. p. 332. Publicada originalmente na Revista Manchete Esportiva, de 1 de fevereiro de 1958.

<sup>679</sup> RODRIGUES, Ernesto. Jogo bruto: A história de João Havelange. Op cit. p.59

concorrente, Edmundo Monteiro, dos Diários Associados. Ao mesmo tempo, que ganharia prestígio em São Paulo com a nomeação, Havelange abrandaria os ânimos dos cartolas da Federação Paulista de Futebol, presidida pelo polêmico Mendonça Falcão, sempre rosnando contra a dinastia carioca no comando do futebol brasileiro.<sup>680</sup>

Cabe ressaltar que o apoio inicial do *Jornal dos Sports* à CBD foi uma estratégia que não surtiu o efeito desejado, fazendo com que os cronistas mudassem radicalmente os seus posicionamentos, declarando guerra à entidade, sobretudo, ao PPMC. Como foi demonstrado no capítulo que tratou da rivalidade entre paulistas e cariocas. No entanto, cabe destacar que a partir do final do mês de julho de 1957, Mario Filho utilizou a sua crônica diária para criticar esse planejamento e um dos principais elementos ironizados foi João Carvalhaes, que exerceu a função de psicólogo no selecionado nacional.

O psicólogo era um elemento que fazia parte do plano de modernização do futebol brasileiro. Fora solicitado com base em uma série de observações sobre os motivos que supostamente teriam levado o Brasil a perder jogos decisivos e, conseqüentemente, não conseguir se afirmar entre as seleções vitoriosas do futebol mundial. Entre as principais razões presentes no relatório entregue por João Lyra Filho à CBD, apontando as causas da derrota do selecionado em 1954, ou então no mito criado por alguns cronistas esportivos, que tentavam justificar a derrota de 1950, estava a falta de autocontrole do jogador brasileiro, o que precisava ser resolvido com urgência.

Como fora sugerido por João Lyra Filho, houve uma ingerência da CBD no sentido de atuar na mudança de comportamento do jogador brasileiro, dentro e fora dos campos de futebol. De maneira que o país pudesse ter uma representação adequada ao modelo idealizado de homem brasileiro, concebido por representantes dessa instituição. O objetivo do projeto era fazer com que o Brasil fosse bem representado pela seleção brasileira de futebol, que disputaria a Copa do Mundo na Suécia.

Seguindo a cultura política daquele momento, em que a transformação de vários segmentos sociais ocorria de forma acelerada, a CBD buscou modificar a aparência física, cultural e psicológica dos atletas que representariam o povo brasileiro, de modo que eles levassem a imagem de um país moderno, que havia superado o atraso sócio-cultural, comumente atribuído à mistura de raças e à falta de autocontrole do homem brasileiro.

Enquanto uma sociedade conflituosa, grande parte dos intelectuais tinha vergonha das atitudes e da imagem expressas pelos brasileiros. Por outro lado, contraditoriamente, alguns cronistas viam no jogador mestiço a identidade e a autenticidade de um Brasil

---

<sup>680</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. **O marechal da vitória**: uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005. p. 140

moderno. Um país que se tornava industrial, mas não perdia sua vocação agrícola; que valorizava as expressões artísticas das artes plásticas, das pinturas, mas que elegeu um esporte de massa como paixão e símbolo nacional. Enfim, um país que tentava ser moderno, porém sem deixar de ser tradicional.

Por isso, na tentativa de evitar a violência, como a ocorrida em Berna, a CBD aplicou um planejamento moderno de cunho pedagógico, objetivando educar e civilizar os jogadores. Para isso, utilizou normas coercitivas que poderiam punir os jogadores que não as respeitassem, criando uma situação paradoxal, em que, a fim de conter qualquer tipo de violência física, os dirigentes brasileiros aplicaram preventivamente a violência simbólica, forçando os atletas a modificarem muitos dos hábitos que traziam consigo.

Como mentor intelectual desse projeto, João Havelange justificou a presença de um psicólogo com base em sua própria experiência de vida, afirmando:

Eu tive a segurança de um meio confortável, onde cresci. Para mim, viajar para o exterior, a Berlim, Helsinque ou Melbourne não constituía problema. Muitos desses jovens jogadores eram oriundos de lares humildes, de favelas, de ambientes de grande privação. Eles tinham que fazer enormes ajustes, às vezes em um período de tempo muito curto. Tinham que canalizar a sua violência natural, tinham que compreender a disciplina e aceita-la. Antes de eu assumir o controle, ninguém pensara nesses problemas. Não podíamos continuar a nos preparar da mesma maneira para a Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Eu estava resolvido: aquilo que acontecera em Berna e em Viena jamais voltaria a se repetir. Uma das primeiras coisas que fiz foi produzir, com a ajuda desses profissionais, médicos, psicólogos e o resto dos especialistas um relatório detalhado, altamente sigiloso, sobre cada membro potencial da seleção brasileira. Aqueles que, em nossa opinião, não poderiam ou não queriam fazer os ajustes necessários seriam cortados. O psicólogo desempenhou um papel fundamental em tudo isso. Não há motivo para enviar uma equipe que só esteja fisicamente preparada. Ela precisa estar mentalmente apta.<sup>681</sup>

A fala desse dirigente é paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que aponta a violência como natural, indica que o mau comportamento dos jogadores está relacionado à origem social desses indivíduos, logo, o nível de violência também era decorrente das experiências sociais que eles tiveram. Assim como havia indicado João Lyra Filho, também para João Havelange, os seres humanos não eram civilizados por natureza, eram as condições às quais eles viviam que lhes possibilitava a autorregulação dos seus impulsos comportamentais. Dessa forma, a aplicação de um projeto civilizatório era algo justificável, pois a coerção externa poderia auxiliar os jogadores na autorregulação dos seus impulsos primários. Como já havia demonstrado Norbert Elias, ao tratar do Processo de Civilização: “nos estágios iniciais de desenvolvimento, as instâncias de auto-coação

---

<sup>681</sup> YALLOP, David A. Op cit. p.34-35



necessitam de assistência e reforço constante que após interiorizados, poderiam levar a criação de um novo habitus”.<sup>682</sup>

Inicialmente, a presença desse profissional junto à comissão técnica estabeleceu um clima de curiosidade e desconfiança. Muitos atletas acreditavam que os resultados dos testes pudessem denunciar quem seriam aqueles que "tremeriam" num momento de decisão. Em sua autobiografia, Pelé fornece elementos que permitem perceber a forma com que os atletas viam o trabalho desempenhado por esse profissional:

Havia, contudo, um outro obstáculo. Como parte dos nossos preparativos, o psicólogo da equipe, o Dr. João Carvalhaes, tinha feito testes com todos os jogadores. Precisávamos fazer desenhos de pessoas e responder perguntas – o que, em tese, ajudaria o Dr. João a fazer as avaliações sobre se devíamos ser escalados ou não. Ou isso, era algo bem a frente do seu tempo no futebol ou não passava de invencionice, talvez as duas coisas. Quanto a mim, o psicólogo concluiu que eu não deveria ser escalado: “O Pelé é obviamente infantil. Falta a ele espírito de luta necessária”.<sup>683</sup>

Para esse jogador, pairava a dúvida sobre a importância do trabalho de um psicólogo no futebol. Os próprios dirigentes da CBD não utilizaram os testes aplicados por Carvalhaes como elemento definitivo para escalar, dispensar ou escolher os jogadores que fariam parte da equipe brasileira. A presença do psicólogo possibilita criar uma imagem de modernização da estrutura do futebol brasileiro, o que, em última instância, permite afirmar que o trabalho desse profissional foi muito mais simbólico do que real. Vários acontecimentos foram retratados, posteriormente, de forma romanceada, mas eles fornecem indícios de que o trabalho do psicólogo não tinha o objetivo de eliminar nenhum atleta.

De acordo com o próprio João Carvalhaes, sua função seria submeter os jogadores a testes de inteligência e equilíbrio psicológico, como fazia com os candidatos a motorista e a cobrador dos ônibus e bondes da Companhia Municipal de transportes coletivos de São Paulo, da qual era funcionário. Em 1954, ele tinha sido levado por Paulo Machado de Carvalho para aplicar os mesmos testes nos jogadores do São Paulo, e depois nos candidatos a árbitros e bandeirinhas da Federação Paulista.<sup>684</sup>

No selecionado brasileiro, os testes aplicados serviram para medir o nível cultural, índice de tensão, reflexos, coordenação motora, níveis de impulsividade e agressividade dos jogadores. Em 1958, esse vocabulário impressionava pela complexidade e

---

<sup>682</sup> ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios, 1**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006. p.22-23

<sup>683</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes. Op cit. p. 91-92.

<sup>684</sup> CARVALHAES, João. João Carvalhaes fala do seu trabalho. **Jornal Folha da Manhã**: São Paulo, 4 de julho de 1958. p.3.

desconhecimento da maioria das pessoas. Os testes encomendados pela CBD destinavam-se a algo simples: sondar quais jogadores tremariam na Copa, embora o combinado fosse que esses testes serviriam somente como indicadores para a comissão técnica, não teriam o poder de guilhotina sobre nenhum jogador.<sup>685</sup>

Paulo Machado de Carvalho relata que, na concentração do Brasil na Suécia, além dos treinamentos físicos, técnicos e táticos, havia longas conversas com o Dr. Hilton Gosling e as sessões de análise com o psicólogo Carvalhaes:

[...] Ele não conversava um a um com os jogadores. “Isto poderia agravar ainda mais quaisquer problemas que porventura tivessem”, disse ele aos repórteres. Tampouco conversava com eles em grupos. Esta técnica explicava, “poderia trazer de volta lembrança desagradáveis de figuras de autoridade, tais como professoras, e produzir resultados negativos”. Gostava que os jogadores se expressassem através de desenhos. Poderia, por exemplo, pedir que desenhassem o inimigo, os jogadores que, muito em breve, enfrentariam durante os jogos do grupo: os ingleses, os russos e os austríacos.<sup>686</sup>

Os agentes que estiveram diretamente envolvidos com o trabalho do selecionado nacional, em 1958, não apresentam em suas autobiografias problemas gerados pela falta de experiência de João Carvalhaes, em trabalhar com jogadores de futebol. Entretanto, os cronistas do *Jornal dos Sports* constantemente ironizavam a atuação do profissional:

O professor Carvalhaes fez uma seleção de filmes especialmente para vocês. É o nosso psicotécnico, estudou os gostos de cada um tirou uma média... Os jogadores bateram os pés no chão, rindo e exigindo o cinema logo. As luzes se apagaram e se ouviu o ruído do celulóide rolando. Apareceu na tela, em letras grandes: Criação de abelhas no Nordeste. E aí a luz teve que ser acesa logo. Os jogadores metiam os dedos na boca, vaiavam em assobios que doíam nos ouvidos. Não houve cinema. O professor Carvalhaes tinha sido reprovado como provador de fitas de cinema.<sup>687</sup>

É importante contextualizar esse episódio. Primeiro, porque tais palavras são atribuídas a Pelé, mas estão presentes em um livro escrito por Mario Filho, que, devido aos seus sentimentos regionalistas, tinha o hábito de criticar quase tudo o que tivesse origem paulista, e não foi diferente com o psicólogo. Por outro lado, o autor nos fornece um dado importante que é o choque cultural entre a visão que uma pessoa letrada cria sobre um tipo ideal de jogador – ou pelo menos um atleta que tivesse uma boa formação cultural e, neste caso, pudesse se interessar pelo tema apresentado no filme. Como demonstrado anteriormente, esta não era a realidade de grande parte dos jogadores do selecionado

<sup>685</sup> CARVALHAES, João. Psicotécnica nos Esportes. **O Estado de São Paulo**: São Paulo, 09 de outubro de 1958. p.7.

<sup>686</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 38-39.

<sup>687</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes. Mundial da Suécia. In: RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit. p.199.

brasileiro, que eram oriundos de famílias simples, sem muitas preocupações com a formação cultural e que viam no futebol uma das poucas possibilidades de ascensão social. Para pessoas que conviviam em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela falta de oportunidades, esse tipo de assunto não era de grande relevância.

O interessante é a tensão criada entre aquilo que deveria ser motivo de interesse para o jogador brasileiro, a partir da concepção de uma elite intelectual, e aquilo com que o jogador realmente estava preocupado que, neste caso, nada mais era do que algo para se distrair, relaxar e se divertir. Na sequência desse episódio, Pelé relata que a sessão de cinema só funcionou quando um dos jogadores do selecionado levou filmes de “Bang-Bang”, quando os jogadores vibraram feito crianças.<sup>688</sup>

Partindo-se de vários acontecimentos, que foram romantizados, alguns cronistas buscaram diminuir a importância do trabalho realizado por Carvalhaes, utilizando como estratégia a construção da imagem de uma pessoa descontrolada emocionalmente. Mario Filho, por exemplo, relata que o psicólogo tinha muito medo em andar de avião. O literato cria um cenário pitoresco que, em última análise, apresenta um psicólogo que havia sido contratado para auxiliar no autocontrole dos jogadores, mas que não conseguia controlar sequer a si mesmo: “O professor Carvalhaes estava pálido, de um pálido cinzento. Percebia-se o terror nos olhos dele, assustados, na boca que desaparecia debaixo do bigode... A voz do professor Carvalhaes vinha de longe: - Este avião está balançando, vai cair, eu vou morrer”.<sup>689</sup>

Além dessa imagem criada para o psicólogo, pela qual mostraram uma pessoa que não conhecia as necessidades e interesses dos jogadores, que tinha pânico de andar de avião e que, durante a Copa do Mundo, foi quem mais sentiu saudades de casa, buscou-se também desvalorizar o seu serviço, mostrando que “ele estava “desaparecido” desde os exames psicotécnicos realizados no início da temporada no Rio de Janeiro e que dias antes do terceiro jogo, resolveu mostrar o seu trabalho, convocando os jogadores e aplicando alguns testes”.<sup>690</sup> Na biografia de João Havelange, encontrou-se que “os testes feitos com os atletas indicaram que talentoso como fosse, Pelé não deveria seguir com a seleção para a Suécia, que sua oportunidade chegaria talvez no Chile”.<sup>691</sup> Os resultados dos testes haviam mostrado que Pelé era ainda muito imaturo e que seria perigoso colocá-lo em campo, da

---

<sup>688</sup> Ibidem.

<sup>689</sup> Ibid. p.191.

<sup>690</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p.180.

<sup>691</sup> YALLOP, David A. **Como eles roubaram o jogo**: segredos dos subterrâneos da FIFA. São Paulo: Record, 1998. p. 35. RODRIGUES, Ernesto. Jogo duro: a história de João Havelange. São Paulo: Record, 2007. p.35.

mesma forma que o psicólogo havia desaconselhado a permanência de Garrincha junto ao selecionado:

Seu QI baixo, seus desenhos e suas respostas ao teste psicotécnico, a maioria impregnada da obsessão do jogador por sexo, além de divertir o resto do time, levaram o sisudo psicólogo da seleção, João Carvalhaes, a conclusão de que ele não estava apto para disputar a Copa do Mundo.<sup>692</sup>

Essas situações, representadas de forma romanceada pelos literatos, fornecem indícios sobre a visão que os jogadores, dirigentes e cronistas tinham do trabalho desse profissional. É possível perceber que o planejamento “científico” da CBD foi apresentado por meio de um discurso ideal de modernidade para o futebol, em que todos os jogadores cumpririam as mesmas normas, teriam as mesmas oportunidades, o que, aparentemente, criava a impressão de que os problemas sociais estavam resolvidos. Entretanto, a prática cotidiana apresentava uma situação bem diferente da idealizada, pois era marcada por inúmeras tensões e heterogeneidade na formação dos atletas convocados.

A presença de um psicólogo no selecionado nacional vai de encontro à valorização do trabalho técnico presente na sociedade brasileira dos Anos Dourados. Além disso, realizar testes para aferir capacidades e estabelecer perfis para o mundo do trabalho era algo que estava sendo utilizado no Brasil daquele momento. A novidade, neste caso, diz respeito à introdução desse profissional para realizar o seu trabalho junto ao selecionado nacional de futebol.

Conviver com essas tensões modernizadoras estava presente na cultura política daquele momento, podendo ser verificada no projeto ideológico do governo JK. Segundo a pesquisadora Maria Victória Benevides, o presidente utilizou um mecanismo compensatório, que possibilitou concentrar o poder em suas mãos ao mesmo tempo em que o poder Executivo implementava uma política inovadora, porém, sem destruir o clientelismo já tradicional na administração brasileira. Os novos órgãos funcionavam como centros de assessoria e execução, enquanto os antigos continuavam a corresponder aos interesses das clientelas políticas, sobretudo regionais.<sup>693</sup>

Nesse sentido, verifica-se que organizações intelectuais, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB),<sup>694</sup> e também a Comissão de Estudos para a América Latina

---

<sup>692</sup> RODRIGUES, Ernesto. *Op cit.* 64.

<sup>693</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976. p. 199-233.

<sup>694</sup> O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado em julho de 1955 como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia nacional-desenvolvimentista que marcou a política brasileira desde a morte de Getúlio Vargas (1954) até a deposição de João Goulart (1964). Entre os seus fundadores estão Hélio Jaguaribe, Candido Mendes, Nelson Sodré... A

(CEPAL), mostravam que a prioridade brasileira era superar o subdesenvolvimento, tornando-se primordial que o homem vencesse a natureza em todos os seus aspectos. Cabe aqui ressaltar que grande parte da intelectualidade local considerava o homem brasileiro um indivíduo descontrolado e/ou violento por natureza, o que leva a acreditar que um dos objetivos do PPMC seria auxiliar para que essa situação fosse controlada.

#### 4.3 O PLANO MODERNIZADOR

O PPMC apresenta regras elementares de comportamento, fornecendo uma amostra de que o desenvolvimento dos modos de conduta não é natural. Porém, de forma paradoxal, a figura do psicólogo, no futebol, entrou para o imaginário coletivo como um dos principais símbolos da modernidade do esporte. Talvez porque, dentro da cultura política daquele momento, o futebol buscava seguir a mesma lógica da sociedade industrial, guiada por cinco princípios básicos: rendimento, eficácia; progresso; hierarquização e organização burocrática.<sup>695</sup>

O domínio da natureza só era possível através de um trabalho técnico-especializado, que levou o psicólogo a se tornar um dos signos centrais da modernidade do futebol brasileiro. Tal questão está envolta à criação de um mito do Brasil moderno, em que o futebol é um dos elementos que fazem parte dessa construção e o psicólogo um dos que permitem atribuir significado à narrativa, o que não permite afirmar que os problemas para os quais esse profissional foi contratado para resolver, tiveram solução. Mesmo com a vitória brasileira, permaneceram muitas contradições entre o planejamento idealizado e a sua prática efetiva.

Para atingir o objetivo proposto, a análise deste capítulo está centrada nos processos de tensão criados no momento em que o PPMC foi apresentado, ou seja, a análise irá priorizar a intenção dos dirigentes da CBD, ao criarem esse plano. Em alguns momentos, será privilegiada, também, a sua recepção, através de relatos biográficos dos jogadores e outros agentes diretamente envolvidos com a Copa do Mundo de 1958. Esses dados serão complementados pelo posicionamento dos cronistas acerca dos acontecimentos, logo, fornecendo a sua leitura daquilo que ocorria.

---

esse respeito cf. BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (coord.). **DHBB – Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro**: 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

<sup>695</sup> COSTA, Antônio da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, Martha & NEVES, Lecy Consuelo. **Futebol e Sociedade**: um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. p.14

O início deste planejamento foi baseado nas observações dos argumentos apresentados para as derrotas do futebol brasileiro, nas Copas de 1950 e 1954. Pode-se dizer que era praticamente unânime a ideia de que o problema estava no homem brasileiro e não na falta de técnica do jogador. Diante disso, buscou-se transformar o futebol intuitivo (futebol-arte) em futebol de laboratório, em que a espontaneidade fora racionalizada (futebol moderno), pois, para os dirigentes brasileiros, bem como para a crônica esportiva, em geral os problemas precisavam inicialmente ser resolvidos fora de campo, para que dentro dele pudesse conseguir os resultados esperados. Isso nos remete a uma questão instigante: o que é preponderante para que um selecionado vença o jogo: os jogadores ou a organização da equipe?

Não é prudente estabelecer uma ordem hierárquica para responder a questão. Até porque, a própria Copa do Mundo fornece alguns exemplos que podem ajudar a pensar melhor essa relação dialética. Em 1958, por exemplo, houve um minucioso processo de estruturação do mundial e de preparação da equipe sueca, que foi noticiada pela imprensa da época como modelo de organização, mas isso não foi suficiente para que os anfitriões vencessem a Copa do Mundo. Da mesma forma, o futebol brasileiro foi considerado quase imbatível na Copa de 1950, todavia acabou derrotado na partida final, apresentando, posteriormente, a falta de organização como uma das principais causas do fracasso.

Pode-se dizer que organização e/ou eficiência técnica, sozinhos, não produzem resultados satisfatórios. Isso nos leva a reconhecer que os esforços modernizadores do PPMC tiveram um papel importante na conquista do primeiro título brasileiro em uma Copa do Mundo, mas a sua eficácia foi decorrente de uma preocupação generalizada desse planejamento, que estava voltado para os aspectos técnicos, físicos, psíquicos, sociais e culturais dos jogadores. Algo que só se tornou possível devido à dedicação do grupo de trabalho montado para identificar as principais carências do futebol brasileiro.

Um dos primeiros nomes a ser lembrado é o do amigo de Paulo Machado, Ary Silva, um dos pioneiros comentaristas esportivos do rádio brasileiro e um dos grandes nomes da crônica esportiva. Tinha uma coluna no jornal *Diário de São Paulo*, na qual ele realizava a chamada “Torcida amiga. Bom dia!”. Era uma pessoa bastante organizada, cuidadoso, anotava em um diário tudo que presenciava trabalhando no âmbito esportivo. Acompanhava o selecionado nacional desde 1938, quando começou a trabalhar na rádio Bandeirantes, momento em que esse tipo de atividade era desprezada pela maioria dos

jornalistas.<sup>696</sup> Era um militante das causas sociais, sendo eleito vereador por duas vezes, em especial, pela sua liderança no bairro Santana da Zona Norte paulista.<sup>697</sup> Foi um dos conselheiros da comissão técnica.

O segundo nome escolhido foi Flávio Iazzeti, um dos responsáveis pela criação da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol, tendo o apoio de Paulo Machado de Carvalho e Planet Buarque.<sup>698</sup> Iazzeti escrevia uma coluna de basquete para o jornal *O Estado de São Paulo*. Na década de 40 trabalhou na rádio Pan-americana. Em 1950 na TV Tupi, em que realizou várias transmissões ao lado de Planet Buarque. Em 1947, acompanhou um curso de três meses sobre regras de futebol, ministrado na Inglaterra, após o qual, “Escreveu o primeiro livro da Escola de Árbitros no qual detalhou a história e interpretação das regras”.<sup>699</sup> Na seleção de 1958, foi responsável por ministrar aulas de arbitragem aos jogadores brasileiros, para que fossem evitados erros por desconhecimento das regras.

Outro convidado foi Paulo Planet Buarque, na época tinha 41 anos de idade e era jornalista da *Gazeta Esportiva*. Havia trabalhado na Rádio Record como comentarista. Na Rádio Pan-americana, que fazia parte das Emissoras Unidas de propriedade de Paulo Machado de Carvalho, lia uma crônica diária. Assim como Ary Silva, ele também teve envolvimento político, sendo eleito deputado estadual em duas oportunidades.<sup>700</sup> Em comemoração aos 50 anos da conquista do mundial da Suécia, a rádio Jovem Pan disponibilizou parte de uma entrevista realizada com esse personagem, na qual ele relembra como foi o início dos trabalhos para o planejamento do selecionado nacional:

Aí o Paulo Machado de Carvalho, ele me disse: - eu só disponho de tempo efetivo para gente cuidar deste assunto na hora do almoço e eu vou sugerir que a gente almoce todas as quartas-feiras no Zimertow, nos baixos do prédio da Federação Paulista de Futebol, porque ali nós temos privacidade e podemos inclusive para os curiosos dizer que estamos cuidando simplesmente das transmissões da então rádio panamericana ou mesmo, da Record.” E assim começaram a acontecer as reuniões semanais, através das quais, o dr. Paulo Machado de Carvalho e cada um de nós expunha um ponto de vista que era discutido em minúcias. Então começamos por exemplo, pela convocação. Quais deveriam ser os jogadores capazes de bem representar o Brasil? E desde logo, houve uma certa unanimidade em entendermos que nós precisávamos de ter batalhadores, lutadores acima de grandes

<sup>696</sup> Ari Barroso. Biografia. Disponível <[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_4362.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4362.html)>. Acesso realizado em 25 mai. 2008.

<sup>697</sup> Falece Ary Silva, um dos fundadores da AJORB. Disponível <<http://www.ajorb.com.br/ajn-01-4-10.html>> Acesso realizado em 25 mai. 2008.

<sup>698</sup> Ex-presidentes. Os imortais. Disponível em <[http://www.aceesp.org.br/presidentes\\_imortais.asp](http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp)>. Acesso realizado em 25 mai. 2008.

<sup>699</sup> Flávio Iazzeti. Criador da Escola de Árbitros da Federação Paulista. Disponível em <<http://www.terceirotempo.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=62792>>. Acesso em 30 mai. 2008.

<sup>700</sup> Paulo Planet Buarque-jornalista. Disponível <[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_4606.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4606.html)>. Acesso realizado em 10 jun. 2008.

cracks. Os grandes cracks eram-seriam indispensáveis mas deviam ser mesclados com jogadores que tivessem as características necessárias para um campeonato mundial de futebol que é jogado praticamente duas vezes por semana em partidas decisivas, porque eliminatórias.<sup>701</sup>

As lembranças deste fornecem indícios interessantes, o primeiro deles se refere à falta de tempo de Paulo Machado de Carvalho, o que foi fortemente criticado pela imprensa carioca da época, a qual relatava que ele praticamente não participara da montagem do plano. Na crônica intitulada “Confidencialmente”, escrita por Mario Filho, no *Jornal dos Sports* do dia 24 de novembro de 1957, localizou-se a primeira crítica do literato ao PPMC publicada nesse periódico. Na crônica, o literato mostra que o Plano apresentava inúmeros problemas, principalmente pelo fato de que havia sido elaborado pelos assessores, devido à falta de tempo do empresário; entre estes, o articulista destaca a figura de Paulo Planet Buarque, “o mesmo que deu uma rasteira em um policial suíço na Copa de 54”.



Extraído de BUARQUE, Paulo Planet. Op cit. p.47

Paulo Machado sabia que não poderia montar uma comissão formada somente por paulistas, pois teria que enfrentar a imprensa carioca. Por isso, seria menos desgastante envolver a participação de dirigentes cariocas. A escolha do supervisor foi estratégica nesse aspecto, pois o cargo foi ocupado pelo Sr. Carlos de Oliveira Nascimento, 54 anos de idade, ex-diretor do Fluminense e então dirigente do Bangu – clube cuja sede ficava em um dos lugares mais quentes do Rio de Janeiro –, mas Carlos Nascimento ia lá diariamente,

<sup>701</sup> Transcrito pelo autor a partir da narração disponível em <[http://www.aceesp.org.br/presidentes\\_imortais.asp](http://www.aceesp.org.br/presidentes_imortais.asp)>. Acessado em 18 de jun. 2008.



sempre vestindo terno e gravata. Muito mais do que ver nessa atitude uma narração folclórica, entende-se que se buscava, para a função de supervisor, alguém que apresentasse um comportamento e atitudes formais, nesse aspecto, a vestimenta era fundamental. Além disso, Carlos Nascimento era amigo de João Havelange, “considerado alguém com humor de cão, de pulso firme, responsável em fazer a ligação entre os jogadores e a comissão técnica”.<sup>702</sup>

Para a função de preparador físico, escolheu-se Paulo Lima Amaral, que na época era preparador físico do Botafogo Esporte Clube. Ex-jogador de futebol do Flamengo (1943-1946), foi um atleta mediano chegando a se tornar profissional. Foi um dos primeiros professores de Educação Física formados a trabalhar como preparador físico no futebol.<sup>703</sup> Paulo Amaral foi o primeiro preparador físico da seleção, antes dele, a função ficava sempre com o treinador, que exigia alguns abdominais, um alongamento e começava o treino com bola.<sup>704</sup>

A imagem deixada por esse personagem era a de uma pessoa estudiosa e revolucionária. Na sua primeira sessão de treinamento na Suécia, antes de iniciar a caminhada, ele reuniu os jogadores e explicou o seu método de trabalho. Segundo as lembranças de Pelé, ele teria justificado o fato de que muitos atletas diziam que ele puxava demais no treinamento, mas quem o conhecia sabia que não era verdade.<sup>705</sup> Acrescentou ainda:

Vou empregar o preparo atlético, físico e orgânico. Pelé não entendeu e apurou mais o ouvido. Explico – O preparo atlético é alcançado por meio da ginástica. Vou empregar o método dinamarquês, que uso no Botafogo. O preparo orgânico consiste na adaptação do organismo ao esforço físico, por meio de saltos, corridas de velocidade, etc., etc. O preparo técnico será realizado com o treinamento especializado. Para os goleiros e os atacantes chutes a gol e bate bola.<sup>706</sup>

De acordo com Pelé: “[...] naquele tempo, a mera presença de um preparador físico, qualquer que fosse sua estratégia, era uma progresso. E o ritmo intenso era bom, especialmente para uma campanha tão curta como a Copa do Mundo, com um máximo, na época de seis partidas para jogar”.<sup>707</sup> A passagem indica a dificuldade dos jogadores em compreender discursos realizados com a utilização de termos técnicos/específicos, o que aconteceu constantemente no PPMC.

<sup>702</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 153

<sup>703</sup> BATISTA, Bruno; LOURENÇO, Jorge & CARRION, Pedro. Glorioso perde velho ídolo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 2008. p.5

<sup>704</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 153.

<sup>705</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963. p.144.

<sup>706</sup> Ibidem.

<sup>707</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé, a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 89.

A responsabilidade da parte médica ficou a cargo do Dr. Hilton Gosling, médico do Bangu desde 1951, onde trabalhou com o dentista Mário Trigo e com o supervisor do clube Carlos Nascimento. Oriundo de família bem conceituada no Rio de Janeiro, teve uma formação bem acima da média dos brasileiros e, por isso, não exerceu apenas o papel de médico da delegação, mas também, foi responsável por auxiliar na escolha dos locais de concentração, dos locais para comer, dos hotéis.<sup>708</sup> É o que demonstra a crônica de Geraldo Romualdo Silva:

Pela primeira vez de que existe, a CBD desaperta o seu cinto de economia, propondo-se a efetuar e efetuando uma coisa útil. Quer dizer, pela primeira vez ela encara a realização de uma Copa do Mundo com a seriedade que o certame merece. Ela designou que uma autoridade competente fôsse realizar sondagem e estudos sobre o local da luta, para evitar contratempos quando estiver lá.<sup>709</sup>

Alguns dias depois, esse cronista publicou em sua coluna uma carta que havia recebido do seu amigo Gosling, o que, em certa medida, justifica a admiração e os elogios que transcendem a competência profissional com que o médico do selecionado realizou o seu trabalho, em prol do futebol brasileiro. O cronista relata que aquele era o melhor relatório já feito, até então, para a CBD e também o mais completo, pois ele mostrava que na Suécia existiam dois tipos básicos de comida – a local e a internacional –, mas para Gosling nenhum deles atendia ao paladar dos brasileiros. Tanto na cidade de Hindaas como em Atvidaberg, que seriam os locais em que a seleção brasileira deveria jogar, a comida é farta e saborosa, mas seria melhor levar um cozinheiro. A crônica destaca que, na época da Copa do Mundo, a temperatura estaria em torno de 15°. Os campos de futebol eram bons, mas ele não tinha conseguido aferir as dimensões destes. Ele deu, ainda, a sua impressão sobre o local sugerido inicialmente para a concentração:

O hotel é bonito, porém muito longe de onde se vai jogar, aproximadamente 1 uma hora de taxi e junto há uma praia de nudismo. Já imaginou o escândalo que isso fatalmente iria causar no Brasil inteiro, o dia em que viesse a ser informado que o seu scratch estaria metido numa colônia nudista. Provavelmente os europeus estejam melhores preparados do que nós para enfrentar essas novidades.<sup>710</sup>

A preocupação com diferentes fatores chama a atenção, pois são aspectos que não foram mencionados em outras preparações do selecionado nacional. Além disso, destaca-se a questão do choque cultural estabelecido pela praia de nudismo, que pode ser visto como

<sup>708</sup> CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 153-154.

<sup>709</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Roteiro do médico para o scratch não morrer de saudade. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1957. p.5

<sup>710</sup> SILVA, Geraldo Romualdo. Carta de Hilton Gosling. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1957. p.5

um exemplo do que Norbert Elias vai apontar como um: “[...] processo sócio-histórico, no curso do qual o padrão do que é julgado vergonhoso e ofensivo é lentamente elevado”.<sup>711</sup> Esse discurso cria a imagem de um povo estabelecido em um estágio civilizacional mais avançado do que os brasileiros, já que o pouco uso de roupa e o autocontrole dos indivíduos frente à situação são referências para que se possa perceber a forma com que eles mantêm suas relações individuais e sociais. Esse *habitus* é algo que se manifesta nas diferentes situações, inclusive em ocasiões esportivas, em que os jogadores precisam manter o controle para que o seu rendimento não seja prejudicado.

No caso brasileiro, os representantes da CBD se preocupavam com esse tipo de espaço moderno, diante do qual não se sabia como reagiria o homem brasileiro, em uma praia de nudismo, nem como seria a recepção dos torcedores ao saberem que os brasileiros estavam próximos a pessoas nuas. Acreditava-se que escândalos como ocorrera com outras delegações, acusadas de viajar somente para turismo, poderia se repetir, só que, desta vez, poderiam acusar a delegação brasileira de ter ido à Europa para fazer turismo sexual. Em um país de base católica como o Brasil, isso poderia se tornar um grande escândalo.

Partindo-se das experiências anteriormente vivenciadas, principalmente nas Copas do Mundo de 1954 e 1958, a CBD achou necessário impor alguns princípios de regulamentação comportamental no âmbito esportivo e social, para que houvesse uma transformação das atitudes sociais e psíquicas dos jogadores. Pode-se dizer que o planejamento era visto como uma tentativa de modificar as relações interpessoais e os processos sociais em diferentes níveis, a partir de uma visão idealizada da Europa. Buscou-se mostrar que o atleta brasileiro conseguia comportar-se como o inglês (que era a nossa referência cultural e especialmente esportiva) fora de campo e que, dentro de campo, se ele conseguisse manter o autocontrole, seria melhor do que qualquer país europeu.

Amigos, aconteceu o seguinte ontem no intervalo de Brasil X Inglaterra, veio um locutor brasileiro e agarrando o microfone disse apenas isto: - Se o Brasil continuar jogando assim não arranja nem o empate!” Ouvi esta barbaridade e cai das nuvens. Mas tive vontade, confesso, de sentar no meio-fio e chorar. Pergunto: - o que é que esse monstruoso “speaker” queria dizer com “jogando assim”? [...] O “keeper” inglês fez defesas impossíveis. A defesa adversária jogou tudo o que sabia e muito mais. É certo que não marcamos o gol que teria determinado a classificação. Mas como discutir a nossa superioridade indiscutível na etapa inicial? <sup>712</sup>

Esta é uma das diversas crônicas de Nelson Rodrigues, em que ele reclama do comportamento do brasileiro que, ao se colocar em disputa com nações estrangeiras,

<sup>711</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2 vol. p.135.

<sup>712</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Foi bom o empate. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1958. p.7.

assume uma situação de derrotismo, mesmo quando os acontecimentos remetem a uma condição de igualdade. Quando essa disputa era contra os ingleses, a situação era pior ainda. Os brasileiros veneravam, imitavam e não conseguiam visualizar uma possibilidade de vencê-los. Para o autor, era este o comportamento que prejudicava e dificultava o avanço do país. O problema era a falta de confiança em si mesmo e a necessidade de querer ser como os europeus.

No projeto modernizador pensado para o futebol brasileiro, Planet relata que uma das primeiras preocupações foi definir o perfil ideal de jogador que seria necessário para o selecionado, tendo em vista que o atleta brasileiro era considerado um artista da bola, embora carente de objetividade, de autocontrole e de espírito de combatividade.<sup>713</sup> Por isso, definiu-se que ao lado do *crack* deveria estar o jogador incansável, que jogava fundamentalmente pensando na equipe.<sup>714</sup> Conforme indica um dos artigos do PPMC:

Na convocação dos jogadores será levado em conta, tanto quanto possível, uma série de observações que digam respeito aos mesmos, observando os seguintes pontos: a) comportamento fora do gramado e suas relações; b) observações sobre as reações emocionais. Exemplo: Há jogadores que parecem render mais nos jogos locais e menos quando atuam na qualidade de visitantes, observação que se faz muito importante quando se cogita de jogos no estrangeiro; jogadores que rendem mais nos jogos, tidos como menor expressão ou projeção. [...] Objetiva-se com isto a conclusão de que o jogador que somente atua bem em compromissos como local ou de menor responsabilidade, apesar de seu valor técnico, não poderá interessar. É preferível encontrar outro que, talvez não tão completo no setor técnico, possa ser perfeito no que concerne ao seu autodomínio.<sup>715</sup>

Retoma-se a preocupação com a questão da falta de controle dos jogadores, o que, na Copa de 50, tinha levado o técnico brasileiro a montar uma equipe de base paulista, para representar o Brasil nos jogos realizados em São Paulo, e outra de base carioca, para os jogos do Rio de Janeiro. Entretanto, nesse momento, o que se buscava eram jogadores que pudessem manter o controle independente de onde acontecesse o jogo. Considerava-se “jogador ideal” aquele capaz de se autocontrolar, o que era visto como mais importante do que a qualidade técnica. Na concepção dos dirigentes, um atleta controlado conseguiria manter o mesmo nível de desempenho e, dessa maneira, não prejudicaria a equipe tecnicamente nem correria o risco de uma expulsão inusitada, o que poderia comprometer todo o planejamento pré-estabelecido para a equipe.

Tais inquietações se agravavam pelo fato de que os jogos seriam realizados em terras estrangeiras e havia um mito em torno da ideia de que o jogador brasileiro era muito

<sup>713</sup> Este perfil foi apresentado as vésperas da Copa de 1958, por uma das mais importantes revistas de futebol do mundo a “France Football”, apud NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. Op cit. p.54.

<sup>714</sup> BUARQUE, Paulo Planet. Op cit. p.64-65.

<sup>715</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Artigo 48. In: BUARQUE, Paulo Planet. Op cit.

sentimental, algo que ficou acentuado após a Copa de 1954, quando o dirigente brasileiro, João Lyra Filho, destacou a nostalgia como um dos principais problemas ocorridos com os atletas brasileiros na Suíça.<sup>716</sup>

Um fato que chama atenção, na forma com que os dirigentes redigiram o texto, é a utilização de um termo condicional – “tanto quanto possível”. Isso evidencia a busca por um tipo ideal, mas, ao mesmo tempo, era possível utilizar jogadores que fossem do seu interesse, sem, com isto, quebrar as exigências apresentadas no plano. O futebol pode ser visto como uma tentativa de equilibrar as tensões de um processo de autocontrole individual, por um planejamento realizado em vários níveis, inicialmente exposto de forma restritiva, mas que apresentava as possibilidades de alterações e/ou adequações. Em última instância, foi estabelecida uma possibilidade de fazer com que houvesse maleabilidade na utilização do regulamento, confirmando a cultura brasileira de uma modernidade permeada por uma lógica dupla, na qual os interesses sociais e a amizade prevalecem sobre as normas universais.

O artigo 48 do PPMC apresenta, ainda, outras exigências que deveriam ser observadas para a convocação dos jogadores:

Também deverá ser objeto de informações, saber se o jogador fuma, quantos cigarros fuma, se bebe, se gosta de tomar vinho ou cerveja, e qual o regime seguido pelo técnico nas concentrações do seu clube. Porque da média se deverá tirar o campo mais aproximadamente possível do ideal, visando tanto quanto possível o estabelecimento de um regime durante a convocação, que não quebre as normas habituais de vida de cada atleta.<sup>717</sup>

Verifica-se, aqui, uma tensão, pois ao mesmo tempo em que os dirigentes buscavam modificar o comportamento dos jogadores, aqueles entendiam que era importante o cuidado para não realizar mudanças radicais. Por isso, a ideia era observar o cotidiano dos jogadores e, a partir daí, realizar pequenas transformações, de maneira que se aproximasse do perfil do homem idealizado, sem fazer com que o novo ambiente fosse muito diferente do que eles estavam acostumados a viver em seu dia-a-dia. Essa situação pode servir como exemplo empírico de que o projeto civilizador é algo processual, que só ocorre a longo prazo, mas que é possível realizar pequenas transformações no *ethos* dos indivíduos, desde que estes sejam constantemente estimulados e vigiados.

Como se trata de um projeto voltado para vários indivíduos, as respostas tinham uma propensão em ser diferentes, pois a mudança de comportamento está diretamente

---

<sup>716</sup> LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo de 1954**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954. p.86-93.

<sup>717</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Artigo 48. Op cit.

relacionada ao *habitus* de cada pessoa, sofrendo interferência direta das experiências de vida adquiridas durante a infância, a juventude e pela configuração em que o indivíduo se desenvolveu. No sentido elisiano, esses acontecimentos podem ser vistos como um processo que tem, nas relações sociais e interpessoais, a possibilidade de um entendimento da transformação em diferentes níveis, que deveria levar a comportamentos diferentes daqueles realizados anteriormente. A eficiência desse projeto modernizador pode ser medida a partir do momento em que a autorregulação e a autocoção se tornarem mais fortes do que as normas impostas externamente.<sup>718</sup>

Muitos fatos foram utilizados pela mídia para auxiliar na criação do mito de um futebol moderno, como por exemplo, o acontecido com Garrincha nos amistosos da seleção nacional, contra as equipes italianas. Ruy Castro, escritor que apresenta uma tendência romântica em seus escritos literários, relata a ausência de Garrincha nos primeiros jogos do selecionado brasileiro na Copa. O autor demonstra que essa ausência de Garrincha não foi decorrente do excesso de dribles cometidos no amistoso na Itália, tampouco pelo jogador ter se vestido fora do padrão estabelecido pelo PPMC, ao utilizar um chapéu e um guarda-chuva pendurado no braço.

De acordo com o escritor, para o jogo de estreia, o treinador brasileiro recebeu informações, do observador da seleção, de que o time austríaco jogava com quatro jogadores no meio campo. A opção em não escalar Garrincha foi tática, pois se o Brasil utilizasse a sua formação normal, teria apenas Dino Sani, Didi e Zagalo, logo, perderia o espaço fundamental do campo de jogo. Segundo Ruy Castro, pensou-se em fazer uma adaptação do sistema de jogo, recuando Garrincha para auxiliar na marcação, o que daria maior poder de ataque quando a equipe brasileira estivesse com a posse de bola. Entretanto, o preparador físico Paulo Amaral, que estava acostumado a trabalhar com esse jogador no Botafogo, intercedeu:

Não vai dar certo. Garrincha não seguirá a sua instrução. No Botafogo, durante a preleção tática, nós mandamos ele ir jogar pingue-pongue ou fazer qualquer outra coisa. É imprevisível em campo. Se tem o gol aberto à sua frente, é capaz de passar a bola a um companheiro. Ou, então, completamente sem ângulo, resolve chutar. Só faz o que lhe dá na cabeça no momento. Não é jogador de seguir instruções.<sup>719</sup>

Independente da forma pitoresca com que o fato foi narrado, o que nos interessa é a contradição entre aquilo que um indivíduo está condicionado a fazer e a tentativa de uma

<sup>718</sup> ELIAS, Norbert. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

<sup>719</sup> AMARAL, Paulo. 1958: o sputnik fulminado. Apud CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.155.

coerção externa para moldar o seu comportamento. Nesse caso, percebeu-se que, por experiências anteriores, a resposta não seria positiva. Garrincha praticava o que se convencionou chamar de futebol-arte, caracterizado pela capacidade de improviso, de adaptação típica do homem brasileiro, que era avesso à previsibilidade. Assim, havia uma predominância da criatividade sobre a razão, pois muitos jogadores não conseguiam se limitar a normas pré-estabelecidas e, até aquele momento, os cronistas esportivos indicavam que esse era o diferencial do jogador brasileiro.

Por outro lado, esse tipo de comportamento era contrário aos pressupostos estabelecidos pela CBD: “Aqueles que não se adaptarem ao sistema da seleção serão dispensados”.<sup>720</sup> Novamente, localiza-se uma tensão entre um planejamento idealizado e a relativa autonomia presente no campo esportivo, em que jogadores com relativo capital simbólico, mesmo não modificando o seu comportamento, foram considerados indispensáveis. O que levou a uma flexibilização do planejamento frente às situações inusitadas que surgiam.

Nesse sentido, a individualização não deve ser vista como algo estático, mas como uma relação estabelecida a partir de uma maior interação e dependência. O processo de transformação é visualizado através da possibilidade de encontrar formas de comportamentos aceitáveis, não pela escolha do indivíduo, mas por parâmetros socialmente determinados e aceitos na maioria das sociedades. Tornava-se necessário os jogadores readaptarem os seus costumes, para que pudessem ser aceitos no mundo moderno:

Negligencia o fato de que sentimentos de agressividade são passíveis de serem despertados em toda e qualquer atividade competitiva e podem conduzir a resultados violentos onde as normas que demandam autocontrole dos impulsos violentos não tenham sido internalizadas profundamente. Em poucas palavras, parece razoável supor que o nível de violência mesmo em esportes de não-contato provavelmente depende do nível de civilização dos participantes e das sociedades que pertencem.<sup>721</sup>

É perigoso estabelecer o rótulo de que uma sociedade é mais civilizada do que a outra. Contudo, é possível determinar critérios tangíveis por meio dos quais se pode verificar que algumas sociedades tornam-se mais civilizadas, em certos aspectos, do que eram tempos antes. No entanto, concebida como um estado, a civilização pode ser visualizada como a busca de um ideal. Para o conceito de civilização é necessário haver uma regulação progressiva, crescente, estável e equilibrada, efetuada por indivíduos em

---

<sup>720</sup> RODRIGUES, Ernesto. Op cit. p.63

<sup>721</sup> DUNNING, Eric. Figurational sociology and the sociology of sport: some concluding remarks. In: DUNNING, Eric, ROJEK, C. (orgs) Sport and leisure in the civilizing process: critique and counter critique. Basingstoke: Macmillan, 1992, p.270

prol de suas vidas sociais, de modo a aumentar as chances de melhorar a qualidade de vida de todos, bem como de cada um dos indivíduos.

Por uma questão funcional, optou-se em condensar os 32 artigos do PPMC em categorias articuladas, e não dicotômicas, que foram criadas a partir dos objetivos presentes no conteúdo dos próprios artigos.

#### **a) Apresentação e conduta pessoal**

Como já foi visto anteriormente, a CBD tinha uma preocupação com a questão estética dos jogadores que representariam o Brasil na Suécia e, por conta disso, contratou um médico e um dentista. Estabeleceu que “Quando em viagem, nos locais de concentração, hotéis, visitas, observar a mais absoluta correção de atitudes e comportamento e de trajar”.<sup>722</sup>A dúvida que se levanta aqui é: o que se entende por absoluta correção de atitudes e comportamento?

A leitura de Mario Filho pode fornecer uma pista sobre as preocupações que estariam presentes no imaginário do Conselho Técnico de Futebol (CTF).<sup>723</sup> Em seu livro clássico “O Negro no Futebol Brasileiro”, o autor mostra que um dos maiores vexames envolvendo os jogadores brasileiros, durante a excursão realizada na Europa em 1956, ocorreu fora de campo:

Em Londres, depois de um treino, Sabará entrou no salão de chá do Lane Park Hotel de chinelo, toalha, macacão, camisa e gorriño de marinheiro, transformado, por alguns, num turbante. Eis a hora sagrada dos ingleses, ou melhor, das inglesas, sobretudo das velhas inglesas. Vendo, de repente, surgir, emoldurado na porta aberta do salão de chá, aquele preto de macacão e chinelos, as velhas inglesas deixaram cair as xícaras que seguravam, religiosamente, nas pontas dos dedos encolhidos, enquanto levavam à boca escancarada a outra mão, livre, para sufocar o grito bem inglês de suprema repulsa. - Shocking! (Chocante). Aquele shocking ecoou no Brasil. Como é que o Brasil mandava para Londres, numa representação esportiva, um Sabará? Que é que os ingleses pensariam de nós?<sup>724</sup>

Esse tipo de narrativa expõe a forma com que os jogadores brasileiros supostamente eram vistos no exterior. A questão do negro, provavelmente, foi utilizada por Mario Filho para poder trabalhar e valorizar o tema principal do seu livro clássico. No entanto, a sua representação resistiu ao tempo e foi reproduzida, inclusive, na biografia de Paulo Machado de Carvalho, personagem que supostamente acabou envolvido pela descrição rodrigueana:

<sup>722</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Artigo 74. Op cit

<sup>723</sup> Nome que será utilizado para designar o grupo que montou o Plano Paulo Machado de Carvalho.

<sup>724</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p.320.



De novo, o fantasma do racismo rondou a seleção. O culpado de tudo, acusavam os cartolas, era o “escurinho” ponta do Vasco, Sabará. Ele não tinha nada de aparecer de chinelos durante uma improvisada recepção à grã-finagem britânica. Para os dirigentes da CBD, o vexame não era tático, e sim diplomático.<sup>725</sup>

Para tentar evitar situações como a narrada por Mario Filho, o CTF estabeleceu que “Nas viagens – ônibus, trens, aviões, automóveis, nos hotéis, concentração, homenagens, banquetes, recepções, etc., os atletas só poderão tomar posse de lugares, de mesa ou alojamento, depois de designados pelos responsáveis”.<sup>726</sup> Essa descrição indica a necessidade de alguém definir aos atletas o que seria o comportamento adequado para cada situação. Isso dá indícios de que eles apresentavam dificuldades em compreender o que estava estabelecido no planejamento, algo decorrente da falta de experiência dos atletas em conviver em ambientes diferentes, os quais “exigem” comportamentos diferenciados, que variam de acordo com cada ocasião. Nesse aspecto, o planejamento coaduna com o posicionamento anterior de Lyra Filho: “Nenhum atleta ou jogador, saído do seio do povo, tem poder miraculoso para improvisar atributos culturalmente cristalizados [...] Não são muitos dentre os jogadores de futebol, aqueles que sabem ler e escrever corretamente”.<sup>727</sup>

Como os dirigentes da delegação eram considerados pessoas civilizadas, eles se tornaram responsáveis por definir quando e como os atletas deveriam se comportar. Como havia um descompasso entre o comportamento moderno e o processo civilizador, era necessário realizar uma forte coerção para que as atitudes fossem moldadas, auxiliando para que as transformações ocorressem em um curto período de tempo. Para tal, tornou-se necessário controlar rigidamente o cotidiano dos jogadores. Partiu-se de referências mais gerais, explicadas e adequadas de acordo com as especificidades de cada lugar e ocasião. Assim, os jogadores enfrentavam uma pressão coercitiva constante, ficando sob a ameaça de punição, cuja última instância seria o julgamento do atleta por ter infringido o PPMC.

O PPMC é considerado um aspecto da mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, por meio de restrição externa, podendo levá-lo a melhorar o seu autocontrole. Para isso, a CBD buscou padronizar as vestimentas, exigindo que:

Quando em viagem pelo exterior, os atletas deverão usar obrigatoriamente a indumentária que lhes for determinada, a qual será fornecida pela CBD, e que se constitui de dois tipos: a) Uniforme de viagem, visitas e recepções, de uso obrigatório nessas oportunidades( 2 pares de ternos, sapatos); b)

<sup>725</sup> CARVALHO, Paulo Machado. Apud CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. Op cit. p. 146.

<sup>726</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Artigo 81. Op cit.

<sup>727</sup> LYRA FILHO, João. Sociologia dos esportes. Op cit. p.102.

Uniforme para permanência no interior de hotéis ou locais de concentração (2 agasalhos, tênis, 2 camisetas, 2 shorts, meias curtas).<sup>728</sup>

Esse tipo de padronização faria com que os atletas não corressem riscos de estar inadequadamente trajados, pois, para situações formais, estavam previstas vestimentas clássicas e, para as situações informais, roupas esportivas. Para Zagallo, o vestuário adequado era algo importante: “Você não pode representar um país sem todo mundo estar dignamente com um terno e uma gravata, mostrando que existe organização. Isso é um princípio básico de tudo na vida”.<sup>729</sup> Cabe destacar que esse jogador teve uma vida diferenciada da grande maioria dos seus companheiros de equipe. Foi criado em uma família de bom poder aquisitivo, seus pais estudaram na Europa e Zagallo estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro e no Externato São José, ambos os colégios estavam entre os melhores do Rio de Janeiro, pela qualidade de ensino oferecida e pelo alto padrão de exigência comportamental exigido.<sup>730</sup>

O depoimento de Zagallo revela a importância psicológica que a vestimenta adequada proporcionou aos jogadores, pois a roupa (principalmente o terno) era vista como sinônimo de elegância, melhorando a autoestima dos jogadores e proporcionando às outras pessoas uma bonita estética visual.

Por outro lado, havia jogadores que, assim como Garrincha, praticamente não frequentaram a escola, nem tiveram informações básicas, que eram necessárias para o convívio social. Ao estudar o Processo Civilizador, Norbert Elias mostra que as primeiras experiências civilizatórias são fundamentais na criação do *habitus* do indivíduo. Nesse aspecto, é importante salientar que Garrincha teve uma vida de total liberdade, sem imposição de limites nem muitas cobranças por parte dos seus pais.<sup>731</sup> Essa liberdade foi prejudicial do ponto de vista cultural, mas parece ter sido importante para que Garrincha adquirisse um repertório motor significativo, que o auxiliou na prática do futebol.<sup>732</sup> Esse jogador viveu um dilema, decorrente do contraste entre a sua habilidade para o campo específico e a sua dificuldade de adaptação para o modelo de homem desejado:

<sup>728</sup> Plano Paulo Machado de Carvalho. Artigo 75. Op cit

<sup>729</sup> ZAGALLO, Mario Jorge Lobo. In; RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro: a história de João Havelange**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.65.

<sup>730</sup> ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. **Zagalo, um vencedor: a fantástica história do único tetracampeão mundial de futebol**. Rio de Janeiro: Erthal, 1996. p.11-13.

<sup>731</sup> A esse respeito cf. FREITAS JUNIOR, Miguel A. **Garrincha: Gênio ou descivilizado**. In: Anais do IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador. Ponta Grossa, PR: CEFET, 2005. p.206.

<sup>732</sup> PARLEBÁS, Pierre. **Perspectivas para una educación física moderna**. Andalucía – Espanha: Junta de Andalucía, 1987.

Garrincha não podia corresponder a um ideal de jogador de escrete, que a gente, inclusive muda de quando em quando. Em 50 esse ideal era um Obdulio Varela, “El Gran Capitan”. O que nos faltava, e nisso estávamos todos de acordo, era Obdulio Varela. Ainda hoje, com oito anos de atraso, há muitos entre nós que pensam ainda num “Gran Capitan”, que resolveria todos os nossos problemas num Campeonato do Mundo. Mas, se tivéssemos uns Garrinchas em 54, tudo seria diferente. Pelo Menos não tremeríamos em Berna. Garrincha jogaria contra os húngaros de 54 como se estivesse jogando contra um Madureira. Se um húngaro caísse sentado no chão depois de um drible dele ou se lhe tomasse a bola, a curiosidade seria a mesma. Perguntaria a Nilton Santos, e não por preferência e sim porque Nilton Santos jogava com ele e era um dos poucos que para ele não era João, quem era aquele João. Preferíamos, talvez outra noção de responsabilidade, outra compenetração, mas Garrincha nos dá a grande lição: é preciso aceitar o jogador como ele é.<sup>733</sup>

Nelson Rodrigues indica o que ele considerava um jogador ideal, e Garrincha não tinha esse perfil, pois apresentava virtudes, mas também muitos defeitos, e o jogador moderno era aquele que só tinha qualidades. A identificação desse cronista com o lado artístico do futebol, faz com que ele se oponha ao esquema lógico-racional criado para o selecionado com base na tradição européia. Isso contribui para que o literato acrescente em suas crônicas elementos inusitados, colocados lado a lado com o verossímil, sem nenhum mecanismo de distanciamento.

Garrincha aparece como contradição, criando situações que subvertem o PPMC, que deveria ser seguido por todos os atletas. O jogador representa uma parte da realidade popular, através das suas atitudes simples. Mas, por outro lado, ele não se entrega às exigências impostas pelos dirigentes, atitude inconsciente e, por isso, não pode ser considerada revolucionária, pois esse atleta não adquiriu a desejada consciência nacional, nem desejava mudar as situações. Ele queria apenas continuar sendo quem ele era e, portanto, não poderia ser considerado um herói, pois o herói deveria ser alguém que simbolizasse a modernização de um povo e que, mesmo diante de situações adversas, não fosse indolente, incorrigível ou violento.

Os princípios modernizadores, voltados para o futebol, apresentavam um ideal contraditório, pois se exigia mudança, sem que os jogadores mudassem; era preciso incorporar o comportamento dos outros sem se tornar os outros, por isso, tornou-se necessário um novo tipo de comportamento. Já não era suficiente que o jogador fosse somente um artista da bola. Os adversários foram estudados e os jogadores deveriam respeitar as estratégias estabelecidas pelo treinador, mas não se deve desconsiderar as especificidades do futebol que, por inúmeras questões específicas do próprio esporte, não possibilitam que haja uma definição apriorística. Para os dirigentes da CBD, era primordial que os jogadores escolhidos fossem capazes de respeitar exigências táticas e

---

<sup>733</sup> RODRIGUES, Nelson. Garrincha o gran capitan. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 26 abr. 1958. p.34.

comportamentais, por isso, considerou-se arriscado colocar em campo um jogador que não conseguia se controlar e que jogava de acordo com aquilo que achava correto.

A qualidade técnica de Garrincha era inquestionável, mas ele se tornou alvo de inúmeras histórias que simbolizavam a simplicidade e a ignorância do jogador brasileiro. Muitas dessas histórias se tornaram folclóricas, outras, talvez nem tenham acontecido ou ganharam novos significados com o passar do tempo, mas o ponto importante é que elas representavam o atraso cultural da população brasileira, quando comparada aos países desenvolvidos.

Garrincha foi o único jogador brasileiro fotografado com uma indumentária fora do padrão estabelecido pela CBD “Garrincha apareceu no hall de Chapéu Chile na cabeça e guarda-chuva pendurado no braço esquerdo, que encolhera”.<sup>734</sup>



O fato mostra a dificuldade desse indivíduo em respeitar normas pré-estabelecidas, pois, para este, o mais importante era o que ele estava sentindo. O atleta em questão seria uma versão moderna do personagem Macunaíma, descrito em 1928 por Mario de Andrade, a fim de mostrar o caráter inacabado da cultura brasileira. Como destacou Brookshaw, o fato desse herói não ter caráter, não se constitui em uma crítica pessimista da alma

---

<sup>734</sup> Ibid. p.190.

brasileira, pelo contrário, “a ausência de caráter era sintoma de uma mentalidade culta com possibilidades revolucionárias”.<sup>735</sup>

Para evitar qualquer distorção ao traje a ser utilizado, o CTF determinava que:

Em qualquer época, durante o período de convocação, devem os atletas apresentar-se bem trajados, segundo instruções dadas, não sendo permitido o uso de pijamas, chambres, chinelos, tamancos, calções curtos, sandálias, fora dos dormitórios ou vestiários, sob pena de vir o atleta punido pela transgressão a tais disposições, devendo também apresentar-se sempre barbeado e penteado.<sup>736</sup>

As instruções indicam que estar bem trajado é utilizar o terno fornecido pela CBD para todas as ocasiões formais, como passeios, festas e recepções. Isso demonstra a forte influência cultural européia, pois esse tipo de traje era típico de países com clima frio ou temperado, neste caso, especificamente, a utilização do terno era justificável porque a competição seria realizada na Europa. Contudo, a utilização do vestuário imposto fugia ao padrão que a grande maioria dos brasileiros e, sobretudo, os jogadores de futebol da época utilizavam. Garrincha pode ser classificado como o que DaMatta chama de malandro, que, para o autor é um personagem nacional: “É um papel social que está a nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe e jeito”.<sup>737</sup>

Gilberto Freyre, ao estudar o hábito do vestuário brasileiro, mostra que, para o homem ser considerado moderno e elegante, é necessário acompanhar a moda, produzida na Inglaterra, independente das diferenças climáticas e culturais.<sup>738</sup> Foi isso que os dirigentes da CBD fizeram. Encontraram uma vestimenta que fosse esteticamente agradável para quem olhava, sem se preocupar com o fato de a roupa escolhida estar fora do padrão da grande maioria dos jogadores de futebol da década de 50.

DaMatta, ao tratar da cultura brasileira, afirma que “O uniforme é uma roupa que uniformiza, isto é faz com que todos fiquem iguais, sujeitos a uma mesma ordenação e princípio do governo”<sup>739</sup>. Como Garrincha não estava acostumado ao estilo de roupa adotado, ele teria buscado uma alternativa para não fugir muito do padrão estabelecido para todos, mas que o aproximasse da identidade carioca. Desse modo, ele fez algumas

<sup>735</sup> BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1983. p. 96.

<sup>736</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Artigo 76. Op cit.

<sup>737</sup> DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 103.

<sup>738</sup> FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106-107.

<sup>739</sup> DAMATTA, Roberto. Op cit. p. 74.

adaptações ao vestuário, acrescentando-lhe um chapéu e um guarda-chuva preso ao braço<sup>740</sup>. Após se justificar aos dirigentes, tudo acabou acertado.

Fato semelhante ocorrera com o atleta Dida, que também desrespeitou o que estava previsto no PPMC, mas esse jogador fez de maneira consciente, como uma forma de reivindicar por algo que ele achava correto:

Só agora Pelé reparou na barba por fazer de Dida. Devia ser uma barba de dias, pois Dida não tinha barba cerrada. O seu Nascimento não ia gostar, pois tinha avisado no primeiro dia: - Os jogadores devem descer para o café somente de banho tomado e barba feita.... Pelé fechou os olhos de novo. De olhos fechados viu Dida de barba grande, ouviu Carlos Nascimento dizendo: - O jogador que descer para o café sem ter feito a barba, volta.<sup>741</sup>

Dida tinha deixado a barba crescer em sinal de protesto, por ter sido escalado para o jogo amistoso em Florença. De acordo com as memórias de Pelé, o atleta estava sentindo dores no tornozelo, mas após os testes, a comissão técnica resolveu que não iria poupá-lo, pois, a partir do relatório médico, puderam constatar que ele não estava machucado e sim preocupado com questões particulares.<sup>742</sup> Tal situação contrariava os pressupostos do PPMC, no qual os interesses coletivos deveriam prevalecer. Sendo mais uma situação que se encaixa no que DaMatta define como o “jeitinho brasileiro”:

[...] seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada – mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal.<sup>743</sup>

Esse tipo de situação não é aceita em países modernos, onde a lei, ou os regulamentos, só são escritos para serem cumpridos e estas leis são aplicadas a todas as pessoas. Todavia, o caso brasileiro revela os esforços de um país que buscava se modernizar, entretanto vivia a tensão entre o modelo idealizado e as respostas dos jogadores, o que levava à insatisfação dos dirigentes. Mas não há qualquer tipo de punição, como previsto no regulamento, repetindo o que acontecia na sociedade brasileira, em que fora criado um sistema de compensação pelo qual as leis acabavam ficando somente no papel.

<sup>740</sup> CASTRO, Ruy. Op cit. p. 147. Nascimento, Edson Arantes. In: RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit. p 123.

<sup>741</sup> Relata-se que Dida havia fechado contrato com a equipe do Roma RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. Op cit. p. 190.

<sup>742</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Viagem em torno de Pelé. op cit. p.193.

<sup>743</sup> DAMATTA, Roberto. Op cit. p.97.

## b) Horários e locais

Além da questão da aparência física, os membros do CTF buscaram controlar o cotidiano dos jogadores. Para tal, estabeleceu-se que ninguém poderia deixar o alojamento sem autorização e que os horários previamente estabelecidos deveriam ser respeitados. À primeira vista, o controle do tempo pode parecer algo exagerado, mas se essa atitude for sociologicamente observada, é possível perceber que a noção de tempo “[...] resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na história da humanidade. Todo o indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio de saber no que concerne ao conhecimento do tempo”.<sup>744</sup>

A noção de tempo depende das experiências anteriores e, de maneira geral, podia-se dar diferentes interpretações às questões temporais. Por isso, exigiu-se que todos os atletas respeitassem os horários estabelecidos para comer, dormir, treinar ou descansar, não sendo admitido nenhum tipo de atraso. A sociedade moderna é pautada pelo tempo autômato, o que obriga maior exatidão nos horários para realizar as diversas tarefas, algo que se faz necessário com o objetivo de organizar o trabalho coletivo. Mas controlar somente o tempo não era suficiente. Era preciso controlar os lugares que os jogadores poderiam frequentar: “Não se ausentar dos hotéis ou locais de concentração sem prévia autorização da direção técnica”.<sup>745</sup> A preocupação estava voltada para as possíveis fugas dos atletas, que poderiam comprometer o seu rendimento físico e, sobretudo, a imagem do país. Algo que fica explícito neste artigo do regulamento: “No período de convocação, em território nacional ou estrangeiro, fica proibida a freqüência a lugares pouco recomendáveis, casas de jogos, cabarês, dancings, etc. ainda quando licenças tenham sido concedidas para passeios e distrações”.<sup>746</sup>

Por isso, esse tipo de atitude era tido como inadmissível, sendo o único artigo a ser qualificado como gravíssimo. Era proibido aos jogadores: “Ausentar-se da cidade ou pernoitar fora do local de concentração, sem conhecimento prévio e expressa autorização da direção técnica. Constitui falta gravíssima, que importará no desligamento sumário da delegação, ainda que em viagem pelo exterior”.<sup>747</sup>

O controle não estava somente na saída dos atletas, mas também, com quem e em que momento eles poderiam falar, pois se acreditava que nada deveria tirar a concentração

---

<sup>744</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 10.

<sup>745</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Art. 72. Op cit.

<sup>746</sup> Ibid. Art. 78.

<sup>747</sup> Ibid. Art. 79

dos jogadores. A lembrança dos bastidores que antecederam a final da Copa do Mundo de 1950 ainda era bastante forte na memória dos dirigentes brasileiros. Independente da quantidade de pessoas que estiveram presentes na concentração do selecionado, desta vez optou-se por radicalizar e, para isto: “Com exceção dos que estão autorizados; não será permitida a saída do recinto de concentração, sob qualquer pretexto, bem como o recebimento de visitas sem autorização da direção técnica”.<sup>748</sup>

A cultura e os meios de comunicação são elementos que demonstram os caminhos da transformação em curso. Por isso, um dos símbolos da modernidade daquele momento foi severamente controlado:

Fica limitado ao mínimo indispensável o uso dos telefones nos hotéis e locais de concentração, estabelecendo-se para o assunto as seguintes disposições: a) O telefone estará sempre sob guarda de elementos indicados que atenderá os chamados de fora, decidindo sobre a conveniência ou não de chamar o atleta procurado; b) O elemento indicado para a guarda do telefone deverá conceder autorização para o uso do telefone quando o atleta quiser fazer chamadas para fora, devendo ser inteirado nesse caso, do assunto do telefonema, para autorizá-lo ou não; c) Será permitido o uso do telefone aos atletas, para comunicações com os seus familiares, recomendando-se entretanto o uso dessa faculdade para os casos imperiosos e com duração restrita da ligação.<sup>749</sup>

A visão dos dirigentes, sobre a relação dos jogadores com a sociedade, permite inferir que a inquietação era de que os atletas não tivessem nenhum tipo de preocupação com problemas externos. Nessa visão moderna, o futebol brasileiro buscava seguir as mesmas exigências da sociedade, em que o controle organizacional está pautado nas práticas empresarias, nas quais o funcionário deve estar totalmente voltado para a sua empresa, sem se preocupar com questões externas, pois, só desta forma, o lucro poderia ser maximizado, diminuindo os riscos. Por outro lado, a atitude revela um sistema de violência simbólica, que vem encoberto por um discurso de valorização do homem e da sociedade brasileira.

Ainda quanto ao controle das ações dos atletas dentro da concentração, determinou-se que “Não será permitida a permanência dos atletas nos quartos de alojamentos, fora dos horários estabelecidos para repouso, a não ser para mudança de roupa ou por indicação do médico”.<sup>750</sup> Tais precauções eram para que fosse evitado qualquer contato mais íntimo dos jogadores com mulheres, pois durante o mundial, a

---

<sup>748</sup> Ibid. Artigo 88.

<sup>749</sup> Ibid. Artigo 89.

<sup>750</sup> PLANO PAULO MACHADO DE CARVALHO. Art. 87. Op cit.



preocupação dos atletas deveria estar somente voltada para a conquista da Copa do Mundo.<sup>751</sup>

Um dos jogadores que mais sofreu com esse controle foi Didi. Não que o jogador gostasse de uma vida desregrada, a sua biografia e alguns documentos da época demonstram que ele não gostava de se afastar de sua esposa Guiomar. Como na época Didi tinha o maior salário do Brasil – pois para evitar que ele fosse embora para a Europa, o Botafogo lhe pagava 80 mil cruzeiros por mês, enquanto atletas como Pelé, que havia se tornado titular do Santos e passara a receber de forma semelhante a que recebia os grandes atletas daquela equipe e do Brasil, ganhava 13 mil cruzeiros por mês. Além disso, Didi acreditava ser detentor de uma vantagem moral, por ter feito o gol que classificou o Brasil para a Copa do mundo, o que lhe dava credibilidade para conversar com Paulo Machado de Carvalho: “Eu quero dizer ao senhor se a Guiomar for, vai por minha conta e não vai atrapalhar. – A Guiomar não vai, Didi – disse Paulo Machado de Carvalho[...] – Por que, Dr. Paulo? – Porque vamos para um campeonato do mundo. Eu tenho mulher, filhos e netos e vou sozinho”.<sup>752</sup>

Paulo Machado tentava explicar para Didi que, naquele momento, a nação estava precisando dele e que a defesa dos interesses da pátria deveria ser maior do que tudo. Não importava quem pagaria as despesas, o regime dos jogadores seria de internato e a única preocupação deveria ser os adversários, mesmo os dirigentes deixariam tudo para trás, buscando alcançar o objetivo estabelecido. “Não se fazer acompanhar de quem quer que seja, estranho à seleção, nos treinos, jogos, vestiários, locais de concentração e alojamento, nem pretender facilidades de entradas nos estádios a terceiros, ou meios de condução utilizados pela delegação”.<sup>753</sup>

Essa atitude foi fortemente criticada por Nelson Rodrigues, que sempre acreditou que o futebol e, mais especificamente, o jogador de futebol são movidos pela paixão e, nesse aspecto, Guiomar era a motivação que Didi precisava para ter um bom rendimento:

E, súbito a CBD toma uma providência patética: - baixa uma ordem impedindo que qualquer jogador leve a mulher à Suécia. Ora, a finalidade da medida é de uma cândida transparência. Só um cego de nascença não vê que se trata de separar Didi de Guiomar[...] Bem se vê que a CBD não entende nada de psicologia e nunca amou em sua vida. Ela vê o craque como tal, apenas. E nem desconfia que o jogador é, antes de tudo, um homem, e que, nessa base, a condição humana está implicada em todos os seus defeitos e virtudes?<sup>754</sup>

<sup>751</sup> CARVALHO, Paulo Machado. Apud. CARDOSO, Tom & ROCKMAN, Roberto. Op cit. p.167

<sup>752</sup> Ibid. p.143.

<sup>753</sup> Artigo 68

<sup>754</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Meu personagem da semana: Didi e Guiomar. **Revista Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1958.

Para o articulista, era necessário respeitar os sentimentos dos jogadores e a CBD estava pensando somente a partir de preocupações objetivas, que era vencer a competição e, para isto, o jogador não deveria ter nenhum tipo de preocupação extracampo. Nelson Rodrigues não aceitava os princípios modernizadores. Para ele, isso seria o fim do futebol, pois se buscava tirar do craque a sua inspiração. Aqui, coloca-se em tensão a questão da paixão e da objetividade do futebol. Para os cartolas, os jogadores deveriam respeitar as normas, pois só assim conseguiriam estar concentrados na Copa do Mundo, já para atletas como Didi e cronistas como Nelson Rodrigues, os atletas poderiam estar em contato com a família, pois esta era o motivo de inspiração e sua ausência poderia afetar psicologicamente os jogadores. Mas neste caso, o CTF manteve a sua postura e todos os jogadores e dirigentes foram impedidos de levarem as suas esposas, filhos e parentes para a Copa do Mundo, uma vez que os resquícios de 1954 estavam ainda bem vivos na memória e o CTF não pretendia correr os mesmos riscos.

Partindo-se da justificativa de que o grupo deveria permanecer unido, o CTF determinou que “Quando por ocasião dos jogos, os atletas não escalados para integrarem a equipe não poderão ausentar-se, devendo permanecer em lugar de fácil localização, e sendo obrigados, em qualquer hipótese, a assisti-los”.<sup>755</sup> Estrategicamente, utilizou-se da necessidade de uma coesão grupal, como forma de controlar todos os jogadores da equipe, mesmo aqueles que não estavam jogando.

O atleta era visto como representante máximo, a elite da nação, desta maneira, as suas atitudes deveriam ser condizentes com o papel social que ele representava naquela oportunidade, por isso ele deveria: “Manter regime de vida adequado a sua condição de atleta e esportista em serviço da seleção nacional, preservando assim sua melhor forma física e cultivando o respeito devido ao atleta em tal posição”.<sup>756</sup>

O próprio regulamento se encarrega de especificar o que seria um estilo de vida saudável: “Nos vestiários, antes e no intervalo das partidas é expressamente proibido o uso do fumo, estendendo-se essa proibição, naquele local, aos eventuais presentes ao mesmo, ainda que com posição na delegação ou visitantes”.<sup>757</sup> O que indica que a prática do tabagismo era comum, mesmo entre membros da elite que, nesse caso, também deveriam seguir a norma.

---

<sup>755</sup> Ibid. Artigo 83.

<sup>756</sup> Ibid. Artigo 67.

<sup>757</sup> Ibid. Artigo 84.

Entre as exigências que faziam parte do controle das atitudes dos atletas, enquanto legítimos representantes do Brasil, estavam as seguintes proibições: “Não tomar parte em jogos de azar”.<sup>758</sup> No mesmo sentido: “Nos hotéis ou locais de concentração é proibida a permanência dos atletas no bar, bem como o uso de bebidas alcoólicas”.<sup>759</sup>

### **c) Necessidade de educação formal mínima**

Alguns artigos presentes no PPMC demonstram claramente a necessidade de que os jogadores apresentassem uma formação educacional mínima, sabendo pelo menos ler e escrever, o que é contraditório ao perfil do jogador de futebol que João Lyra Filho entregou no relatório da CBD, em 1954, o qual indicava que a grande maioria dos jogadores de futebol, daquela seleção, era quase analfabeta. Entretanto, nessa Copa do Mundo, os atletas precisavam ter conhecimento de algumas informações diárias, que eram apresentadas textualmente: “Quando da assinatura diária do livro de ponto, nos locais de treinos, concentração ou alojamento, ler atentamente as instruções e a Ordem do Dia nele contidas, para a sua fiel observância, e submeter-se a pesagem para anotação no respectivo livro ponto”.<sup>760</sup>

Em outro artigo, indicava-se que “As determinações diárias dos responsáveis serão afixadas no livro ponto, ou local apropriado, e os atletas estarão obrigados a delas tomar conhecimento, de manhã, ao levantar, após as refeições e ao se escolherem”.<sup>761</sup> Tais artigos nos remetem a algumas possibilidades: 1) Havia alguém que era responsável em ler e explicar aos jogadores as instruções apresentadas pelos dirigentes da CBD. Essa pessoa poderia ser alguém da própria comissão técnica, que teria sido designada para a tarefa ou, então, de maneira mais informal, os atletas se ajudavam, aqueles que tinham uma melhor formação educacional auxiliavam os que apresentavam dificuldades para ler e, sobretudo, para entender o que estava escrito. Entretanto, nenhum desses tipos de ajuda foi localizado nos documentos analisados (biografias, autobiografias, o Plano Paulo Machado de Carvalho, jornais da época), mas, frente ao perfil do jogador brasileiro apresentado anteriormente, essa possibilidade não deve ser descartada. 2) O perfil do atleta brasileiro não era correspondente ao que foi retratado por Lyra Filho e que, muitas vezes, foi apresentado de forma romântica pela intelectualidade da época. Os jogadores do selecionado nacional, simbolicamente faziam parte de uma elite esportiva local e, como

---

<sup>758</sup> Ibid. Artigo 71.

<sup>759</sup> Ibid. Artigo 77.

<sup>760</sup> Ibid. Artigo 66.

<sup>761</sup> Ibid. Artigo 93.

membros desta, apresentavam a formação mínima necessária para poder ler e interpretar avisos e normas que lhes eram atribuídos. Esta é uma hipótese mais distante da realidade, no entanto, é uma possibilidade frente às situações contraditórias que surgem com o novo projeto modernizador.

Independente dos mecanismos utilizados pelos atletas para ter acesso às informações, o que fica evidenciado é que eles não poderiam descumprir aquilo que foi publicado, pois:

O não cumprimento de qualquer dos itens do regulamento, que poderá sofrer alterações no decurso do período de atividades do selecionado, importará em infração e nas conseqüentes penalidades, que serão aplicadas pelo Tribunal Especial a ser constituído junto à delegação, não procedendo qualquer alegação de desconhecimento deste regulamento, que será fornecido a cada um dos atletas convocados.<sup>762</sup>

Não foi possível aferir a veracidade dessas informações, tendo em vista que elas não são mencionadas nos documentos analisados, os quais não se referem à criação do Tribunal Especial. Isso nos leva a acreditar que essa atitude tinha uma intenção mais coibitiva do que punitiva, ou seja, buscou-se, através de ameaças, evitar que os atletas tomassem alguma atitude contrária aos parâmetros estabelecidos pelos dirigentes da CBD. Entendeu-se que a forma mais eficiente para que se pudesse ter qualquer mudança de comportamento era através da ameaça, da vigilância e da preocupação com uma possível punição.

Algo contraditório, se analisado a partir dos acontecimentos da Copa do Mundo, em que jogadores como Garrincha, Didi, Nilton Santos infringiram normas presentes no regulamento, seja pelo comportamento individual de Mane, ou pela atitude de rebeldia de Didi, ao não poder almoçar com Guiomar, ou pela interferência de Nilton Santos ao reivindicar que fosse alterada a equipe que estava representando o país. Esses são alguns dos exemplos que se chocavam com o que fora estabelecido no plano. No entanto, nenhum desses jogadores foi punido, o que instaura uma dúvida sobre a intencionalidade de concretização de algumas normas *versus* a intencionalidade de adentrar no imaginário dos jogadores e auxiliar na transformação dos seus comportamentos, pelo menos dentro de um padrão mínimo exigido.

Na concentração brasileira, o capitão teria atribuições específicas como representante legítimo dos jogadores e, de forma sutil, como um elemento que levaria informações necessárias aos dirigentes da CBD, o que influenciaria para que não houvesse

---

<sup>762</sup> Ibid. Artigo 95.

o mesmo desgaste ocorrido com o selecionado nacional no sul-americano de cinco anos antes, na cidade de Lima:

Diariamente será escolhido entre os próprios atletas integrantes da seleção nacional, aquele que será o chefe da delegação naquele dia, o qual apresentará ao fim do dia ao capitão do dia, um relatório das ocorrências havidas, tornando-se responsável por qualquer anormalidade não relatada, incumbindo-se o capitão de transmitir à direção técnica o relatório recebido, diariamente.<sup>763</sup>

Complementando essa norma, apresentou-se outro artigo mostrando que: “Qualquer anormalidade que se verifique, ou reclamação cabível, deverá ser levada pelos atletas ao conhecimento do capitão, o qual delas tomará nota para comunicação à direção técnica, para o exame da sua procedência e as providências cabíveis em cada caso”.<sup>764</sup>

Tais artigos apresentam uma conotação moral, ao incentivar o trabalho em equipe, a possibilidade de reivindicação, a necessidade de respeito à hierarquia, a possibilidade de escolher alguém para representar o jogador e, principalmente, a possibilidade de que qualquer jogador poderia ser escolhido. Contudo, o representante era uma figura que levaria todas as informações para os dirigentes da CBD que, por sua vez, tinham a possibilidade de manter o controle das ações dos jogadores, dentro e fora do campo.

Até aqui, verificou-se que o treinador deixou de ser uma figura centralizadora, que decidia pelos desígnios da equipe. Nesse planejamento, tentou-se criar uma imagem de valorização do trabalho em conjunto como a maneira mais eficiente de resolver os problemas surgidos. Talvez tenha sido por isso, que Vicente Feola foi chamado para ocupar a vaga para a qual ninguém havia sequer cogitado, antecipadamente, o seu nome para assumir esse posto. É que Nelson Rodrigues retrata na crônica “apologia sincera ao gordo”, quando indica que nem mesmo ele conhecia Feola, criando uma representação que amplia a falta de evidência deste nos meios esportivos, segundo os quais, para o literato, a principal virtude desse treinador não era o seu conhecimento técnico ou tático, suas estratégias ou comprometimento com a equipe, para Nelson Rodrigues, a maior virtude de Feola era ser gordo: “[...] Mas continuando o meu raciocínio: - quando me falaram de Feola, eu pouco sabia dele, ou por outra, a minha ignorância sobre Feola era total. Mas o fato de ser gordo já me pareceu uma indicação preciosa e estimulante”.<sup>765</sup>

Essa situação de controlar a seleção, a partir das discussões entre membros de uma comissão técnica, faz com que o poder não fique concentrado somente nas mãos do

---

<sup>763</sup> Ibid. Artigo 92

<sup>764</sup> Ibid. Artigo 94.

<sup>765</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Apologia sincera ao gordo. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1958. p.7.

treinador. Este se torna mais um dos membros da equipe técnica, a ponto de alguns cronistas retratarem, de forma folclórica, o seu comportamento, ao dizer que ele cochilava no banco de reservas. Essa imagem foi entendida no sentido literal e entrou para o imaginário coletivo como sinônimo de verdade, quando na realidade, cronistas, como Mario Filho, usaram da figura imagética para demonstrar que o treinador era uma pessoa de pouca expressividade no banco de reservas. Ele podia estar ali, em casa ou dormindo, que, na visão desse cronista, pouca coisa mudaria.<sup>766</sup>

#### **d) Relacionamento com os outros**

O padrão de autorregulação e a maneira como esse modelo se integra às pulsões de um indivíduo às daqueles que o rodeiam muda segundo as influências externas, apresentadas ao longo da vida. A vida na sociedade moderna faz com que se tenha uma maior cadeia de interdependência, aumentando o número de pessoas com que o indivíduo tem contato, o que requer equilíbrio, estabilidade e capacidade de autocontrole relativamente alta, de maneira que se consiga ter uma imagem positiva do homem brasileiro, ao longo de suas relações sociais. Por isso, uma das exigências impostas era a de que todos os jogadores deveriam “Tratar com o devido respeito os dirigentes, os responsáveis e auxiliares da seleção, os representantes da crônica esportiva, os funcionários de hotéis e alojamentos, bem como observar o maior espírito de coleguismo para com os seus companheiros”.<sup>767</sup>

Em vários artigos, busca-se enfatizar a importância da valorização dos companheiros. Neste caso, especificamente, a preocupação parece estar voltada a uma questão ética, pois essa norma está relacionada ao comportamento que se deve ter com as outras pessoas, destacando o tratamento cortês a ser oferecido para os membros da imprensa. Contudo, a ênfase vai para o respeito com os amigos, o que leva a entender que os jogadores não deveriam falar mal dos membros da comissão técnica, bem como dos seus colegas de equipe, principalmente para os representantes da imprensa. Posicionamento reforçado por Pelé, quando este relata que “[...] Quando um jornalista chegava, geralmente criava um mal estar. O jornalista procurava o jogador que devia estar descontente. Não era por mal, era para fazer uma reportagem mais viva. O leitor segundo o jornalista gostava destas coisas”.<sup>768</sup>

---

<sup>766</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Precisamos manter o treinador acordado. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de junho de 1958. p. 5.

<sup>767</sup> Plano Paulo Machado de Carvalho. Artigo 65.

<sup>768</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes. Op cit. p.164.

Essas palavras minimizam a situação dos representantes da imprensa, os quais normalmente buscavam os jogadores descontentes, pois, dessa forma, conseguiam retratar situações inéditas ou, ao menos, levar ao público uma história interessante. O planejamento procurava evitar que os jogadores tivessem contato direto com empresários e jornalistas, que eram sempre vorazes, buscando realizar ações políticas que levassem à conquista do jogador ou pudesse fornecer um furo e, para isso, nenhum dos dois personagens tinha limites. Não era prudente misturar negócios e futebol durante a Copa do Mundo. Era preciso realizar um grande esforço para que elas fossem vistas como pontos distintos. Sabendo dessas dificuldades, definiu-se, com a comissão técnica, que Carlos Nascimento seria o homem a representar o Brasil junto à imprensa, para evitar que os jogadores tivessem desgastes como os ocorridos com as seleções anteriores. Por isso, ninguém deveria ficar conversando com os repórteres sem autorização prévia.

Muitos cronistas criticaram o planejamento, mostrando que este era muito detalhista e de um nível de exigência muito acentuado. Contudo, os seus idealizadores acreditavam que, para conseguir uma modificação no comportamento dos jogadores, era necessário um alto nível coercitivo. A preocupação estava voltada para a ausência de autorregulação dos jogadores, o que leva a um comportamento vulnerável, semelhante ao de uma criança. Nesse sentido, acreditou-se que eram necessários muitos esforços preventivos para que se tornasse possível uma convivência social exemplar. Ou seja, buscou-se, através do PPMC, trabalhar com a relação entre processos sociais e ações individuais civilizadas. Mas, para evitar as possíveis destabilizações externas, definiu-se que:

Fica expressamente proibido aos atletas da seleção nacional, durante o período de convocação, até dispensa definitiva, imiscuir-se em assuntos que digam respeito a pedidos de donativos, bem como lhes é vedada a participação, a qualquer título – gracioso ou remunerado, em qualquer tipo de propaganda comercial.<sup>769</sup>

Provavelmente, a grande maioria dos jogadores não tenha compreendido a que se referia esse artigo, a não ser que, de forma sintética, ele diz que o jogador não pode participar de nenhum tipo de campanha beneficente durante a Copa do Mundo, nem fazer propagandas comerciais. Não se tem clareza se o objetivo dessa atitude era evitar algum tipo de assédio aos atletas ou controlar os possíveis contratos dos jogadores do selecionado. Na visão dos dirigentes da CBD, os jogadores não conseguiam controlar a sua vida econômica e para evitar problemas definiu-se que: “Aos atletas não é permitido a

---

<sup>769</sup> Plano Paulo Machado de Carvalho. Artigo 73. Op cit

assinatura de vales despesas nos hotéis ou locais de concentração, correndo por sua conta os gastos sobre o que não esteja facultado e autorizado pela chefia da delegação”.<sup>770</sup>

É preciso considerar que as transformações nas estruturas da personalidade dos jogadores fazem parte do desenvolvimento das estruturas sociais. O PPMC é considerado como um dos aspectos da mudança no padrão social a que o indivíduo é submetido, através da restrição externa, levando-o a se autocontrolar. Contudo, essas mudanças só produzem efeito quando reiteradas até que as coações externas sejam desnecessárias, devido à repulsa interna adquirida para determinadas situações. Entender os mecanismos de controle da CBD e a forma com que eles foram recebidos pelos jogadores e representados pela mídia é algo bastante importante, para que se perceba as contradições presentes na sociedade brasileira, em um momento de transformações das tradições, frente à conquista do primeiro título mundial de futebol. Contudo, o que se pode visualizar é que, atingir a modernidade no futebol não foi suficiente para acabar com os dilemas que se faziam presentes no discurso midiático e este ficou explícito nas crônicas produzidas após a vitória do selecionado nacional.

O ápice da tensão envolvendo a crônica esportiva<sup>771</sup> e os dirigentes do futebol brasileiro ocorreu logo após a vitória do selecionado na Copa do Mundo de Futebol, na Suécia. Quando os atletas brasileiros foram considerados os melhores jogadores do mundo, não só pelo título conquistado, mas pela forma com que jogaram:

Quando os investidores falavam em explorar o potencial do futebol brasileiro, desejavam um único aspecto do esporte no país: o fato de ele ser esteticamente mais agradável que qualquer outro no planeta. Nos anos do pós-guerra, quando de fato começou a competição internacional, o Brasil se tornou uma potência mundial porque jogava sem as rígidas restrições do futebol europeu. Posições, formações e defesa não eram nem de longe tão valorizadas quanto a espontaneidade, a destreza e os gols. Parafraçando o diretor de cinema italiano Pier Paolo Pasolini, enquanto o estilo europeu era prosa, o brasileiro era poesia. Os brasileiros criaram todo um novo conjunto de convenções para o jogo: passes de calcanhar, uma série de truques com a cabeça e os quadris, o gol de bicicleta. Mas enquanto o estilo e alguns jogadores do país prosperaram na economia global, o Brasil em si não.<sup>772</sup>

A preocupação dos literatos do *Jornal dos Sports* caminha no mesmo sentido do fato exposto pelo jornalista Franklin Foer, ao mostrar que se os clubes brasileiros se preocuparem somente em vender os seus melhores jogadores, não seria possível fortalecer

<sup>770</sup>Ibid. Artigo 91.

<sup>771</sup> Durante o mês de julho de 1958, o *Jornal dos Sports* produziu diariamente pelo menos uma crônica que se manifestava de maneira contrária a exportação dos jogadores brasileiros. As crônicas analisadas neste artigo foram escritas a menos de um mês após a conquista do Mundial, o que nos permite afirmar que elas foram produzidas ainda no calor dos acontecimentos e que nos revelam o pensamento de um reduto intelectual que ao mesmo tempo em que influenciava era influenciado pela configuração da qual ele fazia parte, o que minimamente nos auxilia para compreender o clima que o país estava vivenciando naquele momento.

<sup>772</sup> FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.109



os campeonatos existentes no Brasil. Ao exportar a sua matéria-prima, esses clubes estariam entregando aos países imperialistas os meios necessários para tornar a suas competições mais rentáveis, enquanto países subdesenvolvidos, como o Brasil, permaneceriam na dependência de exportar o jogador para manter o clube funcionando. Se a análise for feita a partir da ótica de um mundo globalizado, o problema não estaria na venda do jogador, que, em uma lógica mercantil, seria mais um dos “produtos” comercializados pela indústria do entretenimento. Entretanto, os literatos do *Jornal dos Sports* reivindicam a valorização do nacional e do lado humano do jogador que representou dignamente o Brasil na Europa.

Quando Bresser trata da Teoria da Dependência, é possível visualizar os acontecimentos presentes no futebol como um exemplo microscópico de uma teoria mais abrangente, que indica a falta de organização da elite do país como uma das principais causas do subdesenvolvimento, algo que historicamente já havia sido assinalado por Sérgio Buarque de Hollanda ao apontar “a tibieza do espírito de organização do povo brasileiro”.<sup>773</sup>

Para Bresser, o ponto central do problema brasileiro era “a forma dependente do capitalismo se manifesta na América Latina apontando que as elites dos países dominados ao aceitar esta situação associam-se aos dominadores”.<sup>774</sup> O que demonstrava a falta de organização das elites brasileiras, como possíveis catalisadoras da união das classes sociais em torno da nação. Por outro lado, o posicionamento defendido acaba se tornando maniqueísta, ao indicar que somente os países subdesenvolvidos eram dependentes de recursos financeiros dos países desenvolvidos. Pois, como se pode perceber nesta situação, os países desenvolvidos necessitavam da matéria-prima fornecida pelos países subdesenvolvidos, para que pudessem fomentar e ampliar seus negócios, o que criava um círculo virtuoso e não vicioso, como indicava esta teoria.

Ao realizar uma campanha tentando evitar a exportação dos jogadores do selecionado brasileiro que haviam conquistado o título de Campeão Mundial de Futebol, os cronistas do *Jornal dos Sports* cumprem com seu papel político, enquanto um reduto intelectual que está preocupado com a valorização do patrimônio nacional. Uma leitura mais atenta das crônicas desse periódico permite perceber que os textos são escritos com o cuidado de mostrar a importância da participação do governo, como instância fundamental

---

<sup>773</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>774</sup> PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Do ISEB e da CEPAL à teoria da dependência. In: TOLEDO, Caio Navarro (org.). **Intelectuais e políticas no Brasil: a experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.p. 217.

para resolver certos problemas que se apresentam na sociedade brasileira. Posicionamento recorrente entre os intelectuais da época, que atribuíam ao Estado a função de coordenar o projeto nacional-desenvolvimentista, tendo em vista que o Brasil não possuía uma burguesia que pudesse realizar esse papel.<sup>775</sup>

As crônicas de Mario Filho, após a vitória do selecionado brasileiro na Suécia, ultrapassam a questão da organização extracampo e caminham para a seguinte inquietação: como é possível desenvolver o futebol brasileiro e, por consequência, o nosso país se nós entregamos aos estrangeiros os protagonistas da nossa superação do subdesenvolvimento? Vejamos como o próprio autor responde essa questão:

O futebol brasileiro precisa dos seus campeões do mundo. Eles são as provas de até onde podemos chegar. Deram-nos uma lição de fé em nós mesmos. Perdendo-os teremos de começar de novo e com as mesmas vacilações de ontem. Com eles poderemos caminhar tranqüilos. Quando deixarem de jogar terão passado o bastão a outros que poderão continuar-lhes a obra. O exemplo deles servirá de estímulo aos que virão. Mas esse exemplo só nos servirá se eles ficarem conosco até o fim. Vendendo-os estaremos mostrando ao mundo que não somos dignos deles, que não compreendemos o que eles fizeram por nós e que é muito mais do que ainda se supõe. Nunca tivemos uma equipe que nos exaltasse tanto perante o mundo. Os grandes campeões redimiram o Brasil lá fora, apresentaram aos olhos europeus um Brasil que mereceu o respeito e a admiração do mundo. Noutras ocasiões nós é que tentamos nos iludir, criando para nós mesmos um sucesso que não tínhamos alcançado lá fora. Pela primeira vez o Brasil apareceu nas manchetes do mundo realmente admirado<sup>776</sup>.

Essa crônica nos revela dois momentos distintos e interdependentes. O primeiro deles se refere a um contexto social mais amplo, no qual o literato transfere a vitória do selecionado para a nação brasileira que, através desse título, teria a possibilidade de compensar as possíveis frustrações vividas no cotidiano. Por isso, a permanência dos jogadores no Brasil não é uma obrigação exclusiva do clube, mas um dever do país, por uma questão de respeito para aqueles indivíduos que souberam dignamente representá-lo na Europa, mostrando para o mundo as qualidades do povo e da nação brasileira.

Na visão desse literato, permitir que esses atletas deixem o país é distanciar-se de um futuro promissor. Pois o Brasil terá que realizar novamente todo um trabalho preparatório, para que possa vencer todos os problemas que afetavam o jogador e o brasileiro quando nesse tipo de disputa. Ou seja, a justificativa está amparada em valores

<sup>775</sup> Tanto a Escola de Sociologia da USP, quanto os intelectuais da CEPAL criticavam os teóricos do ISEB, mostrando a inviabilidade de um projeto nacional-desenvolvimentista que dependesse da presença da burguesia como elemento chave para a união das classes sociais em torno do conceito de nação, pois diferente do que acreditavam os teóricos do ISEB, as elites locais são alienadas e despreparadas para defender os interesses nacionais. Cf. PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Op cit.*

<sup>776</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. Vamos ser dignos dos campeões do mundo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, p.10, 8 jul. 1958.

morais, o que indica que o futebol não pode ser analisado apenas pelo seu aspecto econômico.

Em um segundo momento, verifica-se a importância dessa conquista, especificamente para o campo esportivo, o qual, graças a essa vitória, teve a possibilidade de melhorar a qualidade do futuro jogador brasileiro, que poderia se espelhar em atletas campeões mundiais, o que certamente seria significativo na formação das novas gerações, seja na tentativa de alcançar as mesmas glórias, seja na troca de experiência entre os atletas de diferentes gerações.

Na mesma linha de argumentação, Nelson Rodrigues, na crônica “Club não é boteco”, utiliza um estilo mais fantasioso, chamando a atenção para a importância de valores subjetivos, que para ele é a essência do futebol:

Leio os jornais e observo o seguinte: uma tendência universal para achar que os campeões do mundo devem aceitar, sim o próprio leilão. É a filosofia do toma lá e da cá, da oferta maior, do lance mais alto. Se oferecerem tanto a Vavá e tanto ao clube, o negócio deve ser fechado brutalmente e com a solidariedade e o estímulo da imprensa, do rádio e da televisão. Do contrário, argumenta a maioria dos meus confrades, seria prejudicar o crack e o clube.[...] É, como se vê, um raciocínio monstruoso, que coloca o problema em termos estritamente mercenários. Ora as profissões e as pessoas dependem ou, antes, dependem sobretudo de valores gratuitos. Procurarei esclarecer: - a vergonha de uma senhora honesta. É um bem material, negociável, a vergonha de uma senhora honesta? Não, evidentemente. E, no entanto, por esse valor gratuito, ela estará disposta a morrer ou matar. E assim o seu marido e os seus filhos. Não ocorreria a ninguém aconselhar a uma mulher casada que aceite uma boa oferta, em dinheiro, do primeiro pilantra. Ele estaria disposto a vender jóias, os talheres, as cadeiras, os lençóis, o diabo a quatro. Menos os seus valores incomerciáveis.<sup>777</sup>

A forma com que o literato relata os fatos é bastante significativa para que se possa perceber os valores presentes na sociedade daquele momento, da qual o autor retira subsídios para elaborar as suas representações, utilizando-se de grande criatividade para criar, por meio de um jogo de imagens inusitadas, o cenário ideal para que ele possa dar maior destaque e consistência aos seus posicionamentos. A partir desse ensejo, Nelson Rodrigues retoma a sua tese de que o clube pode vender todos os seus bens materiais, mas ninguém tem o direito de comercializar um jogador de futebol que foi campeão do mundo, que fez o nome do Brasil se tornar respeitado. Por isso, ele justifica os seus posicionamentos com base em juízos de valor que, neste caso, são representados pela honra de uma mulher. Algo instigante se pensado em um momento no qual a sociedade vivia uma fase de expansão do capitalismo, mas que, para esse intelectual, o ser humano possui virtudes que não podem acompanhar a tendência mercantil globalizada. Para o autor, o sentido da vida estava nos sentimentos.

<sup>777</sup> RODRIGUES, Nelson. Club não é boteco. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, p. 10, 26 jun. 1958.

Como forma de reiterar o seu argumento, o cronista recorre a algo concreto, presente no cotidiano, mas que tradicionalmente apresenta um valor estético inferior – o boteco. Este normalmente é visto como um lócus de livre comércio, onde tudo pode ser vendido (bebidas alcoólicas, cigarro, jogos) e que, via de regra, é visto como um lugar de pessoas desocupadas, que se encontram durante o seu tempo ocioso. A utilização da palavra boteco é intencional, pois, se verificada no dicionário, seria uma forma depreciativa de se referir ao bar.

Para que se possa ter uma compreensão mais ampla da campanha empreendida pelo *Jornal dos Sports*, entende-se como fundamental verificar a situação em que se encontrava o futebol brasileiro, naquele momento. Para isso, buscou-se subsídios nos estudos desenvolvidos pelo economista Marcelo Proni, os quais indicam que:

[...] não era uma lógica econômica que comandava a organização futebolística. Ao contrário, a condução administrativa amadora e o caráter “associativo” da modalidade limitavam a sua comercialização. De um lado, os estatutos dos clubes e federações estabeleciam mecanismos de representação que previam a rotatividade das diretorias, de outro, os torcedores, políticos, e a imprensa acabavam influenciando nas decisões referentes aos times e seleções, impedindo que o futebol fosse tratado como uma atividade privada.<sup>778</sup>

Diante da exposição dos fatos, é possível perceber que, mesmo com o rompimento das fronteiras geográficas no universo futebolístico, ainda havia uma grande distância a ser percorrida. Esta só ocorreu décadas depois, principalmente através da implantação do gerenciamento empresarial dos clubes europeus, bem como nas tentativas de transformação da administração do futebol brasileiro. Nesse sentido, é possível afirmar que aquilo que pode ser considerado racional hoje, não é a mesma razão daquele momento. Os literatos do *Jornal dos Sports* procuram mostrar que nessa configuração, em vias de consolidação, a transferência de um *crack* para a Europa, podia sanar os problemas financeiros imediatos do clube, mas, por outro lado, prejudicaria o fortalecimento do futebol brasileiro.

Além disso, como indica Nelson Rodrigues: se reduzirmos o futebol somente aos aspectos econômicos ele se tornara um jogo de pontapés, perdendo toda a sua magia.<sup>779</sup> Para ele, o sucesso do futebol sempre esteve ligado aos fatores subjetivos, nos quais ele se inspirou para criar um dos mais significativos dos seus personagens, o Sobrenatural de Almeida, o único indivíduo capaz de explicar ou influenciar os acontecimentos inusitados das partidas de futebol. Essas imprecisões citadas pelo literato são apresentadas por vários

<sup>778</sup> PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do Futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000. p. 40.

<sup>779</sup> RODRIGUES, Nelson. A magia do futebol. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, p. 10, 26 julho de 1958.

autores como possíveis motivos para o sucesso do futebol. A possibilidade de definição do jogo nos segundos finais gera um processo de tensão que acaba mantendo o interesse e a atração pelo jogo de futebol, porém, para que este se tornasse mais atrativo, a mídia esportiva teve um papel fundamental, em que a criação de mitos e o estímulo da rivalidade local, estadual, nacional e mundial foi de grande importância para incentivar a participação dos torcedores.

Mesmo sendo um processo não planejado, os cronistas do *Jornal dos Sports* acabaram se tornando personagens centrais no processo de consolidação do futebol na sociedade brasileira. A criação de mitos como Fla X Flu e/ou o complexo de vira-latas serviam de estímulo para os torcedores e leitores dos jornais que, por diversas vezes, se correspondiam com esses autores, emitindo o seu posicionamento sobre a sua paixão clubística. Não foi localizada nenhuma manifestação por parte dos leitores quanto à possível exportação dos jogadores brasileiros.

Entretanto, os jornais apresentavam, intencionalmente, várias matérias mostrando a gratidão dos torcedores, principalmente empresários que se dispunham a fazer doações de bens materiais para os jogadores campeões do mundo. Algo também expresso pelos cronistas do *Jornal dos Sports*:

Tenho encontrado quem me pergunte se não é melhor para o jogador, no caso campeão do mundo aproveitar o apogeu de glória, indo para a Espanha ou para a Itália, onde lhe pagarão milhões.[...] Encontro torcedor sem saber o que é melhor, não para ele, que por ele os campeões do mundo não sairiam daqui, mas para os jogadores que agora podem obter um preço com o qual nunca sonharam. Respondo que a pergunta talvez seja uma acusação. Aos dirigentes e a todos nós. Realmente não demos nada aos jogadores. Há muita gente que não pode dar senão o aplauso, ou então a lágrima, senão a gratidão. [...] O que o povo podia fazer, fez, e este foi o maior prêmio dos campeões do mundo. Mas há também, muita gente que pode dar e que não deu e, que se desse, não haveria hipótese de perdermos um só campeão do mundo.<sup>780</sup>

Esta mostra que o povo brasileiro ficou feliz e expressou a felicidade pelas lágrimas e gestos de gratidão para com os jogadores brasileiros. Ao mesmo tempo, questiona-se a participação do governo que, até o momento, não havia feito “nada” para evitar que os jogadores fossem embora do Brasil. Se observado o projeto nacional-desenvolvimentista, proposto por JK, torna-se claro que ele não se opõe à entrada do capital estrangeiro. As restrições estão em entregar a função mais dinâmica do desenvolvimento ou permitir o controle de setores econômicos estratégicos e, sobretudo, dos recursos naturais, o capital

---

<sup>780</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. A dívida com os campeões do mundo. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, p.10, 10 jul. 1958.

estrangeiro deve auxiliar e não se opor ou dificultar a maximização dos recursos nacionais.<sup>781</sup>

A questão da modernização, da urbanização, da industrialização e da entrada de capital estrangeiro, não são projetos inéditos na história do Brasil. A diferença, nesse momento, se dá na participação do Estado como elemento central de organização do projeto. Nesse sentido, os literatos acabam solicitando e questionando a falta de participação do Estado, em uma situação que, para eles, era fundamental, principalmente por se tratar de um momento de transição da cultura política nacional que, para ser consolidada, necessitava da mudança de comportamento do homem brasileiro, que deveria aprender a valorizar o seu país. Diante dessa situação, os intelectuais reivindicam a intervenção do governo, como forma de valorização do novo homem brasileiro. Fato apresentado em uma crônica de Vargas Netto:

Já se verificou que os dirigentes do football brasileiro não estão a altura dos nossos cracks e, muito menos, da nossa torcida! Estamos vendo, assistindo, sentindo a fabulosa repercussão internacional que teve a vitória do Brasil no Campeonato do Mundo! Vimos o entusiasmo nacional da torcida brasileira, chorando lágrimas de amor sobre o nosso glorioso pavilhão, não só na Suécia, em toda a extensão do nosso território, como se essa vitória fosse uma exigência vital, porque representava a afirmação de uma raça na habilidade e na coragem de seus filhos! Essa vitória nivelou classes, unificou sentimentos, derrubou fronteiras e partidos, fez esquecer ressentimentos pessoais, para que apenas todos se lembrassem do Brasil, do auri-verde pendão, oscilando no mastro a vitória sobre as cabeças loiras da Escandinávia.[...] É preciso o estudo do CND, no estudo imediato do problema, propondo remédios heróicos. É imprescindível a ação enérgica do Presidente J.K. para não deixar cair o prestígio do nosso desporto com a evasão mercantilíssima de nossos cracks.[...] Um football sem cracks não vale nada e deixa de ser atração. Presidente defenda o Brasil contra o poderio da moeda estrangeira<sup>782</sup>!

Naquele momento, mesmo os jogadores do selecionado nacional não tinham salários astronômicos. Isso fazia com que muitos desses atletas, em sua maioria, oriundos das classes mais simples da sociedade, não tivessem uma ascensão social. Por isso, foi comum que, logo após a vitória brasileira, os mais diferentes segmentos da sociedade oferecessem prêmios aos jogadores, tais como roupas, relógios, jóias, assessoria para plantio ou criação de animais. Os cronistas do *Jornal dos Sports* buscavam demonstrar aos seus leitores que, após aquela vitória, os jogadores e o futebol brasileiro já não seriam mais os mesmos. Por isso, devia-se aproveitar a imagem dos *cracks* como um estímulo para aumentar o número de torcedores que frequentavam os estádios. Esta poderia ser uma forma de atrair, também, aqueles indivíduos que só paravam para assistir/escutar o futebol

<sup>781</sup> Cf. IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 252-259.

<sup>782</sup> VARGAS NETO, Getúlio. A vez do governo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, p.11, 15 jul. 1958.

em momentos de Copa do Mundo. Mas, agora, com a transformação de alguns jogadores em “heróis”, os torcedores teriam a oportunidade de confirmar as virtudes apresentadas nas crônicas, comparecendo aos estádios de futebol.

Uma das dificuldades encontradas pelos jogadores, que visualizavam a transferência para a Europa como uma oportunidade de alcançar a estabilidade financeira, era a falta de preparação do jogador de futebol brasileiro, que normalmente era deficitária do ponto de vista cultural, higiênico e psicológico. Fato este que se confirma pela intervenção da CBD, na tentativa de minimizar tais problemas.

Além disso, outro fator importante era a disputa de poder nas equipes de futebol, o que fazia com que o jogador brasileiro, via de regra, fosse tratado como um “jogador intrometido”, oriundo de um país subdesenvolvido que chegou para tentar tomar o lugar do melhor jogador da equipe, por isso, as hostilidades eram constantes. Essas dificuldades foram vivenciadas pelo jogador brasileiro Didi, quando foi vendido para o Real Madrid: “[...] Em 1958, já como campeão do mundo, título obtido na Suécia, Didi deixou o Botafogo pelo Real Madri, da Espanha, onde não foi feliz, principalmente por causa do boicote que lhe moveu Alfredo Di Stefano, o mais festejado do clube espanhol”.<sup>783</sup>

O caso de Didi é um exemplo emblemático que acabou acontecendo com os poucos jogadores brasileiros que foram vendidos para equipes européias. Na maioria dos casos, os atletas acabaram retornando ao Brasil, por não se adaptarem a um mercado que exigia um comportamento profissional do atleta e do homem que representava uma equipe ou clube social. Utilizando o conceito elisiano, é possível afirmar que os países europeus estavam em estágios diferentes do processo civilizacional, quando comparados aos países subdesenvolvidos.

Os acontecimentos históricos indicam que, o Projeto de Modernização da CBD para o futebol nacional não foi decorrente de uma política governamental formal, mas acabou fazendo parte de um projeto cultural mais amplo, facilitado pela visão administrativa de alguns membros da elite carioca e paulista. Esse projeto apresentou uma relação dialética com a sociedade daquele momento, pois, ao mesmo tempo em que influenciou, foi influenciado pelo clima de modernização pelo qual atravessava o Brasil e, também, pelas novas exigências apresentadas pelo capitalismo internacional que se expandia para todo o mundo.

A vitória da seleção nacional na Suécia foi um acontecimento extremamente valorizado pela sociedade brasileira como um todo. Servindo, ainda, de motivação para

---

<sup>783</sup> A história ilustrada do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDOBRAS. Vol. 4. p. 372. *Grifo nosso.*

alguns intelectuais refletirem sobre a situação do país naquele momento. Como indica Carlos Drummond de Andrade:

Não me venham insinuar que o futebol é o único motivo de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. Indica valores morais e eugênicos, saúde de corpo e de espírito associativo e de técnica. Não se trata de esconder nossas carências, mas de mostrar como vendo sendo corrigidas, como se temperam com virtualidades que a educação irá desvendando, e de assinalar o avanço imenso que a nossa gente vai alcançando na descoberta de si mesma. Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros.<sup>784</sup>

Durante a realização deste estudo, verificou-se que uma das grandes dificuldades em trabalhar academicamente com o tema futebol é o fato de este se encontrar permeado pela presença de sentimentos como a paixão, a vergonha, o ressentimento, o ódio, a solidariedade e a humildade. Compreendê-los é um desafio que se coloca para o pesquisador das Ciências Sociais e Humanas, pois, normalmente, tais sentimentos são colocados como contradição das ações racionais e, neste caso, acaba havendo a supervalorização da razão sobre a paixão. É nesse paradoxo encontrado entre as ações racionais e os sentimentos, entre o moderno e o tradicional, que podemos localizar os sentimentos, os sonhos e as utopias presentes em um determinado momento de uma sociedade.

Na visão dos cronistas, para o Brasil chegar à modernidade esportiva, foi necessário que os seus dirigentes percebessem que a riqueza do país não estava na cópia de um modelo importado da Europa, mas na capacidade de valorizar os dons naturais dos seus representantes. Como demonstra Nelson Rodrigues:

Sim amigos o futebol brasileiro começou a ser campeão do mundo quando passou a ser ele mesmo. Isto é ágil, acrobático, elástico, quase alado. Bastou os primeiros trinta minutos de jogo, contra a Rússia para Garrincha numa penetração individual, liquidasse a defesa adversária. Ora, não se conseguiria este resultado instantâneo e triunfal se Garrincha jogasse de primeira e com a simplicidade que os nossos cronistas e locutores vinham recomendando histericamente. Foi uma dura lição para nós: - percebíamos subitamente que os europeus eram uns lerdos, uns bovinos diante da variedade inestancável das nossas improvisações.<sup>785</sup>

---

<sup>784</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Celebremos. **Jornal Correio da Manhã**. Rio de Janeiro 1 julho de 1958. p.7.

<sup>785</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A vantagem de ser brasileiro. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1958. p.6.



Para esses literatos, a vitória do selecionado brasileiro foi o ápice de um projeto que buscava demonstrar a grandeza de uma nação e as virtudes do seu povo, expressas, em especial, por seus jogadores negros e mestiços, mas que só se tornou completa pela presença dos atletas brancos, vindos de equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Como demonstra Nelson Rodrigues, em uma das suas crônicas escritas após a conquista do título na Suécia: “*Brasileiros. Não foi apenas a vitória de um time. Foi um triunfo vital de todos nós. A partir da vitória, o brasileiro passa a acreditar em si mesmo e no Brasil. Viva o Brasil e viva o brasileiro!*”.<sup>786</sup>

Para os cronistas, essa vitória revelou a identidade do brasileiro, expressa através das fintas, da ingenuidade, da malandragem e do improviso de Garrincha e Didi. Mas os cronistas já haviam preparado o caminho para escolher Pelé como o símbolo do homem brasileiro. Pois, desse modo, seria a consagração do herói negro de Mario Filho, ao mesmo tempo em que seria utilizada a imagem de um bom menino, oriundo de um lar humilde, que não representava uma vida desregrada, como muitos dos seus companheiros de equipe.

Não se está dizendo que Pelé não tenha obtido o reconhecimento mundial. Busca-se mostrar que a crônica esportiva ajudou a perpetuar a sua imagem como símbolo da autenticidade brasileira. Isso ia de encontro ao desejo de Mario Filho e seus colegas do *Jornal dos Sports*, os quais acompanharam a cultura política do período de JK, marcado pela presença do otimismo e da confiança no futuro. Os cronistas utilizaram essa vitória para demonstrar que o Brasil estava no caminho certo, sendo uma nação promissora que conseguiu vencer a partir da convivência harmoniosa de seus atletas mestiços, que descobriram que o real valor do povo brasileiro não estava em um passado marcado pela presença de revoluções e heróis de guerra, ou pelo orgulho em pertencer ao rol dos países desenvolvidos.

O valor do brasileiro estava em se admitir como ele era. Nas pernas tortas de Garrincha, na cor da pele de Didi, Pelé e seus companheiros. Em síntese, esse resultado só foi possível porque o Brasil venceu a si mesmo e, ao fazer isso, todos passaram a orgulhar-se de ser brasileiro, pois se tornou possível perceber que nada se deixava a desejar aos europeus. Para os cronistas, o Brasil estava pronto para a modernidade, algo que fica explícito na representação criada para a mudança de comportamento do homem brasileiro, que, neste caso, é expressa pela atitude de Didi:

---

<sup>786</sup> *Ibidem.*

Didi desce do trem e, logo é acometido por um gaiato de imprensa sueca. Com uma bola na mão, o confrade de lá, pretende que Didi a chute para o flagrante fotográfico. E então, o brasileiro, respondeu com uma polidez, uma concisão, uma cordialidade sem igual: - Meu amigo, estação é lugar de embarque e desembarque. Só chuto em campo.<sup>787</sup>

Os fatos expostos por esse autor demonstram que, a partir da vitória do futebol brasileiro, foi criado um novo tipo de homem. Um homem que não fica restrito somente às determinações econômicas. Temos clareza, no entanto, que apenas isso não é suficiente para se alcançar o ideário de um Brasil moderno, mas foi um elemento significativo na criação do “mito” do novo homem brasileiro e de um país vitorioso que seguia a cultura política expressa pelo governo JK.

A crônica escrita por Carlos Drummond de Andrade é uma síntese perfeita do que apresentamos até aqui, pois esse autor conseguiu expressar o significado da vitória para a sociedade brasileira, sem deixar de valorizar o trabalho profissional realizado pelos especialistas, que colaborou na potencialização das capacidades dos jogadores. Deixemos que este literato apresente os fatos:

Não me venham insinuar que o futebol é o único motivo nacional de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. Não se trata de esconder as nossas carências, mas de mostrar como vêm sendo corrigidas, como se temperam com virtualidades que a educação irá desvendando, e de assinalar o avanço imenso que nossa gente vai alcançando na descoberta de si mesma.

Esses rapazes, em sua mistura de sangues e de áreas culturais, exprimem uma realidade humana e social que há trinta anos oferecia padrões menos lisonjeiros. Do Jeca Tatu de Monteiro Lobato ao esperto Garrincha e a esse fabuloso menino Pelé, o homem humilde do Brasil se libertou de muitas tristezas. Já tem caminhos abertos à sua frente e já sabe abri-los, por conta própria, quando não é assistido pelos serviços sociais e de classe a que cumpre melhorar as condições de vida coletiva. O futebol trouxe ao proletariado urbano e rural a chave para o autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo.

Mas agora, vemos o futebol operando ou espelhando maiores mudanças, pois a conquista do campeonato mundial demonstrou a meu ver um maior entrosamento das forças sociais, a máquina burocrática do esporte deixando de operar as suas porcas e parafusos de intrigas, ambição e politicagem, consciência mais funda dos dirigentes; carta branca aos peritos para os trabalhos de formação e aprimoramento da equipe, e a contenção geral para evitar desdobramentos emocionais prévios, comprometedores do equilíbrio psíquico dos esportistas. Tudo isso em termos de educação nacional, é confortador, e permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo, dá a gente um certo prazer matinal de ser brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido. Prazer límpido, sem xenofobia: é justamente por nos sentirmos iguais aos outros povos capazes de vencer o campeonato que nos despimos de pretensões de superioridade ou domínio político.<sup>788</sup>

<sup>787</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Deu a louca no Brasil. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1958. p.7.

<sup>788</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Celebremos. Rio de Janeiro: **Jornal Correio da Manhã**. Julho de 1958. p.7.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, buscamos perceber a forma com que diferentes agentes ligados ao campo esportivo (fundamentalmente cronistas e memorialistas) descreveram os acontecimentos relativos ao futebol do selecionado nacional, na década de 1950. Ao analisarmos a documentação, percebemos que os discursos emitidos pelos cronistas do *Jornal dos Sports* apresentavam uma pluralidade de representações, que serviam de alternativa diante da frustração pela impossibilidade de realização dos seus desejos.

O retrato do Brasil, por meio das crônicas futebolísticas, revela, a seu modo, alguns dos grandes temas tratados pela intelectualidade brasileira, os quais foram expressos por três eixos centrais de análise. O primeiro deles é a raça – influenciada pelos ideais da era escravista, a sociedade brasileira assumiu uma forma de racismo velada, que se explicitou ao longo da análise do Projeto Unesco, no qual ficou evidenciado que o racismo brasileiro não é uma questão doutrinária, mas cultural. Diante dessa situação, os cronistas do *Jornal dos Sports* utilizavam o futebol a fim de alcançar a valorização dos indivíduos negros e mestiços.

O segundo eixo são as distinções geográficas – as disputas literária, política e ideológica dos intelectuais paulistas e cariocas, marcaram o debate de um período em que se apresentava a necessidade de uma cultura global em detrimento de uma identidade regional. Mesmo apresentando um discurso de coesão nacional, é possível perceber a tendência dos cronistas em valorizar os jogadores, a cultura, o comportamento do local que representavam.

E, por fim, os novos atores – a intervenção dos dirigentes esportivos aparece como um dos símbolos da modernidade do futebol brasileiro. Rapidamente eles se tornaram um dos principais desafetos da crônica esportiva, pois, na visão desses literatos, os dirigentes propunham um projeto que eliminaria a autenticidade do jogador brasileiro. Para os cronistas, ser moderno significava ser criativo, ao passo que, para os dirigentes futebolísticos, a modernidade era sinônimo de racionalidade.

Repensar o entendimento atribuído ao conceito moderno, a partir dos posicionamentos presentes na produção dos cronistas, analisando, entre outros aspectos, a forma com que este grupo sustentou seus projetos, nos revelou uma possibilidade para pensar a identidade e a cultura nacional. Nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade brasileira foi entendida como um ideário, uma visão de mundo apresentada por diferentes setores da sociedade, logo, não sendo algo consensual. Observando os diferentes discursos

intelectuais da sociedade brasileira da década de 1950, é possível dizer que a modernidade foi vista como sinônimo de mudança de comportamento, desenvolvimento, ruptura, progresso, novidade e superação. Trata-se de uma experiência marcada pela tentativa de romper com o tradicional, embora esta não tenha possibilitado que fossem abandonados os valores sociais e culturais já consolidados, o que resultou em um movimento repleto de antagonismos.

Por isso, para analisar o momento em questão, fez-se necessário aprender a trabalhar com as relações ambivalentes, evidenciadas no encontro entre os velhos e os novos costumes. Situação esta, recorrente nas crônicas do *Jornal dos Sports*, em que, por diversas vezes, os literatos registravam o jogo coletivo, rápido e organizado, do futebol europeu, como uma possibilidade de modernização do futebol nacional. Entretanto, ao mesmo tempo, lamentavam e tentavam evitar que houvesse o desaparecimento das tradições, principalmente, as que se referiam à autenticidade do futebol brasileiro, as quais, normalmente, estavam ligadas à capacidade individual do homem brasileiro em resolver situações inusitadas, por meio da ginga, da malícia e da perspicácia, por exemplo.

No decorrer deste estudo, verificou-se que a disputa política existente entre cariocas e paulistas estava no bojo de uma tentativa de construção e legitimação de uma identidade nacional. Criando uma relação tensa, na medida em que foram fornecidos vários indícios de tentativas de manipulação do futebol, os quais ficaram muito mais em um plano ideológico e utópico, do que de efetivação dos desejos dos cronistas ou dos dirigentes esportivos. Todavia, é neste paradoxo – entre as ações racionais e os sentimentos, entre o moderno e o tradicional – que pudemos encontrar os desejos, sonhos e utopias de um determinado reduto da sociedade brasileira, os quais são tão verdadeiros quanto os discursos expressos por outros grupos intelectuais, uma vez que refletem a forma com que os indivíduos viam e/ou imaginavam a sociedade.

Ao analisarmos o modo com que foram representados os acontecimentos futebolísticos da década de 1950 – não apenas pela sua descrição, mas também pelo seu alcance junto à população e, principalmente, pela sua força no imaginário coletivo –, encontramos e acompanhamos o percurso de um projeto que se pretendeu construir e impor como símbolo de modernidade e que, graças ao capital simbólico dos seus escritores, adentrou o imaginário coletivo, sendo, por muito tempo, aceito como sinônimo de uma verdade quase inquestionável.

É claro que houve redutos acadêmicos que continuaram a desprezar o futebol, tratando-o como um tema marginal e alienante. Isso parecia não afetar os cronistas, que

tinham o deleite em ver os seus mitos como uma possibilidade de reconhecimento do Brasil e, em especial, de manutenção do otimismo dos brasileiros, em relação ao futuro do país. Mesmo em momentos adversos, como as derrotas de 1950 e 1954, os cronistas mantiveram firme o seu ideal de valorização do país.

As crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* apresentam a eficácia discursiva como princípio estético. Esta era obtida por meio de mecanismos de persuasão, em que se utilizavam frases curtas, linguagem simples e informal. Normalmente, os textos eram concisos, embora trouxessem várias informações, quebrando os padrões tradicionais de escrita para obter a representação desejada.

Para esses literatos, ser moderno, naquele momento, denotava assumir um lugar de destaque no cenário esportivo. A fim de que se pudesse atingir o reconhecimento pleno, eles apresentavam como condição obrigatória a necessidade de vencer a Copa do Mundo. Nas crônicas do *Jornal dos Sports*, antes do título conquistado na Suécia, os cronistas apresentaram, em seus discursos, um misto de esperança, alegria, desconfiança e insatisfação, elementos aparentemente contraditórios, mas utilizados como estratégias discursivas que permitiam trabalhar com os sentimentos dos torcedores.

Mesmo com a melhora na classificação do selecionado nacional, na Copa do Mundo de 1950, aos olhos desses escritores, o Brasil não estava plenamente realizado, pois o título mundial significaria a conquista do respeito brasileiro frente ao restante do mundo. Todavia, ao invés de afirmações como tal, diante da derrota para o Uruguai em pleno Maracanã, houve uma frustração coletiva representada como símbolo da incapacidade e da falta de maturidade do povo brasileiro. Um povo, cujo principal defeito era a falta de confiança em si mesmo, o que impedia a superação do subdesenvolvimento.

O desejo dos cronistas do *Jornal dos Sports* era de que o futebol fosse a expressão máxima da modernização do país, pois, através dele, seria possível realizar a inclusão social do negro, a união geográfica do Brasil e a aceitação deste entre as nações mais desenvolvidas. Entretanto, em diversos momentos esse sonho precisou ser adiado. Foi nesse cenário que se estabeleceu a “Cultura da Desculpa”, uma estratégia utilizada pelos literatos na tentativa de justificar as derrotas consecutivas.

Em última instância, o que os cronistas do *Jornal dos Sports* fizeram foi adequar as propostas de democracia racial ao contexto dos anos 50, mostrando que a entrada do Brasil na modernidade dependia de um novo comportamento do homem brasileiro, em que a autoconfiança era o fator primordial. Os dirigentes esportivos, por sua vez, apontavam para o comportamento dos jogadores (logo, do homem brasileiro) como inadequado, o que

resultou em uma proposta modernizadora, de cunho pedagógico e intervencionista, voltada à disciplinarização dos representantes do país. Essa proposta contou com o apoio do governo federal, que contribuiu com boa parte dos recursos financeiros necessário para a sua implementação.

Diante desse quadro que se estabelecia, a geração literária do *Jornal dos Sports* tinha duas opções: aderir ao projeto modernizador, incorporando em seus textos as estratégias, com ares de cientificidade, que eram propostas pela CBD; ou negar o planejamento, por entender que este não correspondia aos princípios de autenticidade idealizada para o povo brasileiro.

Pudemos constatar que os cronistas do *Jornal dos Sports* continuaram a utilizar um discurso sustentado pela autenticidade e valorização dos dons naturais dos jogadores, em oposição aos ideais modernizadores que, de acordo com os primeiros, eram evitados de valores europeus e desprovidos de paixão – elemento fundamental para o sucesso do futebol.

Os escritores se mostraram um grupo bastante atuante na militância do futebol e, mesmo sem a pretensão de que suas crônicas fossem um referencial para se pensar a sociedade, a vasta produção literária, realizada pelo grupo, possibilitou inúmeras proposições para tal. Grande parte do que eles produziram, no contexto desse intrincado debate, não ocupou um lugar de destaque no pensamento intelectual brasileiro, por razões ideológicas e, principalmente, culturais. Entretanto, trata-se de um conteúdo de extrema significância na compreensão dos meandros da sociedade brasileira.

Guardadas as devidas particularidades e diferenciações, presentes nos discursos desses cronistas, pode-se dizer que estes buscavam legitimar um ideal de valorização do homem brasileiro, o mesmo homem que era motivo de vergonha para grande parte da elite local. O arquétipo literário do dilema foi expresso por Mario Filho pela figura de Pelé e, em diversas ocasiões, Nelson Rodrigues também se utilizou da figura de jogadores, como Garrincha e Didi, intitulado-os heróis nacionais, que serviam de exemplo para negar o mito da inferioridade racial, ao passo que representavam o surgimento de uma nova sociedade.

Por outro lado, para os dirigentes esportivos, o problema brasileiro estava na falta de estrutura organizacional, dentro e fora de campo. Como foi demonstrado pelo Plano Paulo Machado de Carvalho, a preocupação se dava em torno da falta de autocontrole dos jogadores, sobretudo nos momentos decisivos; do baixo nível de formação intelectual formal; dos diferentes problemas de saúde; e da dificuldade que a grande maioria

apresentava em obedecer às regras pré-estabelecidas. Para transformar o desejo de vitória em algo concreto, houve uma intervenção dos órgãos administrativos do futebol brasileiro, com o intuito de melhorar a imagem, o comportamento e o próprio futebol dos jogadores brasileiros.

Esse projeto esportivo foi realizado quando o planejamento fazia parte da cultura política da plataforma de governo do presidente JK. Esta talvez tenha sido uma das principais respostas do futebol, diante do processo de modernização da nossa sociedade. Tal atitude estabeleceu um sentimento de descontentamento, por parte de um segmento conservador da imprensa brasileira, para o qual, o sucesso da modernização não dependia da implementação de modelos importados do exterior, mas de um processo de conscientização do homem brasileiro, por meio do qual este fosse capaz de perceber suas potencialidades.

O Plano Paulo Machado de Carvalho foi visto como um exemplo de atitude racional e moderna aplicada ao futebol brasileiro. Assim como todo o planejamento, aquele partiu de um modelo ideal e, por isso, precisou ser adequado segundo o cotidiano do selecionado. Não se trata de atribuir ao planejamento os méritos da vitória, mas de reconhecer que ele foi um meio eficiente no processo de modernização da estrutura esportiva brasileira.

A Copa do Mundo realizada na Suécia, em 1958, foi considerada, pela crônica esportiva, um marco divisor na história do futebol brasileiro – momento em que se saiu do anonimato para conquistar o mundo, pelo menos no cenário futebolístico. Para Nelson Rodrigues, o mais ufanista de todos os cronistas, essa vitória fez surgir um novo homem brasileiro: “O povo brasileiro já não se julga mais um vira-latas. Sim amigos: o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem”.<sup>789</sup> Nesse sentido, de acordo com os cronistas do *Jornal dos Sports*, a vitória foi em decorrência da habilidade do jogador brasileiro, que conseguiu se libertar das suas inibições. Eles, praticamente, ignoraram a realização do PPMC, exceção feita por Vargas Netto que, sendo amigo do preparador físico da seleção, utilizou uma das suas crônicas para falar da importância do trabalho desse profissional:

Nas manifestações de aplausos e de agradecimento a nossa brilhante embaixada desportiva, que nos trouxe a “Taça do Mundo”, não está havendo perfeita justiça. É lógico que se deva vitoriar os nossos exímios jogadores que puderam vencer e convencer os europeus com a sua efusiva apresentação. É sensato que se elogie a organização e a direção da campanha. É racional que se aplauda o técnico. Mas é também indesviável o sentimento de justiça que se saliente o papel dos que recuperaram e mantiveram a saúde dos cracks e o que lhes deu a condição física ideal para que os nossos rapazes

---

<sup>789</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. Complexo de vira-latas. In: CASTRO, Ruy. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p. 51-52.

produzissem o que produziram. Paulo Amaral é o grande esquecido. Ninguém ignora, porém o trabalho insano que ele teve, desde que começou em Poços de Caldas. É preciso saber que ele não é nenhum “curioso”, “entendido”. Paulo Amaral possui dois cursos universitários da ENEF: o de técnico de educação física e o de técnico de football. Mas também não é um simples teórico que tirasse os títulos para exibi-los em vitrina. Paulo Amaral exerce a profissão e vive dela, como preparador físico e técnico, no Botafogo de Football e Regatas. E foram requisitá-lo ao seu clube para preparo da seleção, é que Paulo Amaral era o preparador físico campeão carioca, como preparador do Botafogo. E o seu trabalho no esquadrão Campeão do Mundo não desmereceu o seu conceito de grande preparador físico. E foi, exatamente, dedicado, disciplinador e disciplinado, que foram requisitar ao Botafogo, juntamente com os outros três luminares da seleção: Didi, Nilton Santos e Garrincha! No football moderno, jogado todo a base de velocidade e preparo físico, os que tratam da saúde e da boa forma atlética dos Cracks tem um papel mais do que preponderante. Esses homens não podem ser esquecidos, pois era e foi, por causa deles que a nossa confiança crescia nos segundos tempos das partidas. Quando a nossa seleção mais crescia os outros começavam a se dissolver como açúcar na água. O nosso esquadrão terminava o jogo com fôlego para outro, lépido, ativo, íntegro. Os outros, os adversários, eram apenas eteceteras da partida!... Tudo por causa da saúde e preparo físico dos nossos!<sup>790</sup>

O literato buscou valorizar os elementos relacionados ao Botafogo, clube do qual era torcedor, e se tornou sócio benemérito, porém, ao fazer isso acabou chamando a atenção para um aspecto que os seus colegas haviam, intencionalmente, ignorado. Tal atitude demonstra que os cronistas tinham liberdade para manifestar opiniões diversas nesse periódico, mesmo que isto significasse ir contra aquilo em que o seu proprietário acreditava. No entanto, a maior parte dos discursos apresentados no *Jornal dos Sports* seguiam a mesma linha de raciocínio de Mario Filho.

Para os cronistas do *Jornal dos Sports*, a vitória na Suécia foi a consolidação de um ideal modernizador, possibilitando uma troca simbólica dos papéis sociais, por meio do qual, indivíduos, em sua maioria negros, analfabetos e pobres, tornaram-se heróis nacionais. Em última instância, os cronistas acreditavam que, a partir dessa vitória, o comportamento expresso pelos jogadores brasileiros poderia ser expandido a outros setores sociais.

No entanto, verificou-se que havia um descompasso entre as representações estabelecidas pela crônica esportiva do *Jornal dos Sports* e realidade encontrada no futebol brasileiro – o qual, enquanto uma prática autônoma, não se submeteu aos desejos dos cronistas e/ou imposições dos intelectuais. Mesmo após a vitória brasileira, que era o acontecimento esperado para representar a modernidade, nesse esporte, os problemas continuavam acontecendo, com os personagens sendo atualizados.

Em última instância, pode-se dizer que a modernidade desejada para o Brasil, pelos nossos intelectuais e também pelos cronistas do *Jornal dos Sports*, foi uma modernidade inconclusa, na qual vencemos a Copa do Mundo, porém, continuamos no meio do

---

<sup>790</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Apenas Justiça. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1958. p.5.



caminho, uma vez que não nos julgávamos vira-latas, mas também não conseguíamos ser modernos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO. **Troféu Bernardo O'Higgins**. Rio de Janeiro: EDOBRAS. s/d.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro, não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1934.

AZEVEDO, Thales. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955.

\_\_\_\_\_. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio**. Salvador: Edufba, 1996.

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. São Paulo: UNESCO-ANHEMBI, 1955.

BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (coord.). **DHBB – Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro: 1930-1983**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1996c.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998d.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003e.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004f.

\_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise.** Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005g.

BUARQUE, Paulo Planet. **Uma vida no plural:** jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

BURKE, Maria Lúcia Pallares. **Sobre Gilberto Freyre:** um vitoriano nos trópicos. São Paulo: UNESP, 2005.

CANCELI, Elizabeth. **A crise dos alienados:** o revival da intolerância. São Paulo: USP, (no prelo).

\_\_\_\_\_. **Caminhos de um mal estar de civilização:** reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia do negro no Brasil. (mimeo).

CANDIDO, Antonio (et. al). **A Crônica.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006c.

CAPELATTO, Maria Helena Rolim & MOTTA, Carlos Guilherme. **História da Folha de São Paulo, 1921-1981.** São Paulo: Impres, 1981.

CARDOSO, Tom & ROCKMANN, Roberto. **O marechal de vitória:** uma história de rádio, tv e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Livros que inventaram o Brasil.** São Paulo: CEBRAP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:** o negro na sociedade escravocrata do rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003b.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

COELHO, Arnaldo Cezar. **A regra é clara**. São Paulo: Globo, 2002.

COSTA, Flavio. Memória Esportiva Carioca. **Entrevista** concedida ao jornalista Jairo Severiano. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1984.

COSTA PINTO, L. A. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ELIAS, Norbert. Esboço de uma teoria civilizacional. In: \_\_\_\_\_ **O Processo Civilizacional**. 2º vol. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986b.

\_\_\_\_\_. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995c.

\_\_\_\_\_. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998d.

\_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001e.

\_\_\_\_\_. **Escritos & Ensaio, 1: Estado, processo, opinião pública.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006f.

ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. **Zagalo, um vencedor: a fantástica história do único tetracampeão mundial de futebol.** Rio de Janeiro: Erthal, 1996.

ESCARTIN, Pedro. **Suécia, apoteose ao Brasil.** Tradução Tito Leite. Rio de Janeiro: Monterrey, 1959.

FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964).** São Paulo: DIFEL, 1986.

FEIJÓ, Luiz César Saraiva. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe no limiar de uma nova era.** São Paulo: Dominus, 1965.

\_\_\_\_\_. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Européia, 1972.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e a sua história: debate e crítica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1976.

FLORESTAN, Fernandes. **Introdução aos problemas brasileiros.** Rio de Janeiro, ISEB, 1956.

\_\_\_\_\_. **A inserção do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modos de homem & modas de mulher.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: L&PM.2004.

GARRIGOU, Alain e LACROIX, Bernard (orgs) **Norbert Elias: a política e a história.** São Paulo: Perspectiva. 2001.

GIANETTI, Cecília Barbosa. **Técnicas literárias em jornalismo cultural.** Escola de Comunicação, Rio de Janeiro:UFRJ, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa, Difel,1989b.

GOMES, Ângela Castro (org.). **O Brasil de JK.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HASENBALG, Carlos, VALLE E SILVA, Nelson do. **Relações raciais no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

HASSE FILHO, Pedro. **Brasil nas Copas: em destaque a participação dos gaúchos.** Porto Alegre: Zero Hora, 2002.

HELAL, Ronaldo (et all). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991.** São Paulo Companhia das Letras.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

LE GOFF, Jaques. “Antigo/Moderno”. In: **Enciclopédia Einaudi.** Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo de 1954**. Rio de Janeiro: Pongeti, 1954.

LYRA FILHO, João. **Introdução à Sociologia dos Desportos**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973b.

MAIO, Marcos Chor. O Negro no Pensamento Social Brasileiro e o Legado de Gilberto Freyre. In: VII Reunião Ordinária do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, 2000, Recife. **Anais de Tropicologia**. Recife- PE : Editora Massangana, 1999..

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: EDUC, 2000.

MÁXIMO, João. **Maracanã: meio século de paixão**. São Paulo: DBA, 2.000.

MAYRINK, Geraldo. O sucesso de vendas das biografias. **Revista Veja**: São Paulo, 26 de Julho de 1995

MENDONÇA, Sônia Regina de. Dez anos de economia brasileira: história e historiografia (1954-1964). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 14, n. 27, 1994.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOURA, Gisele de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos & ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira – 90 anos (1914-2004)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé, a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

OLIVEIRA, Marcio. O ISEB E A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: correspondências míticas. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, maio/ago. 2006.

OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNES, 1998.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola: cinema e futebol no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARLEBÁS, Pierre. **Perspectivas para una educación física moderna**. Andalucía – Espanha: Junta de Andalucía, 1987.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre/Rio Grande do Sul: LPM, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIERSON, Donald. **Negrões in Brazil: a study of race contact at Bahia**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

\_\_\_\_\_. **Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

Pinsky, Carla Bassanezy (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.



RAMOS, Arthur. **Guerra e relações de raça**. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943.

\_\_\_\_\_. **Os grandes problemas da Antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Coleção Estudos Brasileiros, 1948.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 50. **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Campo Grande/MS, 2004.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **O futebol no campo afetivo da história**. Revista Movimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

RIBEIRO, René. Discurso do Professor René Ribeiro. In: \_\_\_\_\_ **Professor Emérito**. Recife: Massangana, 1990.

RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro: a história de João Havelange**. São Paulo: Record, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963a.

\_\_\_\_\_. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro. 4ª edição: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b.

\_\_\_\_\_. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007c.

RODRIGUES FILHO, Nelson (org.). **O profeta tricolor: cem anos de Fluminense**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROLAND, Corbisier. **Formação e problema da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

ROQUETE-PINTO, Edgard. **Ensaio de antropologia brasileira.** Boletim do I Congresso Brasileiro de Eugenia. São Paulo, 1929.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noite de futebol:** o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

SILVA, Thomas Soares da. **Zizinho:** o mestre Ziza. Rio de Janeiro: Edições Maracanã, 1985.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental: In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, Antonio J. **Malandragem, futebol e identidade.** Vitória: UFES- SPDC. 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TRIGO, Mario. **O eterno futebol.** Brasília: Thesaurus, 2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

YALLOP, David A. **Como eles roubaram o jogo:** segredos dos subterrâneos da FIFA. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 1998.

## TESES E DISSERTAÇÕES

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas :** futebol e nação na crônica esportiva brasileira no século XX. Tese (doutorado) – Apresentada ao programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2007.

MAIO, Marcos Chor. **A história do projeto UNESCO:** estudos raciais e ciências sociais no Brasil. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. IUPERJ, 1997.

PARADA, Maurício B. A. **A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro:** a elite carioca e as imagens de modernidade no Brasil dos anos 50. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico:** a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana(1868-1945). Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1996.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil:** releitura da história oficial. Tese de doutorado apresentada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1988. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

SPONHOLZ, Liriam. **O Estado de São Paulo (1942-1972):** uma contribuição à história das técnicas jornalísticas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

TORESKI, Flávia Milena Biroli. **Com a corrente:** modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro dos anos de 1950. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Junho de 2003.

VOGEL, Daisi. **Uma leitura do tempo e do espaço na obra de Nelson Rodrigues**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1997.

## FONTES DIGITAIS

Abdias do Nascimento. Entrevista concedida a Jader Nicolau Jr. Em 17 de dezembro de 2001. [www.portalafro.com.br/entrevistas/abdiasinternet/abdias.htm](http://www.portalafro.com.br/entrevistas/abdiasinternet/abdias.htm) Acesso em 10 de março de 2008.

A questão racial do Brasil dos anos 50. Disponível em [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_gv/htm/6Cenario\\_socio\\_cultural/A\\_questao\\_racial\\_no\\_Brasil\\_dos\\_anos\\_50](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_gv/htm/6Cenario_socio_cultural/A_questao_racial_no_Brasil_dos_anos_50). Acesso em 11 de março de 2008.

Biografia de Roberto Marinho. Disponível em [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acessado em 01 de jan. 2008.

BRUCE, Fernando. Brasil, campeão das Américas. Santiago do Chile. Publicado no Jornal Diário de Pernambuco do dia 22 de abril de 1952. Disponível em <http://www.pernambuco.com/diario>. Acesso em 3 de junho de 2008.

Campeonato Sul-americano de futebol de futebol. Disponível em [http://www.conmebol.com/competiciones\\_evento Equipos](http://www.conmebol.com/competiciones_evento Equipos) . Acesso em 10 de maio de 2008.

CANCELLI, Elizabeth . **Caminhos de um mal estar de civilização:** reflexões norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil. In: Ninth International Congress of the Brazilian Studies Association, 2008, New Orleans. Disponível em <http://www.brasa.org/BrasaIX>. Nashville, Vasldebilt Univers : Brasilaian Studies Association, 2008. Acesso: 14 de julho de 2008.

FREYRE, Gilberto. Raça e Cultura. Folha de Minas: Belo Horizonte, s/d. disponível em [http://bvfg.fgf.org.br/português/obra/aritgos\\_imprensa/raça\\_cultura.htm](http://bvfg.fgf.org.br/português/obra/aritgos_imprensa/raça_cultura.htm) . Acesso em 10 de março de 2008.

FREYRE, Gilberto. Jornal do Comércio. Caderno de Esportes. Recife, 10 abril de 2000. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/jc/\\_2000/1004/es1004x.htm](http://www2.uol.com.br/jc/_2000/1004/es1004x.htm) . Consultado em 10 de março de 2008.

Guerreiro Ramos. Disponível em <http://www.schartzman.org.br/simon/gramos.htm> Acesso em 11 de março de 2008.

HEGEN, Kenneth W. Race reations in the United States and american cultural and informational programs. 1957 – 1966. [www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966](http://www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966). Acesso em 16 de juno de 2007.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Ao vencedor as vaias. Pernambuco, 16 de março de 1954. Disponível em [http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol3\\_0.html](http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol3_0.html). Acessado em 10 de maio de 2008.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Um futebol violento. Londres, 28 de Junho de 1954. Disponível em <http://www.pernambuco.com/esportes/index.asp> . Acesso em 15 de maio de 2008.

LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. Entrevista. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>.

Manuel do Nascimento Vargas Netto. Disponível em [www.revistadobotafogo.com.br/diretoria.htm](http://www.revistadobotafogo.com.br/diretoria.htm) Acesso em 10 de maio de 2008.

MENDONZA, Edgard S. G. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil:** os estudos na cidade de São Paulo (1935-1950). Disponível em [www.scielo.br/pdf/soc/n14/a15n14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/soc/n14/a15n14.pdf) Acesso em 07 março de 2008.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol brasileiro e identidade nacional. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 8 - Nº 56 - Janeiro de 2003. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Acesso em 25 de março de 2006.

Sandra Jatahy Pesavento, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 6 - 2006, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 7 mars 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>.

SANTOS, José Antônio dos. **Imprensa negra:** a voz e a vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros. [www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/tex/josesantos.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/tex/josesantos.pdf) Acessado em 11 de março de 2008.

SILVA, J. **A União dos Homens de Cor:** aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Rio de Janeiro, 2003. Estudos Afro-Asiáticos. Vol.25 nº2 ISSN 0101-546 X,

[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2003000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2003000200002&script=sci_arttext) - 73k - Acesso em mai.2006.

SIVA, Valdete Nunes. LIMITES ENTRE O REAL E O FICCIONAL: uma leitura de *douleur exquise*, de Sophie Calle. Disponível em [http://www.fbpf.org.br/cd2/liste\\_des\\_auteurs/s/valdete\\_nunes\\_silva.pdf](http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/s/valdete_nunes_silva.pdf)

Dano Moral – Direito de imagem: Editora terá de indenizar filhas de Garrincha. Revista Jurídica Netlegis. Disponível em <http://www.netlegis.com.br/index.jsp?arquivo=detalhesNoticia.jsp&cod=11344> . Acesso em 21 de março de 2008.

VARGAS, Getúlio. De Vargas para a seleção. Telegrama datado de 22 abril de 1952, publicado no Jornal Diário de Pernambuco em 23 de abril de 1952. Disponível em [http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol16\\_0.html](http://www.pernambuco.com/diario/2001/10/08/especialfutebol16_0.html)

#### FONTES – JORNAIS E REVISTAS

A NOITE. **Tentativa de agressão ao treinador brasileiro**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1950.

BAYER, Luis. Um técnico, um sistema e grande personalidade. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1954.

BIGODE. Brasil X Uruguai. **Jornal Correio da Manhã**: Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950. p. 7.

CARVALHAES, João. João Carvalhaes fala do seu trabalho. **Jornal Folha da Manhã**. São Paulo, 4 de julho de 1958.

CARVALHAES, João. Psicotécnica nos Esportes. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09 de outubro de 1958.

COSTA, Flávio. O que está errado nas seleções. Entrevista concedida a Geraldo Romualdo da Silva. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 6 de março de 1949.

\_\_\_\_\_. Futuro incerto. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 27 de abril de 1949.

ESTADO DE SÃO PAULO. **A seleção brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde.** São Paulo, 1 de julho de 1950.

Freyre, Gilberto. Foot-Ball mulato. **Diário de Pernambuco.** Pernambuco, 17 junho de 1938, s/p.

JORNAL DOS SPORTS. **Em respeito ao Brasil.** Rio de Janeiro, 11 de julho de 1950.p. 8.

JORNAL DOS SPORTS. **Baterá todos os records a renda de hoje!** Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950.

JORNAL DOS SPORTS. **O scratchman irá disputar a fase final do campeonato mundial no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 04 de julho de 1950.

JORNAL DOS SPORTS. **Milhares de torcedores acompanham a vitória brasileira.** Rio de Janeiro, 11 a 13 de julho de 1950.

JORNAL DOS SPORTS. **Brasil X Espanha – radiografia do jogo.** Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950.

JORNAL DOS SPORTS. **Futebol nacional e internacional.** Rio de Janeiro, 27 de abril de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Máquina de fazer football moderno.** Rio de Janeiro, 3 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Hungria vai enfrentar o Flamengo.** Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Mudança de atitude na concentração.** Rio de Janeiro, 7 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Alimenta-se a rivalidade.** Rio de Janeiro, 7 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Os uruguaios destacando-se pela indisciplina.** Rio de Janeiro, 8 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Pedido de desculpas.** Rio de Janeiro, 8 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Preparam-se as equipes para o clássico sul-americano da atualidade.** Rio de Janeiro, 15 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **O Brasil pode desistir do Campeonato Sul-Americano.** Rio de Janeiro, 23 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Aimoré é o único responsável.** Rio de Janeiro, 31 de março de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Transusão de sangue novo na equipe das eliminatórias.** Rio de Janeiro, 1 de maio de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Seleção terá um vasto programa de preparação para a Copa da Suíça.** Rio de Janeiro, 17 de abril de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Zezé Moreira foi escolhido para ser técnico da seleção brasileira.** Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Marcada a reunião do Conselho Técnico da CBD.** Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **Reunião secreta da CBD.** Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **O técnico fala dos jogadores convocados para o scratchmen.** Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Representantes das federações metropolitanas querem os atletas após as eliminatórias.** Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1953.

JORNAL DOS SPORTS. **O Banquete da vitória.** Rio de Janeiro, 9 de março de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **O placar não condiz com o jogo.** Rio de Janeiro, 16 de março de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **O choque entre o football bonito e o football feio.** Rio de Janeiro, 26 de maio de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Brasil vence e volta se destacar no cenário mundial.** Rio de Janeiro, 9 de março de 1954.



JORNAL DOS SPORTS. **O Maracanã de volta a epopéia de 1950**. Rio de Janeiro, 20 de março de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Consagração! Agora é a Suíça**. Rio de Janeiro, 26 de março de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Concentração em Macollin**. Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Disciplinada a ação dos jornalistas**. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Brasil X Iugoslávia**. Rio de Janeiro 19 de junho de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Brasil classificado**. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **A batalha de Berna**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **A chuteirada de Sebes**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954.

JORNAL DOS SPORTS. **Seleção gaúcha representa o Brasil no Pan-Americano**. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1956.

JORNAL GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. **Edição comemorativa do VI Campeonato Mundial de Futebol**. São Paulo. 1ª quinzena de julho de 1958.

JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro: **Só a vitória interessa**, 15 de julho de 1950.

KLEIMAN, Levy. A invicta campanha sul-americana. **Revista Esporte Ilustrado**: Rio de Janeiro, 13 de maio de 1954.

LAWRENCE, Albert. A verdade sobre a comissão de arbitragem do campeonato. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 18 de junho de 1954.

LYRA FILHO, João. Conversa com meu travesseiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de julho de 1950.

LYRA FILHO, João. Memo de um cidadão ausente. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 10 de junho de 1954.

LYRA FILHO, João. Memo de um cidadão ausente II. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 15 de junho de 1954.

LOPES, Everaldo. Mosqueteiros na Copa do Mundo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 16 de junho de 1954.

MAZZONI, Thomaz. **Gazeta Esportiva:** São Paulo 15 e 17 de abril de 1949.

MEISL, Willy. Uruguai, campeão de fato; mas o Brasil melhor team do mundo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950.

MORAES, Ângelo Mendes. Incentivo do prefeito aos cracks brasileiros. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 02 de julho de 1950.

MOREIRA, Zezé. Não existe programa de planejamento. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1954.

MOREIRA, Zezé. A preparação dos jogadores será no local do jogo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1954.

MOREIRA, Zezé. Primeiras impressões. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954.

MOREIRA, Zezé. Não revidem as provocações. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954.

NASSER, David. O Brasil espera que os craques façam com os pés o que o Águia de Haia fez com a cabeça. **Esporte Ilustrado:** Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

NASSER, David. Derrota da máscara. **Revista O Cruzeiro:** Rio de Janeiro, 29 de julho de 1950.

NASSER, David. Os técnicos de esquina. **O Cruzeiro.** Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

NASSER, David. Uma guerra de raças. **O Cruzeiro:** Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954.

NASSER, David. Entrevista com Zé Lins. Rio de Janeiro: **O Cruzeiro:** Rio de Janeiro, 3 de julho de 1954.

O CRUZEIRO. Se o Brasil continuar atuando como fez contra a Iugoslávia, nossos jogadores podem tratar de visar os passaportes. Rio de Janeiro: **Edição Extra**, 19 de junho de 1954.

OLYMPICUS. Teoria e realidade. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1954.

OLYMPICUS. O problema é o excesso de confiança. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de março de 1954.

OLYMPICUS. Sistemas táticos. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de março de 1954.

OLYMPICUS. Conselhos aos rapazes. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 27 de abril de 1954.

PEREIRA, Giampoli. Nova revanche. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de março de 1953.

POLLO, Mário. Unamo-nos todos pelo Brasil. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950.

REGO, José Lins do. É preciso confiar em Flávio. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 17 de março de 1949.

REGO, José Lins do. Agitação perniciosa. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de abril de 1949.

REGO, José Lins do. Pão para a boca. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 13 de julho de 1950.

REGO, José Lins do. A derrota. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950.

REGO, José Lins do. Resposta a David Nasser. **O Cruzeiro**: Rio de Janeiro, 3 de julho de 1954.

REGO, José Lins do. A revanche. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1952.

REGO, José Lins do. O Bom povo. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 27 abril de 1952.

REGO, José Lins. Excesso de elogios. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 4 de março de 1953.

REGO, José Lins do. Esporte e vida. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 8 de março de 1953.

REGO, José Lins do. Reflexões que não são de um turista. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 13 de março de 1953.

REGO, José Lins do. Esporte e vida. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 21 de março de 1953.

REGO, José Lins do. O valor do Brasil. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 24 de março de 1953. p.5.

REGO, José Lins do. Porque perdemos. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 10 de julho de 1954.

RIMET, Pierre. Cartas de Paris. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 3 de maio de 1953.

RODRIGUES FILHO, Mario. A importância do Estádio Municipal. **Jonal dos Sports:** Rio de Janeiro, 25 de março de 1948.

RODRIGUES FILHO, Mario. Vamos falar somente em football brasileiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1949.

RODRIGUES FILHO, Mário. O mal está feito: uma vitória do football brasileiro serve de pretexto para a maior exaltação bairrista. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 12 de abril de 1949.

RODRIGUES FILHO, Mario. O apoio que não faltará no match decisivo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 04 de maio de 1949.

RODRIGEUS FILHO, Mário. O mal está feito: uma vitória do football brasileiro serve de pretexto para a maior exaltação bairrista. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 12 de abril de 1949.

RODRIGUES FILHO, Mário. Brasil X Suíça. **Jornal dos Sports.** Rio de Janeiro, 30 de junho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mário. A hora decisiva para as esperanças brasileiras. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 01 de Julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mario. O scratch brasileiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 01 de julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mário. Este sim foi um triunfo a altura do nome do nosso football. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 2 de julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mario. A massa humana marcou encontro no estádio. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 03 de julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mario. Uma das maiores e mais belas vitórias da história do football brasileiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 11 de julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mario. O Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 19 de julho de 1950.

RODRIGUES FILHO, Mario. O football brasileiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1953.

RODRIGUES FILHO, Mario. A culpa da vitória. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 11 de maio de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. O reverso de 16 de julho. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 25 de março de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. Dirigentes, técnicos e cracks abrem os debates sobre a Copa do Mundo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1957.

RODRIGUES FILHO, Mario. O milagre paraguaio. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 4 de maio de 1958

RODRIGUES FILHO, Mario. Agora o scratchmen está pronto para ser campeão. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 20 de março de 1953.

RODRIGUES FILHO, Mario. Seleção Brasileira. **Jornal do Sports.** Rio de Janeiro, 8 de junho de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. A vitória pura e simples. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 10 de março de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. A culpa da vitória. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 11 de maio de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. O que nos falta. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 05 de julho de 1957.

RODRIGUES FILHO, Mario. A justiça que se deve fazer aos brasileiros. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954.

RODRIGUES FILHO, Mario. Vamos é para a Europa. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 16 de maio de 1958.

RODRIGUES FILHO, Mario. Falta de coragem. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 20 de maio de 1958.

RODRIGUES FILHO, Mario. Antes do jogo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 12 de junho de 1958.

RODRIGUES FILHO, Mario. Vamos deixar o scratch ser campeão do mundo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 17 de junho de 1958.

RODRIGUES FILHO, Mario. Palavras aos jogadores brasileiros. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 30 de junho de 1958.

RODRIGUES, Mario Julio. Falta de planejamento. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 6 de junho de 1954.

RODRIGUES, Mario Julio. Deus é brasileiro. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 5 de junho de 1954.

RODRIGUES FILHO, Nelson Falcão. Brasil e Espanha. **Revista Manchete Esportiva,** 9 de fevereiro de 1957.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Complexo de Vira-latas. **Revista Manchete Esportiva.** Rio de Janeiro, 31 maio de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Abaixo A humildade. **Revista Manchete Esportiva:** Rio de Janeiro. 1956.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Vitórias sobre os Portugueses. **Revista Manchete Esportiva:** Rio de Janeiro, 22 de junho de 1957.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Porque perdeu o Brasil. **Revista Manchete Esportiva:** Rio de Janeiro, 13 de julho de 1957.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Meu personagem da semana: o escrete. **Revista Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 31 de maio de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Foi bom o empate. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. O brasileiro é o maior. **Jornal Última Hora**: Rio de Janeiro, 20 de junho de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. O maravilhoso Garrincha. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de junho de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Foi uma delícia o escore mínimo. **Jornal Última Hora**: Rio de Janeiro, 21 de julho de 1958.

RODRIGUES, Nelson Falcão. A gente é que atrapalha. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1958.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SILVA, Geraldo Romualdo. Brasil perde para o Paraguai. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 21 de março de 1953.

SILVA, Geraldo Romualdo da. Falta de tranqüilidade entre os scratchmen. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 31 de março de 1953.

SILVA, Geraldo Romualdo. Reunião define os jogadores brasileiros. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1954.

SILVA, Geraldo Romualdo. Falta de jogo do selecionado. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 maio de 1954.

SILVA, Geraldo Romualdo. Prorrogação: meia hora de vida ou morte. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1954.

SILVA, Geraldo Romualdo. Fenômeno Brasileiro nas páginas internacionais. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1957.

SILVA, Joselina. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, no 2, 2003.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Brasil entrega o jogo.** Rio de Janeiro, 10 de maio de 1949.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Contusões em massa na seleção brasileira.** Rio de Janeiro, 27 de maio de 1950.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Em nome do Brasil. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 30 de março de 1949.

VARGAS NETTO, Manuel do nascimento. O reativo. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 28 de março de 1949.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Está na hora. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1950.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Avante. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 12 de julho de 1950.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Traço de união. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950.

VARGAS NETTO. Manuel do Nascimento. Todo adversário merece respeito. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 13 de março de 1953.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O carro adiante dos bois. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 26 de março de 1953.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Depois será mais difícil. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 25 de março de 1954.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. A despedida. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 28 de maio de 1954.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O diabo não é tão feio. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 25 de junho de 1954.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Primeira prova. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 18 de junho de 1954.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O bom empate. **Jornal dos Sports:** Rio de Janeiro, 20 de junho de 1954.



VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Furtado o Brasil. **O Cruzeiro**: Rio de Janeiro, 3 de julho de 1954.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Os derrames. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1957.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 8 de maio de 1958.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. A higidez da seleção. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958.

VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Por que? **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 05 de junho de 1958.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 01 de julho de 1950.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Mudança na concentração. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 17 de março de 1953.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. O técnico brasileiro. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 27 de março de 1953.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Um predinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 03 de abril de 1953.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1953.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro, 15 de junho de 1956.

